

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Cress

Crônicas Lunares

ROCCO
JOVENS LEITORES

marissa meyer

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Cress

Crônicas Lúpares

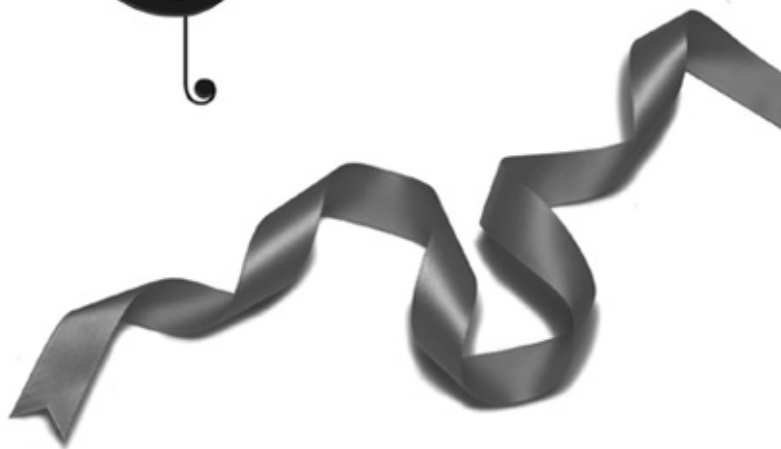
ROCCO
JOVENS LEITORES

marissa meyer

Livro Três

Cress

Crônicas Lunares



Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Jojo, Meghan e Tamara

high fives

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

LIVRO UM

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

LIVRO DOIS

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

LIVRO TRÊS

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

LIVRO QUATRO

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Capítulo Cinquenta

Capítulo Cinquenta e Um

Capítulo Cinquenta e Dois

Capítulo Cinquenta e Três

Capítulo Cinquenta e Quatro

Capítulo Cinquenta e Cinco

Capítulo Cinquenta e Seis

Capítulo Cinquenta e Sete

Capítulo Cinquenta e Oito

Capítulo Cinquenta e Nove

Capítulo Sessenta

Capítulo Sessenta e Um

Agradecimentos

Créditos

A Autora



LIVRO

Um

*Quando ela era criança, a bruxa a trancou em uma torre que não
tinha portas nem escadas.*



CAPÍTULO



O SATÉLITE FAZIA UMA ÓRBITA COMPLETA AO REDOR DO PLANETA Terra a cada dezesseis horas. Era uma prisão com uma visão eterna de tirar o fôlego: vastos oceanos azuis e nuvens em movimento e nasceres do sol que deixavam metade do mundo pegando fogo.

Quando ela foi presa, o que mais amava fazer era empilhar os travesseiros na escrivaninha embutida na parede e colocar os lençóis sobre as telas, fazendo uma pequena alcova para si mesma. Fingia que não estava em um satélite, mas em uma nave de passeio a caminho do planeta azul. Logo, ela pousaria e andaria em um chão de terra de verdade, sentiria o sol de verdade, inspiraria oxigênio de verdade.

Ela olhava para os continentes durante horas e horas, imaginando como devia ser morar lá.

Mas evitava sempre olhar para Luna. Havia dias em que o satélite passava tão perto que a lua ocupava a vista toda, e ela identificava os enormes domos cintilantes na superfície e as cidades luminosas onde viviam os lunares. Onde ela também vivera. Anos atrás. Antes de ser banida.

Quando criança, Cress se escondera da lua durante aquelas longas horas dolorosas. Às vezes, fugia para o pequeno banheiro e se distraía fazendo tranças elaboradas no cabelo. Ou se encolhia embaixo da escrivaninha e cantava cantigas de ninar até adormecer. Ou inventava uma mãe e um pai, imaginava-os brincando de faz de conta e lendo histórias de aventura e afastando com carinho o cabelo da testa dela, até que finalmente – finalmente – a lua sumiria de novo atrás da protetora Terra, e ela estaria a salvo.

Mesmo naquele momento, Cress passava horas debaixo da

cama, cochilando, lendo ou escrevendo músicas na cabeça, ou tentando decifrar códigos complicados. Ela ainda não gostava de olhar para as cidades de Luna; ainda guardava dentro de si uma paranoia secreta de que, se conseguisse ver os lunares, sem dúvida eles também poderiam olhar além de seus céus artificiais e vê-la.

Durante mais de sete anos, esse tinha sido seu pesadelo.

Mas, então, o horizonte prateado de Luna surgiu no canto da janela, e Cress não prestou atenção. Dessa vez, a parede de telas invisíveis mostrava um novo pesadelo. Palavras brutais se espalhavam pelas notícias, e fotos e vídeos embaçavam sua visão quando ela mudava de uma fonte para outra. Ela não conseguia ler rápido o suficiente.

14 CIDADES ATACADAS NO MUNDO TODO

ONDA DE ASSASSINATO DE DUAS HORAS RESULTA EM 16 MIL MORTES TERRÁQUEAS

MAIOR MASSACRE DA TERCEIRA ERA

A rede estava tomada de horrores. Vítimas mortas nas ruas, seus abdomens esstraçalhados e sangue escorrendo para os bueiros. Criaturas meio humanas, meio animais, manchadas de sangue nos queixos, embaixo das unhas e na frente das camisas. Ela via tudo com uma das mãos sobre a boca. Conforme assimilava toda aquela verdade, ficava mais e mais difícil respirar.

Era culpa dela.

Durante meses, vinha impedindo que aquelas naves lunares fossem detectadas pela Terra, fazendo sem questionar o que a mestra Sybil mandava, como a serva bem treinada que era.

Ela sabia que tipo de monstro estava a bordo daquelas naves. E finalmente entendia o que Sua Majestade estava planejando o tempo todo, mas era tarde demais.

16 MIL MORTES TERRÁQUEAS

A Terra foi pega de surpresa, e apenas porque Cress não teve

coragem suficiente de dizer não para as exigências da mestra. Tinha feito seu trabalho e fingido não perceber nada do que acontecia.

Desviando o olhar das fotos de morte e carnificina, concentrou-se em outra notícia que sugeria que mais horrores estavam por vir.

O imperador da Comunidade das Nações Orientais, Kaito, tinha posto um fim aos ataques ao concordar em se casar com Levana, a rainha lunar.

A rainha Levana se tornaria a nova imperatriz da Comunidade.

Chocados, os jornalistas da Terra estavam se esforçando para determinar uma postura frente a esse arranjo diplomático, mas controverso. Alguns se mostravam ultrajados e proclamavam que a Comunidade e o resto da União Terráquea deviam se preparar para uma guerra, não para um casamento. Outros logo tentavam justificar a aliança. Fazendo um movimento com os dedos na tela fina e transparente, Cress aumentou o áudio para ouvir um homem que discursava sobre os benefícios em potencial. Nada mais de ataques nem especulações sobre quando um ataque poderia acontecer. A Terra viria a entender a cultura lunar melhor. Eles compartilhariam seus avanços tecnológicos. Seriam aliados.

Além do mais, a rainha Levana queria apenas governar a Comunidade das Nações Orientais. Sem dúvida ela deixaria o resto da União Terráquea em paz.

Mas Cress sabia que seriam tolos se acreditassem nisso. A rainha Levana se tornaria imperatriz, depois mandaria matar o imperador Kaito, reivindicaria o país como seu e o usaria como quartel-general para montar seu exército e invadir o resto da União. Só pararia quando o planeta inteiro estivesse sob seu controle. Esse pequeno ataque, essas dezesseis mil mortes, era apenas o começo.

Tirando o som da transmissão, Cress apoiou os cotovelos na escrivaninha e enfiou as mãos no emaranhado de cabelos louros. Ficou com frio de repente, apesar da temperatura consistentemente controlada dentro do satélite. Uma voz infantil,

que levou quatro meses de um tédio quase enlouquecedor para ser programada, quando Cress tinha dez anos, lia algo em voz alta em uma das telas atrás dela. A voz era alegre demais para o tema: um blog médico da República Americana anunciando o resultado de uma autópsia feita em um dos soldados lunares.

Os ossos foram reforçados com biotecido rico em cálcio, enquanto a cartilagem nas juntas principais continha uma solução salina para aumentar a flexibilidade e a maleabilidade. Implantes ortodônticos substituíram os dentes caninos e incisivos por outros que imitam os dentes de um lobo, e vemos o mesmo reforço ósseo ao redor do maxilar, que proporciona força suficiente para esmagar materiais como osso e outros tecidos. Um remapeamento do sistema nervoso central e interferências psicológicas constantes foram responsáveis pela agressividade contínua e pelas tendências lupinas do elemento. O dr. Edelstein levantou a hipótese de que uma técnica avançada de manipulação das ondas bioelétricas do cérebro também pode ter tido um papel em...

– Mudo.

A doce voz de dez anos silenciou, dando lugar ao zumbido do satélite e a outros sons que muito tempo antes já haviam sido relegados ao fundo da consciência de Cress. O girar das hélices. O vibrar do sistema de aparelhos. O gorgolejar do tanque de reciclagem de água.

Cress pegou as mechas grossas de cabelo na base do pescoço e puxou tudo por cima do ombro, porque seu cabelo tinha a tendência de ficar preso nas rodinhas da cadeira quando ela não tomava cuidado. As telas à frente piscaram, e mais e mais informações apareceram dos noticiários da Terra. Havia notícias vindas de Luna também, sobre os “bravos soldados” e a “vitória conquistada”, baboseiras aprovadas pela coroa, naturalmente. Cress tinha parado de prestar atenção nas notícias lunares aos

doze anos.

Ela enrolou distraidamente o rabo de cavalo no braço esquerdo, as voltas indo do cotovelo até o pulso, sem perceber os nós que se amontoavam no colo.

– Ah, Cress – murmurou. – O que vamos fazer?

Seu eu de dez anos respondeu:

– Por favor, explique melhor suas instruções, Mana.

Cress fechou os olhos contra o brilho da tela.

– Entendo que o imperador Kai só queira fazer a guerra parar, mas ele deveria saber que isso não vai deter Sua Majestade. Ela vai matá-lo se ele for em frente com isso, e o que vai ser da Terra, então? – Uma dor de cabeça latejou em suas têmporas. – Eu estava certa de que Linh Cinder tinha contado para ele no baile, mas e se eu estiver errada? E se ele ainda não fizer ideia do perigo que está correndo?

Ela girou na cadeira, passou os dedos por um noticiário mudo, digitou um código e abriu a janela escondida que checava cem vezes por dia. A janela do D-COMM se abriu como um buraco negro, abandonado e silencioso, sobre a escrivaninha. Linh Cinder ainda não tinha tentado entrar em contato com ela. Talvez o chip tivesse sido confiscado ou destruído. Talvez Linh Cinder nem o possuísse mais.

Suspirando, Cress fechou o link e, clicando depressa com as pontas dos dedos, abriu uma dezena de janelas diferentes no lugar da outra. Estavam ligadas a um serviço de alerta que patrulhava a rede constantemente em busca de qualquer informação relacionada à ciborgue lunar que tinha sido presa uma semana antes. Linh Cinder. A garota que fugiu da prisão de Nova Pequim. A garota que era a única chance de Cress de contar para o imperador Kaito a verdade sobre as intenções da rainha Levana, caso ele concordasse com a aliança de casamento.

O noticiário principal não era atualizado havia onze horas. Na histeria da invasão lunar, a Terra parecia ter esquecido sua fugitiva

mais procurada.

– Mana?

Com o coração pulando, Cress agarrou os braços da cadeira.

– Sim, Pequena Cress?

– A nave da mestra foi detectada. Chegada esperada em vinte e dois segundos.

Cress pulou da cadeira ao ouvir a palavra *mestra*, falada, mesmo durante tantos anos, com uma pontada de medo.

Seus movimentos eram uma dança precisamente coreografada, que ela dominou depois de anos de prática. Na sua imaginação tornava-se uma bailarina da segunda era, deslizando em um palco escuro enquanto a Pequena Cress fazia a contagem regressiva dos segundos.

00:21. Cress apertou o botão de acionar o colchão com a palma da mão.

00:20. Ela se voltou para a tela e escondeu todas as notícias sobre Linh Cinder atrás de uma camada de propagandas da coroa lunar.

00:19. O colchão caiu com um baque no chão, os travesseiros e cobertores embolados, como ela os deixara.

00:18. 17. 16 Seus dedos dançaram pelas telas, escondendo noticiários terráqueos e grupos de rede.

00:15. Uma virada, uma busca rápida pelas duas pontas do cobertor.

00:14. Um giro de pulso, que fez o cobertor subir como uma vela soprada pelo vento.

00:13. 12. 11. Arrumando os lençóis, se arrastou até o lado oposto da cama, girando na direção das telas do outro lado de seus aposentos.

00:10. 9. Dramas terráqueos, gravações musicais, literatura da segunda era, tudo foi escondido.

00:08. Outro giro de volta para a cama. Uma dobra graciosa do cobertor.

00:07. Dois travesseiros empilhados simetricamente contra a

cabeceira. Um floreio do braço para puxar o cabelo que tinha ficado preso debaixo do cobertor.

00:06. 5. Uma deslizada pelo chão, mergulhando e girando, catando todas as meias e elásticos de cabelo largados e os colocando no túnel de renovação.

00:04. 3. Uma limpeza das escrivatinhas em que pegou sua única tigela, sua única colher, seu único copo e um punhado de canetas digitais e guardou tudo no armário.

00:02. Uma pirueta final para avaliar seu trabalho.

00:01. Um suspiro satisfeito, culminando com uma reverência graciosa.

– A mestra chegou – avisou a Pequena Cress. – Está pedindo a extensão da haste de pouso.

O palco, as sombras, a música, tudo sumiu dos pensamentos de Cress, embora um sorriso treinado tenha permanecido em seus lábios.

– É claro – disse com alegria, e saiu andando na direção da plataforma de pouso principal.

Havia duas rampas no seu satélite, mas apenas uma era usada. Ela nem sabia se a outra entrada funcionava. Cada porta larga de metal se abria para uma haste de pouso e, depois disso, para o espaço.

Exceto quando havia uma nave ancorada ali. A nave da mestra.

Cress digitou o comando. Um diagrama na tela mostrou a haste se abrindo, e ela ouviu o baque que a nave fez ao atracar. As paredes ao redor tremeram.

Ela sabia os momentos seguintes de cor, seria capaz de contar seus batimentos entre cada som familiar. O zumbido dos motores da pequena nave se desligando. O estalo da haste se prendendo ao redor da nave. O vácuo quando o oxigênio era lançado para o espaço. O bipe confirmando que a viagem entre os dois módulos era segura. A nave se abrindo. Passos ecoando no corredor. O som da entrada no satélite.

Houve uma época em que Cress esperava carinho e gentileza por parte da mestra. Que talvez Sybil olhasse para ela e dissesse: “Minha querida e doce Crescente, você ganhou a confiança e o respeito de Sua Majestade, a rainha. Pode voltar comigo para Luna e ser aceita como uma de nós.”

Essa época estava bem distante, mas o sorriso treinado de Cress se mantinha firme mesmo frente à frieza da mestra Sybil.

– Bom dia, mestra.

Sybil fungou. As mangas bordadas do casaco branco balançavam ao redor da caixa grande que carregava, cheia com os suprimentos de sempre: comida e água fresca para o confinamento de Cress e, é claro, o kit médico.

– Então você a encontrou, não foi?

O rosto de Cress ficou tenso ao redor do sorriso congelado.

– Encontrei, mestra?

– Se é um bom dia, então você deve finalmente ter concluído a tarefa simples que passei. É isso, Crescente? Você encontrou a ciborgue?

Cress baixou o olhar e afundou as unhas nas palmas das mãos.

– Não, mestra. Eu não encontrei.

– Entendo. Então não é um bom dia, é?

– Eu só quis dizer... Sua companhia é sempre... – Ela parou sem terminar a frase. Forçou-se a abrir as mãos e ousou encarar o olhar de raiva da mestra Sybil. – Eu só estava lendo no noticiário, mestra. Achei que talvez estivéssemos felizes pelo noivado de Sua Majestade.

Sybil deixou a caixa cair sobre a cama arrumada.

– Vamos ficar satisfeitas quando a Terra estiver sob controle lunar. Até lá, há trabalho a ser feito, e você não devia perder seu tempo lendo notícias e fofocas.

Sybil se aproximou do monitor onde ficava a janela secreta com a transmissão do chip D-COMM e a prova da traição à coroa lunar, e Cress ficou tensa. Mas Sybil passou direto pelo monitor e esticou

a mão para uma tela que exibia um vídeo do imperador Kaito falando em frente à bandeira da Comunidade das Nações Orientais. Com um toque, a tela se apagou, revelando a parede de metal e um emaranhado de tubos de aquecimento por trás.

Devagar, Cress voltou a respirar.

– Espero que você tenha encontrado *alguma coisa*.

Cress se empertigou.

– Linh Cinder foi vista na Federação Europeia, em uma cidadezinha no sul da França, aproximadamente às 18h no horário loc...

– Sei muito bem disso. Depois ela foi para Paris e matou um taumaturgo e alguns agentes especiais inúteis. Mais alguma coisa, Crescente?

Cress engoliu em seco e começou a enrolar o cabelo nos dois pulsos, formando um oito.

– Às 17h48 em Rieux, na França, o funcionário de uma loja de peças de naves e veículos atualizou o inventário da loja e retirou uma bateria que seria compatível com uma Rampion 214, Classe 11.3, mas sem acrescentar qualquer tipo de pagamento. Achei que talvez Linh Cinder o tivesse roubado... ou enfeitado...

Ela hesitou. Sybil gostava de fingir que a ciborgue era uma cascuda, apesar de as duas saberem que não era verdade. Diferentemente de Cress, que era cascuda de verdade, Linh Cinder tinha o dom lunar. Mesmo que estivesse enterrado ou escondido de alguma forma, havia claramente se manifestado no baile anual da Comunidade.

– Uma bateria? – perguntou Sybil, ignorando a hesitação de Cress.

– Ela converte hidrogênio comprimido em energia para propelar...

– Eu sei o que é – cortou Sybil. – Você está me dizendo que o único progresso que fez foi encontrar provas de que ela está consertando a nave? Que vai ficar ainda mais difícil rastreá-la, uma

tarefa que você nem conseguiu fazer quando eles estavam na Terra?

– Sinto muito, mestra. Estou tentando. É só que...

– Não estou interessada em suas desculpas. Todos esses anos eu convenci Sua Majestade a deixar você viver com o argumento de que você tinha uma coisa valiosa a oferecer, uma coisa ainda mais valiosa do que sangue. Será que errei ao proteger você, Crescente?

Cress mordeu o lábio e segurou um comentário sobre tudo o que fez por Sua Majestade durante seu tempo aprisionada. Elaborou incontáveis sistemas de espionagem para observar os líderes da Terra, invadiu as ligações de comunicação entre diplomatas e misturou sinais de satélite para permitir que os soldados de Luna invadissem a Terra sem serem detectados, de forma que o sangue de dezesseis mil terráqueos estava em suas mãos. Sybil só se importava com os fracassos de Cress, e não encontrar Linh Cinder era o maior deles até o momento.

– Sinto muito, mestra. Vou me esforçar mais.

Sybil apertou os olhos.

– Vou ficar muito insatisfeita se você não encontrar aquela garota, e logo.

Sob o olhar de Sybil, Cress se sentiu uma mariposa presa a uma lâmina de laboratório.

– Sim, mestra.

– Que bom. – Sybil esticou a mão e deu um tapinha na bochecha dela. A sensação foi quase de uma aprovação de mãe, mas não exatamente. Em seguida, ela se virou e soltou os mecanismos de tranca da caixa. – Agora – disse, pegando uma seringa de um kit médico. – Seu braço.

CAPÍTULO

Dois

LOBO PULOU DE CIMA DA CAIXA E CORREU NA DIREÇÃO DELA. Cinder se preparou para o pânico instintivo. A expectativa de outro golpe contraiu cada músculo, apesar de ele ainda estar pegando leve com ela.

Cinder fechou os olhos momentos antes do impacto e *se concentrou*.

A dor atingiu sua cabeça como um cinzel enfiado no cérebro. Cinder trincou os dentes e tentou se isolar das ondas de náusea que vieram em seguida.

O impacto não aconteceu.

– Pare. De. Fechar. Os. Olhos.

Com o maxilar ainda contraído, Cinder se forçou a abrir um olho e depois o outro. Lobo estava de pé na frente dela, com a mão direita a caminho de lhe dar um golpe na orelha. Seu corpo estava parado como uma pedra, porque ela o estava segurando ali. A energia dele era quente e palpável e quase a seu alcance, e a força do dom lunar o mantinha distante.

– É mais fácil ficar com eles fechados – sibilou ela em resposta.

Mesmo essas poucas palavras foram um esforço para sua mente, e os dedos de Lobo tremeram. Ele lutava contra o poder de Cinder.

Mas o olhar dele se desviou para trás dela, e um golpe entre as omoplatas a empurrou para a frente. A testa dela colidiu com o peito de Lobo. O corpo dele se soltou bem a tempo de segurá-la.

Atrás dela, Thorne riu.

– Também é mais fácil para as pessoas se aproximarem sem você perceber.

Cinder se virou e empurrou Thorne.

– Isso não é brincadeira!

– Thorne está certo – disse Lobo. Cinder ouvia a exaustão dele, embora não tivesse certeza se vinha da briga constante ou, mais provavelmente, da frustração de ter que treinar uma pessoa tão amadora. – Quando você fecha os olhos, fica vulnerável. Você precisa aprender a usar o dom e continuar ciente do que está à sua volta, enquanto continua ativa.

– Ativa?

Lobo alongou o pescoço para os dois lados, gerando alguns estalos, antes de sacudi-lo.

– Sim, ativa. Poderíamos enfrentar dezenas de soldados ao mesmo tempo. Com sorte, você vai controlar nove ou dez, embora isso seja uma estimativa otimista no momento.

Cinder franziu o nariz para ele.

– O que quer dizer que você ficaria vulnerável a muitos outros. Você deveria ser capaz de me controlar enquanto ainda está presente, de corpo e mente. – Ele deu um passo para trás e mexeu no cabelo bagunçado. – Se até Thorne consegue se aproximar sem você perceber, estamos com problemas.

Thorne dobrou as mangas da camisa.

– Nunca subestime a furtividade de um gênio do crime.

Scarlet começou a rir de onde estava, sentada de pernas cruzadas em uma caixa plástica de armazenamento, saboreando uma tigela de mingau.

– “Gênio do crime”? Estamos tentando descobrir como nos infiltrar no casamento real há uma semana, e até agora sua maior contribuição foi determinar qual dos telhados do palácio é o mais espaçoso para que sua preciosa nave não corra o risco de ganhar um arranhão ao pousar.

A luz se intensificou em alguns painéis no teto.

– Concordo com as prioridades do capitão Thorne – disse Iko, falando pelos alto-falantes embutidos da nave. – Como essa pode ser minha grande estreia na rede, quero estar com minha melhor aparência, muito obrigada.

– Isso mesmo, linda. – Thorne piscou para os alto-falantes, apesar de os sensores de Iko não serem sensíveis o bastante para captar isso. – E eu gostaria que o restante de vocês observasse o uso adequado que Iko fez da palavra *capitão* ao se dirigir a mim. Vocês todos poderiam aprender um pouco com ela.

Scarlet riu de novo, Lobo ergueu uma das sobrelanceiras, nada impressionado, e a temperatura do compartimento de carga subiu uns dois graus quando Iko corou depois de receber tal elogio.

Mas Cinder ignorou todos eles e, enquanto as repreensões de Lobo giravam em sua cabeça, tomou um copo de água. Sabia que ele estava certo. Embora controlar Lobo sobrecarregasse todas as suas habilidades, controlar terráqueos como Thorne e Scarlet costumava ser mais fácil do que substituir um sensor de androide quebrado.

A essa altura, ela já deveria ser capaz de fazer as duas coisas.

– Vamos tentar de novo – disse ela, apertando melhor o rabo de cavalo.

Lobo voltou a prestar atenção nela.

– Talvez você devesse descansar um pouco.

– Não vou ter tempo para descansar enquanto estiver sendo perseguida pelos soldados da rainha, vou?

Ela mexeu os ombros para tentar se reenergizar. A dor de cabeça tinha diminuído, mas as costas da camiseta estavam úmidas de suor, e cada músculo tremia pelo esforço de lutar com Lobo pelas duas últimas horas.

Lobo massageou as têmporas.

– Vamos torcer para você nunca ter que enfrentar os soldados verdadeiros da rainha. Acho que temos chance se encararmos os taumaturgos e os agentes especiais, mas os soldados avançados são diferentes. São mais animais do que humanos e não reagem muito bem à manipulação mental.

– Ao contrário da maioria das pessoas? – retrucou Scarlet, raspando a colher no fundo da tigela.

Lobo desviou o olhar para ela, e alguma coisa na sua expressão se suavizou. Essa era uma expressão que Cinder já tinha visto cem vezes desde que ele e Scarlet haviam se juntado à tripulação da Rampion, e, mesmo assim, vê-la fazia-a sentir como se estivesse invadindo uma coisa íntima.

– O que quero dizer é que eles são imprevisíveis, mesmo sob o controle de um taumaturgo. – Ele voltou o foco para Cinder. – Ou qualquer outro lunar. A alteração genética que sofrem para se tornarem soldados afeta seus cérebros tanto quanto seus corpos. Eles são inconstantes, selvagens... perigosos.

Thorne se apoiou na caixa de Scarlet, fingindo sussurrar para ela:

– Ele sabe que é um ex-lutador de rua que ainda é chamado de ‘Lobo’, né?

Cinder mordeu o lábio para segurar uma gargalhada.

– Mais um motivo para eu estar o mais bem preparada possível. Eu gostaria de evitar outra situação tensa como a de Paris.

– Você não é a única.

Lobo começou a se balançar nos calcanhares de novo. Antes, Cinder achava que isso indicava que ele estava pronto para outra rodada de luta, mas já estava começando a pensar que era apenas o jeito dele; vivia se movendo, sempre inquieto.

– Isso me lembra uma coisa – disse Cinder. – Eu gostaria de conseguir mais daqueles dardos tranquilizantes quando pousarmos de novo. Quanto menos soldados tivermos que enfrentar ou fazer lavagem cerebral, melhor.

– Dardos tranquilizantes, anotado – confirmou Iko. – Também tomei a liberdade de programar um relógio de contagem regressiva. Faltam quinze dias e nove horas para o casamento real.

A tela na parede ganhou vida e exibiu um enorme relógio digital fazendo contagem regressiva a cada décimo de segundo.

Três segundos olhando para o relógio e Cinder ficou zonda de ansiedade. Ela desviou o olhar, analisando o resto da tela e o plano de impedir o casamento entre Kai e a rainha Levana. Uma lista de

suprimentos necessários estava anotada no lado esquerdo: armas, ferramentas, disfarces e, por fim, dardos tranquilizantes.

No meio da tela havia a planta do palácio de Nova Pequim.

À direita, uma lista de preparativos absurdamente longa, sendo que nenhum deles tinha sido marcado como feito, embora a equipe estivesse planejando e elaborando havia dias.

O número um da lista era preparar Cinder para quando voltasse a ficar inevitavelmente cara a cara com a rainha Levana e sua corte. Embora Lobo não tivesse dito com todas as palavras, ela sabia que seu dom lunar não estava progredindo rápido o bastante. Cinder estava começando a pensar que poderia levar anos para chegar a um bom nível, e eles só tinham mais duas semanas.

A ideia do plano era provocar uma distração no dia do casamento que lhes permitisse entrar escondidos no palácio durante a cerimônia e anunciar para o mundo que Cinder era na verdade a desaparecida princesa Selene. Em seguida, com a imprensa do mundo todo assistindo, Cinder exigiria que Levana entregasse a coroa para ela, acabando ao mesmo tempo com o casamento e seu reinado em um golpe só.

Tudo o que deveria vir depois do casamento aparecia embaçado na mente de Cinder. Ficava imaginando as reações do povo lunar quando descobrisse que a princesa perdida não era apenas ciborgue, mas também ignorava o mundo deles, a cultura, as tradições e a política. A única coisa que impedia que o peito dela fosse esmagado pelo peso de tudo era saber que, apesar de tudo, ela não poderia ser pior governante do que Levana.

Torcia para que eles pensassem da mesma forma.

A água que ela bebeu fazia barulho no estômago. Pela milésima vez, surgiu em seu pensamento uma fantasia de entrar debaixo da coberta de seu beliche nos aposentos da tripulação e se esconder até todo mundo esquecer que existia uma princesa lunar.

Em vez disso, ela se virou de costas para a tela e sacudiu os músculos.

– Tudo bem, estou pronta para tentar de novo – disse, assumindo a postura de luta que Lobo ensinara.

Mas Lobo já estava sentado ao lado de Scarlet, raspando os restos do mingau. Com a boca cheia, ele olhou para o chão e engoliu.

– Flexões.

Cinder baixou os braços.

– O quê?

Ele apontou para ela com a colher.

– Lutar não é o único tipo de exercício físico. Podemos fortalecer a parte superior do seu corpo e treinar sua mente ao mesmo tempo. Apenas tente prestar atenção ao que está ao redor. Concentre-se.

Ela olhou para ele com raiva por cinco segundos inteiros antes de se abaixar.

Já tinha contado até onze quando ouviu Thorne se afastar da caixa.

– Sabe, quando eu era criança, fui levado a pensar que princesas usavam tiaras e davam festas. Agora que conheci uma princesa de verdade, devo dizer que estou meio decepcionado.

Cinder não sabia dizer se era um insulto, mas atualmente a palavra *princesa* deixava todos os seus nervos à flor da pele.

Soltando o ar com força, ela fez exatamente o que Lobo instruiu. Concentrou-se e captou a energia de Thorne com facilidade quando ele passou por ela, a caminho do cockpit.

Ela estava na décima quarta flexão quando obrigou os pés dele a parar.

– O qu...?

Cinder empurrou o corpo para cima e esticou uma perna em semicírculo. Seu tornozelo colidiu com a parte de trás da panturrilha de Thorne. Ele gritou e caiu de costas com um gemido.

Cinder abriu um largo sorriso e olhou para Lobo em busca de aprovação, mas ele e Scarlet estavam ocupados demais gargalhando. Ela conseguia até ver a ponta afiada dos caninos de

Lobo, que ele costumava tomar o cuidado de manter escondidos.

Cinder ficou de pé e ofereceu a mão a Thorne. Até ele estava sorrindo, embora ao mesmo tempo tenha feito uma cara feia ao massagear o quadril.

– Você pode me ajudar a escolher uma tiara quando acabarmos de salvar o mundo.

CAPÍTULO

Três

O SATÉLITE TREMEU QUANDO A NAVE DE SYBIL SE DESCONECTOU da haste de pouso, e Cress ficou mais uma vez sozinha na galáxia. Apesar do quanto desejava companhia, ficou mais aliviada do que de costume quando Sybil foi embora. Normalmente, a mestra só a visitava a cada três ou quatro semanas, suficiente para tirar outra amostra de sangue com segurança. Mas essa era a terceira vez que ela vinha desde o ataque dos lobos híbridos. Cress não se lembrava de já ter visto sua mestra tão ansiosa. A rainha Levana devia estar desesperada para encontrar a garota ciborgue.

– A nave da mestra se desprende – anunciou a Pequena Cress. – Vamos jogar algum jogo?

Se Cress não estivesse tão perturbada pela visita, teria sorrido, como costumava fazer quando a Pequena Cress fazia essa pergunta. Era um lembrete de que não estava tão sem companhia assim.

Cress já tinha aprendido anos antes que a palavra *satélite* vinha do latim e significava companheiro ou servo ou bajulador. Todas as três interpretações lhe pareciam irônicas, considerando sua solidão, até programar a Pequena Cress. Aí, ela entendeu.

Seu satélite lhe fazia companhia. Seu satélite fazia o que ela mandava. Seu satélite nunca a questionava nem discordava dela, nem tinha pensamentos próprios e impertinentes.

– Talvez a gente possa jogar alguma coisa mais tarde – disse. – É melhor darmos uma olhada nos arquivos primeiro.

– Claro, Mana.

Era a resposta esperada. A resposta programada.

Cress costumava se perguntar se seria assim a vida lunar, ter esse tipo de controle sobre outro ser humano. Ela fantasiava sobre programar a mestra Sybil com a mesma facilidade com que havia

programado a voz do satélite. Como o jogo mudaria, se a mestra seguisse *suas* ordens em vez do contrário.

– Todas as telas ligadas.

Cress ficou de pé em frente ao panorama de telas invisíveis, algumas grandes, outras pequenas, algumas posicionadas sobre a escrivaninha embutida, outras presas nas paredes do satélite em ângulos para otimizar a visão, independentemente de onde ela estivesse na sala circular.

– Limpar todas as fontes.

As telas ficaram vazias, permitindo que visse através delas, para as paredes vazias do satélite.

– Exibir pastas compiladas: Linh Cinder, Rampion 214, Classe 11.3; imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais. E... – Ela fez uma pausa, apreciando a onda de expectativa que percorreu seu corpo. – Carswell Thorne.

Quatro telas se encheram com as informações que Cress vinha reunindo. Ela se sentou para revisar os documentos que já tinha praticamente decorado.

Na manhã de 29 de agosto, Linh Cinder e Carswell Thorne fugiram da prisão de Nova Pequim. Quatro horas depois, Sybil deu ordens a Cress: *encontre-os*. Cress descobriu depois que a ordem vinha da própria rainha Levana.

Coletar informações sobre Linh Cinder só tinha levado três minutos; mas, por outro lado, quase todas as informações que encontrou eram falsas. Uma identidade terráquea falsa feita para uma garota lunar. Cress nem sabia quanto tempo fazia que Linh Cinder estava na Terra. Ela simplesmente passou a existir cinco anos antes, quando (supostamente) tinha onze anos. Sua biografia continha registros familiares e escolares anteriores ao “acidente de aerodeslizador” que matou seus “pais” e resultou na operação ciborgue, mas tudo isso era falso. Era só voltar duas gerações de ancestrais para dar em um beco sem saída. Os registros eram fraudulentos.

Cress olhou para a pasta que ainda baixava informações sobre o imperador Kaito. Seu arquivo era incomensuravelmente maior do que os outros, pois cada momento da sua vida tinha sido registrado e gravado por grupos de fãs na rede ou documentação oficial do governo. Informações eram acrescentadas o tempo todo, e tudo explodiu desde o anúncio do noivado com a rainha lunar. Nada era útil. Cress fechou os arquivos.

A pasta de Carswell Thorne exigiu um pouco de trabalho. Cress demorou quarenta e quatro minutos para invadir os registros do governo da rede de dados militar da República Americana e cinco outras agências que tinham histórico dele, compilando transcrições de julgamentos e artigos, registros militares e relatórios escolares, licenças e declarações de renda e uma linha do tempo que começava com sua certidão de nascimento e continuava por diversas honras e prêmios conquistados na infância e adolescência, até a aceitação na força militar da República Americana quando tinha dezessete anos. A linha do tempo sumia depois do décimo nono aniversário, quando ele retirou seu chip de identificação, roubou uma espaçonave e abandonou o serviço militar. O dia em que desertou.

A linha recomeçava dezoito meses depois, quando o encontraram e o prenderam na Comunidade das Nações Orientais.

Além de todos os relatórios oficiais, havia uma boa quantidade de delírio e fofoca dos muitos grupos de fãs que surgiram após o recente status de celebridade de Carswell Thorne. Não tantos quanto tinha o imperador Kai, claro, mas parecia que muitas garotas terráqueas se animavam com a ideia desse belo desertor fugitivo da lei. Cress não se incomodou com isso. Ela sabia que todos estavam errados com relação a ele.

Em cima do arquivo havia uma holografia tridimensional digitalizada do Thorne na formatura militar. Cress preferia isso à famosa foto de prisão que ficara tão popular, na qual ele piscava para a câmera, porque na holografia estava usando um uniforme

recém-passado com botões prateados brilhantes e um sorriso confiante e meio torto.

Ao ver aquele sorriso, Cress derretia.

Todas. As. Vezes.

– Oi de novo, sr. Thorne – sussurrou para a holografia. E então, com um suspiro tonto, se virou para a única pasta que faltava.

A Rampion 214, Classe 11.3. A nave de carga militar que Thorne havia roubado. Cress sabia tudo sobre a nave, desde sua planta até o planejamento de manutenção (tanto o ideal quanto o verdadeiro).

Tudo.

Incluindo a localização.

Ela clicou em um ícone na barra superior da pasta e substituiu a holografia de Carswell Thorne por uma da grade de posicionamento galáctico. A Terra surgiu cintilante, as beiradas irregulares dos continentes tão familiares quanto a programação da Pequena Cress. Afinal, ela tinha passado metade da vida observando o planeta a 26.071 quilômetros de distância.

Girando ao redor do planeta, milhares de pontinhos brilhantes indicavam todas as naves e satélites dali até Marte. Uma olhada indicou a Cress que ela podia espiar pela janela do lado da Terra naquele exato momento e ver uma nave patrulha inocente da Comunidade das Nações Orientais passando pelo satélite. Houve uma época em que ficaria tentada a chamá-los, mas com que objetivo?

Nenhum terráqueo confiaria em uma lunar, muito menos salvaria uma.

Assim, Cress ignorou a nave e cantarolou baixinho enquanto limpava todas as marquinhos na holografia, até só restar a identificação da Rampion: um único ponto amarelo, desproporcional na holografia para que Cress pudesse analisá-la no contexto do planeta abaixo.

Pairava a 12.414 quilômetros do Oceano Atlântico.

Ela inseriu a identificação de seu satélite em órbita. Se alguém

prendesse um fio do satélite dela até o centro da Terra, ele entraria bem pela costa da Província do Japão.

Não estavam nem um pouco perto um do outro. Nunca estavam. Era um enorme campo orbital, afinal.

Encontrar as coordenadas da Rampion foi um dos maiores desafios da carreira de hacker de Cress. Mesmo assim, ela só demorou três horas e cinquenta e um minutos para conseguir, e o tempo todo sua pulsação e sua adrenalina cantavam.

Ela precisava encontrá-los primeiro.

Ela precisava encontrá-los primeiro.

Porque tinha que protegê-los.

No final, tinha sido uma questão de matemática e dedução. Usando a rede do satélite para localizar sinais de todas as naves que orbitavam a Terra, descartou aquelas que tinham rastreadores, pois sabia que o da Rampion havia sido removido, e também todas que eram grandes demais ou pequenas demais.

Isso colocava basicamente as naves lunares e todas as que já estavam, claro, sob seu domínio. Ela vinha desregulando os sinais delas e confundindo ondas de radares havia anos. Muitos terráqueos acreditavam que as naves lunares eram invisíveis por causa de um truque mental lunar. Eles nem faziam ideia de que era na verdade uma cascuda qualquer que causava tanta confusão.

Só havia três naves orbitando a Terra e que se encaixavam no critério, e duas delas (sem dúvida naves piratas ilegais) não perderam tempo para pousar na Terra quando souberam que estava havendo uma enorme busca espacial no meio da qual eles seriam presos. Cress, por pura curiosidade, pesquisou depois registros policiais terráqueos nas proximidades e descobriu que as duas naves foram descobertas ao entrarem na atmosfera da Terra. Criminosos tolos.

Isso só deixava uma. A Rampion. E, a bordo dela, Linh Cinder e Carswell Thorne.

Doze minutos depois de descobrir a localização deles, Cress

embaralhou todos os sinais que ofereciam qualquer risco de encontrá-los usando o mesmo método. Como magia, a Rampion 214, Classe 11.3 desapareceu no espaço.

E então, com os nervos esgotados pelo cansaço mental, ela desabou na cama desarrumada e deu um sorriso delirante para o teto. Ela conseguiu. Deixou-os invisíveis.

Um apito soou em uma das telas, atraindo a atenção de Cress para longe do ponto flutuante que representava a Rampion. Cress foi na direção dele, se contorcendo quando uma mecha de cabelo se prendeu nas rodas da cadeira. Ela puxou o cabelo com uma das mãos e tirou a tela da hibernação com a outra. Com um movimento dos dedos, a tela foi ampliada.

TEORIAS CONSPIRATÓRIAS DA TERCEIRA ERA

– Outra não – murmurou.

Os teóricos de conspiração vinham babando de empolgação desde que a garota ciborgue desaparecera. Alguns diziam que Linh Cinder estava trabalhando para o governo da Comunidade, ou para a rainha Levana, ou que estava em conluio com uma sociedade secreta determinada a derrubar um governo ou outro, ou que era a princesa lunar desaparecida, ou que sabia onde a princesa lunar estava, ou que tinha alguma ligação com a epidemia de letumose, ou que tinha seduzido o imperador Kaito e estava grávida de uma coisa lunar-terráquea-ciborgue.

Havia quase a mesma quantidade de boatos sobre Carswell Thorne. Entre eles, teorias sobre o *verdadeiro* motivo pelo qual tinha sido preso, como ter planejado matar o último imperador, ou que estava trabalhando com Linh Cinder durante anos antes da prisão dela, ou que estava ligado a uma rede subterrânea que infiltrara o sistema penitenciário anos antes, em preparação para o dia em que ele precisasse de assistência. A teoria mais recente sugeria que Carswell Thorne era na verdade um taumaturgo lunar disfarçado,

enviado para ajudar Linh Cinder na fuga a fim de que Luna tivesse uma desculpa para iniciar a guerra.

Ou seja, ninguém sabia de nada.

Exceto Cress, que sabia toda a verdade sobre os crimes de Carswell Thorne, seu julgamento e sua fuga, ou, pelo menos, os elementos da fuga que tinha descoberto usando as imagens das câmeras de segurança da prisão e as declarações dos guardas que estavam em serviço no dia.

Na verdade, Cress tinha certeza de que sabia mais sobre Carswell Thorne do que qualquer pessoa viva. Em uma vida na qual a novidade era tão rara, ele tinha se tornado uma fascinação constante para ela. No começo, sentia repulsa dele e de sua cobiça e imprudência aparentes. Quando desertou do serviço militar, deixou seis cadetes e dois comandantes presos em uma ilha do Caribe. Roubou de um colecionador particular na Comunidade das Nações Orientais uma coleção de esculturas de uma deusa da segunda era e um grupo de bonecas venezuelanas de sonho emprestadas a um museu na Austrália, que potencialmente nunca mais seriam vistas em público. Havia alegações adicionais de uma tentativa de roubo malsucedida a uma jovem viúva da Comunidade que era dona de uma coleção extensa de joias antigas.

Cress continuou a procurar, hipnotizada por esse caminho de autodestruição. Como diante de uma colisão de asteroides, ela não conseguia afastar o olhar.

Mas então anomalias estranhas começaram a surgir em sua pesquisa.

Oito anos. A cidade de Los Angeles passou quatro dias em pânico depois que um raro tigre de Sumatra fugiu do zoológico. As câmeras de segurança da jaula mostravam o jovem Carswell Thorne, que estava lá em um passeio de escola, abrindo a jaula. Mais tarde, ele contou às autoridades que o tigre parecia triste trancado daquele jeito e que não se arrependia do que fez. Por sorte, ninguém, inclusive o tigre, se feriu.

Onze anos. Um boletim de ocorrência foi registrado pelos pais alegando terem sido roubados; no meio da noite, um colar de diamantes da segunda era tinha sumido do baú de joias da mãe dele. O colar foi rastreado até uma lista de comércio pela rede, onde tinha sido vendido recentemente por quarenta mil univs para um comprador no Brasil. O vendedor era, obviamente, o próprio Carswell, que ainda não havia tido a chance de enviar o colar e foi obrigado a devolver o pagamento, junto com um pedido de desculpas oficial. Esse pedido de desculpas, que foi registrado publicamente para impedir outros adolescentes de terem a mesma ideia, alegava que ele só estava tentando levantar dinheiro para um serviço de caridade local que oferecia assistência de andróides para idosos.

Treze anos. Carswell Thorne recebeu suspensão de uma semana depois de brigar com três garotos do mesmo ano, uma luta que perdeu de acordo com o relatório do medidróide da escola. A declaração dele dizia que um dos garotos roubou o tablet de uma garota chamada Kate Fallow. Carswell estava tentando recuperá-lo.

Uma situação depois da outra chamou a atenção de Cress. Roubo, violência, invasão de propriedade, suspensões escolares, reprimendas policiais. Ainda assim, Carswell Thorne, quando podia se explicar, sempre tinha um motivo. Um *bom* motivo. Um motivo impressionante de parar o coração e fazer o pulso acelerar.

Como o sol nascendo no horizonte da Terra, a percepção dela começou a mudar. Carswell Thorne não era um patife sem coração. Se alguém se desse ao trabalho de conhecê-lo, veria que tinha compaixão e era um cavalheiro.

Ele era exatamente o tipo de herói com que Cress sonhava a vida toda.

Com essa descoberta, os pensamentos em Carswell Thorne começaram a infiltrar todos os momentos que passava acordada. Ela sonhava com ligações profundas de almas e beijos apaixonados e fugas ousadas. Tinha certeza de que ele só precisava conhecê-la,

vê-la uma vez, para sentir as mesmas coisas. Seria como um daqueles casos de amor épicos que nasciam em uma explosão e ardiam calorosamente por toda a eternidade. O tipo de amor que o tempo e a distância e até mesmo a morte não podiam separar.

Porque, se havia uma coisa que Cress sabia sobre heróis, era que eles não resistiam a uma donzela em perigo.

E ela era a própria definição de donzela em perigo.

CAPÍTULO

Quatro

SCARLET PRESSIONOU UM PEDAÇO DE ALGODÃO NO CANTO DA boca de Lobo enquanto balançava a cabeça.

– Ela pode não acertar muitos golpes, mas, quando acerta, arrasa.

Apesar do hematoma surgindo no maxilar, Lobo estava sorrindo, os olhos radiantes sob as luzes da enfermaria.

– Você viu como ela me fez tropeçar antes de atacar? Ela me pegou de surpresa. – Ele esfregou as mãos nas coxas com empolgação, chutando a lateral da mesa de exames. – Acho que estamos finalmente progredindo.

– Bem, fico feliz de você sentir orgulho dela, mas acho que seria bom se na próxima vez ela batesse em você com a mão que não é de metal. – Scarlet afastou o algodão. O ferimento ainda estava sangrando no local em que o canino superior cortou o lábio, mas não tanto quanto antes. Ela pegou um tubo de pomada cicatrizante. – Talvez você acrescente uma cicatriz nova à sua coleção, mas ela combina com a que tem deste lado da boca, então pelo menos elas vão ficar simétricas.

– Não ligo para as cicatrizes. – Ele deu de ombros, e seus olhos assumiram um brilho malicioso. – Elas trazem lembranças melhores do que traziam antigamente.

Scarlet parou com um pouco de pomada na ponta do dedo. A atenção de Lobo estava voltada para suas mãos unidas, e havia uma leve cor nas bochechas dele. Em segundos, ela estava se sentindo mais quente do que antes, lembrando-se da noite que eles passaram clandestinos a bordo de um trem de levitação magnética. Da forma como ela passara os dedos pela cicatriz pálida do braço dele, roçara os lábios pelas marcas leves no rosto, fora tomada em

seus braços...

Ela o empurrou no ombro.

– Pare de sorrir tanto – disse, passando mais pomada no ferimento. – Está piorando o machucado.

Ele logo recompôs o rosto, mas o brilho permanecia nos olhos sempre que ousava olhar para ela.

Aquela noite no trem continuava sendo a única vez que tinham se beijado. Scarlet não podia contar a vez que ele a beijou enquanto ela estava como sua prisioneira e do resto da “matilha” de agentes especiais. Ele usou aquela oportunidade para dar-lhe um chip de identificação que a ajudou a fugir, mas não houve sentimento naquele beijo, e, na época, ela o desprezava.

Mas aqueles momentos a bordo do trem de levitação magnética provocaram mais do que uma noite insone desde que foram para a Rampion. Quando ela ficava deitada, acordada, imaginava sair da cama. Seguir pelo corredor até o quarto de Lobo. Sem dizer nada, agarrá-lo quando ele abrisse a porta. Passar as mãos no cabelo dele. Envolver-se no tipo de segurança que só havia encontrado nos braços dele.

Mas ela nunca o fizera. Não por medo de rejeição; Lobo não tentava esconder os olhares demorados nem o quanto apreciava cada toque dela, por mais trivial que fosse. E nunca retirou o que dissera depois do ataque. *Você é a única, Scarlet. Sempre será.*

Scarlet sabia que ele estava esperando que ela desse o primeiro passo.

Mas, toda vez que se sentia tentada, via a tatuagem no braço dele, a que o marcava para sempre como agente especial lunar. O coração dela ainda estava partido pela perda da avó e por saber que Lobo poderia tê-la salvo. Tê-la protegido. Ter impedido que tudo acontecesse.

E não era justo com ele. Isso foi antes de conhecer Scarlet, antes de se importar. E se ele tivesse tentado salvar a avó dela, os outros agentes especiais o teriam matado também. E então Scarlet ficaria

verdadeiramente sozinha.

Talvez ela estivesse hesitante porque, para ser honesta consigo mesma, ainda sentia um pouco de medo de Lobo. Quando ele estava feliz e paquerador e, às vezes, adoravelmente constrangido, era fácil esquecer que havia outro lado nele. Mas Scarlet viu-o lutar vezes demais para esquecer. Não como as brigas controladas que ele tinha com Cinder, mas lutas em que quebrava o pescoço de um homem com crueldade ou arrancava a carne de um oponente usando apenas os dentes afiados.

As lembranças ainda a deixavam trêmula.

– Scarlet?

Ela deu um pulo. Lobo a estava observando com a testa franzida.

– O que foi?

– Nada.

Ela conseguiu dar um sorriso, aliviada por não parecer tensa.

Sim, havia alguma coisa sombria dentro dele, mas o monstro que ela vira antes não era o mesmo que o homem sentado à sua frente . Fosse lá o que aqueles cientistas lunares tivessem feito com ele, Lobo tinha demonstrado repetidas vezes que era capaz de fazer as próprias escolhas. Que podia ser diferente.

– Eu só estava pensando em cicatrizes – respondeu ela, enquanto fechava a tampa do tubo de pomada.

O lábio de Lobo tinha parado de sangrar, mas o hematoma permaneceria por alguns dias.

Scarlet colocou a mão no queixo dele, virou o rosto de Lobo para o lado e deu um beijo no ferimento. Ele inspirou fundo, mas, fora isso, permaneceu imóvel como uma pedra, um feito incomum para ele.

– Acho que você vai sobreviver – disse ela, afastando-se e jogando o curativo na canaleta de lixo.

– Scarlet? Lobo? – A voz de Iko estalou pelos alto-falantes na parede. – Vocês podem ir até o compartimento de carga? Tem uma coisa no noticiário que vocês talvez queiram ver.

– Estamos indo – prontificou-se Scarlet, guardando o resto dos medicamentos enquanto Lobo pulava da mesa de exames.

Quando ela olhou-o, ele estava sorrindo, passando o dedo no corte.

No compartimento de carga, Thorne e Cinder estavam sentados em uma das caixas, inclinados sobre um baralho de papel. O cabelo de Cinder ainda estava desgrenhado devido à recente semivitória contra Lobo.

– Ah, que bom – disse Thorne ao olhar para cima. – Scarlet, diga para Cinder que ela está roubando.

– Eu não estou roubando.

– Você acabou de jogar cartas idênticas, uma atrás da outra.

Você não pode fazer isso.

Cinder cruzou os braços.

– Thorne, eu acabei de fazer o download do livro oficial de regras na minha cabeça. Sei o que posso e o que não posso fazer.

– Ahá! – Ele estalou os dedos. – Está vendo, você não pode fazer downloads no meio de um jogo de *Royals*. É regra da casa. Você está roubando.

Cinder lançou as mãos para o alto, espalhando as cartas pelo compartimento de carga. Scarlet pegou um três ainda no ar.

– Eu também aprendi que não é permitido jogar cartas repetidas seguidamente. Mas talvez fosse assim que minha avó jogasse.

– Ou talvez Cinder esteja roubando.

– Eu não estou... – Cinder trincou os dentes e grunhiu.

– Iko nos chamou aqui para alguma coisa? – perguntou Scarlet, devolvendo a carta à pilha na mesa.

– *Oui, mademoiselle* – disse Iko, fazendo o sotaque que Thorne imitava com frequência quando falava com Scarlet, embora o de Iko parecesse bem mais autêntico. – Há notícias recentes sobre os agentes especiais lunares. – O monitor na parede piscou quando Iko escondeu o relógio e a planta do palácio, substituindo-os por uma série de vídeos: repórteres e filmagens de baixa qualidade de

militares armados levando seis homens musculosos para um aerodeslizador protegido. – Parece que, desde o ataque, a República Americana vem conduzindo investigações sobre os agentes, e uma operação de flagrante está acontecendo nas três cidades da República que foram atacadas: Nova York, Cidade do México e São Paulo. Já capturaram cinquenta e nove agentes e quatro taumaturgos, que serão mantidos como prisioneiros de guerra.

Scarlet chegou mais perto da tela, que mostrava cenas da ilha de Manhattan. Parecia que aquela matilha estava escondida em uma linha de metrô abandonada. Os agentes estavam com as mãos e tornozelos presos, e cada um era alvo de pelo menos duas armas das tropas que os cercavam, mas todos pareciam tão tranquilos quanto se estivessem colhendo flores no campo. Um até deu um sorriso divertido para a câmera quando passou.

– Você conhece algum deles?

Lobo grunhiu.

– Não muito bem. As diferentes matilhas não costumavam se socializar, mas eu os via no refeitório e às vezes no treinamento.

– Eles não parecem incomodados – disse Thorne. – Está claro que nunca experimentaram comida de prisão.

Cinder se aproximou de Scarlet.

– Não vão ficar lá muito tempo. O casamento é em duas semanas, e eles serão soltos e enviados de volta a Luna.

Thorne passou os dedos pelos passadores de cinto da calça.

– Nesse caso, parece um grande desperdício de tempo e recursos.

– Eu discordo – retrucou Scarlet. – As pessoas não podem ficar vivendo com medo. O governo está tentando mostrar que está fazendo alguma coisa para impedir que os massacres aconteçam de novo. Dessa forma, eles podem sentir que têm algum tipo de controle sobre a situação.

Cinder balançou a cabeça.

– Mas o que vai acontecer quando Levana retaliar? A questão

toda da aliança de casamento era para controlar o temperamento dela.

– Ela não vai retaliar – falou Lobo. – Duvido que se importe.

Scarlet olhou para a tatuagem no antebraço dele.

– Depois de todo o trabalho que ela teve para criar vocês... eles?

– Ela não colocaria a aliança em risco. Não pelos agentes, que só tinham um propósito desde o começo: executar o primeiro ataque e lembrar a Terra de que os lunares podem ser qualquer um, em qualquer lugar. Para fazer com que fiquem com medo de nós. – Ele começou a se mexer, inquieto. – Ela não precisa mais de nós agora.

– Espero que você esteja certo – disse Iko –, porque, agora que descobriram como encontrar os agentes, espera-se que o resto da União faça o mesmo.

– Como *foi* que os encontraram? – perguntou Cinder, ajeitando o rabo de cavalo.

Um suspiro saiu pelo sistema de ventilação.

– Parece que os lunares reprogramaram alguns medidroides localizados em quarentenas da peste em todo o mundo. Eles estavam coletando chips de identificação dos mortos e mandando para esses agentes, para serem reprogramados e inseridos nos corpos deles, a fim de que pudessem se misturar na sociedade. Quando o governo descobriu a ligação, só precisou procurar os chips de identificação, e logo foram levados direto para as bases de operação dos agentes.

– Peony... – Cinder se aproximou da tela. – Era por isso que o androide queria o chip dela. Você está me dizendo que ele teria ido parar dentro de um *deles*?

– Dito com verdadeiro desprezo por nossos amigos caninos – disse Thorne.

Cinder massageou a testa.

– Me desculpe, Lobo. Eu não estava falando de você. – Ela hesitou. – Só que... estou, sim. Qualquer pessoa. Ela era minha *irmãzinha*. Quantas pessoas morreram dessa doença e tiveram suas

identidades violadas assim? Mais uma vez, sem querer ofender.

– Tudo bem – disse Lobo. – Você a amava. Eu sentiria a mesma coisa se alguém quisesse apagar a identidade de Scarlet e dar para o exército de Levana.

Scarlet enrijeceu e suas bochechas ficaram quentes. Ele não estava insinuando...

– *Aaaaaw!* – gritou Iko. – Lobo acabou de dizer que *ama* Scarlet? Que fofa!

Scarlet se encolheu.

– Ele não... não foi isso... – Ela apertou as mãos contra os lados do corpo. – Podemos voltar para os soldados que estão sendo capturados, por favor?

– Ela está ficando vermelha? Pela voz, parece que está ficando mesmo.

– Ela está vermelha – confirmou Thorne, embaralhando as cartas. – Na verdade, Lobo também está meio coradinho...

– *Foco*, por favor – pediu Cinder, e Scarlet teve vontade de dar um beijo nela. – Então eles estavam pegando chips de identificação das vítimas da peste. E agora?

As luzes diminuíram, assim como a empolgação de Iko.

– Bem, não vai acontecer mais. Todos os androides americanos que trabalham nas quarentenas estão sendo avaliados e reprogramados agora mesmo, o que sem dúvida vai se repetir por toda a União.

Na tela, o último agente encontrado em Manhattan estava sendo colocado no aerodeslizador militar. A porta estalou e se fechou depois que ele entrou.

– Isso resolve uma ameaça, ao menos – disse Scarlet, pensando na matilha que a manteve prisioneira. Que matara sua avó. – Espero que a Europa os cace também. Espero que os mate.

– Espero que não pensem que o trabalho acabou depois disso – falou Cinder. – Como Lobo mencionou, a verdadeira guerra nem começou ainda. A Terra deveria estar em alerta total agora, se

preparando para qualquer coisa.

– E nós deveríamos estar nos preparando para impedir esse casamento e colocar você no trono – acrescentou Scarlet, reparando como Cinder fazia cara de desgosto à menção de se tornar rainha. – Se fizer isso, a guerra pode não ir além do que já foi.

– Tenho uma sugestão – contrapôs Iko, substituindo o noticiário dos agentes lunares por um relatório em tempo real do casamento. – Se vamos entrar escondidos no palácio de Nova Pequim com Levana lá dentro, por que não a assassinamos? Sem querer parecer assassina a sangue-frio demais, mas isso não resolveria muitos dos nossos problemas?

– Não é tão fácil – retrucou Cinder. – Lembre-se de quem estamos falando aqui. Ela é capaz de fazer lavagem cerebral em centenas de pessoas ao mesmo tempo.

– Ela não é capaz de fazer lavagem cerebral em mim – disse Iko. – Nem em você.

Lobo balançou a cabeça.

– Seria preciso ter um exército para chegar perto o bastante. Ela vai ter incontáveis guardas e taumaturgos por perto. Sem mencionar todos os terráqueos que poderia usar como escudo, ou mesmo transformar em armas.

– Inclusive Kai – disse Cinder.

O motor da nave engasgou, fazendo as paredes tremerem.

– Vocês têm razão. Não podemos correr esse risco.

– Não, mas podemos contar para o mundo que ela é uma fraude e uma assassina. – Cinder colocou as mãos na cintura. – Todos já sabem que ela é um monstro. Só precisamos mostrar que ninguém estará seguro se ela se tornar imperatriz.

CAPÍTULO

Cinco

– TELA QUATRO – DISSE CRESS, APERTANDO OS OLHOS PARA VER melhor a grade de ícones. – Coringa para... D5.

Sem esperar que o bobo da corte animado fosse dando estrelas até o novo espaço, ela desviou a atenção para o outro jogo.

– Tela cinco. Coletar rubis e espadas. Descartar as coroas.

A tela piscou, mas ela já tinha se voltado para outra.

– Tela seis. – Ela fez uma pausa e mordeu as pontas do cabelo.

Doze filas de números preenchiavam a tela, com alguns espaços vazios, alguns pintados com cores e desenhos. Depois de seu cérebro se contorcer com uma equação que ela não sabia se seria capaz de resolver outra vez, o enigma pareceu se iluminar, com a solução tão clara quanto o luar sobre a Terra. – No 3A, inserir um 4 amarelo. No 7B, um 16 preto. No 9G, um 20 preto.

A tabela desapareceu, dando lugar a um cantor da segunda era cantando em um microfone, e a plateia aplaudindo.

– Parabéns, Mana – disse a Pequena Cress. – Você ganhou!

A sensação de vitória de Cress durou pouco. Ela se virou de lado e reavaliou o primeiro jogo. Ao ver a jogada da Pequena Cress desde a última dela, seu orgulho murchou. Tinha sido encurralada.

– Tela um – murmurou, jogando o cabelo por cima do ombro e prendendo as pontas úmidas em nós ao redor do dedo. Cinco nós depois, sua vitória na tela seis já tinha sido esquecida. A Pequena Cress venceria essa.

Ela suspirou e fez a melhor jogada que conseguiu, que foi imediatamente seguida por um deslocamento do rei da Pequena Cress até o centro do labirinto holográfico para tomar o cálice dourado. Um bobo gargalhou e engoliu o resto do tabuleiro do jogo.

Cress gemeu e tirou o cabelo do pescoço, esperando a próxima

tarefa que seu eu mais novo selecionaria aleatoriamente para ela.

– Eu ganhei! – disse a Pequena Cress depois que a holografia desapareceu na tela. Os outros jogos pararam automaticamente. – Você me deve dez minutos de dança country, usando o vídeo como guia, seguidos de trinta pulos com agachamento. Vamos começar!

Cress revirou os olhos e desejou não ter estado tão alegre quando gravara a voz. Mas fez o que foi pedido e saiu da cama quando o homem de bigode com o chapéu grande apareceu na tela, os polegares presos nos passadores do cinto.

Dois anos antes, ao perceber que sua moradia não oferecia muitas oportunidades para se exercitar, Cress entrou em um surto de boa forma. Instalou todos os jogos com um programa que cobria uma variedade de atividades físicas, que ela teria que executar todas as vezes que perdesse. Embora lamentasse a instalação do programa com frequência, ele a ajudava a não ficar grudada na cadeira, e ela gostava de dançar e das sequências de ioga. Só não estava ansiosa para os pulos com agachamento.

Quando a melodia da guitarra anunciou o começo da dança, um apito alto atrasou o inevitável. Com os polegares enfiados nos passadores de cinto imaginários, Cress olhou para as telas.

– Pequena Cress, o que...

– Recebemos um pedido de comunicação direta de um usuário desconhecido. Usuário: Mecânica.

Suas entranhas se contorceram, como se ela tivesse dado um mortal.

Mecânica.

Com um grito, Cress meio que cambaleou e meio que caiu na direção da tela menor, digitou rapidamente o código para cancelar a sequência de exercícios, verificou as configurações de *firewall* e privacidade e viu. Um pedido D-COMM e a mais inocente das perguntas.

ACEITAR?

Com a boca seca, Cress passou as mãos sobre o cabelo.

– Sim! Aceitar!

A janela desapareceu, foi substituída por escuridão, e então...

E então...

Ali estava ele.

Carswell Thorne.

Estava reclinado em uma cadeira, os calcanhares das botas apoiados na frente da tela. Havia três pessoas atrás dele, mas Cress só via os olhos azuis olhando para ela, *diretamente* para ela, começando a se encher com o mesmo assombro sem fôlego que sentia.

A mesma admiração.

O mesmo encantamento.

Apesar de estarem separados por duas telas e uma quantidade enorme de espaço vazio, ela podia sentir a ligação nascendo entre eles naquele olhar. Uma ligação que não poderia ser rompida. Seus olhos se encontraram pela primeira vez, e, pela expressão de puro espanto no rosto dele, ela soube que ele também sentia.

Um calor subiu pelas bochechas dela. Suas mãos começaram a tremer.

– Caramba – murmurou Carswell Thorne. Colocou os pés no chão e se inclinou para a frente a fim de observá-la melhor. – Isso tudo é *cabelo*?

A ligação desapareceu e a fantasia de um momento perfeito de amor verdadeiro se desintegrou ao redor dela.

Um pânico repentino e absurdo subiu pela garganta de Cress. Com um grito, ela se escondeu da câmera e foi para baixo da escrivaninha. Suas costas bateram na parede com um baque que fez seus dentes tremerem. Ela ficou ali agachada, com a pele queimando e a pulsação trovejando enquanto observava a sala à sua frente, a sala que ele também estava vendo, a cama desfeita e o homem de bigode mandando-a abraçar o parceiro imaginário e girá-lo.

– O qu... para onde ela foi?

A voz de Thorne chegou a ela pela tela.

– Sinceramente, Thorne. – A voz de uma garota. Linh Cinder? –

Você alguma vez pensa antes de falar?

– O quê? O que eu disse?

– *‘Isso tudo é cabelo?’*

– Você viu? Parecia um cruzamento de ninho de passarinho e novelo de lã depois de ser atacado por um guepardo.

Um momento. Em seguida:

– Guepardo?

– Foi o primeiro felino grande que me veio à mente.

Cress tentou depressa pentear com os dedos os nós ao redor das orelhas. Não cortava o cabelo desde que tinha sido colocada no satélite e naquele momento chegava até abaixo dos joelhos. Mas Sybil não levava objetos afiados para o satélite, e Cress tinha parado de se preocupar havia tempos em mantê-lo cuidadosamente trançado. Afinal, quem a veria?

Ah, se ela tivesse arrumado o cabelo de manhã. Se tivesse colocado o vestido que não tinha um buraco na gola. Será que havia escovado os dentes depois do café da manhã? Não lembrava, e tinha certeza de que estava com pedaços de espinafre dos ovos à florentina congelados presos nos dentes.

– Deixe que eu falo com ela.

Barulho de movimento vindo da tela.

– Olá? – A voz de uma garota de novo. – Sei que você consegue me ouvir. Peço desculpas por meu amigo ser tão idiota. Você pode ignorá-lo.

– É o que costumamos fazer – disse a outra voz feminina.

Depressa, Cress procurou um espelho ou qualquer coisa parecida.

– Precisamos falar com você. Eu sou... Aqui é Cinder. A mecânica que consertou o androide.

A parte de trás da mão de Cress bateu no cesto de roupas sujas. O

cesto colidiu com a cadeira de rodinhas, que foi lançada pela sala e bateu na escrivaninha do outro lado e fez um copo de água cheio até a metade se balançar e inclinar. Cress ficou paralisada, com os olhos se arregalando quando o vidro chegou perto do drive de memória que abrigava a Pequena Cress.

– Hã, olá? Você pode falar agora?

O copo parou sem cair e ficou imóvel mais uma vez, sem derramar uma gota.

Cress expirou lentamente.

Não era assim que esse encontro deveria acontecer. Essa não era a fantasia com a qual sonhara umas cem vezes. O que ela disse em todos aqueles sonhos? Como agiu? Quem era aquela pessoa?

Ela só conseguia pensar na humilhação horrível do dançarino country (*fique de frente pro parceiro e dois pra lá, dois pra cá*) e do cabelo que parecia um ninho, nas mãos suando e na pulsação disparada.

Apertou bem os olhos e se obrigou a se concentrar, a *pensar*.

Ela não era a garotinha boba escondida debaixo da escrivaninha. Ela era... ela era...

Uma atriz.

Uma atriz linda, cheia de pose e talentosa. E estava usando um vestido de lantejoulas que brilhava como as estrelas, um vestido que deixaria qualquer um hipnotizado. Não podia questionar seu próprio poder de encantar os que estavam ao redor, tanto quanto um taumaturgo não questionaria sua capacidade de manipular uma multidão. Ela era de tirar o fôlego. Estava...

Ainda escondida debaixo da escrivaninha.

– Você está aí?

Uma risada debochada.

– É, isso está indo muito bem.

Carswell Thorne.

Cress se encolheu, mas sua respiração estava ficando menos esporádica conforme ela ia se envolvendo em sua fantasia.

– Isso é um cenário de novela – sussurrou, baixo o bastante para eles não ouvirem.

Ela obrigou a ideia a penetrar na imaginação. Aqui não era o quarto dela, seu santuário, sua prisão. Era um cenário de novela, com câmeras e luzes e dezenas de diretores e produtores e assistentes andróides zanzando de um lado para outro.

E ela era uma *atriz*.

– Pequena Cress, pausa no programa de exercício.

As telas pararam, a sala ficou silenciosa, e Cress saiu de baixo da escrivaninha.

Cinder estava sentada em frente à tela agora, Carswell Thorne pairando atrás do ombro dela. Cress olhou-o por tempo suficiente para ver um sorriso que talvez pretendesse ser um pedido de desculpas, mas só fez o coração dela pular mais.

– Oi – disse Linh Cinder. – Me desculpe por pegá-la de surpresa assim. Você se lembra de mim? Nós nos falamos algumas semanas atrás, no dia da coroação, e...

– S-sim, claro – gaguejou Cress. Seus joelhos começaram a tremer, e ela puxou sorratamente a cadeira de volta e se sentou. – Estou feliz por você estar bem.

Ela se obrigou a se concentrar em Linh Cinder. Não em Carswell Thorne. Se não olhasse nos olhos dele de novo, conseguiria ir até o fim. Não desmoronaria.

Mas a tentação de olhar para ele estava presente, incomodando-a.

– Ah, obrigada – falou Cinder. – Não sei bem... Quero dizer, você acompanha as notícias da Terra? Sabe o que está acontecendo desde...

– Sei de tudo.

Cinder fez uma pausa.

Cress percebeu que suas palavras saíram todas misturadas e se lembrou de pronunciar melhor, uma vez que estava fazendo um papel tão sofisticado. Ela se obrigou a sentar mais ereta.

– Acompanho todos os noticiários – esclareceu. – Eu sabia que você tinha sido vista na França e venho rastreando sua nave, então sabia que não fora destruída, mas não sabia se você havia sido ferida e nem o que aconteceu. Eu estava tentando estabelecer a ligação pelo chip D-COMM, mas você nunca respondia. – Ela murchou um pouco, com os dedos amarrando o cabelo. – Mas estou feliz de ver que está bem.

– Sim, sim, ela está bem, estamos bem, todo mundo está bem – disse Thorne, apoiando um cotovelo no ombro de Cinder e se inclinado sobre a tela com sobranceiras franzidas. Olhar nos olhos dele foi inevitável, e um gritinho involuntário escapuliu pelos lábios de Cress, um som que ela nunca tinha se ouvido fazer antes. – Você acabou de dizer que estava *rastreando* nossa nave?

Ela abriu a boca, mas fechou-a um momento depois, quando nenhum som saiu. Por fim, deu um leve aceno positivo com a cabeça.

Thorne apertou os olhos para ela como se estivesse tentando descobrir se estava mentindo. Ou se era apenas idiota.

Ela sentiu uma forte vontade de voltar para baixo da escrivaninha.

– É mesmo? – perguntou ele. – E para quem você trabalha mesmo?

Você é uma atriz. Uma atriz!

– Para a mestra – disse ela, forçando as palavras. – A mestra Sybil. Ela me mandou encontrar vocês, mas não contei nada para ela, e nem vou, não precisam se preocupar com isso. Eu... eu estou embaralhando os sinais de radar e garantindo que os satélites de observação estejam virados para o outro lado quando vocês passam, esse tipo de coisa. Para que mais ninguém encontre vocês. – Hesitou, percebendo que quatro rostos estavam olhando boquiabertos para ela, como se todo o cabelo dela tivesse acabado de cair. – Vocês devem ter reparado que ainda não foram capturados, não é?

Cinder ergueu uma das sobrancelhas e desviou o olhar para Thorne, que soltou uma gargalhada repentina.

– Esse tempo todo nós pensamos que Cinder estava lançando algum tipo de feitiço de bruxa nas outras naves, mas era *você*?

Cinder franziu a testa, mas Cress não sabia a quem sua irritação se dirigia.

– Acho que devemos um grande agradecimento a você.

Desconfortável, Cress deu de ombros.

– Não foi tão difícil. Encontrar vocês foi a parte mais difícil, mas qualquer um seria capaz de descobrir como. E levar naves despercebidas por toda a galáxia é uma coisa que os lunares fazem há anos.

– Minha cabeça vale um preço alto o bastante para comprar a província do Japão – lembrou Cinder. – Se alguém fosse capaz de nos encontrar, já teria nos descoberto. Então, é sério, obrigada.

Um rubor desceu pelo pescoço de Cress.

Thorne cutucou Cinder no braço.

– Amolecer com elogios. Boa estratégia.

Cinder revirou os olhos.

– Olha. O motivo de estarmos fazendo contato com você é que precisamos de sua ajuda. Evidentemente, muito mais do que eu imaginava.

– *Sim* – disse Cress com ênfase, desenrolando o cabelo dos pulsos. – Sim. O que você precisar.

Thorne abriu um sorriso largo.

– Está vendo? Por que vocês não podem ser sempre agradáveis assim?

A segunda garota deu um tapa no ombro dele.

– Ela nem sabe ainda o que queremos que faça.

Cress olhou direito para ela pela primeira vez. Tinha cabelo ruivo ondulado, uma coleção de sardas no nariz e curvas injustamente exageradas em comparação a Cinder, que era toda angulosa. O homem ao lado dela fazia as duas parecerem anãs. Ele

tinha cabelo castanho espetado para todos os lados, cicatrizes que indicavam uma quantidade exagerada de brigas e um hematoma recente no maxilar.

Cress se esforçou para parecer confiante.

– Com o que vocês precisam de ajuda?

– Quando falei com você antes, no dia do baile, você me disse que estava espionando os líderes terráqueos e relatando tudo para a rainha Levana. E também que sabia que, quando Levana se tornasse imperatriz, planejava mandar assassinar Kai para ter controle absoluto da Comunidade e usar esse poder para deflagrar um ataque total contra os outros países da Terra.

Cress assentiu, talvez com vigor demais.

– Bem, nós precisamos que as pessoas da Terra saibam tudo o que ela está disposta a fazer para tomar a Terra toda para si, não só a Comunidade das Nações Orientais. Se os outros líderes soubessem que ela os vem espionando esse tempo todo e que tem toda a intenção de invadir seus países na primeira oportunidade que tiver, não vão aceitar esse casamento. Eles não a aceitariam como líder mundial, o casamento seria cancelado e... com sorte, isso nos daria uma chance de... er. Bem, o objetivo final é destroná-la.

Cress lambeu os lábios.

– Então... o que vocês querem que eu faça?

– Evidências. Preciso de evidências do que Levana está planejando, do que tem feito.

Refletindo, Cress apoiou as costas no encosto da cadeira.

– Tenho cópias de todos os vídeos de monitoração ao longo dos anos. Seria fácil escolher algumas das cenas mais incriminadoras e enviar para você por este canal.

– Isso é perfeito!

– Mas é circunstancial. Só provaria que Levana está interessada no que os outros líderes estão fazendo, não necessariamente que planeja invadir os países deles, e acho que não tenho nenhuma

documentação sobre ela querer assassinar Sua Majestade. É basicamente minha desconfiança, além de especulações sobre coisas que minha mestra disse.

– Tudo bem, nós aceitamos o que você tiver. Levana já nos atacou uma vez. Acho que os terráqueos não vão precisar de muito para serem convencidos de que ela o fará de novo.

Cress assentiu, mas seu entusiasmo tinha murchado. Ela limpou a garganta.

– Minha mestra vai reconhecer as imagens. Vai saber que fui eu que as forneci.

O sorriso de Cinder começou a sumir, e Cress percebeu que não precisava explicar aonde queria chegar. Ela seria morta por traição.

– Me desculpe – disse Cinder. – Se houvesse um jeito de levarmos você para longe dela, nós faríamos, mas não podemos correr o risco de irmos até Luna. Passar pela segurança do porto...

– Eu não estou em Luna! – As palavras saíram desesperadas, levadas por uma pontada de esperança. – Vocês não precisam ir a Luna. Não estou lá.

Cinder observou o aposento atrás de Cress.

– Mas você disse antes que não podia fazer contato com a Terra, então você não está...

– Estou em um satélite. Posso dar minhas coordenadas e já verifiquei semanas atrás que sua Rampion tem equipamento de atracagem compatível, ou pelo menos as naves de passeio que a acompanham têm. Vocês... vocês ainda têm as naves, certo?

– Você está em um satélite? – disse Thorne.

– Estou. Regulado para uma órbita polar de dezesseis horas ao redor da Terra.

– Há quanto tempo você mora em um satélite?

Ela enrolou o cabelo nos dedos.

– Sete anos... mais ou menos.

– Sete *anos*? Sozinha?

– S-Sim. – Ela deu de ombros. – A mestra traz comida e água, e

tenho acesso à rede, então nem é tão ruim, mas... bem...

– Mas você é uma prisioneira – falou Thorne.

– Eu prefiro dizer donzela em perigo – murmurou ela.

Um lado da boca de Thorne se levantou naquele meio sorriso perfeito da foto da formatura. Um olhar que era um pouco malicioso e totalmente encantador.

O coração de Cress parou, mas se eles repararam que ela estava se derretendo na cadeira, não disseram nada.

A garota ruiva se afastou e saiu da imagem, embora Cress ainda a ouvisse.

– Não podemos mesmo fazer nada para Levana querer nos encontrar ainda mais do que já quer.

– Além disso – disse Cinder, trocando um olhar com os companheiros –, queremos mesmo deixar alguém que sabe rastrear nossa nave aos cuidados de Levana?

Os dedos de Cress começaram a formigar nas partes em que o cabelo estava interrompendo a circulação, mas ela nem percebeu.

Thorne inclinou a cabeça e olhou para ela pela tela.

– Tudo bem, donzela. Mande suas coordenadas.

CAPÍTULO

Seis

– AGORA SOBRE O JANTAR. DESDE QUE NOS FALAMOS, SUA MAJESTADE lunar aprovou o tradicional banquete de oito pratos para depois da cerimônia. Nesse caso, sugiro que comecemos com um quarteto de sashimi, seguido de uma sopa leve. Talvez uma imitação de sopa de barbatana de tubarão, que acho que seria um bom equilíbrio entre as tradições antigas e as sensibilidades modernas. – A cerimonialista fez uma pausa. Como nem Kai, que estava deitado no sofá do escritório com um braço sobre os olhos, nem seu conselheiro, Konn Torin, fizeram objeções, ela limpou a garganta e prosseguiu: – Para o terceiro prato, pensei em uma bela caçarola de toucinho com molho de manga verde. A isso se seguiria nosso prato vegetariano, e eu recomendaria *potol* com sementes de papoula em cama de folhas de bananeira. Para o quinto prato, eu ia conversar com os banqueteiros sobre algum curry de frutos do mar, talvez com um molho vibrante de leite de coco com limão. Vossa Majestade tem alguma preferência entre lagosta, camarão ou vieiras?

Kai tirou o braço do rosto apenas o bastante para olhar para a cerimonialista por entre os dedos. Tashmi Priya devia ter quarenta e tantos anos, mas tinha o tipo de pele que não envelhecera um dia depois dos vinte e nove anos. O cabelo, por outro lado, estava fazendo uma lenta transição para grisalho, e ele achava que o processo vinha se acelerando na última semana, pois ela era a pessoa responsável por transmitir os desejos da noiva ao resto dos cerimonialistas. Ele não subestimou nem por um momento o estresse pelo qual ela passava por estar trabalhando com a rainha Levana.

Por sorte, ele tinha a impressão de que ela era muito, muito boa

em seu trabalho. E aceitara a função de planejar o casamento real sem hesitar, nem por um segundo, e não recuou nem uma vez com as exigências de Levana. Seu perfeccionismo profissional era evidente em todas as decisões que tomava, mesmo em como se apresentava, com maquiagem sutil e sem nem um fio de cabelo fora do lugar. Essa simplicidade se contrastava com um guarda-roupa de sáris indianos tradicionais, seda luxuosa em tons vivos e com bordados intrincados. A combinação dava a Priya um ar real que Kai sabia que lhe faltava no momento.

– Vieiras, lagosta... – murmurou ele, esforçando-se para prestar atenção. Mas desistiu e voltou a cobrir os olhos. – Não, não tenho preferência. O que Levana quiser.

Houve um breve silêncio antes de ele ouvir o barulho das unhas dela sobre o tablet.

– Talvez possamos voltar ao cardápio do banquete depois. Quanto à cerimônia, você aprova a escolha da rainha pela primeira-ministra africana Kamin como celebrante?

– Não consigo pensar em ninguém mais adequado.

– Excelente. E você já pensou sobre os votos de casamento?

Kai deu uma risada debochada.

– Retire qualquer coisa que tenha a ver com amor, respeito ou alegria, e eu assino embaixo.

– Vossa Majestade – disse Torin, com aquele jeito que tinha de fazer o título de respeito soar como uma repreensão.

Suspirando, Kai se endireitou na cadeira. Torin estava sentado em frente a Priya, com a mão ao redor de um copo cheio apenas de cubos de gelo. Ele não tinha o hábito de beber, o que lembrou a Kai que era uma época difícil para todos.

Ele voltou a atenção para Priya, cuja expressão estava profissionalmente impassível.

– O que você sugere para os votos?

Rugas formaram-se nos cantos das pálpebras dela, quase pedindo desculpas, e ele percebeu que alguma coisa horrível estava

prestes a ser dita.

– Sua Majestade lunar sugeriu que você escreva seus próprios votos, Vossa Majestade.

– Ah, pelas estrelas. – Ele se deixou cair de novo sobre as almofadas. – Por favor, qualquer coisa, menos isso.

Uma hesitação.

– Você gostaria que eu os escrevesse para você, Vossa Majestade?

– Isso está na descrição do seu trabalho?

– Garantir que esse casamento transcorra bem é a descrição do meu trabalho.

Ele observou os candelabros decorados com penduricalhos que ocupavam o teto. Depois de uma revista completa do escritório que sua equipe demorou uma semana para terminar, um único aparelho de gravação foi encontrado, menor do que sua unha, escondido em um dos candelabros. Foi o único dispositivo de espionagem que localizaram. Não havia dúvida de que era lunar e de que Kai estava certo o tempo todo: Levana o estava espionando.

Seus aposentos pessoais também foram revistados, mas nada foi descoberto lá. Até o momento, esses eram os dois únicos aposentos em que ele se permitia falar abertamente sobre a noiva, embora sempre houvesse um aviso em sua cabeça. Ele torcia muito para que a equipe de segurança não tivesse deixado passar nada.

– Obrigado, Tashmi-jie. Vou pensar nisso.

Com um aceno, Priya ficou de pé.

– Tenho uma reunião com o banqueteiro esta tarde. Vou ver se ele tem alguma ideia para o resto dos pratos.

Kai se obrigou a ficar de pé, embora o movimento fosse extremamente difícil. O estresse das últimas semanas o fez perder alguns quilos, mas ele se sentia mais pesado do que nunca, como se o peso de todas as pessoas da Comunidade tivesse caído sobre ele.

– Obrigado por tudo – disse, fazendo uma reverência enquanto ela reunia suas amostras de cores e tecidos.

Ela retribuiu o gesto.

– Conversaremos de novo de manhã, antes da chegada do taumaturgo Park.

Ele gemeu.

– Já é amanhã?

Torin limpou a garganta.

– Quero dizer ... fantástico! Foi uma alegria tão grande tê-lo por perto da primeira vez.

O sorriso de Priya foi efêmero quando ela passou pela porta.

Sufocando um suspiro melodramático, Kai se encolheu de novo no sofá. Ele sabia que estava sendo infantil, mas sentia que tinha o direito de explodir de vez em quando, principalmente ali, na privacidade de seu escritório. Em todos os outros lugares, tinha que sorrir e proclamar o quanto estava ansioso pelo casamento. O quanto essa aliança seria benéfica para a Comunidade. O quanto não tinha dúvida de que o casamento com a rainha Levana serviria para unir os povos da Terra e de Luna de uma forma que não era vista havia séculos e sem dúvida levaria à maior apreciação e compreensão mútua entre as duas culturas. Era o primeiro passo para acabar com os anos de ódio e ignorância. E a quem ele achava que estava enganando mesmo?

Ele odiava Levana. Odiava a si mesmo por ceder a ela. Odiava o fato de seu pai tê-la mantido distante, assim como suas ameaças, por anos e anos, mas, *semanas* depois de Kai assumir o trono, ele acabara deixando tudo ruir.

Odiava o fato de que a rainha Levana devia estar planejando isso desde o momento em que anunciaram que o imperador Rikan, o pai de Kai, estava doente, e que Kai acabou fazendo exatamente o que ela queria.

Odiava o fato de que ela ia ganhar.

O gelo no copo de Torin tilintou quando ele se inclinou para a frente.

– Você está pálido, Vossa Majestade. Tem alguma coisa com que eu possa ajudar? Alguma coisa sobre a qual queira conversar?

Kai tirou o cabelo da testa.

– Seja sincero, Torin. Você acha que estou cometendo um erro?

Torin refletiu sobre a pergunta por um longo momento antes de colocar o copo de lado.

– Mil e seiscentos terráqueos foram mortos quando Luna nos atacou. Foram mil e seiscentos mortos em apenas poucas horas. Isso foi onze dias atrás. Não imagino quantas vidas foram poupadas por causa do compromisso que você assumiu com a rainha Levana.

– Ele juntou os dedos no colo. – E não podemos esquecer quantas vidas serão salvas quando tivermos acesso ao antídoto para a letumose.

Kai mordeu a bochecha por dentro. Eram os mesmos argumentos que vinha repetindo para si mesmo. Estava fazendo a coisa certa. Salvando vidas. Protegendo seu povo.

– Sei o sacrifício que está fazendo, Vossa Majestade.

– Sabe? – Seus ombros se contraíram. – Porque desconfio que ela vá tentar me matar. Quando tiver o que quer. Quando for coroada.

Torin inspirou fundo, mas Kai teve a impressão de que isso não era nenhuma novidade para Torin.

– Não vamos deixar isso acontecer.

– Podemos impedir?

– Seu casamento não vai ser uma sentença de morte. Temos tempo para descobrir um jeito. Ela... ainda quer um herdeiro, afinal.

Kai não conseguiu sufocar uma careta.

– Um consolo muito, muito pequeno.

– Eu sei. Mas isso torna você valioso para ela, ao menos por enquanto.

– Será mesmo? Você sabe a reputação que os lunares têm. Não sei se Levana se importa com quem vai ser o pai da criança, desde que alguém seja. E a princesa Selene não nasceu sem ninguém saber quem era o pai? Não estou convencido de que Levana precise de mim para qualquer outra coisa além de dizer “sim” e entregar a coroa a ela.

Por mais que odiasse admitir, o pensamento era quase um alívio.

Torin não tentou argumentar com ele. Apenas balançou a cabeça.

– Mas a Comunidade precisa de você, e o povo vai continuar precisando de você depois que Levana se tornar imperatriz. Vossa Majestade, não vou deixar que nada aconteça com você.

Kai reconheceu um tom quase paternal. Havia afeição ali, onde normalmente só havia paciência e frustração velada. De alguma maneira, ele sentia que Torin tinha se tornado o verdadeiro imperador depois da morte de seu pai. Torin era a pessoa sólida, que tomava decisões, que sempre sabia o que era melhor para a nação. Mas, ao olhar para seu conselheiro, essa impressão começou a mudar. Porque Torin estava com uma expressão que Kai nunca tinha visto dirigida para si antes. Respeito, talvez. Ou admiração. Ou até confiança.

Ele se empertigou um pouco.

– Você está certo. A decisão foi tomada, e tenho que fazer o melhor possível com ela. Esperar ser esmagado pelos caprichos de Levana não vai ajudar em nada. Tenho que descobrir como me defender dela.

Torin assentiu, quase sorrindo.

– Vamos pensar em alguma coisa.

Por um momento, Kai se sentiu peculiarmente animado. Torin não era otimista por natureza. Se acreditava que havia um jeito, então Kai também acreditava. Uma forma de ficar vivo, uma forma de proteger seu país mesmo depois de ter amaldiçoado o povo com uma tirana como imperatriz. Uma forma de se proteger de uma mulher que era capaz de controlar seus pensamentos com um piscar de olhos.

Mesmo como marido dela, ele continuaria a desafiar Levana pelo tempo que pudesse.

Nainsi, a assistente androide de Kai, apareceu na porta do escritório com uma bandeja com chá de jasmim e toalhas quentes.

Os sensores dela piscaram.

– Relatório diário, Vossa Majestade.

– Sim, obrigado. Entre.

Ele pegou uma das toalhas da bandeja enquanto ela entrava e limpou os dedos com o tecido de algodão fumegante.

Nainsi colocou a bandeja na mesa de Kai e se virou para ele e para Torin. Em seguida, iniciou o relatório do dia, que felizmente não tinha nada a ver com promessas de casamento nem com jantares de oito pratos.

– O taumaturgo lunar Avery Park chega amanhã às três da tarde, junto com quatorze integrantes da corte lunar. Uma lista de nomes e títulos de convidados foi transferida para seu tablet. O jantar de boas-vindas vai se iniciar às sete da noite, seguido de um coquetel. Tashmi Priya vai tanto ao jantar quanto à recepção para começar a comunicar os planejamentos do casamento para o taumaturgo Park. Fizemos um convite para que Sua Majestade lunar se juntasse a nós por videoconferência, mas nosso convite não foi aceito.

– Que decepcionante – disse Kai.

– Esperamos uma reunião de manifestantes em frente ao palácio com a chegada da corte lunar, que provavelmente seguirá com o compromisso da cerimônia de casamento. Preparamos reforços militares, que chegarão a partir de amanhã de manhã, para garantir a segurança de nossos convidados. Alertarei você caso alguma manifestação fique violenta.

Kai parou de limpar as mãos.

– Esperamos que fiquem violentas?

– Negativo, Vossa Majestade. O chefe de segurança do palácio declarou que é apenas precaução.

– Ótimo. Continue.

– O relatório semanal da letumose estima trinta mil mortes relacionadas à peste durante a semana de 3 de setembro por toda a Comunidade. A equipe de pesquisa do palácio não obteve nenhum progresso na investigação contínua em busca do antídoto.

Kai trocou um olhar triste com Torin. *Trinta mil mortes*. Quase o fazia desejar que o casamento fosse amanhã, para que pudesse pôr as mãos no antídoto de Levana mais cedo.

Quase.

– Recebemos notícias de que a República Americana, a Austrália e a Federação Europeia organizaram caçadas em busca dos soldados lunares responsáveis pelos ataques e alegam manter vários suspeitos como prisioneiros de guerra. Até agora, Luna não ameaçou retaliação e nem fez qualquer tentativa de negociar a liberdade deles, fora o acordo feito anteriormente de que todos os soldados serão retirados do solo terráqueo após a cerimônia de coroação no dia 25.

– Vamos torcer para que continue assim – murmurou Kai. – A última coisa de que a aliança precisa são mais complicações políticas.

– Vou mantê-lo informado sobre qualquer desenvolvimento, Vossa Majestade. O último item a relatar é que recebemos uma mensagem de Samhain Bristol, representante do parlamento de Toronto, da província do Canadá do Leste, Reino Unido, dizendo que recusa o convite de comparecer à cerimônia de casamento por não aceitar que a rainha lunar Levana seja uma líder mundial apropriada para a União Terráquea.

Torin gemeu e Kai revirou os olhos na direção do teto.

– Ah, pelas estrelas. Será que ele pensa que *alguém* acha que ela é uma líder apropriada?

– Não podemos culpá-lo por sua posição, Majestade – falou Torin, embora Kai pudesse ouvir a irritação na voz dele –, nem por querer fazer essa declaração. Ele tem seu próprio povo para se preocupar.

– Estou ciente disso, mas, se isso começar a virar moda entre os líderes da União, Levana ficará furiosa. Você consegue imaginar a reação dela se *ninguém* aparecer no casamento? – Kai passou a toalha, agora fria, pelo rosto. – Ela vai ver isso como uma ofensa

peçoal. Se queremos tentar evitar outro ataque, acho que enfurecê-la não é o jeito de fazer isso.

– Concordo – disse Torin, levantando-se e ajeitando o paletó. – Vou marcar uma reunião por videoconferência com Bristol-dàren para ver se não chegamos a um acordo. Sugiro que mantenhamos essa informação em segredo por enquanto, para evitar dar ideias rebeldes aos outros convidados.

– Obrigado, Torin.

Kai se levantou e respondeu à reverência de Torin, que saiu do escritório em seguida.

Kai quase não resistiu à vontade de desabar de novo no sofá. Tinha outra reunião em trinta minutos, e ainda havia planos a serem revisados, relatórios a serem lidos e mensagens a serem respondidas e...

– Vossa Majestade.

Ele levou um susto.

– Sim, Nainsi?

– Ainda há um último relatório, que achei melhor discutir com você em particular.

Ele piscou. Havia bem poucos assuntos que não discutia com Torin.

– O que é?

– Uma associação foi descoberta recentemente por minhas sinapses de inteligência. É sobre Linh Cinder.

O estômago dele se contorceu. Esse seria o assunto, o único assunto sobre o qual não podia conversar nem mesmo com seu conselheiro de maior confiança. Cada vez que ouvia o nome dela, era tomado por pânico quase incontrolável, certo de que Cinder havia sido encontrada. De que tinha sido presa. De que já fora morta. Embora devesse ficar feliz por a fugitiva mais procurada do país ter sido capturada, a ideia o deixava doente.

– O que tem ela? – disse, jogando a toalhinha de volta na bandeja e sentando-se no braço do sofá.

– Eu talvez tenha deduzido o motivo pelo qual se encontrava em Rieux, França.

A série de pensamentos preocupados evaporou tão depressa quanto surgiu. Pressentindo uma dor de cabeça, Kai massageou o ponto acima do nariz, aliviado por mais uma hora ter se passado e Cinder continuar desaparecida. O que significava que ainda estava em segurança.

– Rieux, França – disse ele, se reorientando.

Todo mundo sabia que a nave em que Cinder estava precisaria voltar à Terra em algum momento, para se abastecer e passar por uma possível manutenção. A escolha dela por uma cidade pequena, *qualquer* cidade pequena, nunca parecera suspeita para ele.

– Continue.

– Quando Linh Cinder removeu o chip D-COMM que apagou temporariamente minha programação, eu transmiti para ela informações sobre Michelle Benoit.

– A piloto?

Kai tinha praticamente decorado as informações que Nainsi reuniu em relação a todo mundo que tivesse a menor ligação com a desaparecida princesa Selene. Michelle Benoit foi uma das principais suspeitas de ter ajudado e esconder a princesa.

– Sim, Vossa Majestade. Linh Cinder sabe o nome dela e sua ligação anterior com as forças militares europeias.

– E daí?

– Depois de se aposentar, Michelle Benoit comprou uma fazenda. Essa fazenda fica perto de Rieux, na França, e foi nessa propriedade que a nave roubada pousou primeiro.

– Então Cinder foi para lá porque... Você acha que ela estava procurando a princesa Selene?

– Essa é minha suposição, Majestade.

Ele se levantou de supetão e começou a andar de um lado para outro.

– Alguém falou com Michelle Benoit? Ela foi interrogada?

Sabemos se ela viu Cinder, falou com ela?

– Lamento, Majestade, mas Michelle Benoit desapareceu há mais de quatro semanas.

Ele parou.

– Desapareceu?

– A neta dela, Scarlet Benoit, também desapareceu. Só sabemos que pegou um trem de levitação magnética em Toulouse, França, a caminho de Paris.

– Não podemos rastreá-las?

– O chip de identificação de Michelle Benoit foi encontrado na casa dela no dia em que desapareceu. O chip de identificação de Scarlet Benoit, ao que parece, foi destruído.

Kai deixou os ombros penderem. Outro beco sem saída.

– Mas por que Cinder iria lá? Por que quereria encontrar a princesa...? – Ele hesitou. – A não ser que esteja tentando me ajudar.

– Não consigo seguir seu raciocínio, Majestade.

Ele encarou Nainsi de novo.

– Talvez ela esteja tentando me ajudar. Cinder sabe que, se encontrar a princesa, isso poderia ser o fim do reinado de Levana. Eu não precisaria me casar com ela, que provavelmente seria executada por traição. Cinder arriscou a vida para ir para aquela fazenda, e fez isso... talvez tenha feito por mim.

Ele escutou o cooler de Nainsi girando antes de ela responder:

– Devo sugerir que a explicação alternativa para os motivos de Linh Cinder deriva do desejo da rainha Levana de que ela seja encontrada e executada, Majestade.

Com o rosto vermelho, ele baixou o olhar para o tapete tecido à mão embaixo dos pés.

– Certo. Ou isso.

Mas ele não conseguia afastar a sensação de que o novo objetivo de Cinder era mais do que autopreservação. Afinal, ela fora ao baile a fim de avisá-lo para não se casar com a rainha Levana, e essa decisão quase fez com que fosse morta.

– Você acha que ela descobriu alguma coisa? Sobre a princesa?

– Eu não tenho como fornecer essa informação.

Ele andou ao redor da mesa, olhando pensativo para a enorme cidade que se estendia além da janela do escritório, vidro e aço brilhando sob o sol da tarde.

– Descubra tudo o que puder sobre essa Michelle Benoit. Talvez Cinder esteja atrás de alguma coisa. Talvez a princesa Selene ainda esteja viva.

A esperança surgiu de novo, brilhando mais a cada momento. A procura pela princesa tinha sido abandonada semanas antes, quando sua vida ficou tumultuada demais para que se concentrasse em qualquer coisa que não fosse impedir a guerra. Pacificar a rainha Levana e sua raiva. Preparar-se para uma vida ao lado dela, como marido... e isso só se tivesse sorte o bastante para não ser assassinado antes do primeiro ano de casados.

Ele ficou tão distraído com tudo isso que se esqueceu do real motivo de estar procurando a princesa Selene.

Se ela estivesse viva, seria a herdeira do trono lunar por direito. Poderia acabar com o reinado da rainha Levana.

Poderia salvar todos eles.

CAPÍTULO

Sete

O DR. DMITRI ERLAND SE SENTOU NA BEIRADA DA CAMA DE HOTEL, a colcha de algodão velha enrolada ao redor dos tornozelos. Toda a sua atenção estava dirigida para a parede que abrigava o tablet velho, cujo som cortava aleatoriamente e cuja imagem gostava de tremer e piscar em momentos inoportunos. Ao contrário da última vez que um representante lunar viera à Terra, dessa vez a chegada estava sendo transmitida internacionalmente. Não estavam escondendo o motivo da visita.

Sua Majestade, a rainha, tinha conseguido o que queria. Ela se tornaria imperatriz.

Embora a própria Levana só fosse chegar mais perto da data da cerimônia, o taumaturgo Aimery Park, como um de seus principais lacaios... er, *conselheiros*, chegaria mais cedo como demonstração de “boa vontade” com as pessoas da Comunidade e do planeta Terra. Isso, e para garantir que todos os planejamentos do casamento estivessem de acordo com as preferências de Sua Majestade, sem dúvida.

A cintilante nave branca com suas runas decorativas tinha pousado na pista do Palácio de Nova Pequim havia quinze minutos, mas ainda não dava sinais de abrir as portas. Um jornalista da União Africana estava enrolando, ao tagarelar ao fundo sobre detalhes triviais do casamento e da coroação: quantos diamantes a coroa da imperatriz teria, o comprimento do caminho que levaria ao altar, o número esperado de convidados e, é claro, outra menção de que a própria primeira-ministra Kamin tinha sido escolhida para ser a mestre de cerimônia.

Ele estava feliz por uma das consequências desse noivado, pelo menos. Todo esse bafafá desviou a atenção da imprensa da srta.

Cinder. Ele torcia para que ela tivesse aproveitado essa feliz distração para ir procurá-lo, e logo, mas isso ainda não tinha acontecido. Ele estava ficando impaciente e bastante preocupado com a garota, mas não havia nada que pudesse fazer além de esperar pacientemente nesse deserto esquecido, continuar sua pesquisa e se preparar para o dia em que todo o seu trabalho fosse finalmente render frutos.

Entediado com a transmissão, o dr. Erland tirou os óculos e passou um momento soprando neles e limpando-os na camisa.

Parecia que os terráqueos logo esqueciam seus preconceitos quando havia um casamento real envolvido, ou talvez só estivessem morrendo de medo de falar abertamente sobre os lunares e sua tirania, ainda mais à sombra da lembrança dos ataques dos híbridos de lobo, tão recentes na memória coletiva. Além disso, desde o anúncio do casamento real, pelo menos dois integrantes da imprensa mundial que declararam que a aliança era um erro real (um administrador de redes de Bucareste-sobre-o-Mar e um editor de noticiário de Buenos Aires) tinham cometido suicídio.

O que o dr. Erland desconfiava ser uma forma diplomática de dizer “assassinado por lunares, mas quem pode provar?”.

Todo mundo estava pensando a mesma coisa, independentemente de dizer ou não. A rainha Levana era assassina e tirana, e esse casamento os arruinaria.

Mas toda a raiva dele sumia perto da percepção de que ele era um hipócrita.

Levana era assassina?

Bem, ele a ajudara a se tornar isso.

Anos se passaram, uma vida inteira, ao que parecia, desde que ele foi um dos principais cientistas na equipe de pesquisa de engenharia genética de Luna. Liderou várias das grandes descobertas, ainda na época em que Channary era rainha, antes de Levana assumir, antes de sua Lua Crescente ser assassinada, antes

de a princesa Selene ser levada para a Terra. Ele foi o primeiro a integrar com sucesso a genética de um lobo do Ártico com a de um garoto de dez anos, dando a ele não apenas muitas das habilidades físicas que já tinham aperfeiçoado, mas também os instintos brutais de um animal.

Algumas noites ele ainda sonhava com os uivos daquele garoto na escuridão.

Erland tremeu. Depois de puxar o cobertor sobre as pernas, voltou a atenção para a transmissão.

Finalmente, a porta da espaçonave se levantou. O mundo viu a rampa bater na plataforma.

Uma procissão de nobres lunares saiu da nave primeiro, como um grupo de gansos, trajando sedas vibrantes e chiffons esvoaçantes e enfeites de cabeça com véus. Isso tinha virado moda durante o reinado da rainha Channary, que, como a irmã, se recusava a revelar seu verdadeiro rosto em público.

Erland se viu chegando mais perto da tela, se perguntando se identificava algum de seus antigos colegas por baixo das capas.

Mas não teve sorte. Anos demais se passaram, e havia uma boa chance de todos os detalhes reveladores que ele decorou serem apenas glamour que criaram. Ele mesmo sempre passou a ilusão de ser bem mais alto quando estava cercado pela narcisista corte lunar.

Os guardas saíram depois, seguidos de cinco taumaturgos de terceiro nível, usando casacos pretos bordados. Todos eram bonitos sem precisar de glamour, como a rainha preferia, embora ele desconfiasse que poucos tinham nascido com aparência tão boa naturalmente. Muitos de seus colegas de Luna tinham negócios paralelos lucrativos que ofereciam cirurgias plásticas, ajustes de melatonina e reconstruções corporais para candidatos a taumaturgos e guardas reais.

Na verdade, ele sempre gostou do boato de que as maçãs do rosto de Sybil Mira eram feitas de canos reciclados.

O taumaturgo Aimery saiu por último, com o jeito tranquilo e arrogante de sempre, vestindo um casaco vermelho que complementava muito bem a pele morena. Ele se aproximou do imperador Kaito, que o aguardava, e de seu grupo de conselheiros e representantes, e todos fizeram uma reverência respeitosa.

O dr. Erland balançou a cabeça. O pobre e jovem imperador Kai. Ele acabou sendo jogado aos leões durante seu breve reinado, não foi?

Uma batida tímida balançou a porta, fazendo o dr. Erland dar um pulo.

Olha para ele, desperdiçando tempo com procissões lunares e alianças reais que, com sorte, jamais seriam concretizadas. Se ao menos Linh Cinder parasse de perambular entre a Terra e o espaço e comesçasse a seguir instruções, para variar.

Ele ficou de pé e desligou a tela. Toda essa preocupação acabaria provocando uma úlcera.

No corredor estava um garoto magrelo que não podia ter mais de doze ou treze anos, de cabelo escuro curto e com corte irregular. O short que usava ia abaixo dos joelhos e tinha as barras desfiadas, e os pés com sandálias estavam cobertos da areia fina que encobria tudo nesta cidade.

Ele estava empertigado, como se quisesse passar a impressão de que não se encontrava nem um pouco nervoso.

– Tenho um camelo para vender. Ouvi que você talvez estivesse interessado. – Sua voz tremeu na última palavra.

O dr. Erland baixou os óculos para a ponta do nariz. O garoto era magro, claro, mas não parecia malnutrido. A pele escura parecia saudável, os olhos brilhantes e alertas. Em mais um ano ou dois, Erland desconfiava que ele seria o mais alto entre os dois.

– Uma corcova ou duas? – perguntou ele.

– Duas. – O garoto respirou fundo. – E ele não cospe nunca.

Erland inclinou a cabeça. Tinha que tomar cuidado em contar essa linguagem em código para qualquer pessoa, mas parecia que a

notícia se espalhava depressa, mesmo nas cidades oásis vizinhas. Todos estavam sabendo que o doutor velho e maluco procurava lunares dispostos a ajudá-lo com algumas experiências e que podia pagar pela ajuda.

É claro que o conhecimento que se espalhava de seu status de semicelebridade, junto com anúncios de procurado pela Comunidade, só ajudou. Ele achava que muitas das pessoas que iam bater a sua porta estavam apenas curiosas sobre o lunar que se infiltrou na equipe de um palácio real terráqueo... e que ajudou a verdadeira celebridade, Linh Cinder, a fugir da prisão.

Ele teria preferido o anonimato, mas esse parecia um método eficiente de conseguir novas cobaias, das quais ele precisava se queria copiar o antídoto para a letumose que os cientistas lunares descobriram.

– Entre – disse ele, recuando para dentro do quarto.

Sem esperar para ver se o garoto foi atrás, ele abriu a porta do armário que tinha transformado em minilaboratório. Frascos, tubos de ensaio, placas de Petri, seringas, escâneres, uma variedade de produtos químicos, tudo cuidadosamente rotulado.

– Não posso pagar em univs – disse, pegando um par de luvas de látex. – Só posso fazer troca. Do que você precisa? Comida, água, roupas, ou, se você estiver disposto a esperar pelo pagamento depois de seis amostras consecutivas, posso conseguir transporte de ida para a Europa, sem necessidade de documentação.

Ele abriu uma gaveta e tirou uma agulha do fluido esterilizante.

– E remédios?

Ele olhou para trás. O garoto não tinha nem dado dois passos para dentro do quarto.

– Feche a porta, antes que as moscas entrem – disse ele. O garoto obedeceu, mas sua atenção estava dirigida à agulha. – Por que você quer remédios? Está doente?

– É para meu irmão.

– Também lunar?

O garoto arregalou os olhos. Eles sempre faziam isso quando o dr. Erland dizia a palavra de forma tão casual, mas ele nunca entendeu por quê. Ele só pedia lunares. Só lunares batiam à porta dele.

– Não fique tão assustado – resmungou o dr. Erland. – Você deve saber que também sou lunar.

Ele fez um glamour rápido para provar que era, uma manipulação simples para que o garoto o visse como uma versão mais jovem de si mesmo, mas só por um instante.

Embora andasse mexendo com bioeletricidade mais livremente desde que chegou à África, ele achava que o deixava cada vez mais esgotado. Sua mente não era tão forte quanto costumava ser, e fazia anos que ele não tinha prática consistente.

Mesmo assim, o glamour teve o efeito esperado. A postura do garoto relaxou após ele ter alguma certeza de que o dr. Erland não faria com que ele e sua família fossem enviados para a lua para serem executados.

Mas não chegou mais perto mesmo assim.

– Sim – disse ele. – Meu irmão também é lunar. Mas ele é cascudo.

Então, foram os olhos de Erland que se arregalaram.

Um cascudo.

Isso tinha valor verdadeiro. Embora muitos lunares viessem para a Terra a fim de proteger as crianças sem dom, encontrar essas crianças se mostrou mais difícil do que Erland esperava. Elas se misturavam bem demais com os terráqueos e não tinham o menor desejo de abrir mão desse disfarce. Ele se perguntava se metade deles tinha ao menos noção de quem eram seus ancestrais.

– Quantos anos? – perguntou, colocando a seringa na bancada. – Eu pagaria o dobro por uma amostra dele.

Com a ansiedade repentina de Erland, o garoto deu um passo para trás.

– Sete – respondeu ele. – Mas está doente.

– De quê? Tenho analgésicos, afinadores de sangue, antibióticos...

– Ele tem a peste, senhor. Você tem remédio para isso?

O dr. Erland franziu a testa.

– Letumose? Não, não. Isso não é possível. Conte os sintomas dele para mim. Vamos descobrir o que ele tem de verdade.

O garoto pareceu irritado por ouvir que estava enganado, mas não sem uma pontada de esperança.

– Ontem à tarde ele começou a ficar com a pele irritada, com hematomas pelos braços, como se tivesse brigado. Mas não brigou. Quando acordou hoje de manhã, estava quente ao toque, mas ficava dizendo que estava morrendo de frio, mesmo nesse calor. Quando nossa mãe verificou, a pele debaixo das unhas dele tinha ficado azulada, como acontece na peste.

Erland levantou a mão.

– Você disse que ele ficou com manchas ontem, e as unhas já estavam azuis hoje de manhã?

O garoto assentiu.

– Além disso, logo antes de eu vir para cá, todas as manchas estavam inchando, virando bolhas de sangue. – Ele fez uma careta.

Um alarme tocou dentro do doutor enquanto sua mente procurava uma explicação. Os primeiros sintomas pareciam mesmo de letumose, mas ele nunca tinha ouvido que era possível a doença passar pelos quatro estágios tão rápido. E as manchas vermelhas virando bolhas de sangue... ele nunca tinha visto isso antes.

Não queria pensar na possibilidade, mas era uma coisa que vinha esperando que acontecesse havia anos. Uma coisa que achava que ocorreria. Uma coisa que temia.

Se o que o garoto dizia fosse verdade, se o irmão dele estava com letumose, isso poderia significar que a doença sofria mutação.

E se até um lunar tinha sintomas...

Erland pegou o chapéu na mesa e colocou na cabeça calva.

– Me leve até ele.

CAPÍTULO

Oito

CRESS MAL SENTIU A ÁGUA QUENTE BATENDO NA CABEÇA. FORA do banheiro, uma ópera da segunda era tocava em todas as telas. Com a voz poderosa da mulher nos ouvidos, dançando sob o chuveiro incessante, Cress *era* a estrela, a donzela, o centro daquele universo. Ela cantou junto a todo o volume, fazendo pausas só a fim de se preparar para o *crescendo*.

Ela não sabia a tradução completa de cabeça, mas as emoções por trás das palavras estavam claras.

Coração partido. Tragédia. Amor.

Um arrepio cobriu sua pele, contrastando intensamente com o vapor. Ela apertou a mão contra o peito, submersa na água do banho.

Dor. Solidão. *Amor*.

Sempre voltava ao amor. Mais do que liberdade, mais do que aceitação... *amor*. Amor verdadeiro, como cantavam na segunda era. Do tipo que enchia a alma. O tipo que permitia gestos dramáticos e sacrifícios. O tipo irresistível e envolvente.

A voz da mulher cresceu, intensa, com os violinos e violoncelos, um clímax cantado debaixo da água do chuveiro. Cress sustentou a nota o máximo que conseguiu, apreciando a forma como a música se espalhava por ela, preenchendo-a de poder.

Ela ficou sem fôlego primeiro, tonta de repente. Ofegante, caiu encostada na parede do chuveiro.

O *crescendo* acabou em um final simples, cheio de saudade, na mesma hora em que a água parou. Todos os banhos de Cress eram cronometrados, para garantir que as reservas de água não acabassem antes da próxima visita da mestra Sybil com os suprimentos.

Cress se sentou e abraçou os joelhos. Ao perceber que havia lágrimas em suas bochechas, cobriu o rosto e riu.

Estava sendo ridiculamente melodramática, mas com razão.

Porque aquele era o dia. Ela vinha seguindo a trajetória da Rampion com atenção desde que eles concordaram em salvá-la quase quatorze horas antes, e eles não tinham desviado o curso. A Rampion atravessaria a trajetória do satélite dela em aproximadamente uma hora e quinze minutos terráqueos.

Ela teria liberdade, amizades e um objetivo. E estaria com *ele*.

Na sala ao lado, o solo de ópera recomeçou, baixo, lento e repleto de saudade.

– Obrigada – sussurrou Cress para a plateia imaginária, que estava enlouquecida de tanto aplaudir.

Ela se imaginou erguendo um buquê de rosas vermelhas e cheirando-o, apesar de não fazer a menor ideia de como era o cheiro de uma rosa.

Com esse pensamento, a fantasia se desintegrou.

Suspirando, ela se levantou do chão do banheiro antes que as pontas dos cabelos fossem sugadas pelo ralo.

Seu cabelo pesava muito. Era fácil ignorá-lo quando estava absorta em um solo tão poderoso, mas o peso ameaçava fazê-la tropeçar, e uma dor de cabeça latejante já surgia na base do crânio.

Aquele não era o dia para dores de cabeça.

Ela segurou as pontas do cabelo com uma das mãos, tirando um pouco da pressão da cabeça, e passou alguns minutos torcendo-o, uma parte encharcada de cada vez. Depois de sair do chuveiro, pegou uma toalha, uma coisa cinza e velha que tinha havia anos, gasta até ter buracos nos cantos.

– Volume, abaixar! – gritou para a sala principal.

A ópera sumiu ao fundo. Algumas gotas do chuveiro pingaram no chão.

Cress ouviu um apito.

Puxou o cabelo através de seus punhos novamente, reunindo

outro punhado de água e sacudindo-o antes de se enrolar na toalha. O peso do cabelo ainda a incomodava, mas parecia contornável de novo.

Na sala principal, só a tela de comunicação do D-COMM mostrava as imagens do teatro. A cena era um close do rosto de uma mulher, com maquiagem pesada e sobrancelhas pintadas de lápis, uma juba de cabelo ruivo com uma coroa dourada em cima.

A tela do D-COMM tinha uma nova mensagem:

DO USUÁRIO: MECÂNICA. CHEGADA PREVISTA EM 68 MINUTOS.

Cress flutuava de alegria. Estava acontecendo. Eles iam mesmo salvá-la.

Ela largou a toalha no chão e pegou o vestido amassado que usava antes; estava um pouco pequeno e curto demais porque Sybil o levava para Cress quando ela tinha só treze anos, mas estava gasto ao ponto da maciez perfeita. Era o vestido favorito de Cress, não que ela tivesse muitos outros.

Colocou-o pela cabeça e voltou correndo para o banheiro a fim de começar o longo processo de pentear os nós molhados. Queria estar apresentável, afinal.

Não, queria parecer *irresistível*, mas não fazia sentido tentar isso. Não tinha maquiagem, nem joias, nem perfume, nem roupas que coubessem direito, e só o necessário para uma higiene diária básica e essencial. Era pálida como a lua, e seu cabelo secaria cheio de frizz independentemente do quanto o penteasse. Depois de um momento olhando-se no espelho, decidiu trançá-lo, a melhor forma de tentar mantê-lo domado.

Tinha acabado de dividi-lo em três partes atrás da nuca quando ouviu a voz da Pequena Cress.

– Mana?

Cress ficou paralisada. Viu seu olhar arregalado no espelho.

– Sim?

– Nave da mestra detectada. Chegada esperada em vinte e dois segundos.

– Não, não, não, *hoje não* – sussurrou ela.

Soltando as mechas molhadas do cabelo, ela correu para a sala principal. Pela primeira vez, seus pertences não estavam espalhados pelo chão e por toda parte, porque tinham sido arrumados dentro de uma gaveta em cima da cama. Vestidos, meias e roupas íntimas tinham sido dobrados com capricho ao lado de pentes e prendedores de cabelo e dos pacotes de comida que haviam sobrado da última visita de Sybil. Ela até colocara seu travesseiro e cobertor favoritos na cama.

Tudo evidência de que iria fugir.

– Ah, pelas estrelas.

Ela deu um pulo e pegou a gaveta com as mãos, tirando-a da cama. Pegou o cobertor e o travesseiro e jogou-os em cima da cama, depois arrastou a gaveta pesada até a escrivaninha de onde a tinha tirado.

00:14, 00:13, 00:12, cantarolou a Pequena Cress enquanto ela lutava para colocar a gaveta no lugar. Mas não fechava.

Cress se agachou ao lado da gaveta e olhou os trilhos dos dois lados. Precisou ajeitar a gaveta por mais sete segundos até fechá-la. Suor, ou água do cabelo ainda molhado, pingava em seu pescoço.

Ela puxou uma mecha de cabelo que tinha ficado presa na gaveta e ajeitou depressa a cama, da melhor forma que conseguiu.

– A mestra chegou. Está requisitando uma extensão de haste de pouso.

– Estou chegando – respondeu Cress, correndo na direção da tela de rampa de pouso e digitando o código.

Ela se virou para a sala enquanto a haste se esticava das paredes, a nave de Sybil atracava e o oxigênio enchia o espaço.

A cantora de ópera ainda estava lá, e a mestra ficaria irritada pela perda de tempo de Cress, mas pelo menos não era...

Ela ficou sem ar ao pousar os olhos na tela que se destacava do

resto, junto com uma única mensagem em luz verde sobre um campo preto:

DO USUÁRIO: MECÂNICA. CHEGADA PREVISTA EM 68 MINUTOS.

Ela ouviu os passos de Sybil se aproximando quando disparou pela sala. Fechou a tela na hora em que a porta do satélite assobiou, anunciando sua abertura.

Com o coração na boca, Cress se virou e sorriu.

Da porta, Sybil olhou nos olhos dela. Já estava com uma expressão de raiva, mas Cress achou que seus olhos se apertaram ainda mais naquele momento entre ver Cress e reparar em seu sorriso radiante.

– Mestra! Que surpresa. Acabei de sair do banho. Estava só... ouvindo... ópera. – Ela tentou engolir, mas a boca tinha ficado seca de repente.

Os olhos de Sybil escureceram e ela observou a sala e as telas transmitindo baixinho a cantora de ópera absorta na música. Sybil fez expressão de desprezo.

– Música *terráquea*.

Cress mordeu o lábio inferior. Ela sabia que havia músicos e peças e todo tipo de entretenimento para a corte lunar, mas como raramente gravavam Cress não tinha acesso a nada daquilo. Os lunares em geral não gostavam que sua verdadeira aparência fosse transmitida para que toda a galáxia visse. Preferiam apresentações ao vivo, em que podiam alterar a percepção que a plateia tinha de suas habilidades.

– Todas as telas mudas – murmurou ela, tentando parar de tremer.

Após o silêncio, Sybil entrou e deixou que a porta se fechasse atrás de si.

Cress gesticulou para a caixa de metal familiar que Sybil carregava.

– Acho que não estou precisando de nenhum suprimento, mestra. Já está na hora de outra amostra de sangue? – perguntou, sabendo que não estava.

Sybil colocou a caixa na cama e lançou um olhar de desprezo para os cobertores bagunçados.

– Tenho uma nova tarefa para você, Crescente. Acredito que você tenha reparado que uma de nossas fontes principais do palácio de Nova Pequim foi desabilitada semana passada.

Cress se obrigou a fazer uma expressão natural. Controlada e despreocupada.

– Sim, o gravador do escritório do imperador.

– Sua Majestade a considerava uma das fontes mais lucrativas dentre as que havíamos colocado na Terra. Ela quer outra programada e instalada imediatamente. – Ela abriu a caixa e deixou à mostra uma coleção de chips e aparelhos de gravação. – Como antes, o sinal não pode ser rastreável. Não queremos que atraia a atenção.

Cress assentiu, talvez com entusiasmo demais.

– É claro, mestra. Não vai demorar. Posso terminar até amanhã, tenho certeza. Vai ser disfarçado como luminária, como o anterior?

– Não, arriscamos demais ao fazer lavagem cerebral no zelador da outra vez. Faça de forma que possa ser escondido com mais facilidade. Que possa ser escondido em algum enfeite de parede, talvez. Um dos outros taumaturgos deve, ele mesmo, cuidar da instalação na próxima visita.

A cabeça de Cress ainda estava balançando.

– Sim, sim, claro. Não tem problema.

Sybil fez cara de desprezo. Talvez Cress estivesse sendo agradável demais. Ela parou de assentir, mas era difícil se concentrar com os ponteiros do relógio girando em sua cabeça. Se Cinder e os outros vissem a nave lunar atracada na lateral do satélite, pensariam que Cress os levara a uma armadilha.

Mas a mestra Sybil nunca ficava por muito tempo. Sem dúvida já teria ido embora quando a hora chegasse. Sem dúvida.

– Mais alguma coisa, mestra?

– Você tem alguma coisa a relatar das outras fontes terráqueas?

Cress se esforçou para pensar em qualquer novidade que tivesse ouvido nos últimos dias. Suas habilidades de cyber espionagem iam além de pesquisar e invadir as fontes e bases de dados terráqueos, ou programar equipamento de espionagem para ser instalado estrategicamente em várias casas e escritórios de funcionários do alto escalão. Era também sua responsabilidade monitorar essas fontes e relatar qualquer coisa interessante para Sybil e Sua Majestade.

Era a parte mais voyeurista do trabalho dela, e ela odiava. Mas pelo menos, se Sybil estava perguntando, significava que ela e a rainha não tiveram tempo de monitorar as fontes pessoalmente.

– Todos estão concentrados no casamento – disse Cress. – Falam muito de planejar viagens e de marcar encontros diplomáticos já que tantos representantes estão juntos em Nova Pequim. – Ela hesitou antes de prosseguir: – Muitos terráqueos estão questionando a decisão do imperador Kaito de entrar na aliança e se isso vai sinalizar de verdade ou não o fim dos ataques. A Federação Europeia fez uma compra grande com um fabricante de armas. Parece que estão se preparando para uma guerra. Eu... Eu poderia obter os detalhes específicos dessa compra se você quiser.

– Não perca seu tempo. Nós sabemos do que eles são capazes. Mais alguma coisa?

Cress consultou sua memória. Pensou em contar para a mestra Sybil que um representante do Reino Unido, um certo sr. Bristol, estava tentando fazer uma declaração política ao rejeitar o convite para o casamento real, mas pensou que a decisão dele ainda poderia mudar. Conhecendo Sua Majestade, ela iria querer usar o homem como exemplo, e Cress não queria pensar no que ela faria a ele. E nem à família dele.

– Não, mestra. Isso é tudo.

– E a ciborgue? Algum progresso?

Ela havia contado a mentira tantas vezes que repeti-la já não exigia esforço algum.

– Me desculpe, mestra. Não descobri nada de novo.

– Você acha, Crescente, que a capacidade dela de não ser detectada é resultado de uma técnica similar à que usamos para esconder nossas naves?

Cress tirou o cabelo úmido do pescoço.

– Talvez. Pelo que soube, ela tem talento como mecânica. Suas habilidades talvez incluam desconfiguração de software.

– Se for esse o caso, *você* seria capaz de detectar?

Cress abriu a boca, mas hesitou. Provavelmente sim, mas dizer isso para Sybil seria um erro. Ela questionaria por que Cress não pensou em fazer isso antes.

– A-Acho que não, mestra, mas vou tentar. Vou ver o que consigo encontrar.

– Veja o que consegue. Estou cansada de inventar desculpas por você.

Cress tentou parecer triste, mas seus dedos formigavam de alívio. Sybil sempre dizia alguma variação dessa frase quando estava se preparando para ir embora.

– É claro, mestra. Obrigada por me trazer esse novo trabalho, mestra.

Um apito soou na sala.

Cress se encolheu, mas tentou imediatamente exibir uma expressão de indiferença. Era só outro apito. Só outro alerta nada suspeito de um dos hobbies nada suspeitos de Cress. Sybil não tinha motivo para questionar.

Mas a atenção de Sybil tinha se desviado para a tela negra que despertou com o alerta.

Uma nova mensagem tinha aparecido:

O satélite balançou debaixo de Cress... mas, não, era seu equilíbrio falhando.

– O que é isso? – disse Sybil, aproximando-se da tela.

– É... é um jogo. Estou jogando com o computador.

Sua voz soou aguda. Seu rosto estava esquentando e só esfriava quando o cabelo úmido encostava na bochecha.

Houve um longo silêncio.

Cress tentou fingir indiferença.

– É só um jogo bobo, de imaginar que o computador é uma pessoa real... Você sabe como minha imaginação pode ser quando fico solitária. Às vezes é bom ter uma pessoa com quem conversar, mesmo que não seja...

Sybil agarrou o queixo de Cress e a empurrou contra uma janela com vista para o planeta azul.

– É ela? – sibilou Sybil. – Você andou mentindo para mim?

Cress não conseguiu falar com a língua pesada de pavor, como se estivesse presa por algum glamour. Mas isso não era magia. Era só uma mulher forte e furiosa o bastante para arrancar os braços de Cress do próprio corpo, para quebrar seu crânio na quina da mesa.

– É melhor você nem pensar em mentir para mim, Crescente. Há quanto tempo você se comunica com ela?

Seus lábios tremeram.

– D-Desde ontem – disse ela, meio choramingando. – Eu estava tentando ganhar a confiança dela. Achei que, se me aproximasse o bastante, poderia contar para você e...

Um tapa fez o mundo girar, e Cress caiu no chão. Sua bochecha ardia e seu cérebro demorou um momento até parar de balançar dentro do crânio.

– Você esperava que ela viesse *salvar* você – disse Sybil.

– Não. Não, mestra.

– Depois de tudo o que fiz por você. Salvei sua vida quando seus pais queriam que você fosse assassinada.

– Eu sei, mestra. Eu ia trazê-la para você, mestra. Estava tentando ajudar.

– Até dei permissão para você acessar a rede e assistir aos noticiários terráqueos nojentos, e é assim que você me retribui? – Sybil olhou para a tela, onde a mensagem ainda estava sendo exibida. – Mas pelo menos você finalmente fez uma coisa útil.

Cress tremeu. Seu cérebro começou a se enevoar com a necessidade instintiva de correr, de fugir. Ela se levantou, mas tropeçou no cabelo e deu de cara com a porta fechada. Seus dedos procuraram o teclado e digitaram a sequência. A porta se abriu. Ela não esperou para ver a reação de Sybil.

– Fechar porta!

Cress disparou pelo corredor com os pulmões ardendo. Não conseguia respirar. Estava hiperventilando. Tinha que sair.

Outra porta apareceu na sua frente, com uma tranca idêntica ao lado. Ela quase se chocou com a porta.

– Abrir!

A porta se abriu.

Ela cambaleou para a frente e seu abdômen se chocou contra uma grade. Ela grunhiu com a colisão e se segurou antes de cair por cima da grade, direto no cockpit.

Ofegante, observou com olhos arregalados a pequena nave. Luzes e painéis e telas brilhantes cintilavam ao seu redor. As janelas formavam uma parede de vidro que a separava de um mar de estrelas.

E havia um homem.

O cabelo dele era da cor de palha dourada e seu corpo era forte e amplo dentro do uniforme real. Ele talvez pudesse parecer ameaçador, mas, naquele momento, só parecia perplexo.

Ele se levantou do assento do piloto. Eles se olharam enquanto Cress lutava para encontrar as palavras em meio aos pensamentos

desgovernados.

Sybil não tinha vindo sozinha. Um piloto a trouxera aqui.

Outro ser humano sabia que Cress existia.

Não... outro lunar sabia que Cress existia.

– Me ajude – tentou sussurrar, ofegando no esforço de formar as palavras. – Por favor. Por favor, me ajude.

Ele fechou a boca. As mãos de Cress tremeram na grade.

– Por favor?

A voz dela falhou.

O homem flexionou os dedos e ela pensou (será que foi só imaginação?) que os olhos dele pareceram ficar mais suaves. Mais solidários.

Ou calculistas.

Ele moveu a mão na direção dos controles. O comando para fechar a porta? Para desatracar a nave do satélite? Para tirá-la daquela prisão?

– Você a matou, por acaso? – perguntou ele.

As palavras pareciam vir de uma língua completamente diferente. Ele as disse sem emoção, como uma simples pergunta. Esperando uma resposta simples.

Matou? *Matou?*

Antes que ela pudesse formar uma resposta, os olhos do guarda se deslocaram para trás dela.

Sybil segurou um punhado do cabelo de Cress e puxou-a para trás pelo corredor. Cress gritou e caiu no chão.

– Jacin, logo teremos companhia – falou Sybil, ignorando o choro de Cress. – Separe-se deste satélite, mas fique perto o bastante para ter uma boa visão sem atrair desconfiança. Quando uma nave terráquea se aproximar, uma nave de passeio provavelmente será liberada. Espere até que o piloto tenha entrado a bordo deste satélite e atraque-se nele usando a entrada oposta. Vou garantir que a haste já esteja estendida.

Cress tremeu, e palavras sem sentindo saíam de sua boca em

súplicas inúteis.

A solidariedade e a perplexidade do homem tinham sumido, desaparecido, como se nunca tivessem estado presentes. Talvez nunca tivessem mesmo.

Ele fez que sim com a cabeça. Sem perguntas. Sem intenção de desobedecer.

Embora Cress estivesse chutando e gritando, Sybil arrastou-a de volta à sala principal do satélite e jogou-a no chão como um saco de partes quebradas de androide.

A porta se fechou atrás delas e separou-as da saída, da liberdade, com um estalo familiar.

Ela jamais seria livre. Sybil a mataria, assim como mataria Linh Cinder e Carswell Thorne.

Quando Cress puxou o cabelo emaranhado para trás, um soluço a fez tremer até os ossos.

Sybil estava sorrindo.

– Imagino que eu deva agradecer a você. Linh Cinder virá até mim, e nossa rainha vai ficar tão satisfeita. – Inclinando-se, Sybil segurou o queixo de Cress como se sua mão fosse uma garra. – Infelizmente, acho que você não vai sobreviver o bastante para receber sua recompensa.

CAPÍTULO

Doze

CINDER GEMEU, O IMPACTO DA QUEDA MAIS RECENTE AINDA reverberando pela coluna. O teto do compartimento de carga girava e tremia em sua visão.

– Isso foi necessário?

Lobo e Scarlet apareceram acima dela.

– Me desculpe – disse Lobo. – Achei que você estivesse no controle. Você está bem?

– Frustrada e dolorida, mas, sim, estou bem. – Ela se obrigou a aceitar a mão esticada de Lobo. Ele e Scarlet a ajudaram a ficar de pé. – Você está certo. Eu perdi a concentração. Senti sua energia se soltar do meu controle como um elástico. – Isso foi momentos antes de Lobo completar a manobra que ela conseguira segurar por seis segundos inteiros, agarrando o braço dela e jogando-a por cima do ombro. Ela massageou o quadril. – Preciso de um momento.

– Talvez você deva parar por hoje – disse Scarlet. – Estamos quase chegando ao satélite.

Iko se manifestou.

– O tempo estimado de chegada é de nove minutos e trinta e quatro segundos. Em minha estimativa, é tempo suficiente para Cinder ser derrotada e humilhada em mais sete lutas.

Cinder olhou com raiva para o teto.

– Tempo suficiente também para desligar seu mecanismo de áudio.

– Como temos alguns minutos – falou Scarlet –, talvez devêssemos falar sobre como lidar com essa garota. Se ela está presa em um satélite há sete anos, sem ninguém com quem conversar além de uma taumaturga lunar, ela pode ser... socialmente deslocada. Acho que deveríamos todos fazer um

esforço adicional para darmos boas-vindas e apoio e... para tentarmos não apavorá-la.

Uma gargalhada soou no cockpit, e Thorne apareceu à porta, prendendo um coldre na cintura.

– Você está pedindo que a fugitiva ciborgue e o animal selvagem sejam um comitê de boas-vindas? Que adorável.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– Estou dizendo que deveríamos estar cientes do que ela passou e tentar ser sensíveis a isso. Pode não ser uma transição fácil para ela.

Thorne deu de ombros.

– A Rampion vai ser como um hotel cinco estrelas depois de morar em um satélite. Ela vai se ajustar.

– Vou ser legal com ela! – disse Iko. – Posso ajudá-la a fazer compras pela rede, e ela pode me ajudar a escolher meu futuro guarda-roupa de marca. Olhem, encontrei essa loja de acompanhantes com os melhores acessórios e alguns modelos com desconto. O que vocês achariam se eu tivesse cabelo laranja?

A tela na parede se acendeu e mostrou uma lista de androides acompanhantes à venda. A imagem de um modelo girava lentamente, mostrando as proporções perfeitas da androide, a pele de pêssago e a postura aprovada pela realeza. Ela tinha íris roxas, cabelo cor de tangerina e uma tatuagem de um carrossel antiquado girando no tornozelo.

Cinder fechou um dos olhos.

– Iko, o que isso tem a ver com a garota do satélite?

– Eu ia chegar nisso. – A tela exibiu um menu e parou em acessórios de cabelo, e dezenas de ícones amontoados mostrando de tudo, desde perucas com dreadlocks até arcos com orelha de gatinho e fivelas cobertas de pedras. – Pense em quanto potencial ela tem com um cabelo daqueles!

– Está vendo? – disse Thorne, cutucando Scarlet no ombro. – Iko e a garota do satélite, prisioneira e socialmente deslocada, vão ser

melhores amigas para sempre. O que *me* preocupa é como vamos dividir o dinheiro da recompensa quando isso tudo acabar. Porque esta nave está ficando cheia demais, e não sei se fico feliz com vocês todos se metendo nos meus lucros.

– Que dinheiro da recompensa? – perguntou Scarlet.

– A recompensa que Cinder vai nos pagar com o tesouro lunar quando for rainha.

Cinder revirou os olhos.

– Eu devia ter adivinhado.

– E isso é só o começo. No final desta aventura, o mundo vai nos ver como heróis. Imaginem a fama e a fortuna, as oportunidades de patrocínio, as propostas de marketing, os direitos de dramatização na rede. Acho que deveríamos discutir a divisão do lucro logo, porque estou considerando uma divisão de 60-10-10-10-10 agora.

– O quarto dez por cento é meu? – perguntou Iko. – Ou é para a garota do satélite? Porque, se for para a garota do satélite, vou entrar em greve.

– Podemos discutir o dinheiro imaginário depois? – disse Cinder.

– Talvez quando houver dinheiro de verdade sobre o qual discutir? – sugeriu Scarlet. – Além do mais, você não tem que preparar a nave de passeio?

– *Oui, mademoiselle.*

Com uma reverência, Thorne pegou uma arma de uma caixa e a colocou no coldre.

Scarlet inclinou a cabeça.

– Tem certeza de que não quer que eu vá? Vai ser necessária uma manobra bastante precisa para se prender à haste de pouso, e pelo que Cinder me falou sobre suas capacidades de voo...

– O que você quer dizer? O que Cinder disse sobre minhas capacidades de voo?

Scarlet e Cinder se olharam.

– Naturalmente, ela me contou que você é um piloto fantástico – disse Scarlet, pegando o moletom vermelho que estava sobre uma

caixa. Embora tivesse sido rasgado em Paris, ela o costurou da melhor forma que conseguiu. – O melhor dos melhores.

– Acho que ela estava treinando sarcasmo – comentou Iko.

Thorne fez expressão de irritação, mas Cinder deu de ombros.

– Só estou dizendo que pode não ser um atracamento fácil – prosseguiu Scarlet, enfiando os braços pelas mangas. – Você tem que parar devagar, e só pode sair da nave quando tiver certeza de que o sistema do satélite é compatível e que está bem preso.

– Pode deixar comigo – disse Thorne. Piscando, esticou a mão e deu um beliscão no nariz de Scarlet, ignorando a irritação de Lobo atrás dela. – Mas é fofo de sua parte estar tão preocupada comigo.



A HASTE DE POUSO SE PRENDEU NA SEGUNDA TENTATIVA DE THORNE, o que ele achou ótimo para alguém que nunca havia se atracado a um satélite. Ele torcia para que Scarlet estivesse vendo depois de ter duvidado tão abertamente da capacidade dele. E verificou a firmeza do atracamento antes de colocar a nave em stand-by e soltar o cinto. Pela janela, via a parte curva do satélite e uma das hélices circulares girando preguiçosamente acima, impulsionando o satélite pelo espaço. Ele via apenas a beirada da haste de pouso pela janela da nave, mas pareceu bem presa, e seus instrumentos diziam que os níveis de pressão e oxigênio tornavam a saída da nave segura.

Ele folgou o colarinho da camisa. Não era um homem paranoico por natureza, mas lidar com lunares o deixava mais hesitante do que estava acostumado, mesmo sendo lunares jovens e meio bonitinhas, que deviam estar loucas depois de anos de solidão.

Thorne destrancou a porta da nave e abriu-a, deixando à mostra dois degraus que levavam a uma rampa com corrimão e, atrás dela, um corredor estreito. Seus ouvidos estalaram com a mudança de pressão. A entrada para o satélite principal ainda estava fechada,

mas, quando se aproximou, ouviu um chiado e as portas se abriram, deslizando para dentro das paredes.

Ele reconheceu a sala pela ligação do chip D-COMM: dezenas de telas planas e limpas, alguns armários superiores, uma cama bagunçada com cobertores velhos, uma luz branco-azulada vindo das luzes embutidas. Uma porta à esquerda levava ao que ele supunha ser o banheiro, e, logo em frente, havia uma porta para a segunda haste de pouso.

A garota estava sentada na beirada da cama, com as mãos no colo e o cabelo caindo sobre os ombros e terminando em um amontoado cheio de nós nos tornozelos.

Ela estava sorrindo, com os lábios apertados e uma expressão educada que contrastava com a reação nervosa que tivera durante a conversa anterior.

Mas o sorriso hesitou quando o viu.

– Ah, é você – disse ela, inclinando a cabeça para o lado. – Eu estava esperando a ciborgue.

– Não precisa ficar tão decepcionada. – Thorne colocou as mãos no bolso. – Cinder sabe consertar naves, mas é inútil na hora de pilotar. Serei seu acompanhante hoje. Capitão Carswell Thorne, a seu dispor.

Ele acenou com a cabeça para ela.

Em vez de parecer tonta ou piscar os olhinhos, como era esperado dela, a garota afastou o olhar e se concentrou em uma das telas.

Tossindo, Thorne se balançou nos calcanhares. Ele esperava que uma garota que não tinha quase nenhuma interação humana fosse bem mais fácil de impressionar.

– Está de malas prontas? Não queremos ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Ela olhou-o com expressão leve de irritação.

– Não importa – murmurou ela para si mesma. – Jacin e eu iremos buscá-la, então.

Thorne franziu a testa, sentindo uma pontada de arrependimento pelo deboche anterior, mesmo sendo apenas em sua cabeça. E se a solidão de fato a tivesse deixado maluca?

– Jacin?

Ela ficou de pé e seu cabelo se enroscando ao redor dos tornozelos. Ele não conseguira determinar a altura dela antes, mas, ao ver que não podia passar de um metro e meio, ficou bem mais tranquilo. Louca ou não, ela era inofensiva.

Provavelmente.

– Jacin, meu guarda.

– Certo. Bem, por que você não convida seu amigo Jacin para se juntar a nós a fim de podermos ir logo?

– Ah, acho que você não vai muito longe.

Ela deu um passo na direção dele e, naquele movimento, mudou. O cabelo ficou escuro e sedoso como a asa de um corvo. Os olhos mudaram de azul céu para cinza, a pele clara ficou dourada e o corpo se esticou para cima, deixando-a mais alta e graciosa. Até as roupas mudaram, de um vestido simples e gasto para um casaco branco com mangas compridas.

Thorne não demorou para esconder a surpresa.

Uma taumaturga. Fazia sentido.

Por não ser do tipo que se permite mergulhar em negação, ele aceitou a resignação imediata com um enrijecer de ombros. Era uma armadilha, então. A garota foi a isca, ou talvez fosse parte disso o tempo todo. Engraçado, ele costumava ter instintos melhores nessas situações.

Ele lançou outro olhar pela sala, mas não havia sinal da garota.

Uma coisa estalou na segunda haste de pouso, fazendo o satélite tremer. *Esperança*. Sua tripulação devia ter reparado que alguma coisa estava errada. Deviam ser eles, a bordo da segunda nave.

Ele usou seu sorriso mais treinado e mais encantador e esticou a mão até a arma. Sentiu até uma pontada de orgulho quando a tirou do coldre, antes que seu braço ficasse paralisado sozinho.

Thorne deu de ombros com o ombro livre.

– Você não pode me culpar por tentar.

A taumaturga deu um sorrisinho debochado, e os dedos de Thorne se afrouxaram. A arma caiu no chão.

– *Capitão* Carswell Thorne, é?

– Isso mesmo.

– Infelizmente, você não vai ter direito a esse título por muito tempo. Vou enviar sua Rampion para a rainha.

– Lamento ouvir isso.

– Além do mais, suponho que esteja ciente de que ajudar uma fugitiva como Linh Cinder é crime punível com morte em Luna. Sua sentença será executada imediatamente.

– Eficiência. Respeito isso.

A segunda porta de entrada se abriu atrás dela. Thorne tentou enviar avisos mentais aos companheiros: era uma armadilha! Que se preparassem!

Mas não era Cinder nem Scarlet nem Lobo de pé na segunda entrada, mas um soldado lunar. A esperança de Thorne começou a murchar.

– Jacin, vamos entrar a bordo da Rampion usando a nave deles.

– Aah, *you* é Jacin – disse Thorne. – Achei que ela tivesse inventado.

Eles o ignoraram, mas o soldado estava acostumado com isso.

– Vá cuidar para que esteja pronta para partir assim que eu tiver terminado aqui.

O guarda inclinou a cabeça num gesto respeitoso e foi obedecer à ordem dela.

– Cuidado – avisou Thorne. – Não foi um atracamento fácil. Exigiu manobras muito precisas. Na verdade, você quer que eu solte a nave para você? Só para ter certeza de que vai dar tudo certo?

O guarda olhou-o com arrogância ao passar, seu olhar nada vazio, como aparentara antes. Mas não respondeu ao sair pelo

corredor em direção à nave de Thorne.

A taumaturga pegou um cobertor da cama e o jogou para Thorne. Ele o teria pegado por reflexo, mas não foi necessário: suas mãos fizeram todo o trabalho sem ele. Em pouco tempo, viu-se enrolando o cobertor nos pulsos e dando nós complicados, seguido de um puxão final com os dentes para prender bem.

– Espero ansiosamente voltar à Luna a bordo de sua nave e espalhar a boa notícia de que Linh Cinder não é mais ameaça à nossa coroa.

As sobancelhas dele tremeram.

– Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar a causa benevolente de Sua Majestade.

A taumaturga foi até uma tela ao lado da haste e digitou um comando, um código de segurança seguido de uma série complicada de instruções.

– Primeiro, eu considerei desligar os aparelhos vitais e deixar que você e Crescente ficassem tentando respirar enquanto o oxigênio ia acabando. Mas isso poderia demorar demais, e eu detestaria dar a vocês uma oportunidade de se libertarem e pedirem ajuda. Portanto, serei misericordiosa. – Ao terminar, ela ajustou as mangas compridas. – Pense que tem sorte porque vai ser rápido.

– Eu sempre me considereei sortudo.

O olhar dela ficou duro como aço, e Thorne se viu andando na direção da porta aberta que levava ao banheiro. Quando se aproximou, viu a garota amarrada com um lençol ao redor das mãos, dos joelhos e dos tornozelos, e um pedaço de tecido como mordaca sobre a boca. Restos de lágrimas manchavam seu rosto inchado. Seu cabelo era um emaranhado cheio de nós no chão ao redor, muitas mechas estavam presas nas amarras.

As entranhas de Thorne deram um nó. Ele tinha certeza de que ela os havia traído, mas o corpo trêmulo e a expressão horrorizada diziam o contrário.

Os joelhos dele cederam, e ele caiu no chão com um gemido. A garota tremeu.

Inspirando intensamente, Thorne olhou com raiva para a taumaturga.

– Isso tudo é necessário? Você está assustando a pobre garota.

– Crescente não tem motivo para ficar aborrecida. Foi a traição dela que nos trouxe a este momento.

– Certo. A garota de um metro e meio, amarrada e amordaçada no banheiro, é sempre a culpada.

– Além do mais – prosseguiu a taumaturga, como se ele não tivesse falado –, estou concedendo a Cress seu maior desejo. Vou mandá-la para a Terra. – Ela ergueu um chip metálico cintilante, idêntico ao D-COMM que Cinder carregava. – Tenho certeza de que Crescente não vai se importar de eu ficar com isso. Afinal, é propriedade de Sua Majestade.

As mangas compridas balançaram enquanto ela saía. Thorne ouviu o barulho dos saltos estalando na haste de pouso, e as portas se fecharam atrás dela. O som do motor da nave estava abafado, mas ele sentiu o sacolejar quando a nave se soltou.

Foi nesse momento que sentiu a primeira pontada de impotência.

Ela levou sua nave.

Aquela bruxa levou sua nave.

Mas a Rampion tinha outra nave. Sua tripulação ainda poderia ir buscá-los. *Iria* buscá-los.

De repente, ele sentiu uma coisa nova, uma força leve, um movimento suave, e a garota choramingou.

A trajetória do satélite tinha sido alterada. A gravidade estava agindo sobre eles, atraindo-os para fora de órbita.

O satélite estava caindo na direção da Terra.

CAPÍTULO

Dez

– ELE ATRACOU – DISSE SCARLET, OBSERVANDO A NAVE DE THORNE pela janela do cockpit. – Não foi tão constrangedor.

Cinder se apoiou na moldura da porta.

– Espero que ele seja rápido. Não temos como saber se a garota está sendo monitorada.

– Você não confia nela? – perguntou Lobo.

– Não confio na pessoa para quem ela trabalha.

– Esperem. Aquilo é outra nave? – Scarlet deu um pulo para a frente e acionou uma busca de radar na tela ao lado. – Nossos aparelhos não estão vendo.

Lobo e Cinder se juntaram atrás dela e olharam para a nave, só um pouco maior do que a de Thorne, que se aproximava do satélite. O coração de Cinder disparou.

– Luna.

– Só pode ser – disse Scarlet. – Se estão bloqueando os sinais...

– Não, olhe. A insígnia.

Lobo falou um palavrão.

– É uma nave real. Provavelmente um taumaturgo.

– Ela nos traiu – murmurou Cinder, balançando a cabeça sem acreditar. – Não acredito.

– Fugimos? – perguntou Scarlet.

– E abandonar Thorne?

Na janela, a nave lunar atracou na segunda haste do satélite. Cinder passou os dedos pelo cabelo, os pensamentos disparados na mente.

– Mande uma mensagem. Estabeleça uma ligação pelo D-COMM. Precisamos saber o que está acontecendo...

– Não – retrucou Lobo. – É possível que não saibam que estamos

aqui. Talvez ela não nos tenha traído. Se não captaram nossa nave no radar, ainda há uma chance de não nos terem visto.

– Eles saberiam que a nave de Thorne veio de algum lugar!

– Talvez ele consiga sair – opinou Iko, mas sem o entusiasmo de sempre na voz.

– Contra um taumaturgo? Você viu o quanto isso deu certo em Paris.

– O que fazemos então? – perguntou Scarlet. – Não podemos mandar mensagem, não podemos atracar...

– Devíamos fugir – sugeriu Lobo. – Virão atrás de nós depois.

Os dois olharam para Cinder, e, com um susto, ela percebeu que eles esperavam que assumisse o comando. Mas não era uma decisão simples. Thorne estava lá. Ele caiu direitinho na armadilha, e fora ideia de Cinder. Ela não podia abandoná-lo.

Suas mãos começaram a tremer apertando a cadeira. Cada segundo de indecisão era tempo desperdiçado.

– Cinder. – Scarlet colocou a mão no braço dela. Isso só a fez apertar a cadeira com mais força. – Temos que...

– Fugir. Temos que fugir.

Scarlet assentiu. Ela se virou para os controles.

– Iko, prepare propulsores para...

– Esperem – disse Lobo. – Olhem.

Pela janela do cockpit eles viram uma nave se desconectando do satélite. A nave de Thorne.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko.

Cinder sussurrou.

– A nave de Thorne está voltando. Mande uma mensagem.

Scarlet ativou a tela de mensagens.

– Thorne, reporte-se. O que aconteceu lá?

A tela só respondeu com estática.

Cinder mordeu o lábio. Depois de um momento, a estática foi substituída por uma simples mensagem de texto:

Cinder releu a mensagem até as palavras se misturarem em sua visão.

– É uma armadilha – disse Lobo.

– Pode não ser – respondeu ela.

– Mas é.

– Não temos certeza! Ele é habilidoso.

– Cinder...

– Ele poderia ter sobrevivido.

– Ou é uma armadilha – murmurou Scarlet.

– Cinder – interrompeu Iko com voz aguda. – O que devo fazer?

Ela engoliu em seco e se levantou da cadeira.

– Abra a porta. Vocês dois, fiquem aqui.

– De jeito nenhum.

Lobo a acompanhou. Ela notou que ele estava em postura de luta, com os ombros quase na altura das orelhas, as mãos fechadas, o passo rápido e determinado.

– Lobo. – Cinder pressionou o punho de titânio contra o esterno dele. – Fique aqui. Se houver um taumaturgo naquela nave, Iko e eu somos as únicas que não podem ser controladas.

Scarlet se agarrou ao cotovelo dele.

– Ela está certa. Sua presença poderia causar mais dano do que fazer algo de bom.

Cinder não esperou que Scarlet o convencesse. Já estava na metade da escada que descia para o nível inferior da nave. No corredor, entre a doca de pouso da nave de passeio e a sala de máquinas, ela parou para escutar. Ouviu o fechamento sólido da porta e o sistema bombeando oxigênio para o espaço.

– A doca está fechada – disse Iko. – O sistema vital está estável. Entrada segura.

O display da retina de Cinder estava em pânico, como costumava acontecer quando ela estava nervosa ou com medo.

Diagnósticos em vermelho surgiram no canto da visão em uma série de avisos: PRESSÃO SANGUÍNEA ALTA DEMAIS; BATIMENTOS CARDÍACOS RÁPIDOS DEMAIS; SISTEMAS MUITO AQUECIDOS, INICIANDO REAÇÃO DE AUTORRESFRIAMENTO.

– Iko, o que você vê lá dentro?

– Vejo que precisamos instalar umas câmeras de verdade nesta nave – respondeu ela. – Meus sensores confirmam que a nave atracou. Detecto duas formas de vida dentro, mas não parece que alguém já tenha saído da nave.

Talvez eles estivessem feridos demais para sair da nave.

Ou talvez fosse um taumaturgo que não queria sair da nave, onde ainda havia uma chance de poderem reabrir a porta da doca e fazer com que tudo lá dentro fosse sugado para o espaço.

Cinder abriu a ponta do indicador esquerdo e carregou um dardo. Embora tivesse usado todos os tranquilizantes na luta de Paris, ela havia manufaturado algumas armas, projéteis feitos de pregos soldados.

– Acabamos de receber outra mensagem de texto da nave – disse Iko. – Ela diz “Nos ajudem”.

Tudo dentro da cabeça de Cinder gritava *armadilha. Armadilha. Armadilha.*

Mas se fosse Thorne... se Thorne estivesse dentro daquela nave, ferido ou morrendo...

Ela limpou a mente, esticou a mão e digitou o código de acesso à área de pouso, depois desceu a alavanca manual. O mecanismo de destravamento estalou, e Cinder ergueu a mão esquerda como se fosse uma arma.

A nave de Thorne estava entre a segunda nave e uma parede de fios e maquinários presos ao painel grosso; eram ferramentas para prender e soltar cargas, equipamento de abastecimento, macacos, compressores a ar, bobinas pneumáticas.

Ela se aproximou aos poucos.

– Thorne? – disse, inclinando a cabeça.

Ela viu um amontoado de tecido no assento do piloto, um corpo inclinado.

Tremendo, abriu a porta antes de dar alguns passos para trás e apontar a arma para o corpo. A camisa estava encharcada de sangue.

– Thorne!

Ela baixou e esticou a mão, puxando-o para si.

– O que aconteceu...?

Uma luz laranja se acendeu no canto de sua visão, o dispositivo óptico biônico lembrando-a de que seus olhos eram uma fraqueza.

Ofegante, ela levantou a mão de novo, na mesma hora em que ele pulou. Uma das mãos envolveu o pulso dela, a outra, o pescoço, com movimentos tão rápidos que fizeram Cinder cair no chão. Por um momento, Thorne estava em cima dela, os olhos azuis surpreendentemente calmos enquanto a prendia no chão.

E então ele se transformou. O olhar ficou frio e cristalino, o cabelo tornou-se mais comprido e mais claro e as roupas se transformaram no uniforme vermelho e cinza da guarda real lunar.

Os instintos dela pareceram reconhecê-lo antes mesmo dos olhos, tremendo com ódio violento. Ele não era um guarda lunar qualquer. Era o guarda que a segurara durante o baile, enquanto Levana a ridicularizava e ameaçava Kai, ameaçava *todo mundo*.

Mas ele não era...?

Uma risada trêmula se espalhou no ar. Cinder apertou os olhos contra a luz intensa quando uma mulher saiu da nave.

Certo. O guarda pessoal da taumaturga-chefe Sybil Mira.

– Eu esperava mais da criminosa mais procurada da galáxia – comentou ela, vendo Cinder pressionar o queixo do guarda com a mão livre, lutando para empurrá-lo. A taumaturga sorriu, parecendo um gato faminto com um brinquedo novo. Estrelas começaram a manchar a visão de Cinder. – Devo matar você aqui ou entregá-la acorrentada para minha rai...

Ela parou e seus olhos cinzentos se desviaram para a porta. Um rugido gutural foi seguido de Lobo se jogando contra a taumaturga e prendendo-a contra a nave.

O guarda afrouxou as mãos, seu rosto indeciso olhando para a mestra. Cinder bateu com o punho no maxilar dele. Sentiu a batida e ele recuou, voltando sua atenção para ela.

Cinder dobrou os joelhos para ganhar apoio e o empurrou para longe. Ficou de pé na mesma hora em que Lobo segurou a taumaturga e a empurrou para trás. Ele encolheu os lábios, deixando as presas implantadas à mostra.

O guarda levou a mão ao coldre, o que chamou a atenção de Cinder. Ele puxou a arma. Cinder ergueu a mão.

Dois disparos soaram em uníssono.

Lobo uivou de dor quando a bala do guarda afundou na sua clavícula.

O guarda grunhiu quando o projétil de Cinder acertou o lado de seu corpo.

Cinder virou-se, procurando mirar no coração da taumaturga, mas Lobo estava entre elas, uma mancha escura de sangue se espalhando na camisa.

O rosto de Sybil estava desfigurado de fúria quando ela colocou a mão no peito de Lobo e rosnou:

– Muito bem. Vamos fazer você lembrar quem realmente é.

Lobo fechou o maxilar. Um rosnado baixo subiu pela garganta dele. Virou-se para Cinder, sua expressão se enchendo de sede de sangue.

– Ah, pelas estrelas – murmurou ela, recuando até encostar na segunda nave.

Ela manteve a mão firme, mas não tinha esperança de acertar Sybil com Lobo no caminho, principalmente porque ele estava sob o controle da taumaturga. Engolindo em seco, ela o procurou com a mente, querendo encontrar as ondas familiares da energia de Lobo, sua assinatura pessoal de bioeletricidade, mas só encontrou

uma coisa brutal e selvagem envolvendo-o.

Lobo pulou para cima dela.

Cinder mudou o alvo e procurou o guarda mentalmente.

Pareceu natural o meio segundo que precisou para tomar a força de vontade dele e obrigá-lo a agir. Em um piscar de olhos, o guarda entrou entre os dois. Ergueu a arma, mas foi lento demais e Lobo o empurrou para longe, deslizando entre o trem de pouso da nave. A arma bateu na fileira de armários.

Cinder contornou o nariz da nave. Eles fizeram contato visual por cima da nave e Lobo hesitou, os dentes à mostra. Os avisos internos de Cinder surgiam tão rápido que se misturavam, indicando disparos nos batimentos e um aumento prejudicial de adrenalina. Cinder os ignorou e se concentrou em manter a nave entre ela e Lobo enquanto ele andava de um lado para outro.

Mas, de repente, o corpo dele todo se contraiu. Lobo se virou e correu na direção de Sybil quando outro tiro ecoou pela doca. Lobo se jogou na frente da taumaturga e foi baleado no peito.

Scarlet gritou da porta, segurando uma arma nas mãos trêmulas.

Ofegante, Cinder procurou uma arma, um plano. A taumaturga estava encurralada em um canto com Lobo funcionando de escudo. O guarda lunar estava encolhido debaixo da nave mais próxima, e ela torcia para que ele estivesse inconsciente. Scarlet baixou a arma. A taumaturga não teria dificuldade em controlá-la.

Só que a taumaturga estava com uma expressão de dúvida e de dor no rosto. Uma veia latejava em sua testa enquanto ela se escondia atrás de Lobo.

Cinder percebeu com certo choque que era quase tão difícil para Sybil controlar Lobo quanto para ela, que não era capaz de dominar mais ninguém enquanto estivesse com ele, e, assim que o libertasse, Lobo se viraria contra ela e a batalha estaria acabada.

A não ser que...

A não ser que ela matasse Lobo e o excluísse da equação.

Com o sangue pingando dos dois ferimentos a bala que ele levou,

Cinder se perguntou quanto tempo isso demoraria.

– Lobo! – A voz de Scarlet tremeu.

A arma continuava apontada para Sybil, mas Lobo ainda estava entre eles.

Outro disparo fez Cinder pular, e o barulho ricocheteou nas paredes. Sybil deu um grito de dor.

O guarda, que não estava inconsciente, afinal, segurava a arma que tinha caído. E atirou *na taumaturga*.

Sybil resmungou, as narinas se dilatando ao cair de joelhos e a mão apertando a coxa, já coberta de sangue.

O guarda estava ajoelhado, segurando a arma. Cinder não via o rosto dele, mas ele pareceu tenso quando falou:

– Ela está me controlando. O ciborgue...

O detector de mentiras de Cinder piscou desnecessariamente. Ela não estava fazendo isso, embora tivesse pensado nisso antes...

Sybil empurrou Lobo na direção do guarda. A energia no aposento oscilou, com ondas de bioeletricidade fumegando e tremendo ao redor deles. Sybil interrompeu o controle sobre Lobo. O tiro a tinha enfraquecido e ela não conseguia mais controlá-lo.

Lobo tombou em cima do guarda, e os dois caíram no chão. O guarda tentou se segurar sem soltar a arma e empurrando Lobo. Pálido e tremendo, Lobo nem se defendeu. O sangue formava uma poça ao redor dele e deixava o chão escorregadio.

– LOBO!

Scarlet levantou a arma na direção da taumaturga de novo, mas Sybil já tinha se erguido e estava mancando para trás da nave mais próxima.

Cinder se lançou para cima de Lobo, pegou-o debaixo dos braços e puxou-o para longe do guarda. Ele mexeu as pernas e seus calcanhares escorregaram no sangue, mas não ofereceu nenhuma outra ajuda.

O guarda se agachou, ofegante e coberto de sangue, o lado do corpo sangrando pelo disparo de Cinder. Ele ainda estava com a

arma.

Quando Cinder olhou para ele, viu a escolha.

Tomar controle do guarda antes de ele levantar a arma e matá-la.

Ou tomar controle de Lobo e dar-lhe a força de que ele precisava para sair do local antes de sangrar até morrer.

O guarda sustentou o olhar dela por um momento, depois se levantou e correu para sua mestra.

Cinder não esperou para ver se ele ia matá-la ou protegê-la.

Apertando os punhos, ela bloqueou tudo ao redor e se concentrou apenas em Lobo e na bioeletricidade que fervia ao redor dele. Estava fraco. Isso não era como tentar controlá-lo nas brigas fingidas. Ela percebeu que sua vontade se misturava facilmente com a dele e, apesar de o corpo dele protestar, o fez contrair os músculos das pernas. Só o bastante para aliviar o peso de cima dela. Só o bastante para ela carregá-lo, mancando, até o corredor.

Ela deixou Lobo encostado na parede. As palmas das mãos estavam grudadas de sangue.

– O que está acontecendo? – perguntou Iko pelos alto-falantes.

– Mantenha seu sensor neste corredor – disse Cinder. – Quando nós três estivermos em segurança fora da área da doca, feche a porta e abra a comporta.

Com gotas de suor pingando nos olhos, ela voltou para a doca. Só precisava pegar Scarlet e deixar que Iko abrisse a comporta. O vácuo do espaço cuidaria do resto.

Ela viu a taumaturga primeiro. Menos de dez passos à frente. Não havia obstáculos.

Com os nervos vibrando de adrenalina, ela levantou a mão e preparou um projétil. Mirou.

Scarlet pulou na frente dela, os braços bem abertos. Sua expressão estava vazia e a mente se encontrava sob o controle da taumaturga.

Cinder quase perdeu toda a sua energia de tanto alívio. Mas, sem hesitar, pegou Scarlet pela cintura com um dos braços e levantou o outro para disparar uma saraivada de projéteis na direção da taumaturga, mais para mantê-la longe do que com esperança de causar algum dano verdadeiro. O último dos pregos soldados bateu na parede de metal quando Cinder cambaleou para trás e caiu no corredor.

Ela notou a luz laranja no visor na mesma hora em que gritou:

– Iko, agora!

Quando a porta do corredor se fechou, ela viu Sybil correndo na direção da nave mais próxima e teve um vislumbre de pés do outro lado da nave.

Os pés do guarda.

Mas...

Mas...

De calça jeans e tênis?

Cinder empurrou o corpo de Scarlet para o lado com um grito.

O glamour sumiu, junto com a luz laranja em sua visão. O moletom vermelho de Scarlet tremeu, transformando-se em um uniforme lunar. O guarda grunhiu e rolou para o lado. Estava sangrando pelo ferimento no lado do corpo.

Ela havia agarrado o *guarda*. Sybil a enganou. O que queria dizer...

– Não... Scarlet! Iko!

Ela se jogou no painel de controle e digitou o código para abrir a porta, mas um erro piscou para ela. Do outro lado, a comporta estava se abrindo. Um grito ecoou pelo corredor, e Cinder quase não percebeu que era dela.

– Cinder! O que está acontecendo? O que...?

– Scarlet está lá... Ela...

Ela fincou as unhas com força na borracha que selava a porta, sem conseguir afastar a imagem de Scarlet sendo sugada para o espaço.

– Cinder, a nave! – disse Iko. – Ela está pegando a nave. Tem duas

formas de vida a bordo.

– *O quê?*

Cinder olhou para o painel. E, como Iko dissera, os escâneres do aposento indicavam que só havia uma nave atracada.

A taumaturga sobrevivera e estava levando Scarlet junto.

– **ELA ESTÁ COM SCARLET – AVISOU CINDER. – RÁPIDO, FECHÉ A comporta!** Vou pegar a outra nave, vou atrás delas...

As palavras sumiram quando seu cérebro se deu conta.

Ela não sabia pilotar uma nave.

Mas poderia aprender. Poderia fazer o download de instruções e poderia... teria que...

– Seu amigo está morrendo.

Ela se virou. Tinha se esquecido do guarda lunar.

Ele estava com a mão pressionando o lado do corpo, onde o projétil de Cinder ainda se encontrava enfiado, mas sua atenção se voltava para Lobo.

Lobo, que estava inconsciente e cercado de sangue.

– Ah, não. Ah, não.

Ela ejetou a faca no dedo e começou a cortar o tecido molhado de sangue ao redor dos ferimentos de Lobo.

– Thorne. Precisamos pegar Thorne. Depois, podemos ir atrás de Scarlet, e eu... eu vou fazer um curativo em Lobo e...

Ela olhou para o guarda.

– Camisa – disse, com firmeza, embora a ordem fosse mais para concentrar seus pensamentos.

Em segundos, as mãos do guarda obedeciam a sua ordem, retiravam o coldre vazio e puxavam a camisa suja de sangue pela cabeça. Ela ficou feliz ao ver uma camiseta de baixo; tinha a sensação de que precisaria de qualquer “atadura” que encontrasse para estancar o sangramento de Lobo. Em algum momento, teriam que levá-lo para a enfermaria, mas ela não tinha como removê-lo nessas condições, especialmente escada acima.

Ela tentou ignorar o pensamento insistente de que isso não seria

o bastante. De que nem as ataduras na enfermaria seriam o bastante.

Ela pegou a camisa do guarda e a apertou sobre o peito de Lobo. Pelo menos essa bala não tinha atingido o coração. E esperava que a outra também não tivesse atingido nada vital.

Seus pensamentos estavam confusos, repetindo-se sem parar na cabeça. Eles tinham que ir buscar Thorne. Tinham que ir atrás de Scarlet. Tinham que salvar Lobo.

Ela não podia fazer tudo isso.

Ela não podia fazer nada disso.

– Thorne... – Sua voz falhou. – Onde está Thorne? – Mantendo a mão apertada sobre o ferimento de Lobo, ela esticou a outra para o guarda, pegou-o pelo colarinho e puxou-o em sua direção. – O que você fez com Thorne?

– Seu amigo que entrou no satélite – disse ele, mais uma afirmação do que uma pergunta. Havia lamento na expressão dele, mas não o suficiente. – Ele está morto.

Ela gritou e o jogou contra a parede.

– Você está mentindo!

Ele se encolheu, mas não tentou se proteger, apesar de ela já ter perdido o foco. Não o manteria sob controle com os pensamentos tão divididos, com o caos e o desespero tomando conta da cabeça.

– A mestra Sybil mudou a trajetória do satélite, tirou-o de órbita. Vai pegar fogo ao entrar na atmosfera. Já deve ter acontecido. Não tem nada que você possa fazer.

– Não – disse ela, balançando a cabeça. Seu corpo inteiro estava tremendo. – Ela não sacrificaria sua programadora.

Mas não havia luz laranja delatora em sua visão. Ele não estava mentindo.

O guarda apoiou a cabeça na parede atrás de si enquanto observava Cinder da cabeça aos pés, como se examinando um espécimen estranho.

– Ela sacrificaria qualquer pessoa para chegar a você. A rainha

parece acreditar que você é uma ameaça.

Cinder trincou os dentes com tanta força que sentiu que o maxilar quebraria com a pressão. Ali estava, declarado com simplicidade tão evidente.

Era culpa dela. Era tudo culpa dela.

Eles estavam atrás *dela*.

– Sua camiseta – sussurrou.

Ela não se deu ao trabalho de controlá-lo dessa vez, e ele retirou a camiseta de baixo sem discutir. Cinder tirou-a da mão dele e viu a cabeça do projétil na pele logo abaixo das costelas.

Ela afastou o olhar e apertou a camiseta sobre o ferimento nas costas de Lobo.

– Role-o de lado.

– O quê?

– Vire-o de lado. Vai abrir as vias e ajudá-lo a respirar.

Cinder olhou para ele com raiva, mas uma busca de quatro segundos na rede confirmou a veracidade da sugestão, e ela virou Lobo de lado com o máximo de delicadeza que conseguiu, posicionando as pernas como o diagrama médico em seu cérebro demonstrava. O guarda não ajudou, mas assentiu com aprovação quando Cinder terminou.

– Cinder?

Era Iko, com voz baixa e controlada. A nave tinha ficado escura, iluminada só por luzes de emergência e usando sistemas básicos. A ansiedade de Iko estava atrapalhando sua capacidade de agir tanto quanto a de Cinder.

– O que vamos fazer?

Cinder lutou para respirar. Uma dor de cabeça explodiu em seu crânio. O peso de tudo a oprimia tornando tentador demais se encolher em cima do corpo de Lobo e desistir.

Ela não podia ajudá-los. Não podia salvar o mundo. Não podia salvar ninguém.

– Não sei – sussurrou ela. – Não sei.

– Encontrar um lugar para se esconder seria um começo – disse o guarda, rasgando um pedaço do tecido da barra da calça. Ele fez uma cara de dor ao arrancar o projétil do corpo e jogá-lo no corredor, para depois pressionar o tecido em cima do ferimento. Pela primeira vez, ela reparou que ele ainda estava com o que parecia uma grande faca de caça no cinto. Como ela não respondeu, ele olhou-a com olhos afiados como furadores de gelo.

– Talvez um lugar onde seu amigo possa receber ajuda. É uma ideia.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso. Acabamos de perder os dois pilotos e não sei pilotar... Não sei...

– Eu sei pilotar.

– Mas Scarlet...

– Veja bem. A taumaturga Mira vai fazer contato com Luna para pedir reforços, e a frota da rainha não está tão longe quanto você talvez pense. Vai ter um exército inteiro atrás de você.

– Mas...

– Mas nada. Você não pode ajudar a outra garota. Considere-a morta. Mas pode ajudar *ele*.

Cinder baixou o queixo e se encolheu enquanto as decisões conflitantes em sua mente ameaçavam desestabilizá-la. A sugestão dele era sensata. Ela reconhecia isso. Mas era tão difícil admitir a derrota. Desistir de Scarlet. Fazer o sacrifício e ter que viver com isso.

Mas, a cada segundo, estava mais próxima de também perder Lobo. Ela olhou para baixo. O rosto de Lobo estava contorcido de dor, a testa coberta de suor.

– Nave – disse o guarda –, calcule nossa localização e trajetória relativa sobre a Terra. Qual é o lugar mais próximo para onde podemos ir? Um lugar não muito populoso.

Houve uma hesitação antes de Iko dizer:

– Eu?

Ele olhou para o teto com olhos apertados.

– É. *Você.*

– Me desculpe, certo. Calculando agora. – As luzes ficaram mais fortes. – Seguindo uma descida natural para a Terra, poderíamos chegar ao centro ou ao norte da África em aproximadamente dezessete minutos. Um raio de mil e quinhentos quilômetros se abre nas regiões mediterrâneas da Europa e na porção oeste da Comunidade das Nações Orientais.

– Ele precisa de um hospital – murmurou Cinder, mesmo sabendo que não havia hospital na Terra que não descobriria que ele era um dos híbridos de lobo da rainha assim que ele desse entrada. E o risco que ela corria ao levá-lo, e o quanto a Rampion seria reconhecível... Para onde eles poderiam ir a fim de encontrar alguma proteção?

Nenhum lugar era seguro.

Embaixo dela, Lobo gemeu. Seu peito tremeu.

Ele precisava de um hospital ou... de um médico.

África. O dr. Erland.

Ela olhou para o guarda e, pela primeira vez, lutou contra a confusão em sua cabeça para se perguntar por que ele estava fazendo isso. Por que não matou todos? Por que os estava ajudando?

– Você serve à rainha – disse ela. – Como posso confiar em você?

Os lábios dele tremeram, como se ela tivesse feito uma piada, mas seus olhos logo endureceram de novo.

– Eu sirvo a minha princesa. E a mais ninguém.

O chão despencou embaixo dela. A princesa. A princesa dele.

Ele sabia.

Ela esperou uma inspiração e uma expiração para que o detector de mentiras reconhecesse a falsidade dele, mas nada aconteceu. Ele estava falando a verdade.

– África – declarou ela. – Iko, nos leve para a África, para onde aconteceram os primeiros casos de letumose.

CAPÍTULO

Doze

A QUEDA FORA LENTA NO COMEÇO, GRADUAL, CONFORME A FORÇA da órbita do satélite era superada pela força da gravidade da Terra.

Thorne puxou a perna da calça e usou o dedão do pé para tirar a bota esquerda. A faca que guardava ali caiu no chão com um estalo e ele a pegou e tentou virar a lâmina com dificuldade para o cobertor que prendia seus pulsos.

A garota murmurou alguma coisa por baixo da mordaça e se mexeu na direção dele. As amarras dela estavam bem mais presas e de forma mais elaborada do que as dele. A taumaturga só o fizera amarrar as mãos na frente do corpo, mas a garota estava com as pernas amarradas de cima a baixo, além dos pulsos presos nas costas e a mordaça sobre a boca.

Sem posição para pressionar a faca contra suas amarras, ele assentiu para a garota.

– Você consegue se virar?

Ela se deixou cair, virou-se de lado e empurrou com os pés para se ajeitar, de forma a ficar com as mãos na direção dele. Thorne se curvou e cortou o lençol que amarrava com força os braços dela. Quando conseguiu, viu que havia marcas fundas e vermelhas na pele dela.

Ela tirou a mordaça e deixou-a pendurada no pescoço. Uma mecha de cabelo estava presa no nó do tecido.

– Meus pés!

– Você consegue desamarrar minhas mãos?

Ela não disse nada e pegou a faca da mão dele. Suas mãos tremiam quando apontou a lâmina para as amarras ao redor dos seus joelhos, e Thorne pensou que talvez fosse melhor mesmo ela treinar em si primeiro.

Enquanto cortava o lençol, ela parecia uma louca, com a testa franzida de concentração, o cabelo embaraçado, a pele úmida e corada e linhas vermelhas nas bochechas provocadas pela mordança. Mas a adrenalina a fez trabalhar rápido, e logo ela empurrou o tecido com os pés.

– Minhas mãos – falou Thorne de novo, mas ela já estava se apoiando na pia e se levantando com pernas trêmulas.

– Me desculpe... os procedimentos de entrada! – disse ela, cambaleando para a sala principal.

Thorne pegou a faca e ficou de pé na hora em que o satélite fez uma virada repentina. Ele escorregou e deu uma topada na porta do box. Eles estavam caindo mais rápido conforme a força da gravidade os puxava.

Usando a parede para se equilibrar, Thorne cambaleou para a sala principal. A garota também tinha caído e estava se esforçando para subir na cama.

– Precisamos chegar à outra nave e nos desconectar – disse Thorne. – Você precisa me desamarrear!

Ela balançou a cabeça e se encostou na parede onde havia a menor tela de todas, a tela que a taumaturga tinha mexido antes. Havia fios de cabelo presos no rosto dela.

– Ela deve ter colocado um bloqueio de segurança na nave, e conheço o satélite melhor e... ah, não, não, não! – gritou, com os dedos voando na tela. – Ela mudou as senhas de acesso!

– O que você está fazendo?

– Os procedimentos de entrada... a cobertura ablativa deve aguentar enquanto estivermos passando pela atmosfera, mas, se eu não preparar o paraquedas, o satélite inteiro vai se desintegrar com o impacto!

O satélite balançou de novo, e os dois perderam o equilíbrio. Thorne tombou no colchão, e a faca caiu de sua mão e quicou na beirada da cama, enquanto a garota tropeçava e caía de joelho. As paredes ao redor começaram a tremer com a fricção da atmosfera

da Terra. A escuridão que cobria as pequenas janelas foi substituída por uma intensa luz branca. A cobertura exterior estava sendo queimada ao mesmo tempo que protegia os dois do calor da atmosfera.

Diferentemente da Rampion, o satélite tinha sido feito para apenas uma descida na direção da Terra.

– Tudo bem. – Deixando de lado o fato de que estava preso, Thorne passou para o outro lado da cama e puxou a garota, levantando-a. – Faça esse paraquedas funcionar.

Ela ainda estava tonta quando ele girou-a na direção da tela e passou os braços ao redor de Cress, como um casulo protetor. Ela era ainda mais baixa do que ele tinha percebido; o topo da cabeça não chegava nem à sua clavícula.

Os dedos dela apertaram a tela enquanto Thorne melhorava a postura e firmava os joelhos, preparando-se da melhor forma possível enquanto o satélite sacudia e balançava em volta deles. Ele se inclinou sobre ela, tentando manter o equilíbrio e mantê-la firme enquanto códigos e comandos piscavam e rolavam pela tela. Sua atenção se desviou para a janela mais próxima, ainda branca e ardente. Assim que o satélite entrasse o bastante na atmosfera da Terra, a autogravidade seria desligada e eles estariam tão seguros como um dado no punho de um jogador.

– Entrei! – gritou ela.

Thorne encolheu os dedos do pé descalço sobre o tapete. Ouviu um estrondo atrás de si e ousou olhar. Uma das telas tinha caído da mesa. Ele engoliu em seco. Qualquer coisa que não estivesse aparafusada na parede estava prestes a virar um projétil.

– Quanto tempo vai demorar para...

– Pronto!

Thorne a virou e jogou o peso dos dois na direção do colchão.

– Debaixo da cama!

Ele cambaleou e caiu, arrastando-a junto. Os armários se abriram acima deles, e Thorne se encolheu quando uma chuva de

comida enlatada e pratos caiu ao redor dos dois. Ele se manteve sobre a garota e desviou os objetos dela.

– Rápido!

Ela se arrastou, saiu da proteção dos braços dele e se puxou para as sombras. Recuou contra a parede o mais longe que conseguiu, com as mãos empurrando a cama para prender o corpo no lugar.

Thorne chutou o tapete e se segurou no apoio mais próximo a fim de dar impulso para a frente.

O sacolejar parou e foi substituído por uma descida suave e rápida. A luz que vinha das janelas assumiu um tom de azul luminoso. O estômago de Thorne deu um nó, e ele sentiu como se estivesse sendo sugado para um vácuo.

Ele a ouviu gritar. Dor e luz explodiram em sua cabeça, e o mundo ficou preto.



LIVRO

Dois

A bruxa cortou o cabelo dourado dela e a jogou em um grande deserto.



CAPÍTULO

Trize

CRESS NUNCA ACREDITARIA QUE TERIA FORÇA PARA ARRASTAR Carswell

Thorne para baixo da cama e prender o corpo inconsciente dele contra a parede se a prova não estivesse em seus braços. O tempo todo, fios e telas e plugues e pratos e comida caíram e quicaram ao redor deles. As paredes do satélite gemeram, e ela apertou bem os olhos, tentando não imaginar o calor e a fricção derretendo os parafusos e soldas, tentando não adivinhar o quão estável aquele satélite, que nunca fora testado, poderia ser. Tentando não pensar na queda em direção à Terra, com montanhas e oceanos e geleiras e florestas, e no impacto que um satélite jogado do espaço sofreria quando caísse no planeta e se estilhaçasse em bilhões de pedacinhos.

Ela estava se saindo muito mal na tarefa de não imaginar nada disso.

A queda durou uma eternidade, enquanto seu mundinho se desintegrava.

Cress falhara. O paraquedas já deveria ter se aberto. Ela deveria ter sentido o acionamento, sentido o puxão para trás quando ele começasse a amortecer a queda delicada na direção da Terra. Mas a queda só estava acelerando, enquanto o satélite ficava mais quente. Ou ela havia feito alguma coisa errada, ou o sistema do paraquedas era defeituoso, ou talvez não houvesse paraquedas nenhum e o comando fosse de uma programação falsa. Afinal, Sybil tinha preparado o satélite. É claro que não pretendia que Cress caísse com segurança no planeta azul.

Sybil obtivera sucesso. Eles morreriam.

Cress envolveu o corpo de Carswell Thorne com o seu e afundou o rosto no cabelo dele. Pelo menos, ele estaria inconsciente

durante todo o processo. Pelo menos, não precisaria ter medo.

De repente, houve um tremor, uma sensação que não era da queda, e ela ouviu o som forte de cordas de náilon e um sibilar, e ali estava, o puxão repentino que pareceu sugá-los de volta para o céu. Ela deu um grito e agarrou Carswell Thorne com mais força quando seu ombro bateu no estrado da cama.

A queda livre virou uma queda delicada, e o choro desesperado de Cress passou a ser choro de alívio. Ela apertou o corpo inerte de Thorne e chorou e hiperventilou e chorou mais um pouco.

O impacto demorou séculos para chegar, e, quando aconteceu, Cress acabou tombando na cama de novo. O satélite caiu e deslizou, rolou e virou. Eles estavam escorregando em alguma coisa sólida, talvez uma face de colina ou montanha. Cress trincou os dentes para sufocar um grito e tentou proteger Thorne com um braço enquanto os apoiava na parede com o outro. Ela esperara água, pois uma parte tão grande da superfície da Terra era composta de água, não essa coisa sólida em que caíram. A descida rodopiante acabou parando com um baque que fez as paredes tremerem.

Os pulmões de Cress queimavam com o esforço de inspirar o ar. Todos os músculos doíam pela adrenalina e pelo esforço de se preparar para o impacto, além das quedas que seu corpo sofrera.

Mas, em sua mente, a dor era inexistente.

Eles estavam vivos.

Estavam na Terra e estavam vivos.

Um grito agradecido e chocado saiu de dentro de Cress, e ela abraçou Thorne, chorando com alegria, aninhada no pescoço dele, mas a alegria desapareceu quando ele não retribuiu o abraço. Ela quase tinha se esquecido de vê-lo batendo a cabeça na cama, a forma como o corpo dele fora jogado de um lado para outro, a forma como caiu todo torto no canto e não fez som nem movimento enquanto ela o colocava embaixo da cama.

Ela se afastou dele. Estava coberta de suor, e seu cabelo tinha se

emaranhado ao redor dos dois, prendendo-os quase com tanta força quanto os lençóis amarrados de Sybil;

– Carswell? – sussurrou ela.

Era estranho dizer o nome dele em voz alta, como se ela ainda não tivesse conquistado intimidade suficiente. Lambeu os lábios, e sua voz falhou uma segunda vez.

– Sr. Thorne?

Colocou os dedos no pescoço dele. Alívio; os batimentos estavam fortes. Ela não sabia se ele respirava durante a queda, mas, com o mundo silencioso e imóvel, ela ouvia o ar saindo pelos lábios dele.

Talvez ele tivesse sofrido uma concussão. Cress já tinha lido sobre concussões sofridas quando as pessoas batiam a cabeça. Não se lembrava do que acontecia a elas, mas sabia que era ruim.

– Acorde. Por favor. Estamos vivos. Conseguimos.

Ela colocou a palma da mão na bochecha dele e ficou surpresa de encontrar aspereza ali, completamente diferente de seu rosto lisinho.

Pelos faciais. Fazia sentido, mas ela jamais tinha inserido a sensação de barba espetando em suas fantasias. Teria que consertar isso no futuro.

Balançou a cabeça, envergonhada por estar pensando em algo assim quando Carswell Thorne estava ferido bem na frente dela, sem ela poder fazer nada...

Ele tremeu.

Cress levou um susto e tentou proteger-lhe a cabeça para o caso de ele se debater muito.

– Sr. Thorne? Acorde. Estamos bem. Por favor, acorde.

Um gemido baixo e doloroso, e a respiração começou a ficar regular.

Cress tirou o cabelo do rosto. Os fios lutaram contra ela, agarrados à pele molhada de suor. Mechas compridas estavam presas debaixo dos corpos deles.

Ele gemeu de novo.

– C-Carswell?

O cotovelo deu um solavanco, como se ele estivesse tentando levantar a mão, mas os pulsos ainda estavam presos. As pálpebras tremeram.

– O qu... hã?

– Está tudo bem. Estou aqui. Estamos em segurança.

Thorne passou a língua pelos lábios, depois fechou os olhos de novo.

– Thorne – grunhiu ele. – A maioria das pessoas me chama de Thorne. Ou de capitão.

O coração dela ficou mais leve.

– É claro, Tho... capitão. Você está sentindo dor?

Ele se mexeu com desconforto e descobriu que as mãos ainda estavam amarradas.

– Sinto como se meu cérebro fosse vazar pelos ouvidos. Mas, fora isso, estou ótimo.

Cress examinou a nuca dele com os dedos. Não havia umidade, então pelo menos não estava sangrando.

– Você bateu a cabeça com força.

Ele gemeu e tentou tirar as mãos das amarras.

– Espere, tinha aquela faca...

Ela parou de falar e examinou a bagunça e os destroços ao redor.

– Caiu da cama – disse Thorne.

– Sim, eu vi... ali!

Ela viu o cabo da faca preso embaixo de uma tela caída e foi buscá-la, mas seu cabelo estava tão enrolado em si mesma e em Thorne que acabou puxando-a de volta. Ela deu um gritinho e massageou o couro cabeludo.

Ele abriu os olhos de novo e franziu a testa.

– Não me lembro de estarmos amarrados um ao outro antes.

– Me desculpe, meu cabelo prende em tudo às vezes, e... se você pudesse só... aqui, role para cá.

Ela segurou o cotovelo dele e empurrou-o para que ficasse de

lado. Com expressão de desdém, ele obedeceu, permitindo-lhe movimentar-se o suficiente para alcançar o cabo da faca.

– Você tem certeza de que acabou... – começou Thorne, mas ela já tinha se inclinado e estava cortando o cobertor. – Ah. Você tem boa memória.

– Hã? – murmurou ela, concentrada na lâmina afiada.

A faca cortou com facilidade, e Thorne suspirou de alívio quando o cobertor caiu. Ele massageou os pulsos e levou a mão à cabeça. Quando os emaranhados do cabelo de Cress tentaram puxá-lo para trás, ele puxou com mais força.

Cress deu um gritinho e caiu sobre o peito de Thorne. Ele não pareceu notar enquanto passava os dedos na parte de trás da cabeça.

– Ai – murmurou ele.

– É – concordou ela.

– Esse galo vai demorar para sair. Aqui, sinta só.

– O quê?

Ele pegou a mão dela e levou até a parte de trás da cabeça.

– Estou com um galo enorme aqui. Não é surpresa eu estar com tanta dor de cabeça.

Ele estava mesmo com um galo impressionante na cabeça, mas Cress só pensava na maciez do cabelo e no fato de que estava praticamente deitada em cima dele. Ela corou.

– É. Certo. Acho que você devia, hã...

Ela não fazia ideia do que ele devia fazer.

Beijá-la, pensou. Não era isso o que as pessoas faziam depois de sobreviverem a experiências emocionantes e quase morrerem juntas? Cress tinha certeza de que não era uma sugestão apropriada, mas, próximos assim, era tudo em que pensava. Ela desejava chegar mais perto, encostar o nariz no tecido da camisa dele e inspirar fundo, mas não queria que ele pensasse que ela era estranha. Nem que adivinhasse a verdade, que esse instante, cheio de ferimentos, no satélite destruído e longe dos amigos dele, era o

momento mais perfeito de toda a vida dela.

Ele franziu a testa e puxou uma mecha de cabelo que apertava seu bíceps.

– Precisamos fazer alguma coisa com esse cabelo.

– Certo. Certo!

Cress se afastou, e seu couro cabeludo doeu quando o cabelo ficou preso embaixo dele. Ela começou a desemaranhar os nós com delicadeza, um a um.

– Talvez ajudasse se acendêssemos as luzes.

Ela fez uma pausa.

– As luzes?

– São ativadas por voz? Se o sistema de computador quebrou na queda... Droga, devemos estar no meio da noite. Tem um tablet ou alguma coisa que possamos ligar, pelo menos?

Cress inclinou a cabeça.

– Eu... não estou entendendo.

Por um breve momento, ele pareceu irritado.

– Ajudaria se conseguíssemos *enxergar*.

Os olhos dele estavam abertos, mas ele não enxergava nada mais distante que o ombro de Cress. Então soltou algumas mechas de cabelo que estavam enroladas no pulso e balançou a mão na frente do rosto.

– Essa é a noite mais escura que já vi. Devemos estar em algum ambiente rural... a lua de hoje é nova? – A testa dele se franziu mais, e ela percebeu que ele estava tentando lembrar em que ponto do ciclo lunar a Terra estava. – Não me parece certo. O céu deve estar muito nublado.

– Capitão? Não... está escuro. Estou vendo perfeitamente.

Ele franziu a testa confuso e, depois de um momento, preocupado. Seu maxilar se contraiu.

– Por favor, me diga que está sendo sarcástica.

– Sarcástica? Por que eu faria isso?

Balançando a cabeça, ele apertou bem os olhos. Abriu de novo.

Piscou depressa.

Falou um palavrão.

Cress apertou os lábios e ergueu os dedos na frente dele.

Balançou de um lado para outro. Não houve reação.

– O que aconteceu? – disse ele. – A última coisa de que me lembro é de tentar entrar debaixo da cama.

– Você bateu a cabeça de lado e eu arrastei você para baixo. Depois, pousamos. Foi meio sacolejante, mas... só isso. Você só bateu a cabeça.

– E isso pode provocar *cegueira*?

– Pode ser algum tipo de trauma no cérebro. Talvez seja só temporário. Talvez... talvez você esteja em choque.

Ele encostou a cabeça no chão. Um silêncio pesado os envolveu.

Cress mordeu o lábio.

Por fim, ele voltou a falar, e sua voz assumiu um tom determinado:

– Precisamos fazer alguma coisa com esse cabelo. Onde foi parar aquela faca?

Antes que pudesse questionar a lógica por trás de dar uma faca para um cego, ela a colocou na palma da mão dele. Thorne esticou a outra mão para trás dela e pegou um punhado de cabelo. O toque provocou um arrepio delicioso na espinha dela.

– Me desculpe, mas cresce de novo – disse ele, sem parecer arrependido.

Ele começou a cortar os nós, um punhado de cada vez. Segurava, cortava, soltava. Cress ficou perfeitamente imóvel. Não por ter medo de ser cortada; a faca estava firme na mão dele, apesar da cegueira, e Thorne manteve a lâmina virada cuidadosamente para longe do pescoço dela. Mas por ser Thorne. Por ser o *capitão Carswell Thorne* passando as mãos pelo cabelo dela, o queixo áspero a centímetros dos lábios dela, a testa franzida de concentração.

Quando ele encostou dedos leves como penas no pescoço dela, procurando mechas que tivesse deixado passar, ela ficou tonta de

euforia.

Ele encontrou uma mecha perto da orelha esquerda e cortou.

– Acho que acabei. – Ele colocou a faca debaixo da perna para poder encontrá-la de novo e enfiou as mãos no cabelo curto e impossivelmente leve, desembaraçando os nós que faltavam. Um sorriso satisfatório se abriu no rosto dele. – Talvez um pouco irregular nas pontas, mas bem melhor.

Cress levou a mão à nuca, impressionada pela sensação da pele nua, ainda úmida de suor, e do cabelo curto com um ondulado sutil que não tinha mais peso. Passou as unhas pelo couro cabeludo, paralisada pelo prazer de uma sensação tão desconhecida. Parecia que dez quilos tinham sido cortados de sua cabeça. A tensão sumia de músculos que ela nem sabia que existiam.

– Obrigada.

– De nada – disse ele, afastando as mechas de cabelo ainda grudadas nele.

– E sinto muito... pela cegueira.

– Não é sua culpa.

– É um pouco minha culpa. Se eu não tivesse pedido que você viesse me salvar e se eu tivesse...

– *Não é sua culpa* – repetiu ele, interrompendo o argumento dela com um tom duro. – Você parece Cinder. Ela sempre se culpa pelas coisas mais idiotas. A guerra é culpa dela. A avó de Scarlet é culpa dela. Aposto que assumiria a responsabilidade pela peste também se pudesse.

Ele pegou a faca e saiu de baixo da cama, empurrando os braços em um círculo amplo para afastar qualquer detrito antes de se elevar até a beirada do colchão. Seu progresso foi lento, como se não confiasse em si mesmo para se mover mais do que alguns centímetros de cada vez. Cress foi atrás e ficou de pé ao lado dele, empurrando alguns escombros com os dedos dos pés. Uma das mãos permaneceu afundada no cabelo.

– A questão é que aquela bruxa tentou nos matar, mas

sobrevivemos – disse Thorne. – E vamos encontrar um jeito de fazer contato com a Rampion, e eles vão nos buscar, e vamos ficar *bem*.

Ele falou como se estivesse tentando convencer a si mesmo, mas Cress não precisava ser convencida. E estava certo. Estavam vivos e juntos, e ficariam bem.

– Só preciso de um momento para pensar – falou Thorne. – Para descobrir o que vamos fazer.

Cress assentiu e se balançou nos calcanhares. Por um longo momento, Thorne pareceu estar mergulhado em pensamentos, com as mãos unidas no colo. Depois de um minuto, Cress percebeu que estavam tremendo.

Por fim, Thorne inclinou a cabeça na direção dela, embora os olhos perdidos estivessem direcionados para a parede. Ele respirou fundo, soltou a respiração e sorriu.

– Vamos recomeçar, e com apresentações apropriadas. Ouvi que seu nome é Crescente?

– Só Cress, por favor.

Thorne esticou a mão na direção dela. Quando ela ofereceu a sua, ele a puxou para perto, inclinou a cabeça e deu um beijo nos dedos. Cress ficou tensa e tonta, e os joelhos ameaçaram ficar moles.

– Capitão Carswell Thorne ao seu serviço.

CAPÍTULO

Quatorze

CINDER SEGUIU O PROGRESSO DA RAMPION NO VISOR DA RETINA E viu, sem fôlego, quando entraram na atmosfera da Terra sobre o norte da África e seguiram na direção de Farafrah, um pequeno oásis que já tinha sido posto de comércio para caravanas viajando entre as províncias da África central e o mar Mediterrâneo. Caíra na pobreza desde que a peste atacara, uma década antes, motivando as caravanas de comércio a se deslocarem para o leste.

Ela não saiu do lado de Lobo. Cuidou dos ferimentos da melhor forma que pôde, usando as ataduras e pomadas que o guarda jogou da parte superior da nave. Já tinha precisado trocar as ataduras uma vez, e mesmo assim o sangue continuava encharcando-as. O rosto dele estava pálido e grudento, os batimentos ficavam mais fracos, cada respiração era uma luta.

Por favor, por favor, que o dr. Erland esteja aqui.

Até o momento, pelo menos o guarda se mostrou de confiança. Voou direto e rápido, muito rápido, para o alívio de Cinder. Era um risco entrar na órbita da Terra, mas um risco necessário. Ela só esperava que esse oásis fosse o abrigo seguro que o doutor acreditava ser.

– Cinder – disse Iko –, o lunar está perguntando onde devemos pousar.

Ela tremeu. Já estava esperando a pergunta. Seria mais seguro e prudente pousar fora da cidade, no deserto implacável. Mas ela jamais conseguiria carregar Lobo, e eles não podiam se dar ao luxo de ser prudentes.

– Diga para ele pousar na rua principal. No mapa, parece que só tem uma espécie de praça da cidade. E diga para não se preocupar em ser furtivo.

Se eles não podiam se esconder, então ela atrairia o máximo de atenção possível. Talvez, se eles fizessem um show, isso fizesse o dr. Erland sair de onde quer que estivesse escondido. Ela torcia para que os civis ficassem tão distraídos pela ousadia deles que não se dariam ao trabalho de alertar a polícia até ser tarde demais.

Não era um bom plano, mas não havia tempo para pensar em nada melhor.

A nave desceu. Normalmente, essa era a parte tranquila do pouso, quando a força do motor era trocada por levitação magnética, mas parecia que o guarda estava pretendendo fazer tudo manualmente.

Talvez a cidade fosse tão rural que não tivesse ruas magnéticas.

Por fim, a nave estalou com o impacto. Apesar de ser um pouso delicado, o choque ainda fez Cinder dar um pulo. Lobo gemeu.

Cinder se inclinou e aninhou o rosto dele em suas mãos.

– Lobo, vou buscar ajuda. Só fique conosco, tá? Agente firme.

Ela ficou de pé e digitou o código da doca das naves de passeio.

A doca era uma visão e tanto: tinha sangue e destruição por toda parte. Mas ela passou pela nave que sobrou e tentou afastar tudo dos pensamentos.

– lko, abrir porta.

Assim que a porta se abriu o bastante para Cinder conseguir passar, ela se agachou na beirada e pulou na rua.

Uma nuvem de poeira rodopiou ao seu redor quando os pés bateram no chão duro e seco. Os prédios à volta eram estruturas de um único andar feitas de pedra ou barro ou grandes tijolos bege. Algumas janelas tinham sido pintadas de azul ou rosa e desenhos enfeitavam as portas, mas as cores estavam desbotadas pelo sol e arranhadas pela areia impiedosa. A rua descia na direção de um lago de oásis algumas quadras à direita de Cinder, com os dois lados cheios de palmeiras vibrantes; eram árvores que pareciam vivas demais para uma cidade tomada de desertão. Algumas quadras à esquerda havia um muro de pedra com mais árvores e, depois dele,

platóes avermelhados que desapareciam na névoa de areia.

Pessoas saíam das construções e de esquinas, civis de todas as idades, a maioria usando shorts e camisas leves para combater o calor do deserto, embora alguns poucos usassem túnicas mais fechadas para afastar o sol ardente. Muitos cobriam a boca e o nariz. Primeiro, Cinder pensou que estivessem se protegendo da peste, mas então percebeu que só estavam irritados pelo tanto de poeira que o pouso da nave levantara. A nuvem já se afastava na direção de uma das ruas laterais.

Cinder os observou em busca de um rosto enrugado e um boné cinza familiar. O dr. Erland era mais claro do que a maioria dos habitantes, embora os tons de pele variassem dos marrons mais escuros a bronzeados cor de mel. Mesmo assim, ela desconfiava que um homenzinho velho com olhos azuis intensos teria atraído um pouco de atenção nas últimas semanas.

Ela abriu as mãos para mostrar que não tinha armas e deu um passo na direção das pessoas. Sua mão ciborgue estava à vista, e os habitantes da cidade perceberam. Estavam todos olhando abertamente, embora ninguém tenha se afastado quando ela se aproximou.

– Me desculpem pela poeira – disse ela, indicando a nuvem. – Mas isso é uma emergência. Preciso encontrar uma pessoa. Um homem. É dessa altura, velho, usa óculos e chapéu. Algum de vocês...?

– Eu a vi primeiro! – gritou uma garota.

Ela saiu correndo do meio das pessoas, com os chinelos batendo na poeira, e agarrou o braço de Cinder. Assustada, Cinder tentou se soltar, mas a garota segurou com firmeza.

Logo havia dois garotos, com no máximo nove ou dez anos, saindo da multidão e discutindo sobre quem viu a nave surgir no céu, quem a viu pousar, quem viu a porta se abrir e quem viu a ciborgue primeiro.

– Afastem-se da srta. Linh, seus abutrezinhos gananciosos.

Cinder se virou.

O dr. Erland estava caminhando depressa na direção deles, embora ela quase não o tivesse reconhecido. Estava descalço e sem chapéu e usava um short cáqui e uma camisa listrada meio torta, como se tivesse errado uma casa de botão e o resto estivesse todo errado. O cabelo grisalho se eriçava por trás da careca como se ele tivesse acabado de ser eletrocutado.

Nada disso importava. Ela o tinha encontrado.

– Acho que vocês todos podem *compartilhar* o prêmio por terem encontrado a moça, embora o acordo fosse levá-la a mim, não me fazer vir até aqui nesse calor de núcleo do sol.

Ele tirou um saco de jujubas do bolso e balançou sobre a cabeça das crianças, obrigando-as a *prometer dividir* antes de entregar. Elas agarraram o doce e saíram correndo e gritando.

O resto das pessoas ficou onde estava.

O dr. Erland colocou as mãos nos quadris e olhou com irritação para Cinder.

– Você tem *muita* coisa a explicar. Por acaso sabe há quanto tempo eu espero você, vendo o...

– Preciso da sua ajuda! – disse ela, cambaleando na direção dele.

– Meu amigo... ele está morrendo... precisa de um médico... não sei o que fazer.

Ele olhou com irritação, mas uma coisa chamou a sua atenção atrás de Cinder. O guarda lunar surgiu na porta da nave, sem camisa e coberto de sangue e fazendo esforço para sustentar o corpo de Lobo.

– O que... ele...

– É um guarda lunar – contou Cinder. – E Lobo é um dos soldados dela. É uma longa história e vou explicar tudo depois, mas você pode ajudá-lo? Ele levou dois tiros, perdeu muito sangue...

O dr. Erland ergueu uma sobrancelha. Cinder percebeu que ele não estava animado pelo tipo de companhia que ela trazia.

– *Por favor.*

Ele resmungou, fez sinal para alguns dos observadores e chamou alguns nomes. Três homens se adiantaram.

– Levem-no para o hotel – disse ele. – *Delicadamente*. – Com um suspiro, começou a ajeitar os botões da camisa. – Siga-me, srta. Linh. Você pode me ajudar a preparar os instrumentos.

CAPÍTULO

Quinze

– IMAGINO QUE SEJA DEMAIS TORCER PARA QUE TENHAMOS CAÍDO perto de algum tipo de civilização – disse Thorne, inclinando a cabeça para o lado.

Cress andou pelos destroços até a janela mais próxima.

– Não sei se queremos estar perto da civilização. Você é um criminoso procurado em três países terráqueos e um dos homens mais reconhecíveis do planeta.

– Estou bem famoso, não estou? – Sorrindo, ele balançou a mão para ela. – Acho que não importa o que queremos. O que você vê lá fora?

Na ponta dos pés, Cress espiou a claridade. Conforme seus olhos foram se ajustando à luz, eles foram se arregalando, tentando absorver tudo.

Imediatamente, ela se deu conta. Estava na Terra. *Na Terra.*

Já tinha visto fotos, claro. Milhares e milhares de fotos e vídeos, de cidades e lagos e florestas e montanhas, de todas as paisagens imagináveis. Mas nunca tinha pensado que o céu podia ser tão impossivelmente azul, nem que a terra podia ter tantos tons de dourado, nem que pudesse brilhar como um mar de diamantes, nem pudesse ondular e inchar como uma criatura viva.

Por um momento, a realidade de tudo invadiu seu corpo e transbordou.

– Cress?

– É lindo lá fora.

Um momento de hesitação.

– Você poderia ser mais específica?

– O céu é de um azul lindo e intenso.

Ela encostou os dedos no vidro e acompanhou as colinas

onduladas no horizonte.

– Ah, que ótimo. Você explicou muito bem.

– Me desculpe, é que... – Ela tentou sufocar a onda de emoção. – Acho que estamos em um deserto.

– Com cactos e bolas de palha rolando?

– Não. Só um monte de areia. É meio que laranja-dourado, com pontinhos cor-de-rosa, e consigo ver pequenas nuvens de areia fluando acima do chão, como... como fumaça.

– Empilhada em um monte de morros?

– Sim, exatamente! E é *lindo*.

Thorne riu com deboche.

– Se é isso que você acha do deserto, mal posso esperar para você ver a primeira árvore de verdade. Sua mente vai explodir.

Ela sorriu para o mundo. *Árvores*.

– Isso explica o calor, então – falou Thorne. Cress, com seu vestido fino de algodão, não tinha reparado, mas a temperatura parecia mesmo estar aumentando. Os controles deviam ter se reiniciado na queda ou talvez quebrado. – Um deserto não teria sido minha primeira escolha. Você está vendo alguma coisa útil? Palmeiras? Lagos? Um par de camelos passeando?

Ela olhou de novo e reparou em um desenho ondulado marcado na paisagem, repetido infinitamente.

– Não. Não tem mais nada.

– Tudo bem, preciso que você faça o seguinte. – Thorne foi contando com os dedos. – Primeiro, encontre um jeito de fazer contato com a Rampion. Quanto mais rápido pudermos voltar para minha nave, melhor. Segundo, vamos ver se conseguimos abrir aquela porta. Vamos cozinhar aqui dentro se a temperatura continuar subindo assim.

Cress observou a confusão de telas e fios no chão.

– Nunca foi instalada comunicação externa no satélite. A única chance que tínhamos de fazer contato com sua tripulação era o chip D-COMM que Sybil levou. E, mesmo que tivéssemos um jeito

de fazer contato, não conseguiríamos dar coordenadas exatas a não ser que o sistema de posicionamento do satélite esteja funcionando, e mesmo assim...

Thorne levantou a mão.

– Uma coisa de cada vez. Precisamos avisar que não estamos mortos e ver se eles estão bem. Acho que são capazes de lidar com dois lunares malditos, mas eu ficaria mais calmo se tivesse certeza. – Ele deu de ombros. – Quando eles souberem que devem nos procurar, talvez Cinder arrume um detector de metais gigantesco, sei lá.

Cress observou o satélite destruído.

– Não sei se dá para salvar alguma coisa. As telas estão todas destruídas, e, a julgar pela perda de controle de temperatura, o gerador está... ah, não. *Pequena Cress!* – Ela gritou e foi chutando coisas até chegar à placa de dados principal que abrigava seu eu mais novo. Estava caída de lado, com pedaços de fios e plástico pendurados em volta. – Ah, Pequena Cress...

– Hum, quem é Pequena Cress?

Ela fungou.

– Eu. Quando tinha dez anos. Ela morava no computador e me fazia companhia, mas agora está morta. – Ela apertou a placa contra o peito. – Pobre e doce Pequena Cress.

Depois de um longo silêncio, Thorne limpou a garganta.

– Scarlet me avisou sobre isso. Precisamos enterrar a Pequena Cress antes de irmos em frente? Quer que eu diga algumas palavras para ela?

Cress olhou-o e, apesar de encontrar uma expressão solidária, achou que ele devia estar debochando dela.

– Não sou maluca. Sei que ela era só um computador. É que... eu mesma a programei, e ela era a única amiga que eu tinha. Só isso.

– Ei, não estou julgando você. Estou familiarizado com relacionamentos TI. Espere só até conhecer nossa espaçonave. Ela é demais. – A expressão dele ficou pensativa. – Falando em

espaçonaves, e aquela outra nave, aquela com a qual o guarda atracou?

– Ah, eu tinha me esquecido disso!

Ela colocou a placa atrás da mesa caída e tropeçou até chegar à outra entrada. O satélite estava torto, e a segunda entrada estava perto da parte mais baixa de inclinação, e ela precisou tirar incontáveis pedaços de plástico e equipamento quebrado até chegar à tela de controle. A tela em si estava quebrada, ela não conseguiu nem fazê-la piscar, então abriu o painel que guardava os comandos manuais para desabilitar as trancas. Uma série de mecanismos e alavancas tinha sido colocada na parede acima da porta, e, apesar de Cress saber onde estava havia anos, nunca tinha pensado muito nisso.

Os mecanismos estavam emperrados depois de anos de negligência, e ela precisou usar toda a força para puxar a alavanca, apoiando um dos pés na parede para pegar impulso. A alavanca finalmente estalou e a porta se abriu um pouquinho.

Ao ouvir o esforço dela, Thorne se levantou e andou até lá, chutando com cuidado os destroços no caminho. Ele manteve as mãos esticadas até esbarrar nela e juntos eles puxaram a porta.

O compartimento de pouso estava pior do que o satélite. Uma parede quase inteira tinha sido afetada, e pilhas de areia já começavam a entrar pelas rachaduras. Fios e hastes pendiam de painéis quebrados nas paredes, e Cress sentia cheiro de fumaça e o aroma acre de plástico queimado. A nave foi jogada no corredor e amassou a extremidade do compartimento como um acordeão. A haste de pouso entrou no painel de controle do cockpit da nave, enchendo o vidro de rachaduras.

– Me diga que a aparência está melhor do que o cheiro – disse Thorne, segurando-se na moldura da porta.

– Não exatamente. A nave está destruída, e parece que todos os instrumentos também.

Cress desceu, segurando-se na parede para manter o equilíbrio.

Experimentou alguns botões para trazer a nave de volta à vida, mas foi inútil.

– Tudo bem. Próximo plano. – Thorne esfregou os olhos. – Não temos como fazer contato com a Rampion, e eles não têm como saber que estamos vivos. Não vai nos ajudar muito ficar aqui e esperar que alguém passe. Vamos ter que tentar encontrar algum tipo de civilização.

Ela envolveu o próprio corpo com os braços, uma mistura de nervosismo e euforia invadindo as entranhas. Estava prestes a sair do satélite.

– Acho que o sol está se ponto – disse ela. – Então pelo menos não vamos caminhar no calor.

Thorne franziu os lábios enquanto pensava.

– Nesta época do ano, as noites não devem ser frias demais, independentemente do hemisfério em que pousamos. Precisamos reunir todos os suprimentos que pudermos carregar. Você tem mais algum cobertor? E é melhor colocar um casaco.

Cress passou as mãos pelo vestido fino.

– Não tenho casaco. Nunca precisei.

Thorne suspirou.

– Faz sentido.

– Mas tenho outro vestido que não está tão gasto quanto este.

– Uma calça seria melhor.

Ela olhou para as pernas nuas. Nunca tinha colocado uma calça.

– Esses vestidos são tudo o que Sybil trouxe para mim. Eu... também não tenho sapatos.

– Não tem sapatos? – Thorne massageou a testa. – Tudo bem. Passei por treinamento de sobrevivência quando era militar. Posso resolver isso.

– Mas tenho algumas garrafas que podemos encher de água. E vários kits de alimento.

– É um começo. Água é nossa prioridade. A desidratação vai ser uma ameaça bem maior do que a fome. Você tem alguma toalha?

– Duas.

– Ótimo. Pegue as duas e alguma coisa que possamos usar como corda. – Ele levantou o pé esquerdo. – E, já que estamos falando nisso, você tem alguma ideia de onde foi parar minha bota?



– TEM CERTEZA DE QUE NÃO QUER QUE EU FAÇA ISSO?

Thorne fez expressão de desdém e dirigiu o olhar para a área do joelho dela.

– Posso estar temporariamente cego, mas não sou incapaz. Ainda sei dar bons nós.

Cress coçou a orelha e sufocou mais um comentário. Estava sentada na beirada da cama, trançando uma mecha cortada de cabelo para usar como corda enquanto Thorne estava ajoelhado na frente dela. O rosto dele franzira de concentração enquanto envolvia o pé dela com uma toalha, depois passou a “corda” ao redor do tornozelo e no peito do pé algumas vezes antes de prender com um nó elaborado.

– Queremos que fique bem apertado. Se o tecido ficar frouxo demais, vai haver fricção e você vai ter bolhas. Como está?

Ela mexeu os dedos.

– Bom – disse ela, e esperou até Thorne terminar o outro pé para ajeitar as dobras do tecido sem ele perceber para que ficasse mais confortável.

Quando ela ficou de pé, a sensação foi estranha, como a de andar sobre travesseiros cheios de caroços, mas Thorne parecia pensar que ela ficaria grata pelos sapatos improvisados quando estivessem no deserto.

Juntos, eles fizeram uma trouxa usando um dos cobertores e encheram de água, comida, lençóis e um pequeno kit de primeiros socorros do qual Cress raramente precisava. A faca estava guardada na bota de Thorne, e eles desmontaram parte da

cabeceira da cama para ele usar como bengala. Os dois beberam o máximo de água que aguentaram, e depois que Cress deu uma última olhada no satélite e não conseguiu pensar em mais nada que valesse a pena levar, pisou na doca e puxou a alavanca de destrancamento manual. Com um estalo, os mecanismos internos da porta se soltaram. A parte hidráulica assoviou. Uma abertura surgiu no meio da porta dupla de metal, permitindo que Thorne enfiasse os dedos e empurrasse um dos lados para dentro da parede.

Uma brisa de ar seco soprou para dentro do satélite, um aroma o qual Cress não tem com o que comparar. Não era nada como o satélite nem as máquinas nem o perfume de Sybil.

Terra, ela supôs, memorizando o aroma. *Ou deserto*.

Thorne colocou a trouxa improvisada sobre o ombro. Depois de chutar alguns destroços do caminho, esticou a mão para Cress.

– Vá na frente.

A mão dele envolveu a dela, e ela queria saborear o momento, a sensação de toque e calor e esse cheiro perfeito de liberdade, mas Thorne a estava cutucando antes de o momento ser absorvido.

No final da área de atracamento havia uma grade e dois degraus que levavam para o local onde uma nave normalmente se acoplava, mas só havia areia, tingida de lilás com a aproximação das sombras da noite. Já tinha começado a chegar ao segundo degrau quando Cress teve uma visão do satélite sendo lentamente enterrado pela areia e desaparecendo para sempre no deserto.

Ela olhou para fora, para além da grade e das dunas, na direção do horizonte. O céu estava com um tom violeta, e, mais acima, havia azul e preto e estrelas. As mesmas estrelas que ela conhecera a vida toda, mas espalhadas como um cobertor acima dela. Havia um céu inteiro e um mundo inteiro prontos para envolvê-la.

Sua cabeça girou. Tonta de repente, Cress cambaleou para trás e colidiu com Thorne.

– O quê? O que foi?

Ela tentou engolir o pânico que surgia, a sensação de que sua existência era tão pequena e tão importante quanto a do menor grão de poeira que batia em suas canelas. Havia um mundo inteiro, um planeta inteiro. E ela estava presa em algum lugar no meio dele, longe de tudo. Não havia paredes, nem limites, nada atrás do que se esconder. Um tremor percorreu seu corpo e arrepios surgiram em seus braços nus.

– Cress. O que aconteceu? O que você está vendo?

Os dedos de Thorne apertaram os braços dela, e ela percebeu que ele estava tremendo.

Ela gaguejou duas vezes antes de expressar o pensamento.

– É... é tão grande.

– O que é tão grande?

– Tudo. A Terra. O céu. Não parecia tão grande do espaço.

Seu coração pulsava como um tambor, trovejando por todas as artérias. Ela nem inspirava direito e precisou cobrir o rosto e se virar para poder conseguir respirar de novo. Mesmo assim, a sensação foi dolorosa.

De repente, ela estava chorando, sem nem saber de onde tinham vindo as lágrimas.

As mãos de Thorne encontraram seus cotovelos, delicadas e gentis. Houve um momento em que ela esperou ser tomada nos braços dele, apertada e calorosamente contra o peito, em segurança. Ela desejava isso.

Mas ele só a sacudiu, e com força.

– Pare!

Cress soluçou.

– Qual é a principal causa de morte no deserto?

Ela piscou, e outra lágrima quente escorreu pela bochecha.

– O q-quê?

– A causa número um de mortes. Qual é?

– De-desidratação? – disse ela, lembrando-se da palestra de sobrevivência básica que ele lhe dera enquanto enchia as garrafas

de água.

– E chorar faz o quê?

Ela demorou um momento.

– Desidratada?

– Exatamente. – Ele relaxou o aperto. – Não tem problema estar com medo. Entendo que até agora a maior parte de sua existência foi confinada a duzentos metros quadrados. Na verdade, até agora você se mostrou mais sã do que eu esperava.

Ela fungou, sem saber se ele a tinha elogiado ou insultado.

– Mas preciso que você se controle. Você pode ter reparado que não estou em plena forma agora, e preciso que você esteja alerta e observe tudo e nos ajude a encontrar um jeito de sair disso, porque senão... Não sei você, mas eu não gosto da ideia de ficar preso aqui e ser comido vivo por gaviões. Então posso contar com você para se controlar? Por nós dois?

– Sim – sussurrou ela, embora seu peito estivesse prestes a explodir com tantas dúvidas amontoadas nele.

Thorne apertou os olhos, e ela achou que ele não estava acreditando nela.

– Não estou convencido de que você esteja entendendo bem a situação aqui, Cress. Vamos ser comidos. Vivos. Por gaviões. Você consegue visualizar isso por um segundo?

– S-Sim. Gaviões. Entendi.

– Que bom. Porque eu *preciso* de você. E essas não são palavras que eu digo todo dia. Você vai ficar bem?

– Vou. Só me dê... Eu só preciso de um momento.

Ela respirou mais fundo e fechou os olhos e procurou uma fantasia, qualquer fantasia...

– Sou uma exploradora – sussurrou ela – partindo com coragem para o desconhecido. – Não era uma fantasia que tivesse pensado antes, mas ela sentiu o consolo familiar da imaginação envolvendo-a. Ela era arqueóloga, cientista, caçadora de tesouros. Era mestra da terra e do mar. – Minha vida é uma aventura – declarou, ficando

mais confiante ao abrir os olhos. – Não vou mais ficar presa a esse satélite.

Thorne inclinou a cabeça para o lado. Esperou três segundos antes de colocar a mão na dela.

– Não faço ideia do que você está falando – disse ele. – Mas vamos em frente.

CAPÍTULO

Dezesseis

THORNE PASSOU A BENGALA IMPROVISADA PARA O LADO OPOSTO a fim de poder segurar o cotovelo de Cress quando eles pisaram na areia. Ela manteve a cabeça baixa e calculava com cuidado cada passo, mas também estava com medo de que, se olhasse para cima, para o céu, suas pernas fossem congelar e ela jamais conseguisse fazê-las se mover de novo.

Quando chegaram a uma distância segura do satélite, Cress ergueu o olhar com hesitação. À frente estava a mesma paisagem eterna, com o céu ficando mais escuro.

Ela olhou para trás, para o satélite, e levou um susto.

A mão de Thorne apertou seu cotovelo.

– Há montanhas – disse ela, olhando para os picos irregulares no horizonte.

Ele apertou os olhos.

– Montanhas ou morros glorificados?

Ela refletiu sobre a pergunta e comparou o local à frente com as fotos de cadeias de montanhas que tinha visto nas telas. Dezenas de picos de alturas variadas desapareciam na escuridão da noite.

– Eu acho... que são montanhas de verdade – disse ela. – Mas está escurecendo, e não consigo ver nada branco no topo. As montanhas sempre têm neve?

– Nem sempre. Estão muito longe?

– Hum...

Elas pareciam perto, mas as subidas e as dunas de areia entre eles poderiam enganar, e ela nunca precisara avaliar distâncias antes.

– Deixa pra lá. – Thorne bateu com a bengala no chão. As entranhas de Cress tremeram quando ele não soltou o braço dela,

embora talvez ele gostasse da sensação de ligação entre os dois tanto quanto ela. – Em que direção estão?

Ela pegou a mão dele e apontou. Seu coração batia erraticamente, e Cress se sentiu presa entre a exultação e o pavor. Mesmo de longe, via que as montanhas eram enormes, feras gigantescas e antigas alinhadas como um muro impenetrável dividindo o terreno vazio. Mas pelo menos eram *alguma coisa*, um marco físico, visual, que quebrava a monotonia do deserto. De alguma forma, elas a acalmavam, apesar de fazerem-na se sentir tão insignificante como nunca antes.

– Isso deve ser... sul, certo? – Ele apontou para outra direção. – O sol se pôs ali?

Ela seguiu o gesto dele, onde uma luz verde leve ainda podia ser vista por cima das dunas, sumindo rápido.

– Sim – disse ela, um sorriso trêmulo surgindo nos lábios.

Seu primeiro pôr do sol de verdade. Ela nunca soube que pores do sol podiam ser verdes, nunca soube o quanto a escuridão se espalhava depressa. Seus pensamentos vibravam enquanto tentava registrar cada minuto, guardar esse momento em segurança em um lugar em que jamais esqueceria. A forma como a luz ficava turva e enevoadada sobre o deserto. A forma como as estrelas surgiam no céu negro. A forma como os instintos dela impediam que seu olhar se direcionasse para o céu alto, mantendo o pânico sob controle.

– Você vê alguma planta viva? Qualquer coisa que não seja areia e montanhas?

– Não daqui. Mas não consigo ver quase nada... – Enquanto eles falavam, a escuridão tomava conta de tudo, e a areia antes dourada estava virando sombras sob seus pés. – Ali está nosso paraquedas – acrescentou ela ao reparar no tecido branco murchado esticado sobre uma duna.

Ele já estava sendo engolido pela areia em movimento. Uma trincheira tinha surgido na duna, onde o satélite bateu e deslizou.

– Devíamos cortar um pedaço – disse Thorne. – Poderia acabar sendo útil, principalmente se for à prova d'água.

Eles falaram pouco enquanto Cress o guiava duna acima, o trajeto dificultado pelo terreno instável. Thorne era desajeitado com a bengala, tentando testar o chão à frente sem afundar a ponta na colina e bater com a outra ponta em si mesmo. Eles acabaram chegando ao paraquedas e conseguiram cortar um quadrado grande o bastante para ser usado como lona.

– Vamos na direção das montanhas – disse Thorne. – Isso vai impedir que a gente ande diretamente para o sol de manhã, e, com sorte, elas vão oferecer abrigo e talvez até água.

Cress achou que parecia um plano tão bom quanto qualquer outro, mas, pela primeira vez, reparou em um tom de incerteza na voz de Thorne. Ele estava apenas supondo. Não sabia onde estavam e nem que direção os levaria até a civilização. Cada passo poderia levá-los para mais longe da segurança.

Mas uma decisão precisava ser tomada.

Juntos, eles começaram a subir a duna seguinte. O calor do dia estava sumindo, e uma brisa leve soprou areia nas canelas dela. Quando chegaram ao alto, ela se viu olhando para um oceano de nada. A noite tinha chegado e ela nem conseguia ver mais as montanhas. Mas, quando as estrelas ficaram mais iluminadas e seus olhos se acostumaram, Cress percebeu que o mundo ao redor não estava negro como breu, mas tingido de um leve tom de prateado.

Thorne tropeçou e gritou, cambaleando e caindo sobre as mãos e os joelhos. A bengala improvisada estava espetada na areia e por pouco não atravessou Thorne quando ele caiu.

Ofegante, Cress caiu de joelhos ao lado dele e apertou uma das mãos nas costas de Thorne.

– Você está bem?

Afastando-a com rispidez, Thorne se levantou até ficar sentado sobre os calcanhares. À luz suave, Cress viu que o maxilar dele estava tenso e as mãos, apertadas.

– Capitão?

– Estou bem – disse ele, com dureza na voz.

Cress hesitou, com os dedos pairando perto dos ombros dele.

Ela viu o peito dele se expandir com uma respiração lenta e ouviu o expirar trêmulo e esforçado.

– Eu – começou ele, falando lentamente – não estou feliz com a direção que os eventos tomaram.

Cress mordeu o lábio, ardendo de solidariedade.

– O que posso fazer?

Depois de um momento olhando cegamente para as montanhas, Thorne balançou a cabeça.

– Nada – disse ele, e esticou o braço até encontrar a bengala. Envolveu-a com os dedos. – Posso fazer isso. Só preciso entender como.

Ele ficou de pé e tirou a traiçoeira bengala da areia.

– Na verdade, se você pudesse tentar me avisar quando estivermos chegando a uma subida ou prestes a descer de novo, já ajudaria.

– É claro. Estamos quase no topo... – Ela parou de falar quando seus olhos deixaram o rosto de Thorne para procurar o topo da duna e encontraram a lua, uma faixa crescente brilhando vívida e branca no horizonte. Ela afastou o rosto, a força do hábito dizendo para que se escondesse debaixo da mesa ou da cama até a lua não poder mais encontrá-la; só que não havia mesa nem cama sob as quais se esconder. E, quando a surpresa inicial passou, ela começou a perceber que a visão da lua não a enchia de pavor como antigamente. Da Terra, parecia tão distante. Ela engoliu em seco. – ... Quase no topo dessa duna.

Thorne inclinou a cabeça para o lado.

– O que foi?

– Nada. É só que... estou vendo Luna. Só isso.

Ela afastou o olhar da lua e olhou para o céu noturno. Foi com hesitação no começo, com medo de que olhar para o céu a

deixasse tonta mais uma vez, mas logo descobriu que havia alguma coisa de reconfortante em ver a mesma galáxia que sempre conhecera. As mesmas estrelas para as quais olhara a vida toda, vistas por uma nova lente.

A tensão em seu corpo diminuiu aos poucos. Isso era familiar. Era seguro. Um leve movimento de gases no universo, brilhando em tons de roxos e azul. O brilho de milhares e milhares de estrelas, tão numerosas quanto grãos de areia, tão estonteantes quanto um pôr do sol terráqueo visto pela janela do satélite.

A pulsação dela deu um salto.

– Espere... as constelações – disse ela, girando em um círculo enquanto Thorne tirava areia dos joelhos.

– O quê?

– Ali... ali está Pegasus, e Peixes, e... oh! É Andrômeda!

– O que você... ah. – Thorne afundou a bengala na areia e apoiou o peso nela. – Navegação. – Ele esfregou o maxilar. – Essas são todas as constelações do norte. Isso tira a Austrália da jogada, pelo menos.

– Espere. Me dê um minuto. Sou capaz de descobrir isso.

Cress apertou os dedos contra o rosto, tentando se ver olhando para as mesmas constelações incontáveis vezes das janelas do satélite. Concentrou-se em Andrômeda, a maior à vista, com a estrela alfa brilhando como um farol não muito distante do horizonte. Onde o satélite dela estaria em relação à Terra quando ela via aquela estrela naquele ângulo?

Depois de um momento, as constelações começaram a se espalharem como um holograma em sua mente. Era como se estivesse vendo a ilusão cintilante da Terra girando devagar à frente dela, cercada de espaçonaves e satélites e estrelas, estrelas, *estrelas...*

– Acho que estamos no norte da África – disse ela, virando-se para olhar para as outras constelações que surgiam no oceano de estrelas. – Ou talvez na Comunidade das Nações Orientais, em uma das províncias ocidentais.

Thorne uniu as sobrancelhas.

– Poderia ser o Saara. – Seus ombros começaram a murchar, e Cress viu o momento em que ele percebeu que não fazia diferença em qual hemisfério eles estavam, em qual país. Ainda era um deserto. Eles ainda estavam presos. – Não podemos ficar aqui olhando as estrelas a noite toda – lembrou ele, abaixando-se para pegar a bolsa de suprimentos e recolocar no ombro. – Vamos continuar seguindo para as montanhas.

Cress tentou oferecer o cotovelo de novo, mas Thorne só o apertou de leve e soltou.

– Tira meu equilíbrio – disse ele, testando o comprimento da bengala para poder andar sem enfiá-la no chão de novo. – Vou ficar bem.

Cress escondeu a decepção e começou a subir a duna. Anunciou o topo quando eles chegaram lá e continuaram a descer pelo outro lado.

CAPÍTULO

Dezessete

SCARLET ESTAVA PILOTANDO A NAVE. ELA NÃO LEMBRAVA POR quanto tempo voava, nem onde estava antes, nem como tinha acabado atrás daquele painel de controle. Mas sabia muito bem *por que* estava ali.

Porque queria estar.

Porque *precisava* estar.

Se ela se saísse bem, seria recompensada. A ideia a deixava exultante. Ansiosa. Disposta.

Assim, ela voou rápido. Com firmeza. Permitiu que a pequena nave se tornasse uma extensão dela. As mãos seguravam os controles, os dedos dançavam sobre os instrumentos. Ela nunca pilotou tão bem, desde o dia em que a avó começou a ensiná-la a pilotar a nave de entregas pelo terreno da fazenda. Como a nave sacudiu debaixo das mãos inabilidosas. Como tremeu e despencou, com o trem de pouso raspando na terra úmida, depois subiu para o céu enquanto a voz paciente da avó a guiava por cada etapa...

A lembrança desapareceu tão rapidamente quanto chegou, trazendo-a de volta à nave, e ela não conseguiu lembrar em que estava pensando. Só pensava nesse voo. Nesse momento. Nessa responsabilidade.

Não prestou atenção às estrelas manchadas em todas as direções. Não pensou no planeta se afastando cada vez mais atrás dela.

No banco de trás da nave, a mulher sibilava e xingava enquanto cuidava do ferimento. Estava aborrecida, e essa era a única coisa que incomodava Scarlet, porque queria que a mulher ficasse satisfeita.

Os murmúrios zangados acabaram morrendo, e a mulher começou a falar. O coração de Scarlet deu um salto até ela

perceber que não era com ela que a mulher falava. Na verdade, estava enviando uma mensagem. Ela ouviu duas palavras que geraram uma onda de pânico: *Vossa Majestade*.

Ela estava falando com a própria rainha.

Ocorreu a Scarlet que saber disso deveria apavorá-la, mas não lembrava por quê. Na verdade, sentia-se constrangida por estar ouvindo. Não era coisa dela ser curiosa. Ela tentou ignorar a conversa e deixar que a mente se enevoasse. Dentro da mente, recitou as rimas da infância nas quais não pensava em tantos anos.

Quase deu certo. Mas, quando um nome chegou aos ouvidos dela, a curiosidade tomou conta.

Linh Cinder.

– Não, não consegui capturá-la. Eu estava em número menor. Me desculpe, Majestade. Eu falhei com você. Sim, já mandei as últimas coordenadas conhecidas da nave para a guarda real. Consegui capturar uma refém, Majestade. Uma das cúmplices dela. Talvez ela tenha informações sobre o local para onde Linh Cinder possa ir agora, ou sobre o plano dela. Sei que não é bom o bastante, Majestade. Vou compensar, Majestade. Eu *vou* encontrá-la.

A conversa terminou, e as orelhas de Scarlet queimavam por ela ter xeretado. Estava com vergonha. Merecia ser punida.

Em uma tentativa de compensar seu ato de delinquência, concentrou-se na tarefa: pilotar da forma mais suave e rápida que um piloto era capaz. Ela só pensava no quanto devia pilotar bem. Só pensava no quanto devia deixar sua mestra orgulhosa.

Não sentiu espanto ao se aproximar da grandiosa Luna, cheia de crateras, sua superfície branca cintilante e cidades brilhantes cobertas por domos.

Cidades que eram lar de incontáveis estranhos.

Cidades que tinham sido o lar dele no passado...

Ela se encolheu por causa do pensamento invasivo. Não sabia o que queria dizer. Não lembrava quem *ele* era.

Mas foi daqui que ele veio...

Ela sufocou a voz em um pânico nervoso de que a mestra sentisse sua confusão. E não queria isso. Não havia confusão.

Ela sabia precisamente onde queria estar. Precisamente quem queria estar servindo.

Scarlet não sentiu medo quando a lua foi aumentando perto da pequena nave, se expandindo até ser tudo o que conseguia ver pelo vidro.

Ela não prestou atenção às lágrimas quentes que desciam por suas bochechas e pingavam sem ruído no colo.

CAPÍTULO

Dezoito

NÃO DEMOROU PARA QUE CRESS E THORNE ACHASSEM UM RITMO. Conforme Thorne foi ficando mais à vontade com o movimento da areia embaixo deles e com a sensação da bengala na mão, permanecia mais confiante, e o ritmo de caminhada aumentou. Três dunas. Cinco. Dez. Em pouco tempo, Cress percebeu que era preciso bem menos energia para permanecer nos vales entre as dunas sempre que possível, e eles começaram a fazer uma rota mais lenta mas menos exaustiva em zigue-zague pelo deserto.

Enquanto ela andava, as toalhas ao redor dos pés começaram a afrouxar e grãos de areia entraram entre os dedos, apesar da força que Thorne usara para amarrar as cordas de cabelo. As solas dos pés começaram a arder, e uma câimbra ameaçava se espalhar pelo pé esquerdo devido ao movimento constante dos dedos no chão instável. As pernas dela doíam. O corpo de Cress começou a se rebelar quando estavam subindo mais uma duna. As coxas queimaram quando chegaram ao topo de mais uma colina, e as panturrilhas gritaram quando desceram do outro lado. As rotinas bobas de exercício a bordo do satélite não a haviam preparado para isso.

Mas ela não reclamou. Ofegava bastante. Limpava as gotas de suor da testa. Trincava o maxilar por causa da dor. Mas não reclamava.

Pelo menos ainda enxergava, lembrou a si mesma. E pelo menos não precisava carregar os suprimentos. Ela ouvia Thorne trocar a bolsa de ombro de tempos em tempos, mas ele também não reclamava.

Às vezes, quando chegavam a uma parte plana, ela fechava os olhos para ver por quanto tempo conseguia andar sem abri-los. A

vertigem a atacava quase imediatamente. O pânico florescia na base da espinha e subia até ela ter certeza de que cada passo a faria pisar em uma pedra ou pequena subida e que cairia de cara na areia.

Na quarta vez que ela fez isso, Thorne perguntou por que eles toda hora passavam a ir mais devagar. Ela manteve os olhos abertos depois disso.

– Você precisa parar um pouco? – perguntou Thorne horas depois.

– N-Não – ofegou ela, com as coxas ardendo. – Estamos quase no topo desta duna.

– Tem certeza? Não seria bom você desmaiar de exaustão.

Ela deu um suspiro de alívio quando eles chegaram ao alto da duna, mas o medo logo tomou o lugar do alívio. Cress não sabia por que esperava que essa duna fosse se mostrar diferente das dezenas de outras que já tinham subido. Não sabia por que estava pensando que essa devia marcar o fim do deserto, pois achava que não conseguiria ir muito mais longe.

Mas não era o fim. O mundo era feito de mais dunas, mais areia, mais nada.

– É sério. Vamos dar uma descansada – falou Thorne, colocando a bolsa no chão e enfiando a bengala na areia.

Ele passou um momento relaxando os ombros, depois se abaixou e desfez o nó da bolsa. Entregou a Cress uma das garrafas de água e pegou outra para si.

– Não deveríamos racionar? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– É melhor beber enquanto estamos com sede e tentar suar o mínimo possível, pelo máximo que pudermos. Nossos corpos vão manter a hidratação melhor assim, mesmo se ficarmos sem água. E devemos evitar comer até encontrarmos outra fonte. A digestão precisa de muita água.

– Tudo bem. Não estou com fome.

E era verdade. O calor parecia ter roubado qualquer apetite que ela tivesse.

Quando acabou de beber o quanto conseguia, Cress devolveu a garrafa para Thorne e fantasiou-se deitando na areia e indo dormir, mas não ousava por medo de nunca mais acordar. Quando Thorne levantou a bolsa, ela desceu a duna sem questionar.

– O que você acha que está acontecendo na sua nave? – perguntou Cress enquanto eles desciam. A pergunta vinha ecoando em sua mente havia horas, mas a água finalmente a tornou capaz de falar. – Você acha que a mestra Sybil...?

– Eles estão bem – respondeu Thorne com confiança firme. – Tenho pena da pessoa que se posicionar contra Lobo, e Cinder é mais durona do que as pessoas imaginam. – Uma pausa, e uma gargalhada sonora se espalhou pelo ar do deserto. – Literalmente, na verdade.

– Lobo. Esse deve ser o outro homem na nave, não?

– É, e Scarlet é a... bem, não sei direito como eles se chamam, mas ele é lunático por ela. Scarlet não é moleza também. Aquela taumaturga não fazia ideia no que estava se metendo.

Cress torcia para ele estar certo. A mestra Sybil os encontrara por causa *dela*, e a dor que sentia era tão intensa quanto as sensações sofridas em seus ossos.

– E como uma garota que nasceu em Luna foi parar em um satélite e se tornou simpatizante da Terra?

Ela franziu o nariz.

– Ah. Quando meus pais descobriram que eu era cascuda, me entregaram para ser morta, por causa das leis do infanticídio. Mas a mestra me salvou e me criou, junto com outros cascudos que salvou. Ela basicamente nos queria para alguma espécie de experimento como os que estão sempre fazendo, mas a mestra nunca me explicou direito. Nós morávamos em uns tubos de lava convertidos em dormitórios e estávamos sempre sendo monitorados por câmeras ligadas ao sistema de comunicação de

Luna. Era meio apertado, mas não era ruim, e tínhamos tablets e telas, de forma que não ficávamos completamente isolados do mundo externo. Depois de um tempo, fiquei muito boa em invadir o sistema de comunicação, que eu fazia só para coisas bobas. Vivíamos curiosos com a escola, então eu usava para invadir o sistema escolar de Luna e baixar guias de estudo, coisas assim.

Cress apertou os olhos em direção à lua, tão distante. Era difícil acreditar que ela era de lá.

– Aí, um dia, um dos garotos mais velhos, Julian, me perguntou se eu achava que conseguiria descobrir quem eram os pais dele. Demorei uns dois dias, mas descobri, e vimos que os pais dele moravam em um dos domos de madeira, que os dois estavam vivos e que ele tinha dois irmãos mais novos. Depois, descobrimos como mandar uma mensagem para eles para contar que ele estava vivo. Ele achava que, se eles soubessem que ele não tinha sido morto, iriam procurá-lo. Ficamos tão animados achando que podíamos fazer contato com nossas famílias. Que seríamos resgatados. – Ela engoliu em seco. – Foi muita inocência, é claro. No dia seguinte, a mestra veio e levou Julian, depois alguns técnicos tiraram todo o equipamento de monitoria, para não termos mais acesso à rede. Eu acho... acho que os pais dele devem ter feito contato com as autoridades quando receberam a mensagem, e acho que ele deve ter sido morto, para provar que as leis do infanticídio estavam sendo levadas a sério.

Ela passou os dedos pelo cabelo e ficou surpresa de deslizarem com tanta facilidade.

– Depois disso, a mestra Sybil passou a prestar mais atenção em mim. Ela às vezes me levava para fora das cavernas, até os domos, e me passava tarefas diferentes. Alterar o código do sistema de transmissão. Invadir redes. Programar software inteligente para captar dicas verbais específicas e enviar informações para contas de mensagens diferentes. No começo, eu amei. A mestra era boa comigo nessa época, e significava que eu podia sair dos tubos de

lava e ver um pouco da cidade. Eu sentia como se estivesse me tornando a favorita dela e que, se eu fizesse o que ela me pedia, acabaria não importando mais o fato de eu ser cascuda, e eu teria permissão de ir à escola e ser como qualquer lunar normal. Um dia, Sybil me pediu para invadir uma troca de mensagens de dois diplomatas europeus, e eu falei que o sinal estava muito fraco. Eu precisava ficar mais perto da Terra, e precisava de conectividade melhor, softwares avançados...

Cress balançou a cabeça, lembrando-se de como dissera para Sybil exatamente o que Sybil precisaria para montar o satélite para seu jovem prodígio. Cress praticamente elaborou a própria prisão.

– Alguns meses depois, a mestra foi me buscar e me disse que íamos viajar. Subimos em uma nave, e eu estava tão animada! Pensei que ela fosse me levar até Artemísia, para ser apresentada para a própria rainha, para ser perdoada por ter nascido cascuda. Eu me sinto tão idiota agora. Mesmo quando começamos a voar para longe de Luna e eu vi que estávamos indo na direção da Terra, foi para lá que pensei que estivéssemos indo. Eu pensei, tudo bem, talvez os lunares não consigam me aceitar assim, mas a mestra sabe que os terráqueos aceitarão. Então está me deixando ir para a Terra. A viagem demorou horas e horas, e, no final, eu estava tremendo de empolgação e já tinha elaborado toda uma história na cabeça, de que a mestra me daria para um casal terráqueo legal que me criaria como filha, e eles moravam em uma casa enorme na árvore... Não sei por que pensei que eles morariam em uma casa na árvore, mas acho que era para isso que eu torcia. Eu nunca tinha visto árvores de verdade. – Ela franziu a testa. – Na verdade, ainda não vi.

Houve um silêncio curto antes de Thorne dizer:

– E foi aí que ela levou você para o satélite e você se tornou programadora da rainha.

– Programadora, *hacker*, espiã... de alguma forma, nunca deixei de acreditar que, se eu fizesse tudo o que ela pedia, um dia ela me

soltaria.

– E quanto tempo demorou para você decidir que preferia tentar salvar a realeza da Terra em vez de espioná-la?

– Não sei. Eu sempre fui fascinada pela Terra. Passei muito tempo lendo notícias terráqueas e vendo as novelas. Comecei a me sentir ligada às pessoas de lá de baixo... daqui de baixo. Mais do que me sentia ligada aos lunares. – Ela uniu as mãos. – Depois de um tempo, comecei a fingir que era uma guardiã secreta e que era meu trabalho proteger a Terra e seu povo de Levana.

Para o alívio dela, Thorne não riu. Ele não falou nada por um tempo, e Cress não conseguiu decidir se o silêncio era reconfortante ou constrangedor. Talvez ele achasse que as fantasias dela eram infantis.

Um bom tempo depois, Thorne falou:

– Se eu estivesse em seu lugar e só tivesse um chip D-COMM que pudesse usar para me comunicar com a Terra, eu teria encontrado alguma sujeira no passado de algum piloto famoso e feito chantagem com ele até fazê-lo me buscar no satélite em vez de tentar salvar o imperador.

Apesar de ele parecer sério, Cress não pôde evitar um sorriso.

– Não, não teria. Você teria feito a mesma coisa que eu porque você sabe que a ameaça que Levana é para a Terra é muito maior do que você e eu... muito maior do que qualquer um de nós.

Mas o capitão balançou a cabeça.

– É bondade sua dizer isso, Cress. Mas acredite em mim. Eu teria feito chantagem com alguém.

CAPÍTULO

Dezenove

KAI TIROU O CABELO DA TESTA ENQUANTO OLHAVA PARA A HOLOGRAFIA que pairava sobre a mesa de conferência com uma mistura de horror e assombro. Parte dele queria rir. Não por ser engraçado, mas porque não parecia haver reação melhor.

A holografia mostrava o planeta Terra. E, ao redor dele, havia centenas de luzinhas amarelas, muitas paradas acima das cidades mais populosas do planeta.

Centenas de pequenas espaçonaves.

Eles estavam cercados.

– E são todas lunares? – disse ele. – Temos certeza?

– Sem dúvida alguma – disse o primeiro-ministro europeu, Bromstad, com o rosto reunido com o dos outros líderes da União Terráquea na tela enorme. – O mais desconcertante é que não tivemos indicação nenhuma dessa aproximação. É como se todas elas simplesmente... *aparecessem* ali, dez mil quilômetros acima da nossa cabeça.

– Ou – disse a rainha Camilla, do Reino Unido – como se estivessem ali o tempo todo, mas nós não tivéssemos como detectá-las. Não ouvimos há anos sobre naves lunares que entram na nossa atmosfera e escapam de todas as medidas de segurança?

– Importa há quanto tempo estão ali? Ou como chegaram lá? – perguntou o presidente da República Americana, Vargas. – Elas estão ali agora, e isso é uma ameaça óbvia.

Kai fechou bem os olhos.

– Mas *por quê?* Ela está conseguindo exatamente o que quer. Por que nos ameaçar agora? Por que demonstrar força?

– Talvez para garantir que a Comunidade não vá desistir da aliança de casamento no último minuto? – sugeriu Bromstad.

– Mas ela não tem motivo nenhum... – Kai bufou e colocou a mão nas costas da cadeira... que no passado tinha sido a cadeira de seu pai. Ele estava inquieto demais para se sentar quando olhou para os membros do gabinete e conselheiros, os especialistas mais preparados de seu país, que estavam com expressão tão pasma quanto como ele se sentia. – O que vocês acham disso tudo?

Seus especialistas trocaram olhares, e o chefe Deshal Huy começou a bater com os dedos na mesa.

– Parece indicar que eles estão nos mandando algum tipo de mensagem.

– Talvez seja a forma de confirmarem presença no casamento – murmurou o governador geral Williams, da Austrália.

– Talvez devêssemos perguntar – falou Konn Torin, batendo com um dedo na testa. – Se Luna vai se tornar um aliado pacífico da União Terráquea, deveríamos começar a abrir as linhas de comunicação.

– Naturalmente – disse a primeira ministra da África, Kamin. Kai praticamente a ouvia revirar os olhos. – Já que eles foram tão abertos conosco no passado.

– E você tem ideia melhor?

– *Eu* tenho – disse Williams. – Essa poderia ser nossa melhor chance de responder à invasão recente. Deveríamos coordenar um ataque completo, derrubar o máximo de naves que pudermos. Mostrar para Luna que eles não podem ficar nos ameaçando cada vez que Levana tiver outro chilique. Se querem lutar, vamos lutar.

– Guerra – disse a primeira ministra Kamin. – Você está sugerindo que iniciemos uma guerra.

– *Eles* começaram a guerra. Estou sugerindo que terminemos com ela.

Kamin fungou.

– E você acha que nossos militares estão preparados para lançar um ataque contra a frota inteira de naves lunares? Não temos a menor ideia de que tipo de armas eles têm, e acho que os ataques

recentes ilustraram que eles não vão lutar usando nenhuma estratégia com a qual estejamos familiarizados. Eles são imprevisíveis, e por mais que me doa admitir, nossa sabedoria militar sofreu com as gerações de paz. Nossos números estão baixos, poucos de nossos homens foram treinados para combate no espaço...

– Eu concordo com a Austrália – interrompeu a rainha Camila. – Essa poderia ser a única vez que teríamos o elemento surpresa do nosso lado.

– *Surpresa?! –* gritou o presidente Vargas. – Eles estão *nos* cercando. E se estiverem torcendo para que os ataquemos? E se toda essa história de aliança de casamento foi uma distração para que não percebêssemos enquanto eles assumiam suas posições?

Os dedos de Kai ficaram brancos nas costas da cadeira.

– A aliança não é distração e ninguém vai iniciar uma guerra! Camila deu um sorriso debochado.

– Ah, sim. Eu tinha esquecido que o jovem imperador sabe tanto sobre esses assuntos.

O sangue dele começou a ferver.

– Essa holografia indica que, apesar de essas naves estarem cercando a Terra, elas ainda estão fora das designações territoriais da União Terráquea. Certo?

– Por enquanto – disse o governador geral Williams.

– Certo. O que quer dizer que *por enquanto* essas naves não estão violando nenhum dos termos que estabelecemos com Luna. Não estou dizendo que Levana não esteja nos provocando ou ameaçando, mas seria tolice nossa reagir sem antes elaborar algum tipo de estratégia.

Williams balançou a cabeça.

– Quando terminarmos a estratégia, podemos muito bem já ter sido obliterados.

– Tudo bem – disse Kai, endireitando os ombros. – O Tratado de Bremen diz que precisamos de maioria para executar um ato de

guerra contra qualquer entidade política. Todos os que forem a favor de atacar essas naves lunares digam sim.

– Sim – disseram Williams e Camilla ao mesmo tempo.

Os outros três líderes ficaram em silêncio, mas Kai percebeu pelas expressões tensas que ninguém estava feliz com isso.

– Nada de maioria.

– Então o que *you* propõe que nós façamos? – perguntou a rainha Camilla.

– Tem uma pessoa da delegação lunar no palácio neste momento – disse Kai, encolhendo-se por dentro. – Vou conversar com ele. Vou ver se consigo entender o que está acontecendo. As negociações de aliança são entre Luna e a Comunidade, então deixem que eu lido com isso.

Ele cancelou o link de comunicação antes que os outros líderes pudessem discutir ou ver o quanto ele estava ficando frustrado. Frustrado por nunca saber o que Levana estava pensando ou o que ia fazer em seguida. Frustrado por estar cedendo a todas as vontades dela, e, mesmo assim, ela ainda decidir fazer uma coisa assim, sem motivo aparente fora deixar o resto da União nervoso. Frustrado porque, se fosse sincero consigo mesmo, uma grande parte dele concordava que atacar aquelas naves poderia ser a melhor ação.

Mas, se uma guerra começasse, eles não tinham chance de completar a aliança de paz, o que significava esperança zero de pôr as mãos no antídoto da letumose.

Ele olhou para os outros homens e mulheres sentados ao redor da holografia.

– Obrigado – disse ele, com voz quase calma. – Isso é tudo.

– Majestade – falou Nainsi, entrando na sala de reuniões enquanto as pessoas saíam –, você tem uma reunião marcada com Tashmi-jie em seis minutos.

Ele sufocou um gemido.

– Me deixe adivinhar. Vamos discutir toalhas de mesa hoje?

– Acho que vai ser a equipe de serviço, Majestade.
– Ah, certo, parece uma excelente forma de usar meu tempo. –
Ele prendeu o tablet no cinto. – Avise que estou a caminho.



– OBRIGADA POR CONCORDAR EM ME ENCONTRAR AQUI FORA – disse Tashmi Priya, fazendo uma reverência. – Achei que o ar fresco poderia ajudar você a se concentrar em algumas das decisões finais a serem tomadas com relação à cerimônia.

Kai deu um sorriso tenso.

– É uma forma muito diplomática de observar que não venho levando o planejamento do casamento muito a sério. E provavelmente é verdade. – Ele colocou as mãos nos bolsos e ficou impressionado com a sensação boa da brisa fria no rosto. Ainda estava quente de irritação depois da reunião com os líderes da União. – Mas é mesmo bom estar aqui fora. Sinto que não saio do escritório há um mês.

– Desconfio que haja filmagens de segurança que possam provar isso.

Eles passaram por um laguinho com carpas, ensombreado pelos galhos de um salgueiro-chorão e cercado de uma série de jardins que foram cavados e arados recentemente para o replantio do outono seguinte. Ao sentir o cheiro do ar fresco, Kai ficou momentaneamente perplexo pela forma como a vida no palácio prosseguia; como a vida da cidade e da Comunidade das Nações Orientais e de toda a Terra prosseguira, mesmo quando ele se trancava naquele escritório e queimava o cérebro em busca de alguma forma de proteger isso tudo.

– Vossa Majestade?

Ele levou um susto.

– Sim, desculpe. – Ele indicou um banco simples de pedra. – Vamos nos sentar?

Priya ajeitou o tecido do sári quando se sentou. Os peixes dourados e laranja se aproximaram da margem de pedra do lago na esperança de ganhar comida.

– Eu queria falar com você sobre uma ideia que tive em relação aos profissionais contratados que vão ajudar com a cerimônia de casamento, mas acho que Sua Majestade lunar não aprovaria. Mesmo assim, achei que a decisão deveria ser sua.

– Profissionais contratados?

– Banqueteiros, mordomos, recepcionistas, floristas, coisas assim.

Kai ajeitou o punho da camisa.

– Ah, certo. Continue.

– Achei que talvez fosse prudente contratar para o evento uma mistura de humanos e andróides.

Ele balançou a cabeça.

– Levana jamais aceitaria.

– Sim. É por isso que eu sugeriria que usássemos os andróides-acompanhantes que ela não reconheceria dessa forma.

Ele enrijeceu.

– Acompanhantes?

– Nós usaríamos só os modelos mais realistas. Poderíamos até fazer um pedido especial daqueles com características mais humanoides. Falhas na pele, cabelo e olhos de cor natural, tipos de corpo e de estrutura óssea variados. Eu tomaria o cuidado de encontrar andróides que não chamassem a atenção.

Kai abriu a boca para refutar de novo, mas fez uma pausa. Andróides-acompanhantes eram feitos basicamente para fazer companhia. Seria um insulto da maior ordem se Levana percebesse que estavam na cerimônia de casamento dela.

Mas...

– Eles não podem sofrer lavagem cerebral.

Priya ficou em silêncio por um momento antes de prosseguir:

– Também poderíamos usá-los para registrar os

acontecimentos, caso Sua Majestade ou os convidados tentem fazer qualquer coisa... inconveniente.

– Levana insistiu na ausência de câmeras de novo?

A rainha odiava ser filmada e exigira que não houvesse nenhum aparelho de filmagem no baile anual, quando foi convidada especial.

– Não, Vossa Majestade, a rainha reconhece a importância de esse evento ser transmitido em âmbito internacional. Ela não ofereceu nenhuma resistência quanto a isso.

Ele soltou a respiração.

– No entanto, com androides podemos garantir que teremos olhos por todo o lado, de certa forma. – Ela deu de ombros. – Espero que essa seja uma precaução desnecessária.

Kai mexeu no punho da camisa. Era uma ideia inteligente. Os homens e mulheres mais poderosos da Terra estariam nessa cerimônia, tornando extremamente fácil para Levana abusar de seus poderes de manipulação. Ter funcionários leais que não podiam ser afetados poderia ser uma política de segurança contra uma catástrofe política mundial.

Mas Levana odiava androides. Se descobrisse, ficaria furiosa, e ele gostaria de evitar mais explosões da rainha se pudesse.

– Obrigado pela recomendação – disse ele. – Quando você precisa de uma decisão?

– No final desta semana, para podermos fazer o pedido a tempo.

– Eu aviso.

– Obrigada, Majestade. Além do mais, eu queria contar para você uma pequena descoberta que fiz esta manhã que resulta em mais um benefício de transmitir o evento.

– E qual é?

– Sua Majestade se recusa a retirar o véu na presença de qualquer câmera, e por isso vai usá-lo durante todo o casamento e coroação. – Ela esticou a mão e deu um tapinha no pulso de Kai. – O que quer dizer que você não vai ter que beijá-la.

Ele não conseguiu evitar uma gargalhada aguda. Saber disso realmente diminuiu um pouco do seu pavor, mas também foi um lembrete doloroso. Ele concluiu que ainda teria que beijá-la em algum momento. A ideia o enojava.

– Obrigado, Tashmi-jie. Isso torna tudo um pouco menos horrendo.

O rosto dela se suavizou.

– Posso falar abertamente, Majestade?

– É claro.

Ela puxou a mão e entrelaçou os dedos no colo.

– Não quero cruzar nenhum limite profissional, mas tenho um filho, sabe. Ele é um ano mais velho do que você.

Kai engoliu em seco, surpreso pela pontada de culpa. Ele nunca tinha pensado em quem essa mulher era quando saía do palácio todos os dias. Nunca tinha se dado ao trabalho de visualizá-la com uma família.

– Ultimamente, tentei imaginar como isso tudo seria para ele – prosseguiu Priya, olhando para os galhos caídos da árvore. As folhas estavam mudando para dourado e de vez em quando uma brisa soprava e algumas caíam girando no lago. – Que tipo de preço seria exigido de um jovem com essas responsabilidades, obrigado a tomar essas decisões. – Ela respirou fundo, como se arrependida das palavras antes mesmo de dizê-las. – Como mãe, me preocupo com você.

Ele olhou nos olhos dela e seu coração disparou.

– Obrigado – disse ele –, mas você não precisa se preocupar. Estou fazendo meu melhor.

Ela deu um sorriso gentil.

– Ah, sei que está. Mas, Vossa Majestade, estou planejando esse casamento há onze dias e vi você envelhecer anos nesse tempo. Me dói pensar no quanto as coisas vão ficar mais difíceis depois do casamento.

– Ainda tenho Torin. E o gabinete, e os representantes das

províncias... Não estou sozinho.

Enquanto falava, ele sentiu o gosto da mentira.

Não estava sozinho. Estava?

A ansiedade subiu por sua garganta. É claro que não estava. Havia um país inteiro com ele, e todas as pessoas do palácio, e...

Ninguém.

Ninguém conseguia entender de verdade o que ele estava arriscando, que sacrifícios faria. Torin era inteligente o bastante para perceber, claro, mas ainda tinha uma casa para voltar no fim do dia.

E Kai não tinha contado para Torin que ele e Nainsi estavam procurando a princesa Selene de novo. E jamaisalaria para Torin que uma parte dele torcia para Cinder estar em segurança. E jamais diria para ninguém o quanto estava apavorado, a cada momento de cada dia. O quanto estava com medo de cometer um erro enorme.

– Sinto muito, Majestade – disse Priya. – Eu esperava, se não fosse muito ousado de minha parte, poder oferecer conselho materno.

Ele apertou a ponta dos dedos na pedra fria do banco.

– Talvez isso pudesse me ajudar.

Priya ajeitou o sári no ombro, e o bordado dourado refletiu a luz do sol.

– Tente encontrar alguma coisa que faça você feliz. Sua vida não vai ficar mais fácil quando a rainha Levana for sua mulher. Se você tivesse ao menos uma pequena coisa que trouxesse felicidade ou esperança de que as coisas pudessem ficar melhores algum dia, talvez isso bastasse para sustentá-lo. Senão, temo que será fácil demais para a rainha ganhar.

– E o que você sugeriria?

Priya deu de ombros.

– Talvez este jardim seja um bom lugar para começar.

Seguindo o gesto dela, Kai observou os bambus sobre os muros de pedra, os lírios começando a murchar depois do longo período de verão, os peixes coloridos que se amontoavam e se

empurravam, alheios à tormenta no mundo acima do pequeno lago. Era bonito, mas...

– Você não está convencido – falou Priya.

Ele forçou um sorriso.

– É um bom conselho. Só não sei se eu teria a energia para ser feliz agora, com qualquer coisa.

Priya pareceu triste com a resposta, mas não surpresa.

– Pense no assunto. Você merece um descanso de vez em quando. Todos merecemos, mas você mais do que qualquer pessoa.

Ele deu de ombros, mas sem entusiasmo.

– Vou manter isso em mente.

– É tudo o que eu posso pedir. – Priya ficou de pé, e Kai se juntou a ela. – Obrigada pelo seu tempo. Me avise sobre sua decisão em relação aos androides-acompanhantes.

Kai esperou até ela voltar ao palácio para se sentar no banco de novo. Uma folha dourada estreita caiu em seu colo, e ele a pegou e girou entre os dedos.

O conselho de Priya tinha mérito. Um pouquinho de felicidade, de esperança, poderia fazer a diferença para preservar sua sanidade, mas era um pedido mais fácil de fazer do que de realizar.

Ele *tinha* um pouco de felicidade pela qual ansiar. Ver a assinatura de Levana no Tratado de Bremen. Distribuir o antídoto dela e erradicar essa peste horrível do planeta.

Mas essas vitórias viriam de mãos dadas com uma vida frequentando bailes de comemoração com Levana ao lado, e, da próxima vez, Cinder não estaria lá para distraí-lo. Embora fosse verdade que essa vida pudesse ser mais curta do que se esperava. Era um pensamento mórbido, que sua morte prematura ao menos impediria que ele fosse a muitos bailes sofríveis.

Ele suspirou e seus pensamentos voltaram a Cinder. Não conseguia deixar de pensar nela atualmente, talvez porque o nome dela estivesse no começo de cada relatório, de cada noticiário. A garota que ele convidou para o baile. A garota com quem ele *quis*

dançar.

Ele pensou naquele momento, viu-a no alto da escada, com o cabelo e o vestido molhados da chuva. Quando reparou que ela estava usando as luvas dadas por ele. Um sorriso ameaçou se abrir. Não devia ser isso que Priya tinha em mente; a situação mais impossível de todas. Seu relacionamento com Cinder, se é que podia ser chamado assim, foi fugaz e agrídoce.

Talvez se as coisas fossem diferentes. Talvez se ele não fosse se casar com Levana. Talvez se tivesse a chance de conversar com Cinder sobre as coisas que o atormentavam: foi tudo uma enganação? Ela em algum momento pensou em contar a verdade para ele?

Talvez então ele pudesse imaginar um futuro em que eles recomeçassem.

Mas o noivado era muito real, e Cinder era...

Cinder era...

Ele fez um movimento brusco e quase esmagou a folha no punho.

Cinder estava procurando a princesa Selene. Talvez até a tivesse encontrado.

Essa situação era repleta de outras perguntas. Quais eram os motivos de Cinder e o que estava fazendo? Como o povo de Luna reagiria quando a princesa Selene voltasse? Que tipo de pessoa ela tinha se tornado? Será que iria querer o trono de volta?

Apesar das dúvidas, ele acreditava que Selene estava viva. Acreditava que ela era a verdadeira herdeira do trono lunar e que podia encerrar o reinado de Levana. Acreditava que Cinder, que havia se provado a pessoa mais resistente e versátil que ele já conhecera, tinha uma chance verdadeira de encontrá-la e de mantê-la em segurança e de revelar a identidade dela para o mundo.

Podia ser uma esperança frágil, mas, agora, era a melhor que ele tinha.

CAPÍTULO

Vinte

CRESS ACORDOU EM MEIO A UMA VARIEDADE VERTIGINOSA DE SENSações. Suas pernas latejavam e as solas dos pés doíam. O peso da areia em que eles haviam se enterrado para se manterem aquecidos a empurrava para baixo do pescoço até os dedos dos pés. O couro cabeludo ainda formigava com a estranha e nova leveza. A pele estava seca e coçava, os lábios, rachados.

Thorne se mexeu ao lado dela e se moveu devagar para não deslocar o quadrado de tecido do paraquedas com o qual tinham se coberto para impedir que a areia fosse soprada em seus rostos, embora os grãos nas orelhas e no nariz de Cress provassem que a medida não fora de todo eficiente. Cada centímetro do corpo dela estava coberto de areia. Havia areia debaixo das unhas. Areia nos cantos dos lábios. Areia no cabelo e nas dobras das orelhas. Tentar esfregar os olhos para despertar se mostrou uma operação difícil e dolorosa.

– Fique parada – disse Thorne, colocando a palma da mão no braço dela. – A lona pode ter juntado um pouco de orvalho. Não podemos desperdiçar.

– Orvalho?

– Água que sobe do chão de manhã.

Ela sabia o que era orvalho, mas parecia bobagem esperar que existisse nessa região. Ainda assim, o ar parecia quase úmido ao redor dela, e ela não discutiu quando Thorne a instruiu para encontrar os cantos da lona e erguê-los, reunindo qualquer umidade nela no meio.

O que eles encontraram quando saíram lá de baixo era um pouco menos do que um único gole de água, enlameado pela areia que caíra sobre o tecido à noite. Ela descreveu o sucesso frustrante

para Thorne e viu a decepção gerar rugas em sua testa, embora elas logo sumissem com um movimento de ombros.

– Pelo menos ainda temos bastante água do satélite.

Sendo que *bastante* eram as duas últimas garrafas cheias de água.

Cress olhou para o horizonte iluminado. Depois de andar quase a noite toda, duvidava que tivessem dormido por mais de duas horas, e tinha a impressão de que seus pés iriam cair no próximo passo que desse. Ficou desanimada quando olhou para as montanhas e percebeu que não pareciam nem um pouco mais perto então do que na noite anterior.

– E seus olhos? – perguntou.

– Bem, me disseram que são sonhadores, mas vou deixar você decidir sozinha.

Ela ficou vermelha e se virou para ele. Thorne estava com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso malicioso, mas havia algo de tensão por baixo. Ela percebeu que a leveza no tom dele também soou falsa, encobrindo a frustração que estava fervendo por baixo da atitude cavalheiresca.

– Não posso discordar – murmurou ela.

Apesar de ela querer imediatamente rastejar para baixo do paraquedas e se esconder de constrangimento, valeu a pena ver o sorriso de Thorne ficar um pouco menos forçado.

Eles levantaram acampamento, tomaram um pouco de água e reamarraram as toalhas nos pés de Cress enquanto o provocante orvalho matinal fervia e desaparecia ao redor deles. A temperatura já estava subindo. Antes de fechar a bolsa, Thorne sacudiu os lençóis e fez Cress se enrolar em um deles como se fosse uma túnica, depois ajeitou outro em si, formando uma capa com capuz que ia até as sobancelhas.

– Sua cabeça está coberta? – perguntou ele, passando o pé no chão até encontrar a barra de metal que estava usando como bengala. Cress tentou imitar da melhor maneira que conseguiu a forma como ele tinha se coberto e confirmou que sim. – Que bom.

Sua pele vai fritar como bacon. Isso vai ajudar por um tempo, pelo menos.

Ela mexeu no lençol desajeitado enquanto tentava guiar Thorne pela ladeira na qual tinham acampado. Ainda estava exausta e meio entorpecida de tanto andar. Todos os membros latejavam.

Não tinham atravessado nem quatro dunas quando Cress tropeçou e caiu de joelhos. Thorne afundou os calcanhares no chão para ganhar firmeza.

– Cress?

– Estou bem – disse ela, levantando-se e tirando areia das canelas. – Só um pouco cansada. Não estou acostumada a fazer tanto exercício.

As mãos de Thorne estavam paradas no ar, como se ele pretendesse ajudá-la a se levantar, mas reparou tarde demais. Lentamente, as mãos voltaram para os lados do corpo.

– Você consegue seguir em frente?

– Consigo. Só preciso entrar no ritmo de novo.

Ela torcia para que isso fosse verdade e que suas pernas não fossem se comportar como cabos frouxos o dia todo.

– Vamos andar até ficar quente demais, depois descansamos. Não queremos nos exaurir demais, principalmente debaixo do sol forte.

Cress começou a descer a duna de novo, contando os passos para passar o tempo.

Dez passos.

Vinte e cinco.

Cinquenta.

A areia ficou quente e começou a queimar as solas dos pés dela pelas toalhas. O sol subiu.

A imaginação de Cress circulava por suas fantasias favoritas, qualquer coisa para mantê-la distraída. Ela era uma naufraga pirata da segunda era. Era uma atleta treinando para uma jornada de cross-country. Era um androide que não conhecia a exaustão,

capaz de andar e andar e andar...

Mas os sonhos foram ficando cada vez mais fugidios, a realidade afastando-os com a dor e o desconforto e a sede.

Ela começou a torcer para Thorne permitir que parassem e relaxassem, mas ele não o fez. Seguiram em frente. Thorne estava certo quanto aos lençóis, que impediram que o sol implacável a queimasse, e ela ficou grata pela umidade do próprio suor, que a mantinha mais fria. Cress recomeçou a contar enquanto o suor escorria pela parte de trás dos joelhos, e, apesar de se sentir péssima por pensar assim, parte dela estava feliz por Thorne não poder vê-la nesse estado.

Não que ele fosse imune às provações do deserto. Seu rosto estava vermelho, o cabelo, desgrenhado devido ao contato com o capuz improvisado, e poeira escorria pelas bochechas onde havia a sombra de barba crescendo.

Quando ficou mais quente, Thorne encorajou Cress a beber o resto da água que eles abriram de manhã, que ela bebeu com vontade e só depois percebeu que Thorne não tomou nada. Ela continuava com sede, mas o dia ainda demoraria para terminar e eles só tinham mais uma garrafa. Apesar de Thorne ter dito que não deviam racionar, ela não conseguiu pedir mais considerando que ele não estava bebendo.

Ela começou a cantar para si mesma a fim de passar o tempo, murmurando todas as músicas bonitas que se lembrava da coleção de músicas do satélite. Deixou que as melodias familiares a distraíssem. Caminhar ficou mais fácil por um tempo.

– Essa é bonita.

Ela fez uma pausa e demorou um momento para se dar conta de que Thorne estava falando sobre a música que ela estava cantando, e demorou mais um momento para lembrar qual era.

– Obrigada – disse ela, um pouco insegura. Nunca tinha cantado na frente de ninguém e nunca tinha sido elogiada por isso. – É uma canção de ninar popular em Luna. Eu achava que tinha sido

batizada em homenagem a ela, isso antes de perceber o quanto “Crescente” é um nome comum. – Ela cantou o primeiro verso de novo: – *Doce lua crescente, bem alta no céu. Sua música é tão doce depois que o sol se põe...*

Quando ela olhou para Thorne, ele estava com um leve sorriso nos lábios.

– Sua mãe cantava muitas cantigas para você?

– Ah, não. Dá para perceber se você é cascudo assim que você nasce, então eu só tinha alguns dias quando meus pais me entregaram para ser morta. Não me lembro deles.

O sorriso de Thorne desapareceu, e, depois de um longo silêncio, ele disse:

– Você não devia estar cantando, agora que estou pensando. Vai perder umidade pela boca.

– Ah.

Cress apertou os lábios, colocou a ponta dos dedos no braço de Thorne, o sinal que passou a indicar que estavam começando a descer uma ladeira, e seguiram em frente. A pele dela estava em chamas, apesar do abrigo da túnica improvisada, mas ela foi movida pela ideia de ser quase meio-dia. E apesar de o meio-dia trazer a maior temperatura até o momento, Thorne também prometera um descanso da caminhada.

– Muito bem – disse Thorne enfim, como se as palavras estivessem sendo arrancadas da garganta. – Já chega. Vamos descansar até a temperatura baixar de novo.

Cress gemeu de alívio. Teria continuado a andar o dia inteiro se ele pedisse, mas estava muito feliz por ele não ter feito esse pedido.

– Você está vendo alguma sombra? Ou algum lugar que pareça ficar protegido quando o sol começar a descer?

Cress apertou os olhos e analisou as dunas. Apesar de haver um pouco de sombra perto de uma duna ou outra, ao meio-dia isso era praticamente inexistente. Ainda assim, eles estavam subindo uma duna grande que logo faria alguma sombra, e era o melhor que

conseguiriam.

– Por aqui – disse ela, animada pela promessa de descanso.

Mas, quando chegaram ao alto de mais uma duna, uma coisa chamou a atenção dela ao longe. Ela sufocou um gritinho e agarrou o braço de Thorne.

– O que foi?

Ela olhou boquiaberta para a visão gloriosa, lutando para encontrar palavras para descrever. Azul e verde, um contraste intenso contra a areia laranja do deserto.

– Água. E... e árvores!

– Um oásis?

– Sim! Deve ser!

Ela foi tomada pela sensação de alívio. Começou a tremer com a promessa de sombra, água, *descanso*.

– Venha... Não está longe – disse ela, andando pela areia com energia renovada.

– Cress. Cress, espere! Guarde suas energias.

– Mas estamos quase lá.

– Cress!

Ela nem o escutou direito. Já imaginava a água fresca escorrendo pela garganta. A brisa embaixo da sombra de uma palmeira. Talvez houvesse comida, algum alimento tropical terrestre estranho que ela nunca experimentara e que seria suculento e crocante e refrescante...

Mas o que ela mais pensava era em desabar em uma área coberta de sombra, fresca e protegida do sol, e dormir até o anoitecer trazer de novo temperaturas mais baixas e estrelas sem fim.

Thorne seguiu atrás dela depois de ter desistido de fazê-la parar, e em pouco tempo ela percebeu que estava sendo cruel ao fazê-lo ir tão rápido. Diminuiu o ritmo, mas manteve os olhos no lago que cintilava na base de uma duna.

– Cress, você tem *certeza*? – perguntou ele quando recuperou o

fôlego.

– É claro que tenho certeza. Está bem ali.

– Mas... Cress.

Ela diminuiu o passo.

– Qual é o problema? Você está ferido?

Ele balançou a cabeça.

– Não, só... Tudo bem. Tudo bem, eu consigo acompanhar.

Vamos para esse oásis.

Ela sorriu e segurou a mão dele, levando-o pelas areias ondulantes do deserto. Suas fantasias assumiram o controle e eclipsaram o cansaço. As toalhas roçando nos pés tinham deixado as solas quase em carne viva, e os tornozelos estavam queimados na área em que o lençol não os cobria, e seu cérebro girava de sede, mas eles estavam perto. Muito perto.

Ainda assim, enquanto ela deslizava pela areia fina, parecia que o oásis não se aproximava nunca. Sempre permanecia no horizonte, como se as árvores trêmulas estivessem se afastando a cada passo que dava.

Ela seguiu em frente, desesperada. As distâncias enganavam, mas logo chegariam. Só precisavam continuar andando. Um passo de cada vez, um pé na frente do outro.

– Cress?

– Capitão – ofegou ela –, não... não está longe.

– Cress, estamos chegando perto?

Ela tropeçou e diminuiu o passo drasticamente até parar, ofegando para recuperar o fôlego.

– Capitão?

– Você vê o oásis se aproximar? As árvores parecem maiores do que eram antes?

Ela apertou os olhos para a água, para as árvores, a visão mais linda do mundo, e passou a manga pelo rosto. Estava com tanto calor, mas não ficou suor nenhum no tecido.

A verdade era tão dolorosa que ela quase não teve forças para

dizer.

– N-Não. Mas isso é... como pode...

Thorne deu um suspiro, mas não de decepção, apenas de resignação.

– É uma miragem, Cress. É a luz pregando peça nos seus olhos.

– Mas... estou *vendo*. Tem até ilhas no lago, e árvores...

– Eu sei. Miragens sempre parecem reais, mas você só está vendo o que quer ver. É um truque, Cress. Não está lá.

Ela estava hipnotizada pela forma como a água se quebrava em pequenas ondas, como as árvores tremiam como se uma brisa estivesse provocando os galhos. Parecia tão real, tão tangível. Quase sentia o cheiro, o gosto do vento frio soprando na direção dela.

Cress quase não conseguiu ficar de pé, apenas o medo de ser queimada pela areia quente lhe dando forças.

– Está tudo bem. Muitas pessoas veem miragens no deserto.

– Mas... eu não sabia. Devia saber. Já ouvi histórias, mas não... não achei que elas pudessem parecer tão reais.

Os dedos de Thorne tocaram no lençol e encontraram a mão dela.

– Você não vai chorar, vai? – disse ele, com um tom ao mesmo tempo gentil e severo.

Chorar não era permitido, não com água sendo um bem tão precioso.

– Não – sussurrou ela, e estava falando sério. Não que não estivesse com vontade de chorar, mas porque não sabia se o corpo era capaz de produzir lágrimas suficientes.

– Que bom. Venha. Encontre uma duna para nos sentarmos por um tempo.

Cress afastou a atenção da ilusão amarga e fugidia. Depois de observar as dunas mais próximas, ela o levou na direção de uma encosta virada para o sul. Assim que passara do topo da duna, foi como se um fio fino que a sustentava tivesse se rompido. Cress soltou um gemido de dor e desabou na areia.

Thorne pegou o cobertor e o quadrado de paraquedas na bolsa e esticou para eles se sentarem, para que não tocassem na areia quente, depois puxou as pontas sobre suas cabeças como uma tenda que bloqueava a intensidade do sol.

Ele passou o braço pelos ombros de Cress e a puxou contra si. Ela se sentia tão burra, tão traída; pelo deserto, pelo sol, por seus próprios olhos. E a verdade estava desabando sobre ela.

Não havia água.

Não havia árvores.

Nada além de areia infinita, sol infinito, caminhadas infinitas.

E eles talvez nunca saíssem dessa. Não podiam seguir para sempre. Ela duvidava que aguentaria mais um dia assim, e quem sabia quanto tempo levariam para chegar ao fim do deserto. Não com todas as dunas de areia sendo multiplicadas em mais três, com cada passo na direção das montanhas parecendo mandá-las mais para longe, e eles nem sabiam se as montanhas ofereceriam alguma proteção quando chegassem lá.

– Não vamos morrer aqui – disse Thorne, com a voz suave e tranquilizadora, como se soubesse exatamente para onde os pensamentos a estavam levando. – Já passei por coisa muito pior do que isso e sobrevivi muito bem.

– É mesmo?

Ele abriu a boca, mas fez uma pausa.

– Bem... fiquei na prisão muito tempo, e não foi nenhum piquenique.

Ela ajeitou as toalhas nos pés. As cordas de cabelo tinham começado a machucar a pele.

– O serviço militar também não foi muito divertido, pensando bem.

– Você só ficou lá cinco meses – murmurou ela –, e a maior parte do tempo foi em treinamento de voo.

Thorne inclinou a cabeça.

– Como você sabia disso?

– Pesquisa.

Ela não contou o quanto havia pesquisado o passado dele, e ele não perguntou.

– Bem... Talvez isso seja o pior que já passei. Mas não muda o fato de que vamos sobreviver. Vamos encontrar civilização, vamos nos comunicar com a Rampion e eles virão nos buscar. Aí vamos destronar Levana e receber um monte de dinheiro de recompensa, e a Comunidade vai perdoar meus crimes e vamos todos viver felizes para sempre.

Cress se aconchegou a Thorne enquanto tentava acreditar nele.

– Mas, primeiro, temos que sair deste deserto. – Ele massageou o ombro dela. Era o tipo de toque que a teria enchido de vertigem e esperança se ela não estivesse cansada demais para sentir qualquer coisa. – Você precisa acreditar em mim, Cress. Vou tirar a gente dessa.

CAPÍTULO

Vinte e um

– PRONTO – DISSE O DR. ERLAND, CORTANDO AS PONTAS DA LINHA cirúrgica. – É tudo o que posso fazer por ele.

Cinder molhou os lábios e percebeu que tinham começado a rachar devido à secura.

– E? Ele vai... por acaso ele vai...?

– Temos que esperar e ver. Ele tem sorte de as balas não terem perfurado um pulmão, senão ele não teria chegado até aqui. Mas perdeu muito sangue. Vou monitorar os anestésicos com atenção por mais um ou dois dias. Quero que ele fique sedado. Os soldados de Levana são feitos como armas descartáveis; são muito eficientes quando estão saudáveis, mas as alterações genéticas fazem com que seja difícil para eles descansarem, mesmo quando seus corpos precisam de tempo para se recuperarem de um ferimento.

Ela olhou para os ferimentos de Lobo, costurados com linha azul-escura que formava caroços e ondas feias onde antes havia pele aberta. Várias outras cicatrizes marcavam o peito nu, curadas havia tempos. Era óbvio que ele já tinha passado por muita coisa. Não era possível que esse fosse ser o fim dele depois de tudo.

Uma mesa ao lado dela continha uma bandeja pesada com as duas pequenas balas que o doutor retirou. Pareciam pequenas demais para causar tanto dano.

– Não posso deixar mais ninguém morrer – sussurrou ela.

O doutor parou de limpar os instrumentos cirúrgicos e olhou para ela.

– Eles podem ser tratados como bens descartáveis pela rainha, mas também são resistentes. – Ele colocou o bisturi e a pinça em um líquido azul. – Com o descanso adequado, é possível que ele se recupere completamente.

– Possível – repetiu ela estupidamente. Não era o bastante.

Ela se afundou na cadeira de madeira ao lado da cama de Lobo e colocou a mão na dele, torcendo para que ele apreciasse o toque, apesar de ela não ser Scarlet.

Ela fechou bem os olhos quando a onda de remorso tomou conta dela. *Scarlet*. Lobo ficaria furioso quando acordasse. Furioso e arrasado.

– Agora talvez você possa me dar a honra de contar como conseguiu estar em companhia tanto de um soldado lunar e de um guarda real lunar, dentre todos os aliados possíveis na galáxia.

Ela suspirou. Foi preciso um tempo para organizar os pensamentos e encontrar o começo da história. Ela acabou decidindo contar a ele sobre a procura por Michelle Benoit e que esperava descobrir mais sobre a mulher que protegeu seu segredo até a morte. Que estava procurando pistas sobre seu passado, quem a levou para a Terra e por que alguém colocaria tanta esperança em uma criança que, na época, tinha apenas três anos e estava à beira da morte depois da tentativa de assassinato da rainha.

Explicou que eles seguiram as pistas até Paris, onde ela descobriu que Michelle Benoit estava morta, mas acabou encontrando a neta dela. Scarlet... e Lobo. Que eles se tornaram aliados. Que Lobo a estava treinando para usar suas habilidades mentais e lutar.

Ela contou sobre o ataque a bordo da Rampion e que Sybil Mira levava Scarlet, e que agora só havia ela e Lobo... e o guarda, em que ela queria confiar, sentia que *precisava* confiar, mas nem sabia o nome dele.

– Ele disse que serve à princesa – disse Cinder, suas palavras frágeis e delicadas. – De alguma forma, ele sabia sobre mim.

Erland mexeu no cabelo desgrehado.

– Talvez ele tenha ouvido a taumaturga Mira ou a própria rainha falando sobre você. Você tem sorte de a lealdade dele ser à coroa. Muitos dos assecclas de Levana prefeririam matar você e pedir uma recompensa a vê-la reconhecida como rainha.

– Eu percebi.

Ele riu com deboche, como se não estivesse feliz em reconhecer que o guarda podia ser um aliado, afinal.

– E falando em reconhecer você como a verdadeira rainha...

Ela se encolheu na cadeira e apertou a mão de Lobo.

– Srta. Linh, passei anos planejando a hora em que a encontraria novamente. Você deveria ter vindo direto até mim.

Cinder franziu o nariz.

– Foi exatamente por isso que *não vim*.

– E o que isso quer dizer?

– Quando você foi até minha cela e jogou essa história de princesa em cima de mim... como eu poderia reagir? De repente deixei de ser ninguém e passei a realeza perdida, e você esperava que eu desse pulinhos e aceitasse esse *destino* que você criou em sua cabeça, mas nem considerou que talvez não fosse o destino que eu quero? Não fui criada para ser princesa nem líder. Eu só precisava de tempo para entender quem eu era... sou. De onde vim. Achei que talvez essas respostas estivessem na França.

– E estavam?

Ela deu de ombros e lembrou-se do laboratório subterrâneo que eles encontraram na fazenda Benoit, com o tanque de animação suspenso onde ela dormiu, parcialmente viva, por oito anos. Onde uma pessoa sem nome e sem rosto lhe deu um novo nome, uma nova história e novos membros robóticos.

– Algumas, sim.

– E agora? Está pronta para aceitar seu destino ou ainda está *procurando*?

Ela franziu a testa.

– Sei que sou quem você diz que sou. E alguém tem que deter Levana. Se esse alguém tem que ser eu, bem... sim. Eu aceito isso. Estou pronta.

Ela olhou para Lobo e engoliu as palavras seguintes: *Pelo menos, eu achava que estava pronta, antes de estragar tudo.*

– Que bom – disse o doutor. – Porque está na hora de desenvolvermos um plano. A rainha Levana não pode reinar mais, e não podemos deixar que reine na *Terra*.

– Eu sei. E concordo. Eu tinha um plano, na verdade. *Nós* tínhamos um plano.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

– Íamos usar o casamento a nosso favor, ainda mais que toda a imprensa estará presente. Íamos passar pela segurança do palácio, e eu ia me infiltrar na cerimônia e... fazê-la parar.

– Parar o casamento? – perguntou Erland, sem parecer impressionado.

– Sim. Eu ia dizer para todo mundo quem eu sou. Com todas as câmeras e a imprensa e o mundo todo vendo, eu ia insistir que Kai não podia se casar com ela. Ia contar para o mundo os planos de Levana de invadir todos os países da Terra, para que os outros líderes se recusassem a aceitá-la como líder mundial. E depois eu exigiria que Levana abrisse mão da coroa... e a passasse para mim.

Ela se afastou de Lobo ao perceber que a palma da mão tinha ficado quente demais. Esfregou-a com nervosismo na perna da calça.

A expressão do dr. Erland ficou sombria. Ele esticou a mão e beliscou Cinder com força acima do cotovelo.

– Ai, ei!

– Humph. Por um momento, pensei que você fosse outra das minhas alucinações, porque certamente seu plano não poderia ser *tão* idiota.

– Não é idiota. A notícia se espalharia em minutos. Não tem nada que Levana poderia fazer para impedir.

– Claro que se espalharia. Todo mundo alegaria estar testemunhando o surto da ciborgue maluca que se acha princesa.

– Poderiam examinar meu sangue, como você fez. Eu posso provar.

– É claro que Sua Majestade ficaria pacientemente esperando

enquanto você estivesse fazendo isso. – Ele bufou, como se falasse com uma criança pequena. – A rainha Levana está com as garras enfiadas tão fundo na Comunidade que você estaria morta antes de terminar a palavra *princesa*. Seu imperador Kai faria qualquer coisa para aplacá-la agora. Para garantir que uma guerra não exploda de novo e para pôr as mãos no antídoto para a letumose. Ele não se arriscaria a enfurecê-la só para validar a alegação de uma garota de dezesseis anos que já é uma criminosa procurada.

Ela cruzou os braços.

– É *possível*.

Ele ergueu a sobrancelha para Cinder, e ela se afundou na cadeira.

– Tudo bem – disse Cinder. – O que você sugere? É claro que você entende tudo dessa história de revolução política, então faça o favor de me esclarecer, ó grande enrugado.

O dr. Erland pegou o chapéu em uma escrivaninha pequena e colocou na cabeça.

– Você poderia começar aprendendo a ter boas maneiras, senão ninguém vai acreditar que *you* poderia ser da realeza.

– Certo. Tenho certeza de que etiqueta ruim é o motivo número um para a maioria das revoluções fracassadas.

– Já terminou?

– Ainda não.

Ele a perfurou com o olhar, e ela retribuiu.

Então, Cinder revirou os olhos.

– Sim, terminei.

– Que bom. Porque temos muito a discutir, a começar por como vamos fazer você chegar a Luna.

– *Luna?*

– Sim. Luna. A pedra no céu que você está destinada a governar. Imagino que você conheça, não?

– Você espera que eu vá para Luna?

– Não *hoje*, mas em algum momento, sim. Você está perdendo

tempo com essa coisa de casamento e espalhar notícias pela imprensa. As pessoas de Luna não ligam para o que o pessoal da Terra pensa. Proclamar sua identidade aqui não vai persuadi-los a se rebelar contra a monarca e nem a coroar você como rainha.

– É claro que vai. Sou a herdeira por direito!

Ela recuou, impressionada com as próprias palavras. Nunca tinha se sentido tão envolvida com sua identidade e tão determinada a exigir seu lugar. Era uma sensação estranha, parecida com orgulho.

– Você é a herdeira por direito – falou o médico. – Mas precisa convencer as pessoas de Luna, não as pessoas da Terra. O povo lunar precisa ser informado de que você está viva. Só com eles do seu lado você pode esperar ter algum sucesso em exigir seu direito de nasença. É claro que Levana não vai desistir facilmente.

Ela massageou o pescoço e esperou que os avisos de adrenalina se dissipassem.

– Tudo bem. Vamos dizer que você esteja certo e que essa seja a única forma. Como é que vamos chegar a Luna? Os portos de entrada não são todos subterrâneos? E, acredito, intensamente monitorados?

– Exatamente aonde quero chegar. Precisamos encontrar uma forma de fazer você entrar escondida pelos portos. Obviamente, não podemos usar sua nave... – Ele parou de falar e esfregou a bochecha. – Vai ser preciso uma estratégia cuidadosa.

– Ah, que bom, mais estratégias. Eu adoro.

– Enquanto isso, sugiro que você não se aventure muito longe do coração desta cidade e fique dentro de sua nave o máximo possível. Não é totalmente seguro aqui.

Cinder fez expressão de irritação.

– Caso você não tenha reparado, todo mundo já me viu. Não adianta me esconder agora.

– Não era isso que eu queria dizer. Essa área sofreu mais casos de letumose do que qualquer outra na Terra. Apesar de não haver

nenhum caso severo em mais de um ano, não podemos baixar a guarda. Não com você.

– Hã... sou imune. Lembra? Aquela pequena descoberta que gerou toda essa confusão?

Ele deu um suspiro longo e lento. A derrota na expressão dele gerou uma onda de preocupação pela espinha dela.

– Doutor?

– Já vi evidências de que a doença está sofrendo mutações – disse o dr. Erland. – E de que os lunares podem não ser mais imunes. Pelo menos, não todos nós.

Ela ficou arrepiada. Era incrível como os antigos medos voltavam depressa. Depois de semanas sendo invencível frente a um dos assassinos mais impiedosos da Terra, a ameaça estava de volta. A imunidade dela poderia estar em risco.

E ela estava na África, onde tudo começou.

Uma batida à porta assustou os dois. O guarda estava de pé na porta, ainda úmido depois de tomar um banho e usando roupas militares da Terra encontradas na Rampion. Apesar de os ferimentos não estarem mais visíveis, Cinder reparou que a postura dele estava tensa e favorecendo o lado não ferido.

Em suas mãos havia uma bandeja de pão árabe com um cheiro intenso de alho.

– Ouvi vocês falando. Achei que a cirurgia devia estar terminada – disse ele. – Como está seu amigo?

Cinder olhou para Lobo. Ele também estaria vulnerável.

Todos no aposento eram lunares, ela percebeu com um susto. Se o dr. Erland estivesse certo, todos estavam vulneráveis.

Cinder precisou engolir em seco para destravar a voz.

– Ele ainda está vivo. – Ela se afastou de Lobo e esticou a mão para o guarda. – Aliás, me chamo Cinder.

Ele apertou os olhos.

– Eu sei quem você é.

– É, mas achei que seria bom uma apresentação formal agora

que estamos do mesmo lado.

– Foi isso que você decidiu?

Cinder franziu a testa, mas, antes que pudesse responder, ele passou a bandeja com os pães para a outra mão e apertou a dela.

– Jacin Clay. É uma honra.

Sem saber como interpretar o tom dele, que parecia quase debochado, Cinder se afastou e olhou para o doutor, que estava com os dedos pressionados no pulso de Lobo. Evidentemente, ele não tinha intenção de participar das apresentações.

Cinder limpou as mãos na calça e olhou para a bandeja.

– E aí? Você sabe usar uma arma, pilotar uma espaçonave e fazer pães?

– Isso foi trazido por umas crianças. – Ele empurrou a bandeja na direção de Cinder. – Disseram que era para você, mas eu falei que você estava ocupada.

Ela achou estranho.

– Para mim?

– ‘Para a ciborgue’, para ser específico. Pareceu improvável ter outra por aqui.

– Ah. Eu queria saber por quê.

– Desconfio que não vai ser o único presente que você vai receber dos cidadãos de Farafrah – disse o dr. Erland.

– Por quê? Essas pessoas não me conhecem.

– É claro que conhecem, ou pelo menos sabem de você. Não estamos tão isolados do mundo como pode parecer. Até eu já tinha fama quando cheguei.

Ela colocou a bandeja na escrivaninha.

– E não entregaram você? E o dinheiro da recompensa? E o fato de você ser lunar? Eles não se importam?

Em vez de responder, o dr. Erland desviou o olhar para Jacin, que estava encostado como uma estátua na porta. Era fácil esquecer a presença dele em um aposento quando ficava tão parado, falando tão pouco. Sem dúvida aprendera isso em seu treinamento de

guarda. Sem dúvida estava acostumado a passar despercebido.

Mas, apesar de Cinder ter feito a escolha de confiar nele, era óbvio pela expressão do doutor que ela estava sozinha nessa decisão.

– Certo – disse Jacin, se desencostando da parede. – Vou dar uma olhada na nave. Tomar conta para que ninguém esteja retirando parafusos para guardar de lembrança.

Ele saiu do quarto de hotel sem olhar para trás, e seus passos mancoss quase pareciam um gingado.

– Eu sei, ele parece meio... bronco – disse Cinder depois que ele saiu. – Mas ele sabe quem eu sou e salvou minha vida, além da de Lobo. Deveríamos tratá-lo como aliado.

– Você pode fazer a escolha de revelar todos os seus segredos, srta. Linh, mas não quer dizer que preciso revelar os meus, e nem os das pessoas desta cidade.

– O que você quer dizer?

– As pessoas daqui não ligam de sermos lunares porque não somos os únicos. Estimo que quinze por cento da população de Farafrah e de outros oásis vizinhos seja composta de lunares, ou de descendentes de lunares. É para cá que muitos do nosso povo escolhem vir quando fogem. Eles imigram para cá desde a época da rainha Channary. Talvez até antes.

– Quinze por cento? – perguntou ela. – E os terráqueos sabem?

– Não é amplamente discutido, mas parece ser de conhecimento comum. Eles passaram a viver em harmonia juntos. Quando a peste se espalhou, muitos lunares passaram a cuidar dos doentes e a enterrar os mortos, pois não pegavam a doença. É claro que ninguém sabia que eles eram os portadores originais. Quando essa teoria foi apresentada, as duas raças já estavam misturadas demais. Eles trabalham juntos agora, ajudam uns aos outros a sobreviverem.

– Mas é ilegal abrigar fugitivos lunares. Levana ficaria furiosa.

– Sim, mas quem vai contar a ela? Ninguém liga para uma cidade

pobre e tomada pela doença no Saara.

Com os pensamentos fervilhando, ela pegou um pedaço de pão que reluzia de azeite dourado e estava coberto de ervas. O interior macio ainda fumegava quando ela o partiu.

Era um presente... dos lunares. De seu povo.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou para o doutor de novo.

– Eles todos sabem? Sobre... mim?

Ele fungou.

– Eles sabem que você desafiou a rainha. Sabem que continua a desafiá-la. – Pela primeira vez desde que chegou, Cinder pensou detectar um sorriso por baixo da expressão irritada do doutor. – E eu posso tê-los levado a acreditar que, um dia desses, você pretenda assassiná-la.

– O qu... *assassiná-la*?

– Deu certo – disse ele, dando de ombros como um pedido de desculpas. – Essas pessoas seguirão você a qualquer lugar.

CAPÍTULO

Vinte e dois

– O TAUMATURGO LUNAR AIMERY PARK, VOSSA MAJESTADE.

Kai e Torin ficaram de pé quando o taumaturgo passou por Nainsi e entrou no escritório de Kai. Embora Aimery Park tenha feito uma reverência respeitosa para Kai ao chegar do outro lado da escrivaninha, tão baixa que as longas mangas do casaco quase tocaram no tapete, havia no jeito dele alguma coisa extremamente desrespeitosa que sempre deixava Kai irritado. Ele nunca identificava o que havia com esse homem; talvez fosse a forma como ele sempre ficava com um sorriso leve nos cantos dos lábios, ou o fato de o sorriso só chegar aos olhos quando ele estava usando o dom para manipular alguém.

– Obrigado por se juntar a nós – disse Kai, indicando a cadeira em frente a ele. – Fique à vontade, por favor.

– O prazer é meu – falou Aimery, acomodando-se graciosamente na cadeira oferecida. – Qualquer coisa pelo futuro rei de Luna.

A designação deixava Kai arrepiado. Era fácil esquecer que ele assumiria um novo título da mesma forma que Levana, mas a diferença era que Luna tinha leis muito rígidas para controlar quem ficaria em posição de poder, e os terráqueos certamente não se encaixavam. Ele seria coroado rei consorte, o que significava que seria um belo enfeite sem poder nenhum.

Infelizmente, a Comunidade das Nações Orientais não tinha as mesmas regras de segurança. O tataravô de Kai, o primeiro imperador do país, devia ter acreditado que seus descendentes tomariam decisões sábias quanto aos cônjuges.

– Eu queria discutir com você uma descoberta recente feita pela União Terráquea – disse Kai, assentindo para Torin.

Seu conselheiro chegou mais perto da escrivaninha e colocou um tablet no meio. Com um clique, a holografia da Terra com trezentas e vinte e sete naves lunares ao redor ganhou vida sobre a mesa.

Kai observou o taumaturgo com atenção, mas o homem não mostrou nem uma fração de reação à holografia, nem com as centenas de pontos amarelos brilhando como vagalumes em seus olhos escuros.

– Essa é uma imagem em tempo real da Terra e seu espaço ao redor – disse Kai. – Tivemos a confirmação de que os pontos são espaçonaves lunares.

A bochecha de Aimery pareceu tremer, como se ele estivesse prestes a gargalhar, mas sua voz permaneceu macia como caramelo quando ele falou:

– É uma imagem muito impressionante mesmo, Vossa Majestade. Obrigado por compartilhar comigo.

Kai trincou os dentes e se sentou. Ficou tentado a ficar de pé para demonstrar poder, mas já conhecia lunares havia tempo suficiente para saber que jogos mentais assim raramente surtiam efeito, e pelo menos sentado ele podia fingir estar à vontade. Fingir não ter passado o dia com medo dessa conversa.

– De nada – respondeu Kai. – Agora talvez você pudesse me explicar o que todas elas estão fazendo lá em cima.

– Recreação. – Aimery se encostou e cruzou as pernas tranquilamente. – Temos muitas famílias ricas de Luna que gostam de um passeio ocasional de férias por nossa galáxia. Ouvi dizer que pode ser muito relaxante.

Kai apertou os olhos.

– E esses passeios de férias costumam trazê-los para dez mil quilômetros da Terra? Onde ficam ancorados durante dias?

– Tenho certeza de que a vista que eles têm nessa localização deve ser linda. – Um dos lados da boca de Aimery tremeu. – Os nasceres do sol são de tirar o fôlego, pelo que ouvi.

– Interessante. Porque todas as trezentas e vinte e sete dessas naves têm a insígnia da coroa lunar. Me parece que são naves da coroa fazendo alguma espécie de vigilância na União Terráquea ou preparando um ataque caso seja declarada guerra.

A expressão de Aimery permaneceu neutra.

– Erro meu. Talvez eu devesse ter dito que temos muitas famílias ricas da *coroa lunar* que apreciam férias ocasionais.

Eles sustentaram o olhar um do outro por bastante tempo, enquanto os oceanos holográficos cintilavam sob o sol e as nuvens brancas giravam pela atmosfera.

– Não sei por que a rainha Levana decidiu nos ameaçar neste momento e desta forma – disse Kai, por fim –, mas é uma demonstração desnecessária de força que trivializa tudo o que estamos tentando alcançar com nossas negociações pacíficas. Quero que essas naves voltem para Luna nas próximas vinte e quatro horas.

– E se Sua Majestade recusar?

Os dedos de Kai tremeram, mas ele os obrigou a relaxar.

– Aí não poderei ser responsável pelas ações do resto da União. Depois dos ataques lunares que aconteceram no território de todos os países terráqueos, qualquer um de meus colegas teria o direito de encarar essa ameaça ousada de guerra com a demonstração de força que preferir.

– Me perdoe, Vossa Majestade. Você não disse antes que essas naves lunares tinham entrado nos limites territoriais da União Terráquea. Claro, se Sua Majestade estivesse ciente de que invadimos seu espaço atmosférico designado por lei, ela os teria retirado imediatamente. – Ele se inclinou para a frente e mostrou um vislumbre de dentes brancos. – Você *está* insinuando que Luna invadiu seus limites legais, não está?

Dessa vez, Kai não conseguiu impedir que as mãos se apertassem embaixo da mesa.

– Neste momento, elas estão fora dos limites territoriais. Mas

isso não...

– Você está dizendo que Luna não cometeu crime nenhum de acordo com as próprias leis da União? Então como exatamente uma demonstração de força contra essas naves poderia acontecer?

– Não vamos ser forçados a aceitar mais nenhuma de suas exigências – declarou Kai. – Sua Majestade sabe que já está caminhando sobre uma corda bamba *muito* fina. Minha paciência está desaparecendo, e a União está cansada de ceder a cada desejo de Levana para, logo em seguida, levar na cara as demonstrações gratuitas de poder dela.

– A *rainha* Levana não tem mais exigência nenhuma – disse o taumaturgo. – A Comunidade foi extremamente prestativa com nossos pedidos, e acho uma pena que você veja como uma ameaça a presença dessas naves lunares pacíficas até o momento.

– Se isso não é um recado, então *por que* elas estão ali?

Aimery deu de ombros.

– Talvez estejam esperando a finalização da aliança de paz entre Luna e a Comunidade. Afinal, depois que Sua Majestade assinar seu Tratado de Bremen, viagens pacíficas entre nossas duas nações serão possíveis e até encorajadas. – Ele deu um sorrisinho. – E a Comunidade fica tão linda esta época do ano.

O estômago de Kai deu um nó quando o taumaturgo descruzou as pernas e ficou de pé.

– Imagino que isso seja tudo, Vossa Majestade – disse ele, enfiando as mãos nas mangas largas e vermelhas. – A não ser que você também queira discutir os números sinfônicos aprovados para serem tocados durante a festa do casamento.

Corando, Kai se levantou da cadeira e desligou a holografia.

– Este não é o fim da discussão.

Aimery inclinou a cabeça com educação.

– Se você insiste, Majestade. Vou informar minha rainha de que você quer discutir esse assunto com ela em seu devido momento; embora talvez fosse prudente esperar até depois da cerimônia,

não? No momento, ela está bastante ocupada. – Ele fez uma reverência, e, quando ficou novamente ereto, seu rosto exibiu um sorriso provocante. – Direi à rainha que você mandou um beijo.

Kai estava tremendo de raiva quando Aimery saiu do escritório. Como era possível que os lunares nem precisassem usar os poderes mentais para deixá-lo louco de raiva cada vez que falava com um deles?

Ele teve uma vontade repentina de jogar alguma coisa no chão, mas o tablet que tinha na mão era de Torin, então o devolveu gentilmente para o conselheiro.

– Obrigado por toda a sua ajuda – murmurou ele.

Torin, que não falara nada durante a reunião, afrouxou a gravata.

– Você não precisou da minha ajuda, Vossa Majestade. Eu não poderia ter argumentado melhor do que você. – Ele suspirou e prendeu o tablet no cinto. – Infelizmente, o taumaturgo Park fez observações muito sólidas. Aos olhos da lei intergaláctica, Luna ainda não cometeu crime nenhum. Pelo menos, não no caso *dessas* naves.

– Talvez as leis intergalácticas precisem ser revistas.

– Talvez, Vossa Majestade.

Kai desabou novamente na cadeira.

– Você acha que ele só estava tentando me irritar ou todas aquelas naves vão mesmo invadir a Comunidade quando a aliança estiver consolidada? Por algum motivo, eu só tinha suposto que Levana ficaria satisfeita em se intitular imperatriz. Não pensei que fosse querer trazer o exército inteiro para cá e fazer com que se sentissem em casa. – Dizer as palavras em voz alta o fez se encolher por se sentir tão ingênuo. Kai falou um palavrão baixinho. – Sabe, estou começando a achar que entrei nessa história de casamento de forma meio apressada.

– Você tomou a melhor decisão que podia naquele momento.

Kai esfregou as mãos para tentar afastar a sensação de vulnerabilidade que a presença do taumaturgo provocou.

– Torin – disse ele, dirigindo o olhar para seu conselheiro –, se houvesse uma forma de evitar esse casamento *e* nos impedir de entrar em guerra *e* conseguir o antídoto... você concordaria que seria a melhor escolha de ações, não concordaria?

Torin se sentou devagar na cadeira onde antes estava o taumaturgo.

– Tenho quase medo de perguntar, Vossa Majestade.

Depois de limpar a garganta, Kai chamou Nainsi. Um segundo depois, sua pequena figura branca e reluzente apareceu à porta.

– Nainsi, você descobriu alguma novidade?

Quando ela se aproximou da mesa, seu sensor piscou uma vez para ele e para Torin.

– Peço permissão para o conselheiro Konn Torin.

As sobrançelhas de Torin se uniram em incompreensão, mas Kai ignorou.

– Permissão concedida.

Nainsi parou ao lado da mesa.

– Fiz um relatório completo sobre Michelle Benoit, incluindo uma linha do tempo detalhada com suas atividades, ocupações, realizações e serviço militar, além de informações biográficas sobre onze pessoas que pareceram próximas dela o suficiente para merecerem atenção. Meu sistema de coleta de dados está ampliando a busca para vizinhos e conhecidos em potencial, começando no ano 85 T.E.

– Quem é Michelle Benoit? – perguntou Torin, com um tom que sugeria que não queria na verdade saber a resposta.

– Michelle Benoit nasceu no ano 56 T.E. – disse Nainsi – e é mais admirada por seus vinte e oito anos de serviço nas forças armadas da Federação Europeia, vinte dos quais como tenente-coronel. Ela recebeu uma Medalha por Serviços Prestados por ser piloto na missão diplomática para Luna no ano 85 T.E. A missão incluía...

– Achamos que ela pode ter alguma coisa a ver com a princesa Selene – interrompeu Kai, digitando instruções rápidas nas telas

embutidas em sua escrivania. Um momento depois, uma foto de satélite de uma fazenda no sul da França apareceu na tela. E ele apontou para um ponto escuro, onde a grama tinha sido queimada recentemente. – Ela era dona dessa fazenda, e esse campo é onde Cinder pousou na última vez que voltou para a Terra, logo antes do ataque. Portanto, supomos que Cinder acredita que Michelle Benoit esteja ligada à princesa também.

O rosto de Torin ficou sombrio, mas ele pareceu estar segurando a crítica até Kai terminar.

– Entendo.

– Nainsi, você descobriu alguma coisa útil?

– *Útil* é um termo subjetivo relativo às ações tomadas antes do recebimento das informações e do resultado...

– Nainsi. Você descobriu alguma coisa *relevante*?

– Relevante como? – perguntou Torin. – O que vocês esperam encontrar?

– A princesa Selene.

Torin suspirou.

– De novo?

– Sim. De novo – disse Kai. Ele fez um gesto para o céu. – Não foi você quem me disse que tínhamos que tentar enfrentar Levana?

– Não caçando fantasmas.

– Mas pense bem. Ela é a verdadeira herdeira do trono lunar.

Você acha mesmo que encontrá-la não nos daria vantagem?

Torin apertou bem a boca, mas, para alívio de Kai, pareceu estar pensando na pergunta.

– Não quero que você se distraia e deixe de lado as coisas que são realmente importantes.

Kai deu uma risada debochada.

– As coisas importantes, como centros de mesa de jade e se minha faixa de casamento deve ter morcegos voadores ou um par de grouns bordados?

– Isso não é piada.

– *Obviamente.*

Torin massageou a testa e olhou Nainsi por um longo momento, para depois desviar o olhar para o teto.

– Vossa Majestade. De acordo com os avisos da própria Linh Cinder, a rainha Levana já pretende assassinar você por tentar encontrar a princesa antes. Qual vai ser a retaliação dela quando descobrir que você ainda não parou?

– Não importa; ela já pretende me matar, então o que mais pode fazer? E a princesa Selene seria a herdeira verdadeira. A existência dela acabaria com qualquer direito de Levana ao trono.

Torin deixou os ombros penderem.

– E você acha que se encontrar uma garota que tem o quê? Quinze anos?

– Dezesseis.

– Uma garota de dezesseis anos. Você acredita que encontrá-la é o que a Comunidade precisa agora, mais do que qualquer outra coisa?

Kai engoliu em seco, mas sua resposta foi firme:

– Acredito.

Torin se encostou na cadeira, resignado.

– Tudo bem. Certo. Não vou tentar dissuadir você. – Ele olhou para Nainsi de novo, dessa vez com desconfiança, como se tudo fosse culpa da androide. – Por favor, continue.

Nainsi voltou ao relatório.

– Michelle Benoit desapareceu da fazenda no dia 11 de agosto; seu chip de identidade foi deixado em casa depois de removido do pulso. As evidências não indicavam se houve luta ou não. Duas semanas depois, a neta dela, Scarlet, que morava com Benoit havia onze anos, viajou da casa delas em Rieux, na França, para Paris. Os registros indicam que ela ficou em Paris durante dois dias antes de seu chip de identificação sumir. Presumivelmente, o chip foi removido e destruído. Cruzamentos de linhas temporais indicam que o chip de identificação dela foi visto pela última vez perto de

um teatro de ópera abandonado de Paris, ao mesmo tempo que uma máquina próxima registrou o que parece ser o pouso e decolagem de uma Rampion 214. Mas transmissões de satélite não captaram essa nave naquele local. O raciocínio lógico me leva a acreditar que era a nave em que Linh Cinder está escondida e que Scarlet Benoit pode ter ido para a espaçonave naquele momento.

Kai franziu a testa e ficou feliz de até Torin parecer intrigado com essa informação.

– Cinder fez uma viagem especial para Paris por causa dessa garota?

– Minha aptidão lógica sugere que é uma possibilidade.

– O que mais sabemos sobre essa... Scarlet?

– De acordo com os registros de identidade, ela foi morar com Michelle Benoit em 115 T.E., dois anos depois do registro de morte da princesa Selene. A data de nascimento indica que tem dezoito anos. No entanto, não existe registro hospitalar do nascimento de Scarlet Benoit, e os dados dela só foram inseridos quando tinha quatro anos, então não temos como confirmar a validade de nenhum dos registros.

– Não estou entendendo.

– Scarlet Benoit não nasceu em um hospital. Nem o pai dela, Luc Raoul Benoit. Sem registros oficiais, temos que tratar com cautela qualquer informação sobre os nascimentos deles. É possível que tudo o que saibamos sobre Scarlet Benoit seja informação falsa.

Kai apertou as mãos na mesa.

– Você está dizendo que há uma chance de essa garota, essa Scarlet Benoit... ser na verdade a princesa Selene?

– É uma possibilidade que não pode ser provada nem refutada no momento, mas não encontrei nenhuma evidência que permita o descarte dessa hipótese.

Kai encheu os pulmões, sentindo que não respirava direito havia semanas.

– E Cinder sabe. Cinder descobriu... e agora... está com ela. Cinder

encontrou a princesa.

– Vossa Majestade – disse Torin –, você está tirando conclusões muito precipitadas.

– Mas faz sentido, não faz?

Torin fez expressão de desprezo.

– Prefiro não dar minha opinião sobre o assunto até termos informações baseadas em mais do que especulação.

– Especulação de um androide – disse Kai, apontando para Nainsi. – É melhor do que uma especulação qualquer.

Ele se levantou da cadeira e começou a andar na frente do janelão. A princesa Selene estava viva. Ele sabia.

E Cinder a tinha encontrado.

Ele quase riu.

– Estou surpreso de vê-lo encarando isso tudo com humor tão bom, Majestade – comentou Torin. – Eu imaginaria que você ficaria horrorizado com essa virada nos acontecimentos.

– Por quê? Ela está viva!

– Se essa garota *for* a princesa desaparecida, ela é refém de uma criminosa perigosa, Majestade.

– O qu... Cinder não é perigosa!

Torin pareceu ficar inesperadamente furioso ao também permanecer de pé.

– Você esqueceu que ela é *lunar*? Ela é lunar e tem contatos trabalhando dentro deste palácio. Ela coagiu você, a pessoa mais protegida do país, a dar a ela um convite pessoal para nosso baile anual, depois se infiltrou nele com a suposta intenção de provocar a rainha Levana. Fugiu de uma prisão de alta segurança e esquivou-se de toda a nossa força militar, o que levou a um ataque que matou milhares de terráqueos. Como você pode dizer que ela não é perigosa?

Kai endireitou a coluna.

– Levana nos atacou, não Cinder.

Gemendo, Torin esfregou os dedos nas têmporas. Fazia muito

tempo que Kai não via aquela expressão no conselheiro. A expressão que indicava que Kai era um imbecil.

A indignação cresceu dentro dele.

– E que fique registrado que ela recusou meu convite para o baile. Ela só foi para me *avisar*. E o dr. Erland... – Ele hesitou. Ainda não sabia o que pensar do relacionamento dela com o dr. Erland. – Levana quer que ela seja morta. Não demos a ela nenhuma outra escolha além de fugir.

– Vossa Majestade, tenho medo de que... seus sentimentos por essa garota estejam atrapalhando de forma a botar em risco sua capacidade de tomar decisões lógicas no que diz respeito a ela.

O rosto de Kai ficou quente. Será que era tão transparente?

– Ainda estou tentando encontrá-la, não estou? Os militares ainda estão procurando-a.

– Mas você está tentando encontrá-la ou encontrar essa princesa?

Ele fez um gesto para Nainsi.

– Se elas estiverem juntas, que importância tem? Podemos encontrar as duas!

– E você dará a Luna uma nova rainha, e Linh Cinder será perdoada?

– Não sei. Talvez. É uma coisa tão horrível de se desejar?

– Ela ainda é um deles. Você mesmo disse que mentiu para você sobre tudo. O que você sabe sobre ela? Ela roubou um chip de identificação do pulso de uma garota morta. Ajudou um ladrão conhecido a fugir da prisão. Preciso continuar?

Com uma careta, Kai se virou para a janela e cruzou os braços com teimosia. Ele odiava que todas as palavras que Torin disse foram indiscutíveis, enquanto todas as esperanças que Nainsi lhe deu eram baseadas em vagas observações e palpites incertos.

– Entendo que você se sinta parcialmente responsável por condená-la à morte – falou Torin, com tom mais gentil. – Mas você precisa parar de idolatrá-la.

– Idolatrar... – Kai olhou para ele de novo. – Eu não a idolatro.

Torin lançou um olhar especulativo, até que Kai começou a ficar desconfortável.

– Eu posso *admirá-la* às vezes, mas até você tem que admitir que o que ela fez foi bem impressionante. Além do mais, ela enfrentou Levana no baile. Você não ficou impressionado com aquilo? Nem um pouco?

Torin abotoou o paletó do terno.

– Minha questão, Vossa Majestade, é que você parece estar colocando fé demais em uma garota sobre quem não sabe nada e que nos causou um monte de problemas.

Kai fez expressão de irritação. Torin estava certo, claro. Ele não sabia nada sobre Cinder, por mais que achasse que sabia.

Mas ele era o imperador. Podia não saber muito sobre Cinder, mas, se ela descobrisse sobre a princesa lunar perdida, ele poderia conhecer mais sobre *ela*. E ele sabia muito bem onde começar a procurar.

CAPÍTULO

Vinte e três

DESTA VEZ, QUANDO CRESS ACORDOU, NÃO HAVIA AREIA envolvendo-a (embora houvesse muita), mas braços. Thorne a tinha puxado para tão perto de si que ela podia sentir o subir e descer do peito dele e a respiração na sua nuca. Ela abriu os olhos, ainda grogue.

A noite caíra. A lua tinha voltado, maior do que na noite anterior e cercada de um mar de estrelas que piscavam e cintilavam para eles.

Ela estava com uma sede mortal e não encontrava saliva que umedecesse a língua seca como papel. Começou a tremer, apesar das camadas de lençóis e cobertores, do paraquedas e do calor que subia da pele queimada. Apesar do calor protetor de Thorne.

Com os dentes batendo, ela se aconchegou nele o melhor que conseguiu. O abraço dele ficou mais apertado.

Ela ergueu o olhar. As estrelas estavam se movendo, girando sobre a cabeça dela como um redemoinho tentando sugar o planeta inteiro. As estrelas a estavam provocando. Rindo.

Ela fechou bem os olhos e deu de cara com visões do sorriso cruel de Sybil. Manchetes de noticiários ecoaram na cabeça dela, faladas na voz nasal de uma criança. *QUATORZE CIDADES ATACADAS... MAIOR MASSACRE DA TERCEIRA ERA... DEZESSEIS MIL MORTES...*

– Cress. Cress, acorde.

Ela levou um susto, ainda tremendo. Thorne estava acima dela, os olhos cintilando sob o luar.

Ele encontrou o rosto dela, apertou a palma da mão na testa e falou um palavrão.

– Você está com febre.

– Estou com frio.

Ele massageou os braços dela.

– Me desculpe. Sei que você não vai gostar disso, mas precisamos nos levantar. Precisamos seguir em frente.

Foram as palavras mais cruéis que ele poderia ter dito. Ela se sentia fraca demais. O corpo todo parecia feito de areia que desmoronaria à menor brisa.

– Cress, você ainda está aqui?

Ele aninhou as bochechas dela com as mãos. A pele dele estava quente, aconchegante.

– Não consigo.

A língua grudou ao céu da boca quando ela falou.

– Consegue, sim. Vai ser melhor andar à noite, quando está mais fresco, do que tentarmos andar de dia. Você entende isso, certo?

– Meus pés doem... e estou tão tonta...

Thorne fez uma careta. Ela pensou em passar os dedos pelo cabelo dele. Em todas as fotos que viu, mesmo as da cadeia, ele estava tão bem cuidado, tão arrumado. Mas no momento estava desgrenhado, com pelos no queixo e sujeira no cabelo. Mas isso não o deixava menos bonito.

– Sei que você não quer seguir em frente – disse ele. – Sei que merece um descanso. Mas, se ficarmos deitados aqui, você talvez nunca se levante.

Ela não achou a ideia tão ruim. Quando a areia começou a se mexer debaixo dela, ela pressionou a mão no peito dele, procurando os batimentos firmes. Suspirou com alegria quando encontrou. Seu corpo começou a se dissolver, pequenos grãos de areia se espalhando...

– Capitão – murmurou ela. – Acho que estou apaixonada por você.

Ele levantou uma das sobrancelhas. Ela contou seis batimentos antes de ele dar uma gargalhada repentina.

– Não me diga que demorou dois dias inteiros para se dar conta disso. Devo estar perdendo o jeito.

Ela dobrou a ponta dos dedos encostados no peito dele.

– Você sabia?

– Que você é solitária e eu sou irresistível? Sim. Sabia. Venha, Cress, você vai se levantar.

Ela deixou a cabeça cair sobre a areia, o sono ameaçando tomar conta. Se ele ao menos se deitasse ao lado dela e a tomasse nos braços, ela jamais teria que se levantar novamente.

– Cress... ei, chega de dormir. Eu preciso de você. Lembre-se dos gaviões, Cress. *Gaviões*.

– Você não precisa de mim. Nem estaria aqui se não fosse por minha causa.

– Não é verdade. Bem... só em parte. Já falamos sobre isso.

Ela tremeu.

– Você me odeia?

– É claro que não. E você não devia desperdiçar sua energia falando sobre coisas idiotas.

Thorne passou o braço por baixo dos ombros dela e a obrigou a se sentar.

Cress segurou o pulso dele.

– Você acha que algum dia poderia me amar também?

– Cress, isso é lindo, mas eu não sou o primeiro cara que você *conhece*? Vamos, levante-se.

Ela virou a cabeça para o lado, sentindo a pressão do medo. Ele não acreditava nela. Não entendia o quanto o sentimento dela era intenso.

– Ah, espadas e ases e estrelas. – Ele gemeu. – Você não está chorando de novo, está?

– N-Não.

Ela mordeu o lábio. Não era mentira. *Queria* chorar, mas seus olhos estavam secos.

Thorne passou a mão pelo cabelo, e uma nuvem de areia caiu.

– Sim – disse ele com firmeza. – Está óbvio que somos almas gêmeas. Agora, *por favor*, levante-se.

– Você já deve ter dito para um monte de garotas que as amava.

– Ah, já, mas eu teria reconsiderado se soubesse que você usaria isso contra mim.

Tomada por uma onda de infelicidade, ela desabou ao lado dele. Sua cabeça girava.

– Estou morrendo – murmurou ela, surpresa com a certeza que sentia. – Vou morrer. E nunca nem fui beijada.

– Cress. *Cress*. Você não vai morrer.

– E nós teríamos um romance tão apaixonado, como nas novelas. Mas não, eu vou morrer sozinha, sem nunca ter tido nem um beijo.

Ele gemeu, mas de frustração, não de coração partido.

– Escute, *Cress*, odeio ter que dar a notícia, mas estou suado e todo coçando e não escovo os dentes há dois dias. Não é uma boa hora para romance.

Ela deu um gemido e colocou a cabeça entre os joelhos para tentar fazer o mundo parar de girar tão rápido. A falta de esperança da situação estava acabando com ela. O deserto não terminaria nunca. Eles nunca sairiam dali. Thorne nunca a amaria.

– *Cress*. Olhe para mim. Está olhando para mim?

– Aham – murmurou ela.

Thorne hesitou.

– Não acredito em você.

Suspirando, ela levantou a cabeça para olhar para ele pela cortina do cabelo cortado.

– Estou olhando para você.

Ele se agachou perto dela e procurou o rosto.

– Prometo que não vou deixar você morrer sem ser beijada.

– Estou morrendo agora.

– Você não está morrendo.

– Mas...

– Eu decidirei quando você estiver morrendo e, quando isso acontecer, garanto que você vai ganhar um beijo que vai valer a espera. Mas agora você precisa se levantar.

Ela ficou olhando para ele por um tempo. Os olhos estavam surpreendentemente límpidos, quase como se Thorne conseguisse vê-la, e ele não fez caretas com o silêncio cético dela. Não deu um sorriso indiferente nem ofereceu uma provocação em seguida. Apenas esperou.

Ela não conseguiu controlar quando sua atenção se desviou até os lábios dele e sentiu uma coisa tremer dentro de si.

Determinação.

– Você promete?

Ele concordou.

– Prometo.

Tremendo por causa da dor que a esperava, ela se preparou e esticou as mãos para ele. O mundo se inclinou quando ele a puxou e ela cambaleou, mas Thorne a segurou até estar firme. A fome rugia no estômago vazio. A dor latejava nos pés machucados, subindo pelas pernas e pela coluna. O rosto todo se contorceu, mas ela ignorou da melhor maneira que pôde. Com a ajuda de Thorne, reamarrou o lençol na cabeça.

– Seus pés estão sangrando?

Ela mal os via na escuridão, e ainda estavam envoltos pelas toalhas.

– Não sei. Estão doendo. Muito.

– Sua febre pode ser de infecção. – Ele entregou a ela a última garrafa de água, já pela metade. – Ou você pode estar desidratada. Beba tudo.

Ela fez uma pausa com a garrafa de água já encostada na boca, com cuidado para não perder nem uma gota. Era uma oferta tentadora. Ela podia beber tudo e ainda sentir sede, mas...

– *Tudo* – disse Thorne.

Ela bebeu até conseguir parar sem a garganta implorar por mais.

– Mas e você?

– Eu já tomei minha parte.

Ela sabia que não era verdade, mas sua tolerância por altruísmo

diminuía a cada gole, e em pouco tempo fez o que ele pediu e bebeu tudo. Ficou oscilando com a garrafa virada para o céu, torcendo para conseguir mais uma gota, até ter certeza de não haver mais nada lá dentro.

Ela quase perdeu o equilíbrio e colocou a garrafa vazia com pesar na bolsa-cobertor no ombro de Thorne. Ao olhar para o horizonte, viu as sombras das montanhas, ainda muito distantes.

Thorne pegou a bengala, e ela se obrigou a respirar fundo três vezes antes de começar, torcendo para que lhe desse coragem. Cress estimou a quantidade de passos necessários para chegarem à próxima duna e começou a contar. Um pé na frente do outro. Ar quente para dentro, ar quente para fora. A fantasia de ser uma exploradora corajosa já tinha desaparecido, mas se manteve agarrada à ideia de que Thorne contava com ela.

Subiu a duna, e seus dentes começaram a bater de novo. Tropeçou duas vezes. Tentou se lembrar de fantasias reconfortantes. Uma cama macia, um cobertor velho. Dormir até bem depois do nascer do sol em um aposento com pouca iluminação em que flores cresciam do lado de fora das janelas. Acordar nos braços de Thorne. Os dedos dele tirando o cabelo da testa dela, a pressão de um beijo de bom-dia em sua têmpora...

Mas não conseguia sustentar essas fantasias. Não conhecia um quarto assim, e as visões difíceis de montar eram logo obscurecidas pela dor.

Uma duna veio e foi. Ela já estava ofegante.

Duas dunas. As montanhas permaneciam ao longe, provocantes.

Cada vez que chegavam ao topo de uma duna, ela se concentrava na seguinte. *Vamos só chegar lá em cima e vou me sentar por um minuto. Só mais uma...*

Mas, em vez de se permitir descansar quando o objetivo era alcançado, ela escolhia outro e seguia em frente.

Thorne não dizia nada quando ela tropeçava e caía de joelhos. Só a ajudava a se levantar e a colocava de pé. Não dizia nada quando

ela reduzia o ritmo e passava a rastejar, desde que não parassem. A presença dele era reconfortante; nunca impaciente, nunca grosseira.

Depois de séculos de progresso delirante e enlouquecedor pela areia, quando ela sentia como se todos os membros estivessem prestes a cair, o céu do leste começou a clarear, e Cress percebeu que a paisagem estava mudando. As dunas diminuía de quantidade e tamanho e, não muito longe, pareciam terminar em uma planície comprida de sol pedregoso e vermelho, com arbustos raros e ásperos. Atrás disso começava o pé das montanhas.

Ela olhou para Thorne e ficou surpresa de ver a evidência de exaustão nas feições dele, embora ele a substituísse por determinação firme quando paravam.

Ela descreveu a paisagem da melhor maneira que conseguiu.

– Você consegue estimar quanto tempo vamos demorar a chegar a esses arbustos?

Ela fez uma estimativa, sem esconder o pânico de que acabasse sendo outra ilusão e que o fim da areia e das dunas fosse se afastar a cada passo que dessem.

– Não.

Ele assentiu.

– Tudo bem. Vamos tentar chegar lá antes que fique quente demais. Talvez consigamos um pouco de orvalho dos galhos.

Orvalho. Água. Só uma lambida, só um gostinho... ela nunca mais esnobaria um gole lamacento que fosse.

Ela recomeçou a andar, as pernas berrando nos primeiros passos, até começarem a ficar dormentes com a infinita caminhada.

E então sua visão encontrou uma coisa grande e branca, e ela ficou paralisada.

Thorne se chocou contra ela, e Cress teria caído se ele não tivesse passado os braços ao redor dos ombros dela para segurá-la.

– O que foi?

– Tem... um animal – sussurrou ela, com medo de assustar a criatura de pé no alto da duna.

Ele já os tinha visto e estava olhando serenamente para Cress. Ela tentou identificá-lo com base do que sabia da vida animal terrestre. Algum tipo de cabra? Uma gazela? Tinha pernas brancas magras sobre patas enormes e uma barriga redonda que mostrava as pontas das costelas. A cara calma era marrom com marcas brancas e pretas, como uma máscara ao redor dos olhos. Dois chifres enormes em espiral subiam da cabeça, dobrando sua altura.

Era o primeiro animal terráqueo que ela via, e era lindo e majestoso e misterioso, observando-a com olhos escuros, sem piscar.

Por um momento, ela imaginou que seria capaz de falar com ele em pensamento, pedir que os levasse até um lugar seguro. Ele reconheceria a bondade dentro dela e sentiria pena, como uma deusa animal antiga enviada para guiá-la até seu destino.

– Animal? – disse Thorne, e Cress percebeu que ele estava esperando que ela explicasse melhor o que estava vendo.

– Tem pernas compridas e chifres e... e é *lindo*.

– Ah, que bom, estamos de volta a isso então.

Ela percebeu o sorriso no tom dele, mas não ousou afastar o olhar da criatura, com medo de que se dissolvesse no ar como um fantasma.

– Isso pode querer dizer que há uma fonte de água por perto – refletiu Thorne. – Devemos seguir em frente.

Cress deu um passo hesitante. Sentiu a areia escorregando com mais clareza e reconheceu o quanto ela e Thorne eram desajeitados, tropeçando e cambaleando pelas dunas, enquanto essa criatura era tão elegante e calma.

A criatura inclinou a cabeça sem se mexer enquanto Cress se aproximava.

Ela só percebeu que estava prendendo a respiração quando as pálpebras do animal tremeram e ele virou a cabeça na direção de

alguma coisa do outro lado da duna.

O estrondo de um tiro soou no deserto.

CAPÍTULO

Vinte e quatro

A CRIATURA HESITOU, PARALISADA, E CAIU PELA DUNA, O SANGUE escorrendo do ferimento na lateral do corpo. Cress deu um grito e tropeçou para trás. Thorne a puxou para baixo, na areia.

– Cress! Você está bem?

Ela estava tremendo, vendo o animal cair e rolar o resto do caminho, com areia grudando no pelo. Tinha vontade de gritar, mas todos os barulhos estavam paralisados dentro dela, e não pensava em nada além de que o animal queria dizer alguma coisa para ela, e naquele momento o mundo estava se inclinando e sumindo, e ela ia vomitar, e havia sangue na areia, e não sabia o que tinha acontecido, e...

– Cress! *Cress!*

As mãos de Thorne estavam nela, procurando, e Cress percebeu que ele achava que ela tinha levado o tiro. Ela segurou os pulsos dele, apertou com força e tentou passar a verdade pelo toque, pois as palavras não chegavam à boca.

– Eu... Eu estou...

Ela fez uma pausa. Os dois ouviram. Um ofegar, junto com o movimento e o escorregar de passos.

Cress se encolheu no abraço de Thorne quando o pavor tomou conta dela. Um homem apareceu no alto da duna, segurando uma arma.

Ele viu o animal primeiro, morrendo ou morto, mas logo avistou Cress e Thorne com o canto do olho. Deu um grito, quase perdeu o equilíbrio e olhou boquiaberto para os dois. Suas sobranceiras desapareceram debaixo de um turbante de tecido. Seus olhos castanhos e a parte de cima do nariz eram tudo o que ela conseguia ver do rosto, pois o resto do corpo estava coberto com uma túnica

que ia até os tornozelos, protegendo-o da natureza cruel do deserto. Por baixo da túnica apareciam uma calça jeans e botas desbotadas pelo sol e cobertas de areia.

Ele terminou de inspecionar Cress e Thorne e baixou a arma. Começou a falar, e por um momento Cress pensou que o sol e a exaustão a tivessem deixado maluca, pois não entendeu nem uma palavra que ele disse.

Thorne apertou mais seus braços.

Por um momento, o homem olhou-os em silêncio. Depois, se mexeu, baixou as sobancelhas e deixou à mostra fios brancos nelas.

– Universal, então? – disse ele com um sotaque pesado que dificultou o entendimento das palavras. Ele examinou as roupas esfarrapadas e os lençóis. – Vocês não são daqui.

– Isso mesmo... senhor – falou Thorne, com voz rouca. – Precisamos de ajuda. Minha... minha mulher e eu fomos atacados e roubados dois dias atrás. Não temos mais água. Por favor, você pode nos ajudar?

O homem apertou os olhos.

– Seus olhos?

Thorne fez beicinho. Tentava esconder sua nova incapacidade, mas seus olhos ainda estavam desfocados.

– Os ladrões me deram um golpe muito forte na cabeça – disse ele –, e minha visão sumiu desde então. E minha mulher está com febre.

O homem assentiu.

– É claro. Meus... – Ele hesitou por causa da língua. – Meus amigos não estão longe. Tem um oásis perto daqui. Temos um... acampamento.

Cress ficou tonta. *Um oásis. Um acampamento.*

– Tenho que levar o animal – disse o homem, inclinando a cabeça na direção da criatura caída. – Vocês conseguem andar? Talvez... dez minutos?

Thorne massageou os braços de Cress.

– Conseguimos, sim.

Os dez minutos pareceram uma hora para Cress, enquanto seguiam o homem pelo deserto, andando na marca deixada pela carcaça do animal, arrastada na areia. Cress tentou não olhar para o pobre coitado e manteve os pensamentos na promessa de segurança.

Quando viu o oásis, como um paraíso à frente deles, uma explosão repentina de alegria subiu pela garganta dela.

Eles conseguiram.

– Descreva – murmurou Thorne, segurando o cotovelo dela.

– Tem um lago – disse ela, sabendo que era real e sem entender direito como pôde confundir aquela miragem indefinida com uma coisa tão intensa e vibrante. – Azul como o céu e cercado de grama e algumas árvores... palmeiras, eu acho. São altas e finas e...

– As pessoas, Cress. Descreva as pessoas.

– Ah. – Ela contou. – Consigo ver sete pessoas... Não consigo saber o sexo daqui. Todos estão usando túnicas de cores claras por cima da cabeça. E tem... acho que são camelos? Amarrados perto da água. E tem uma fogueira, e algumas pessoas estão arrumando esteiras e barracas. E tem tanta sombra!

O homem com a caça parou no pé da ladeira.

– O homem está nos esperando – disse Cress.

Thorne se inclinou para perto dela e deu um beijo em sua bochecha. Cress ficou imóvel.

– Parece que conseguimos, *sra. Smith*.

Quando eles se aproximaram do acampamento, as pessoas ficaram de pé. Dois integrantes do grupo foram até a areia para recebê-los. Apesar de estarem com a túnica por cima da cabeça, eles puxaram a cobertura para baixo do queixo, e Cress viu que havia uma mulher. O caçador falou com eles na outra língua, e uma mistura de solidariedade e curiosidade surgiu nos rostos desses estranhos, mas não sem um toque de desconfiança.

Apesar dos olhos da mulher serem os mais rígidos do grupo, ela foi a primeira a sorrir.

– Que terrível provação pela qual vocês passaram – disse ela, com um sotaque não tão pesado quanto o do caçador. – Meu nome é Jina, e este é meu marido, Niels. Bem-vindos à nossa caravana. Venham, temos bastante comida e água. Niels, ajude o homem com a bolsa.

O marido se aproximou para tirar a bolsa improvisada do ombro de Thorne. Apesar de ter ficado mais leve conforme a água foi sendo bebida, a expressão de Thorne foi de alívio por se livrar do peso.

– Temos um pouco de comida aí – disse ele. – Kits de nutrição, basicamente. Não é muito, mas é de vocês se nos ajudarem.

– Obrigada pela oferta – agradeceu Jina –, mas isso não é uma negociação, meu jovem. Nós vamos ajudar vocês.

Cress ficou grata por não fazerem perguntas quando ela e Thorne foram levados até a fogueira. As pessoas se mexeram e olharam para eles com curiosidade enquanto abriam espaço em esteiras trançadas. O caçador os deixou e foi levando a carcaça do animal para alguma outra parte do acampamento.

– Que tipo de animal era aquele? – perguntou Cress, com os olhos grudados na marca deixada pelo corpo arrastado.

– Um adax do deserto – respondeu Niels, entregando para ela e para Thorne cantis cheios de água.

– Era lindo.

– Também vai ser delicioso. Agora, beba.

Ela queria sentir tristeza pelo animal, mas a água era uma distração abençoada. Desviou a atenção para o cantil e fez o que ele mandou, bebendo até o estômago doer de saciedade.

As pessoas ficaram em silêncio, e Cress sentiu a presença da curiosidade e dos olhares ao redor. Evitou olhar nos olhos deles e chegou mais perto de Thorne inconscientemente, até ele não ter escolha além de colocar o braço ao redor dela.

– Somos muito gratos a vocês – disse ele, oferecendo um sorriso fácil a ninguém em particular.

– Foi muita sorte vocês terem nos encontrado, ou Kwende ter encontrado vocês – falou Jina. – O deserto não é um lugar gentil. Vocês devem ter uma estrela da sorte muito forte.

Os lábios de Cress se esticaram em um sorriso.

– Você é muito nova. – As palavras soaram acusatórias aos ouvidos de Cress, mas o rosto da mulher estava gentil. – Há quanto tempo estão casados?

– Somos recém-casados – disse Thorne, apertando Cress. – Era para ser nossa lua de mel. Acho que a estrela da sorte não é tão forte assim.

– E eu não sou tão nova quanto pareço – acrescentou Cress, sentindo que tinha que oferecer alguma coisa ao fingimento. Mas sua voz falhou, e ela logo se arrependeu de falar.

Jina piscou.

– Você vai ser grata por essa juventude um dia.

Cress baixou o olhar de novo e ficou feliz quando uma colher larga e uma tigela de comida fumegante foram colocadas na sua frente, de onde saía um cheiro exótico, temperado e intenso.

Ela hesitou e arriscou um olhar de lado para a mulher que entregou a tigela, sem saber se era para compartilhar ou passar para a pessoa seguinte ou comer de forma lenta e delicada ou...

Mas em poucos momentos todos ao redor da fogueira estavam apreciando a própria comida com satisfação. Vermelha de fome, Cress colocou a tigela no colo. Mordiscou lentamente no começo, tentando identificar os alimentos terráqueos. As ervilhas ela reconheceu facilmente, pois também existiam em Luna, mas havia outros tipos de legumes que ela não reconheceu, misturados com arroz e cobertos com um molho denso e aromático.

Ela pegou um pouco de alguma coisa amarelada e firme. Mordeu e descobriu que era macio e saía fumaça de dentro.

– Não existe batata no lugar de onde você vem?

Cress levantou o olhar e viu Jina observando-a com curiosidade. Ela engoliu.

– Este molho – disse ela baixinho, torcendo para Jina não perceber que ela estava fugindo da pergunta. *Batatas, claro!* As batatas de Luna eram mais escuras, sua textura mais esfarelada. – O que é?

– Só um curry simples. Gostou?

Ela assentiu com entusiasmo.

– Muito. Obrigada.

Ao perceber que todos os olhos estavam direcionados a ela, Cress enfiou o resto da batata na boca depressa, apesar de os temperos estarem deixando suas bochechas coradas. Enquanto ela comia, um prato de carne seca lhe foi passado (ela não perguntou de que animal), e depois uma tigela cheia de frutas laranja suculentas, e frutas secas, doces, e verdes de vários sabores, mais do que as frutas secas de proteína que Sybil costumava levar para ela.

– Vocês são comerciantes? – perguntou Thorne, aceitando o punhado de frutas secas que Cress colocou na mão dele.

– Somos – disse Jina. – Fazemos essa viagem quatro vezes por ano. Estou chateada pela ameaça de ladrões. Não temos esse tipo de problema há séculos.

– São tempos de desespero – falou Thorne, dando de ombros. – Se você não se importa de eu perguntar, por que camelos? Faz o estilo de vida de vocês parecer tão... segunda era.

– De jeito nenhum. Ganhamos nossa vida servindo muitas das menores comunidades do Saara, e muitas delas nem têm ímãs nas ruas, muito menos rotas de comércio.

Cress reparou na mão de Thorne apertando mais a tigela. O *Saara*. Então a observação que ela fizera das estrelas estava certa. Mas a expressão dele permaneceu impassível, e ela se obrigou a fazer o mesmo.

– Por que não usar veículos com rodas, então?

– Usamos ocasionalmente – contou um dos homens –, em circunstâncias especiais. Mas o deserto é cruel com as máquinas. Não são tão de confiança quanto os camelos.

Jina pegou algumas fatias da fruta doce e grudenta e colocou em cima do curry.

– Nossa vida pode não ser luxuosa, mas nos mantemos ocupados. Nossas cidades contam conosco.

Cress ouviu com atenção, mas manteve o foco na comida. Uma vez que se encontravam em segurança, abrigados e alimentados, ela estava desenvolvendo um novo medo: de que a qualquer momento um desses homens ou mulheres fosse olhar para ela e ver alguma coisa diferente, alguma coisa não muito... terráquea.

Ou que reconhecesse Thorne, um dos fugitivos mais procurados do planeta.

Sempre que ousava erguer o olhar, via a atenção voltada a ela e Thorne. Encolheu-se em cima da tigela de comida, tentando afastar os olhares curiosos e torcendo para ninguém falar com ela. Estava certa de que qualquer palavra que dissesse a marcaria como *diferente*, que só o ato de olhar nos olhos deles faria com que se entregasse.

– Não são muitos os turistas que vêm aqui – disse o marido de Jina, Niels. – Os estrangeiros costumam vir para mineração ou arqueologia. Este lado do deserto está quase esquecido desde que os surtos começaram.

– Ouvimos que os surtos não estão tão ruins quanto dizem – comentou Thorne, mentindo com uma facilidade que deixou Cress atônita.

– Você ouviu errado. O surto de peste está tão ruim quanto pensam. Pior.

– Para que cidade vocês estão viajando? – perguntou Jina.

– Ah, para a cidade que vocês forem – respondeu Thorne, sem nem hesitar. – Não queremos ser um peso para vocês. Vamos ficar em qualquer cidade que tenha tela de comunicação. Er... vocês não

teriam por acaso um tablet, teriam?

– Temos – disse a mulher mais velha, talvez na casa dos cinquenta anos. – Mas o acesso à rede é ruim aqui. Só teremos boa conexão quando chegarmos em Kufra.

– Kufra?

– A próxima cidade de comércio – explicou Niels. – Vamos demorar mais um dia para chegar lá, mas você deve encontrar o que precisar.

– Vamos descansar hoje durante o dia e a noite, e partimos amanhã – disse Jina. – Vocês precisam descansar, e queremos evitar o sol alto.

Thorne deu um sorriso grato.

– Não sei como agradecer.

Uma onda de tontura se espalhou na cabeça de Cress, obrigando-a a colocar a tigela no chão.

– Você não parece bem – disse alguém, ela não sabia quem.

– Minha mulher estava se sentindo mal antes.

– Você devia ter dito. Ela pode estar com insolação. – Jina ficou de pé e colocou a comida de lado. – Venha, você não deve ficar tão perto do fogo. Vocês podem ficar na barraca de Kwende esta noite, mas precisam beber mais antes de dormir. Jamal, me traga cobertores úmidos.

Cress aceitou a mão que a puxou para ficar de pé. Virou-se para Thorne e reuniu coragem para dar um pequeno beijo nada teatral na bochecha dele, mas, assim que se inclinou, o sangue lhe subiu à cabeça. O mundo girou. Pontos brancos surgiram em seus olhos e ela desabou na areia.

CAPÍTULO

Vinte e cinco

CINDER ABRIU AS CORTINAS E ENTROU NA LOJA, SEGURANDO-AS abertas para Jacin enquanto observava as prateleiras ao redor. Havia jarros lotados de ervas e líquidos, muitos rotulados em uma língua que ela não conhecia, embora, se olhasse por tempo suficiente, sua ligação à rede fosse começar a procurar uma tradução. Esses ingredientes exóticos estavam espalhados entre caixas de remédios e frascos de comprimidos que ela reconhecia de farmácias da Comunidade, junto com rolos de gaze e ataduras, pomadas pesadas, acessórios elaborados de tablet para examinar sinais vitais, óleos de massagem, velas e modelos anatômicos. Partículas de poeira estavam visíveis nos poucos raios de luz que entravam pelas janelas sujas, e um ventilador girava preguiçosamente no canto, sem ajudar muito a dispersar o calor. No canto, uma holografia mostrava o desenvolvimento de uma hemorragia interna resultante de um ferimento lateral e tremia ocasionalmente.

Jacin foi até os fundos da loja, ainda mancando um pouco ao andar.

– Olá – chamou Cinder.

Outra cortina pendia em frente a uma porta na parede oposta, junto a um velho espelho e uma pia com uma planta dentro.

A cortina balançou e uma mulher passou por ela, prendendo um avental por cima de uma calça jeans e uma blusa estampada.

– Estou chegando, estou chegando... – Ela viu Cinder. Seus olhos se arregalaram e a mulher abriu um enorme sorriso ao prender as cordas do avental nas costas. – Bem-vinda! – disse com o sotaque pesado com o qual Cinder estava se acostumando.

– Oi, obrigada. – Cinder colocou um tablet na bancada entre as duas e mostrou a lista que o dr. Erland tinha gravado para ela. –

Estou aqui em busca de algumas coisas. Me disseram que você teria aqui.

– Cinder Linh.

Ela ergueu a cabeça. A mulher ainda estava sorrindo.

– Sim?

– Você é corajosa e linda.

Ela ficou tensa, sentindo mais como se a mulher a tivesse ameaçado do que elogiado. Nos momentos seguintes à declaração inesperada, ela esperou que seu detector de mentira entrasse em ação, mas isso não aconteceu. Corajosa, talvez. Pelo menos, ela entendia por que alguém diria isso depois de ouvir as histórias do baile.

Mas linda?

A mulher continuou a sorrir.

– Hã. Obrigada? – Ela empurrou o tablet na direção da mulher. – Meu amigo me deu esta lista...

A mulher segurou suas mãos e apertou. Cinder engoliu em seco, surpresa não só pelo toque repentino, mas pela forma como a mulher não fez uma careta ao segurar a mão de metal.

Jacin se inclinou por cima da bancada e empurrou o tablet na direção da mulher tão de repente que ela precisou soltar a mão de Cinder para segurar.

– Precisamos dessas coisas – disse ele, apontando para a tela.

O sorriso da mulher sumiu quando ela olhou para Jacin, que estava usando a camiseta do uniforme da guarda, limpa e costurada de forma que as marcas de sangue quase não apareciam no tecido vinho.

– Meu filho também foi recrutado para se tornar guarda de Levana. – Ela apertou os olhos. – Mas ele não era tão grosso.

Jacin deu de ombros.

– Alguns de nós têm coisas a fazer.

– Espere – falou Cinder. – Você é lunar?

A expressão dela se suavizou quando ela olhou para Cinder de

novo.

– Sou. Como você.

Ela sufocou o mal-estar que veio junto com uma admissão tão aberta.

– E seu filho é guarda real?

– Não, não. Ele preferiu se matar a se tornar uma marionete na mão dela.

Ela lançou um olhar de raiva para Jacin e se empertigou um pouco mais.

– Ah. Sinto muito – disse Cinder.

Jacin revirou os olhos.

– Acho que ele não devia se importar muito com você.

Cinder sufocou um grito.

– Jacin!

Balançando a cabeça, ele tirou o tablet da mão da mulher.

– Vou começar a procurar – declarou ele, passando por Cinder. – Por que você não pergunta a ela o que aconteceu depois?

Cinder olhou com raiva para as costas de Jacin até ele desaparecer em um dos corredores.

– Me desculpe por isso – disse ela, procurando alguma desculpa.

– Ele é... você sabe. Lunar também.

– Ele é um dos dela.

Cinder se voltou novamente para a mulher, que parecia ofendida pelas palavras de Jacin.

– Não é mais.

Resmungando, a mulher se virou para reposicionar o ventilador a fim de que Cinder recebesse a maior parte da brisa.

– A coragem existe em muitas formas. Você sabe disso.

O rosto da mulher se encheu de orgulho.

– Acho que sim.

– Talvez seu amigo tenha tido coragem suficiente para entrar para a guarda dela. Meu filho teve coragem suficiente para não entrar.

Massageando distraidamente o pulso, Cinder se apoiou na bancada.

– Aconteceu alguma coisa? Depois?

– É claro. – Ainda havia orgulho no rosto dela, mas também raiva e tristeza. – Três dias depois que meu filho morreu, dois homens foram à minha casa. Eles levaram meu marido para a rua e o obrigaram a implorar pelo perdão da rainha por ter criado um filho tão desleal. E depois o mataram de qualquer jeito, como punição. E como aviso para qualquer outro convocado que estivesse pensando em desobedecer à coroa. – Os olhos estavam começando a se encherem de água, mas ela sustentou um sorriso sofrido. – Eu demorei quase quatro anos para encontrar uma nave vindo para a Terra e disposta a me aceitar como clandestina. Quatro anos fingindo que eu não a odiava. Fingindo ser mais uma cidadã leal.

Cinder engoliu em seco.

– Sinto muito.

A mulher esticou a mão e aninhou a bochecha de Cinder.

– Obrigada por desafiá-la de uma forma que nunca fui capaz. – A voz dela virou aço. – Espero que você a mate.

– Você vende fentanil de 10mg? – perguntou Jacin, voltando para a bancada e colocando três caixas pequenas em cima.

A mulher apertou os lábios e tirou o tablet da mão dele.

– Deixe que eu faço isso – disse ela, contornando a bancada e seguindo para o canto da frente da loja.

– Foi o que pensei – murmurou ele.

Cinder apoiou o queixo no punho de metal e olhou para ele.

– Eu nunca soube que ser guarda real era uma posição obrigatória.

– Não para todo mundo. Muita gente quer ser escolhida. É uma grande honra em Luna.

– Você quis?

Ele olhou para ela.

– Não. Eu sempre quis ser médico.

O tom dele estava cheio de sarcasmo, mas o dispositivo óptico biónico de Cinder não detectou como mentira. Ela cruzou os braços.

– Certo. Quem você estava protegendo?

– O que você quer dizer?

Alguma coisa arrastou no chão; a vendedora estava empurrando caixas poeirentas.

– Quando você foi convocado para ser guarda real. Quem Levana teria assassinado se você tivesse recusado?

Os olhos claros ficaram gélidos. Ele esticou a mão por cima da bancada e virou o ventilador para si.

– Não importa. Eles vão acabar mortos mesmo.

Cinder afastou o olhar. Como ele decidiu se juntar ao lado dela, seus entes queridos poderiam sofrer.

– Talvez não – disse ela. – Levana não sabe que você a traiu. Pode pensar que eu usei meu glamour com você. Que estou forçando você a nos ajudar.

– E você acha que isso vai fazer diferença?

– Talvez. – Ela viu a vendedora revirar uma caixa. Uma mosca zumbiu perto de sua cabeça, e Cinder a espantou. – E como se escolhe um guarda real?

– Há certas características que eles procuram.

– E lealdade não é uma delas?

– Por que seria? Ela pode imitar lealdade. É como com seu amigo agente especial. Ele pode ter reflexos rápidos, bons instintos e uma certa quantidade de bom senso. Mas, se você juntá-lo a um taumaturgo capaz de transformá-lo em um animal selvagem, não vai mais importar o que ele pensa ou quer. Ele apenas faz o que mandam.

– Já vi Lobo lutar contra isso – falou Cinder, sentindo vontade de defendê-lo uma vez que Scarlet não estava ali para isso.

Na primeira vez que Cinder viu Lobo, ele estava coberto de

sangue e agachado de forma ameaçadora por cima de Scarlet, embora ela tenha sempre insistido que ele não a machucaria. Que era diferente dos outros, mais forte.

É claro que isso foi antes de Lobo ter levado um tiro no lugar de uma taumaturga, momentos antes de Scarlet ser sequestrada.

– Obviamente, não é uma coisa fácil de fazer – acrescentou ela. – Mas eles podem lutar contra o controle mental.

– Parece ter feito muito bem a ele.

Cinder travou o maxilar e apertou a mão de metal na nuca, esperando que a acalmasse.

– Ele preferiu lutar e perder a se tornar um peão dela. Todos nós preferiríamos.

– Que bom. Nem todo mundo tem essa opção.

Ela reparou que ele tinha pousado a mão confortavelmente na faca embainhada ao lado da coxa.

– Está claro que Levana não escolheu você pela sua capacidade de manter uma boa conversa. Quais eram as características que você tinha que a fizeram pensar que você seria um bom guarda?

Aquela expressão de diversão arrogante voltou, como se ele estivesse compartilhando com ela uma piada particular.

– Meu rosto bonito – disse ele. – Não deu para perceber?

Ela riu.

– Você está começando a falar como Tho-Thorne. – Ela gaguejou no nome dele. Thorne, que jamais voltaria a fazer piadas sobre o próprio carisma.

Jacin não pareceu reparar.

– É triste, mas é verdade.

Cinder engoliu o remorso repentino.

– Levana escolhe os guardas pessoais com base em quem vai decorar melhor o ambiente? De repente me sinto melhor quanto às nossas chances.

– Isso e nossas mentes muito fracas.

– Você está brincando.

– Não. Se eu fosse bom com meu dom, talvez tivesse chegado a taumaturgo. Mas a rainha quer que seus guardas sejam controlados facilmente. Somos como marionetes que ela mexe por aí. Afinal, se demonstramos a menor resistência ao controle dela, isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte para Sua Majestade.

Cinder pensou no baile, quando estava com a arma e tentou atirar em Levana. O guarda ruivo pulou na frente da bala sem hesitar. Ela sempre achara que ele estava fazendo seu dever de proteger a rainha, que fez por vontade própria, mas reconheceu que os movimentos dele foram desajeitados demais, nada naturais. E que a rainha nem piscou.

Ela o estava controlando. Jacin estava certo. Ele funcionou como uma marionete.

– Mas você resistiu ao controle na nave.

– Porque a taumaturga Mira estava ocupada com seu amigo agente. Senão, eu teria sido o mesmo manequim sem cérebro que costumo ser.

Havia humor em seu tom autodepreciativo, mas Cinder detectou amargura por baixo. Ninguém gostava de ser controlado, e ela achava que ninguém se acostumava com isso.

– E você acha que eles não desconfiam que você é...

– Um traidor?

– Se é isso que você é.

O polegar dele contornou o punho da faca.

– Meu dom é praticamente inútil. Eu não seria capaz de controlar nem um terráqueo, muito menos um lunar habilidoso. Eu jamais conseguiria fazer o que você faz. Mas desenvolvi a capacidade de manter os pensamentos vazios quando a rainha ou um taumaturgo estão por perto. Para eles, eu tenho tanto cérebro e força de vontade quanto um cotoco de árvore. Não sou exatamente ameaçador.

Perto da frente da loja, a mulher começou a cantarolar baixinho enquanto reunia a lista de Cinder.

– Você está fazendo isso agora mesmo, não está? – disse Cinder, cruzando os braços. – Mantendo os pensamentos vazios.

– É hábito.

Cinder fechou os olhos e o procurou com os pensamentos. A presença dele estava lá, mas só de leve. Ela sabia que poderia controlá-lo sem esforço, mas a energia que emanava do corpo dele não revelava nada. Nenhuma emoção. Nenhuma opinião. Ele simplesmente se misturava ao pano de fundo.

– Hã. Eu sempre achei que seu treinamento devia ter ensinado isso.

– É só autopreservação saudável.

Ela franziu a testa e abriu os olhos. O homem à frente era um buraco negro emocional, de acordo com seu dom lunar. Mas, se ele conseguia enganar Levana...

Ela apertou os olhos.

– Minta para mim.

– O quê?

– Me conte uma mentira. Não precisa ser nada grandioso.

Ele ficou em silêncio por bastante tempo, e ela imaginou ser capaz de ouvi-lo revirando todas as mentiras e verdades, pesando-as em relação umas às outras.

Por fim, ele disse:

– Levana não é tão ruim depois que você passa a conhecê-la.

Uma luz laranja piscou no canto da visão dela.

Ao ver o sorriso debochado de Jacin, Cinder começou a rir, e a tensão sumiu dos ombros dela como ondas de calor que sobem da areia do deserto. Pelo menos sua programação ciborgue ainda detectava se ele estava mentindo para ela ou não. O que queria dizer que não tinha mentido quando disse que era leal à princesa e só a ela.

A vendedora voltou e colocou vários remédios diferentes na bancada, olhou o tablet e se afastou de novo.

– Agora que você sabe tudo sobre mim – falou Jacin, como se

isso fosse alguma coisa perto da verdade –, eu tenho uma pergunta para você.

– Pode falar – disse ela, organizando os vidros em fileiras arrumadas. – Meus segredos são quase todos de conhecimento público atualmente.

– Posso ser capaz de esconder minhas emoções da rainha, mas não consigo esconder o fato de que sou lunar e posso ser controlado por ela. Mas, quando você chegou naquele baile, seu dom parecia não existir. Sinceramente, no começo pensei que você fosse terráquea. E sei que foi por isso que a rainha e a taumaturga Mira estavam zombando de você... tratando-a como uma cascuda, o que você poderia muito bem ser, por não ter poder nenhum. – Ele ficou olhando para Cinder, como se tentando ver dentro da confusão de fios e chips dentro da cabeça dela. – E então, de repente, você não estava mais sem poderes. Seu dom era praticamente cegante. Talvez até pior que o de Levana.

– Nossa, obrigada – murmurou Cinder.

– Como você fez isso? Como conseguiu esconder tanto poder? Levana deveria ter percebido imediatamente... todos nós. Agora, quando olho para você, é praticamente só o que vejo.

Cinder mordeu o lábio e olhou para o espelho acima da pequena pia da loja. Viu seu reflexo e não ficou surpresa de encontrar uma mancha de sujeira no maxilar (há quanto tempo estava ali?) e fios de cabelo caindo desgrehados do rabo de cavalo. O espelho a mostrava exatamente como sempre foi. Comum. Suja. Um ciborgue.

Ela tentou imaginar como seria se ver como via Levana: assustadoramente bonita e poderosa. Mas era impossível com aquele reflexo olhando para ela.

Era por isso que Levana desprezava tantos espelhos, mas Cinder achava seu reflexo quase reconfortante. A vendedora a chamou de corajosa e linda. Jacin a chamou de cegante. Era bom saber que os dois estavam errados.

Ela ainda era apenas Cinder.

Depois de prender uma mecha de cabelo atrás da orelha, ela se esforçou para explicar a Jacin o “sistema de segurança bioelétrico” que seu pai adotivo inventou e instalou em sua espinha dorsal. Durante anos, isso a impediu de usar o dom, e era por isso que, até recentemente, ela não sabia que era lunar. O dispositivo servia para protegê-la, não só impedindo-a de usar o dom para que os terráqueos não soubessem o que ela era, mas também para impedir os efeitos colaterais que a maioria dos lunares sentia quando não usava o dom por longos períodos, as alucinações, a depressão e a loucura.

– É por isso que você talvez ouça o dr. Erland falando sozinho às vezes – disse ela. – Ele não usou o dom durante anos depois de vir para a Terra, e agora a sanidade dele está...

– Espere.

Ela fez uma pausa, não só porque Jacin falou, mas porque alguma coisa mudou no ar ao redor dele. Houve um pico repentino de emoção que pegou Cinder desprevenida.

– Esse dispositivo impediu você de perder sua estabilidade mental? Mesmo você não usando seu dom durante... anos?

– Bem, ele me *impediu* de usar o dom antes de tudo, e também me protegeu dos efeitos colaterais.

Ele virou o rosto para o outro lado e levou um minuto para recompor as feições de volta à indiferença, mas era tarde demais. Havia uma nova intensidade por trás dos olhos dele conforme se dava conta das implicações.

Um dispositivo que podia anular o dom lunar de uma pessoa faria com que todos fossem iguais.

– Pois então – disse Cinder, massageando a nuca onde o dispositivo ainda estava instalado, embora estivesse quebrado. – O dr. Erland o desligou. Meu dom ficou indo e vindo durante algumas semanas antes do baile, mas todo o estresse emocional sobrecarregou meu sistema, e o dispositivo, e... ali estava eu.

Completamente lunar. No momento certo.

Ela se encolheu ao lembrar da sensação de uma arma encostada na cabeça.

– Existe mais algum dispositivo desses? – perguntou ele, os olhos estranhamente brilhantes.

– Acho que não. Meu padrasto morreu antes de ter sido completamente testado, e até onde eu sei, não fez nenhum outro. Embora ele possa ter deixado papéis ou desenhos que expliquem como funciona.

– Não parece possível. Uma invenção assim... poderia mudar tudo.

Ele balançou a cabeça de novo, olhando para o nada, quando a vendedora voltou e colocou uma cesta cheia de compras sobre a bancada. Ela pegou os vidros de antes e colocou por cima, junto com o tablet de Cinder.

– Isso é perfeito – disse Cinder, puxando a cesta. – Muito obrigada. O doutor disse que você podia colocar na conta dele. Tudo bem?

– Nada de pagamento de Cinder Linh – retrucou a mulher, balançando uma das mãos enquanto tirava um tablet do bolso do avental. – Mas... posso tirar sua foto para meu perfil da rede? Minha primeira celebridade!

Cinder se encolheu para longe dela.

– Er... me desculpe. Não ando tirando fotos ultimamente.

A mulher murchou de decepção e guardou o tablet no bolso.

– Me desculpe, de verdade. Vou falar com o doutor sobre o pagamento, certo?

Ela tirou a cesta da bancada sem esperar ouvir outro argumento.

– Não anda tirando fotos ultimamente? – murmurou Jacin enquanto eles saíam apressadamente da loja. – Que lunar de sua parte.

Cinder apertou os olhos contra a luz do sol repentina e intensa.

– Muito criminoso procurado da minha parte também.

CAPÍTULO

Vinte e seis

EMBORA OS PENSAMENTOS DE SCARLET ESTIVESSEM DENSOS COMO lama, seus dedos estavam ágeis e rápidos, dançando pelos movimentos familiares de desligar a nave. Assim como em todas aquelas noites em que voltava para a fazenda ao terminar as entregas. Ela quase sentia o aroma bolorento do hangar da avó, combinado com a brisa fresca e natural vinda dos campos. Ela baixou o trem de pouso e pisou nos freios. A nave assentou, zumbindo por um momento antes de ela desligar o motor, quando ficou em silêncio.

Alguma coisa fez barulho atrás dela. Uma mulher começou a gritar em tom agudo, e a raiva dela era confusa e indistinta no cérebro enevoado de Scarlet.

Uma dor de cabeça começou a latejar na parte da frente do crânio dela e gradualmente ocupou a cabeça toda. Scarlet se encolheu e se encostou no assento do piloto, apertando as palmas das mãos sobre os olhos para bloquear a dor, a confusão, a luz intensa e repentina que explodiu em sua visão.

Scarlet gemeu e se inclinou para a frente. O cinto não a prendeu como os esperava, e logo ela estava encolhida sobre os joelhos, respirando fundo e ofegante, como se quase tivesse se afogado.

Sua boca estava seca, o maxilar doía como se ela tivesse trincado os dentes durante horas. Mas, quando ficou completamente imóvel e respirou fundo baixinho, o latejar na cabeça começou a diminuir. Seus pensamentos clarearam. A gritaria abafada ficou mais intensa e aguda.

Scarlet abriu os olhos. Uma onda de náusea tomou conta dela, mas ela engoliu em seco e esperou passar.

Ela soube imediatamente que essa não era sua nave de entregas e que não estava no hangar da avó. O cheiro era todo errado, o piso

estava limpo demais...

– ... quero que tragam já o tenente Hensla, junto com uma equipe completa de busca e identificação de naves...

A voz da mulher disparou como eletricidade pelos nervos de Scarlet, e ela se lembrou. Da nave, do ataque, da arma em sua mão, da bala atingindo Lobo no peito, da sensação de vazio quando a taumaturga invadiu seu cérebro, tomou conta de seus pensamentos, retirou todo o seu senso de identidade e força de vontade.

– ... use o histórico da nave para rastrear a última localização e ver se ainda resta alguma conectividade com a nave principal. Eles podem ter ido para a Terra. Descubram. *Encontrem-na*.

Scarlet levantou a cabeça o bastante para espiar pela janela lateral da nave de passeio. Luna. Ela estava em Luna, atracada em um espaço fechado que não se parecia em nada com os hangares que ela conhecia e nem com a área de pouso da Rampion. Era grande o bastante para abrigar uma dezena de naves pequenas, e algumas já estavam enfileiradas ao lado da dela, suas formas modernas ornamentadas com a insígnia de Luna. As paredes eram irregulares e pretas, mas com pontinhos cintilantes de luz, para imitar um céu inexistente. Uma luz leve era emitida pelo chão, de forma que as sombras das naves se esticavam como aves de rapina pelas paredes enormes.

No fim da fileira de naves havia uma enorme porta em arco, com pedras cintilantes embutidas que formavam uma lua crescente subindo acima do planeta Terra.

– ... peguei o D-COMM da programadora que nos traiu. Veja se os técnicos de software conseguem usá-lo para rastrear a nave auxiliar ...

A porta da nave atrás dela ainda estava aberta, e a taumaturga encontrava-se de pé do lado de fora, gritando com as pessoas que tinham se reunido ao redor: dois guardas de uniformes vermelhos e cinza e um homem de meia-idade que usava uma túnica simples

com cinto e estava inserindo informações em um tablet rapidamente. O casaco comprido da taumaturga estava manchado de sangue e encharcado na parte de cima da coxa. Ela estava um pouco curvada, com as mãos sobre o ferimento.

A porta em arco começou a se abrir, criando um pequeno buraco no meio da Terra cintilante. Scarlet se abaixou. Ouviu o clique sutil e o zumbido de imãs, o estalo de passos.

– Finalmente – disse a taumaturga, furiosa. – O uniforme está destruído. Corte o tecido e seja rápido. A bala não atravessou, e o ferimento não... – Ela parou de falar e deu um pequeno gemido.

Ousando erguer o olhar, Scarlet viu que três novas pessoas tinham chegado, vestidas de jalecos de laboratório. Elas trouxeram uma maca flutuante, coberta com o estoque todo de um laboratório de suprimentos médicos, e estavam reunidas em torno da taumaturga, uma desabotoando o casaco enquanto outra tentava cortar um quadrado na calça, apesar de o tecido parecer ter grudado no ferimento.

A taumaturga se recuperou e recompôs a expressão para disfarçar quanta dor estava sentindo, apesar de a pele morena ter assumido uma palidez amarelada. Um dos médicos descolou o tecido do ferimento.

– Mandem Sierra enviar um novo uniforme e façam contato com o taumaturgo Park para informá-lo de que logo haverá mudanças em nossos procedimentos para reunir inteligência em relação a líderes terráqueos.

– Sim, taumaturga Mira – disse o homem de meia-idade. – Falando em Park, você precisa saber que ele já teve uma reunião com o imperador Kaito sobre nossa frota, que parece não estar mais disfarçada.

Ela falou um palavrão.

– Eu tinha me esquecido das naves. Espero que ele tenha sido inteligente o bastante para não contar nada antes de termos estabelecido uma declaração oficial. – Ela fez uma pausa para

respirar fundo. – Além do mais, informe Sua Majestade da minha volta.

Scarlet deslizou no assento. Seus olhos se dirigiram para a porta do outro lado da nave. Ela considerou ligar o motor, mas não tinha chance de fugir na nave de passeio da Rampion. Eles deviam estar debaixo do chão, e a saída devia exigir uma autorização especial para ser aberta.

Mas, se ela chegasse a uma das outras naves...

Tentando respirar fundo para se acalmar, ela se deslocou devagar pelo console central até o assento do copiloto.

Ela se preparou, o coração disparado no peito. Contou até três mentalmente e destravou a porta. Abriu muito devagar, para que o movimento não fosse notado pelos lunares atrás. Saiu e pousou os tênis no chão. Enfim via de onde surgia a luz peculiar; o chão todo era feito de azulejos brancos iluminados, fazendo parecer que ela estava andando...

Bem, na lua.

Ela fez uma pausa para ouvir. Os médicos discutiam ferimentos de entrada, o assistente listava horários para uma reunião com a rainha. Pela primeira vez, a taumaturga estava em silêncio.

Respire, respire...

Scarlet se afastou da nave. Seu cabelo estava grudado no pescoço molhado e ela tremia de medo e adrenalina e pela crescente certeza de que isso jamais daria certo. Não conseguiria chegar à nave lunar. Eles dariam um tiro nas costas dela a qualquer momento. Ou ela entraria na nave e não saberia pilotar. Ou a saída não estaria aberta.

Mas os lunares continuavam falando atrás dela, e ela estava tão perto, e isso podia funcionar, tinha que funcionar...

Agachada junto ao corpo branco cintilante da nave lunar, ela lambeu os lábios e aproximou os dedos do painel da porta...

Sua mão parou.

Seu coração despencou.

O ar ao redor dela ficou silencioso, carregado com uma energia que fez todos os pelos de seu braço ficarem em pé. Sua mente permaneceu clara dessa vez, bastante ciente do quanto ela chegou perto de entrar naquela nave e tentar chegar em segurança, e ao mesmo tempo ciente de que nunca teve chance.

Com um estalo, sua mão voltou a se mover e ela a deixou pender ao lado do corpo.

Scarlet forçou o queixo para cima e, usando a lateral da nave para se equilibrar, ficou de pé e se virou para encarar a taumaturga. Sentada na maca flutuante, Sybil Mira usava apenas uma camisola e estava deitada de lado, para que os médicos tivessem acesso ao ferimento. Havia sangue espirrado na bochecha e na testa dela, e o cabelo estava desgrenhado e sujo de ainda mais sangue, mas ela até então parecia intimidante, os olhos cinza grudados em Scarlet, encostada na nave.

Os médicos estavam curvados sobre a coxa dela, trabalhando com atenção, como se tivessem medo de ela reparar que eles permaneciam lá enquanto limpavam e cuidavam e davam pontos. Os dois guardas estavam com as armas na mão, embora suas posturas estivessem relaxadas enquanto eles esperavam ordens.

O assistente, que antes era de meia-idade e comum de todas as formas, tinha mudado. Embora ainda estivesse de túnica com cinto, havia se tornado lindo de uma maneira quase sobrenatural. Vinte e poucos anos, maxilar forte, cabelo preto como breu penteado para trás, revelando um bico de viúva na testa.

Scarlet contraiu o maxilar e forçou o cérebro a lembrar como ele era antes. A não dar peso ao glamour que ele impunha. Era só uma pequena rebelião, mas ela a agarrou com toda a força mental que ainda tinha.

– Essa deve ser a refém tirada da nave da ciborgue – disse o assistente. – O que devo fazer com ela?

O olhar da taumaturga se concentrou em Scarlet com um ódio que poderia ter derretido a carne de seus ossos.

O sentimento era mútuo. Scarlet retribuiu o olhar de raiva.

– Preciso de tempo para falar sobre ela com Sua Majestade – disse Sybil. – Desconfio que ela vá querer estar presente quando a garota for interrogada. – Ela se contorceu quando a dor surgiu em seu rosto. Scarlet percebeu o momento em que a taumaturga perdeu o interesse no destino dela, quando seus ombros relaxaram e ela reuniu a energia que ainda tinha para se deitar na maca. – Não ligo para o que você fizer com ela enquanto isso. Dê para uma das famílias se quiser.

O assistente assentiu e fez um gesto para os guardas.

Em segundos, eles se aproximaram, afastaram Scarlet da nave e prenderam as mãos dela atrás do corpo com algum tipo de amarra que machucou seus pulsos. Quando começaram a levá-la na direção da enorme porta em arco, os médicos e a taumaturga já tinham ido embora.

CAPÍTULO

Vinte e sete

O TEMPO PASSOU EM UMA NÉVOA, SONHO E REALIDADE SE MISTURANDO.

Quando foi arrancada do sono, obrigada a se sentar e beber água. Trechos de conversas confusas. Tremores. Quando estava com calor e suando e chutou os cobertores finos. Thorne ao lado dela, amarrando uma venda na cabeça. Mãos segurando a garrafa de água nos lábios dela. Beba. Beba. *Beba*. Tome essa sopa. Beba mais um pouco. Uma gargalhada desconhecida fazendo-a se encolher e se esconder debaixo do cobertor. A silhueta de Thorne sob o luar, esfregando os olhos e falando um palavrão. Ela ofegante no ar quente, certa de que sufocaria debaixo do cobertor e que todo o oxigênio seria sugado para o céu escuro da noite. Desesperada por água. Com coceiras devido à areia ainda presa nas roupas e cabelo. Luz. Escuridão. Luz de novo.

Por fim, Cress acordou, grogue mas lúcida. A saliva estava densa e grudada na boca, e ela deitada em uma esteira dentro de uma pequena barraca, sozinha. Estava escuro fora das paredes de tecido fino, e o luar batia na pilha de roupas aos seus pés. Ela procurou o cabelo com a intenção de envolver os pulsos com ele, mas encontrou-o cortado abaixo das orelhas.

As lembranças voltaram, preguiçosas no começo. Thorne no satélite, Sybil e o guarda, a queda e a faca e o deserto cruel que se estendia até o fim do mundo.

Ela ouviu vozes lá fora. Perguntou-se se a noite tinha acabado de começar ou já estava terminando. Perguntou-se por quanto tempo dormiu. Ela parecia se lembrar de braços ao redor de seu corpo, de dedos macios tirando areia de seu rosto. Será que foi sonho?

A barraca foi aberta, e uma mulher, a mais velha da fogueira, apareceu com uma bandeja. Ela abriu um sorriso e colocou a

comida no chão, um tipo de sopa com um cantil de água.

– Finalmente – disse ela, com aquele sotaque pesado e desconhecido, rastejando pelos montes de cobertores bagunçados.
– Como está se sentindo? – Ela colocou a palma da mão na testa de Cress. – Melhor. Que bom.

– Por quanto tempo eu...?

– Dois dias. Estamos atrasados, mas não importa. É bom ver você acordada.

Ela se sentou ao lado de Cress. A barraca era apertada, mas não desconfortável.

– Você vai ter um camelo para andar quando partirmos. Precisamos manter seus ferimentos limpos. Você teve sorte de termos encontrado você antes da infecção.

– Ferimentos?

A mulher indicou seus pés, e Cress se inclinou. Estava escuro, mas ela sentiu as ataduras. Mesmo dois dias depois, eles ainda estavam doloridos ao toque e os músculos das pernas formigavam de cansaço.

– Onde está...? – Ela hesitou, sem conseguir lembrar se Thorne tinha usado um nome falso. – Meu marido?

– Na fogueira. Ele está nos distraindo com a história do romance explosivo de vocês. Garota de sorte. – Ela deu uma piscadela maliciosa que fez Cress se encolher, depois um tapinha no joelho. Entregou a tigela de sopa para ela. – Coma primeiro. Se você estiver forte o bastante, pode se juntar a nós.

Ela voltou até a entrada.

– Espere. Eu preciso... hã.

Cress corou, e a mulher lançou um olhar de compreensão.

– Tenho certeza de que sim. Venha comigo, vou mostrar onde fazer o que você tiver que fazer.

Havia um par de botas na entrada da barraca, grande demais para ela. A mulher ajudou Cress a enchê-las de tecido até ficarem quase confortáveis, embora as solas dos pés ainda doessem, depois

a levou para longe do fogo, para um buraco que cavaram na areia na extremidade do oásis. Dois lençóis tinham sido pendurados para oferecer privacidade, e havia uma palmeira jovem para Cress se apoiar enquanto se aliviava.

Quando terminou, a mulher a guiou de volta até a barraca e a deixou sozinha saboreando a sopa. Seu apetite voltou multiplicado por dez desde a primeira refeição no oásis. Sua barriga parecia vazia, mas o caldo a acalmou enquanto ouvia a conversa dos estranhos. Tentou identificar a voz de Thorne, mas não conseguiu.

Quando saiu rastejando da barraca de novo, viu oito formas sentadas ao redor do fogo. Jina estava mexendo o conteúdo de uma panela meio enterrada na areia, e Thorne se encontrava sentado de pernas cruzadas e relaxado em uma das esteiras. Estava com uma bandana ao redor dos olhos.

– Ela se levantou! – gritou o caçador, Kwende.

Thorne ergueu a cabeça, e sua surpresa ficou clara em um sorriso enorme.

– Minha mulher? – disse ele, mais alto do que o necessário.

Os nervos de Cress saltaram quando ela viu tantos estranhos a olhando. Sua respiração ficou errática, e então pensou em fingir um ataque de tontura para procurar refúgio na barraca de novo.

Mas Thorne ficou de pé, ou tentou, cambaleando em um dos joelhos como se fosse cair bem em cima da fogueira.

– Oh-oh.

Cress correu até o lado dele. Com a ajuda dela, ele se pôs de pé e segurou as mãos dela, ainda trêmulas.

– Cress?

– Sim, cap... hã...

– Você acordou, finalmente! Como está se sentindo? – Ele procurou a testa dela, e a palma da mão pousou primeiro no nariz e depois deslizou até a testa. – Ah, que bom, sua febre baixou. Eu estava tão preocupado.

Ele a puxou em um abraço, e ela sumiu nos braços dele.

Cress deu um gritinho, mas o som foi abafado pelo algodão da camisa dele. Ele a soltou depressa e aninhou o rosto dela com as mãos.

– Minha querida sra. Smith, *nunca* mais me assuste assim.

Apesar do exagero no ato, Cress sentiu uma alegria no peito ao ver a boca dele, ao sentir as mãos tão carinhosas em suas bochechas.

– Me desculpe – choramingou ela. – Me sinto bem melhor agora.

– Você está com *aparência* bem melhor. – Seus lábios tremeram.

– Pelo menos, estou supondo que esteja. – Thorne enfiou os dedos dos pés na areia e levantou uma ponta de uma vara comprida, pegando-a com facilidade. – Venha, vamos dar uma volta. Para ver se conseguimos ter um tempinho sozinhos nessa nossa lua de mel.

Ele contorceu o rosto em uma piscadela que ficou óbvia mesmo por baixo da venda.

A multidão ao redor da fogueira gritou quando Thorne pegou a mão de Cress. Ela o guiou para longe das provocações, feliz por a escuridão da noite esconder suas bochechas vermelhas.

– Você parece estar se saindo bem – disse ela quando eles se afastaram da fogueira, embora tenha ficado feliz quando Thorne não soltou sua mão.

– Andei treinando caminhar com a bengala nova. Um dos homens a fez para mim, e é bem melhor do que aquela de metal. Mas a organização do acampamento ainda me confunde. Juro que eles ficam mudando as coisas de lugar cada vez que penso que entendi.

– Eu devia estar junto para ajudar você – disse ela quando eles se aproximaram do pequeno lago. – Me desculpe por ter dormido tanto.

Ele deu de ombros.

– Estou feliz por você estar bem. Fiquei preocupado mesmo.

A atenção dela estava voltada para os dedos entrelaçados, como se fosse um farol. Cada movimento, cada batimento, cada passo era

espalhado por todo o corpo dela.

Não demorou para que a imaginação dela os colocasse deitados juntos na areia quente, os dedos dele acariciando o cabelo dela, os lábios passeando por seu queixo.

– Então escute – disse Thorne, arrancando-a do sonho. – Falei para todo mundo que, quando chegarmos à cidade, vou chamar meu tio na América e pedir para que mande um transporte, então não vamos seguir com eles.

Cress prendeu o cabelo atrás das orelhas, ainda despertando dos resquícios da fantasia. O toque do ar noturno no pescoço foi inesperadamente agradável.

– E você acha que vamos conseguir fazer contato com sua tripulação?

– É minha esperança. A nave não tem equipamento de rastreamento, mas, considerando que você já descobriu nossa localização uma vez, achei que talvez você pudesse pensar em alguma forma de pelo menos mandar uma mensagem para eles.

Eles contornaram os camelos, que olharam para eles com total desinteresse, enquanto o cérebro de Cress começava a avaliar uma dezena de meios de comunicação possíveis com uma nave não rastreável e o que precisaria para conseguir executar isso. Ela não conseguira fazê-lo do satélite, mas com o acesso correto à rede...

Cress ficou grata quando eles chegaram à barraquinha. Apesar de a caminhada ter sido curta, as botas grandes já tinham começado a queimar. Ela se sentou na esteira, tirou uma de um dos pés e inspecionou as ataduras da melhor forma que pôde no escuro. Thorne se sentou ao lado dela.

– Está tudo bem?

– Espero encontrar sapatos quando chegarmos nessa cidade. – Ela deu um suspiro sonhador. – Meu primeiro par de sapatos de verdade.

Ele deu um sorrisinho.

– Agora você está falando como uma verdadeira mulher

terráquea.

Ela olhou para a fogueira para ver se ninguém estava ouvindo.

– Posso perguntar por que você está usando uma venda?

Ele passou os dedos no tecido.

– Acho que eu estava deixando as pessoas pouco à vontade olhando vagamente para o espaço o tempo todo, ou olhando através delas.

Ela baixou a cabeça e tirou a segunda bota.

– Eu não ficava pouco à vontade. Acho que seus olhos são... bem, sonhadores.

Os lábios de Thorne tremeram.

– Então você *reparou*.

Ele tirou a bandana e a colocou no bolso, depois esticou as pernas.

Cress mexeu com as pontas irregulares do cabelo e olhou para o perfil dele com um sentimento que fez seu corpo todo doer.

Finalmente, depois de um agonizante minuto reunindo coragem, ela chegou perto dele e apoiou a cabeça em seu ombro.

– Boa ideia – disse ele, passando o braço pela cintura dela. –

Como eles poderiam pensar que não estamos apaixonados?

– Como poderiam? – murmurou ela.

Ela apertou os olhos e tentou decorar a sensação exata dele.

– Cress?

– Humm?

– Estamos bem, certo?

Cress abriu os olhos. Um grupo de palmeiras na frente dela brilhou laranja com a luz trêmula da fogueira, e ela ouviu o estalo de fagulhas, mas o barulho pareceu distante.

– O que você quer dizer?

– É que eu estava pensando, sabe, no que você falou lá no deserto. Achei que era a febre falando, mas, mesmo assim, eu tenho o hábito de falar coisas sem pensar direito nelas, e com você sendo nova nessa coisa toda de socialização... – Ele parou de falar e

apertou o braço na cintura dela. – Você é incrivelmente doce, Cress. Eu não quero magoar você.

Ela engoliu em seco, a boca áspera de repente. Nunca tinha pensado que palavras tão gentis pudessem doer, mas não conseguiu deixar de pensar que o elogio dele não queria dizer o que ela desejava que dissesse.

Ela afastou a cabeça do ombro dele.

– Você me acha ingênua.

– Claro, um pouco – admitiu ele, com tanta certeza que pareceu menos insulto do que ser chamada de doce. – Mas eu penso mesmo é que não sou a melhor pessoa para demonstrar toda a bondade que a humanidade tem a oferecer. Não quero que você fique decepcionada demais quando perceber isso.

Cress entrelaçou os dedos no colo.

– Conheço você melhor do que pensa, capitão Thorne. Sei que você é inteligente. E corajoso. E atencioso e gentil e...

– Encantador.

– ... encantador e...

– Carismático.

– ... carismático e...

– Bonito.

Ela apertou os lábios e olhou com raiva para ele, mas o sorriso debochado tinha afastado todos os sinais de sinceridade.

– Me desculpe – disse ele. – Por favor, continue.

– Talvez mais vaidoso do que eu tinha percebido.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. E então, para a surpresa dela, esticou a mão e segurou a dela, com o outro braço ainda ao redor da cintura.

– Para quem tem uma experiência social tão limitada, você, minha querida, é uma excelente avaliadora de caráter.

– Não preciso de experiência. Você pode tentar se esconder por trás de sua reputação ruim e das fugas criminosas, mas consigo ver a verdade.

Ainda sorrindo, ele a cutucou com o ombro.

– Que, por dentro, sou apenas um romântico meloso em busca do amor?

Ela enfiou os dedos dos pés na areia.

– Não... que você é um herói.

– *Herói?* Isso é ainda melhor.

– E é verdade.

Ele escondeu o rosto atrás da mão e levou a de Cress junto no movimento. Ocorreu a ela que essa conversa toda era uma piada para ele. Mas como ele podia não ver?

– Você está me matando, Cress. Quando me viu fazer *qualquer coisa* que poderia ser considerada heroica? Resgatar você do satélite foi ideia de Cinder, foi você quem impediu um acidente na nossa descida e nos fez passar pelo deserto...

– Não estou falando de nada disso. – Ela soltou a mão da dele. – E quando você tentou arrecadar dinheiro para ajudar a pagar por assistência androide para os idosos? *Isso* foi heroico, e você só tinha onze anos!

O sorriso dele sumiu.

– Como você sabia sobre isso?

– Eu fiz minhas pesquisas – contou ela, cruzando os braços.

Thorne coçou o maxilar, com a confiança abalada por um momento.

– Tudo bem – disse ele lentamente. – Eu roubei um colar da minha mãe e tentei vender. Quando fui pego, concluí que não me puniriam se achassem que eu estava tentando fazer uma coisa boa, e, como eu teria que devolver mesmo o dinheiro, não importava. Então, inventei a história de dar o dinheiro para caridade.

Ela franziu a testa.

– Mas... se foi isso, o que você ia fazer com ele?

Ele suspirou de forma sonhadora.

– Comprar um aerodeslizador de corrida. O Neon Spark 8000. Nossa, eu queria muito.

Cress piscou. Um aerodeslizador de corrida? Um *brinquedo*?

– Certo – disse ela, sufocando uma pontada de decepção. – E quando você soltou aquele tigre do zoológico.

– É sério? Você acha que *aquilo* foi heroico?

– Ele era um pobre animal triste preso por toda a vida! Você deve ter se sentido mal por ele.

– Não exatamente. Eu cresci com gatos robóticos em vez de animais de estimação de verdade e achei que, se o soltasse, ele faria todas as minhas vontades e eu poderia levá-lo para a escola e então seria ridiculamente popular por ser o garoto com o tigre de estimação. – Ele balançou a mão no ar, como se pudesse ilustrar a história enquanto falava. – É claro que, no segundo que ele saiu e todo mundo correu desesperado, eu percebi o quanto minha ideia tinha sido idiota. – Ele apoiou o cotovelo no joelho e aninhou o queixo com a mão. – Esse jogo é divertido. O que mais você sabe?

Cress podia sentir sua visão do mundo desmoronando. Todas aquelas horas revirando os registros dele, justificando os erros, certa de que só ela conhecia o *verdadeiro* Carswell Thorne...

– E Kate Fallow? – disse ela, quase temendo a resposta.

Ele inclinou a cabeça.

– Kate Fallow... Kate Fallow...

– Quando você tinha treze anos. Uns colegas roubaram o tablet dela e você a defendeu. Tentou recuperar o tablet.

– Ah, aquela Kate Fallow! Uau, quando você pesquisa, pesquisa de verdade, não é?

Ela mordeu o lábio e o observou em busca de uma reação, de alguma coisa que dissesse que, ao menos nessa situação, ela estava certa. Ele salvou a pobre garota. Foi o herói.

– Na verdade, eu tinha uma queda por Kate Fallow – contou ele distraidamente. – O que será que ela anda fazendo atualmente?

Seu coração tremeu, apegando-se a filetes de esperança.

– Está estudando para ser arquiteta.

– Ah. Faz sentido. Ela era ótima em matemática.

– E então? Você não vê o quanto aquilo foi heroico? O quanto foi altruísta e *valente*?

O canto dos lábios dele tremeu, mas não com entusiasmo, e o sorriso logo sumiu quando virou o rosto para longe dela. Ele abriu a boca para falar, mas hesitou, até que, finalmente, procurou a mão dela de novo.

– É, acho que você está certa – disse ele, apertando. – Talvez haja um pouco de herói em mim mesmo. Mas... de verdade, Cress. Só um pouco.

CAPÍTULO

Vinte e oito

ELES DECIDIRAM PASSAR UM DIA A MAIS NO ACAMPAMENTO, PARA garantir que Cress estivesse completamente recuperada, mas partiram cedo na manhã seguinte, desmontando as barracas e enrolando as esteiras sob um céu ainda escuro. Jina disse para Cress que eles deviam chegar em Kufra no fim da tarde e que, por estarem começando tão cedo, deviam percorrer uma boa distância antes que o calor escaldante tomasse conta da areia. Eles fizeram uma refeição rápida de carne seca, pegaram tâmaras nas tamareiras e deixaram para trás o santuário do oásis.

Apesar de exigir muita reorganização de mercadorias e equipamento, Cress recebeu um camelo para montar. Ela ficou grata, a mera ideia de andar já provocava nela vontade de chorar, mas logo descobriu que o animal também não era a epítome do conforto. Em horas, suas mãos doíam de segurar as rédeas e suas panturrilhas estavam vermelhas e irritadas. A capa que o pessoal da caravana emprestara para ela a protegia melhor do sol, mas, com o passar do dia, não houve descanso do calor.

Viajaram para o leste, em paralelo às montanhas. Thorne ficou ao lado dela, com uma das mãos apoiando as bolsas presas à cela e com a ponta da nova bengala, mais leve, roçando na areia. Ainda usando a venda, ele andava com facilidade enganosa. Cress sugeriu que ele fosse no camelo várias vezes, mas ele sempre recusava. Ela sentiu que isso estava se tornando uma questão de orgulho. Ele estava provando, talvez para si mesmo, que era capaz de andar sem assistência, que conseguia ser independente, que podia manter um sorriso no rosto enquanto fazia isso.

Eles passaram a maior parte da manhã em silêncio, e Cress não pôde deixar de se perder nas fantasias que giravam mais em torno

da ponta dos dedos dele fazendo desenhos na parte de dentro de seu pulso.

Ao meio-dia, estavam sob ataque de um sol impiedoso e da areia soprada pelo vento que os golpeava, tentando penetrar nas dobras das roupas. Mas o sol não estava mais nos rostos, e gradualmente as dunas deram espaço a um platô duro e rochoso.

À tarde, quando o sol estava em seu pior momento, eles chegaram a um leito de rio seco e pararam para descansar. Encontraram uma área com sombra debaixo de um penhasco quadrado, e dois dos homens saíram andando e voltaram um pouco depois com todos os cantis cheios até a boca. Jina explicou que havia um poço escondido em meio a umas pedras ali perto, alimentado pela mesma fonte subterrânea sobre a qual ficava Kufra, a cidade para onde eles estavam indo.

Subir no camelo depois da pausa foi uma tortura, mas Cress lembrou a si mesma que qualquer coisa era melhor do que andar.

A tarde levou-os a mais terrenos rochosos, seguidos de algumas horas de dunas. Eles passaram por uma cobra, e Cress percebeu que era a única com medo dela, apesar de Kwende confirmar que era venenosa. A cobra se encolheu e os viu passar com olhos preguiçosos, sem nem se dar ao trabalho de sibilar nem de mostrar os dentes, como as cobras nas novelas sempre faziam. Mesmo assim, de seu ponto de vista vantajoso, Cress monitorou onde Thorne pisava, e suas pulsações só diminuíram de velocidade quando a cobra não podia mais ser vista atrás deles.

E então, quando Cress tinha certeza de que a parte de dentro de suas coxas estava em carne viva, Thorne levantou a mão e mexeu até encostar a palma no joelho dela.

– Está ouvindo isso?

Ela prestou atenção, mas só ouviu o barulho familiar dos camelos andando.

– O quê?

– Civilização.

Ela apertou as rédeas do camelo, mas o barulho só se separou do silêncio do deserto quando eles chegaram ao topo da duna seguinte. E ela viu.

Uma cidade surgiu na frente deles, abrindo-se no deserto entre penhascos pedregosos. As construções eram todas compactadas e próximas, mas mesmo de longe Cress via as manchas verdes das árvores entre elas. Não parecia possível que uma cidade existisse no meio de um deserto tão intenso e impiedoso, mas ali estava ela, sem nenhum preâmbulo. Um passo, deserto. Passo seguinte, paraíso.

– Você está certo – disse Cress suspirando, com olhos arregalados. – Estamos quase lá. Conseguimos.

– Como é?

– Não sei por onde começar. Parece lotada. Tem pessoas e construções e ruas e *árvores*...

Thorne riu.

– Você acabou de descrever todas as cidades no planeta.

Ela não conseguiu se impedir de rir com ele, tomada de euforia de repente.

– Me desculpe. Deixa eu ver. A maior parte das construções é feita de pedra, ou talvez argila, e são de uma cor meio castanha, meio pêssgo, e a cidade toda é cercada de um muro alto de pedra, e tem muitas palmeiras em todas as ruas. Tem um lago que parece ir até o meio da cidade, quase de uma ponta a outra, e vejo barquinhos nele, e tantas árvores e plantas, e acho... que para o norte, depois das casas, acho que estão plantando algum tipo de alimento. Ah!

– O quê? Ah o quê?

– *Animais!* Pelo menos algumas dezenas... Cabras, talvez? E... aquele ali tem um carneiro! São iguaizinhos aos que vi na rede!

– Me conte sobre as pessoas.

Ela desviou o olhar das criaturas, descansando na pouca sombra que conseguiam encontrar, e tentou observar as pessoas andando

nas ruas. Apesar de estar chegando a noite, o que parecia ser a rua principal ainda estava cheia de lojas ao ar livre abertas, com paredes de tecidos de estampas vibrantes tremendo na brisa.

– São muitas. A maioria usa túnicas como nós, mas tem muito mais cor.

– E qual é o tamanho da cidade?

– Tem *centenas* de construções!

Thorne deu um sorrisinho.

– Tente controlar o entusiasmo, garota da cidade. Eu falei para todo mundo que nos conhecemos em Los Angeles.

– Certo. Me desculpe. É que... conseguimos, capitão.

A mão dele desceu pela perna dela e envolveu um tornozelo.

– Vou ficar feliz de sair dessas dunas, mas vai haver muito mais coisas em que tropeçar aqui do que no deserto. Tente não ir para muito longe, certo?

Cress olhou para o perfil dele e reconheceu o olhar tenso de preocupação pela curva dos lábios, pela ruga entre as sobrancelhas. Ela não via aquele olhar desde que se encontraram com os viajantes e começou a achar que ele estava ficando mais à vontade com a cegueira. Mas talvez só estivesse tentando esconder sua fraqueza dos outros.

– Não vou sair de perto de você – disse ela.

Ficou claro a partir do momento em que entraram na cidade que a caravana era conhecida, esperada e estava atrasada. Os viajantes não desperdiçaram tempo e montaram uma barraca em meio às lojas para descarregar a mercadoria, enquanto Cress tentava absorver a arquitetura e os detalhes e a beleza que a cercavam. Apesar de a cidade ter parecido esbranquiçada e arenosa de longe, de perto ela conseguiu perceber variações vibrantes de laranja e cor-de-rosa decorando as laterais das construções, e azulejos azul-cobalto ao redor de portas e degraus. Quase toda superfície tinha algum tipo de decoração, de contornos dourados a arcos detalhadamente entalhados a uma enorme fonte

no meio da praça principal. Cress espiou a água borbulhante quando eles passaram, hipnotizada pelo desenho de explosão na base do chafariz.

– O que você acha? – perguntou Jina.

Cress sorriu.

– É de tirar o fôlego.

Jina olhou as barracas do mercado ao redor e as frentes das construções como se nunca tivesse olhado para nada daquilo.

– Essa sempre foi uma das minhas paradas favoritas ao longo do nosso caminho, mas mal dá para reconhecer em comparação a algumas décadas atrás. Quando eu estava aprendendo a fazer negócios, Kufra era uma das cidades mais bonitas do Saara... mas aí a peste atacou. Quase dois terços da população foi aniquilada em poucos anos, e muitas pessoas fugiram para outras cidades ou saíram da África. Casas e negócios foram abandonados, plantações queimaram no sol. Estão tentando se recuperar desde então.

Cress piscou e olhou de novo, além da bela ornamentação e das paredes pintadas de forma vibrante, tentando ver a cidade que Jina descreveu, mas não conseguiu.

– Não parece abandonada.

– Não aqui, na praça principal. Mas, se você seguir para as áreas do norte ou do leste, é praticamente uma cidade fantasma. Muito triste.

– Mas então era uma cidade muito rica? – perguntou Thorne, inclinando a cabeça. – Antes da peste?

– Ah, sim. Kufra ficava em muitas rotas mercantes entre as minas de urânio na África central e no Mediterrâneo. Um dos recursos mais valiosos da Terra, e quase temos o monopólio. Com exceção da Austrália, mas há demanda suficiente para compartilharmos.

– Urânio – disse Thorne. – Para energia nuclear.

– Também é o que alimenta a maioria dos motores de naves espaciais atuais.

Thorne assobiou, parecendo impressionado, embora Cress achasse que ele já devia saber disso.

– Me sigam – falou Jina. – Tem um hotel depois da esquina.

Jina os levou pelo labirinto apertado das barracas do mercado, passando por todo tipo de coisas, desde caixas repletas de tâmaras açucaradas a mesas cobertas de queijos de cabra frescos a uma clínica de medidroides oferecendo exames de sangue de graça.

Depois de deixar as ruas do mercado para trás, eles passaram por um portão velho e entraram em um jardim no meio de um pátio, cheio de mais palmeiras e uma árvore com grandes frutas amarelas penduradas nos galhos. Cress sorriu quando os reconheceu e ficou morrendo de vontade de falar sobre os limões, mas sufocou a empolgação.

Eles entraram em um pequeno saguão, com uma porta em arco que levava a uma sala de jantar, onde algumas pessoas estavam reunidas ao redor de uma mesa jogando cartas. A sala tinha um aroma de perfume doce e inebriante, quase intoxicante.

Jina se aproximou de uma garota sentada atrás da mesa e elas falaram na outra língua antes de ela se voltar para eles.

– Eles vão deixar o quarto de vocês na nossa conta. Aqui tem uma cozinha pequena, vocês podem pedir o que precisarem. Tenho trabalho a fazer, mas vou pedir sapatos para você quando tiver oportunidade.

Cress agradeceu repetidamente até Jina sair andando para concluir seus negócios.

– Quarto oito, no andar de cima – informou a recepcionista, entregando a Cress uma pequena placa com uma chave de sensor.

– E juntem-se a nós em nossa competição noturna de *Royals* no saguão do restaurante, à esquerda. As primeiras três rodadas são cortesia para hóspedes.

Thorne inclinou a cabeça na direção da área de jantar.

– Não diga.

Cress olhou para os jogadores reunidos ao redor da mesa.

– Quer ir ver?

– Não, não agora. Vamos achar nosso quarto.

No segundo andar, Cress encontrou a porta marcada com um oito pintado de preto. Quando passou a placa e abriu a porta, sua atenção foi direto para uma cama encostada à parede, coberta por um mosquiteiro de cor creme pendurado em quatro traves altas. Os travesseiros e cobertores com bordado dourado e franjas eram bem mais elaborados do que os lençóis que ela tinha no satélite, e infinitamente mais convidativos.

– Descreva – disse Thorne, fechando a porta atrás deles.

Ela engoliu em seco.

– Hã. Bem. Tem... uma cama.

Thorne fez um ruído de susto.

– O quê? Este quarto de hotel tem *cama*?

Ela fez expressão de raiva.

– Quero dizer que só tem uma.

– Somos casados, querida.

Ele andou pelo quarto até sua bengala bater em uma escrivaninha.

– Isso é uma escrivaninha pequena – disse ela. – Tem uma tela acima. E aqui tem uma janela. – Ela abriu a cortina. A luz do sol entrou e bateu no chão. – Dá para ver toda a rua principal daqui.

Cress ouviu um baque e se virou. Thorne tinha tirado os sapatos e caído esparramado no colchão. Ela sorriu, querendo apenas deitar-se ao lado e apoiar a cabeça no ombro dele e dormir por muito, muito tempo.

Mas tinha *uma* coisa que ela queria ainda mais.

Pela única outra porta no quarto, ela viu uma pequena pia de porcelana e uma banheira antiquada com pés em forma de garras.

– Vou tomar um banho.

– Boa ideia. Eu vou também.

Ela arregalou os olhos, mas Thorne já estava rindo. Ele se apoiou nos cotovelos.

– Quero dizer – retrucou ele, mexendo os dedos no ar – que vou tomar quando você acabar.

– Certo – murmurou ela, e entrou no banheiro.

Cress podia nunca ter estado em um banheiro terráqueo antes, mas sabia o bastante para perceber que aquele não era de uma tecnologia avançada. A pequena luz no teto era acionada por um interruptor na parede e não por computador, e a pia tinha duas torneiras manchadas, uma de água quente e uma de água fria. O chuveiro era um disco de metal enorme posicionado sobre a banheira e boa parte da porcelana branca tinha sido danificada com o tempo, deixando à mostra o ferro preto por baixo. Havia uma barra com toalhas brancas e fofas penduradas, em condições bem melhores do que a toalha que Cress usava no satélite.

Ela despiu-se com mais de um suspiro de alegria. As roupas de baixo grudavam nela com uma camada de suor e sujeira. As ataduras nos pés estavam cheias de areia e sangue seco, mas as bolhas tinham se reduzido a pele rosada e fina. Ela jogou tudo em uma pilha no chão e abriu a torneira. A água saiu com força e fria. Ela entrou assim que conseguiu aguentar e achou-a surpreendentemente boa em contato com as queimaduras de sol no rosto e nas pernas.

A água esquentou rápido, e em pouco tempo uma nuvem de vapor a envolvia. Ela encontrou um sabonete enrolado em papel encerado. Com um gemido de êxtase, Cress se sentou na água e ensaboou o cabelo, impressionada com o quanto estava curto e leve e como era fácil de limpar.

Enquanto tomava banho, ela começou a cantarolar, imaginando sua ópera favorita tocando nos alto-falantes do satélite. Cercando-a e animando-a. O cantarolar baixinho virou cantoria, com palavras impulsivas e estrangeiras. Ela cantou uma das italianas lentas favoritas, murmurando a melodia quando esquecia a letra. Quando chegou ao fim da música, estava sorrindo debaixo da água que caía.

Cress abriu os olhos. Thorne estava encostado à porta do banheiro.

Ela se empurrou até o fundo da banheira e passou os braços sobre o peito. Uma cascata de água caiu no chão.

– Capitão!

O sorriso dele aumentou.

– Onde você aprendeu a cantar assim?

O rosto dela ficou vermelho.

– Eu... eu não... não estou de roupa!

Ele ergueu uma das sobancelhas.

– Sim. Estou ciente disso. – Ele apontou para os próprios olhos. – Não precisa esfregar na cara.

Cress encolheu os dedos no fundo da banheira.

– Você não devia... não devia...

Ele levantou as mãos.

– Tá, tudo bem, me desculpe. Mas isso foi lindo, Cress. De verdade. Que língua era?

Ela tremeu, apesar do vapor.

– Italiano antigo. Não sei o que todas as palavras querem dizer.

– Hã. – Ele se virou para a pia. – Bem... eu gostei.

A vergonha começou a sumir quando ela o viu tatear pela torneira.

– Você está vendo alguma toalhinha?

Ela disse onde estavam as toalhas, e, depois de derrubar outro sabonete no chão, ele encontrou uma toalha limpa e a molhou na pia.

– Acho que vou para o saguão um pouco – disse ele, passando a toalha pelo rosto e deixando marcas limpas em meio à sujeira.

– Por quê?

– Para ver se consigo mais informações sobre este lugar. Se encontrarmos um daqueles bairros abandonados, seria o melhor lugar para Cinder e os outros virem nos buscar... depois de fazermos contato.

– Se você me der um minuto, eu posso...

Ela parou de falar quando viu Thorne tirando a camisa. Seu coração subiu para a garganta quando ela o viu torcer a toalha antes de lavar os braços e o pescoço, o peito e as axilas. Depois de deixar a toalhinha de lado, ele colocou as mãos em concha debaixo da água e passou água no cabelo.

Os dedos dela tremeram com um desejo repentino e irresistível de tocar nele.

– Pode deixar – disse ele, como se ela não tivesse acabado de perder a capacidade de formar frases coerentes. – Vou trazer comida.

Cress jogou água em si mesma, mandando seu cérebro se concentrar.

– Mas... você disse que há coisas em que tropeçar e que eu não devia sair de perto... Você não quer que eu vá?

A mão dele tateou pela parede até encontrar uma das toalhas penduradas. Ele a pegou e esfregou no rosto e no cabelo, fazendo-o ficar de pé.

– Não precisa. Não vou demorar.

– Mas como você vai...?

– Pode deixar, Cress. Vou ficar bem. Talvez você possa dar uma olhada naquela tela para ver se descobre um jeito de fazer contato com a tripulação. – Ele pegou a camisa na bancada e balançou, espalhando pó e areia, antes de vesti-la pela cabeça. Acertou a bandana sobre os olhos. – Seja sincera. Estou parecendo um criminoso famoso e procurado?

Ele fez uma pose e completou-a com um sorriso estonteante. Com o cabelo desgrenhado, as roupas imundas e a bandana, Cress tinha que admitir que ele estava quase irreconhecível em comparação às fotos da prisão. Mas, de alguma forma, ainda incrivelmente lindo.

Ela suspirou.

– Não. Não parece.

– Que bom. Vou ver se consigo umas roupas limpas quando estiver lá embaixo.

– Tem certeza de que não precisa de mim?

– Eu estava exagerando antes. Estamos na civilização agora. Pode deixar.

Ele era puro carisma quando jogou um beijo e saiu.

CAPÍTULO

Vinte e nove

AFASTANDO-SE DA LATERAL PROTUBERANTE DA RAMPION, CINDER protegeu os olhos com o braço e olhou para o trabalho desleixado deles. Jacin ainda estava em cima de uma das escadas de metal instáveis que o pessoal da cidade havia levado, pintando por cima de tudo o que restava da decoração que era a marca registrada da nave, a moça nua relaxando, o mascote que Thorne mesmo tinha pintado antes de Cinder conhecê-lo. Cinder odiou a pintura desde que botou os olhos nela, mas estava triste de vê-la coberta. Como se estivesse apagando uma parte de Thorne, uma parte da lembrança dele.

Mas um boato havia se espalhado pela imprensa dizendo que a nave procurada tinha essa marca específica, e isso era inaceitável.

Cinder limpou o suor da testa e observou o resto do trabalho. Eles não tinham tinta suficiente para cobrir a nave toda, então preferiram se concentrar no enorme painel lateral, para que ao menos parecesse que a peça exterior foi completamente substituída, o que não era incomum, em vez de parecer que eles tinham tentado cobrir alguma coisa, o que estragaria o objetivo.

Infelizmente, parecia que mais tinta preta tinha ido parar no chão poeirento e nas pessoas da cidade, que haviam ido em massa ajudá-los, do que na nave em si. A própria Cinder tinha tinta seca na clavícula, na testa, no cabelo, nas juntas da mão de metal, mas estava relativamente ilesa em comparação a alguns dos assistentes. As crianças em particular, ansiosas para ajudarem no começo, em pouco tempo criaram um jogo de ver quem conseguia pintar o corpo para parecer mais ciborgue.

Era um tipo estranho de homenagem. Desde que Cinder chegara, ela via essa imitação cada vez mais. Costas de camisetas ilustradas com espinhas biônicas. Sapatos decorados com pedaços

de metais variados. Colares com arruelas e porcas de roda antigas penduradas.

Cheia de orgulho, uma garota até mostrou a Cinder a nova tatuagem, bastante real: fios e juntas robóticas que cobriam a pele do pé esquerdo. Cinder sorriu, constrangida, e resistiu à vontade de dizer para ela que a tatuagem não era ciberneticamente precisa.

A atenção deixou Cinder pouco à vontade. Não por ela não se sentir lisonjeada, mas porque não estava acostumada. Não estava acostumada a ser aceita por estranhos, muito menos apreciada. Não estava acostumada a ser admirada.

– Ei, vira-latas, tentem pintar dentro das linhas!

Cinder ergueu o olhar na mesma hora em que Jacin balançou o pincel, espalhando tinta preta nas três crianças abaixo. Elas gargalharam e deram gritinhos e correram para se esconder embaixo da nave.

Depois de limpar as mãos na calça cargo, Cinder foi olhar a pintura com dedos que as crianças estavam fazendo do outro lado da rampa. Bonecos palito simples mostravam uma família de mãos dadas. Dois adultos. Três crianças de várias alturas. E no final... Cinder. E sabia que era ela por causa do rabo de cavalo de lado e pela forma como uma das pernas da bonequinha tinha o dobro da largura da outra.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

A escada tremeu ao lado dela quando Jacin desceu.

– Você devia apagar – disse ele, tirando um retalho molhado do cinto.

– Não está fazendo mal nenhum.

Com um som de deboche, Jacin jogou o pano em cima do ombro dela.

– O objetivo dessa coisa toda é remover marcas óbvias.

– Mas é tão pequeno...

– Desde quando você é tão sentimental?

Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto.

– Tudo bem. – Ela tirou o pano do ombro e começou a limpar a tinta antes que secasse. – Pensei que eu desse as ordens aqui.

– Espero que você não ache mesmo que estou aqui para receber mais ordens. – Jacin soltou o pincel em um balde na base da escada. – Já recebi ordens demais na vida.

Cinder dobrou o pano em busca de um ponto que já não estivesse encharcado de tinta.

– Você tem um jeito engraçado de demonstrar lealdade.

Rindo sozinho, embora Cinder não tivesse certeza do que ele achava tão engraçado, Jacin deu um passo para trás e observou o enorme quadrado preto que ocupava a rampa principal da nave.

– Está bom o bastante.

Depois de esfregar o resto da tinta que pertencera ao retrato amador dela mesma, Cinder deu um passo para trás a fim de se juntar a ele. A nave não parecia mais a Rampion que ela tinha passado a considerar seu lar. Não parecia mais a nave roubada do capitão Carswell Thorne.

Ela engoliu o carço na garganta.

Ao redor, estranhos estavam ajudando a reunir o material de pintura, limpando a tinta dos rostos uns dos outros, fazendo pausas para beber bastante água e sorrindo. Sorrindo por terem passado a manhã juntos fazendo algo.

De alguma forma, apesar de Cinder saber que era o centro de tudo, não conseguiu evitar um sentimento de afastamento da camaradaria, das amizades que se formaram ao longo dos anos sendo parte de uma comunidade. E em pouco tempo ela iria embora. Talvez um dia até voltasse a Luna.

– E aí? Quando começamos suas aulas de voo?

Cinder levou um susto.

– Como é?

– A nave precisa de um piloto – disse Jacin, assentindo na direção da frente da nave, onde as janelas do cockpit brilhavam de uma forma que quase cegava no sol. – Está na hora de você

aprender a pilotar.

– Mas... você não é meu novo piloto?

Ele deu um sorrisinho.

– Caso você não tenha reparado, as pessoas costumam morrer perto de você. Acho que é uma moda que não vai passar no futuro próximo.

Um garoto poucos anos mais novo do que Cinder se aproximou correndo para oferecer uma garrafa de água, mas Jacin tirou da mão dele antes que Cinder pudesse fazer isso e deu alguns longos goles. Cinder teria ficado irritada se as palavras dele, ao mesmo tempo tão práticas e tão dolorosas, não impedissem que ela sentisse qualquer outra coisa que não fosse choque.

– Vou começar a ensinar o básico depois que comermos – disse ele, passando a garrafa para ela. Cinder pegou com a mão dormiente. – Não se preocupe. Não é tão difícil quanto parece.

– Tudo bem. – Cinder bebeu o resto da água. – Não é como se eu estivesse ocupada tentando impedir uma guerra no mundo todo nem nada do tipo.

– É isso que você está fazendo? – Ele olhou-a com desconfiança. – E eu achei que estivéssemos pintando uma espaçonave.

Uma mensagem piscou no canto da visão de Cinder. Do dr. Erland. Ela ficou tensa, mas a mensagem era composta de apenas duas palavrinhas que fizeram o mundo dela voltar a girar.

– Ele acordou – disse ela para si mesma. – Lobo acordou.

Virando-se para longe da nave e das pessoas que permaneciam ali, Cinder jogou a garrafa vazia na barriga de Jacin e saiu correndo na direção do hotel.

Lobo estava sentado quando Cinder entrou no quarto. Os pés, descalços, o tronco ainda coberto de curativos. Ele não pareceu surpreso de ver Cinder, mas devia tê-la ouvido subindo correndo a escada. Também devia ter sentido seu cheiro.

– Lobo! Graças às estrelas. Estávamos tão preocupados. Como você está se sentindo?

Os olhos dele, mais vazios do que o habitual, passaram direto por ela na direção do corredor. Ele franziu a testa, como se ainda estivesse confuso.

Um segundo depois, Cinder ouviu passos e se virou bem na hora em que o dr. Erland passou por ela carregando um kit médico.

– Ele ainda está sob o efeito de analgésicos pesados – explicou o doutor. – Tente não fazer muitas perguntas confusas, se puder.

Engolindo em seco, Cinder seguiu o doutor até o lado de Lobo.

– O que aconteceu? – perguntou Lobo, as palavras saindo um pouco arrastadas. Ele parecia exausto.

– Fomos atacados por uma taumaturga – contou Cinder. Parte dela sentia que devia pegar a mão de Lobo, mas o contato mais íntimo que já tinha tido com ele foi um ocasional soco de amigos no queixo. Não pareceria natural, então ela só ficou perto, com as mãos fechadas dentro dos bolsos. – Você levou um tiro. Não sabíamos... mas você está bem. Ele está bem, não está, doutor?

Erland acendeu uma lanterna em frente aos olhos de Lobo. Ele se encolheu.

– Ele está melhor do que eu esperaria – admitiu ele. – Parece que você está a caminho de uma recuperação completa, desde que evite reabrir os ferimentos.

– Estamos na Terra – falou Cinder, sem saber se era óbvio para Lobo ou não. – Na África. Estamos seguros aqui por enquanto.

Mas Lobo pareceu distraído e chateado depois de levantar a cabeça e farejar. Sua testa ficou mais franzida.

– Onde está Scarlet?

Cinder se encolheu. Ela sabia que a pergunta viria. E que não saberia responder quando acontecesse.

A expressão dele ficou sombria.

– Não sinto o cheiro dela. Como se ela não viesse aqui desde... como se não estivesse aqui.

O dr. Erland encostou um termômetro na testa de Lobo, mas este o arrancou antes que pudesse medir a temperatura.

– *Onde ela está?*

Aborrecido, o doutor apoiou a mão fechada na cintura.

– Esse é exatamente o tipo de movimento brusco que você deve evitar.

Lobo rosnou e mostrou os dentes afiados.

– Ela não está aqui – disse Cinder, obrigando-se a não se encolher quando Lobo virou o olhar de raiva para ela. Ela se esforçou para formar uma explicação. – A taumaturga a levou. Durante a luta na nave. Ela estava viva, acho que não estava nem ferida. Mas a taumaturga a levou para a nave. Jacin acha que ela precisava de Scarlet para pilotar.

O maxilar de Lobo caiu. De terror, de negação. Ele virou a cabeça.

– Lobo...

– Quanto tempo? Quanto tempo atrás...?

Ela encolheu os ombros para perto do pescoço.

– Cinco dias.

Ele fez uma careta e se virou, o rosto contorcido de uma dor que não tinha nada a ver com os ferimentos.

Cinder deu meio passo na direção dele, mas parou. Não havia palavras que pudessem significar alguma coisa para ele. Nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpas.

Então, ela se preparou para receber a raiva de Lobo. Esperava fúria e destruição. As pupilas dele tinham se contraído como cabeças de alfinete e os punhos começaram a se abrir e se fechar. Embora Cinder tivesse treinado o controle mental esporadicamente em Jacin e no médico desde que eles chegaram em Farafrah, seria um verdadeiro teste das habilidades dela se Lobo perdesse o controle.

E ela sentia vibrando dentro dele. O medo queimando e latejando. O pânico se contorcendo no peito dele. O animal dentro do homem, lutando para ser solto.

Mas logo a respiração de Lobo foi controlada e toda a fúria

sumiu com um tremor. Como um homem que levou um tiro fatal no coração, ele desabou sobre os joelhos e cobriu a cabeça com o braço bom, como se quisesse bloquear o mundo.

Cinder ficou olhando. Todos os seus sentidos estavam sintonizados com Lobo, concentrados na energia e nas emoções que o envolviam. Era como ver uma vela se apagando.

Era como vê-lo morrendo.

Engolindo em seco, Cinder se agachou na frente dele. Pensou em esticar a mão e tocar no braço dele, mas não conseguiu. Seria muito parecido com uma invasão, principalmente com o dom dela sintonizado a ele assim. Enquanto observava-o desmoronar na frente dela. Ela queria ajudá-lo. Tirar a vulnerabilidade que não combinava com ele. Mas era direito dele sentir dor. Era direito dele ficar apavorado por Scarlet, como ela estava.

– Sinto muito – sussurrou. – Mas vamos encontrá-la. Estamos tentando pensar em uma forma de chegar a Luna, e vamos encontrá-la. Vamos resgatar...

Ele levantou a cabeça tão rápido que Cinder quase caiu de surpresa. Os olhos estavam iluminados de novo.

– *Resgatá-la?* – disse ele, fervendo de raiva, com os nós dos dedos ficando brancos. – Você não sabe o que eles vão fazer com ela, o que já fizeram com ela!

Aconteceu rápido. Em um momento ele era um homem desmoronado, caído sobre os joelhos. No seguinte, estava de pé, segurando a cabeceira da cama e virando-a contra a parede. O kit médico caiu no chão. O quarto tremeu. Cinder deu um grito e recuou.

Mas o caos desapareceu tão repentinamente quanto surgiu. Lobo ficou paralisado, perdeu o equilíbrio e caiu com tanta força no chão que o hotel tremeu com o impacto.

O dr. Erland ficou de pé acima do corpo inerte, com a seringa vazia na mão, olhando com raiva para Cinder por cima dos óculos de armação fina.

Ela engoliu em seco.

– Não seria bom – disse o médico – se tivéssemos uma pessoa aqui com capacidade mental de controlar alguém como ele quando ele tem esse tipo de reação?

Com as mãos tremendo, Cinder afastou o cabelo desgrenhado do rosto.

– Eu estava... quase fazendo isso.

– Bem. Mais rápido da próxima vez, se eu puder sugerir. –

Suspirando, ele jogou a seringa na mesinha do quarto e olhou para o homem inconsciente. Sangue começava a escorrer pelo curativo embaixo da clavícula de Lobo. – Talvez seja melhor deixá-lo sedado por enquanto.

– Talvez.

Os lábios do médico se contraíram e rugas surgiram em suas bochechas.

– Você ainda tem aqueles dardos tranquilizantes que dei para você?

– Ah, por favor. – Cinder se obrigou a ficar de pé, embora suas pernas ainda tremessem. – Você tem alguma ideia de quantas vezes eu quase morri desde que você os deu para mim? Eles não existem mais faz tempo.

O dr. Erland resmungou:

– Vou fazer mais. Tenho a sensação de que você vai precisar.

CAPÍTULO

Trinta

CRESS CANTAROLOU BAIXINHO ENQUANTO PASSAVA A TOALHA pelo cabelo, impressionada porque o peso não mais a incomodava. Saiu do banheiro revigorada: sua pele estava rosada de tanto ela esfregar, e tinha conseguido tirar quase toda a sujeira que havia debaixo da unha. As solas dos pés e as partes de dentro das pernas ainda doíam, mas todas essas reclamações eram pequenas em comparação à sensação do luxo inesperado. Uma toalha macia. Cabelo curto e limpo. Mais água do que ela era capaz de beber durante um ano. Ou, pelo menos, o banho logo fez com que parecesse infinita.

Cress olhou para a pilha de roupas e não conseguiu suportar a ideia de vesti-las novamente. Como Thorne ainda não tinha voltado, ela pegou um cobertor na cama e se enrolou com ele, depois lutou para chutar as pontas ao atravessar o quarto até a tela na parede.

– Tela, ligar.

Estava sintonizada em um canal animado que mostrava polvos laranja e crianças azuis pulando ao som de uma batida eletrônica. Cress mudou para o noticiário local, depois abriu uma janela no canto para verificar as coordenadas GPS.

Kufra, uma cidade mercante na beirada oriental do Saara. Ela afastou o mapa e tentou localizar onde o satélite devia ter caído, embora fosse impossível avaliar o quanto eles andaram. Provavelmente não tanto quanto parecia. Apesar disso, não havia nada, *nada*, no território coberto de areia ao norte e ao oeste.

Ela tremeu ao se dar conta do quanto eles chegaram perto de virar comida de gaviões.

Tirou o mapa da tela e começou a elaborar uma estratégia para fazer contato com a Rampion. Embora eles não tivessem mais o

chip D-COMM, isso não queria dizer que a Rampion estava fora de alcance. Afinal, com ou sem equipamento de rastreamento, ela ainda teria capacidade de comunicação e um endereço de protocolo de rede. Poderia invadir o banco de dados militar e procurar o endereço original da nave, mas isso seria perda de tempo. Se fosse tão fácil, a Comunidade teria feito contato com a Rampion assim que determinou que a nave estava procurando.

Isso significava que o endereço tinha sido mudado, provavelmente não muito depois da deserção de Thorne.

O que provavelmente significava que o sistema de autocontrole tinha sido trocado. Com sorte, Thorne teria alguma informação sobre onde e quando o novo sistema tinha sido comprado, ou por que a programação tinha sido substituída.

Se ele não soubesse de nada, bem... ela teria que ser criativa.

Não valia a pena se preocupar com isso. Uma coisa de cada vez.

Tinha que ter certeza de que havia alguém a bordo da nave para poder fazer contato.

Ela começou a verificar os noticiários. Uma busca simples deixou claro que, dessa vez, a imprensa da Terra não tinha mais informações sobre o paradeiro de Linh Cinder do que cinco dias antes.

— ... *satélite lunar*...

Ela dirigiu a atenção ao âncora do noticiário que estava falando em uma língua estrangeira, provavelmente a língua na qual o caçador da caravana falou com eles primeiro. Cress franziu a testa, pensando que estava só ouvindo coisas. Mas, ao apertar os olhos para observar os lábios do homem, ela pensou ter ouvido *Saara* e, de novo, *lunar*.

— Configurar tradução para língua universal.

A língua foi trocada quando o âncora foi substituído por imagens de um deserto enorme, um deserto horrivelmente familiar. E ali, no meio dele, estavam os destroços que ela e Thorne abandonaram. O satélite, ainda preso à nave lunar e com o

paraquedas preso atrás. Um quadrado grande tinha sido cortado do tecido.

Ela engoliu em seco.

Não demorou para ela entender a essência da história. Diversas testemunhas viram uma coisa cair do céu. A chama pôde ser vista até mesmo ao norte do Mediterrâneo, e o satélite foi descoberto dois dias depois. Não havia dúvida de que era de construção lunar. Não havia dúvida de que alguém tinha sobrevivido e abandonado o local, levando os suprimentos que conseguiu carregar.

As autoridades ainda estavam vasculhando o deserto. Não se sabia se procuravam um sobrevivente ou muitos, mas era certo que buscavam lunares, e, no estado de tensão entre Luna e a Terra, ninguém estava disposto a correr o risco da ira da rainha se os fugitivos não fossem encontrados.

Cress afundou as mãos no cabelo molhado e embaraçado.

As implicações a atingiram em sucessão rápida.

Se algum dos caravaneiros descobrisse sobre o acidente, desconfiaria que Cress e Thorne eram os sobreviventes. Eles os entregariam, e, quando as autoridades encontrassem Thorne, ele logo seria reconhecido.

E não só os caravaneiros. Todos ficariam desconfiados de estranhos.

Mas havia também uma luz em meio ao pânico.

Se Linh Cinder soubesse do acidente, também saberia o que aconteceu. Ela saberia que Thorne e Cress estavam vivos.

A tripulação iria buscá-los.

Era tudo uma questão de quem os encontraria primeiro.

Cress saiu da cadeira e vestiu as roupas sujas, ignorando o tanto que arranhavam a pele.

Ela precisava contar para Thorne.

Foi cautelosa ao seguir pelo corredor, tentando agir com naturalidade, mas sem saber direito como era isso. Já estava ciente do quanto a pele e o cabelo claros a destacavam ali e não queria

atrair mais atenção do que precisava.

O barulho do saguão do hotel subiu pela escada. Gargalhadas e gritos e o tilintar de copos. Cress espiou por cima do corrimão. A quantidade de pessoas quadruplicara desde que eles saíram do saguão; devia ser uma hora movimentada. Homens e mulheres ocupavam o bar e as mesas de jogo, comendo de tigelas de frutas secas.

O grupo ao redor de uma mesa no canto gritou de alegria, e Cress ficou aliviada ao ver Thorne no meio deles, ainda com a venda e segurando um leque de cartas. Ela seguiu em meio às pessoas na direção dele, com a boca aguçando pelos aromas desconhecidos e picantes.

A multidão se mexeu, e ela ficou paralisada.

Havia uma mulher no colo de Thorne. Ela era linda como uma atriz de novela, com pele marrom quente e lábios cheios e cabelo caído em dezenas de tranças compridas e finas tingidas de vários tons de azul. Usava um short cáqui simples e uma blusa, mas que lhe davam uma aparência elegante.

E tinha as pernas mais compridas que Cress já tinha visto.

A mulher se inclinou para a frente e empurrou uma pilha de fichas de plástico na direção de um dos outros jogadores. Thorne inclinou a cabeça, rindo. Pegou uma das poucas fichas que ainda havia na frente dele e girou pelos dedos algumas vezes antes de colocar na mão da mulher. Em resposta, ela passou as unhas pelo pescoço dele.

O ar queimou ao redor de Cress, grudando na pele dela e apertando-a, espremendo sua garganta até ela não conseguir respirar. Sufocada, virou-se e saiu correndo do saguão.

Seus joelhos estavam tremendo enquanto subia a escada. Ela achou a porta número oito e balançou a maçaneta inutilmente, vendo aquelas unhas provocando a pele dele de novo e de novo, antes de perceber que estava trancada. A chave se encontrava lá dentro, atrás da pia do banheiro.

Ela chorou e escorregou encostada na parede enquanto batia a testa na moldura da porta.

– Burra. Burra. Burra.

– Cress?

Ela se virou enquanto limpava as lágrimas quentes. Jina estava na frente dela, pois tinha acabado de sair do quarto no final do corredor.

– O que foi?

Cress afastou a cabeça.

– E-Estou trancada do lado de fora. E Carswell... Carswell está...

Ela desabou, chorando nas palmas das mãos. Jina se aproximou e a abraçou.

– Ah, pronto, pronto, não vale a pena se chatear tanto.

Isso só fez Cress chorar mais. Como a história deles se distorceu! Thorne não era marido dela, apesar do romance inventado, apesar das noites passadas nos braços dele. Ele tinha todo o direito de flertar com quem quisesse, mas...

Mas...

Como ela estava errada. Como tinha sido burra.

– Você está em segurança agora – disse Jina, massageando suas costas. – Tudo vai ficar bem. Aqui, eu trouxe sapatos.

Fungando, Cress olhou para os sapatos simples de lona nas mãos de Jina. Pegou-os com mãos trêmulas, gaguejando sua gratidão, embora enterrada embaixo de soluços.

– Escute, eu ia me encontrar com Niels para comer. Você quer vir conosco?

Cress balançou a cabeça.

– Não quero voltar lá para baixo.

Jina acariciou o cabelo de Cress.

– Você não pode ficar aqui em cima sem sua chave. Vamos passar direto pelo saguão. Tem um restaurante na esquina. Parece boa ideia?

Cress tentou se acalmar. Só queria entrar no quarto e se

esconder embaixo da cama, mas precisaria ir falar com a garota na recepção de novo para obter outra chave. Atrairia ainda mais atenção para si, principalmente porque seus olhos e rosto estavam vermelhos. As pessoas fariam, e ela de repente se lembrou do quanto era ruim as pessoas falarem.

E não queria ainda estar de pé no corredor, fungando e infeliz, quando Thorne voltasse. Se pudesse ter um tempo para se acalmar, depois poderia falar com ele racionalmente. Ela seguiria em frente, como se seu coração não estivesse em pedaços.

– Tudo bem – disse ela. – Sim, obrigada.

Jina a manteve em segurança debaixo do braço e desceu a escada depressa, passando pelo saguão em seguida. Guiou-a pela calçada da rua principal. A multidão tinha diminuído, e muitas das lojas estavam fechadas até o dia seguinte.

– Não é certo ver uma garota tão bonita chorando assim, principalmente depois do que você passou.

Cress fungou de novo.

– Não me diga que você e Carswell brigaram depois de sobreviver no grande Saara juntos?

– Ele não é...

Ela baixou a cabeça e viu areia escorrer pelas rachaduras no piso de argila.

Jina segurou o cotovelo dela.

– Ele não é o quê?

Cress fungou na manga.

– Nada. Deixe pra lá.

Houve uma pausa, e Jina falou com a voz suave:

– Vocês não são casados de verdade, são?

Cress trincou os dentes e balançou a cabeça.

Jina acariciou o braço dela de leve.

– Todos nós temos nossos segredos, e posso tentar adivinhar seus motivos. Se eu estiver certa, não culpo você pelas mentiras. – Ela se inclinou a ponto de sua testa tocar no cabelo de Cress. – Você

é lunar, não é?

Seus pés tropeçaram e pararam. Ela se soltou do toque gentil de Jina, os instintos a mandando correr, se esconder. Mas a expressão de Jina era cheia de solidariedade, e o pânico sumiu rapidamente.

– Eu soube do satélite caído. Achei que deviam ter sido vocês. Mas está tudo bem. – Ela puxou Cress de novo. – Lunares não são tão raros por aqui. Alguns de nós até apreciam o fato de ter vocês por perto.

Cress cambaleou ao lado dela.

– É mesmo?

A mulher inclinou a cabeça e apertou os olhos para Cress.

– Basicamente, descobrimos que o seu povo só quer ficar na sua. Depois de passar por toda a dificuldade para chegar à Terra, por que se arriscar a ser pego e enviado de volta, afinal?

Cress se permitiu ser guiada enquanto ouvia, surpresa pela forma racional como Jina falava sobre aquilo tudo. Toda a mídia terrestre a tinha feito acreditar que havia um ódio tão grande por lunares, que ela jamais poderia ser aceita. Mas e se isso não fosse verdade?

– Espero que você não se ofenda pela minha pergunta – prosseguiu Jina –, mas você não... tem o dom?

Ela confirmou sem jeito e ficou surpresa com o sorriso arrogante que surgiu no rosto de Jina, como se ela tivesse adivinhado desde o começo.

– Ali está Niels.

Os pensamentos de Cress giravam. E pensar que ela e Thorne podiam ter dito a verdade desde o começo... mas não, ele ainda era um criminoso procurado. Ela teria que pensar em uma nova história para explicar como ela e Thorne estavam juntos. Será que achavam que ele também era lunar?

Niels e Kwende estavam em frente a um veículo enorme e poeirento com grandes rodas de tração. A capota se achava levantada, um fio o ligava a um gerador adjacente a um prédio, e

uma porta ampla estava aberta atrás. Eles colocavam coisas dentro, muitos sacos de mercadorias que Cress pensou reconhecer dos camelos.

– Abrindo espaço para a nova carga? – perguntou Jina, juntando-se aos homens.

Se Niels ficou surpreso de ver Cress sem o marido, não demonstrou.

– Praticamente terminamos – disse ele, limpando as mãos. – O motor está quase todo carregado. Não devemos ter problema para chegar a Farafrah e voltar sem precisar usar as reservas de gasolina.

– Fara...? – Cress olhou para Jina. – Vocês não vão ficar?

Jina estalou a língua.

– Ah, Jamal e alguns outros vão, mas recebemos uma nova ordem e precisamos fazer uma viagem especial. Tem sempre mais negócios a fazer.

– Mas vocês acabaram de chegar aqui. E os camelos?

Niels riu.

– Vão ficar nos estábulos da cidade, felizes pelo descanso. Às vezes eles servem a nossos propósitos, e às vezes precisamos de alguma coisa um pouco mais rápida. – Ele bateu com a palma da mão na lateral do carro. – Você andou chorando?

– Não é nada – disse ela, baixando a cabeça.

– Jina?

A mão de Jina apertou mais o braço de Cress, e ela respondeu à pergunta muda na outra língua deles. Cress ficou vermelha e desejou saber o que Jina estava dizendo.

Ele sorriu de forma enigmática e assentiu.

Cress foi agarrada de repente por trás. A mão de alguém cobriu sua boca e abafou o grito de susto quando foi empurrada para depois de Jina, depois de Niels. Sua cabeça foi forçada para baixo quando ela foi jogada na traseira do veículo e bateu com a canela no para-lama. A porta se fechou. A escuridão a envolveu.

Niels gritou uma coisa que ela não entendeu, e o motor rugiu

embaixo dela. Cress ouviu mais duas portas baterem na frente do veículo.

– Não!

Ela se jogou na porta traseira e bateu com os punhos no metal. Gritou até a garganta ficar áspera, até o rugido e o movimento do veículo ficarem altos e os solavancos a empurrarem sobre uma pilha de tecidos enrolados.

Sua mente ainda estava girando quando, poucos minutos depois, ela sentiu as vibrações mudarem. Eles já tinham deixado as ruas pavimentadas de Kufra para trás.



LIVRO

Três

*“A gata pegou o pássaro, e ela também vai arranhar seus olhos.
Você nunca mais vai ver sua Rapunzel.”*



CAPÍTULO

Trinta e um

A GAROTA VOLTOU DA IDA AO BAR E COLOCOU A BEBIDA ENCOSTADA no pulso de Thorne, para ele saber onde estava.

Ele inclinou a cabeça na direção dela e ergueu as cartas.

– O que você acha?

As tranças dela tocaram no ombro dele.

– Acho... – Ela puxou duas cartas na mão dele. – Essas duas.

– Exatamente o que eu estava pensando – disse ele, pegando as duas cartas. – Nossa sorte está mudando bem... agora.

– Duas para o cego – falou o carteador, e Thorne ouviu as cartas sendo colocadas na mesa. Ele as levou até a mão.

A mulher estalou a língua.

– Não é o que queríamos – retrucou ela, e ele notou o mau humor na voz dela.

– Ah, bem – disse Thorne. – Não dá para ganhar todas. Ou, ao que parece, nenhuma. – Esperou até as apostas chegarem a ele e desistiu. A mulher se inclinou para mais perto por trás e fez carinho no pescoço dele. – A próxima mão vai ser sua.

Thorne sorriu.

– Sinto que estou com sorte.

Ele escutou as apostas aumentarem duas vezes pela mesa, e o vencedor levou as fichas com coringas e setes. Pela voz rouca do homem, Thorne imaginava uma barba áspera e barriga protuberante. Ele tinha construído imagens mentais detalhadas de todos os jogadores da mesa. O carteador era um homem alto e magro com bigode fino. A mulher ao lado dele era mais velha, e alguma coisa fazia barulho quando ela pegava as cartas, então Thorne imaginou uma abundância de joias chamativas. Ele avaliou o homem à direita como sendo magro e com pele ruim, mas isso

devia ser porque era quem mais estava vencendo.

É claro que a mulher abraçando Thorne era incrivelmente linda.

E nem um pouco sortuda, ao que parecia.

O carteador distribuiu outra mão, e Thorne levantou as cartas.

Atrás dele, a garota deu um assobio triste.

– Desculpe, amor – sussurrou ela.

Ele fez beicinho.

– Não tem esperança? Que pena.

As apostas começaram, seguindo pela mesa. Pedir cartas.

Apostar. Aumentar a aposta.

Thorne bateu com os dedos nas cartas e suspirou. Eram inúteis, a julgar pela inflexão triste da mulher.

Naturalmente, ele colocou a palma da mão sobre as fichas e deslizou a pilha inteira para o centro da mesa, ouvindo o barulho alegre de umas caindo sobre as outras. Não que ele tivesse muitas.

– Aposto tudo – disse ele.

A mulher atrás ficou em silêncio. A mão no ombro dele nem tremeu. Nada que reconhecesse que ele agiu contra a sugestão dela.

Cara de blefe mesmo.

– Você é um tolo – julgou o jogador magro, mas desistiu da jogada.

Em seguida, o homem barbudo deu uma gargalhada debochada que fez a espinha de Thorne formigar, não de preocupação, mas de expectativa. Esse era seu homem.

– Eu aumentaria se achasse que você ainda tem alguma coisa para apostar – retrucou ele, e seguiu-se o estalo de fichas.

Os dois últimos jogadores desistiram. O carteador entregou cartas para substituir as descartadas, duas para o oponente de Thorne.

Ele ficou com todas as cartas. Se sua moça não aprovou, suas mãos imóveis não indicaram nada.

Eles não se deram ao trabalho de apostar novamente, pois

sabiam que Thorne estava sem nada. Thorne abriu as cartas na mesa. O carteador as leu, batendo com o dedo no conjunto do oponente.

– Dois pares. – E então: – A trinca real ganha!

Thorne arqueou uma sobrancelha enquanto a senhora com as bijuterias deu uma risadinha satisfeita.

– Do homem cego!

– Imagino que a trinca real tenha sido minha?

– Foi, sim. Bela mão – disse o carteador, e empurrou as fichas na direção de Thorne.

Ele ouviu uma cadeira cair no chão.

– Seu lixo velho! Você devia ter dito para ele desistir dessa mão!

– Eu disse – falou a garota atrás de Thorne, em um tom firme que parecia não reconhecer o insulto. – Ele preferiu ignorar minha recomendação.

Thorne inclinou a cabeça para trás.

– A culpa é sua por ensinar o jogo tão bem a ela. Se eu tivesse ganhado algumas rodadas, não teria ficado desconfiado, mas nem minha sorte é tão ruim. – Ele girou os dedos no ar, apreciando a explicação. – Só precisei esperar que ela me dissesse que eu tinha uma jogada impossível de salvar, aí soube que era a jogada vencedora.

Sorrindo largamente, ele se inclinou para a frente e puxou as fichas na direção dele, apreciando a forma como enchiam seus braços. Ele ouviu duas caírem no chão, mas deixou-as, para não sofrer a indignidade de tatear no chão com os dedos.

– Mas estou disposto a fazer um acordo, se você não for um mau perdedor – disse ele enquanto começava a empilhar seus ganhos, ficha a ficha, sem ter ideia da cor e do valor delas.

– Que acordo? Isso foi praticamente tudo o que eu tinha.

– Culpa sua, claro. Por roubar.

O homem disse alguma coisa incoerente:

– Mas não passo de um homem de negócios. Eu gostaria de

comprar sua androide-acompanhante de você. – Ele balançou os dedos sobre as pilhas de fichas. – Você diria que ela vale mais ou menos... isso?

O homem falou com impulsividade:

– Mas você nem consegue vê-la!

Com um sorrisinho, Thorne esticou a mão e bateu na ainda apoiada em seu ombro.

– Ela passa confiança – disse ele. – Mas sou um homem de excelente observação, e o que posso dizer? Os batimentos dela não parecem normais. – Ele indicou as fichas de novo. – Troca justa?

Ele ouviu o barulho de pernas de cadeira sendo arrastadas sobre o piso e o estalo das botas do homem contornando a mesa.

– Oh-oh.

Thorne pegou a bengala no local em que a tinha apoiado, na lateral da mesa, na hora em que foi puxado pela gola da camisa.

– Vamos ser cavalheir...

Uma dor terrível se espalhou por seu crânio e jogou sua cabeça para trás. Ele caiu no chão, com a bochecha ardendo e gosto de ferro na língua. Depois de verificar que o maxilar ainda funcionava, apertou a mão no rosto e percebeu que o soco deixaria marca.

– Isso não foi politicamente correto – murmurou em meio aos pensamentos enevoados.

Um homem rugiu, e em seguida soaram mais cadeiras arrastadas e mobília caindo e alguma coisa como pratos quebrando e pessoas gritando, junto com uma confusão de membros caindo e Tateando quando uma briga de enormes proporções explodiu no bar.

Thorne se encolheu e segurou a bengala acima da cabeça como um escudo patético contra o caos, tentando se tornar o menor alvo possível. Um joelho aleatório acertou seu quadril. Uma cadeira caiu e machucou seus antebraços.

Duas mãos surgiram debaixo de suas axilas e o puxaram para trás. Thorne chutou o chão e se permitiu ser arrastado para longe

da confusão de cotovelos e joelhos.

– Você está bem? – perguntou um homem.

Thorne usou a bengala para se levantar e se encostou à parede, feliz pelo apoio e proteção.

– Estou, obrigado. Se tem uma coisa que odeio é um cara que fica louco quando é pego roubando. Se você vai roubar, tem que estar pronto para encarar a descoberta como homem.

– Boa política. Mas acho que ele ficou mais incomodado por você insultar a mulher dele.

Thorne se encolheu e limpou um pouco do sangue da boca. Estava feliz de pelo menos todos os dentes ainda parecerem firmes.

– Não me diga que ela não é uma androide-acompanhante. Eu poderia jurar...

– Ah, ela é acompanhante. E bem bonita. Só que muitos homens não gostam de admitir que sua companheira é comprada e programada.

Thorne reajustou a bandana e balançou a cabeça.

– Mais uma vez. Se você vai fazer, encare como homem. Sem querer ser rude, eu conheço você?

– Jamal, da caravana.

– Jamal. Certo. Obrigado pelo resgate.

– Foi um prazer. Acho bom você colocar gelo no olho. Venha, vamos sair dessa confusão antes que mais alguém passe a não gostar de você.

CAPÍTULO

Trinta e dois

– AAAAAAIIIIII – GEMEU THORNE AO COLOCAR UMA BOLSA DE GELO na bochecha latejante. – Por que ele precisava bater com tanta *força*?

– Você tem sorte de ele não ter quebrado seu nariz nem um dente – disse Jamal.

Thorne o ouvia se mexendo, bem como o barulho de copos batendo.

– É verdade. Tenho um grande apego ao meu nariz.

– Tem uma cadeira atrás de você.

Thorne testou o chão com a bengala até bater em uma coisa dura e se sentou na cadeira. Ele apoiou a bengala na lateral e ajeitou a bolsa de gelo na bochecha.

– Aqui.

Esticou a mão livre e ficou feliz quando um copo gelado e molhado de condensação foi colocado nela. Ele cheirou primeiro. A bebida tinha um odor leve de limão. Depois de tomar um gole, descobriu que era fria e espumosa, ácida e deliciosa. A ausência de calor repentino sugeria que não continha álcool.

– *Tamr hindi* – disse Jamal. – Suco de tamarindo. Meu favorito nas cidades mercadoras.

– Obrigado.

Thorne tomou um gole maior, e suas bochechas se repuxaram com a acidez.

– Você sempre gostou de jogar? – perguntou Jamal.

– Acho que podemos dizer que gosto de um desafio. Não tenho habilidades de sobrevivência? Vou passar a lua de mel no deserto. Não enxergo? Vou jogar cartas. E eu teria ganhado se aquele cara não tivesse ficado tão sensível.

Ele pensou ouvir uma risadinha, mas logo Jamal estava bebendo

o suco.

– Você estava lá o tempo todo? Vendo a androide-acompanhante me deixar liso e sem dizer nada?

– Se um cego quer perder a cabeça em um jogo suicida, por que eu deveria impedir?

Thorne relaxou contra o encosto da cadeira.

– Acho que sou capaz de respeitar isso.

– Estou curioso para saber por que você não trouxe sua garota. Eu a acharia um bem valioso.

– Achei que ela precisava descansar. – Thorne ajustou a bolsa de gelo no rosto. – Além do mais, acho que nunca jogou *Royals*, e tem tantas regras difíceis para explicar...

– E ela provavelmente não gostaria do fato de você querer uma androide-acompanhante, não?

Thorne riu.

– Ah, não, não, eu não queria a androide-acompanhante para mim. Achei que seria um bom presente. – Um silêncio veio em seguida, e ele tinha certeza de que conseguia imaginar o ceticismo no rosto de Jamal, apesar de não ter ideia de como ele era. – Ela era para uma nave... androide... amiga minha. É complicado.

– Sempre é. – Jamal brindou com os copos. – Mas eu entendo. Você bota as mãos em uma androide-acompanhante enquanto desvia a atenção de todo mundo do verdadeiro prêmio lá em cima. Você parece mesmo o tipo protetor.

Os instintos de Thorne vibraram por causa de alguma coisa no tom de Jamal.

– Ah. Sou um homem de sorte.

– É, sim. Uma garota dessas não cai do céu todo dia.

Thorne manteve o sorriso no rosto por um momento, depois bebeu o resto do suco. Seu nariz se franziu.

– Falando na sra. Smith, eu preciso voltar para ela. Prometi que ia levar comida e me deixei levar... você sabe como é.

– Eu não teria pressa – disse Jamal. – Eu a vi com Jina duas horas

atrás. Acho que as moças saíram para comer.

O sorriso ficou congelado no rosto de Thorne, e ele teve certeza de que alguma coisa não estava certa. Cress saiu do hotel sem falar com ele? Improvável.

Mas por que Jamal mentiria sobre uma coisa assim?

– Ah. Que bom – respondeu ele, escondendo a incerteza.

Colocou o copo vazio no chão, debaixo da cadeira para não tropeçar nele depois. – Cress precisa de... momentos... femininos. Elas por acaso disseram para onde estavam indo?

– Não, mas tem muitos lugares para comer lá na rua. Por quê? Está com medo de ela fugir sem você?

Thorne deu uma risada debochada, mas que pareceu forçada até para ele.

– Não. Vai ser bom para ela. Fazer amizades... Comer.

– Explorar tudo o que a Terra tem a oferecer?

A expressão dele deve ter sido hilária, porque a gargalhada de Jamal foi alta e abrupta.

– Eu sabia que você não ficaria surpreso – disse ele. – Kwende achou que você não sabia que ela era lunar, mas achei que sabia sim. Você me parece o tipo de homem com um senso preciso de valor. Principalmente quando vi você negociando pela androide lá embaixo. Mesmo cego, você parece ter um gosto impecável quanto a companhia feminina.

– Isso é verdade – murmurou Thorne, tentando repensar a conversa. Senso de valor? Gosto impecável? Do que ele estava *falando*?

– Me conte como a encontrou. Foi no satélite lunar, isso eu percebi, mas como você foi se enrolar com ela? Você a encontrou ainda no espaço ou aqui no deserto? Deve ter sido no espaço, eu acho. Tinha uma nave de passeio nos escombros.

– Hã. É uma história comprida.

– Não importa. Não vou pro espaço num futuro próximo. Mas *cair*. Isso não podia ser parte do seu plano original. – Cubos de gelo

estalaram. – Me conte uma coisa, você planejou trazê-la para a África o tempo todo, ou há mercados mais lucrativos em outro lugar da União?

– Hum. Achei... a África... – Thorne coçou o maxilar. – Você disse que elas saíram há duas horas?

– Mais ou menos. – Pernas de cadeira arranharam o chão. – Você devia saber que ela era cascuda quando a encontrou, então? Eu não faria comércio com um deles se não fosse assim, por mais que sejam mais valiosos.

Thorne abriu a mão livre no joelho e direcionou o pânico repentino para ela. Então eles sabiam sobre a queda do satélite e que Cress era cascuda, e pareciam estar com a impressão de que havia mercado para isso. E que Thorne queria o quê? Vendê-la? Trocá-la como mercadoria roubada? Será que havia uma busca estranha e desconhecida, ao menos para ele, no mercado negro por cascudas?

– Sinceramente, os lunares também me apavoram – disse ele, tentando esconder a ignorância. – Mas não Cress. Ela é inofensiva.

– Inofensiva e nem um pouco ruim para os olhos. Mas baixa demais. – Houve passos, Jamal andando para o outro lado do aposento, som de alguma coisa sendo derramada. – Outra bebida?

Thorne relaxou os dedos tensos sobre a perna.

– Estou bem, obrigado.

Vidro batendo na madeira.

– Então você já sabe para onde a está levando? Ou ainda está procurando um bom preço? Achei que você estivesse levando-a para aquele médico velho em Farafrah, mas tenho que dizer, acho que Jina está interessada. Poderia poupar muito trabalho a você.

Thorne disfarçou o desconforto e tentou imaginar que eles não estavam falando sobre Cress. Eles eram parceiros de negócio discutindo mercadoria. Só tinha que descobrir o que Jamal sabia que ele obviamente não conhecia.

Ele passou o dedo por baixo da venda e afastou o tecido dos

olhos. Estava ficando apertada demais, e a bochecha latejava de forma mais dolorosa agora.

– Proposta interessante – disse ele lentamente. – Mas por que lidar com um intermediário quando posso ir direto ao cliente final?

– Conveniência. Vamos tirá-la das suas mãos, e você pode sair em sua próxima caça ao tesouro. Além do mais, conhecemos esse mercado melhor do que ninguém. Vamos cuidar para que ela vá para um lugar bom, se é que você liga para esse tipo de coisa. – Ele fez uma pausa. – Quanto você queria por ela, afinal?

Mercadoria. Transação de negócios. Ele tentou ser indiferente, mas sua pele estava formigando, e teve dificuldade em afastar a lembrança da mão de Cress na dele.

– Me faça uma proposta – disse ele.

Houve uma longa hesitação.

– Não posso falar por Jina.

– Então por que estamos tendo essa conversa? Me parece que você está desperdiçando meu tempo.

Thorne esticou a mão para pegar a bengala.

– Ela me deu um número – falou Jamal. Thorne parou, e, depois de um longo silêncio, Jamal prosseguiu: – Mas não estou qualificado para finalizar nada.

– Poderíamos pelo menos descobrir se estamos todos no mesmo jogo.

Mais som de bebida, seguido de um suspiro.

– Poderíamos oferecer vinte mil por ela.

Dessa vez, o choque foi impossível de esconder. Thorne sentiu como se Jamal tivesse dado um chute no peito dele.

– Vinte mil *univs*?

Uma gargalhada alta ecoou nas paredes.

– Muito pouco? Você vai precisar discutir com Jina. Mas se não se importa com a pergunta, quanto você *queria* obter por ela?

Thorne fechou a boca. Se a oferta inicial era vinte mil univs, quanto será que ele achava que ela valia de verdade? Ele se sentiu

um tolo. O que era isso, tráfico lunar? Algum tipo de fetichismo estranho?

Ela era uma garota. Uma garota viva, inteligente e doce e desajeitada e diferente, e valia muito mais do que eles podiam imaginar.

– Não fique tímido, sr. Smith. Você deve ter algum número em mente.

Seus pensamentos começaram a clarear, e lhe ocorreu que, de muitas formas, ele era como essas pessoas. Um negociante querendo lucro rápido, que teve sorte o suficiente para encontrar uma cascuda lunar inocente e muito confiante.

Só que ele tinha o mau hábito de simplesmente pegar as coisas que queria.

Ele afundou as unhas nas coxas. Se ela valia tanto, por que eles não a levavam?

O pânico tomou conta dele, como um relâmpago percorrendo cada membro. Isso não era uma negociação, era uma *distração*. Ele estava certo antes. Jamal desperdiçava o tempo dele. De propósito.

Thorne largou a bolsa de gelo e pulou da cadeira enquanto pegava a bengala. Chegou à porta em dois passos, remexeu na maçaneta e abriu.

– Cress! – gritou ele, tentando lembrar por quantas portas eles passaram para chegar ao quarto de Jamal. Ele se virou, mas não se lembrava de que lado do corredor o quarto dele e de Cress ficava. – CRESS!

Ele correu pelo corredor, batendo aleatoriamente em paredes e portas ao passar.

– Posso ajudar, mestre?

Ele se virou para a voz feminina, seu otimismo pensando por um segundo que era ela, mas não. O som era distraído e falso demais, e Cress o chamava de capitão.

Quem o chamaria de *mestre*?

– Quem é?

– Meu dono anterior me chamava de Querida – disse a voz. – Sou sua nova androide-acompanhante. As regras da casa deram ao meu ex-dono a escolha entre devolver seus ganhos ou aceitar sua proposta de troca. Ele escolheu a troca, o que quer dizer que agora sou propriedade sua. Você parece estressado. Quer que eu cante uma música relaxante enquanto massajeio seus ombros?

Ao perceber que estava segurando a bengala como arma, Thorne balançou a cabeça.

– O quarto oito. Onde fica?

Ele ouviu algumas portas se abrirem no corredor.

– Cress?

– Que barulheira é essa? – perguntou um homem.

Outra pessoa começou a falar naquela língua que Thorne não reconhecia.

– Aqui está o quarto oito – disse a androide. – Devo bater?

– Sim! – Ele seguiu o som das batidas e testou a maçaneta.

Trancada. Falou um palavrão. – CRESS!

– Dá para parar o barulho?

– Lamento informar que estou programada para evitar destruição de propriedade, então não posso derrubar esta porta para você, mestre. Devo ir buscar uma chave na recepção?

Thorne bateu na porta de novo.

– Ela não está aí – disse Jamal do corredor.

Aquela outra língua de novo, rápida e irritada.

– Devo traduzir, mestre?

Rosnando, Thorne andou na direção de Jamal, batendo com a bengala nas paredes do corredor. Ele ouviu gritinhos de surpresa quando as pessoas se lançavam de volta nos quartos para evitar os golpes.

– Onde ela está? E não tente me dizer que está apreciando uma refeição agradável na cidade.

– E o que você vai fazer se eu não contar? Propor um jogo do sério?

Ele desprezava o fato de sua preocupação aparecer, mas cada palavra elevava sua temperatura, grau a grau, até a fervura. Parecia que horas tinham se passado desde que dera um adeus despreocupado para Cress, quando ela ainda estava no banho, quando sua cantoria ainda ecoava nos ouvidos dele. E ele a abandonou. Simplesmente a *abandonou*, e por quê? Para exibir seu talento no jogo? Para provar que ainda era autossuficiente? Para provar que não precisava de ninguém, nem dela?

Cada momento que se prolongava era sofrimento. Eles podiam tê-la levado para qualquer lugar, ter feito qualquer coisa com ela, que estaria sozinha e assustada, perguntando-se por que ele não tinha ido salvá-la. Perguntando-se por que a abandonou.

Ele esticou a mão de repente e acertou a orelha de Jamal. Surpreso, Jamal tentou desviar, mas Thorne já estava segurando a frente da camisa e o puxando para mais perto.

– Onde ela está?

– Ela não é mais preocupação sua. Se era tão ligado, acho que devia ter ficado de olho, em vez de sair para flertar com a primeira acompanhante de ossos de aço que passou. – Ele colocou a mão sobre a de Thorne. – Ela viu, sabe. Viu a acompanhante pendurada em você lá embaixo. Ficou bem abalada com a visão. Nem hesitou quando Jina se ofereceu para levá-la.

Thorne trincou os dentes e o sangue subiu para o rosto. Ele não sabia se Jamal estava mentindo, mas a ideia de Cress vê-lo jogando com aquela androide-acompanhante, sem ter ideia do que ele realmente estava fazendo...

– Sabe, são só negócios – continuou Jamal. – Você a perdeu, nós a levamos. Pelo menos você ganhou um brinquedo novo e bonito, então tente não ficar chateado.

Thorne fez uma cara feia, apertou a bengala e bateu-a com o máximo de força que conseguiu entre as pernas de Jamal.

Jamal berrou. Recuando, Thorne bateu com a bengala na direção da cabeça dele. Acertou com força, mas o objeto foi logo

arrancado das mãos dele enquanto Jamal soltava uma série de palavras.

Thorne pegou a arma que ficara quase esquecida desde que ele e Cress saíram do satélite. Ele a tirou da cintura e mirou. Gritos de outras pessoas no corredor ecoaram, seguidos de portas sendo batidas e do barulho de pés na escada.

– Dessa distância – disse ele –, tenho certeza de que acerto você algumas vezes. Quantos tiros será que acerto antes de conseguir um fatal? – Ele inclinou a cabeça. – Mas acho que só vou pegar seu tablet, que deve ter todos os seus contatos de negócios. Você falou alguma coisa sobre um médico em... Fara-quê? Acho que vou tentar ele primeiro.

Ele soltou a trava.

– Espere, *espere!* Você está certo. Eles a estão levando para Farafrah, um pequeno oásis cerca de trezentos quilômetros a nordeste daqui. Tem um médico lá que tem uma quedinha por cascudos lunares.

Thorne recuou um passo no corredor, mas mantendo a arma erguida e pronta.

– Androide-acompanhante, você ainda está aí?

– Sim, mestre. Posso ajudar?

– Me dê as coordenadas de uma cidade chamada Farafrah e o jeito mais rápido de chegar lá.

– Você é um idiota de ir atrás dela – retrucou Jamal. – Ela já vai ter sido vendida, e aquele coroa não vai pagar duas vezes por ela. Você devia aceitar a perda e seguir em frente. Ela é só uma cascuda lunar, não vale isso tudo.

– Se você acredita nisso de verdade – disse Thorne, guardando a arma –, então não sabe reconhecer valor verdadeiro quando está na sua frente.

CAPÍTULO

Trinta e três

CRESS FICOU AGACHADA NO CANTO DA VAN, SEGURANDO OS JOELHOS contra o peito. Tremia apesar do calor sufocante. Estava com fome e sede, e seus tornozelos, machucados no ponto em que bateram no para-choque. Apesar de ter derrubado alguns rolos de tecido para sentar sobre eles, o sacolejar constante do veículo em chão irregular deixou as costas dela doendo.

A noite estava tão escura que ela não via nem a própria mão na frente do rosto, mas o sono não vinha. Os pensamentos estavam erráticos demais enquanto ela tentava descobrir o que aquelas pessoas queriam. Repassou os momentos anteriores à captura na mente cem vezes, e a expressão de Jina definitivamente se iluminou quando Cress confirmou as desconfianças dela.

Ela era uma cascuda. Uma cascuda imprestável.

Por que Jina viu valor nisso?

Ela botou o cérebro para trabalhar, mas nada fazia sentido.

Cress se esforçou para ficar calma. Tentou ser otimista. Tentou dizer para si mesma que Thorne iria buscá-la, mas suas dúvidas se sobrepunham às esperanças.

Ele não enxergava. Não sabia para onde ela fora. Provavelmente ainda nem sabia que desaparecera, e quando descobrisse... e se ele achasse que ela o tinha abandonado?

E se não se importasse?

Ela não esquecia a imagem de Thorne sentado à mesa de jogo com uma garota estranha abraçando-o. Não estava pensando em Cress nessa hora.

Talvez Thorne não fosse buscá-la.

Talvez estivesse errada sobre ele o tempo todo.

Talvez ele não fosse herói, só um sujeito egoísta, arrogante,

mulherengo...

Ela chorou, a cabeça tomada de medo e raiva e ciúme e horror e confusão, tudo se contorcendo em seus pensamentos até não poder sufocar mais os gritos frustrados.

Ela berrou e puxou mechas de cabelo até o couro cabeludo arder.

Mas os gritos pararam rápido, substituídos pelos dentes trincados quando ela começou a tentar se acalmar. Passou os dedos ao redor dos pulsos como se tivesse longas mechas de cabelo para enrolar neles. Engoliu em seco com força em uma tentativa de sufocar o pânico crescente, para se impedir de hiperventilar.

Thorne iria buscá-la. Ele era um herói. Ela era uma donzela. Era assim nas histórias, era assim que *sempre acontecia*.

Com um gemido, ela se acomodou no canto e voltou a chorar, e chorou até não sair mais nenhuma lágrima.

De repente, ela deu um pulo e acordou.

Havia sal seco em suas bochechas, e suas costas ardiavam por ter passado tanto tempo encolhida. Seu traseiro e os lados do corpo estavam machucados de bater com o sacolejo da van, que ela percebeu que tinha parado.

Ficou imediatamente alerta, o estupor espantado por uma nova onda de medo. Havia uma sugestão de luz entrando pelas frestas ao redor das portas, o que significava que eles dirigiram a noite toda. Uma porta bateu, e ela distinguiu a voz de Jina, nada simpática e reconfortante. A van tremeu quando o motorista saiu.

– Vieram rápido – Cress ouviu um homem dizer. – Alguém pode me ajudar ali atrás?

Outro homem riu.

– Não aguenta a mocinha sozinho?

A voz de Jina interrompeu a discussão deles:

– Tentem não a machucar. Quero um pagamento excelente desta vez, e vocês sabem como ele negocia. Presta atenção em cada detalhe.

Cress engoliu em seco quando as botas se aproximaram. Ela se preparou. Daria um pulo. Lutaria. Seria feroz. Morderia e arranharia e chutaria se precisasse. Ela o pegaria de surpresa.

E então correria. Rápida como um guepardo, graciosa como uma gazela.

Ainda era cedo. A areia estaria fria em seus pés descalços. As bolhas estavam quase secas, e, apesar de as pernas ainda doerem muito, ela era capaz de ignorar a dor. Com sorte, eles considerariam não valer a pena ir atrás dela.

Ou talvez atirassem nela.

Ela sufocou o pensamento. Tinha que se arriscar.

A tranca estalou. Ela respirou fundo, esperou que a porta se abrisse... e pulou. Um grito gutural foi arrancado dela, com toda a raiva e vulnerabilidade inflando e se soltando naquele momento cruel, quando as unhas foram direcionadas aos olhos dele.

O homem a pegou. Duas mãos seguraram seus pulsos pálidos. O impulso a fez seguir para fora do veículo, e ela teria caído na areia se ele não a tivesse segurado no ar. Seu grito de guerra foi interrompido de repente.

O homem começou a rir dela, das tentativas patéticas de vencê-lo.

– Ela é um tigre, isso eu tenho que dizer – disse ele para o homem que o tinha provocado.

Ele virou Cress para segurar os dois pulsos com um aperto firme. O corpo ainda estava preso na mão dele quando começou a levá-la para longe da van, na direção das dunas.

– Me solte! – gritou ela, chutando-o, mas ele não se deixou afetar pelo movimento. – Para onde você está me levando? Me solte!

– Acalme-se, garotinha, não vou machucar você. Não valeria a pena.

Ele deu uma risada debochada e soltou-a do outro lado da duna.

Ela cambaleou e rolou duas vezes na areia antes de parar agachada. Cress tirou o cabelo do rosto. Quando ergueu o olhar

para o homem, ele estava com uma arma apontada para ela.

O coração dela saltou.

– Se você tentar fugir, eu atiro. E não pretendo matar. Mas você é inteligente o bastante, não é? Não tem mesmo para onde ir, certo?

Cress engoliu em seco. Ainda ouvia as vozes do outro lado da duna. Mas não conseguia saber quantos homens ainda estavam no grupo.

– O q-que você quer de mim?

– Desconfio que você tenha negócios a resolver, não?

Ela ficou de pé e cambaleou um pouco colina abaixo, com a areia instável abaixo dos pés. O homem nem tremeu. Ele apontou a arma para os pés dela.

– Vá logo. Só vamos parar daqui a algumas horas, então é melhor resolver logo. Não quero você urinando na traseira daquela van. Não receberíamos a devolução da nossa caução, e Jina odeia isso.

O lábio inferior tremeu e Cress lançou outro olhar pelo deserto, para a amplidão do terreno árido. Ela balançou a cabeça.

– Não, não consigo. Não com...

– Ah, não vou olhar. – Para provar, ele se virou e coçou atrás da orelha com a arma. – Mas seja rápida.

Ela viu outro homem em cima da duna, de costas para ela, e desconfiou que se aliviava. Cress virou-se de costas, envergonhada e constrangida. Estava com vontade de chorar, de implorar para o homem deixá-la em paz, para deixá-la ali. Mas sabia que não daria certo. E não queria implorar nada a esse homem.

Thorne iria buscá-la, pensou ao cambalear até a base da duna em busca da privacidade que conseguisse.

Thorne tinha que ir buscá-la.

CAPÍTULO

Trinta e quatro

– FATEEN-JIE?

A garota se virou, uma trança preta comprida balançando sobre o jaleco.

– Majestade!

A sombra de um sorriso surgiu no rosto de Kai.

– Você tem um momento para nos ajudar com uma coisa?

– É claro.

Fateen colocou um tablet no bolso do jaleco.

Kai seguiu na direção da parede do corredor branco, dando espaço para pesquisadores e técnicos passarem.

– Precisamos de acesso aos dados de alguns pacientes. Sei que devem ser confidenciais, mas...

Kai parou de falar. Não havia “mas”, só uma vaga esperança e uma boa quantidade de confiança de que seu título era a única credencial de que precisava.

Mas o olhar de Fateen ficou sério ao seguir de Torin para ele.

– Dados de pacientes?

– Algumas semanas atrás – disse Kai –, eu vim ver o progresso do dr. Erland, e Linh Cinder estava aqui. O ciborgue lunar de...

– Sei quem é Linh Cinder – disse ela, a rigidez sumindo tão depressa quanto surgiu.

– Certo, claro. – Ele limpou a garganta. – Bem, na época o doutor me disse que ela estava aqui consertando um medidroide, mas eu estava pensando no assunto e acho que talvez ela tenha sido...

– Recrutada?

– É.

Fateen deu de ombros.

– Na verdade, ela era voluntária. Venham, deve haver um

laboratório vazio que vocês possam usar. Fico feliz em mostrar os dados de Linh Cinder para vocês.

Ele e Torin a seguiram, e Kai se perguntou se ela seria tão colaborativa se fosse outro paciente. Desde a prisão, Linh Cinder se tornara questão de preocupação pública, e portanto seus registros particulares não eram mais tão particulares assim.

– Ela era voluntária? É mesmo?

– Foi. Eu estava aqui no dia que foi trazida. Tiveram que suplantaram o sistema dela para trazê-la aqui. Acho que ela resistiu bem quando vieram buscá-la.

Kai franziu a testa.

– Por que uma voluntária resistiria?

– Estou usando a palavra *voluntária* no sentido oficial. Acho que a guardiã legal dela a recomendou para os testes.

Ela passou o pulso por um escâner de identificação e os levou para o laboratório 6D. O aposento tinha cheiro de água sanitária e peróxido de hidrogênio, e todas as superfícies brilhavam de forma imaculada. Uma bancada na parede mais distante ficava embaixo de uma janela com vista para um quarto de quarentena. Kai tremeu ao se lembrar dos últimos dias de seu pai passados em um quarto não muito diferente daquele, embora o dele tivesse cobertores e travesseiros, sua música favorita, uma fonte de água tranquilizadora. Os pacientes que vinham para esses laboratórios não receberiam os mesmos luxos.

Fateen seguiu até a parede ao lado.

– Tela, ligar – disse ela, clicando em alguma coisa no tablet. – Acredito que esses dados tenham sido parte da investigação após a fuga dela, Vossa Majestade. Você acha que os detetives podem ter deixado passar alguma coisa?

Ele passou os dedos no cabelo.

– Não. Só estou tentando responder a algumas das minhas próprias perguntas.

A tela de login sumiu e foi substituída pelo perfil de um paciente.

Pelo perfil *dela*.

LINH CINDER, MECÂNICA LICENCIADA

ID 0097917305

NASCIDA EM 29 NOV 109 T.E.

*RESIDENTE DE NOVA PEQUIM, COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS, SOB CUSTÓDIA
DE LINH ADRI.*

PORCENTAGEM CIBORGUE: 36,28%

– Está procurando alguma coisa específica? – perguntou Fateen, deslizando os dedos pela tela para o perfil descer e mostrar o tipo sanguíneo (A), as alergias (nenhuma) e os medicamentos (desconhecido).

E o exame da peste. Kai chegou mais perto.

– O que é isso?

– As anotações do doutor de quando a injetou com a solução do micróbio da letumose. Quanto demos a ela e, subsequentemente, quanto tempo o corpo dela demorou para se livrar da doença.

No final do estudo, as palavras simples.

CONCLUSÃO: IMUNIDADE À LETUMOSE CONFIRMADA

– Imunidade – disse Torin, ficando de pé ao lado dele. – Nós sabíamos disso?

– Será que os detetives não acharam relevante à investigação? Mas é de conhecimento comum aqui no laboratório. Muitos de nós teorizamos ser resultado do sistema imunológico lunar. Existe uma teoria antiga de que a letumose foi trazida por lunares imigrantes, que são portadores não afetados pela doença.

Kai mexeu na gola da camisa. Quantos lunares teriam que vir para a Terra para criar uma epidemia tão ampla? Se essa teoria estivesse correta, eles poderiam ter bem mais fugitivos no planeta do que ele imaginava. Gemeu com a ideia: a mera possibilidade de ter que lidar com mais lunares o fazia querer bater com a cabeça

na parede.

– O que isso quer dizer? – perguntou Torin, apontando para uma caixa no final do perfil.

NOTAS ADICIONAIS: FINALMENTE, EU A ENCONTREI.

As palavras deixaram Kai arrepiado, mas ele não sabia por quê. Fateen balançou a cabeça.

– Ninguém sabe. O dr. Erland digitou, mas não deu indicação do que queria dizer. Deve se referir à imunidade dela; ele finalmente encontrou o que estava procurando quando ela foi trazida. – O tom dela ficou amargo. – Embora não tenha ajudado em nada o fato de *os dois* terem decidido sair da cidade.

O tablet de Fateen fez um som, e ela olhou para ele.

– Me desculpe, Vossa Majestade. Parece que o recrutado do dia acabou de chegar.

Kai afastou a atenção das palavras assombradas.

– Os recrutamentos ainda estão valendo?

– É claro – disse Fateen com um sorriso, e Kai percebeu que era uma pergunta idiota. Aqui estava ele, o imperador, e não fazia ideia do que estava acontecendo em seu país. Nos próprios laboratórios de pesquisa.

– Sem o dr. Erland aqui, achei que talvez tivesse acabado – explicou ele.

– O dr. Erland pode ser um traidor, mas ainda há muitas pessoas aqui que acreditam no que estamos fazendo. Não vamos parar enquanto não tivermos encontrado a cura.

– Vocês estão fazendo um ótimo trabalho aqui – disse Torin. – A coroa valoriza cada avanço que já foi feito nestes laboratórios.

Fateen colocou o tablet de volta no bolso.

– Todos nós perdemos alguém para essa doença.

A língua de Kai ficou pesada.

– Fateen-jie, o dr. Erland alguma vez informou que a rainha

Levana desenvolvera um antídoto?

Ela olhou para ele sem entender.

– A rainha Levana?

Ele olhou para os dados de Cinder, para a evidência da imunidade e para a biologia lunar dela.

– Uma parte de nossa aliança de casamento vai incluir a fabricação e distribuição desse antídoto.

Torin foi bem direto:

– Mas Sua Majestade precisa que essa informação permaneça confidencial até que a coroa faça a declaração oficial.

– Entendo – disse ela devagar, ainda observando Kai. – Isso mudaria tudo.

– Mudaria.

O tablet dela tocou de novo. Fateen afastou a surpresa e fez uma reverência para Kai.

– Me desculpe, Vossa Majestade. Você me dá licença?

– É claro. – Torin indicou o corredor. – Obrigado pela ajuda.

– Foi um prazer. Demorem o quanto precisarem.

Ela fez outra reverência e deixou o laboratório com a trança balançando. Assim que a porta se fechou atrás dela, Torin olhou irritado para o imperador.

– Que motivo você teve para dar a ela aquela informação? Até que o antídoto seja confirmado como eficiente, inofensivo e capaz de ser reproduzido, é tolice espalhar tais boatos.

– Eu sei – disse Kai. – Só me pareceu que ela devesse saber. Ela mencionou o recrutamento, e percebi quantas pessoas ainda estão morrendo. Não só sendo mortas pela doença, mas também por nós enquanto tentamos encontrar a cura, e o tempo todo o antídoto está aí, só fora do... – Ele arregalou os olhos. *Imunidade confirmada.* – Pelas estrelas. O antídoto da rainha!

– Como?

– Cinder estava aqui no dia em que dei o antídoto para o dr. Erland. Ele deve ter dado para ela, e ela foi direto para a quarentena

porque sabia que era imune. Ela estava levando para a irmã, tentando salvá-la. Mas deve ter chegado tarde demais, então deu o antídoto para aquele garotinho, Chang Sunto. – Ele balançou a cabeça, surpreso com o quanto essa percepção o deixava mais leve. – A guardiã dela está errada. Cinder não levou o chip de identificação da irmã por inveja ou por querer roubar a identidade dela, nem nada assim. Ela levou porque a amava.

– E você acredita que arrancar o chip de identificação de um ente querido é uma reação saudável?

– Talvez ela tenha descoberto que nossos andróides os estavam recolhendo e dando para os lunares. Ou talvez tenha sido só o choque. Mas acho que não foi por maldade.

Ele caiu contra a parede, sentindo como se tivesse acabado de descobrir uma pista importante no mistério que era Linh Cinder.

– Temos que contar para Fateen-jie e para os outros que Chang Sunto não teve uma recuperação milagrosa. Isso confirma que o antídoto da rainha é real, e talvez eles possam usar essa informação na pesquisa. Pode ser útil, ou...

Ele bateu com o cotovelo na tela, e uma imagem surgiu ao lado dele. Kai deu um pulo quando a holografia se projetou, girando ao alcance da mão dele.

Era uma garota, de tamanho real, com as camadas piscando e se dobrando umas sobre as outras. Pele e tecido fibroso se uniam a uma mão e a uma perna de aço. Fios se misturavam com o sistema nervoso. Sangue azul era bombeado por câmaras em um coração de silicone. Todo o tecido inorgânico tinha um brilho leve, a holografia assim mostrando o que não era natural nela, de forma que até um olhar leigo fosse capaz de compreender.

Ciborgue.

Kai recuou, sentindo-se desorientado enquanto olhava boquiaberto. Até os olhos dela tinham aquele brilho leve, junto com os nervos óticos que seguiam até o fundo do cérebro, onde havia uma placa de metal coberta de portas e cabos e fios e um acesso

que se abria na parte de trás do crânio.

Lembrou-se da guardiã dizendo que Cinder não era capaz de chorar, mas ele nunca pensou... nunca esperou isso. Os olhos dela, o *cérebro*...

Ele afastou o olhar e passou a palma da mão no rosto. Isso era uma invasão, um tipo horrível de voyeurismo, e a culpa repentina o fez desejar poder apagar a visão da mente para sempre.

– Tela, desligar.

Um silêncio os envolveu, e ele se perguntou se Torin sentia a mesma culpa que ele ou se tinha sido capturado pela mesma curiosidade mórbida.

– Você está bem, Majestade?

– Ótimo. – Ele engoliu em seco. – Nós sabíamos que ela era ciborgue. Nada disso devia ser surpresa. Eu só não esperava que fosse *tanto*.

Torin enfiou as mãos nos bolsos.

– Sinto muito. Sei que nem sempre fui justo quando o assunto é Linh Cinder. Desde o momento em que vi você conversando com ela no baile, fiquei com medo de ela ser uma distração desnecessária para você, e você estava sempre lidando com tanta coisa. Mas está óbvio que você tinha sentimentos legítimos por ela, e lamento por tudo o que aconteceu desde então.

Kai deu de ombros com desconforto.

– O problema disso é que nem *eu* sei se tinha sentimentos legítimos por ela ou se foi tudo truque desde o começo.

– Vossa Majestade. O dom lunar tem limitações. Se Linh Cinder estivesse forçando esses sentimentos, você não os estaria sentindo mais.

Com um susto, Kai olhou nos olhos de Torin.

– Eu não... – Ele engoliu em seco, calor subindo pelo pescoço. – É tão óbvio?

– Bem, como a rainha Levana gosta de observar, você ainda é jovem e não tão bom em disfarçar as emoções como o resto de

nós. – Torin deu um sorriso, com um olhar provocador que enrugou os cantos dos olhos. – Para ser sincero, sinto que é uma de suas melhores qualidades.

Kai revirou os olhos.

– Ironicamente, acho que pode ser por isso que gostei tanto de Cinder logo de cara.

– Por ela não conseguir disfarçar as emoções?

– Por ela nem *tentar*. Pelo menos, era o que parecia. – Kai se encostou na mesa de exame, sentindo o papel estéril enrugar por baixo dos dedos. – Às vezes parece que todo mundo ao meu redor está fingindo. Os lunares são os piores. Levana e seu grupo... Tudo neles é tão falso. Estou *noivo* de Levana e nem sei como é a aparência dela de verdade. Mas não são só eles. São os outros líderes da União, até os membros do meu próprio gabinete. Todo mundo está tentando impressionar todo mundo. Tentando se fazer parecer mais inteligente ou mais confiante do que realmente é.

Ele passou a mão pelo cabelo.

– E aí, apareceu Cinder. Uma garota normal, trabalhando em um emprego comum. Estava sempre coberta de sujeira ou graxa e era tão *sensacional* consertando coisas. E brincava comigo sobre tudo, como se estivesse falando com um cara normal, não um príncipe. Tudo nela parecia tão genuíno. Pelo menos, foi o que pensei. Mas acabou que ela era igual a todo mundo.

Torin andou até a janela com vista para o quarto de quarentena.

– Mas você ainda está tentando encontrar motivos para acreditar nela.

Era verdade. Essa aventura toda tinha sido despertada pelas acusações de Torin de que Kai não sabia nada sobre Cinder. Que, mesmo naquele momento, sabendo que ela era ciborgue, ele ainda queria acreditar que nem tudo nela foi baseado em alguma enganação complicada.

E, ao vir aqui, ele *descobriu* coisas.

Descobriu que ela era imune à letumose, que talvez todos os

lunares fossem.

Descobriu que aqueles olhos castanhos que viviam invadindo seus sonhos tinham sido feitos por um homem, ou pelo menos alterados.

Descobriu que a guardiã vendeu o corpo dela para testes, que ela não odiava a irmã e que o recrutamento ciborgue ainda acontecia. Até então chegavam ciborgues ao laboratório todos os dias. Também os sacrificavam para encontrar um antídoto que a rainha Levana já tinha.

– Por que ciborgues? – murmurou ele. – Por que só usamos ciborgues no recrutamento?

Torin suspirou.

– Com todo o respeito, Vossa Majestade. Você acha mesmo que é o melhor assunto com o qual se preocupar agora? Com o casamento, a aliança, a guerra...

– Sim, acho. É uma pergunta válida. Como nossa sociedade decidiu que as vidas deles valem menos? Sou responsável por tudo o que acontece nesse governo, tudo. E quando alguma coisa afeta os cidadãos assim...

O pensamento o atingiu como uma bala.

Eles não eram cidadãos. Ou eram, desde que o Ato de Proteção dos Ciborgues foi instituído por seu avô décadas antes, mas era mais complicado do que isso. O ato veio depois que uma série de crimes ciborgues terríveis provocou ódio generalizado e levou a revoltas catastróficas em todas as grandes cidades da Comunidade. Os protestos podiam ter sido gerados pela onda de violência, mas foram resultado de gerações de desdém crescente. Durante anos, as pessoas reclamavam sobre o aumento da população de ciborgues, muitos dos quais tinham passado por suas cirurgias por causa dos cidadãos.

Os ciborgues eram inteligentes demais, as pessoas reclamaram. Estavam roubando os salários do homem comum.

Os ciborgues eram capacitados demais. Estavam tirando

empregos do cidadão trabalhador e da classe média.

Os ciborgues eram fortes demais. Não deviam poder competir em eventos esportivos com pessoas comuns. Dava uma vantagem injusta a eles.

E então um pequeno grupo de ciborgues teve um surto de violência e roubo e destruição, mostrando o quanto podiam ser perigosos.

Se os médicos e cientistas iam continuar a executar essas cirurgias, as pessoas argumentaram, era preciso haver restrições para esse grupo de pessoas. Elas precisavam ser controladas.

Kai estudou tudo isso quando tinha quatorze anos. E concordou com as leis. Foi convencido, assim como seu avô tinha sido, de que eles estavam *certos*. Os ciborgues precisavam de leis e provisões especiais, para a segurança de todos.

Não precisavam?

Até esse momento, ele não tinha nem voltado a pensar na questão.

Ao perceber que estava olhando para uma mesa de laboratório vazia com os nós dos dedos pressionados contra a testa, ele se virou e se empertigou um pouco. Torin o estava observando com aquela expressão de sabedoria sempre presente que tanto enlouquecia Kai, esperando com paciência que Kai formasse os pensamentos.

– É possível que as leis estejam erradas? – disse ele, com um nervosismo peculiar, como se estivesse falando uma blasfêmia contra sua família e as tradições antigas de seu país. – Quanto aos ciborgues?

Torin olhou para ele por muito tempo, sem dar sinal do que achava da pergunta de Kai, até que por fim suspirou.

– O Ato de Proteção dos Ciborgues foi elaborado com boas intenções. As pessoas viam uma necessidade de controlar a crescente população ciborgue, e a violência nunca mais chegou ao nível daquela época.

Os ombros de Kai murcharam. Torin devia estar certo. Seu avô

devia ter estado certo. Mesmo assim...

– Mesmo assim – disse Torin –, acredito que seja a marca de um grande líder questionar as decisões tomadas antes dele. Talvez, depois que resolvermos parte de nossos problemas mais imediatos, possamos rever isso.

Problemas mais imediatos.

– Não discordo de você, Torin. Mas tem um ciborgue recrutado nesta ala, neste momento. Tenho certeza de que isso parece um problema imediato para ele... ou ela.

– Vossa Majestade, você não pode resolver todos os problemas em uma semana. Precisa se dar tempo...

– Então você concorda que é um problema?

Torin franziu a testa.

– Milhares de cidadãos estão morrendo dessa doença. Você acabaria com o recrutamento e as oportunidades de pesquisa que ele oferece porque os lunares vão resolver tudo para nós?

– Não, claro que não. Mas usar ciborgues e só ciborgues... parece errado. Não parece?

– Por causa de Linh Cinder?

– Não! Por causa de *todo mundo*. Porque, apesar do que a ciência lhes causou, eles também já foram humanos. E não acredito... não consigo acreditar que são todos monstros. De quem foi a ideia do recrutamento? De onde veio?

Torin olhou para a tela com uma expressão estranha de conflito interno.

– Se me lembro bem, foi ideia de Dmitri Erland. Tivemos muitas reuniões para discutir. Seu pai ficou inseguro no começo, mas o dr. Erland nos convenceu de que era para o bem da Comunidade. Os ciborgues são fáceis de registrar, fáceis de encontrar, e com as restrições legais...

– Fáceis de tirar vantagem.

– Não, Majestade. Era fácil convencer eles mesmos e o povo de que são os melhores candidatos para testes.

– Porque não são humanos?

Ele via que Torin estava ficando frustrado.

– Porque os corpos deles já foram ajudados pela ciência. Porque agora é a vez deles de retribuir, para o bem de todos.

– Eles deviam ter escolha.

– Eles tiveram escolha quando aceitaram as alterações cirúrgicas. Todo mundo sabe bem quais são as leis sobre os direitos ciborgue.

Kai apontou a tela apagada.

– Cinder virou ciborgue quando tinha onze anos, depois de um acidente de aerodeslizador. Você acha que uma criança de onze anos tem alguma escolha?

– Os pais dela... – Torin parou de falar.

De acordo com o arquivo, os pais de Cinder morreram no mesmo acidente. A pessoa que aprovara a cirurgia ciborgue era desconhecida.

Torin apertou a boca em uma linha reta de insatisfação.

– Ela é uma circunstância incomum.

– Pode ser, mas continua não parecendo certo. – Kai andou até a janela do quartinho enquanto massageava um nó no pescoço. – Vou acabar com isso. Hoje.

– Tem certeza de que essa é a mensagem que você quer passar para o povo? De que estamos desistindo do antídoto?

– Não estamos desistindo. *Eu* não estou desistindo. Mas não podemos obrigar as pessoas a isso. Vamos levantar dinheiro para pagar voluntários. Vamos aumentar nossos programas de conscientização, encorajar as pessoas a se voluntariar se quiserem. Mas, a partir de agora, o recrutamento acabou.

CAPÍTULO

Trinta e cinco

CINDER CAMBALEOU PELA RAMPA DA NAVE ENQUANTO PUXAVA A camisa para longe dos quadris em um esforço de conseguir um pouco de ventilação na pele. O calor do deserto era seco em comparação à umidade sufocante de Nova Pequim, mas também era implacável. E tinha a areia, aquela areia irritante e odiosa. Ela passara o que pareceram horas tentando tirar a areia das juntas cibernéticas, descobrindo mais cantos e fendas na mão do que sabia que existiam.

– Iko, fechar rampa – disse ela, sentando-se sobre uma caixa.

Estava exausta. Seu tempo era todo passado em preocupação com Lobo e tentando ser gentil com os habitantes da cidade, que levaram tantos presentes de tâmaras açucaradas e rocamboles doces e curries temperados, que ela nem sabia se estavam tentando agradecer ou engordá-la para um banquete.

Além disso, havia as brigas constantes com o dr. Erland. Ele queria que ela se concentrasse em encontrar uma forma de chegar a Luna sem ser capturada, e, apesar de concordar que isso teria que acontecer em algum momento, ela ainda estava decidida a colocar um ponto final no casamento real primeiro. Afinal, que importância tinha se destronasse Levana em Luna *depois* que ela tivesse sido coroada imperatriz da Comunidade? Tinha que haver um jeito de fazer as duas coisas.

Mas faltava uma semana para o casamento real, e o relógio de Iko parecia passar mais rápido a cada hora.

– Como ele está? – perguntou Iko, que ficou sozinha dentro do sistema da nave durante horas quando Cinder estava no hotel.

– O doutor começou a diminuir os sedativos hoje de manhã – disse Cinder. – Ele está com medo de Lobo acordar quando não

houver ninguém lá e ter um colapso mental e voltar a se machucar, mas falei que não podemos deixá-lo inconsciente para sempre.

A nave suspirou ao redor dela, oxigênio assoviando pelo sistema de respiração artificial.

Cinder esticou a mão para baixo, tirou as botas e virou a areia no piso de metal.

– Alguma novidade?

– Sim, dois desenvolvimentos interessantes, na verdade.

A tela na parede se acendeu. De um lado havia um formulário de pedido estático com *CONFIDENCIAL* impresso no alto. Apesar da fagulha de curiosidade que causou, a atenção de Cinder foi atraída imediatamente pelo outro artigo e uma foto de Kai.

IMPERADOR EXIGE DESCONTINUAÇÃO IMEDIATA DO RECRUTAMENTO CIBORQUE

Com o coração em saltos, Cinder pulou da caixa para ver melhor. A mera menção do recrutamento trouxe uma avalanche de lembranças de volta. De quando foi levada pelos androides, acordou em um quarto estéril de quarentena, amarrada a uma mesa, com um medidor de taxas enfiado na cabeça e uma agulha na veia.

O artigo começava com um vídeo de Kai em uma coletiva de imprensa, de pé em frente a um pódio.

– Tocar vídeo.

“Essa política não indica de modo algum que tenhamos perdido a esperança”, dizia Kai na tela. “Não vamos desistir de encontrar a cura para a letumose. Saibam que nossa equipe conseguiu um progresso incrível nos últimos meses, e estou confiante de estarmos à beira de uma descoberta. Quero que todos os que sofrem dessa doença ou que tenham entes queridos lutando contra ela agora saibam que isso não é sinal de derrota. Jamais vamos desistir enquanto a letumose não for erradicada de nossa sociedade.”

Ele fez uma pausa, o silêncio pontuado por flashes que iluminavam a bandeira da Comunidade atrás dele.

“No entanto, percebi recentemente que o uso do recrutamento ciborgue para dar prosseguimento à pesquisa era uma prática antiquada que não era necessária e nem justificável. Somos uma sociedade que valoriza a vida humana, *toda* vida humana. O propósito de nossos laboratórios de pesquisa é estancar a perda dessa vida da forma mais rápida e humana possível. O recrutamento ia contra esse valor e, acredito, diminuía tudo o que alcançamos nos cento e vinte e seis anos desde que nosso país foi formado. Nosso país foi construído sobre uma base de igualdade e união, não preconceito e ódio.”

Cinder o viu com fraqueza nas pernas. Sentia vontade de esticar a mão para a tela e passar os braços ao redor dele e dizer obrigada, *obrigada*. Mas, a milhares de quilômetros de distância, ela se viu abraçando a si mesma.

“Prevejo as críticas e reações que essa decisão vai gerar”, prosseguiu Kai. “Estou ciente de que a letumose é um problema que afeta cada um de nós e de que minha decisão de encerrar o recrutamento ciborgue sem consultar meu gabinete e seus representantes é inesperada e nada convencional. Mas não pude ficar parado enquanto nossos cidadãos estavam sendo obrigados a sacrificar as vidas devido a uma crença enganosa de que as vidas deles são menos valiosas do que as dos outros. A equipe de pesquisa de letumose vai desenvolver novas estratégias para a continuidade da pesquisa, e nós no palácio estamos otimistas de que essa mudança não vai atrapalhar nossa busca contínua pelo antídoto. Vamos continuar a aceitar candidatos a teste como voluntários. Existe um link de mensagem abaixo para quem quiser mais informações sobre o processo de voluntariado. Obrigado. Não vou responder a perguntas hoje.”

Quando Kai saiu do palco e foi substituído pela secretária de imprensa, já tentando acalmar uma multidão enlouquecida, Cinder

se sentou no chão.

Mal acreditava no que tinha ouvido. O discurso de Kai não foi só sobre letumose e pesquisa e procedimentos médicos. O discurso foi sobre igualdade. Direitos. Ir além do ódio.

Com um discurso, menos de três minutos passados atrás do pódio, Kai começou a destruir décadas de preconceito contra ciborgues.

Será que tinha sido por ela?

Ela fez uma careta, perguntando-se se era um egocentrismo sem tamanho pensar isso. Afinal, a declaração dele salvaria incontáveis vidas ciborgue. Estabeleceria um novo padrão de direitos e tratamento ciborgue.

Não resolveria tudo, claro. Ainda havia o Ato de Proteção dos Ciborgues, que tornava os ciborgues propriedade dos guardiões e limitava a liberdade deles. Mas era alguma coisa. Era um começo.

E a pergunta ficava voltando. *Será que ele fizera isso por ela?*

– Eu sei – disse Iko, com um tom sonhador na voz, embora Cinder não tivesse dito nada. – Ele é fantástico.

Quando ela concentrou os pensamentos o bastante para passar os olhos pelo resto do artigo, Cinder viu que Kai estava certo. A hostilidade já tinha começado. Esse jornalista em particular havia escrito um artigo de crítica mordaz, defendendo o recrutamento ciborgue e acusando Kai de tratamento preferencial injusto. Embora não mencionasse Cinder diretamente, seria questão de tempo até que alguém o fizesse. Kai tinha convidado uma ciborgue para o baile anual, e eles usariam isso contra ele, que seria atacado por essa decisão. Com crueldade.

Mas ele o fizera mesmo assim.

– Cinder? – disse Iko. – Você já chegou nos androides-acompanhantes?

Ela piscou, sem entender.

– Me desculpe, o quê?

A tela mudou e trouxe o primeiro documento para a frente.

Cinder balançou a cabeça para anuviá-la. Já tinha esquecido o segundo item que Iko queria contar para ela, o formulário marcado como “Confidencial”.

– Ah, certo. – Ela se levantou. Pensaria sobre Kai e a decisão dele posteriormente. *Depois* que tivesse encontrado um jeito de impedir que ele se casasse com Levana. – O que é isso?

– É um pedido feito pelo palácio dois dias atrás. Esbarrei nele sem querer quando estava tentando entender o pedido ao florista. Acontece que a rainha quer o buquê de lírios e folhas de hosta. *Sem graça*. Eu teria escolhido orquídeas.

– Você encontrou um pedido confidencial do palácio?

– Sim, encontrei, obrigada por reparar. Estou virando uma ótima *hacker*. Não que eu tenha alguma coisa melhor para fazer.

Cinder olhou o formulário. Era um acordo de aluguel enviado ao maior fabricante de andróides-acompanhantes do mundo, que ficava nos arredores de Nova Pequim. O palácio queria sessenta acompanhantes para o dia do casamento, mas só da linha “Real”, que incluía modelos com cores de olhos normais e tipos de corpo variados. A ideia era que tais imperfeições (como a empresa chamava) possibilitavam uma experiência mais real ao acompanhante.

Ela levou uns quatro segundos para entender o motivo do pedido.

– Vão usar como criados durante o casamento – disse ela –, porque os lunares não conseguem manipulá-los. Inteligente.

– Foi o que também pensei – falou Iko. – O acordo diz que eles serão entregues ao florista e aos banqueteiros na manhã do casamento e contrabandeados para o palácio junto com a equipe humana. Bem, o acordo não usa a palavra *contrabandeados*.

Isso não fez Cinder se sentir melhor em relação ao casamento, mas ela ficou feliz que o palácio estava tomando algumas precauções contra os convidados lunares.

Conforme foi lendo o formulário de pedido e as instruções de

entrega, ela deu um gritinho.

– O que foi? – disse Iko.

– Acabei de ter uma ideia. – Ela deu um passo para trás enquanto repassava na cabeça. A ideia estava crua e confusa demais para que tivesse certeza, mas por alto... – Iko, é isso. É assim que vamos chegar a Luna.

As luzes piscaram.

– Não estou computando.

– E se nos escondêssemos em uma nave que já estivesse indo para Luna? Poderíamos ser contrabandeadas, assim como esses andróides estão sendo levados escondidos para o palácio.

– Só que todas as naves que vão para Luna são naves lunares. Como você vai entrar em alguma delas?

– *Agora* elas são naves lunares. Mas eu talvez saiba como podemos mudar isso.

A informação na tela mudou e voltou para o relógio em contagem regressiva no meio.

– Ainda envolve impedir o casamento?

– Sim. Mais ou menos. – Cinder ergueu o dedo. – Se conseguirmos *atrasar* o casamento e persuadir a rainha Levana de fazer a cerimônia em Luna em vez de na Terra, todos os convidados terráqueos terão que ir para lá, assim como todos aqueles aristocratas lunares virão para cá.

– E aí você vai em uma das naves *deles*?

– Se fizermos isso dar certo. – Ela começou a andar de um lado para outro pelo compartimento de carga, os pensamentos ardendo com o nascimento de um novo plano. – Mas preciso que Kai confie em mim primeiro. Se *ele* puder convencer Levana a mudar o local...

– Ela mordeu o lábio e olhou para o vídeo da coletiva de imprensa, para a manchete que confirmava que ele de fato acabara com o recrutamento. – Ainda precisamos entrar no palácio, mas não com grandes distrações nem atraindo a atenção da imprensa.

Precisamos ser sutis. Sorrateiros.

– Ah! Ah! Você devia se passar por convidada! Aí teria uma desculpa para comprar um vestido de festa.

Cinder tentou protestar, mas hesitou. A ideia tinha potencial, se ela sustentasse o glamour tempo suficiente para ninguém reconhecê-la.

– Eu teria que tomar cuidado com os androides-acompanhantes. Além do mais, precisaríamos de convite.

– Eu topo. – O formulário desapareceu e foi substituído por uma lista infinita de nomes. – Um site de fofocas publicou uma lista de todos os convidados alguns dias atrás. Você sabia que estão distribuindo convites de papel? Coisa de classe.

– Me parece desperdício – murmurou Cinder.

– Pode ser – disse Iko. – Mas também é mais fácil de roubar. De quantos precisamos? Dois? Três?

Cinder marcou nos dedos. Um para ela. Um para Lobo... com sorte. Ou talvez fosse melhor ir sozinha, ou levar o doutor? Ou mesmo Jacin? Levana e seu grupo reconheceriam qualquer um deles, e ela não os achava capazes de criarem glamour forte o bastante para si mesmos.

Ela teria que torcer para que Lobo estivesse melhor.

– Dois – disse ela. – Espero.

Nomes e títulos desceram pela tela. Diplomatas e representantes políticos, celebridades e comentaristas de imprensa, empreendedores e os muito, muito ricos. Ela não conseguia deixar de pensar que parecia uma festa muito chata.

De repente, Iko deu um grito. Foi um grito de romper os tímpanos, de metal em metal, de processadores aquecidos e fios pegando fogo.

Cinder cobriu as orelhas.

– O quê? O que foi?

A lista de nomes parou, e Iko iluminou uma linha.

Boquiaberta, Cinder afastou as mãos dos ouvidos.

Linh Adri? E *Pearl*?

Ela ouviu passos no alojamento da tripulação, e Jacin apareceu no compartimento de carga, com olhos arregalados.

– O que aconteceu? Por que a nave está gritando?

– Nada. Está tudo bem – gaguejou Cinder.

– Não, as coisas *não* estão bem – falou Iko. – Como elas podem ter sido convidadas? Nunca vi maior injustiça em toda a minha vida programada, e, acreditem, já vi grandes injustiças.

Jacin ergueu uma das sobancelhas para Cinder.

– Acabamos de descobrir que minha ex-guardiã recebeu convite para o casamento.

Ela abriu a aba ao lado do nome da madrasta, achando que era um erro.

Mas é claro que não era.

Linh Adri ganhou oitenta mil univs e um convite oficial para o casamento real como ato de gratidão pela ajuda na caçada atual pela filha adotada e foragida, Linh Cinder.

– Porque ela me entregou – disse ela com desprezo. – Faz sentido.

– Está vendo? *Injustiça*. Aqui estamos nós, arriscando nossas vidas para salvar Kai e todo esse planeta, e Adri e Pearl vão ao casamento real. Estou enojada. Espero que derrubem molho de soja nos vestidos chiques.

A preocupação de Jacin logo se transformou em irritação.

– Sua nave tem umas prioridades muito estranhas, sabia?

– *Iko*. Meu nome é Iko. Se você não parar de me chamar de ‘nave’, vou cuidar para que nunca tenha água quente nos banhos, está entendendo?

– É, espere um minuto enquanto desligo o sistema de alto-falantes.

– *O quê?* Você não pode me *emudecer*. Cinder!

Cinder ergueu as mãos.

– Ninguém vai desligar nada! – Ela olhou com irritação para Jacin, mas a única resposta que recebeu foi um movimento de descaso de um ombro só. Ela revirou os olhos. – Vocês dois estão me dando dor de cabeça, e estou tentando pensar.

Jacin se encostou à parede e cruzou os braços sobre o peito.

– Você sabia que eu estava lá naquela noite, no baile da Comunidade?

A pálpebra dela tremeu.

– Como eu poderia esquecer?

Ela não pensava com frequência, não desde que ele se juntou a eles, mas, às vezes, quando olhava para Jacin, não deixava de lembrar que tinha sido ele quem a segurou enquanto Levana zombava de Kai, tentando barganhar com a vida de Cinder.

– Estou lisonjeado. A questão é que você também foi memorável naquela noite depois de ser publicamente humilhada, quase levar um tiro na cabeça e acabar sendo presa. Portanto, acho meio estranho você parecer estar fazendo tudo o que pode para encontrar um jeito de voltar para lá.

Ela levantou as mãos.

– E você não consegue pensar em nenhum motivo para eu querer estar naquele casamento?

– Mais um encontro com seu amorzinho de brinquedo antes de ele se tornar propriedade de Levana? Você estava caidinha por ele no...

Cinder deu um soco nele.

Jacin cambaleou contra a parede, já rindo ao levar a mão à bochecha.

– Toquei em um nervo, ou será que foi um fio? Você tem muito dos dois, certo?

– Ele não é brinquedo e não é propriedade dela – disse ela. – Se você insultar qualquer um de nós mais uma vez, vou bater com o punho de metal.

– Mostre para ele, Cinder! – comemorou Iko.

Jacin baixou a mão e deixou uma marca vermelha à mostra.

– Por que você se importa? Esse casamento não é problema seu.

– É claro que é problema meu! Caso você não tenha reparado, sua rainha é uma tirana. Talvez a Comunidade não me queira mais, mas isso não quer dizer que vou deixar Levana vir para cá e enfiar as garras no meu país e estragá-lo como estragou o seu.

– O nosso – lembrou ele.

– *O nosso.*

Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto.

– Então é isso? Um excesso de zelo patriótico por um país que está caçando você neste instante? Você *tem* mesmo fios queimados. Caso não tenha percebido, assim que você botar o pé em território da Comunidade, está morta.

– Obrigada pelo voto *estelar* de confiança.

– E você não parece ser o tipo de garota que se sacrifica por uma ilusão exagerada de amor verdadeiro. O que não está me contando?

Cinder se virou.

– Ah, pare com isso. Não me diga que está obcecada por esse casamento porque acha mesmo que está apaixonada por ele?

– Eu estou – disse Iko. – *Loucamente.*

Cinder massageou as têmporas.

Depois de um silêncio constrangedor, Iko disse:

– Ainda estamos falando de Kai, né?

– Onde foi que você a *encontrou*? – perguntou Jacin, indicando os alto-falantes do teto.

– Não estou fazendo isso só por Kai. – Cinder baixou a mão para o lado do corpo. – Estou fazendo isso porque sou a única que pode fazer alguma coisa. Vou destronar Levana. Vou cuidar para que ela não machuque mais ninguém.

Jacin olhou boquiaberto, como se um braço androide tivesse brotado do alto da cabeça dela:

– Você acha que *você* é capaz de destronar Levana?

Gritando, Cinder ergueu os braços no ar:

– Essa é a ideia toda! *Você* não? Não é esse o motivo para estar nos ajudando?

– Pelas estrelas, não. Não sou maluco. Estou aqui porque vi uma oportunidade de fugir daquela taumaturga sem morrer, e...

Ele se obrigou a parar.

– E o quê?

Ele contraiu o maxilar.

– *E o quê?*

– É é o que Sua Alteza iria querer que eu fizesse, embora agora ela provavelmente vá morrer por causa disso.

Cinder franziu a testa.

– O quê?

– E agora estou preso com você e um plano horrível que vai nos fazer voltar para o começo, bem nas mãos da rainha Levana.

– O qu... mas... Sua *Alteza*? De que você está falando?

– Da princesa Winter. De quem você acha?

– Da princesa... – Cinder recuou um passo. – Você está falando da *enteada* da rainha?

– Aaaaaaaaaaaaaahhhh – disse Iko.

– É a única princesa que temos, se você não reparou. De quem você achou que eu estivesse falando?

Cinder engoliu em seco. O olhar dela se desviou para a tela, onde o plano original tinha sido escondido por notícias e por aquele maldito relógio. Jacin nunca soube da intenção que tinha de interromper o casamento e anunciar a identidade dela para o mundo.

– Hã. Ninguém – retrucou ela, gaguejando e coçando o pulso. – Então, hum... quando você diz que é leal à “sua princesa” ... você está falando sobre *ela*. Certo?

Jacin olhou para ela como se não entendesse por que estava perdendo tempo com uma pessoa tão idiota.

Cinder limpou a garganta.

– Certo.

– Eu devia ter deixado Sybil acertar você – murmurou ele, balançando a cabeça. – Achei que talvez a princesa fosse sentir orgulho se ouvisse sobre o fato de que me virei contra Sybil. Que aprovaria minha decisão. Mas quem quero enganar? Ela nunca vai nem saber.

– Você... você a ama?

Ele olhou para ela com nojo.

– Não tente empurrar seu psicodrama louco para cima de mim. Eu jurei protegê-la. Não posso fazer isso daqui de baixo, posso?

– Protegê-la de quê? Levana?

– Dentre outras coisas.

Cinder desabou sobre uma das caixas, sentindo como se tivesse acabado de correr metade do deserto. O corpo estava esgotado, o cérebro estava em frangalhos. Jacin não se importava nada com ela; era leal à enteada da rainha. Ela nem sabia que a enteada da rainha *tinha* gente que era leal a ela.

– Me ajude – disse, sem esconder a súplica na voz ao olhar nos olhos de Jacin de novo. – Juro para você que posso deter Levana. Posso levar você de volta para Luna, onde você pode proteger sua princesa, ou fazer o que precisar fazer. Mas preciso de ajuda.

– Isso é bem óbvio. Você vai me deixar saber seu plano milagroso?

Ela engoliu em seco.

– Talvez. Em algum momento.

Ele balançou a cabeça, parecendo estar com vontade de rir ao indicar as ruas de Farafrah.

– Você só está desesperada porque o aliado mais forte que tem agora está em coma induzido.

– Lobo vai ficar bem – falou Cinder, com mais convicção do que sentia. Em seguida, suspirou. – Estou desesperada porque preciso do máximo de aliados que conseguir.

CAPÍTULO

Trinta e seis

ELES PARARAM DE NOVO NAQUELA NOITE, E CRESS RECEBEU PÃO, frutas secas e água. Prestou atenção aos sons do acampamento fora da van e tentou dormir, mas foi um sono interrompido.

Eles partiram cedo na manhã seguinte.

Ela foi ficando menos e menos segura de que Thorne iria buscá-la. Ficava vendo-o abraçando aquela outra mulher e imaginava que estava feliz de não ter mais trabalho com a cascuda lunar fraca e ingênua.

Até as fantasias que a consolaram e reconfortaram por tantos anos a bordo do satélite estavam ficando fracas. Ela não era uma guerreira corajosa e forte e pronta para defender a justiça. Não era a garota mais bonita do mundo, pronta para conquistar empatia e respeito até do vilão de coração mais duro. Não era nem uma donzela que sabia que um herói um dia a salvaria.

Na verdade, passava as horas agonizantes se perguntando se iria se tornar escrava, serva, banquete de canibais, sacrifício humano, ou se seria devolvida para a rainha Levana e torturada por causa da traição.

Em determinado momento, no fim do segundo dia aprisionada, as vans pararam e as portas foram abertas. Cress se encolheu por causa da claridade e tentou recuar, mas foi agarrada e puxada para fora. Caiu de joelhos. Uma dor subiu por sua coluna, mas o captor ignorou o choro, puxou-a para que ficasse de pé e amarrou os pulsos.

A dor logo sumiu, sufocada pela adrenalina e pela curiosidade. Eles chegaram a uma nova cidade, mas mesmo ela percebia que o local nunca fora tão rico nem populoso quanto Kufra. Prédios modestos da cor do deserto seguiam por uma rua suja de areia.

Paredes de argila vermelha, pintadas de azul e rosa, tinham desbotado no sol, seus telhados cobertos de telhas quebradas. Uma área cercada não muito longe guardava uma dezena de camelos, e havia outros veículos de roda, sujos, parados na rua, e...

Ela piscou para afastar o sol e a areia dos olhos.

Havia uma nave no meio da cidade. Uma Rampion.

O coração dela pulou de esperança desesperada, que logo morreu. Mesmo de longe, via que a área principal da Rampion estava pintada de preto, não enfeitada com a mulher recostada como foi relatado quando a nave de Thorne pousou na França.

Ela choramingou e afastou o olhar quando os captores a levaram para o prédio mais próximo. Eles entraram em um corredor escuro. Só uma pequena janela na frente deixava alguma luz entrar e estava coberta de areia soprada pelo vento ao longo dos anos. Havia uma mesinha encostada em um canto com um quadro de chaves antiquadas pendurado na parede. Cress foi empurrada para depois disso e levada até o final do corredor.

As paredes fediam a alguma coisa acre; não era um cheiro ruim, mas era forte demais para ser agradável. O nariz de Cress coçou.

Ela foi empurrada escada acima, uma escada tão estreita que precisou ir atrás de Jina, com Niels em seguida. Um silêncio sinistro assombrava as paredes cor de areia. O fedor era mais forte lá em cima, e um tremor desceu pela coluna dela, fazendo aparecer arrepios nos braços. Seu medo estava encolhido em um punhado de nervos na base da coluna.

Quando eles chegaram à última porta do corredor e Jina ergueu o punho para bater, Cress estava tremendo tanto que quase não conseguia ficar de pé. Ficou surpresa de se ver desejando a segurança da van.

Jina precisou bater duas vezes até ouvirem passos e a porta rangendo. Niels manteve Cress em segurança atrás de Jina, e ela só viu a barra da calça marrom de um homem e sapatos brancos gastos com cadarços desfiando.

– Jina – disse um homem, parecendo ter acordado de um cochilo. – Ouvi um boato em Kufra de que você estava a caminho.

– Eu trouxe outro elemento. Encontrei andando no deserto.

Uma hesitação. O homem disse, sem que fosse uma pergunta:

– Uma cascuda.

A certeza dele fez Cress se contorcer por dentro. Se ele não precisava perguntar, isso queria dizer que a sentia. Ou melhor, *não* a sentia. Ela se lembrou de Sybil reclamando que não sentia os pensamentos de Cress, do quanto era mais difícil treinar e comandar uma pessoa como ela, como se fosse culpa de Cress.

Esse homem era lunar.

Ela se encolheu, sentindo vontade de diminuir até ficar do tamanho de um grão de areia, até soprar pelo deserto e desaparecer.

Mas não podia desaparecer. Então Jina deu um passo para o lado, e ela se viu cara a cara com um homem de idade avançada.

Ela levou um susto. *Estavam* cara a cara. Ele era bem pouco mais alto do que ela.

Por trás de um par de óculos de aro fino, os olhos azuis se arregalaram e pareceram incrivelmente vivos apesar das rugas que os envolviam. Ele era calvo, e tufo de cabelo desganhado se projetavam acima das orelhas. Um déjà-vu bizarro acometeu-a, como se ela já o tivesse visto antes, mas era impossível.

Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Quando os recolocou, os lábios estavam repuxados enquanto examinava Cress como se ela fosse um inseto a ser dissecado. Ela se encostou à parede, mas Niels a segurou pelo cotovelo e a puxou para a frente.

– Definitivamente cascuda – murmurou o homem – e fantasma, ao que parece.

O coração de Cress pulou em um ritmo forte e errático contra o peito.

– Estou pedindo trinta e dois mil univs por ela.

O homem olhou para Jina como se tivesse esquecido que ela

estava ali. Ele se empertigou e exagerou ao tirar os óculos de novo e limpá-los desta vez.

Cress afundou as unhas na palma da mão para se distrair do pânico. Olhou para trás do homem. Uma única janela estava coberta por uma persiana, e havia poeira girando em um raio de sol que entrava por ela. Havia uma porta fechada, presumivelmente um armário, uma mesa, uma cama e uma pilha de cobertores bagunçados no canto. Os cobertores estavam manchados de sangue.

Um arrepio percorreu a pele dela.

E então ela viu a tela.

Uma tela de comunicação. Ela poderia pedir ajuda. Poderia fazer contato com o último hotel, em Kufra. Poderia dizer para Thorne...

– Eu pago vinte e cinco mil. – O homem assumiu um tom mais firme, como o de um empresário, enquanto limpava os óculos.

Jina riu com deboche.

– Não vou hesitar em levar essa garota para a polícia a fim de que seja deportada. Vou receber a recompensa de cidadã deles.

– Só mil e quinhentos univs? Você se sacrificaria tanto pelo orgulho, Jina?

– Por meu orgulho e por saber que um lunar a menos caminha pelo meu planeta. – Ela disse isso com desprezo, e, pela primeira vez, ocorreu a Cress que Jina poderia de fato odiá-la, simplesmente por causa de onde ela havia nascido. – Deixo por trinta mil, doutor. Sei que você anda pagando isso por cascudos hoje em dia.

Doutor? Cress engoliu em seco. Esse homem não se parecia em nada com os homens e mulheres educados e elegantes das novelas, com jalecos brancos impecáveis e tecnologia avançada. De alguma forma, o título serviu para deixá-la mais temerosa, com imagens de bisturis e seringas piscando na mente.

Ele suspirou.

– Ah, vinte a sete mil.

Jina inclinou a cabeça e olhou para ele.

– Feito.

O doutor segurou a mão dela, mas parecia ter mergulhado em si mesmo. Não olhava para Cress diretamente, como se estivesse com vergonha de ela ter testemunhado a transação.

Uma sensação de desafio vibrou pela coluna de Cress.

Ele devia sentir vergonha. Todos deviam sentir vergonha.

E ela não se permitiria virar mera bagagem a ser comercializada. A mestra Sybil tinha tirado vantagem dela por tempo demais. Não permitiria que acontecesse de novo.

Antes que esses pensamentos se tornassem mais do que raiva rebelde, ela foi empurrada para dentro do quarto. Jina fechou a porta e prendeu todos no espaço quente e poeirento com cheiro de produtos químicos velhos.

– Faça a transferência depressa – disse ela, cruzando os braços. – Tenho outros negócios a resolver em Kufra.

O médico resmungou e abriu o armário. Não havia roupas lá dentro, mas um laboratório de ciências em miniatura, máquinas misteriosas e escâneres e um gabinete de gavetas de metal que estalou quando ele abriu. Puxou uma agulha e uma seringa e não demorou para retirá-las do pacote.

Cress recuou, puxando os braços contra as amarras, mas Niels a segurou.

– Sim, sim, me deixe pegar uma amostra de sangue dela e depois faço a transferência.

– Por quê? – disse Jina, ficando entre eles. – Para você poder determinar se tem alguma coisa de errado com ela e comprometer nosso acordo?

O doutor resmungou:

– Não tenho intenção de comprometer nada, Jina. Só pensei que ela ficaria mais cooperativa com você aqui e me permitiria extrair uma amostra com mais segurança.

O olhar de Cress percorreu o quarto. Uma arma. Uma fuga. Um sinal de misericórdia nos olhos do captor.

Nada. Não havia nada.

– Tudo bem – disse Jina. – Niels, segure-a para o doutor fazer o que precisa.

– Não! – A palavra foi arrancada de Cress, e ela cambaleou para longe. Seu ombro bateu em Niels e ela começou a cair para trás, mas ele a segurou pelo cotovelo e a puxou de volta. As pernas estavam moles e inúteis. – Não... por favor. Me deixe em paz!

Ela implorou e viu uma mistura tão grande de emoções no rosto marcado do médico que ficou em silêncio.

As sobancelhas dele estavam unidas e a boca, apertada. Ele ficava piscando depressa por trás dos óculos, como se tentasse se livrar de um cílio solto, até que seu olhar se afastou dela. Havia pena nele. Ela sabia; sabia que era solidariedade que ele estava tentando disfarçar.

– Por favor – soluçou ela. – Por favor, me solte. Sou só uma cascuda e estou presa aqui na Terra, e não fiz nada para ninguém, e não sou ninguém. Não sou ninguém. Por favor, me solte.

Ele não olhou nos olhos de Cress de novo, nem quando deu um passo à frente. Ela ficou tensa e tentou recuar, mas Niels a segurou com firmeza. O toque do doutor era leve, mas ficou firme quando segurou o pulso com a mão.

– Tente relaxar – murmurou ele.

Ela se encolheu quando a agulha afundou na pele, no mesmo ponto em que Sybil tirara sangue cem vezes. Mordeu com força o lábio por dentro, recusando-se a chorar.

– Acabou. Não foi horrível, foi? – O tom dele era estranhamente delicado, como se estivesse tentando consolá-la.

Cress se sentia um pássaro cujas asas foram cortadas e que foi jogado em uma gaiola, mais uma gaiola, nojenta e podre.

Ela viveu em uma gaiola a vida toda. De alguma forma, nunca esperou encontrar uma horrível assim na Terra.

Terra, lembrou a si mesma quando o doutor caminhou pelo piso que gemia. Estava na Terra. Não presa em um satélite no espaço.

Havia um jeito de sair disso. A liberdade estava do lado de fora daquela janela ou escada abaixo. Ela não seria prisioneira de novo.

O doutor colocou a seringa com o sangue dela em uma máquina e ligou um tablet.

– Pronto, vou transferir os fundos e você pode ir.

– Você está usando uma conexão segura? – perguntou Jina, dando um passo para a frente quando o doutor digitou algum tipo de código.

Cress apertou os olhos, prestou atenção nos pontos que os dedos tocavam, para o caso de precisar depois. Poderia poupar tempo se não precisasse quebrar a senha.

– Confie em mim, Jina, tenho mais motivo do que você para manter minhas transações escondidas de olhares xeretas. – Ele observou uma coisa na tela antes de dizer de um jeito mais solene: – Obrigado por trazê-la.

Jina olhou com desprezo para a cabeça calva.

– Espero que você mate todos esses lunares quando terminar. Já temos problemas suficientes com a peste. Não precisamos deles também.

Os olhos azuis cintilaram, e Cress detectou um brilho de desprezo por Jina, mas ele disfarçou com outro olhar benigno.

– O pagamento foi feito. Por favor, desamarre a garota antes de ir.

Cress ficou imóvel quando as cordas foram desamarradas. Puxou as mãos assim que ficaram soltas e correu para a parede mais próxima.

– Foi ótimo fazer negócio com você de novo – disse Jina.

O doutor apenas resmungou. Estava olhando para Cress com o canto do olho, tentando examiná-la sem ser óbvio.

Em seguida, a porta se fechou, e Jina e Niels foram embora. Cress ouviu os passos deles no corredor, o único barulho no prédio.

O doutor passou as mãos pela camisa, como se estivesse se limpando da presença de Jina. Cress achava que ele não podia estar

com a sensação de sujeira tanto quanto ela, mas ficou imóvel na parede, olhando com raiva.

– Sim, bem – disse ele. – É mais constrangedor com os cascudos, sabe. Não é tão fácil explicar.

Ela falou com irritação:

– Você quer dizer que não é tão fácil fazer lavagem cerebral.

Ele inclinou a cabeça, e a expressão estranha voltou. A que dava a ela a sensação de estar num experimento de ciência sob o microscópio.

– Você sabe que sou lunar.

Ela não respondeu.

– Entendo que esteja com medo. Não posso imaginar que tipo de tratamento ruim Jina e os valentões dela deram a você. Mas não vou machucar você. Na verdade, estou fazendo coisas grandiosas aqui, coisas que vão mudar o mundo, e você pode me ajudar. – Ele fez uma pausa. – Qual é seu nome, criança?

Ela não respondeu.

Quando ele chegou mais perto, com as mãos esticadas em sinal de paz, Cress enfiou o medo goela abaixo e usou a parede para se impulsionar contra ele.

Um rugido subiu pela garganta, e ela bateu com o cotovelo com o máximo de força que conseguiu, acertando o queixo dele. Ouviu o estalo dos dentes batendo, sentiu o choque nos ossos, e ele caiu para trás com tanta força no chão que o prédio todo tremeu ao redor deles.

Ela não olhou para ver se ele estava inconsciente, nem se provocara um ataque cardíaco, nem se ele estava em condições de segui-la.

Abriu a porta e saiu correndo.

CAPÍTULO

Trinta e sete

O DR. ERLAND ACORDOU NO CHÃO EM UM QUARTO QUENTE E POEIRENTO de hotel, sem lembrar por um momento onde estava.

Não era o laboratório ao lado do palácio de Nova Pequim, onde ele viu ciborgue após ciborgue ser tomado de feridas vermelhas e roxas. Onde viu a vida sumir dos olhos e amaldiçoou o sacrifício de mais uma vida enquanto planejava o próximo passo em sua caça pela única ciborgue que importava.

Não era o laboratório de Luna, onde estudou e pesquisou com determinação única para receber reconhecimento. Onde viu monstros nascerem na ponta de seus instrumentos cirúrgicos. Onde viu as ondas cerebrais de jovens assumirem o padrão caótico e selvagem de animais ferozes.

Ele não era o dr. Dmitri Erland, como em Nova Pequim.

Não era o dr. Sage Darnel, como em Luna.

Ou talvez fosse... ele não conseguia pensar, não conseguia lembrar... não se importava.

Seus pensamentos ficavam se afastando dele e de suas duas identidades odiosas e voltando para o rosto em formato de coração da mulher com cabelo louro-mel que ficava cheio de frizz cada vez que o departamento de ecologia injetava mais umidade na atmosfera controlada de Luna.

Seus pensamentos estavam em um bebê que berrava, com quatro dias de nascido e confirmada como cascuda, quando a mulher a colocou nas mãos da taumaturga Mira, com toda a frieza e nojo que teria sentido por um roedor.

A última vez que ele viu sua pequena Lua Crescente.

Ele observou o ventilador girando no teto, que não diminuía o calor do deserto, e perguntou-se por que, depois de tantos anos,

suas alucinações escolheram voltar para torturá-lo.

Essa garota cascuda não tinha *mesmo* as sardas e nem o cabelo louro da mulher. Essa garota cascuda não tinha sua altura infeliz nem seus olhos azuis. Essa garota cascuda não era sua filha, que se ergueu dos mortos para assombrá-lo. A ilusão estava toda em sua mente.

Talvez fosse apropriado. Ele tinha feito tantas coisas horríveis. O ataque recente contra a Terra era apenas o resultado de anos dos esforços dele. Foi pela pesquisa dele que a rainha Channary começou a desenvolver o exército de híbridos lobos, e pelos experimentos dele que Levana o levou ao final sangrento.

E havia também todos os que ele machucou para encontrar Selene e acabar com o reinado de Levana. Todos os que assassinou para encontrar Linh Cinder.

Ele estava otimista demais quando pensava que podia pagar essas dívidas. Esforçou-se para duplicar o antídoto que Levana deu para o imperador Kaito. Tinha que tentar, e por suas dores... mais sacrifício. Mais amostras de sangue. Mais experimentos, embora ele fosse obrigado a encontrar voluntários de verdade quando os traficantes não traziam sangue novo.

Ele descobriu em Nova Pequim, quando estava estudando o antídoto levado por Levana, que cascudos lunares guardavam o segredo. A mesma mutação genética que os tornava imunes à alteração lunar de bioeletricidade podia ser usada para criar anticorpos que lutavam e derrotavam a doença.

E assim começou a reunir cascudos e o sangue deles e o DNA. Usando-os, assim como utilizou os jovens que se tornaram soldados sem cérebro da rainha. Assim como usou os ciborgues que costumavam ser candidatos contra a própria vontade nas experiências contra a letumose.

É claro que seu cérebro faria isso com ele. É claro que sua insanidade chegaria a uma profundidade tal que as alucinações lhe devolveriam a única coisa com a qual ele já se importara e

distorceriam a realidade para que ela se tornasse mais uma de suas vítimas.

Só mais uma pessoa comprada e descartada.

Só mais uma amostra de sangue.

Só mais uma cobaia de laboratório que o odiava.

Sua pequena Lua Crescente.

Acima de sua cabeça, o tablet apitou na prateleira do laboratório.

Ele precisou de mais energia do que pensava para se levantar, gemendo ao usar a moldura da cama como apoio.

Demorou o tempo que precisou, evitando a verdade, em parte porque não sabia qual verdade preferia. Uma alucinação com a qual conseguiria lidar. Ele poderia descartá-la e continuar o trabalho.

Mas, se fosse ela...

Ele não podia perdê-la de novo.

Passou pelo armário aberto e empurrou a janela para olhar para a rua. Dava para ver a curva da nave a duas ruas dali, refletindo a luz do sol conforme o crepúsculo se aproximava. Ele tinha que acabar logo com isso, antes que Cinder chegasse para ver o amigo Lobo. Nenhuma cobaia tinha sido vendida a ele desde que ela chegou, e ele achava que ela não entenderia. Ela já teve dificuldade para entender os sacrifícios que tinham que ser feitos para o bem de todos. Ela, que devia entender isso melhor do que qualquer pessoa.

Suspirando, andou pelo pequeno laboratório até a amostra de sangue da garota. Pegou o tablet e clicou no relatório gerado pelo teste. Sentiu-se tonto ao observar os dados recolhidos no DNA.

Lunar.

Cascuda.

ALTURA ATUAL (E FINAL): 153,48 CENTÍMETROS
PIGMENTAÇÃO DA ÍRIS NA ESCALA MARTIN-SCHULTZ: 3
PRODUÇÃO DE MELANINA: 28/100, COM MELANINA
LOCALIZADA CONCENTRADA NO ROSTO/EFÉLIDES

As estatísticas físicas vieram seguidas de uma lista de doenças em potencial e fraquezas genéticas, com sugestões de tratamentos e prevenções.

Não dizia o que ele precisava saber até se preparar e comparar os dados com os seus, um relatório que praticamente decorou de tantas as vezes que tirou o próprio sangue para experimentos.

Sentou-se na beirada da cama enquanto o computador avaliava os relatórios, comparando e contrastando mais de quarenta mil genes.

Ele se viu torcendo para a alucinação ser verdade e ela não ser sua filha. Para sua filha ter sido morta por Sybil Mira, como o fizeram acreditar tantos anos antes.

Porque, se *fosse*, ela o desprezaria.

E ele concordaria com ela.

Ela já fora embora, ele tinha certeza. Não sabia por quanto tempo ficara inconsciente, mas duvidava que ela fosse ficar por perto. Ele já tinha perdido aquele fantasma. Duas vezes.

O tablet terminou de fazer a comparação.

Compatibilidade encontrada.

Paternidade confirmada.

Ele tirou os óculos, colocou-os na mesa e expirou fundo, tremendo.

Sua Lua Crescente estava viva.

CAPÍTULO

Trinta e oito

CRESS PRENDEU A RESPIRAÇÃO E PRESTOU ATENÇÃO, COM TANTA força que chegou a dar dor de cabeça. Mas só escutou silêncio. A perna esquerda estava começando a doer por permanecer encolhida em uma posição tão ruim, mas não ousava se mexer por medo de esbarrar em alguma coisa e o coroa acabar percebendo onde ela estava.

Ela não saiu correndo do hotel. Apesar de ter ficado tentada, sabia que Jina e os outros ainda podiam estar lá fora, e correr até eles faria com que voltasse para o mesmo lugar. Então, encolheu-se no terceiro quarto no corredor comprido e estreito depois da surpresa de encontrar a porta destrancada e o quarto abandonado. Tinha a mesma disposição do quarto do doutor: cama, armário, mesa; mas, para sua infelicidade, não tinha tela de comunicação. Se ela não estivesse tão desesperada para encontrar um esconderijo, teria chorado.

Acabou entrando no armário. Estava vazio, só tinha uma barra para pendurar roupas embaixo de uma única prateleira. Cress usou toda a sua força para subir naquela prateleira, apoiando-se nas paredes do armário com os pés antes de se espremer no buraco. Usou os dedos dos pés para fechar a porta. Pela primeira vez, ficou feliz com seu tamanho pequeno e concluiu que, se ele a encontrasse, ela pelo menos teria vantagem por ser tão alto. Desejou ter pensado em pegar algum tipo de arma.

Mas a esperança dela era que isso não fosse necessário. Ela desconfiava que, quando ele acordasse, acharia que tinha corrido para a cidade e iria atrás, o que daria tempo para que ela voltasse até aquela tela e fizesse contato com Thorne no hotel.

Ficou deitada ali durante horas, esperando e escutando. Apesar

de ser desconfortável, lembrava um pouco dormir embaixo da cama no satélite durante as longas horas em que Luna podia ser vista pelas janelas. Ela sempre se sentia segura assim, e a lembrança trouxe uma estranha sensação de proteção, mesmo naquele momento.

Depois de um tempo, ela começou a se perguntar se tinha matado o homem. A culpa que surgiu no seu peito a deixou com raiva. Não tinha nada que sentir culpa. Estava se defendendo, e ele era um monstro traficante de lunares.

Pouco depois de pensar nisso, ouviu um movimento tão baixo que poderia ser um rato nas paredes. Foi seguido de alguns baques e um gemido. O corpo dela se contraiu, o ombro direito doendo pela forma como estava deitada.

Isso foi um erro. Ela devia ter saído correndo quando teve oportunidade. Ou devia ter usado o tempo que ele estava inconsciente para acessar a tela. Ao olhar para trás, viu que tinha tido tempo suficiente, mas era tarde demais e ele estava acordado e a encontraria e...

Ela fechou bem os olhos até pontos brancos surgirem na escuridão.

O plano ainda não tinha falhado. Ele ainda podia sair para procurá-la. Ainda podia sair do prédio.

Ela esperou.

E esperou.

Inspirando e expirando. Enchendo-se de ar quente e sufocante. A pulsação pulava a cada som, a cada movimento abafado, a cada baque na madeira, tentando criar uma imagem na mente do que estava acontecendo no quarto no fim do corredor.

Ele não saiu do quarto. Não foi procurá-la.

Ela fez cara de irritação no escuro. Uma gota de suor desceu pelo nariz.

Quando a escuridão sólida invadiu o armário e, apesar do desconforto e dos músculos doloridos, Cress acabou cochilando,

ela se obrigou a despertar e determinou que já tinha ficado escondida muito tempo. O coroa não a estava procurando, o que parecia absurdo, considerando o quanto pagou por ela. Será que não devia ter ficado mais preocupado?

Ou talvez ele só quisesse o sangue dela. Era uma coincidência peculiar, considerando a forma como a mestra Sybil salvou tantos bebês sem o dom da morte porque viu algum valor no sangue deles.

Ela tentou não deixar a desconfiança e a paranoia se aprofundarem. Fosse lá o que o coroa quisesse, ela não podia ficar naquele armário para sempre.

Esticando o pé para fora da prateleira, empurrou a porta do armário, que gemeu, um som incrivelmente alto, e ficou paralisada, com uma perna esticada.

Esperando. Ouvindo.

Como nada aconteceu, ela empurrou a porta um pouco mais e chegou à beira da prateleira. Desceu da forma mais delicada possível até o chão.

O piso de madeira gemeu. Ela parou de novo, o coração disparado.

Esperou. Ouviu.

Tonta e com sede, Cress seguiu até o corredor. Estava vazio. Ela prosseguiu até o quarto ao lado. Mais uma vez, destrancado, mas o quarto era idêntico ao que ela ocupou um momento antes. Abandonado e vazio.

A pele dela estava coçando, cada sentido mais apurado quando ela fechou a porta e foi até o quarto seguinte.

No terceiro quarto, a janela estava fechada, mas a luz do corredor bateu em uma tela pendurada na escuridão. Ela quase não conseguiu sufocar um grito. Tremendo de expectativa, fechou a porta.

Mas sua atenção se dirigiu para a cama, e ela apertou a mão sobre a boca.

Havia um homem deitado ali. Dormindo, ela percebeu,

enquanto esperava os batimentos pararem de fazer as costelas doerem. Só ousou se mexer quando teve certeza de que o padrão de movimento do peito dele era regular e profundo. Ela não o acordou.

Olhou para a tela de novo, avaliando os riscos.

Podia voltar para o corredor e continuar a procurar. Havia duas portas que ainda não abria... mas as duas eram perto do quarto do coroa. Ou podia descer a escada e tentar a sorte.

Mas cada passo que dava no piso de madeira velho podia alertar alguém da presença dela, e ela não tinha garantia de que as outras portas estariam destrancadas, nem que teriam telas.

Os minutos se passaram, e ela ficou com uma das mãos na maçaneta e a outra sobre a boca, presa na indecisão. O homem não se mexeu, nem tremeu.

Por fim, ela se obrigou a dar um passo na direção da tela. Seu olhar ficava voltando para a forma adormecida, para ter certeza de que a respiração não tinha mudado.

– Tela – sussurrou ela. – Ligar.

A tela piscou, e ela começou a repetir:

– Tela, muda, tela, muda, tel...

Mas a ordem foi desnecessária. Quando a tela se iluminou, Cress deu de cara com um mapa da Terra, não com uma novela ou um noticiário. Quatro locações tinham sido marcadas. Nova Pequim. Paris. Rieux, na França. Uma pequena cidade em um oásis no canto noroeste da Província do Nilo, na União Africana.

Uma sensação de coincidência surgiu nela, mas seu cérebro já estava adiantado demais para ela ficar pensando nisso. Em poucos momentos, descartou o mapa e ativou um link de mensagem. Hesitou. A única vez que mandou uma mensagem foi quando falou com Cinder, usando uma ligação que não podia ser rastreada e nem monitorada. Ela sabia com detalhes quanto acesso a rainha Levana tinha à rede da Terra e a todas as mensagens que os terráqueos acreditavam enganosamente ser particulares.

Mas não podia se prender a isso. Que interesse a rainha Levana teria em uma única mensagem estabelecida entre duas cidadezinhas no norte da África? Ela devia estar envolvida demais com os planos de dominação intergaláctica.

– Tela – sussurrou ela –, mostrar hotéis em Kufra.

Sua pronúncia estranha gerou uma lista de sete Kufras possíveis. Ela escolheu a menos distante da localização atual e viu os nomes de doze opções de hospedagem, com anúncios e informações de contato piscando na barra lateral. Fez uma expressão séria e leu cada uma com atenção. Nenhum dos nomes pareceu familiar.

– Mostrar no mapa.

A cidade de Kufra apareceu na tela, uma foto tirada por satélite que, depois de um momento de observação atenta das ruas marrons, começou a preencher os vazios em sua lembrança. E então ela viu um pátio em frente a um dos hotéis e, depois de dar zoom na foto, reconheceu um limoeiro perto do muro. Ela ousou sorrir e clicou na informação de contato do hotel.

– Estabelecer ligação.

Em segundos, estava olhando para a mesma funcionária que fez o registro dela e de Thorne, com a ajuda de Jina. Ela quase desabou de alívio.

– Obrigada por ligar...

– Shh!

Cress balançou os braços para silenciar a mulher e olhou para o homem na cama. Ele se mexeu, mas só de leve.

– Me desculpe – sussurrou ela. A mulher se aproximou da tela para ouvi-la. – Meu amigo está dormindo. Preciso falar com um hóspede do hotel. O nome dele é Carswell Tho... Smith. Acho que está no quarto oito.

Ela ficou feliz quando a voz da mulher soou baixa.

– Um momento.

Ela digitou alguma coisa fora da tela.

Cress deu um pulo ao ouvir o estalo, mas o homem continuou

dormindo. Um alerta apareceu no canto da tela.

(97) ALERTAS DE NOTÍCIA EM RELAÇÃO À BUSCA "LINH CINDER"

Ela piscou sem entender. *Linh Cinder?*

– Sinto muito – disse a recepcionista, atraindo novamente a atenção de Cress. – O sr. Smith saiu do hotel ontem à noite depois de provocar uma confusão com alguns outros hóspedes. – Os olhos dela ficaram desconfiados, e ela observou o quarto escuro com curiosidade crescente. – Na verdade, estamos fazendo uma investigação no momento, pois algumas testemunhas acreditam que ele podia ser procurado pela...

Cress cortou a ligação. Seus nervos estavam vibrando debaixo da pele, e os pulmões pareciam pequenos demais para absorver todo o ar de que ela precisava.

Thorne não estava lá. Precisou fugir, e ela não fazia ideia de como encontrá-lo, ele estava sendo caçado e seria capturado, e ela jamais voltaria a vê-lo.

A tela piscou de novo. Os alertas sobre Linh Cinder tinham aumentado em dois.

Linh Cinder. Nova Pequim. Paris. Rieux, França.

A sequência começou a encaixar.

Perplexa, Cress clicou nos alertas. Eram as mesmas notícias que ela lera durante semanas a bordo do satélite. Críticas e especulações e teorias de conspiração e bem poucas evidências. Ainda sem confirmação de ela ter sido vista. Ainda sem prisões feitas e nem uma menção ao capitão Thorne, apesar do que a recepcionista do hotel disse.

E então, a atenção dela se fixou em uma manchete, e suas pernas quase se dobraram. Ela apoiou a mão com os dedos abertos na mesa para conseguir ficar de pé.

CÚMPLICE LUNAR DMITRIERLAND AINDA ESCAPA ÀS AUTORIDADES

Dmitri Erland.

O médico lunar que fazia parte da equipe de pesquisa da letumose. O médico que ajudou Cinder a fugir da prisão. O médico que era talvez o segundo fugitivo mais procurado da Terra, mais ainda do que Thorne.

Ela sabia que era ele antes mesmo de clicar na foto. Foi por isso que o homem pareceu familiar. De fato ela já o tinha visto antes.

Mas... ele não devia estar do lado deles?

Ela estava tão absorta na pergunta não respondida que não ouviu o sutil estalo da cama até que uma certa mão a segurou.

CAPÍTULO

Trinta e nove

CRESS SUFOCOU UM GRITINHO QUANDO FOI VIRADA. VIU-SE DE cara com um rosto que era ao mesmo tempo bonito e assassino, os olhos cintilando na luz da tela.

– Quem é você?

Seu instinto foi gritar, mas ela se controlou e engoliu o barulho até não passar de um choramingo.

– M-Me desculpe por invadir – disse ela. – Eu precisava de uma tela. M-Meu amigo está em perigo e eu precisava mandar uma mensagem e... Me desculpe, juro que não roubei nada. P-Por favor, não chame o doutor. Por favor.

Ele parecia ter parado de ouvir e estava observando o quarto com olhar gelado. Soltou o braço dela, mas permaneceu tenso e na defensiva. Não estava de camisa, mas tinha bandagens ao redor do tronco que o cobriam quase tanto quanto uma camisa cobriria.

– Onde estamos? O que aconteceu?

As palavras dele saíram atropeladas e arrastadas.

Ele fez uma careta e apertou bem os olhos. Quando voltou a abrir, parecia que não focava o olhar em nada.

Foi nessa hora que a atenção de Cress se desviou para uma coisa mais apavorante do que as cicatrizes claras e os músculos intimidantes.

Ele tinha uma tatuagem no braço. Estava escuro demais para ler, mas Cress soube na mesma hora o que era. Já tinha visto em incontáveis vídeos e fotos e documentários montados apressadamente. Ele era um agente especial lunar. Um dos mutantes da rainha.

Visões de homens enfiando as unhas nos peitos das vítimas, apertando os maxilares contra pescoços expostos, uivando para a

lua surgiram e se espalharam pela mente dela.

Dessa vez, não conseguiu controlar o instinto. Ela gritou.

Ele a segurou e forçou a fechar a boca com as mãos enormes. Ela chorou e tremeu. Estava prestes a morrer. Seu corpo seria tão resistente a ele quanto uma vareta de madeira.

Ele rosnou, e ela viu a ponta afiada dos dentes.

– Você devia ter me matado quando teve a chance – disse ele, com respiração quente no rosto dela. – Mas me transformou nisso, e vou matar você antes de me tornar outro experimento.

Entendeu?

Lágrimas começaram a escorrer pelos cílios. O maxilar doía no ponto em que ele segurava, mas ela estava com mais medo do que aconteceria quando a soltasse. Será que ele achava que ela trabalhava para o doutor? Seria possível que fosse mais uma vítima vendida para o coroa? Ele era lunar, eles tinham isso em comum. Se ela o convencesse de que eram aliados, talvez pudesse se afastar o bastante para sair correndo. Mas seria possível argumentar com esses monstros?

– *Entendeu?*

As pálpebras dela tremeram, e a porta atrás dele se abriu.

Os movimentos dele eram rápidos e fluidos, e a cabeça de Cress girou quando o homem se virou e a colocou na frente dele, grudando-a no peito. Ele cambaleou, como se o movimento repentino o tivesse deixado tonto, mas se controlou quando a luz se espalhou pelo quarto. Havia uma silhueta na porta; não o coroa, mas um guarda. Um guarda lunar.

Os olhos de Cress se arregalaram de reconhecimento. O guarda de *Sybil*. O piloto da nave de Sybil, que poderia tê-la salvado, mas não salvou.

O agente lobo sibilou. Cress teria caído se o aperto dele não fosse tão firme.

Sybil a tinha encontrado. Sybil estava aqui.

Suas lágrimas começaram a escorrer. Estava encurralada. Estava

morta.

– Dê um passo e eu quebro o pescoço dela!

O guarda não disse nada. Cress nem sabia se ele tinha ouvido a ameaça. Estava com as sobrancelhas erguidas enquanto avaliava a cena e pareceu reconhecê-la. Mas, em vez de vitorioso, ele só pareceu confuso.

– O que... Scarlet? – As palavras eram quase incompreensíveis por baixo do rosnado. – Onde está Scarlet?

– Você não é aquela hacker? – perguntou o guarda, ainda olhando para Cress.

O aperto do agente ficou mais forte.

– Você tem cinco segundos para me dizer onde ela está, senão a garota está morta e você será o próximo.

– Eu não estou com eles – disse Cress, sufocando. – Ele... ele não se importa comigo.

O guarda levantou as mãos em um gesto de calma. Cress se perguntou onde estava a mestra Sybil.

Como o aperto do agente não afrouxou, ela se deu conta de que os dois homens trabalhavam para a rainha lunar. Por que estariam ameaçando um ao outro?

– Relaxe – disse o guarda. – Vou chamar Cinder ou o doutor. Eles podem explicar.

O agente se encolheu.

– Cinder?

– Ela está na nave. – Ele desviou o olhar para Cress. – De onde você veio?

Ela engoliu em seco, sua cabeça ecoando a mesma pergunta que o agente fez.

Cinder?

– O que está acontecendo aqui?

Ela tremeu ao ouvir a voz do doutor, mais forte do que durante as negociações com Jina. Em seguida, passos. O guarda deu um passo para o lado a fim de permitir ao doutor entrar no quarto,

ainda escuro exceto pela luz do corredor. Cress até sentiu uma pontada de orgulho ao ver que deixara uma marca no maxilar dele.

Embora, no fim das contas, sua recente coragem não tenha feito bem nenhum a ela.

O doutor ficou imóvel e avaliou a cena.

– Ah, estrelas – murmurou ele. – De todos os momentos ruins...

Apesar de a visão dele ter reacendido o ódio de Cress, ela também se lembrou de que ele não era só um velho cruel que comprava escravos lunares. Era o homem que tinha ajudado Cinder a fugir.

A cabeça dela girou.

– Solte-a – disse o doutor, falando delicadamente. – Não somos seus inimigos. Essa garota não é sua inimiga. Por favor, deixe que eu explique.

Lobo afastou um braço dela e passou a mão pelo rosto. Oscilou por um momento, mas recuperou o equilíbrio.

– Já estive aqui antes – murmurou ele. – Cinder... África?

Um baque alto na escadaria distante invadiu a confusão dele. Em seguida, houve gritos, e Cress pensou ter ouvido seu nome, e a voz...

– Cress!

Ela deu um grito, esquecendo o aperto, exceto pelo fato de impedi-la de correr para cima dele.

– Capitão!

– CRESS!

O doutor e o guarda se viraram quando passos soaram no corredor. Eles todos viram o capitão Thorne, vendado, passar correndo direto pela porta.

– *Capitão!* Estou aqui!

Os passos pararam e mudaram de direção, e ele correu de volta até a bengala bater na moldura da porta. E ficou parado, ofegante, com uma das mãos na cintura. Estava com um hematoma horrível em um lado do rosto, embora estivesse quase todo escondido pela bandana.

– Cress? Você está bem?

O alívio dela não durou.

– Capitão! À sua esquerda há um guarda lunar e à sua direita há um médico que está fazendo testes em lunares, e estou sendo segurada por um dos híbridos lobos de Levana e *por favor tome cuidado!*

Thorne deu um passo para trás no corredor e tirou uma arma da cintura. Passou um momento virando o cano da arma em cada direção, mas ninguém se mexeu para atacá-lo.

Com certa surpresa, Cress percebeu que o aperto do agente diminuiu.

– Er ... – Thorne franziu a testa e apontou a arma para algum ponto perto da janela. – Você poderia descrever todas essas ameaças de novo? Porque eu sinto que perdi alguma coisa.

– Thorne?

Ele apontou a arma para Lobo e para Cress, que estava entre eles.

– Quem disse isso? Quem é você? Você a machucou? Porque juro que, se você a machucou...

O guarda lunar esticou o braço e tirou a arma da mão dele.

– Ei!

Furioso, Thorne ergueu a bengala, mas o guarda bloqueou o golpe com facilidade usando o antebraço e em seguida tomou a bengala. Thorne ergueu os punhos.

– Já chega! – gritou o doutor. – Ninguém está machucado e ninguém vai se machucar!

Rosnando, Thorne se virou para encará-lo.

– É o que você pensa, homem lobo... doutor... espere, Cress, qual deles é esse aqui?

– Eu sou o dr. Dmitri Erland e sou amigo de Linh Cinder. Você talvez me conheça como o homem que a ajudou a fugir da prisão de Nova Pequim.

Thorne deu um riso debochado.

– Bela história, mas tenho certeza de que fui *eu* que ajudei

Cinder a fugir da prisão.

– Improvável. O homem em quem você acabou de bater também é aliado de Cinder, assim como o soldado lupino que ainda está tomando analgésicos pesados e deve estar delirante e que sem dúvida vai arrebentar alguns pontos se não se deitar imediatamente.

– Thorne – disse o agente de novo, ignorando os avisos do doutor. – O que está acontecendo? Onde estamos? O que aconteceu com seus olhos?

Thorne inclinou a cabeça.

– Espere... *Lobo*?

– Sim.

Houve uma longa pausa antes que a compreensão tomasse conta da expressão de Thorne e ele risse.

– Ah, Cress, você quase me provocou um ataque cardíaco com o comentário sobre o lobo híbrido. Por que não me contou que era ele?

– Eu... hum...

– Onde está Cinder? – perguntou Thorne.

– Não sei – respondeu Lobo. – E onde... Achei que Cinder tivesse dito alguma coisa sobre Scarlet. Antes? – Com um dos braços ainda ao redor do pescoço de Cress, embora mais frouxo, ele levou a mão livre ao rosto, gemendo. – Só um pesadelo...?

– Cinder está aqui. Ela está em segurança – disse o médico.

Thorne sorriu. Foi o maior e mais enigmático sorriso que Cress viu desde o satélite.

Cress olhou pelo quarto, quase hiperventilando quando sua visão do mundo virou de cabeça para baixo.

O guarda de Sybil, que ela viu pela última vez a caminho da Rampion. Será que ele tinha traído Sybil e se juntado a eles?

O médico que ajudou Cinder a fugir da prisão.

O agente lobo. Só então, com o reconhecimento de Thorne, ela se deu conta de que ele era o homem que tinha visto no vídeo

quando eles fizeram contato com ela.

E em algum lugar... Cinder.

Em segurança. Eles estavam *em segurança*.

Thorne esticou a mão, e o guarda devolveu a bengala.

– Cress, você está bem? – Ele atravessou o quarto e se inclinou, como se fosse capaz de inspecioná-la... ou beijá-la, embora não tivesse feito isso. – Está ferida?

– Não, eu... eu estou bem. – As palavras eram tão estranhas, tão impossíveis. Tão libertadoras. – Como você me encontrou?

– Um dos homens de Jina me contou o nome deste lugar, e tudo o que precisei fazer foi mencionar “doutor maluco” para o pessoal lá fora, e todos sabiam de quem eu estava falando.

Com os joelhos fracos de repente, ela esticou as mãos para os antebraços dele para se estabilizar.

– Você veio me buscar.

Ele abriu um sorriso largo, parecendo um herói altruísta e ousado.

– Não pareça tão surpresa. – Ele largou a bengala e puxou-a para um abraço apertado que a arrancou de Lobo e a ergueu do chão. – Acontece que você vale *muito* dinheiro no mercado negro.

CAPÍTULO

Quarenta

CINDER ESTAVA SEGURANDO O CABELO COM AS MÃOS E OLHANDO a planta do palácio na tela em frente. Tinha passado o dia olhando para aquilo, mas o cérebro ficava dando voltas.

– Tudo bem. E se... se o doutor e eu conseguíssemos convites e entrássemos como convidados... e aí Jacin poderia criar uma distração... ou, não, se *você* criasse uma distração e Jacin fosse como um dos funcionários... mas o doutor é tão conhecido. Talvez Jacin e eu pudéssemos entrar como convidados e o doutor... mas aí como nós... *ugh*. – Ela jogou a cabeça para trás e olhou com raiva para o teto de metal da nave, com fios e dutos de ar entrecruzados. – Acho que posso estar complicando demais tudo isso. Talvez eu devesse ir sozinha.

– Sim, porque você não é *nada* reconhecível – disse Iko, pontuando a declaração inserindo a foto de Cinder da prisão no canto da planta.

Cinder gemeu. Isso nunca ia dar certo.

– Ah! Cinder!

Ela levou um susto.

– O quê?

– Isso acabou de aparecer no noticiário local.

Iko tirou a planta da tela e substituiu por um mapa do deserto do Saara. Um jornalista estava falando no fundo, e, enquanto elas assistiam, um círculo foi desenhado em algumas cidades próximas, com linhas e setas ligando-as. Uma legenda dizia: **CRIMINOSO PROCURADO CARSWELL THORNE VISTO EM CIDADE MERCADORA DO SAARA. FUGIU DA CAPTURA.**

Conforme o jornalista prosseguiu falando, a foto de Thorne da prisão surgiu na tela, seguida das palavras luminosas e em negrito: **ARMADO E PERIGOSO. COMUNIQUE AS AUTORIDADES IMEDIATAMENTE SE TIVER**

INFORMAÇÕES.

O estômago de Cinder deu um nó, primeiro de remorso e depois de pânico.

Era alarme falso. Thorne... Thorne estava morto. Alguém devia ter visto um sósia e tirado conclusões. Não era a primeira vez. De acordo com a imprensa, Cinder tinha sido vista várias vezes em todos os países da Terra, às vezes em vários locais ao mesmo tempo.

Mas isso não importava. Se as pessoas acreditavam que tinham visto a pessoa de verdade, eles viriam. Os guardas. Os militares. Caçadores de recompensas.

O deserto estava prestes a ser invadido por pessoas os procurando, e a Rampion ainda permanecia parada, óbvia e enorme, no meio de uma pequena cidade oásis.

– Não podemos ficar aqui – disse, colocando as botas. – Vou buscar os outros. Iko, passe o diagnóstico do sistema. Certifique-se de estarmos prontos para viagem espacial de novo.

Cinder desceu pela rampa antes de Iko responder e foi correndo até o hotel. Esperava que não demorasse para o doutor fazer as malas, e Lobo...

Ela torcia para os ferimentos dele terem cicatrizado o bastante para não haver problema em deslocá-lo. O doutor tinha começado a diminuir as doses. Será que seria seguro acordá-lo?

Quando contornou a esquina do hotel, viu uma garota encostada em um veículo elétrico; o carro era velho o suficiente para ser surrado e maltratado, mas não o bastante para ter qualquer apelo vintage. Por outro lado, a garota devia estar no fim da adolescência e era linda, com pele marrom-clara e tranças pintadas em tons de azul.

Cinder diminuiu a velocidade e se preparou para lutar. Não reconheceu a garota como alguém da cidade, e algo parecia errado nela, embora não identificasse o quê. Seria caçadora de recompensas? Detetive disfarçada?

A expressão da garota permaneceu vazia e entediada quando Cinder se aproximou.

Nenhuma expressão de reconhecimento. Isso era bom.

Mas aí ela sorriu e enrolou uma das tranças sedosas no dedo.

– Linh Cinder. É um prazer. Meu mestre falou tão bem de você.

Cinder fez uma pausa e a observou de novo.

– Quem é você?

– Me chamo Darla. Sou a amante do capitão Thorne.

Cinder piscou, sem entender.

– Como?

– Ele me pediu para ficar tomando conta do veículo – disse ela. –

Ele acabou de entrar para ser heroico. Tenho certeza de que vai ficar feliz de saber que você está aqui. Acho que acredita que você está em algum lugar do espaço.

Cinder olhou para a garota e para o hotel. Quando pareceu que a garota não tinha intenção nenhuma de pegar uma arma nem algemas e nem de deixar a posição ao lado do carro, Cinder abriu a porta. Correu escada acima com as palavras da garota girando na mente. Era brincadeira, armadilha ou truque. Não era possível que ela estivesse... que Thorne estivesse...

Seu pé bateu no patamar com tanta força que ela quase ficou surpresa de não ter quebrado o piso. Ao se virar para o corredor, viu Jacin em frente ao quarto de Lobo com os braços cruzados.

– Jacin... tem uma garota lá embaixo... ela disse... ela...

Ele deu de ombros e indicou o quarto.

– Veja você mesma.

Usando a parede como apoio, Cinder se juntou a ele em frente à porta.

O dr. Erland estava lá com um hematoma enorme no queixo.

E Lobo estava acordado.

E... estrelas do céu.

Ele estava imundo. As roupas, rasgadas e cobertas de sujeira, e o cabelo estava tão desgrenhado quanto no dia em que o conheceu

na cela da prisão. O rosto estava machucado, a barba por fazer ocupava o queixo, e ele usava, absurdamente, uma bandana vermelha sobre os olhos.

Mas estava sorrindo e com o braço ao redor da cintura de uma loura baixinha, e não havia dúvida de que era ele.

Cinder demorou alguns segundos para encontrar a voz e precisou segurar na moldura da porta para ficar de pé.

– Thorne?

Ele virou a cabeça.

– Cinder?

– O q... que você... como? Onde você *estava*? O que está acontecendo? Por que você está usando essa bandana horrível?

Ele riu. Pegou a bengala de madeira e cambaleou na direção dela, balançando a mão até encostar no ombro. Logo ele a estava abraçando, sufocando contra o peito.

– Também senti saudade.

– Seu imbecil – sussurrou ela, mas retribuindo o abraço. –

Pensamos que você estivesse morto!

– Ah, por favor. Seria preciso muito mais do que um satélite que cai na Terra para me matar. Mas admito que Cress pode ter nos salvado dessa vez.

Cinder o empurrou.

– Qual é o problema com seus olhos?

– Estou cego. É uma longa história.

A língua dela hesitou com todas as perguntas lutando para sair, e ela finalmente elaborou uma:

– Quando você conseguiu tempo para arrumar uma *amante*?

O sorriso dele oscilou.

– Não fale de Cress assim.

– O quê?

– Ah... espere! Você está falando de *Darla*. Eu a ganhei em um jogo de cartas.

Cinder olhou para ele com assombro.

- Achei que ela seria um bom presente para Iko.
- Você... o quê?
- Como corpo substituto?
- Hum.

– Porque Darla é uma androide-acompanhante.

A compreensão foi lenta e gradual. Uma androide-acompanhante. Isso explicaria a simetria perfeita da garota e os cílios ridiculamente longos. E o fato de a presença parecer *desligada*, porque não havia bioeletricidade sendo emitida por ela.

– Sinceramente, Cinder, quem escuta você pensaria que sou um paquerador convicto. – Balançando-se nos calcanhares, Thorne indicou a garota loura. – Aliás, você se lembra de Cress?

A garota deu um sorriso desconfortável. Só nesse momento, Cinder a reconheceu, com bochechas queimadas de sol e descascando e o cabelo cortado curto e irregular.

– Oi – disse Cinder, apesar de a garota ter se escondido depressa atrás de Thorne e olhado com nervosismo para todas as pessoas no quarto.

Cinder limpou a garganta.

– E, Lobo, você está acordado. Isso é... eu... er, escute, Thorne. Você foi visto em uma cidade próxima. Já estão montando equipes de busca. Essa área toda vai ficar lotada de pessoas nos procurando. – Ela olhou para o doutor. – Nós precisamos sair daqui. Já.

– Cinder?

Ela ficou tensa. A voz de Lobo estava rouca e desesperada. Ela ousou olhar nos olhos dele. A testa, molhada de suor, as pupilas, dilatadas.

– Eu tive um sonho em que você dizia... você me contava que Scarlet...

Cinder engoliu em seco e desejou poder evitar o inevitável.

– Lobo...

Ele ficou pálido ao ver no rosto dela antes mesmo de ela falar.

– Não foi sonho – murmurou ela. – Ela foi levada.

- Espere, o quê? – Thorne inclinou a cabeça. – O que aconteceu?
- Scarlet foi levada pela taumaturga depois que fomos atacados.

Thorne falou um palavrão. Lobo se apoiou na parede com expressão vazia. O silêncio dominou o quarto, até que Cinder se obrigou a ficar mais ereta, a ser otimista, a não perder a esperança.

– Acreditamos que tenha sido levada para Luna – disse –, e tenho uma ideia. De como podemos chegar a Luna sem sermos vistos e como podemos encontrá-la e salvá-la. E, agora que estamos todos juntos de novo, acredito que pode dar certo. Vocês só precisam confiar em mim. E, neste momento, não podemos ficar aqui. Temos que ir embora.

- Ela está morta – sussurrou Lobo. – Eu falhei com ela.
- Lobo. Ela não está morta. Você não sabe.
- Nem você.

Ele se encolheu e afundou o rosto nas mãos. Os ombros começaram a tremer, e foi como antes. A forma como a sua energia escureceu e ficou densa ao redor dele. A forma como ele pareceu vazio, ausente.

Cinder deu um passo na direção dele.

– *Ela não está morta.* Eles vão querer ficar com ela como... como isca. Para terem informações. Não a matariam, simplesmente. Então ainda há tempo, há tempo para...

A raiva dele se acendeu como uma explosão. Em um momento, não havia nada. Em seguida, uma fagulha, e, de repente, ele estava fervendo, irado e furioso.

Ele esticou as mãos para Cinder, virou-se e prendeu-a contra a parede com tanta força que a tela tremeu e ameaçou cair no chão. Cinder ofegou e apertou o pulso de Lobo com as mãos enquanto ele a mantinha suspensa pelo pescoço, com os pés longe do chão. Os avisos no display da retina dela foram instantâneos: aumento na pulsação e na adrenalina e na temperatura e respiração irregular e...

- Você acha que eu quero isso? – rosnou ele. – Que eles tenham

ficado com ela *viva*? Você não sabe o que vão fazer com ela... mas *eu sei*. – Em outro momento, a fúria sumiu e foi afundada embaixo do terror e da infelicidade. – Scarlet...

Ele a soltou, e Cinder caiu no chão, massageando o pescoço. Em meio ao tumulto em seus pensamentos, ela ouviu Lobo se virar e sair correndo, com os passos estalando no chão, até o quarto do dr. Erland.

Quando pararam, houve um silêncio curto que ocupou todo o hotel. E então, um uivo.

Um uivo horrível, doloroso e sofrido, que penetrou nos ossos de Cinder e fez seu estômago revirar.

– Maravilha – comentou o dr. Erland. – Fico feliz de ver que você estava bem mais preparada dessa vez.

Sibilando de dor, Cinder usou a parede para se apoiar e se levantar, e olhou ao redor para seus amigos, seus aliados. Cress ainda se escondia atrás de Thorne, os olhos arregalados de choque. Jacin estava com os dedos no cabo da faca. O dr. Erland, com o cabelo grisalho desgrenhado e os óculos na ponta do nariz, não podia parecer menos impressionado.

– É melhor vocês irem – disse ela. Sua garganta ardia. – Carreguem a nave. Cuidem para que Iko esteja pronta para partir.

Outro uivo longo de partir o coração fez o hotel tremer, e Cinder se preparou da melhor forma que pôde.

– Vou buscar Lobo.

CAPÍTULO

Quarenta e um

CRESS SEGUIU O GUARDA PELA ESCADA DO HOTEL. THORNE ESTAVA atrás dela, com uma das mãos em seu ombro e a outra segurando a bengala. Ela o avisou do último degrau ao virar-se no corredor escuro. O dr. Erland estava atrás, já fazendo barulhos de cansaço por carregar o valioso equipamento de laboratório escada abaixo.

Era difícil para Cress se concentrar. Ela nem sabia para onde estavam indo. Para a nave, Cinder disse? Na hora, Cress tinha sido tomada de horror por ver o agente lunar surtar. Os uivos ainda ecoavam nos tímpanos dela.

O guarda abriu a porta do hotel, e todos saíram para a rua coberta de areia. Dois passos depois, ele parou e esticou os braços para impedir Cress, Thorne e o doutor de se chocarem contra ele.

Choramingando, Cress tremeu junto de Thorne e observou a rua.

Dezenas de homens e mulheres de uniformes oficiais de militares da Comunidade os cercavam com as armas erguidas. Ocupavam as ruas e os espaços entre os prédios, olhavam de cima de telhados e por trás de naves cobertas de ferrugem.

– Cress? – sussurrou Thorne ao sentir a tensão no ar tenso.

– Militares – murmurou ela. – Um monte. – O olhar dela pousou em uma garota de cabelo azul, e um ódio imediato surgiu dentro do peito dela. – O que *ela* está fazendo aqui?

– O quê? Quem?

– Aquela... aquela *garota* da outra cidade.

Thorne inclinou a cabeça.

– É Darla. A androide-acompanhante? Por que você e Cinder ficam tão confusas com isso?

Os olhos dela se arregalaram. *Ela* era uma androide-

acompanhante?

A garota os observava sem emoções, de pé entre dois soldados e com as mãos inertes ao lado do corpo.

– Me desculpe, mestre – disse ela, com a voz se espalhando pelo silêncio. – Eu teria avisado, mas seria ilegal, e minha programação me impede de violar leis humanas.

– É, essa vai ser a primeira coisa que vamos consertar – fala Thorne antes de sussurrar para Cress. – Eu tive que achar uma brecha para ela me ajudar a roubar aquele carro.

Uma voz soou alto, e Cress demorou um momento para ver o homem segurando um tablet e um amplificador em frente à boca.

– Vocês estão presos por abrigarem e ajudarem fugitivos procurados. Deitem-se de barriga para baixo e coloquem as mãos na cabeça, e ninguém vai se machucar.

Tremendo, Cress esperou para ver o que o guarda faria. A arma que ele tinha tirado de Thorne ainda se encontrava presa no cinto, mas as mãos estavam cheias de coisas do doutor.

– Vocês estão cercados – prosseguiu o homem, uma vez que ninguém se mexeu. – Não há para onde ir. Deitem-se agora.

O guarda se moveu primeiro, ficou de joelhos e colocou a bolsa de suprimentos médicos e a máquina estranha no chão antes de se deitar na terra.

Engolindo em seco, Cress fez o mesmo e foi para o chão. Thorne se abaixou ao lado dela.

– Estrelas do céu – gemeu o doutor, resmungando ao se juntar a eles no chão. – Sou velho demais para isso.

Com calor e desconforto e pedras ásperas apertando a barriga, Cress colocou as palmas das mãos na cabeça.

O militar esperou até que todos estivessem no chão para voltar a falar:

– Linh Cinder. Você está cercada. Venha para a frente imediatamente com as mãos na cabeça e ninguém ficará ferido.



CINDER SOLTOU UMA SÉRIE DOS PALAVRÕES MAIS CRIATIVOS EM que conseguiu pensar quando a voz do homem sumiu. Deixou Lobo no corredor, onde ele não estava reagindo aos lembretes de que um colapso mental não teria a menor utilidade para ajudar Scarlet. Só ficou sentado encolhido, a cabeça encostada nos joelhos, sem dizer nada.

Cinder entrou abaixada no quarto de hotel do doutor e se aproximou da janela para espiar.

O telhado do outro lado da viela estava com dois militares com as armas apontadas para ela.

Ela soltou a persiana e falou outro palavrão enquanto se grudava à parede.

Uma mensagem de Iko apareceu em sua visão. Ela a abriu, já temendo o que diria.

O RADAR ESTÁ CAPTANDO NAVES MILITARES DA
COMUNIDADE. ACHO QUE FOMOS ENCONTRADOS.

– Você acha? – murmurou ela.

Ela fechou os olhos e elaborou uma mensagem rápida, vendo as palavras nas pálpebras enquanto pensava nelas.

NO HOTEL, CERCADA DE MILITARES DA C.N.O.,
PREPARE-SE PARA DECOLAGEM IMEDIATA. NÃO VAMOS
DEMORAR... EU ESPERO.

Ela soltou a respiração devagar e voltou a abrir os olhos. Como poderia passar um agente lobo em crise, um cego e um médico idoso por todos esses soldados sem ninguém ser morto?

Ela duvidava que a garota fosse ajudar muito. Cress não parecia o tipo ousado e que corre riscos, e Cinder duvidava que tivesse muita

experiência em lutas para sair de situações assim.

Ela podia abandonar os amigos e tentar fugir sozinha. Podia tentar controlar Lobo e usá-lo como arma, mas nem ele era capaz de matar tantos soldados de uma vez, e eles não hesitariam em matá-lo. Podia tentar fazer lavagem cerebral nos soldados para que os deixassem passar, mas teria que abandonar Lobo se ele não fosse junto por vontade própria.

Do lado de fora, o oficial repetiu as ordens várias vezes, como um robô.

Empertigando os ombros, ela se virou para Lobo no corredor.

– *Lobo* – disse ela, agachando-se ao lado dele. – Preciso que você me ajude aqui.

Ele se mexeu o bastante para olhar para ela por cima do braço. Os olhos verdes pareciam apagados e sem vida.

– Lobo, *por favor*. Precisamos chegar à nave, e há muitas pessoas com armas lá fora. Vamos lá... O que Scarlet iria querer que você fizesse?

Seus dedos se dobraram e as unhas afundaram nas coxas. Mas ele continuou sem dizer nada, não fez nenhum gesto de que ia se levantar.

A voz do militar soou de novo. *Você está presa. Saia com as mãos na cabeça. Você está cercada.*

– Tudo bem. Você não me deixa escolha.

Ela ficou de pé e obrigou os ombros a relaxar. O mundo mudou ao redor quando ela desligou o pânico e o desespero e procurou a energia que estalava ao redor de Lobo.

Só que, dessa vez, não estava em chamas. Não como era de costume.

Dessa vez, foi como controlar um cadáver.



Pelo menos sessenta armas foram apontadas para eles, que ela pudesse ver. Sem dúvida havia mais escondidas entre prédios e veículos.

Jacin, Thorne, dr. Erland e Cress estavam deitados no chão.

Duas ruas os separavam da nave.

Ela ficava alimentando Lobo com mentiras como medicação intravenosa gotejando. *Scarlet vai ficar bem. Nós vamos encontrá-la. Nós vamos salvá-la. Mas primeiro temos que sair dessa confusão. Temos que chegar à nave.*

Com o canto do olho, ela viu os dedos dele tremerem, mas não sabia se ele reconhecia que ainda havia esperança lá fora ou se só estava com raiva dela por usá-lo assim. Por transformá-lo em uma marionete, como a taumaturga o transfigurara em um monstro.

Nos degraus do hotel, com sessenta armas apontadas para ela, Cinder percebeu que não era melhor do que aquela taumaturga. Isso era uma guerra, e ela estava mesmo no meio dela.

Se tivesse que fazer sacrifícios, faria.

O que isso fazia dela? Uma criminosa de verdade? Uma ameaça de verdade?

Uma lunar de verdade?

– Coloquem as mãos na cabeça e se afastem do prédio. Não façam movimentos repentinos. Estamos autorizados a matar se necessário.

Cinder fez Lobo ficar ao seu lado. Os dois andaram juntos. O ar poeirento os envolvia e grudava na pele. Uma dor cega se espalhava pela cabeça dela, mas não era tão difícil controlar Lobo como antigamente. Na verdade, a facilidade a deixou enjoada. Ele não estava nem tentando resistir.

– Já estava na hora – murmurou Thorne quando ela passou.

– Cinder... salve-se – sibilou o dr. Erland.

Ela fez o melhor possível para não mover os lábios quando falou:

– Você consegue usar o glamour nesses?

– Pare aí mesmo!

Ela obedeceu.

– De joelhos, agora. Fique com as mãos levantadas.

– Só alguns – disse o dr. Erland. – Talvez juntos...

Ela balançou a cabeça.

– Estou com Lobo. Fora isso... consigo controlar um terráqueo, talvez dois.

Ela trincou os dentes. Apesar do que o doutor disse, ela não podia simplesmente se salvar. Não era apenas lealdade e amizade que fazia cada fibra do corpo dela se rebelar contra a noção de que podia abandoná-los todos.

Era a certeza de que, sem eles, ela era inútil. Precisava deles para impedir o casamento e salvar Kai. Precisava deles para levarem-na a Luna. Precisava deles para ajudarem-na a salvar o mundo.

– Jacin? Você consegue controlar algum deles?

– Ah, claro. – Ela praticamente o ouviu revirando os olhos. – A única forma de encarar isso é lutando.

Thorne resmungou:

– Falando nisso, alguém viu minha arma?

– Está comigo – disse Jacin.

– Pode me devolver?

– Não.

– Eu ordeno que vocês parem de falar! – gritou o homem. – Se eu vir mais lábios se mexendo, a pessoa vai levar uma bala na cabeça, entenderam? No chão!

Cinder fez questão de olhar com raiva para o homem enquanto dava outro passo à frente.

Como dominós empurrados, ela ouviu o destravar de sessenta mecanismos de segurança ao redor.

Cress choramingou. A mão de Thorne tateou pelo chão até segurar a dela.

– Tenho seis tranquilizantes – falou Cinder. – Vamos torcer para bastar.

– Não vai – murmurou Jacin.

– É o último aviso...

Cinder ergueu o queixo e grudou o olhar no homem. Ao lado dela, Lobo assumiu postura de luta, com os dedos encolhidos e prontos, tudo por sugestão de Cinder. Pela primeira vez, ela sentiu uma pontada de nova emoção vinda dele. Ódio, pensou ela. Dela.

Ela ignorou o sentimento.

– Esse é seu *primeiro* aviso – disse ela.

Ela deixou Lobo pronto, selecionou uma dentre os soldados terráqueos que estavam na linha de frente e usou toda a força de vontade. A jovem se virou e apontou a arma para o homem que estava no comando. Os olhos da mulher se arregalaram de choque enquanto olhavam para as próprias mãos rebeldes.

Ao redor dela, mais seis soldados mudaram os alvos e miraram nos colegas, e Cinder soube que estavam sob o controle do dr. Erland.

E isso era tudo o que eles tinham. Sete soldados terráqueos à sua disposição. A arma de Jacin. A fúria de Lobo.

Seria um banho de sangue.

– Abaixem as armas e nos deixem passar – declarou Cinder –, e ninguém vai se machucar.

O homem apertou os olhos para ela e fez questão de não olhar para a colega que o mantinha sob a mira da arma.

– Você não tem como vencer isso.

– Eu não disse que tinha – disse Cinder. – Mas podemos provocar muitos danos tentando.

Ela abriu a ponta do dedo e carregou um tranquilizador do cartucho na palma da mão quando uma onda de tontura a atingiu. Sua força estava falhando. Não poderia segurar Lobo por muito tempo. Se perdesse o controle e ele surtasse de novo... ela não sabia o que Lobo faria. Entraria em coma de novo, sairia em um surto louco ou viraria a raiva para ela e para o resto dos amigos?

Ao lado dela, Lobo rosnou.

– Na verdade, *podemos* vencer – disse uma voz de mulher.

Cinder ficou tensa. Havia uma vibração no ar. Uma onda de incerteza. O homem com o tablet se virou quando silhuetas começaram a surgir dos prédios ao redor, chegando por vielas, se materializando em janelas e portas.

Homens e mulheres, jovens e velhos. Vestidos com as calças jeans surradas e camisas frouxas de algodão, com lenços nas cabeças e chapéus de algodão, tênis e botas.

Cinder engoliu em seco e reconheceu quase todos da breve estada em Farafrah. Os que levaram comida para ela. Os que a ajudaram a pintar a nave. Os que fizeram desenhos ciborgues nos corpos.

O coração dela inflou por um momento, mas despencou na barriga.

Isso não terminaria bem.

– Isso é uma questão de segurança internacional – avisou o homem. – Estou mandando que todos voltem para suas casas. Qualquer pessoa que contrarie essa ordem vai ser presa por obstrução da justiça pelas leis da União Terráquea.

– Então nos prenda por obstrução. *Depois* de deixá-los passar.

Cinder apertou os olhos contra o brilho do sol em busca da fonte da voz. Ela viu a mulher da loja de remédios. A lunar cujo filho se matou para não entrar na guarda de Levana.

Alguns dos soldados mudaram as miras das armas, afastando de Cinder e apontando para a multidão, mas o homem com o amplificador levantou um dos braços.

– Essas pessoas são criminosos procurados! Não queremos usar força letal para apreendê-las, mas faremos isso se necessário. Peço que se afastem e voltem para suas casas.

A ameaça foi seguida de um impasse, embora os poucos rostos civis que Cinder conseguia ver não parecessem assustados. Só determinados.

– Essas pessoas são nossos amigos – disse a vendedora. – Elas vieram para cá procurando abrigo, e não vamos deixar que as

levem daqui.

O que eles estavam pensando? O que podiam fazer? Eles podiam estar em número maior do que os soldados, mas se encontravam desarmados e não eram treinados. Se ficassem no caminho, seriam massacrados.

– Vocês não estão me dando escolha – falou o homem, os dedos apertando o tablet. Uma gota de suor escorreu pelo lado do rosto dele.

O tom da vendedora assumiu um novo veneno.

– *Você não faz ideia* do que é não ter escolha.

Os dedos dela tremeram, um gesto imperceptível, mas o efeito passou como uma onda de choque pela multidão. Cinder se encolheu. Ao olhar ao redor, viu que muitas das pessoas da cidade pareciam tensas de repente, com as testas franzidas e os membros tremendo.

E ao redor deles os soldados começaram a se mexer. A redirecionar a mira, assim como fizeram os controlados por Cinder e pelo dr. Erland, até que todos os soldados apontavam para o que estava ao lado, até que todos os soldados tinham uma arma apontada para a cabeça.

Os olhos perplexos se encheram primeiro de descrença e depois de terror.

Só o líder ficou de pé no meio, olhando boquiaberto para a própria tropa.

– É assim – disse a mulher. – Ter seu corpo usado contra você. Saber que seu cérebro se tornou um traidor. Nós viemos para a Terra a fim de fugir disso, mas estamos todos perdidos se Levana conseguir o que ela quer. Eu não sei se essa moça pode impedi-la, mas parece que é a única em quem vale a pena botar fé agora, então é isso que nós vamos fazer.

Cinder deu um grito repentino quando a dor explodiu na cabeça. Seu poder sobre Lobo e a soldado ruiu. Seus joelhos se dobraram, mas de repente havia um braço na cintura dela

segurando-a.

Ofegando pelo esforço mental, ela olhou para o rosto de Lobo. Os olhos dele estavam verdes e cintilantes de novo. Normais.

– Lobo...

Ele afastou o olhar quando uma arma caiu no chão. Cinder deu um pulo. A mulher que ela controlava estava olhando para os colegas e tremendo. Sem saber para onde olhar. Sem saber o que fazer. Ela levantou as mãos com nervosismo em sinal de rendição.

Vermelho de raiva, o homem com o tablet baixou o amplificador. Ele encarou Cinder de novo com os olhos cheios de ódio. Em seguida, jogou o tablet no chão.

Lobo virou a cabeça de um lado para outro.

– Hã, alguém pode me explicar...

– Mais tarde – disse Cinder, deixando o peso ser sustentado por Lobo. – Levantem-se. Está na hora de a gente ir.

– Eu que não vou discutir – falou Thorne quando ficou de pé junto com os outros. – Mas alguém acha que pode pegar minha androide-acompanhante? Eu passei por muita coisa pra consegui-la e...

– *Thorne.*

Cinder sentiu-se tonta e fraca quando seguiram por entre as pessoas. A sensação era de andar por um labirinto de esculturas de pedra, esculturas com armas grandes que os acompanhavam com os olhos, contorcendo-se por dentro de raiva e desconfiança. Cinder tentou olhar nos olhos das pessoas da cidade, mas muitas delas estavam com olhos fechados e tremiam de concentração. Não segurariam os soldados para sempre.

Só os óbvios terráqueos olharam nos olhos dela e assentiram com sorrisos assustados e fugidios. Não com medo dos vizinhos lunares, pensou ela, mas do que aconteceria se Levana assumisse o controle da Terra. Do que aconteceria se os lunares comandassem tudo. Do que aconteceria se Cinder falhasse.

Jacin segurou o pulso da androide-acompanhante e a puxou

junto com eles.

– Aquela mulher está certa – disse Lobo quando se afastaram da multidão, e a Rampion, a liberdade deles, surgiu na rua à frente. – Não tem nada pior do que ter seu corpo usado contra você.

Cinder tropeçou, mas Lobo a segurou e a arrastou por alguns passos até ela se equilibrar de novo.

– Me desculpe, Lobo. Mas eu precisei. Não podia deixar você aqui.

– Eu sei. Entendo. – Ele esticou a mão e pegou uma bolsa que estava com o doutor para diminuir a carga dele enquanto seguiam para a nave. – Mas não muda o fato de que ninguém devia ter esse tipo de poder.

CAPÍTULO

Quarenta e dois

O GAROTO LUNAR NÃO PODIA TER MAIS DO QUE OITO ANOS, MAS Scarlet tinha certeza de que torceria o pescoço dele como o de uma galinha se tivesse chance. Não havia dúvida de que era a criança mais horrível do mundo. Ela não conseguia deixar de pensar que, se todas as crianças lunares fossem assim, a sociedade deles toda estava amaldiçoada e Cinder devia deixá-los se destruir.

Scarlet não sabia como exatamente tinha acabado se tornando propriedade do Venerável Annotel, sua esposa e o monstinho que criaram. Talvez fosse favoritismo da coroa ou talvez eles a tivessem comprado, como uma família terráquea poderia comprar um novo androide. Fosse como fosse, havia sete dias que ela era o brinquedo novo. O bichinho novo. A cobaia nova.

Porque, aos oito anos, o jovem mestre Charleson estava aprendendo a controlar seu dom lunar. Evidentemente, terráqueos eram bons de se usarem nos treinos, e mestre Charleson tinha um senso de humor muito distorcido.

Acorrentada com uma coleira no pescoço a um parafuso no chão, Scarlet ficava no que ela achava que era a sala de brinquedos do garoto. Uma tela enorme ocupava uma parede, e incontáveis máquinas de realidade virtual e aparelhos esportivos estavam abandonados nos cantos, fora de alcance.

As sessões de treino eram um sofrimento. Desde que chegou à casa dos Annotel, Scarlet teve que aguentar aranhas de pernas compridas subindo pelo nariz. Cobras do tamanho do braço dela se contorcendo pelo umbigo e se enrolando no tronco. Centopeias entupindo seus canais auditivos e rastejando para dentro do crânio antes de sair na língua.

Scarlet gritou. Scarlet se debateu. Enfiou as próprias unhas na

barriga e assoou o nariz até sangrar em uma tentativa de se livrar dos invasores.

Durante esse tempo todo, mestre Charleson só riu e riu e riu.

Era tudo na cabeça dela, claro. Ela sabia disso. Sabia até quando batia com a cabeça no chão para tentar tirar as aranhas e as centopeias. Mas não importava. O corpo estava convencido, o cérebro também. A mente racional tinha sido dominada.

Ela odiava aquele garotinho. *Odiava.*

Também odiava o fato de que estava começando a ficar com medo dele.

– Charleson.

A mãe apareceu na porta e resgatou temporariamente Scarlet da mais nova paixão dele, toupeiras com olhos apertados, corpos gordos e enormes garras reptilianas. Um mordida os dedos dos pés dela enquanto as unhas rasgavam a sola.

A ilusão e a dor sumiram, mas o horror permaneceu. A dor na garganta. A umidade salgada no rosto. Scarlet rolou de lado e chorou no meio do piso da sala de brinquedos, grata porque o garoto não sustentava a lavagem cerebral enquanto estava distraído.

Scarlet não prestou atenção na conversa até Charleson começar a gritar e se esforçou para abrir os olhos inchados. O garoto estava tendo um ataque de birra. A mãe falava com voz tranquilizadora, tentando acalmá-lo. Prometendo alguma coisa. Parecia que Charleson não estava satisfeito. Um minuto depois, ele saiu da sala batendo os pés, e Scarlet ouviu a porta bater.

Ela expirou em alívio trêmulo. Os músculos relaxaram, como nunca conseguiam quando o terror estava por perto.

Empurrou o capuz vermelho e um emaranhado de cachos para longe do rosto. A mãe lançou um olhar horrível, como se Scarlet fosse uma toupeira nojenta, tão ofensiva quanto uma invasão de vermes na bancada imaculada da cozinha.

Sem uma palavra, ela se virou e saiu da sala.

Não demorou para uma sombra diferente ocupar a porta, um homem bonito usando um casaco preto de mangas compridas.

Um taumaturgo.

Scarlet quase ficou feliz em vê-lo.



– ELA FOI CAPTURADA DURANTE MINHA BATALHA COM LINH CINDER. A garota era uma das cúmplices dela.

– A batalha na qual você falhou em erradicar ou apreender a ciborgue?

As narinas de Sybil se dilataram enquanto ela andava entre Scarlet e o trono de mármore entalhado. Estava usando um casaco novo e impecável e se movia com uma rigidez estranha, sem dúvida como resultado do ferimento à bala.

– Correto, minha rainha.

Sybil uniu as mãos nas costas, e os nós dos dedos ficaram brancos.

– Infelizmente, nossos técnicos de software não tiveram sucesso no rastreio da Rampion usando a nave de passeio e nem com o chip D-COMM que confisquei. Portanto, o propósito principal desse interrogatório é para averiguar que informações nossa prisioneira pode fornecer à nossa busca contínua pela ciborgue.

A rainha Levana assentiu.

Scarlet, ajoelhada no centro da sala do trono feita de pedra e vidro, tinha uma boa visão da rainha, e, apesar de parte dela querer afastar o olhar, era difícil. A rainha lunar era tão linda quanto sempre disseram, mais até. Scarlet desconfiava de que houve uma época em que os homens fariam guerras para ter uma mulher com tamanha beleza.

Atualmente, o imperador Kai estava sendo obrigado a se casar com ela para *impedir* uma guerra.

Em seu estado mental faminto, delirante e exausto, Scarlet quase

riu da ironia. Engoliu a gargalhada, mas foi por pouco.

A rainha reparou no tremor nos lábios dela e franziu a testa.

Com a pulsação acelerada, Scarlet observou a sala do trono. Apesar de ter sido obrigada a se ajoelhar, eles não prenderam as mãos dela. Com a própria rainha presente, mais um bando de guardas e um total de dez taumaturgos (Sybil Mira, mais três de vermelho e seis de preto), ela achava que eles não estavam muito preocupados com a possibilidade de ela tentar fugir.

Além disso, as cadeiras forradas de veludo de cada lado do trono estavam lotadas de pelo menos cinquenta... bem, Scarlet não sabia *quem* eles eram. Jurados? A imprensa lunar? Aristocratas?

Sabia que estavam ridículos. As roupas cintilavam, flutuavam e brilhavam. Os rostos, pintados como sistemas solares e prismas de arcos-íris e animais selvagens. Os cabelos eram coloridos e se encaracolavam e estufavam, desafiando a gravidade para criar estruturas enormes e elaboradas. Algumas das perucas até abrigavam pássaros canoros engaiolados, apesar de estarem incrivelmente silenciosos.

Com esse pensamento, ocorreu a Scarlet que era só glamour que ela estava vendo. Esses lunares podiam estar usando um saco de batatas, pelo que ela sabia.

Os saltos de Sybil Mira bateram no chão duro e atraíram a atenção de Scarlet de volta.

– Por quanto tempo você fez parte da rebelião de Cinder antes de sua captura?

Ela olhou para a taumaturga e sentiu a garganta doendo de tanto gritar. Considerou não dizer nada. O olhar se desviou para a rainha.

– Por quanto tempo? – disse Sybil, seu tom já ficando impaciente.

Mas, não, Scarlet não pretendia ficar em silêncio. Eles iam matá-la, isso estava óbvio. Não era tão ingênua a ponto de não ver sua própria mortalidade se fechando à sua volta. Afinal, havia manchas de sangue no piso da sala, fazendo uma trilha na direção da parede oposta ao trono da rainha. Ou onde devia haver uma parede, mas

só havia uma enorme janela aberta e um parapeito que se projetava e não levava a nada.

Eles estavam bem alto, no terceiro ou quarto andar, pelo menos. Scarlet não sabia o que tinha depois do parapeito, mas achava que era uma forma conveniente de se livrar de corpos.

Sybil a segurou pelo queixo.

– Sugiro que você responda à pergunta.

Scarlet trincou os dentes. Sim, ela responderia. Quando teria uma plateia assim de novo?

Quando Sybil a soltou, ela voltou a atenção para a rainha.

– Eu me juntei a Cinder na noite em que seus agentes especiais atacaram – disse, a voz rouca, mas forte. – Também foi a noite em que você matou minha avó.

A rainha Levana não reagiu.

– Você não deve fazer ideia de quem era minha avó. Nem quem eu sou.

– E isso é relevante para esses procedimentos? – perguntou Sybil, parecendo irritada por Scarlet ter tomado conta do interrogatório.

– Ah, sim. É muito relevante.

Levana apoiou a bochecha nos dedos e fez cara de tédio.

– O nome dela era Michelle Benoit.

Nada.

– Ela serviu vinte e oito anos como militar na Europa, como piloto. Recebeu uma medalha uma vez, por ser piloto de uma missão até aqui, até Luna, para discussões diplomáticas.

Um apertar de olhos de leve.

– Muitos anos depois, um homem que ela conheceu em Luna apareceu na porta dela com uma entrega muito interessante. Uma garotinha... quase morta, mas só quase.

Um enrugar ao redor dos lábios.

– Durante anos, minha avó manteve a garotinha escondida, manteve-a viva, e acabou pagando por isso com a vida. Isso foi na noite em que me juntei a Linh Cinder. Foi na noite em que me

juntei ao lado da verdadeira rainha de...

Sua língua congelou e seu maxilar e sua garganta ficaram imobilizados.

Mas seus lábios conseguiram dar um sorriso arrogante. Ela já tinha dito mais do que Levana permitiria, e a fúria nos olhos da rainha fez valer a pena.

A plateia estava se mexendo delicadamente, sem ninguém ousar falar, mas todos lançavam olhares confusos uns para os outros pela sala.

Sybil Mira ficou pálida enquanto olhava de Scarlet para a rainha.

– Peço desculpas pela falação da prisioneira, minha rainha. Você gostaria que eu continuasse a interrogá-la em particular?

– Isso não vai ser necessário. – A voz da rainha Levana estava lírica e calma, como se as palavras de Scarlet não tivessem incomodado em nada, mas Scarlet sabia que era só de fachada. Viu o brilho de ódio mortal nos olhos da rainha. – Pode continuar com as perguntas, Sybil. Mas estamos programadas para partir para a Terra hoje, e eu odiaria me atrasar. Talvez sua prisioneira pudesse ter um pouco de motivação para ficar concentrada nas respostas que queremos.

– Eu concordo, Vossa Majestade.

Sybil assentiu para os guardas reais que ladeavam as portas.

Momentos depois, uma plataforma de rodinhas foi empurrada para a sala do trono, e a plateia pareceu se animar.

Scarlet engoliu em seco.

Na plataforma havia um grande bloco de madeira de ébano, intrincadamente entalhado de todos os lados com imagens de pessoas se prostrando na frente de um homem de túnica comprida e leve que usava uma lua crescente como coroa. Em cima do bloco, em meio a centenas de marcas de golpe, havia uma machadinha de prata.

Scarlet foi puxada por dois guardas até ficar de pé e ser arrastada à plataforma. Ela soltou a respiração devagar e ergueu o

queixo, tentando sufocar o medo crescente.

– Me diga – disse Sybil, passando atrás dela. – Onde está Linh Cinder agora?

Scarlet sustentou o olhar da rainha.

– Eu não sei.

Uma hesitação, e sua mão a traiu, se esticou e pegou o cabo de prata. A garganta dela se apertou.

– Onde ela está?

Scarlet trincou os dentes.

– Eu. Não. Sei.

A mão dela arrancou a machadinha da madeira.

– Vocês devem ter conversado sobre a possibilidade de um pouso de emergência. Um lugar seguro caso fosse necessário. Me conte. *Especule* se precisar. Para onde ela teria ido?

– Eu não faço ideia.

A outra mão de Scarlet bateu em cima do bloco, com os dedos abertos sobre madeira escura. Ela sufocou um grito por causa dos movimentos repentinos e, finalmente, arrancou o olhar da rainha a fim de olhar para a mão traidora.

– Talvez uma pergunta mais fácil, então.

Scarlet deu um pulo. Sybil estava bem atrás, sussurrando no ouvido dela.

– A qual dedo você menos dá valor?

Scarlet apertou bem os olhos. Tentou limpar os pensamentos, ser lógica. Tentou não sentir medo.

– Eu era só o piloto – disse ela. – Nenhum deles fazia ideia de como pilotar uma espaçonave. Se tentassem voltar para a Terra, cairiam.

Os passos de Sybil recuaram, mas a mão de Scarlet continuou aberta sobre o bloco, com a machadinha ainda no ar.

– Meu guarda era um excelente piloto e estava bem vivo quando abandonamos a nave. Suponha que Linh Cinder tenha feito lavagem cerebral nele para pilotar a nave para ela. – Sybil foi para

um lugar onde Scarlet pudesse vê-la de novo. – Para onde então ela o mandaria ir?

– *Eu não sei.* Talvez você devesse perguntar a ele.

Um sorriso lento e satisfeito começou a surgir no rosto da taumaturga.

– Vamos começar com o menor então.

O braço de Scarlet recuou e ela se encolheu e afastou o rosto, como se não olhar fosse impedir o que aconteceria. Os joelhos cederam, e ela caiu ao lado do bloco de madeira, mas os braços permaneceram fortes, inflexíveis. As únicas partes que não estavam tremendo.

O aperto na machadinha aumentou, pronto para agir.

– Minha rainha?

A sala inteira pareceu inspirar as palavras, faladas tão baixo que Scarlet não tinha certeza se as havia ouvido.

Depois de um longo, longo momento, a rainha respondeu:

– O quê?

– Posso ficar com ela? – As palavras saíram baixas e lentas, como se a pergunta fosse um labirinto que precisava ser atravessado com cautela. – Ela daria um ótimo animal de estimação.

Com a pulsação trovejando nos ouvidos, Scarlet ousou abrir os olhos. A machadinha cintilou no canto da visão.

– Você pode ficar com ela quando acabarmos – disse a rainha, não parecendo nada satisfeita com a interrupção.

– Mas ela estará estragada. Eles nunca são divertidos quando você me dá estragados.

A sala começou a rir com deboche.

Uma gota de suor ardida caiu nos olhos de Scarlet.

– Se ela fosse meu bichinho de estimação – prosseguiu a voz cantarolada –, eu poderia praticar com ela, que deve ser fácil de controlar. Talvez eu começasse a ficar melhor se tivesse uma terráquea tão bonita para brincar.

As risadinhas pararam.

A voz frágil ficou ainda mais baixa, pouco mais de um murmúrio, que ainda soou como um tiro no aposento silencioso.

– Papai teria dado ela pra mim.

Scarlet tentou piscar para tirar a água salgada dos olhos. A respiração estava entrecortada pelo esforço de tentar recuperar o controle dos braços e falhar.

– Eu falei que você pode ficar com ela, e você pode – disse a rainha, falando com rispidez, como se falasse com uma criança irritante. – Mas o que você não parece entender é que, quando uma rainha ameaça represálias contra alguém que fez mal a ela, tem que ir até o fim com essas ameaças. Se não fizer isso, está convidando a anarquia a entrar em casa. Você quer anarquia, *princesa*?

Tonta de medo, náusea e fome, Scarlet levantou a cabeça. A rainha olhava para uma pessoa sentada ao lado dela, mas o mundo estava borrado e Scarlet não viu quem era.

Mas ela a ouviu. A voz adorável parecendo cortá-la.

– Não, minha rainha.

– Precisamente.

Levana se virou para Sybil e assentiu.

Scarlet não teve nem um momento para se preparar quando a machadinha caiu.



LIVRO

Quatro

“Quando Rapunzel viu o príncipe, caiu em cima dele e começou a chorar, e suas lágrimas pingaram nos olhos dele.”



CAPÍTULO

Quarenta e três

CRESS FICOU NO LADO DA MESA DO LABORATÓRIO SEGURANDO um tablet enquanto o dr. Erland carregava um instrumento estranho ao lado do rosto de Thorne, apontando um raio fino de luz para as pupilas.

O doutor resmungou e balançou a cabeça com compreensão.

– Aham – fez ele, e mudou a configuração da ferramenta para que uma luz verde piscasse na parte de baixo. – Aham – repetiu, passando para o outro olho.

Cress se inclinou para mais perto, mas não viu nada que pudesse despertar resmungos tão pensativos.

A ferramenta na mão do doutor fez alguns cliques, e ele tirou o tablet da mão de Cress. Assentiu para o objeto antes de devolvê-lo. Ela olhou para a tela, onde a estranha ferramenta estava transferindo um monte de diagnósticos incompreensíveis.

– Aham.

– Você pode parar de repetir *aham* e me dizer o que tem de errado com eles? – perguntou Thorne.

– Paciência – pediu o doutor. – O sistema óptico é delicado, e um diagnóstico incorreto poderia ser catastrófico.

Thorne cruzou os braços.

O doutor mudou as configurações no instrumento de novo e fez outra verificação nos olhos de Thorne.

– De fato – disse ele. – Há um dano severo ao nervo óptico, provavelmente resultado de um traumatismo craniano. Minha hipótese é que, quando você bateu a cabeça na queda, um sangramento interno no seu crânio provocou um aumento repentino da pressão sobre o nervo óptico e...

Thorne acenou e empurrou o instrumento do médico para longe.

– Dá pra consertar?

O dr. Erland bufou e colocou o instrumento na bancada que ocupava toda a enfermaria da Rampion.

– É claro que dá – respondeu, parecendo insultado. – O primeiro passo vai ser coletar medula óssea da crista ilíaca do seu osso pélvico. A partir daí, posso coletar seus hemocitoblastos, que podemos usar para criar uma solução a ser aplicada externamente ao seu sistema óptico. Com o tempo, os hemocitoblastos vão substituir as células ganglionares da retina e vão formar pontes celulares entre os desconectados...

– Ah-lá-lá-lá-lá, tá, entendi – retrucou Thorne, cobrindo as orelhas. – Por favor, nunca mais diga aquela palavra.

O dr. Erland ergueu uma sobrancelha.

– Celular? Hemocitoblastos? Ganglionar?

– Essa última. – Thorne fez uma careta. – Blé.

O doutor fez uma careta.

– Você é fresco, sr. Thorne?

– Coisas do olho me apavoram. Assim como qualquer cirurgia no osso pélvico. Você pode me apagar nessa parte, né? – Ele se deitou na mesa de exames. – Seja rápido.

– Um anestésico local vai bastar – garantiu o dr. Erland. – Até tenho no meu kit uma coisa que deve funcionar. No entanto, apesar de eu poder coletar a medula hoje, não tenho os instrumentos necessários para separar os hemocitoblastos nem para criar a solução a ser injetada.

Thorne se sentou devagar.

– Então... você *não pode* me consertar?

– Não sem um laboratório decente.

Thorne coçou o queixo.

– Tudo bem. E se pularmos a parte dos hemocitoblastos e da solução a ser injetada e só trocássemos meus globos oculares por uma prótese ciborgue? Andei pensando que seria ótimo ter visão de raios X, e tenho que admitir que a ideia me conquistou.

– Humm. Você está certo – disse o dr. Erland, olhando para Thorne por cima da moldura dos óculos. – Isso seria *bem* mais simples.

– É mesmo?

– Não.

A boca de Thorne virou uma careta.

– Pelo menos, agora sabemos qual é o problema e que dá para consertar – falou Cress. – Vamos pensar em alguma coisa.

O doutor olhou para ela, virou-se e começou a arrumar nos armários da enfermaria o equipamento que eles trouxeram do hotel. Ele parecia estar tentando esconder qualquer emoção que não fosse a curiosidade profissional, mas Cress tinha a impressão de que ele não gostava muito de Thorne.

Já os sentimentos dele por *ela* eram um mistério. Achava que ele não havia olhado nos olhos dela nem uma vez desde que saíram do hotel e desconfiava que tinha vergonha de toda a coisa de comprar cascudos lunares por causa do sangue. E ele tinha motivo para tanto. Apesar de estarem do mesmo lado, ela ainda não lhe perdoara pela forma como a tratou e a vários outros. Como gado em um leilão.

Mesmo ela nunca tendo visto um leilão de gado.

Se fosse sincera consigo mesma, tinha opiniões incertas sobre quase toda a tripulação da Rampion. Depois de ver Lobo surtar no hotel, Cress fazia o possível para ficar longe dele sempre que podia. O temperamento e a consciência do que a espécie dele era capaz de fazer deixavam os pelos da nuca dela eriçados cada vez que os olhos verdes se dirigiam a ela.

Não ajudava o fato de que Lobo não disse nada desde que saíram da África. Enquanto todos discutiam o perigo de ficar em órbita até que Cress reinstalasse os sistemas para impedir que fossem vistos, Lobo se encolheu sozinho em um canto do cockpit e ficou olhando sem expressão para o assento do piloto.

Quando Cinder sugeriu que eles fossem para algum lugar longe

de Nova Pequim enquanto decidiam a próxima fase do plano, Lobo ficou andando de um lado para outro com uma lata de tomates nos braços.

Quando desceram na área abandonada e desolada da região norte da Sibéria, na Comunidade das Nações Orientais, Lobo ficou deitado de lado na cama debaixo de um dos quartos da tripulação, com o rosto afundado em um travesseiro. Cress concluiu que era a cama dele, até Thorne informar que era de Scarlet.

Ela sentia pena dele, claro. Qualquer pessoa via que estava arrasado pela perda de Scarlet. Mas tinha mais medo dele. A presença de Lobo era como uma bomba tiquetaqueando que podia explodir a qualquer momento.

Havia também Jacin Clay, o ex-guarda de Sybil, que passava a maior parte do tempo em um silêncio arrogante. Quando falava, dizia alguma coisa rude ou desagradável. Além disso, podia ter ido para o lado deles, mas Cress não conseguia deixar de pensar em todas as vezes que levou mestra Sybil para o satélite, quantos anos soube sobre o cativo dela e não fez nada para ajudá-la.

E havia a androide-acompanhante, com os *mestre* isso e *mestre* aquilo e *Quer que eu lave seus pés e faça uma boa massagem, mestre?*.

– Capitão!

Cress se encolheu ao ouvir o gritinho infantil, seguido por um borrão azul que entrou na enfermaria e se chocou com Thorne, quase o derrubando da mesa.

Ele grunhiu.

– O qu...

– Adorei! – disse a acompanhante. – Adorei muito! É o melhor presente que alguém já me deu, e você é o melhor capitão da galáxia toda! Obrigada, obrigada, obrigada! – A androide começou a cobrir o rosto de Thorne de beijos, ignorando os esforços dele para recuar.

Cress apertou os dedos na tela até os braços começarem a tremer.

– lko, deixe-o respirar! – disse Cinder, aparecendo na porta.

– Ah, desculpa!

A androide segurou as bochechas de Thorne e deu um beijo firme na boca antes de se afastar.

O maxilar de Cress começou a doer de tanto ela trincar os dentes.

– lko? – falou Thorne.

– Em carne e osso! Como estou? – Ela fez uma pose para Thorne e começou a rir. – Ops, quero dizer... ah, você vai ter que confiar em mim quando digo que estou *linda*. Além disso, verifiquei o catálogo do fabricante e posso fazer upgrade para *quarenta* cores de olhos diferentes! Gosto dos dourados metálicos, mas vamos ver. As modas passam tão rápido, sabe.

Thorne começou a relaxar e sorriu.

– Fico feliz de você ter gostado dela. Mas, se você está aqui, quem está comandando a nave?

– Eu só troquei os chips de personalidade – explicou Cinder. – Darla não pareceu se importar. Falou qualquer coisa do tipo “O que fizer meu mestre feliz”. – Cinder fingiu ânsia de vômito. – Também desfiz parte da programação dela. Com sorte, não vai se incomodar tanto se tiver que violar a lei.

– Do jeito que gosto das minhas naves – disse Thorne. – Darla, você está aí?

– Pronta para servir, capitão Thorne – entoou uma nova voz nos alto-falantes acima, estranhamente robótica se comparada aos tons hiperativos de lko. – Estou feliz de trabalhar como seu novo sistema de controle e vou me esforçar para garantir a segurança e o conforto da minha tripulação.

Thorne abriu um sorriso.

– Ah. Eu vou gostar dela.

– Quando você acabar o exame – disse Cinder, inclinando a cabeça para a porta –, venha para o compartimento de carga. Tem muita coisa que precisamos discutir.



EM MINUTOS, A TRIPULAÇÃO DA RAMPION SE REUNIU NO compartimento de carga. Iko se sentou de pernas cruzadas no meio, hipnotizada pela visão dos dedos descalços. O dr. Erland levou uma cadeira de rodinhas da enfermaria para se sentar; Cress achava que a idade e as pernas curtas não permitiriam que ele subisse em uma das caixas sem ajuda. Lobo estava encostado à porta que levava ao cockpit, com os ombros encolhidos e as mãos enfiadas nos bolsos, e havia enormes olheiras sob os olhos dele. Em frente, Jacin estava encostado na parede do corredor que levava aos quartos da tripulação e à cozinha, virado de lado como se Cinder não merecesse mais do que metade da atenção dele.

Cress levou Thorne até uma das caixas grandes, torcendo para que não ficasse óbvio que estava se distanciando o máximo possível de Lobo.

Cinder limpou a garganta e ficou de pé na frente deles, em frente à grande tela embutida na parede do compartimento de carga.

– O casamento real é em quatro dias – disse ela. – E eu acho... espero... que estejamos de acordo em uma coisa: não podemos deixar que Levana se torne a imperatriz da Comunidade. A coroação seria uma posição legal que não poderia ser desfeita com facilidade, e dar a ela esse tipo de poder... bem. Vocês sabem. – Ela esfregou as botas no chão de metal. – Nosso plano antes era de interromper o casamento e tentar destronar Levana publicamente enquanto ela estivesse aqui, na Terra. Mas o dr. Erland me convenceu de que não vai fazer diferença. Pode impedir que ela se torne imperatriz, mas, enquanto o povo de Luna ainda a chamar de rainha, ela vai continuar a ameaçar a Terra como puder. Portanto, acredito que a única forma de nos livrarmos realmente de Levana é indo para Luna e persuadindo as pessoas a se rebelar contra ela... e

coroar um novo monarca. – Ela pareceu hesitar, desviando o olhar para Jacin antes de continuar: – E acho... se conseguirmos... Sei de um jeito de nos levar lá para cima sem sermos vistos.

Thorne bateu com a bengala em uma caixa de plástico.

– Tudo bem, srta. Críptica. Qual é o novo plano então?

Cinder olhou ao redor e empinou o queixo.

– Começa com o sequestro do noivo.

Thorne parou de bater com a bengala, e o aposento ficou em silêncio. Cress apertou os lábios e ousou observar os rostos do resto da tripulação, mas todo mundo parecia perplexo.

A mão de Iko subiu no ar.

– Sim, Iko?

– É a melhor ideia do mundo. Pode contar comigo.

Parte da tensão começou a se dissipar, e Cinder até riu.

– Espero que todos sintam o mesmo, porque preciso da ajuda de vocês para esse trabalho. Ainda precisamos de suprimentos, de convites para o casamento e de roupas... – Ela balançou a cabeça para afastar o olhar perdido que surgiu em seu rosto. – Mas agora acho que nosso maior problema vai ser localizar Kai depois de entrarmos. Não descobri nada sobre uma identificação rastreável. Os guardas reais parecem ter feito um trabalho bom *demaís* para manter os perseguidores e assassinos longe.

Cress se inclinou para a frente.

– Por que não usar o número de Tan Kaoru?

Todos desviaram as atenções para ela, e Cress se encolheu na mesma hora.

– O que é isso?

– É, há, o número de rastreio do imperador Kaito. 0089175004. O perfil na rede mostra um guarda do palácio chamado Tan Kaoru, mas é só disfarce. É a identificação que as equipes de segurança real usam para rastrear Sua Majestade. Venho usando para confirmar o paradeiro dele há um tempão.

– É mesmo? Como foi que você descobriu isso?

Com o rosto quente, Cress abriu a boca, percebeu que seria uma explicação longa e tediosa e voltou a fechá-la.

– Não importa – disse Cinder, massageando a têmpora. – Se você tem certeza de que é ele.

– Tenho.

– Então... ótimo. Número 008... Iko, você registrou?

– Registre.

– Obrigada, Cress.

Ela expirou.

Cinder esfregou uma das mãos na outra.

– Era isso o que eu tinha em mente. Cress, você está encarregada de desabilitar o sistema de segurança do palácio. Lobo, você dá cobertura a ela.

Cress ergueu o rosto e deu de cara com o olhar de Lobo. Ela se encolheu ao lado de Thorne. A última coisa que queria era fazer dupla com *Lobo*. Claro, Cinder e Thorne pareciam confiar nele, mas o quanto eles de fato sabiam sobre o homem que quase estrangulou Cinder naquele hotel, que uivou como um animal selvagem, que foi criado com o objetivo de matar humanos das formas mais horríveis e sem sentido?

Mas ninguém pareceu reparar no medo dela ou, se alguém notou, ignorou.

– Enquanto isso – prosseguiu Cinder –, Iko e eu vamos rastrear Kai e fazer com que venha conosco. Vamos nos encontrar em um dos telhados, e Jacin vai nos buscar e levar para longe antes que percebam o que está acontecendo. Ao menos, essa é a ideia. – Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Mas isso gera um grande problema. Não vou poder entrar escondida como convidada, nem como alguém da equipe. Sou reconhecível demais. Então, como entro no palácio sem ser percebida?

– Que tal eu ir sem você? – sugeriu Iko.

Cinder balançou a cabeça.

– Kai não conhece você. Se queremos que ele confie em nós,

acho... acho que tem que ser eu.

Jacin deu uma risada debochada, o primeiro som que fez, mas Cinder o ignorou.

Cress mordeu o lábio enquanto os outros começaram a dar sugestões. Ela podia se disfarçar como alguém da imprensa? Escalar o muro de trás? Esconder-se em um enorme buquê de flores?

Já vermelha de vergonha, Cress forçou a boca a se abrir.

– Que tal... – Ela parou de falar quando todos se viraram para ela.

– Hã.

– O quê?

– Que tal... os túneis de fuga?

– Túneis de fuga?

Ela puxou o cabelo, desejando que estivesse mais comprido para poder brincar, para girar e dar nós e descontar o nervosismo nele. Mas estava curto, leve e libertador, e todo mundo ainda olhava para ela. Arrepios surgiram em seus braços.

– Os que passam debaixo do palácio. Quando construíram o prédio depois da guerra, colocaram túneis que se ligam aos bunkers antirradiação e aos abrigos. Para o caso de outro ataque.

Cinder olhou para a tela.

– Nenhuma das plantas que vi mostrava qualquer coisa sobre túneis de fuga.

– Eles não seriam muito seguros se todo mundo soubesse sobre eles.

– Mas como você... – Cinder fez uma pausa. – Deixe pra lá. Tem certeza de que ainda estão lá?

– É claro que estão.

– Imagino que você não lembre para onde vão.

– Claro que lembro.

Ela secou as mãos molhadas na roupa.

– Excelente. – Cinder parecia estar quase relaxando. – Então, antes de entrarmos nos detalhes... alguém tem alguma perg...

– Quando vamos para Luna? – perguntou Lobo, a voz rouca pela

falta de uso.

Cress engoliu em seco. Os olhos dele estavam vermelhos. Ele parecia capaz de partir todos em pedacinhos sem pensar duas vezes.

Mas logo ela percebeu que havia uma questão embutida na pergunta, uma questão que todo mundo deve ter percebido na mesma hora. *Scarlet*. Ele queria saber mesmo em quanto tempo poderia ir atrás de Scarlet.

– Umas duas semanas, pelo menos – respondeu Cinder. Sua voz ficou baixa, pesarosa. – Talvez até três...

Lobo contraiu o maxilar e se virou. Fora isso, permaneceu imóvel, uma sombra ameaçadora no canto.

Thorne levantou um dedo, e Cinder ficou tensa de novo.

– Sim?

– O Palácio de Nova Pequim não tem laboratórios médicos próprios? Tipo laboratórios médicos que talvez tenham máquinas mágicas que curam cegueira?

Cinder apertou os olhos.

– Você não pode vir. É arriscado demais, e você só atrapalharia.

Thorne deu um sorriso, sem se deixar perturbar.

– Pense bem, Cinder. Quando Cress derrubar aquele sistema de segurança, todos os guardas do palácio vão correr para um de dois lugares. Para o centro de controle de segurança, a fim de verem o que está acontecendo, e para onde quer que o precioso imperador esteja, a fim de garantirem que fique em segurança. A não ser que haja alguma outra confusão até mais *óbvia* acontecendo em outra parte do palácio. – Ele apoiou o queixo na palma da mão. – Uma grande confusão. Bem longe de vocês. Como nos laboratórios médicos.

Cress entrelaçou as mãos no colo e ficou desviando a atenção entre Thorne e Cinder, perguntando-se que tipo de confusão ele tinha em mente. Cinder parecia dividida. Ela ficava abrindo a boca, mas voltava a fechá-la. Não parecia feliz de avaliar a ideia de

Thorne.

– Eu também tenho uma pergunta.

Cress deu um pulo e se virou para espiar Jacin por cima do ombro. Ele parecia extremamente entediado, com um cotovelo apoiado na parede e a mão no cabelo, como se estivesse prestes a adormecer de pé. Mas os olhos azuis estavam intensos ao olharem para Cinder.

– Vamos dizer que você consiga fazer isso, embora eu ache que não.

Cinder cruzou os braços.

– Você entende que, quando Levana perceber o que você fez, não vai ficar esperando para ver o que vai fazer depois, né? Vai ser o fim do cessar-fogo.

– Eu sei disso – disse Cinder, com um tom pesado ao afastar o olhar de Jacin e olhar para um de cada vez. – Se conseguirmos, iniciaremos uma guerra.

CAPÍTULO

Quarenta e quatro

A MANHÃ DO CASAMENTO CHEGOU. CINDER ESTAVA UMA CONFUSÃO de pensamentos fragmentados e nervosismo, mas no centro de tudo havia uma estranha sensação de calma. Antes de o sol voltar a se pôr, ela saberia o resultado de todo o planejamento e preparativos. Ou eles seriam bem-sucedidos naquele dia ou todos se tornariam prisioneiros da rainha Levana.

Ou seriam mortos.

Ela tentou não pensar nisso enquanto tomava banho e um café da manhã pobre, composto de biscoitos velhos e manteiga de amêndoa. Era tudo o que seu estômago suportava.

O sol tinha acabado de aparecer sobre a gelada tundra siberiana quando eles se entulharam na nave de passeio que sobrara, sete pessoas espremidas em um espaço destinado a cinco, para embarcar no voo de baixa elevação de quarenta minutos até Nova Pequim. Ninguém reclamou. A Rampion era grande demais para ser escondida. Pelo menos a nave de passeio poderia se misturar com todas as outras em uma cidade lotada de naves estrangeiras.

A viagem foi tortuosa e feita quase toda em silêncio, pontuado apenas pela conversa ocasional de Iko e Thorne. Cinder passou a viagem mudando entre as notícias de cobertura do casamento real e a cobertura contínua da rebelião em Farafrah.

O povo da cidade parou de controlar os militares assim que os reforços chegaram. Em vez de tentar prender e transportar centenas de civis, os militares da Comunidade, com permissão do governo africano, colocaram a cidade toda em confinamento armado até serem todos interrogados e acusados. Os cidadãos estavam sendo tratados como traidores da União Europeia por ajudarem Linh Cinder, Dmitri Erland e Carswell Thorne, embora as

notícias repetissem que o governo estava disposto a ser tolerante com qualquer pessoa que revelasse informações sobre os fugitivos, seus aliados e suas naves.

Até o momento, nenhum cidadão de Farafrah parecia cooperar.

Cinder se perguntou se o povo lunar estava sendo tratado da mesma forma que os terráqueos ou se só esperavam para serem devolvidos a Luna para o verdadeiro julgamento. Até o momento, nenhum jornalista mencionou que muitos dos rebeldes eram lunares. Cinder desconfiava que o governo estava tentando manter esse fato em segredo, para evitar o pânico em massa nas cidades vizinhas, ou mesmo em todo o mundo, o que acabaria acontecendo quando os terráqueos percebessem como era fácil para os lunares se misturarem com eles. Cinder ainda se lembrava de como era quando acreditava que não havia lunares na Terra e no quanto ficou horrorizada quando o dr. Erland lhe contou que estava enganada. Sua reação parecia ridiculamente ingênua naquele instante.

Quando Nova Pequim surgiu, Cinder desativou os noticiários. Os prédios do centro da cidade eram grandes e imponentes, como esculturas delgadas de cromo e vidro tentando alcançar o céu. Cinder foi pega de surpresa pela dor repentina que a assolou: saudade de casa. Uma saudade que ela estivera ocupada demais para reconhecer até aquele momento.

O palácio surgia majestoso, iluminado pelo sol da manhã, sobre o penhasco alto, mas eles se afastaram dele. Jacin seguiu as instruções de Cinder para o centro e acabou se misturando com os amontoados de aerodeslizadores e, ela ficou feliz em ver, várias naves de passeio também. A parada de Cinder era a primeira, a duas quadras do edifício Phoenix Tower.

Ela respirou fundo ao desembarcar. Embora o outono fosse chegar nas semanas seguintes, Nova Pequim ainda estava em clima de verão, e o dia começava sem nuvens e quente. A temperatura estava um pouco acima do confortável, mas não sufocante de

umidade como na última vez que Cinder esteve na cidade.

– Se vocês não me virem no ponto de encontro em dez minutos – disse ela –, deem algumas voltas no quarteirão e voltem.

Jacin assentiu sem olhar para ela.

– Se você tiver oportunidade – sugeriu Iko –, dê um chute no traseiro de Adri por mim. Com o pé de *metal*.

Cinder riu, mas o som saiu estranho. Eles foram embora e a deixaram sozinha em uma rua onde ela já havia andado mil vezes.

Ela já acionara o glamour, mas era difícil se concentrar, então manteve a cabeça baixa enquanto seguia para o edifício que já tinha chamado de lar.

Era estranho ficar sozinha depois de semanas cercada de amigos e aliados, mas estava feliz porque ninguém se juntou a ela nesse estágio do plano. Parecia estranhamente importante se distanciar da garota que ela foi quando morava nesse apartamento, e a ideia dos novos amigos encontrando sua antiga família adotiva a deixava tensa.

A camisa já estava grudada nas costas quando ela se aproximou da entrada principal do apartamento. Esperou até outro morador chegar e destrancar a porta com o chip embutido e foi atrás. Um medo familiar tomou conta dela quando atravessou o pequeno saguão, uma sensação que antes parecia normal. Mas, dessa vez, também teve uma sensação de propósito ao entrar no elevador. Não era mais a indesejada órfã ciborgue que fazia o que mandavam e corria para a oficina do porão a fim de evitar os olhares de raiva de Adri.

Ela era livre. Estava no comando. Não pertencia mais a Adri.

Talvez pela primeira vez, saiu do elevador de cabeça erguida.

O corredor estava vazio, exceto por um gato cinzento se lambendo.

Cinder chegou ao apartamento 1.820, empertigou os ombros e bateu.

Passos soaram do outro lado da porta, e ela se concentrou no

glamour. Escolheu assumir a aparência de uma das oficiais que viu de pé atrás de Kai na última coletiva de imprensa. Era uma mulher de meia-idade, um pouco acima do peso, com cabelo grisalho e um nariz pequeno demais para o rosto. Imitou-a exatamente, até o terno azul-acinzentado e os sapatos sensatos.

A porta se abriu, e uma nuvem de ar quente e parado se espalhou no corredor.

Adri apareceu, amarrando a faixa do roupão de seda. Quase sempre usava o roupão quando estava em casa, mas esse não era o mesmo que Cinder conhecia. O cabelo estava preso, e ela ainda nem usava maquiagem. Havia uma camada fina de suor no rosto dela.

Cinder esperava que seu corpo se encolhesse com a inspeção da madrastra, mas isso não aconteceu. Na verdade, quando olhou para Adri, só sentiu uma frieza distante.

Essa era só uma mulher com um convite para o casamento real. Era só mais uma tarefa para riscar da lista.

– Sim? – disse Adri, com o olhar cético examinando-a.

A Cinder oficial do palácio fez uma reverência.

– Bom dia. Linh Adri-jie está em casa?

– Eu sou Linh Adri.

– É um prazer. Peço desculpas por incomodá-la tão cedo – entendeu Cinder, dando início ao discurso ensaiado. – Sou integrante do comitê de planejamento do casamento real e sei que dois convites foram prometidos a você para as núpcias entre Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito, e Sua Majestade Lunar, a rainha Levana. Como você é uma de nossas distintas convidadas civis, fico honrada em entregar pessoalmente os convites para a cerimônia.

Ela esticou a mão com dois pedaços de papel, que eram, na verdade, pedaços de guardanapos, mas, aos olhos de Adri, pareciam dois envelopes feitos à mão com capricho.

Pelo menos, ela esperava que fosse isso que Adri estivesse vendo.

O mais perto que Cinder chegara de mudar a percepção de objetos inanimados havia sido com a prótese da mão, e não tinha certeza se isso contava.

Adri franziu a testa para os guardanapos, mas a expressão logo se transformou em um sorriso paciente. Sem dúvida por ela achar que estava falando com uma pessoa do palácio.

– Deve haver algum engano – disse ela. – Recebemos nossos convites semana passada.

Cinder fingiu surpresa e recolheu os guardanapos.

– Que peculiar. Você se importaria se eu desse uma olhada nesses convites? Para garantir que não tenha acontecido nenhuma confusão?

O sorriso de Adri ficou mais tenso, mas ela deu um passo para o lado e convidou Cinder a entrar.

– É claro, entre, por favor. Posso oferecer um chá?

– Não, obrigada. Vamos só esclarecer essa confusão, e não vou mais tomar seu tempo.

Ela seguiu Adri até a sala.

– Peço desculpas pelo calor – falou Adri, pegando um leque em uma mesinha lateral e abanando o rosto. – O ar está quebrado há uma semana, e a manutenção aqui é muito incompetente. Eu tinha uma serva que me ajudava com essas coisas, uma criada ciborgue que meu marido acolheu, mas... bem. Não importa agora. Já foi tarde.

Cinder sentiu raiva. *Serva?* Mas ignorou o comentário enquanto observava a sala. Não tinha mudado muito, com exceção dos itens dispostos sobre a lareira holográfica. Pertences que antes tinham posição tão proeminente (as placas de premiação de Linh Garan e fotos digitais alternadas de Pearl e Peony) estavam amontoados na beirada da prateleira. No centro, havia um belo vaso de porcelana, com peônias cor-de-rosa e brancas pintadas e em cima de uma base de mogno.

Cinder inspirou fundo.

Não era um vaso. Era uma urna. Uma urna crematória.

Sua boca ficou seca. Ela ouviu Adri andando pela sala, mas seu foco estava grudado naquela urna e no que, *quem*, estaria dentro dela.

Por vontade própria, seus pés começaram a se deslocarem para a lareira e para os restos de Peony. O velório passou e Cinder não esteve presente. Adri e Pearl choraram. Sem dúvida, convidaram todas as pessoas das aulas de Peony, todas as pessoas do prédio, todos os parentes distantes que mal a conheciam, que deviam ter reclamado por terem que mandar os esperados cartões e flores de pêsames.

Mas Cinder não estava lá.

– Minha filha – disse Adri.

Cinder ofegou e se afastou. Não tinha percebido que os dedos estavam tocando em uma flor pintada até Adri falar.

– Ela se foi recentemente, de letumose – prosseguiu Adri, como se Cinder tivesse perguntado. – Só tinha quatorze anos.

Havia tristeza na voz dela, de verdade. Talvez fosse a única coisa que elas tinham em comum.

– Sinto muito – sussurrou Cinder, grata porque, em sua distração, algum instinto sustentou o glamour.

Ela se obrigou a se concentrar antes que os olhos comessem a produzir lágrimas. Eles falhariam, ela era incapaz de chorar, mas o esforço às vezes provocava uma dor de cabeça que só passava depois de horas, e aquela não era hora de sentir luto. Tinha um casamento para impedir.

– Você tem filhos? – perguntou Adri.

– Er ... não. Não tenho – respondeu Cinder, sem ter ideia se a oficial do palácio que estava incorporando tinha ou não.

– Só tenho uma outra filha, de dezessete anos. Não foi muito tempo atrás que eu achava que poderia encontrar um marido bom e rico para ela. Filhas são caras, sabe, e uma mãe quer dar tudo a elas. Mas agora não consigo suportar a ideia de que ela também me

abandonou. – Ela suspirou e afastou o olhar da urna. – Mas, veja só, eu fico falando sem parar quando você deve ter tantos outros lugares para visitar hoje. Aqui estão os convites que recebemos.

Cinder os pegou com cuidado, feliz por mudar de assunto. Uma vez que estava vendo um convite verdadeiro de perto, ela mudou o glamour que tinha feito para os guardanapos. O papel era um pouco mais duro, um pouco mais tom de marfim, com letras douradas em alto-relevo com uma caligrafia floreada de um lado e kanji tradicional da segunda era do outro.

– Interessante – comentou Cinder, abrindo o convite de cima. Ela fingiu uma gargalhada e torceu para que não soasse tão sofrida quanto realmente foi. – Ah, esses são os convites para Linh Jung e a mulher. Os endereços devem ter sido trocados no banco de dados. Que besteira.

Adri inclinou a cabeça.

– Tem certeza? Quando eles chegaram, eu tive certeza...

– Veja você mesma.

Cinder inclinou o papel para que Adri pudesse ver o que não estava lá. O que Cinder a mandou ver. O que Cinder a mandou acreditar.

– Meu Deus, é mesmo – falou Adri.

Cinder entregou-lhe os guardanapos e viu a madrastra segurá-los como se fossem as coisas mais preciosas do mundo.

– Muito bem, então – disse ela, com a voz tremendo um pouco. – Pode deixar que saio sozinha. Espero que goste da cerimônia.

Adri colocou os guardanapos no bolso do roupão.

– Obrigada por se dar ao trabalho de vir você mesma entregar. Sua Majestade Imperial é um anfitrião atencioso.

– Temos sorte de tê-lo.

Cinder andou pela sala. Ao pousar a mão na porta, percebeu com um susto que essa poderia ser a última vez que via a madrastra.

A última vez, se ousasse ter esperanças.

Ela tentou sufocar a tentação que surgiu dentro dela com a ideia,

mas se viu virando-se para encarar Adri.

– Eu...

... não tenho nada a dizer. Eu não tenho nada a dizer para você.

Mas nem todo o bom senso do mundo poderia convencê-la a não dizer as palavras seguintes.

– Não quero ser xereta – disse ela, limpando a garganta –, mas você mencionou um ciborgue. Você por acaso não seria a guardiã de Linh Cinder?

A gentileza de Adri desapareceu.

– Eu *fui*, infelizmente. Graças às estrelas, isso tudo ficou para trás.

Contrariando a racionalidade, Cinder voltou para o apartamento e bloqueou a porta.

– Mas ela cresceu aqui. Você nunca sentiu que ela poderia ter sido da família? Nunca pensou nela como filha?

Adri bufou e voltou a se abanar.

– Você não conheceu a garota. Sempre ingrata, sempre se achando tão melhor do que nós por causa dos... *complementos*. Ciborgues são assim, sabe. Eles se acham tão importantes. Foi horrível para nós viver com ela. Ciborgue e lunar, embora nós não soubéssemos disso até o espetáculo humilhante no baile. – Ela apertou a faixa do roupão. – E agora ela manchou o nome da família. Preciso pedir que você não nos julgue por ela. Fiz tudo o que pude para ajudar a garota, mas ela era irremediável desde o começo.

Os dedos de Cinder tremeram, um gesto familiar de rebelião. Ela desejava abandonar o glamour, gritar e berrar, obrigar Adri a *vê-la*, a pessoa verdadeira, só uma vez. Não a garotinha ingrata e arrogante que Adri achava que ela era, mas a órfã que sempre só quis uma família, que só queria pertencer a algum lugar.

Mas, enquanto pensava isso, um desejo mais sombrio subiu por sua coluna. Ela queria que Adri se lamentasse. Por ter tratado Cinder como propriedade dela. Por ter tirado a prótese do pé de

Cinder e a obrigado a pular por aí como uma boneca quebrada. Por ter provocado Cinder sem parar por sua incapacidade de chorar, sua incapacidade de amar, sua incapacidade de ser *humana*.

Ela se viu projetando a mente, detectando as ondas de bioeletricidade que cintilavam na superfície da pele de Adri. Antes que pudesse controlar a raiva que crescia nela, Cinder pressionou toda culpa e remorso e vergonha no crânio denso da madrasta, remoendo as emoções com tanta intensidade que Adri ofegou e tropeçou e bateu com a lateral do corpo na parede.

– Mas você nunca se perguntou o quanto deve ter sido difícil? – disse Cinder entre os dentes. Uma dor de cabeça estava chegando com rapidez, latejando pelos olhos secos. – Nunca se sentiu culpada pela forma como ela foi tratada? Nunca pensou que talvez você pudesse tê-la amado se ao menos tivesse dedicado um tempo para conversar com ela, para *compreendê-la*?

Adri gemeu e apertou uma das mãos sobre a barriga, como se os anos de culpa a estivessem corroendo e deixando lentamente enjoada.

Cinder fez uma careta e começou a diminuir o ataque de emoções. Quando Adri olhou para ela de novo, havia lágrimas umedecendo seus olhos. A respiração estava entrecortada.

– Às vezes... – disse Adri, em uma voz fraca. – Às vezes, eu acho que ela talvez tenha sido incompreendida. Era tão jovem quando a adotamos. Deve ter sentido muito medo. E minha querida Peony sempre pareceu gostar tanto dela que às vezes acho que, se as coisas tivessem sido diferentes, com Garan e com nossas finanças... talvez ela pudesse ter feito parte da família. Você entende... se ela fosse normal.

A última palavra foi como um golpe entre as costelas de Cinder e ela se encolheu, libertando as pequenas amarras da culpa.

Adri tremeu e passou a manga do roupão sobre os olhos.

Não fazia diferença. Adri podia estar cheia de toda a culpa do mundo, mas, na mente dela, a culpa sempre seria de Cinder. Porque

Cinder não podia ser *normal*.

– Me... me desculpe – falou Adri, apertando a parte do alto do nariz. Ela havia ficado pálida. As lágrimas sumiram. – Não sei o que me deu. Eu... desde que perdi minha filha, às vezes minha mente... – Ela voltou a olhar para Cinder. – Por favor, não me entenda mal. Linh Cinder é uma garota mentirosa e manipuladora. Espero que a peguem. Eu faria qualquer coisa para garantir que não destruísse mais ninguém como me destruiu e à minha família.

Cinder assentiu.

– Eu entendo, Linh-jie – sussurrou ela. – Entendo perfeitamente.

Cinder dobrou os dedos sobre os convites que tinha ido buscar e saiu do apartamento. A dor de cabeça estava explodindo em seu crânio, dificultando a concentração em qualquer outra coisa que não fosse colocar um pé na frente do outro. Ela sustentou o glamour por pouco, sem saber se Adri ainda a estava observando, até entrar no elevador no fim do corredor.

Ela ficou paralisada.

Na parede do fundo do elevador havia um espelho.

Ela olhou para o próprio reflexo enquanto as portas se fechavam. Seu coração disparou. Felizmente, não havia mais ninguém no elevador para testemunhar, porque ela perdeu o glamour imediatamente, continuou olhando boquiaberta para os olhos castanhos e, pela primeira vez, ficou horrorizada com quem viu naquele reflexo.

Porque o que fizera com Adri, de virar as emoções contra ela, obrigá-la a sentir culpa e vergonha, tendo como único motivo a curiosidade terrível, seu desejo de retaliação...

Era uma coisa que Levana teria feito.

CAPÍTULO

Quarenta e cinco

IKO JOGOU BEIJOS E DEU UM ACENO LEVE COM CINCO DEDOS Balançando quando a nave se aproximou da rua e se misturou com o tráfego matinal. Não era uma caminhada longa até o armazém, mas ela sentia o processador interno zumbindo de empolgação por todo o caminho.

Pelos cálculos dela, chegaria ao armazém às 7h25. O aerodeslizador das entregas com a encomenda para o palácio de sessenta acompanhantes devia partir do armazém às 7h32. Metade dos acompanhantes seria deixada na sede do bufê às 7h58. O resto seria entregue ao florista às 8h43, para ser levado ao palácio junto com a equipe humana.

Iko esperava estar no palácio no máximo às 9h50.

O bairro industrial estava quase deserto. A maior parte da cidade e talvez do mundo todo tinha decretado feriado para ver o casamento real. Não havia ninguém por perto para reparar em Iko quando ela entrou no beco em direção ao armazém e pulou com alegria a cerca de arame para o jardim onde cinco naves de entrega estavam encostadas nas plataformas de carregamento.

Ela se vestia de forma simples, com uma calça preta e uma blusa branca. Ainda estava um pouco decepcionada por não poder usar um vestido chique de festa, mas sentia-se linda de um jeito só seu.

Mal podia esperar para o imperador Kai vê-la. A ideia acrescentou um gingado ao seu passo quando ela contornou a frente da primeira nave e subiu a escada para a plataforma.

A visão à frente dela a fez parar e quase cair de cara sobre o nariz perfeito.

O armazém estava lotado de andróides-acompanhantes, a maioria garotas, de todos os tons de pele e cores de cabelo. A maior

parte estava despida, sentada no chão com os braços ao redor dos joelhos e as cabeças abaixadas. Havia mais de duzentos andróides alinhados em fileiras organizadas. Alguns tinham fita e papel de embalagem ao redor dos membros para protegê-los durante o transporte. Alguns foram colocados em bases de madeira e em caixas plásticas. Isopor e papelão cobriam o chão ao redor.

Na parede à esquerda de Iko havia três andares de prateleiras de metal cheias de caixas, todas com rótulos com as marcas e modelos e características especiais dos acompanhantes.

– Isso é tudo? – perguntou um homem.

Iko se abaixou atrás da parede do armazém e se aproximou devagar para espiar pela porta. Viu sessenta andróides, quarenta e cinco mulheres e quinze homens, todos de pé em fileiras. Estavam vestidos com calças pretas e blusas rosadas de seda idênticas: camisas simples com gola japonesa para os homens e blusas elegantes de amarrar para as mulheres, presas na cintura e caídas como quimonos sobre os braços. Cada garota estava com o cabelo preso em um coque firme e com uma orquídea presa de lado.

– Verificando o pedido agora – disse uma mulher, que estava andando entre as fileiras e tomando notas no tablet. – O pedido especificou um modelo pequeno da marca 618, não médio.

– Eu sei, mas nossa última pequena foi despachada semana passada. Esclareci a mudança com o palácio na quinta-feira.

A mulher digitou alguma coisa no tablet.

– Cinquenta e nove... sessenta. São todos.

– Ótimo. Vamos carregar. Não podemos deixar que se atrasem para a missão real.

O homem puxou a enorme porta rolante e abriu a baía para uma das naves de entrega, enquanto a mulher começou a andar entre os andróides de novo, abrindo um painel no pescoço de cada um. As posturas ficaram mais relaxadas.

– Entrem em fila única – ordenou o homem. – Apertem-se. Vai caber certinho.

Os androides entraram na nave um a um.

Não havia como Iko se aproximar sem ser notada, e as roupas diferentes deixariam claro que ela não era parte do grupo.

A ideia de que poderiam confundi-la com um androide fujão e enviá-la para reprogramação fez sua fiação tremer.

Ela se manteve abaixada e seguiu em paralelo à parede, para longe dos dois funcionários, e se escondeu atrás da primeira torre de prateleiras industriais. Escondida atrás das caixas, ela seguiu na direção das fileiras de androides-acompanhantes que estavam esperando para ser empacotados. Ao chegar à última, ela se agachou atrás de uma androide e procurou a tranca no pescoço. Iko ergueu o olhar e viu que metade dos androides-acompanhantes tinha entrado na nave.

Murmurando sozinha, ela ligou o androide. O processador zumbiu e a cabeça dela se levantou. Tinha cabelo louro-branco com pontas verdes fluorescentes que chegava à cintura. Iko tirou o cabelo do ombro dela e sussurrou:

– Ordeno que você se levante, grite e corra para a saída.

A garota ficou de pé quase antes de Iko terminar de falar. Começou a gritar, um som de gelar a espinha e fazer as orelhas sangrarem.

Iko se jogou no chão atrás da fileira de androides ainda sentados e alheios e ajustou o volume do processador de áudio, mas era tarde demais. O androide já tinha parado de gritar e estava correndo a toda velocidade para a saída, derrubando os colegas imóveis ao passar.

Iko ouviu os gritos de choque dos dois funcionários e os passos deles atrás do androide. Assim que eles pularam para o pátio de carregamento, Iko se levantou e correu pelas fileiras de androides. Os acompanhantes alugados não disseram nada, só olharam preguiçosamente enquanto ela andava em meio a eles.

– Me desculpem, não prestem atenção em mim, estou passando, ah, *oi*, você... – Isso ela disse para um androide particularmente

bonito, parecido com Kai, que não reagiu tanto quanto os outros. – Ou não – murmurou ao passar por ele. – Com licença, um espacinho, por favor?

Quando os dois funcionários voltaram, ofegantes e reclamando sobre chips de personalidade defeituosos e os imbecis da programação, Iko tinha se acomodado no fundo da nave, espremida entre dois de seus primos distantes e com dificuldade para não sorrir como uma doida.

No fim das contas, ser humana era tão divertido quanto ela sempre achou que seria.



ERA FÁCIL ENTENDER POR QUE O GOVERNO DE CENTO E VINTE E SEIS anos antes tinha escolhido aquele local como esconderijo da família real. Ficava a menos de quinze quilômetros da cidade de Nova Pequim, mas estava separado de lá por penhascos tão irregulares que davam a impressão de que eles estavam em outro país. A casa tinha sido construída em um vale cheio de plantações de arroz, embora Cinder duvidasse que houvesse arroz sendo cultivado lá havia várias gerações, dando a casa uma sensação de abandono.

Jacin pousou a nave ao lado da fazenda, e eles saíram em uma área de terra ainda úmida das chuvas pesadas de verão. O mundo permanecia silencioso ao redor deles, e o ar estava perfumado de gramas e flores silvestres.

– Espero que a garota esteja certa – falou Jacin, seguindo em direção a casa.

Apesar das janelas cobertas, ela parecia bem cuidada. Cinder desconfiava que havia uma equipe responsável por cuidar dela duas vezes por ano, para consertar telhas e garantir que o gerador estivesse funcionando direito, de forma que, se acontecesse alguma catástrofe, o local ainda seria seguro para o imperador se esconder.

E devia ser monitorada, mas ela torcia para que naquele dia, dentre todos os outros, a equipe de segurança do país estivesse ocupada demais com outras coisas.

– Só tem um jeito de descobrir – disse ela, andando para a lateral da casa, onde havia portas de ferro fechadas na entrada do porão.

Se Cress estivesse certa, essas portas não levavam a um porão de armazenamento, mas a um túnel por baixo dos penhascos que conduzia diretamente ao subterrâneo do palácio.

Cinder abriu as portas e apontou a lanterna embutida para a escada. A luz iluminou teias de aranha e concreto e um interruptor antiquado que iluminaria o túnel embaixo, ao menos um certo trecho dele.

– Parece ser isso – disse ela, olhando para o grupo.

Thorne, com a venda nos olhos, estava com o cotovelo apoiando em um dr. Erland de cara feia.

Seria uma longa caminhada.

– Tudo bem – disse ela. – Jacin, volte com a Rampion e voe ao redor da cidade até receber minha mensagem.

– Eu sei.

– E fique de olho em qualquer coisa suspeita. Se detectar qualquer coisa, siga em frente e espere contato nosso de novo.

– Eu sei.

– Se tudo correr como planejado, estaremos na área de pouso do palácio às seis da tarde, mas, se alguma coisa der errado, talvez tenhamos que voltar para cá ou seguir por um dos túneis de fuga até a outra...

– Cinder – disse Thorne. – *Ele sabe.*

Ela olhou para ele com raiva e teve vontade de discutir, mas repassar o plano de fuga mais uma vez não faria nada além de lembrá-la de todas as coisas que poderiam dar errado. Jacin *sabia*; eles discutiram a questão exaustivamente, e todos estavam cientes de que o plano poderia desmoronar sem ele. Sem *qualquer um* deles.

– Tudo bem. Vamos.

CAPÍTULO

Quarenta e seis

CRESS SE EXAMINOU NO ESPELHO DE CORPO INTEIRO DO TROCADOR e quase começou a chorar.

De alguma forma, tinha se tornado uma personagem de ópera.

A pele descascou depois da queimadura e deixou um leve toque de sol.

Iko tinha cortado seu cabelo, que emoldurava o rosto em ondas douradas graciosas, e, apesar de não haver maquiagem na nave, também a ensinou a beliscar as bochechas e morder os lábios até ficarem de uma cor rosada.

Apesar de tudo o que sentira, ela estava começando a gostar de Iko. Pelo menos, não era horrível como Darla.

E apesar de ter sido Cress quem fez a compra urgente na boutique de marca usando uma conta roubada, ela não acreditou antes daquele momento que isso tudo aconteceria.

Ela ia a um casamento real, usando um vestido de seda e chiffon tingido de azul royal para realçar seus olhos (sugestão de Iko). O corpete era justo, e a saia era tão ampla que ela não tinha certeza de que conseguiria andar sem tropeçar. Nos pés, sapatilhas simples. Apesar de ela e Iko terem discutido sobre uma variedade de sapatos de salto alto elegantes, Cinder lembrou a todos que Cress talvez precisasse correr para salvar a vida em algum momento dos eventos do dia, e a praticidade venceu.

– Bristol-mèi, o que você acha? – perguntou a vendedora quando fechou o último botão nas costas de Cress.

– É perfeito. Obrigada.

A garota se estufou de orgulho.

– Estamos muito felizes por você ter nos escolhido para comprar a roupa do casamento real. Não poderíamos ficar mais

honrados. – Ela afastou o cabelo de Cress das orelhas. – Você trouxe suas joias, para podermos ver como tudo fica junto?

Cress puxou o lóbulo da orelha com constrangimento.

– Ah, não, tudo bem. Eu, hã... tenho que pegar no caminho. Do palácio.

Apesar de um brilho de confusão ter surgido no rosto da garota, ela apenas fez uma reverência com a cabeça e saiu do trocador.

– Está pronta para seu marido vê-la?

Cress fez uma careta.

– Acho que sim.

Ela seguiu a vendedora para fora do trocador até uma sala com mobília luxuosa, onde viu o novo “marido”.

Lobo estava olhando irritado para um espelho e tentando ajeitar o cabelo desgrehado. Usava um smoking impecável com gravata-borboleta clássica e gola engomada.

Ele olhou nos olhos de Cress pelo reflexo, e ela não conseguiu evitar se empertigar um pouco, mas, apesar de examiná-la, ele não teve reação nenhuma.

Desanimada, Cress uniu as mãos.

– Você está lindo... querido.

Ele estava mesmo, como um herói de romance, só músculos e ângulos e ossos esculpidos. Também parecia infeliz.

Nervosa de repente, Cress deu uma voltinha para mostrar a roupa toda.

Lobo só assentiu de forma rígida.

– O aerodeslizador está esperando.

Ela baixou as mãos para os lados do corpo, resignada ao fato de que Lobo estava disposto a se vestir para o papel, mas não a desempenhá-lo.

– Certo. Você está com os convites?

Ele bateu no bolso do peito.

– Vamos acabar logo com isso.



NA NAVE DE ENTREGA, VIAJANDO DO GALPÃO ATÉ O BUFÊ, IKO TEVE muita facilidade para mandar que outro androide trocasse de roupa com ela, para que ela pudesse se misturar com o resto dos outros usando uniformes de trabalho, desde que ninguém se incomodasse com as tranças azuis no cabelo, que estava preso em um coque apertado.

Iko saiu da nave com o primeiro grupo de androides alugados na sede do bufê e, quando seu dublê de corpo fosse encontrado depois, no florista, usando as roupas erradas, já estaria longe.

E quem desconfiaria dela? Ela era só mais uma androide sem cérebro e obediente.

Mas *essa* era a parte difícil.

Ficar em perfeita sincronia com os outros. Piscar precisamente dez vezes por minuto. Ficar calada enquanto a equipe humana do bufê conversava com animação sobre talvez ver o imperador em pessoa e debatia sobre o quanto seria apavorante se a rainha Levana não ficasse satisfeita com a comida. Iko foi obrigada a morder a língua e permitir que os instintos programados, os que ela passou a vida tentando enterrar enquanto aprendia sobre humor e sarcasmo e afeição, a deixassem sem expressão.

De lá, eles foram levados a um aerodeslizador. Apesar de não ser uma distância grande, a viagem foi maior porque o veículo contornou para os fundos do palácio, para perto da área de laboratórios e pesquisas e, claro, da entrada dos funcionários.

Iko sentiu a conversa dos humanos do bufê ficar mais nervosa conforme o aerodeslizador diminuía a velocidade.

Ela ouviu portões se abrindo, e o aerodeslizador foi reduzindo gradualmente até parar. As pessoas começaram a seguir para uma doca de descarga comercial. Não era a entrada chique pela qual Iko sempre visualizou ingressar no palácio, mas tentou não deixar a

decepção à mostra ao entrar na fila atrás dos colegas rígidos.

Havia duas mulheres ao lado da entrada. Uma, usando um sári de tom de pedras preciosas, estava anotando alguma coisa no tablet, enquanto a outra verificava chips de identificação para garantir que a equipe tivesse sido pré-aprovada para trabalhar nesse evento importante. Quando terminou com os humanos, ela mandou que os androides-acompanhantes fizessem duas filas. Iko foi para o final quando eles foram levados para dentro.

Foram guiados pelos corredores de serviço sem graça, com os sapatos estalando em sincronia perfeita. Iko observou com cuidado o progresso, contando portas e comparando com a planta que tinha na memória. A cozinha estava precisamente onde ela esperava e era ainda maior pessoalmente do que parecera na tela, com oito fornos de proporção industrial, incontáveis fogões e três bancadas que se esticavam por todo o comprimento do aposento, onde dezenas de chefs cortavam, amassavam, misturavam e mediam ao se prepararem para servir mil e duzentos dos convidados mais honrados da galáxia.

A mulher de sári puxou um homem de casaco de chef para o lado.

– Os androides! – gritou ela em meio à barulheira, indicando Iko e os outros. – Onde você os quer?

Ele observou a fila e prestou atenção por um instante no cabelo azul de Iko. Evidentemente, determinou que se importar não estava na descrição de seu trabalho e prosseguiu deslocando o olhar.

– Deixe-os aqui por enquanto. Vamos mandá-los com a equipe normal durante o primeiro serviço. Eles só precisam carregar uma bandeja e sorrir. Acha que conseguem?

– Eles nos garantiram que a programação é imaculada. Seria melhor se pudessem se concentrar em nossos convidados lunares. Quero que fiquem alerta para o caso de alguma coisa... indesejável acontecer.

Ele deu de ombros.

– Ninguém da minha equipe quer envolvimento com os lunares.

O homem voltou ao trabalho de organizar bandejas douradas em estações de trabalho diferentes, e a mulher saiu sem olhar para os andróides.

Iko ficou imóvel e se comportou muito, muito bem, e esperou. E aguardou. E tentou imaginar o que estava acontecendo com Cinder e Cress e os outros. Ninguém da equipe da cozinha prestou atenção neles além de lançar-lhes um olhar ocasional por ocuparem espaço demais na cozinha lotada.

Iko esperou até ficar confiante de que ninguém estava olhando e aproximou a mão da parte de trás da androide ao lado. A androide nem tremeu quando Iko procurou o trinco no pescoço, abriu e passou os dedos pelo painel de controle. Ela apertou um botão.

– Agora aceitando ordens externas – disse a androide em uma voz que não era nem humana, nem robô.

Iko baixou a mão e observou os chefs ali perto.

A cozinha estava barulhenta demais. Ninguém ouviu.

– Siga-me.

E, quando teve certeza de que ninguém estava olhando, entrou no corredor mais próximo.

A androide foi atrás como um animal treinado. Iko seguiu por dois corredores, prestando atenção em vozes e passos, mas as áreas menos usadas estavam abandonadas. Como esperado, toda a equipe disponível preparava a cerimônia e a recepção, sem dúvida medindo a distância entre pratos e colheres de sopa naquele momento exato.

Quando elas chegaram a um armário de manutenção, Iko fez a androide-acompanhante entrar.

– Quero que você saiba que não tenho nada contra você – disse ela, como apresentação. – Entendo que não é sua culpa seu programador ter tão pouca imaginação.

A androide-acompanhante sustentou o olhar dela com olhos

vazios.

– Em outra vida, poderíamos ter sido irmãs, e acho importante reconhecer isso.

Um olhar vazio. Um piscar de olhos a cada seis segundos.

– Mas acontece que sou parte de uma missão importante agora, e não posso ser desviada do meu objetivo por minha solidariedade por andróides menos avançados do que eu.

Nada.

– Tudo bem, então. – Iko esticou as mãos. – Preciso das suas roupas.

CAPÍTULO

Quarenta e sete

CRESS AFUNDOU OS DEDOS NO ASSENTO DO AERODESLIZADOR E SE inclinou para a janela até a respiração embaçar o vidro. Ela não conseguia arregalar os olhos o bastante, não com tanta coisa para ver, não quando não absorvia tudo. A cidade de Nova Pequim era infinita. Ao leste, um amontoado de arranha-céus se projetava da terra, prata e vidro e laranja brilhando sob o sol do fim da tarde. Depois do centro da cidade, havia armazéns e arenas, parques e subúrbios, seguindo até perder de vista. Cress ficou feliz pela distração das novas paisagens, dos prédios, das pessoas... Se não fosse isso, achava que ficaria enjoada.

Ela soltou uma exclamação de surpresa quando o palácio surgiu acima do penhasco, reconhecível das incontáveis fotos e vídeos. Mesmo assim, era muito diferente na vida real. Ainda mais magnífico e imponente. Ela abriu os dedos sobre a janela e emoldurou a vista. Via uma fila de veículos e uma massa de gente em frente aos portões, descendo pela lateral do morro até a cidade abaixo.

Lobo também estava com os olhos ferozes grudados no palácio que se aproximava, mas ela não sentia nenhum assombro da parte dele, só impaciência. O joelho dele não parava de balançar, e os dedos ficavam se flexionando e contraindo. Vê-lo a deixava nervosa. Ele estava tão deprimido na Rampion, tão impossivelmente imóvel. Ela se perguntou se essa explosão de energia era o primeiro sinal de que a bomba dentro dele tinha começado a tiquetaquear.

Ou talvez só estivesse ansioso, como ela estava. Talvez estivesse repassando o plano na mente. Ou pensando naquela garota. *Scarlet*.

Cress estava triste por não tê-la conhecido. Era como se a

tripulação da Rampion estivesse sem uma peça vital, e Cress não entendia como ela se encaixava. Tentou pensar nas coisas que sabia sobre Scarlet Benoit. Tinha pesquisado um pouco sobre ela quando Cinder e Thorne pousaram a nave na fazenda da avó dela, mas não muito. Na época, não fazia ideia de que Scarlet tinha se juntado a eles.

E Cress só falou com ela uma vez, quando a tripulação toda fez contato e pediu ajuda. Ela pareceu legal, mas Cress estava tão concentrada em Thorne que mal se lembrava de qualquer outra coisa além do cabelo ondulado e ruivo.

Mexendo nas alças do vestido, ela olhou para Lobo de novo e o pegou em uma tentativa de afrouxar a gravata-borboleta.

– Posso fazer uma pergunta?

O olhar dele se voltou para ela.

– Não é sobre quebrar sistemas de segurança, é?

Ela piscou sem entender.

– É claro que não.

– Então, tudo bem.

Ela alisou a saia ao redor dos joelhos.

– Essa Scarlet... você está apaixonado por ela, não está?

Ele ficou paralisado, imóvel. Enquanto o aerodeslizador subia a colina até o palácio, os ombros dele murcharam e ele voltou a olhar pela janela.

– Ela é minha alfa – murmurou com uma tristeza assombrada na voz.

Alfa.

Cress se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Como a estrela?

– Que estrela?

Ela enrijeceu, constrangida, e olhou de novo para ele.

– Ah. Hã. Em uma constelação, a estrela mais brilhante se chama alfa. Achei que você talvez quisesse dizer que ela é... como... sua estrela mais brilhante.

Ela afastou o olhar e uniu as mãos sobre o colo, ciente de que estava corando furiosamente e que aquele homem animalesco estava prestes a perceber que tola romântica ela era.

Mas, em vez de debochar ou rir, Lobo suspirou.

– Sim – disse ele, dirigindo o olhar para a lua cheia que subia sobre a cidade. – Exatamente.

Com um nó no coração, o medo que Cress sentia dele começou a diminuir. Ela estava certa. Ele *era* como o herói de um romance, que tentava salvar a amada. Sua alfa.

Cress precisou morder o lábio para impedir que a imaginação divagasse. Isso não era uma história boba. Scarlet Benoit era prisioneira em Luna. Era bem provável que já estivesse morta.

Foi um pensamento que despencou com força no estômago de Cress enquanto o aerodeslizador parava na frente do portão do palácio.

Um porteiro abriu a porta, e milhares de vozes soaram ao redor deles. Tremendo, Cress deu a mão para o porteiro como viu as garotas fazerem nas novelas. O calcanhar bateu no chão azulejado, e ela logo ficou cercada. Multidões de jornalistas e curiosos, tanto pacíficos quanto raivosos, ocupavam os arredores do pátio, tirando fotos, gritando perguntas, segurando cartazes que pediam que o imperador não fosse até o fim com isso.

Cress baixou a cabeça, com vontade de voltar para o aerodeslizador e se esconder das luzes intensas e da falação incessante. O mundo começou a girar.

Ah, espadas. Ela ia desmaiar.

– Senhorita? Senhorita, você está bem?

A garganta dela ficou seca. Sangue latejou nos ouvidos, e ela se sentiu afogar. Sufocar.

Mas um aperto firme em seu cotovelo a afastou do cortejo. Ela cambaleou, mas Lobo passou o braço firme como ferro na cintura dela e a apertou com força, obrigando-a a acompanhar seus passos. Ao lado dele, ela se sentia tão pequena e frágil quanto um pássaro,

mas havia também uma sensação de proteção. Ela se concentrou nisso e, em momentos, um sonho reconfortante surgiu ao redor dela.

Era uma atriz famosa de novelas fazendo uma grande estreia, e Lobo era seu guarda-costas. Ele não deixaria que nada acontecesse com ela. Era só manter a cabeça erguida e ser graciosa e confiante. O belo vestido de baile se tornou uma fantasia. A imprensa virou seus fãs apaixonados. Sua coluna se empertigou, milímetro a milímetro, trêmula, enquanto a escuridão começou a sumir da visão.

– Tudo bem? – murmurou Lobo.

– Sou uma atriz famosa – sussurrou ela em resposta.

Cress não ousou olhar para ele, com medo de estragar o feitiço lançado por sua imaginação.

Depois de um momento, ele afrouxou o toque.

O barulho da multidão atrás desapareceu e foi substituído pela serenidade calma de riachos borbulhantes e o sussurro dos bambus nos jardins do palácio. Cress ficou olhando em frente, para a enorme entrada, ladeada por pérgolas carmesim. Mais dois cortesãos esperavam no alto da escada.

Lobo pegou dois convites em alto-relevo. Cress ficou perfeitamente imóvel enquanto a luz do aparelho piscava sobre o minúsculo chip inserido no papel. Ela e Lobo não se encaixariam no papel de Linh Adri e da filha, mas tinha sido brincadeira de criança mudar os perfis de identificação codificados em cada chip. De acordo com o tablet, Lobo era o sr. Samhain Bristol, representante parlamentar de Toronto, Província do Canadá do Leste, Reino Unido, e ela era sua jovem mulher. O verdadeiro sr. Bristol estava, até onde Cress sabia, em casa em segurança, sem saber que tinha um dublê de corpo estragando a declaração política que ele estava tentando fazer ao *não* comparecer ao casamento real. Cress torcia para que continuasse assim.

Ela soltou a respiração quando o cortesão devolveu o convite

para Lobo sem nenhum sinal de hesitação.

– Estamos muito felizes pelo senhor ter decidido vir, Bristol-dären – disse ele. – Por favor, sigam para o salão, onde vocês serão levados a seus lugares.

Quando terminou de falar, ele já estava pegando os convites do casal de trás.

Lobo a levou adiante e, se compartilhava da ansiedade dela, não demonstrava.

O corredor principal estava cheio de guardas do palácio vestindo casacos vermelhos elegantes e ombreiras com franjas. Cress reconheceu uma tela pintada em uma das paredes, montanhas acima de nuvens e um lago cheio de garças. Seu olhar subiu instintivamente para um dos candelabros decorados que ocupavam o corredor, e apesar de ser pequena demais para que visse, ela sabia que uma das câmeras da rainha estava ali, observando-os naquela hora mesmo.

Apesar de duvidar que a rainha ou Sybil ou qualquer outra pessoa que pudesse reconhecer Cress estivesse assistindo às filmagens de segurança, ela virou a cabeça e começou a rir como se Lobo tivesse contado uma piada.

Ele franziu a testa para ela.

– Esses candelabros são *incríveis*, não são? – disse ela, colocando no tom o máximo de leveza que conseguiu.

A expressão de Lobo permaneceu distante, e, depois de um momento de incompreensão, ele balançou a cabeça e retomou a caminhada firme para o salão.

Eles se viram em um patamar com uma escadaria que levava a um salão enorme e lindo. O simples tamanho dele a lembrou da amplidão do deserto, e ela foi tomada pelo mesmo espanto e tontura que sentiu antes. Ficou feliz por não serem os únicos no alto da escada vendo a multidão chegar e ocupar as fileiras de assentos acolchoados abaixo. Faltava pelo menos uma hora para que a cerimônia começasse oficialmente, e muitos dos convidados

estavam usando o tempo para caminhar e observar a beleza de tudo.

Muitos pilares por todo o salão eram entalhados com dragões pintados de dourado, e as paredes estavam tão cheias de buquês de flores, alguns do tamanho de Cress, que parecia que os jardins tinham começado a crescer lá dentro. Havia seis gaiolas de pássaros ao lado das janelas que iam do chão ao teto, exibindo pombas e tordos e pardais, todos cantando uma melodia caótica que rivalizava com a beleza da orquestra.

Cress se virou para olhar para Lobo, assim, se alguém olhasse para eles, teria a impressão de que estavam mergulhados em uma conversa. Ele inclinou a cabeça para ela a fim de completar a farsa, mas seu foco estava no guarda mais próximo.

– Você não acha que a gente devia... andar por aí, acha?

Ele franziu o nariz.

– Acho melhor não. – Depois de olhar ao redor, ele ofereceu o cotovelo a ela. – Mas talvez nós possamos ir admirar os pássaros nas gaiolas.

CAPÍTULO

Quarenta e oito

DEPOIS DE PASSAR PELO PORÃO ÚMIDO, CINDER FICOU FELIZ DE descobrir que o túnel de fuga era, digamos, adequado a um imperador. O piso era azulejado e as paredes eram de concreto liso com luzes suaves a cada vinte passos. Eles podiam andar sem medo de Thorne tropeçar em pedras.

Mesmo assim, o progresso era lento demais, e mais de uma vez Cinder pensou em deixá-los para trás. Thorne estava acompanhando bem, mas a idade e as pernas curtas do dr. Erland faziam o passo dele parecer um rastejar agonizante. Se ela não achasse que iria ofendê-lo, teria oferecido carregá-lo nas costas.

Ela ficava lembrando a si mesma que eles se planejaram para isso. Estavam dentro do horário.

Tudo daria certo.

Ela repetiu várias vezes para si mesma.

Depois de um tempo, ela começou a reparar em sinais de que eles estavam se aproximando do palácio. Depósitos cheios de itens não perecíveis e jarras de água e vinho de arroz. Geradores de energia silenciosos e sem uso. Salas amplas, vazias exceto por mesas redondas enormes e cadeiras com aparência desconfortável, telas pretas e painéis de controle e processadores; não dos mais modernos, mas novos o bastante para deixar claro que esses túneis de fuga estariam prontos para uso se fosse necessário. Se a família real precisasse se esconder, poderia ficar ali embaixo por muito tempo.

E não só a família real, percebeu Cinder ao seguir em frente e passar por mais depósitos e corredores que se abriam em todas as direções. Isso era um labirinto. Parecia haver espaço suficiente para o governo todo ir morar ali embaixo, ou pelo menos todo

mundo que trabalhava no palácio.

– Estamos quase lá – disse ela, depois de rastrear a posição deles por navegação de satélite e pelo mapa em seu display na retina.

– Espere, para onde a gente está indo mesmo? Faz tanto tempo que saímos da nave que não consigo lembrar.

– Muito engraçado, Thorne.

Ela olhou para trás. Thorne estava andando com uma das mãos na parede, e o dr. Erland usava a bengala dele. Ela se perguntou quanto tempo havia se passado desde que Thorne dera a bengala para ele e depois que a respiração do doutor tinha começado a ficar ofegante. Ela mal percebeu, pois estava preocupada demais com o plano que ocupava sua cabeça.

Ao ver gotas de suor na testa do doutor e pingando pela aba do chapéu, ela fez uma pausa.

– Você está bem?

– Sonhando – ofegou ele, com a cabeça baixa. – Agarrado... a um rabo de cometa. Pó de estrelas e dunas de areia e... por que está... tão quente aqui?

Cinder massageou a nuca.

– Certo. Hum. Fizemos um bom progresso – mentiu ela. – Talvez possamos descansar um minuto.

O doutor balançou a cabeça.

– Não... minha Lua Crescente está lá em cima. Vamos seguir o plano.

Thorne chegou mais perto deles, sua expressão igualmente perplexa.

– A lua de hoje não é cheia?

– Doutor, você não está tendo alucinações, está?

O dr. Erland apertou os olhos azuis na direção dela.

– Vá. Estou logo atrás. Já... já estou melhor.

Parte de Cinder queria discutir, mas ela não podia negar que não havia muito tempo a perder, mesmo se ele quisesse.

– Tudo bem. Thorne?

Ele deu de ombros e esticou a mão na direção dela.

– Vá na frente.

Cinder verificou o mapa e seguiu adiante, esperando que um dos corredores se encaixasse nas instruções que Cress deu. Quando viu uma escadaria subindo em curva, ela diminuiu e verificou a localização em comparação à planta do palácio.

– Acho que é aqui. Thorne, cuidado. Doutor?

– Estou bem, obrigado – disse ele, com a mão no lado do corpo.

Cinder se preparou e começou a subir. A escada se curvava para cima, as luzes de baixo viraram sombras e acabaram se tornando tamanha escuridão que ela acendeu a lanterna de novo. A parede era lisa e sem decoração, exceto por um corrimão de metal. Cinder estimou ter subido três andares de degraus até chegar a uma porta. Era grande o bastante para quatro pessoas entrarem lado a lado, feita de aço grosso e reforçado. Como esperado, não havia dobradiças nem maçaneta daquele lado, uma proteção adicional para o caso de alguém descobrir a entrada para o túnel de segurança e tentar entrar escondido no palácio.

Essa porta foi feita para só ser aberta por dentro.

Cinder se segurou no corrimão, levantou o outro punho e batucou uma melodia.

E então esperou, perguntando-se se foi alto o suficiente, se era cedo demais e se estava atrasada e o plano já tinha desmoronado.

Até que ouviu um barulho. Uma tranca estalando, um mecanismo de tranca chiando, o gemido de dobradiças sem uso.

Iko apareceu na frente dela, sorrindo e segurando uma pilha de roupas bem dobradas.

– Bem-vinda ao Palácio de Nova Pequim.



EMBORA NÃO QUISESSE ADMITIR EM VOZ ALTA, THORNE ESTAVA triste por se separar de Cinder e seguir adiante só com o médico mal-humorado

e ofegante como guia. Até o momento, não sentiu muito calor vindo do coroa, que parecia não achar que consertar a cegueira de Thorne era prioridade, sem mencionar a baboseira que ficou falando nos túneis. Mesmo assim, ali estavam eles. No palácio. Seguindo para os laboratórios, onde encontrariam o equipamento necessário para fazer toda a pseudociência de conserto óptico da qual o doutor tinha falado.

Sozinhos.

Só os dois.

– Por aqui – disse o doutor, e Thorne ajustou a direção, mantendo uma das mãos na parede.

Sentia falta da bengala, mas a ouvia estalando à frente, e o doutor parecia precisar mais.

Thorne torcia muito para que o doutor não estivesse prestes a desabar. Isso estragaria tantas coisas naquele dia.

– Está vendo alguém? – perguntou Thorne.

– Não faça perguntas idiotas.

Thorne fez uma careta, mas ficou de boca fechada. As coisas estavam como esperado. Ninguém imaginaria uma invasão do palácio pelos túneis de fuga secretos, então, enquanto toda a guarda estava colocada nos portões do palácio e ao redor do salão, ele e doutor provavelmente ficariam com a ala do laboratório toda para eles.

Pelo menos até a hora de afastar a atenção de Cinder e Cress.

A superfície da parede mudou sob os dedos dele, de uma textura quente parecida com papel para alguma coisa fria e lisa. Ele ouviu uma porta se abrir.

– Aqui – disse o doutor. – Mais escadas.

– Por que não pegamos o elevador?

– É operado por androides. Exigiria um chip de identificação autorizado.

Thorne segurou o corrimão e seguiu o doutor, subindo e subindo. O doutor precisou parar duas vezes para recuperar o

fôlego, e Thorne esperou, tentando ser paciente, o tempo todo se perguntando o que Cress estava fazendo. Se estaria pronta quando a hora chegasse.

Ele não ficou pensando muito tempo. Ela estava com Lobo. Ficaria bem.

Por fim, o doutor abriu outra porta. Uma curta distância por piso duro e liso. Um novo zumbir de luzes acima.

– O aconchegante laboratório 6D. Foi aqui que conheci a princesa, sabe.

– Laboratório 6D. Certo. Eu mesmo tive sucesso em conhecer princesas em laboratórios de pesquisa.

Ele franziu o nariz. A sala tinha cheiro de hospital, estéril e fria e medicinal.

– Tem uma mesa de laboratório quatro passos à sua frente. Deite-se.

– Sério? Você não quer descansar, recuperar o fôlego...?

– Não temos *tempo*.

Thorne engoliu em seco e andou devagar até bater com a mão em uma mesa acolchoada. Procurou a beirada e subiu nela, amassando embaixo de si o papel que forrava a mesa.

– Mas essa não é a parte em que você enfia objetos afiados no meu osso pélvico? Talvez não seja boa ideia ir com pressa.

– Você está nervoso?

– Estou. Muito, na verdade.

O doutor deu uma risada debochada.

– É a sua cara. Quando finalmente demonstra um pouco de humanidade por baixo da arrogância, é claro que é preocupação consigo mesmo. Não estou surpreso.

– *Você* não ficaria preocupado nessa situação? Minha visão. Minha pélvis.

– Meu país. Minha princesa. Minha filha.

– Que *filha*? Do que você está falando?

O doutor tossiu, e Thorne ouvi-o abrindo e fechando gavetas.

– Imagino que sua visão *foi* perdida enquanto você tentava salvar Crescente daquele satélite. Só por isso, estou em dívida com você.

Thorne coçou a bochecha.

– Imagino que sim?

– Ela por acaso contou por quanto tempo ficou presa?

– Cress? Sete anos no satélite.

– Sete anos!

– É. Antes disso, acho que ela ficava com outros cascudos em um alojamento vulcânico, sei lá. Não me lembro. Aquela taumaturga coletava amostras de sangue deles, mas Cress parecia não saber por quê.

Uma porta de armário foi fechada com força, e em seguida veio o silêncio.

– Doutor?

– Coletava amostras de sangue? De cascudos?

– Estranho, né? Mas pelo menos ela não foi sujeita a nenhuma alteração genética bizarra como Lobo. – Thorne balançou a cabeça. – Não entendo esses cientistas lunares. Eles parecem estar fazendo muita coisa maluca lá em cima.

Mais silêncio e, depois, mais movimento. Thorne ouviu uma cadeira ou mesa ser empurrada na direção dele.

– Eles deviam estar usando sangue de cascudos para desenvolver o antídoto – refletiu o doutor. – Mas o momento não parece fazer sentido. Ela foi levada antes da epidemia de letumose aqui na Terra. Antes que soubessem que a doença existia.

Thorne inclinou a cabeça para o doutor quando a falação parou.

– O que foi agora?

– A menos que... *A menos quê.*

– A menos que... o quê?

– Ah, estrelas. É por isso que eles as queriam. Pobres crianças.

Minha pobre e doce Lua Crescente...

Thorne apoiou o queixo na palma da mão.

– Deixe pra lá. Pode terminar sua falação sem sentido e me avise

quando estiver pronto para seguir em frente.

Outro movimento de rodas no piso duro.

– Você não a merece, sabe – disse o doutor, com uma nova irritação no tom.

– Tenho certeza de que... espere, o quê?

– Espero que ela volte a si logo, porque vejo como olha para você e não gosto nem um pouco.

– De quem estamos falando?

Alguma coisa estalou quando o doutor deixou cair o que Thorne supôs serem ferramentas médicas em uma bandeja de metal.

– Não importa agora. Deite-se.

– Pare um segundo. E seja sincero. – Thorne levantou um dedo. – Você está tendo um colapso nervoso agora?

O doutor bufou.

– Carswell Thorne. Eu posso ter acabado de fazer uma descoberta importante que precisa ser compartilhada com o imperador Kaito e os outros líderes terráqueos imediatamente. Mas isso não pode acontecer enquanto não tivermos terminado essa farsa toda. Agora, pela minha estimativa, temos menos de cinco minutos para extrair as células-tronco e dividi-las para a solução de regeneração. Posso não gostar de você, mas estou ciente de que estamos do mesmo lado e estamos ambos dedicados a ver Cress e Cinder saírem vivas desse palácio hoje. Você vai confiar em mim ou não?

Thorne pensou na pergunta por mais tempo do que o doutor queria, depois suspirou e se deitou de novo na mesa.

– Pode começar quando estiver pronto. Mas, primeiro, não se esqueça de...

– Eu não esqueci. Ativar o alarme de surto de letumose... agora.

Thorne ouviu o som delicado de dedos em uma tela, e uma sirene alta começou a berrar pelos corredores.

CAPÍTULO

Quarenta e nove

CRESS ESTAVA FICANDO INQUIETA. AS NÚPCIAS REAIS TINHAM SIDO marcadas para começar em apenas vinte e sete minutos, e até onde ela conseguia perceber, todos os guardas e seguranças permaneciam em suas posições. Além disso, ela e Lobo ficavam sem alternativas para passarem despercebidos sem ter que voltar para as cadeiras. Até o momento, cada um tinha mordiscado aperitivos de camarão servidos por garçons (Cress: um; Lobo: seis), se revezado para ir ao banheiro enquanto tentavam na verdade perceber se algum dos guardas parecia preocupado com uma possível falha de segurança, e três vezes Cress teve que gargalhar de um jeito sonhador e segurar a mão de Lobo para fazer com que alguma admiradora seguisse em frente. Era sua atuação mais impressionante, porque tocar em Lobo a deixava pouco à vontade, e era difícil imaginá-lo contando uma piada.

– Talvez devêssemos começar a pensar em um plano B – murmurou Cress quando reparou que a orquestra recomeçou a tocar a mesma música.

– Já fiz isso – disse Lobo.

Ela olhou para ele.

– É mesmo? E qual é?

– Prosseguimos para o centro de segurança, como planejado. Só vou precisar derrubar bem mais guardas no caminho daqui até lá.

Ela mordeu o lábio, não muito animada com o plano B.

E então...

– Ali. Olhe.

Ela seguiu o gesto dele. Dois guardas estavam conversando de cabeça baixa. Um tinha distintivos que indicavam uma posição bem mais elevada. Ele apontou para um corredor, na direção do

laboratório de pesquisa.

Bem, na verdade, era na direção de praticamente qualquer coisa, mas Cress torcia para ele estar falando de alguma confusão na ala de pesquisa. Isso significaria que os outros conseguiram chegar lá e acionar os alarmes.

Um segundo depois, os dois guardas saíram do salão.

– Você acha que elas conseguiram? – perguntou Cress.

– Hora de descobrir.

Lobo ofereceu o braço, e juntos eles seguiram para o corredor principal. Os guardas restantes não prestaram atenção quando os dois entraram em um corredor adjacente. Cress ficou repetindo as instruções que tinha decorado: pegar o quarto corredor à direita, passar pelo pátio com a fonte da tartaruga, depois pegar a segunda entrada à esquerda. O coração dela começou a bater desesperadamente no peito.

Duas vezes eles foram parados pelo pessoal do palácio, e duas vezes pediram instruções como convidados confusos e um pouco embriagados, e tiveram que voltar para um esconderijo até Lobo achar seguro prosseguir com o deslocamento. Mas nenhum alarme foi disparado e nenhum guarda foi atrás. Cress sabia que eles já tinham sido capturados por várias câmeras espalhadas pelo palácio, mas ela e Lobo não eram reconhecíveis como Cinder, Thorne e o dr. Erland, e, mesmo que despertassem desconfianças, ela torcia para que todos estivessem distraídos demais pela emergência no laboratório de pesquisa para se importarem. Mesmo assim, quanto mais eles se afastavam do salão de baile, menos chance havia de acreditarem no fingimento de inocência deles.

Ela ficou feliz quando Lobo acelerou o passo. Cinder e Iko já os estariam esperando, e eles estavam ficando sem tempo.

Eles chegaram a uma passarela suspensa que unia duas das torres do palácio. O piso de vidro deixava à mostra um córrego pacífico borbulhando abaixo, entre plantas verdejantes e

crisântemos pesados. Depois da passarela, eles se viram em um saguão circular, com assentos vazios entalhados de madeira escura, estátuas de criaturas míticas ao redor e uma floresta de bambus e orquídeas em vasos que davam um aroma intenso ao aposento.

Cress reconheceu o espaço, andou até uma escultura de um dragão da sorte de noventa centímetros e girou-a no pedestal até que ficasse de frente para a parede.

– Tem uma câmera lunar no olho esquerdo – explicou ela, e correu para os elevadores.

Havia um androide branco no centro da parede de elevadores, seus braços com pinças compridos cruzados na frente do abdômen. Um sensor azul brilhou sobre eles.

– Peço desculpas pela inconveniência – disse ele, em um tom monótono cujo objetivo diplomático era não transmitir nenhum preconceito. – Estamos vivenciando uma falha de segurança de nível um, e todos os elevadores foram temporariamente desligados. Apreciem uma xícara de chá enquanto esperamos liberação.

Um dos braços indicou uma alcova onde havia uma máquina com um bule de porcelana delicada, com vapor saindo pelo bico e uma variedade de folhas e temperos.

– Você tem capacitação para desativação de segurança? – perguntou Cress ao androide.

– Tenho, mas só um código oficial ou...

Cress se agachou e virou o androide.

– Você não tem uma chave de fenda ou alguma outra coisa que possamos usar para abrir o painel de controle?

– ... um oficial do palácio com autoridade para isso...

Lobo se inclinou por cima dela, afundou as unhas na abertura e arrancou o painel todo com a mão.

– ... poderia suplantar uma falha de segurança de nível um. Peço desculpas pela inconveniência, mas tenho que pedir que vocês...

Lobo pegou no bolso o tablet que o doutor tinha lhe dado e passou-o para Cress. Ela puxou um cabo e ligou no androide, impedindo que a avaliação diagnóstica automática se iniciasse. Ela começou a fazer uma busca manual por configurações para suplantar a segurança.

– ... parem de tentar alterar propriedade oficial do governo. Alterar um androide real pode resultar em uma multa de até cinco mil univs e seis meses de... Identidade confirmada: conselheiro real Konn Torin. Suplantação de segurança completa. Esperando instruções.

– Elevador para o andar principal – disse Cress.

– Favor se dirigir ao elevador A.

Cress puxou o cabo. Lobo ajudou-a a se levantar quando as portas mais próximas se abriram e a puxou para dentro do elevador.

O coração dela estava disparado, e o elevador descia. Ela imaginou as portas se abrindo em frente a um exército de guardas com as armas apontadas e prontas. Achou que, a essa altura, eles já estavam sendo observados. A distração de Thorne não poderia oferecer mais do que isso, e havia duas câmeras em cada elevador do palácio. A única pergunta era quanto tempo os guardas levariam para chegar a eles depois que descobrissem para onde estavam indo.

O elevador parou. As portas hesitaram por tempo demais, e a pulsação dela tremeu loucamente, até que se abriram em um saguão vazio. Ela soltou a respiração presa.

Esse andar do palácio era praticamente só de espaço administrativo, usado para reuniões diplomáticas e onde ficavam os escritórios de uma multidão de oficiais do governo. Ela reconheceu algumas partes. O nome na placa daquela mesa. O quadro naquela parede. Em sua cabeça, Cress estava de volta ao satélite, enquanto ela e Lobo corriam pelo corredor acarpetado. Ela via Lobo e a si mesma pelas câmeras nos tetos. Estava imaginando

como os dois pareceriam a ela lá em cima, sempre desligada e nada envolvida e vendo, vendo. Quando eles dobraram uma esquina, ela se visualizou clicando em outras imagens. Quando passaram por uma câmera, ela a imaginou passando da visão da frente deles para a das costas.

Eles chegaram aos elevadores seguintes sem problemas, embora esses não tivessem andróides vigias.

Ela apertou o botão do elevador, mas nada aconteceu. As palavras ELEVADORES TEMPORARIAMENTE PARADOS DEVIDO A FALHA NÍVEL 1 apareceram na tela em fontes vermelhas. Cress olhou com irritação e enfiou as unhas no painel. Devia haver um jeito de passar, para o caso de alguém importante precisar ir por ali, mas sem um andróide designado...

Ela foi segurada pelo cotovelo e puxada. Deu um grito, pensando por um momento que um guarda a tinha capturado, mas era só Lobo puxando-a para um canto.

– Escadas – disse ele, abrindo uma porta.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cress ouviu o som de botas batendo no chão ao longe.

O coração saltou na garganta, e ela olhou para Lobo a fim de ver se ele tinha ouvido, mas, antes que pudesse falar, a jogou sobre o ombro e pulou da escada até o patamar em um salto só. Ela deu um gritinho, mas colocou a mão sobre a boca para controlar o pavor repentino.

Para baixo, para baixo, para baixo. Finalmente, eles passaram por uma placa intitulada: SUBNÍVEL D: MANUTENÇÃO/SEGURANÇA.

Dessa vez, quando Lobo a colocou no chão e abriu a porta, parecia que eles não estavam mais no palácio. As paredes eram brancas, o chão era de concreto cinza e sem graça. A escadaria os levou a um pequeno saguão, com o elevador à esquerda e uma mesa cheia de coisas à frente. Por trás da mesa havia uma sala toda de vidro escuro, com uma cadeira vazia em frente a uma parede onde trinta e seis telas mostravam filmagens de segurança dentro

do palácio e na propriedade ao redor. Quatro das telas piscavam com avisos de falhas de segurança.

E havia também o guarda, apontando uma arma para eles.

– Fiquem onde estão! Coloquem as mãos onde eu consiga ver!

Trêmula, Cress se moveu para seguir a ordem, mas, antes que a ponta dos dedos pudessem roçar no cabelo, Lobo a empurrou para longe. Ela gritou e caiu no chão. O vestido rasgou em alguma parte do forro, e um tiro ecoou no concreto. Ela gritou e cobriu a cabeça.

– Cress, se levante. Agora.

Ela afastou os braços e viu que o guarda estava inconsciente e caído sobre a mesa. Lobo se inclinou, chutou a arma para longe, arrastou o guarda até a porta de vidro e levantou o pulso dele até o escâner de identificação. Uma luz verde piscou.

– Venha. Tinha mais dois guardas atrás de nós.

Tremendo, Cress se levantou e seguiu Lobo para a sala de controle de segurança.

CAPÍTULO

Cinquenta

– ESTOU USANDO ISSO DIREITO? – PERGUNTOU CINDER, MEXENDO na blusa de amarrar com três fitas diferentes que eram para ser presas de algum jeito misterioso.

– Sim, está ótimo – disse Iko. – Quer parar de mexer a cabeça?

Ela colocou as mãos sobre as orelhas de Cinder para que ela ficasse de cabeça parada.

Cinder se balançava, inquieta, tentando acalmar os pensamentos acelerados enquanto Iko girava seu cabelo em um coque apertado que fazia seu couro cabeludo formigar. Parecia que Thorne e o dr. Erland tinham se separado dela horas antes, embora o relógio contando os segundos em sua cabeça alegasse terem se passado menos de dezessete minutos.

No canto da visão havia um noticiário com uma contagem regressiva própria. A contagem para o início do casamento real.

Cinder fechou os olhos e tentou afastar outra onda de náusea. Nunca tinha ficado tão nervosa em toda a vida, e não era só a espera e a certeza de que tantas coisas podiam dar errado, e o pavor de ser capturada e devolvida para a prisão a qualquer minuto.

O que realmente a apavorava, o que deixava seus nervos latejando, era saber que veria Kai de novo. Cara a cara. Que olharia nos olhos dele pela primeira vez desde que tinha caído no jardim do palácio.

Na ocasião, a expressão dele estava tão cheia de choque e traição que o coração dela se partiu em dois, principalmente porque, menos de uma hora antes, ela apareceu encharcada no alto da escada, e Kai ergueu o olhar e sorriu.

Um sorriso.

As duas expressões não poderiam ter sido mais diferentes, e as duas foram dirigidas a ela.

Ela não sabia o que esperar quando o visse de novo, e a incerteza era apavorante.

– Cinder... você está assistindo ao noticiário?

Ela retomou o foco no apresentador que estava falando de um atraso temporário na cerimônia. Disseram que tudo estava bem e a cerimônia começaria em pouco tempo, mas que uma equipe de segurança estava tomando precauções adicionais...

– É agora. Vamos.

Só depois que elas espiaram pelo corredor de serviço nas duas direções e confirmaram que não havia ninguém por perto e que as luzes suaves perto das câmeras de teto mais próximas estavam apagadas foi que Cinder começou a perceber a extensão de sua vulnerabilidade.

Ela era a criminosa mais procurada do mundo e estava voltando para a cena do crime.

Mas não havia como mudar de ideia.

Ela desligou o noticiário e abriu a planta do palácio.

– Localizando agora – disse ela, usando o sistema de posicionamento interno para marcar onde ela e Iko estavam antes de inserir o código de rastreamento do imperador Kai que Cress lhe dera.

Ela prendeu a respiração enquanto o sistema procurava e procurava.

E então... ali estava ele. Um ponto verde na torre norte. No décimo quarto andar. Na sala que levava aos seus aposentos pessoais. Ele andava de um lado para outro.

Ela tremeu. Estava tão perto dele, depois de estar a uma galáxia de distância.

– Achei.

Elas ficaram nos corredores que Cinder esperava estarem desocupados. Viu-se olhando continuamente para as câmeras no

teto, mas nenhuma se moveu nem piscou nem indicou estar ligada, e a paranoia de Cinder começou a sumir lentamente.

Cress conseguiu. Ela desligou o sistema de segurança.

Então, elas dobraram uma esquina no saguão de elevadores da torre norte, e Cinder deu um encontrão em uma mulher.

Ela cambaleou para trás.

– Ah... desculpe!

A mulher olhou para Cinder. Era funcionária do palácio, vestida com a mesma blusa e a calça preta que elas.

Cinder ativou seu glamour e transformou a mão ciborgue em humana e deu o mesmo tom impecável à pele de um androide-acompanhante. Deu um sorriso que torcia para esconder a surpresa e fez uma reverência.

Ela demorou mais alguns segundos para se dar conta do motivo para estar tão surpresa. Não por elas terem dado de cara com uma pessoa aqui no corredor, mas porque não tinha sentido essa mulher no outro corredor.

Era uma sensação tão sutil que ela nem percebeu que estava fazendo isso antes: projetar a consciência e tocar de leve a bioeletricidade emanada por cada ser humano. Ela se acostumou a sentir Thorne e Lobo e Jacin e o dr. Erland quando estavam por perto, e a presença deles era como uma sombra no subconsciente dela. Era instintivo, tão fácil quanto respirar.

Mas essa mulher era uma tábula rasa para ela. Como Cress, uma cascuda. Como Iko.

– Minhas desculpas – disse a mulher, retribuindo a reverência de Cinder. – Essa ala do palácio está fechada para qualquer pessoa que não tenha passe emitido pela coroa. Preciso pedir que saiam.

– Temos passe – disse Iko, dando um sorriso largo. – Pediram que verificássemos com Sua Majestade Imperial se ele deseja alguma bebida enquanto espera o início da cerimônia.

Ela fez que ia passar pela mulher, mas uma mão surgiu e apoiou no peito dela.

No entanto, o olhar sereno da mulher permaneceu fixo em Cinder.

– Você é Linh Cinder – disse ela. – É uma fugitiva procurada. Preciso alertar as autoridades.

– Er, desculpe, mas agora é um momento ruim para mim.

Cinder deu um passo para trás, ergueu a mão e disparou um dardo tranquilizante na coxa da mulher. O dardo tiniu, a ponta ficou presa brevemente no tecido da calça dela e caiu no chão.

Era toda a confirmação de que ela precisava.

Cinder trincou o maxilar e golpeou a lateral da cabeça da mulher, mas ela se abaixou e ergueu a perna, batendo com o pé no lado do corpo de Cinder.

Ela grunhiu e cambaleou, e acabou caindo contra a parede.

Com expressão impassível, a mulher pulou em cima dela, o cotovelo dirigido ao nariz. Cinder quase não conseguiu bloquear o movimento e aproveitou o impulso para girar e prender o braço ao redor do pescoço da mulher.

A mulher sacudiu os quadris e fez Cinder voar por cima da cabeça dela. Cinder caiu de costas, com a visão manchada.

– Iko... ela é...

Ela ouviu um clique, e a briga parou atrás dela.

Cinder gemeu.

– Uma androide.

– Eu reparei – disse Iko, erguendo um painel de controle cheio de fios arrancados. – Você está bem?

Iko se agachou ao lado de Cinder, com uma expressão perfeita de preocupação.

Apesar de ainda estar ofegante, Cinder se viu sorrindo.

– Você é a androide mais humana que já conheci.

– Eu sei. – Iko passou a mão por baixo de Cinder e a ajudou a se levantar. – Seu cabelo está uma bagunça. Sinceramente, Cinder, você não consegue ficar apresentável por mais de cinco minutos?

Cinder se apoiou em Iko e ficou de pé.

– Sou mecânica – disse ela, uma resposta automática.

Ela olhou para a mulher, cujos braços estavam inertes nos lados e cujos olhos olhavam vazios para o elevador.

Cinder balançou a cabeça para clarear os pensamentos e apertou o botão do elevador. A tela piscou duas vezes com um aviso de falha de segurança de nível um e ficou verde. O elevador mais próximo se abriu.

Em algum lugar, muitos andares abaixo do palácio, Cress tinha conseguido liberar o elevador para elas.

Juntas, ela e Iko arrastaram a androide para o elevador e a deixaram em um canto. As mãos de Cinder estavam tremendo tanto de adrenalina que ela quase apertou o botão do andar errado. Quando as portas se fecharam, ela tirou os últimos grampos do cabelo e prendeu em um rabo de cavalo rápido e desgrenhado. Cinco minutos apresentável foram o suficiente.

Mentalmente, direcionou o foco para os dois pontos separados que estavam se aproximando cada vez mais.

Ela, deslizando entre andares da torre.

E Kai.



HAVIA ALGUMA COISA ERRADA. A TAUMATURGA SYBIL MIRA SENTIA a forma como os guardas terráqueos estavam agindo, por haver sussurros demais e mãos pousadas em cabos de armas. Ao seguir a rainha Levana, Sybil foi ficando tensa.

A rainha não ficaria feliz se alguma coisa desse errado.

Ela olhou para o lado, para o taumaturgo Aimery. Seus olhos se encontraram. Ele também havia reparado.

Ela olhou para a frente, para a rainha, que estava usando vermelho e dourado, as cores tradicionais de casamento da Comunidade. Sua cabeça estava coberta por um véu fino, e a longa cauda do vestido foi bordada com os rabos decorados de um

dragão e uma fênix que convergiam na frente. O tecido balançava como uma vela quando ela andava. A postura sugeria orgulho e confiança, como sempre. Será que já tinha reparado em alguma coisa? Mesmo que tivesse, talvez só atribuísse à sua presença e a como os fracos terráqueos simultaneamente a encaravam e se encolhiam de medo dela. Mas Sybil sabia que era mais do que isso.

Os cabelos em sua nuca se eriçaram.

Eles estavam quase no corredor principal quando um guarda entrou na frente dos acompanhantes. Sua Majestade parou e a saia se acomodou ao redor dos pés. Aimery também parou, mas Sybil continuou andando para ficar ao lado de Sua Majestade, tomando o cuidado de não favorecer a perna machucada. Ela podia ter sido obrigada a contar à rainha sobre o fracasso em capturar Linh Cinder, mas até o momento tinha evitado o fato constrangedor de ter levado um tiro na briga. Do *próprio guarda*, ninguém menos.

– Minhas sinceras desculpas, Vossa Majestade – começou o guarda terráqueo com uma reverência rápida.

Sybil olhou com raiva, e, com um movimento dos dedos, o guarda caiu de joelhos. Ele grunhiu.

– Você vai demonstrar respeito à minha rainha quando falar com ela – disse Sybil, enfiando as mãos nas mangas.

O guarda demorou um momento para se recuperar do choque. Ela não permitiu que ele ficasse de pé nem erguesse a cabeça da posição baixa e respeitosa, e finalmente limpou a garganta e prosseguiu, com voz mais tensa do que antes:

– Vossa Majestade, estamos passando por um mau funcionamento inesperado em nossos sistemas de segurança. Determinamos que, para sua segurança e para a segurança do imperador Kaito, teremos que atrasar a cerimônia. – Ele fez uma pausa para inspirar. – Estamos otimistas de que o atraso será curto. No entanto, infelizmente tenho que pedir que você volte para seus aposentos. Você será informada assim que a questão for resolvida e possamos prosseguir com a cerimônia. – Uma gota de suor desceu

pelo pescoço dele. – Seus acompanhantes poderão levá-la até...

– Que tipo de mau funcionamento? – perguntou a rainha.

– Infelizmente, não posso divulgar nenhum detalhe neste momento, mas estamos trabalhando para corrigir o...

– Essa não é uma resposta aceitável para a pergunta justa da rainha – retrucou Sybil. – Você sugeriu que minha rainha pode estar em perigo. Exijo saber que detalhes você tem da situação, para que eu possa cuidar pessoalmente da segurança dela. Não aceitaremos ficar na ignorância. Agora, que tipo de mau funcionamento vocês estão tendo?

Ela viu o maxilar dele se flexionando, os olhos grudados no chão em frente aos pés da rainha. Sybil duvidava de que ele fosse de posição elevada o bastante para responder à pergunta, mas o medo estava trabalhando contra a determinação. Os dois guardas de posição inferior que o acompanharam não se moveram, mas a postura rígida indicava o desconforto deles. Talvez ela devesse deixar todos prostrados.

– Uma falha manual – disse o guarda. – Nosso sistema de segurança foi desligado, o que só pode ser feito na sala de controle central.

– E isso fica dentro do palácio?

– Sim, taumaturga Mira.

– Você está me dizendo que seu mau funcionamento é, na verdade, uma *falha* de segurança.

– É uma possibilidade que estamos considerando. Nossa prioridade número um é a segurança de nossos hóspedes. Mais uma vez, preciso pedir que volte aos seus aposentos, Vossa Majestade.

Sybil riu.

– O palácio pode ter sido infiltrado. Vocês não conseguem impedir que alguém invada seu sistema de segurança, mas acha que vamos ficar em segurança nos aposentos dos *hóspedes*?

– Já basta, Sybil.

Sybil parou e olhou para a rainha. Os dedos longos e pálidos estavam entrelaçados sobre a saia, mas Sybil supôs que, por baixo do véu, os olhos estariam perfurantes como agulhas.

– Minha rainha?

– Tenho certeza de que esses homens estão todos cientes da importância dessa cerimônia de casamento e das repercussões globais que poderiam ser geradas se alguma coisa o impedisse de acontecer. Não estão, cavalheiros?

Os guardas não disseram nada. O homem ajoelhado estava começando a tremer. Sybil achava que o pescoço dele doía por sustentar a cabeça em uma posição tão estranha.

Dois passos estalaram no chão do outro lado de Sua Majestade.

– Minha rainha fez uma pergunta – falou Aimery, sua voz calma e ameaçadora ao mesmo tempo, como um trovejar distante.

O guarda limpou a garganta.

– Não temos nenhum desejo de atrasar nem impedir este casamento, Vossa Majestade. Só queremos resolver o problema rapidamente para que a cerimônia possa continuar assim que possível.

– Façam isso – disse a rainha. – Sybil, Aimery, vamos voltar para nossos aposentos e permitir que esses homens cumpram suas responsabilidades sem ter trabalho conosco. – Ela começou a se virar, mas fez uma pausa. O véu balançou até os cotovelos. – Por favor, me informem imediatamente da segurança do meu noivo. Vou ficar uma pilha de nervos até saber que ele está bem.

– Sim, Vossa Majestade – confirmou o guarda. – Colocaremos proteção adicional em frente aos seus aposentos, assim como dos de Sua Majestade Imperial, até que isso seja resolvido.

Sybil esperou até elas estarem se afastando atrás dos acompanhantes e guardas para liberar o homem. Perguntou-se se aqueles guardas faziam ideia da ira que sofreriam se essa interrupção não fosse resolvida.

Mas não era o atraso em si que deixava Sybil ansiosa. Era o que

(ou quem) poderia ter causado o atraso.

Embora Levana se recusasse a falar sobre a ciborgue foragida, com exceção de quando mencionava a incompetência das forças militares terráqueas, Sybil concluiu o que a rainha não se permitia dizer abertamente.

Foi fácil interrogar a refém, e a ruiva não mentiu. Linh Cinder, a ciborgue, era realmente a princesa Selene.

Sybil viu o glamour da garota no baile. Mais revelador, viu a reação de Sua Majestade a ele. A sobrinha perdida era a única pessoa na galáxia que poderia ter causado uma reação daquelas, e a ideia de que a princesa Selene estava por aí, fugindo dela, provocando-a, devia estar deixando a rainha louca.

Até o momento, a garota se mostrou ser extremamente engenhosa. Fugiu de Nova Pequim. Escapou das autoridades em Paris e naquela cidadezinha africana. Fugiu até *dela*.

Será que ela estava por trás disso? Seria tão inconsequente a ponto de tentar impedir o casamento da rainha?

Se sim, talvez Sybil não tivesse dado crédito suficiente a ela. Invasão ao palácio. Mau funcionamento na segurança. Sistema desabil...

Ela quase errou o passo. Não costumava ser desajeitada, e Aimery reparou. Ela não devolveu o olhar dele. Seus pensamentos já estavam disparados.

Não era possível. Ela estava tirando conclusões precipitadas.

Pegou dentro da manga o tablet miniatura que ficava em um bolsinho lá dentro e abriu as informações de segurança do palácio de Nova Pequim. Todas as câmeras e rastreadores que ela instalou com dificuldade pelo palácio em incontáveis reuniões e discussões diplomáticas horríveis...

NÃO É POSSÍVEL ESTABELECEER LINK

Ela trincou os dentes.

Não era só a segurança do palácio que tinha sido alterada. O sistema de segurança dela estava incapacitado também.

O sistema inteiro.

Não parecia possível, mas ela conhecia o trabalho de Crescente quando via.

Ela guardou o tablet.

– Minha rainha.

O grupo parou.

– Eu gostaria de permissão para investigar pessoalmente essa falha de segurança.

Um dos guardas se mexeu, pouco à vontade.

– Peço desculpas, mas fomos instruídos a levar todos vocês de volta a...

Sybil distorceu a bioeletricidade ao redor da cabeça dele, e o guarda ficou em silêncio com um ofego estrangulado.

– Eu não estava pedindo *sua* permissão.

Depois de um momento, Levana deu um único aceno de cabeça, e a cortina de véu quase nem se mexeu.

– Concedida.

Ela fez uma reverência.

– E Sybil, se você encontrar os invasores, ordeno a morte imediata deles. Não quero ser incomodada com prisões e julgamentos triviais no dia do meu casamento.

– É claro, minha rainha.

CAPÍTULO

Quinquenta e um

KAI GARGALHOU, UM SOM ROUCO QUE ERA QUASE HIPERVENTILAÇÃO. Ele não sabia se essa virada inesperada de eventos era terrível ou muito, muito engraçada.

– A segurança do palácio foi *afetada*? O que exatamente isso quer dizer?

– A guarda real não teve tempo de fazer um relatório oficial, Vossa Majestade – disse Torin –, mas sabemos que todas as câmeras e escâneres de segurança, incluindo os de armas, não estão funcionando. Ou pelo menos que seus guardas não conseguem acessar as transmissões nesse momento.

– Há quanto tempo não estão funcionando?

– Quase onze minutos.

Kai andou até a janela. Ele viu um noivo no reflexo: vestindo uma camisa branca de seda com uma faixa vermelha pendurada no ombro. Sempre que a via, pensava em sangue. Ele tinha passado a última hora andando de um lado para outro nos aposentos pessoais e evitando o reflexo o máximo possível.

– Você acha que Levana tem alguma coisa a ver com isso?

– Parece não ter sentido ela fazer qualquer coisa que pudesse atrapalhar a cerimônia de hoje.

Kai passou os dedos no cabelo. Priya teria um ataque quando o visse, depois que aqueles cabeleireiros especialistas passaram quarenta minutos ajustando cada fio de cabelo em sua cabeça.

– Vossa Majestade, devo pedir que se afaste da janela.

Ele se virou, surpreso pela preocupação na voz de Torin.

– Por quê?

– Temos que supor que essa falha gera ameaça à sua segurança, mas não temos como adivinhar de onde essa ameaça pode vir.

– Você acha que alguém vai tentar me assassinar por uma janela? No décimo quarto andar?

– Não sabemos o que pensar, mas não quero correr riscos desnecessários até termos mais informações. O capitão da guarda deve chegar em pouco tempo. Tenho certeza de que tem um plano para circunstâncias assim. Talvez tenhamos que evacuar o palácio ou entrar em modo de isolamento.

Kai se afastou da janela. Modo de isolamento? Ele não sabia que isso existia.

– Vamos cancelar a cerimônia? – perguntou ele, sem ousar ter esperanças.

Torin suspirou.

– Não oficialmente. Ainda não. Seria o último recurso. A rainha Levana e seu cortejo estão confinados aos aposentos e, se necessário, serão levados para um local remoto. A cerimônia está temporariamente adiada até podermos garantir sua segurança e a da rainha.

Kai se sentou brevemente na beirada de uma das cadeiras de madeira entalhada, mas, ansioso demais para ficar sentado, se levantou e voltou a andar.

– Ela vai ficar furiosa. É melhor você avisar quem for dar a notícia a ela.

– Imagino que todos saibam muito bem.

Kai balançou a cabeça, perplexo. Durante semanas, viveu em uma névoa mental, preso entre a infelicidade e a apreensão, com o medo e os nervos e a esperança desesperada e constante sempre em mente. A esperança de haver uma saída. A esperança de que o dia do casamento não chegasse nunca. A esperança de que a princesa Selene tivesse sido encontrada e que, de alguma forma, isso fosse mudar tudo.

E então... isso.

Não tinha como ser coincidência. Alguém invadiu de propósito o sistema de segurança do palácio. Quem era capaz disso? E o que

queria fazer, apenas impedir o casamento? Havia muita gente no mundo que não queria que esse casamento acontecesse, afinal.

Ou seriam as motivações mais perigosas, talvez até sinistras?

Ele olhou para Torin.

– Sei que você não gosta quando falo em conspirações, mas *olha só*.

Torin expirou, um som longo e doloroso.

– Vossa Majestade, desta vez acho que estamos de acordo.

Alguém bateu à porta e deu um susto nos dois. Normalmente, um alto-falante na porta anunciaria a chegada da pessoa do outro lado, mas isso devia fazer parte do sistema falho.

E isso fez Kai questionar: não devia haver um sistema alternativo? Ou ele também foi comprometido?

Torin se moveu na direção da porta primeiro.

– Apresente-se.

– Tashmi Priya, pedindo permissão para falar com Sua Majestade.

Kai massageou a nuca quando Torin destrancava e abria a porta. Priya apareceu tensa na frente deles, ainda mais formal do que o habitual, usando um sári esmeralda e prateado.

– Alguma novidade? – perguntou Kai.

A expressão de Priya era atordoada, quase temerosa. Kai se preparou para o pior, embora não soubesse o que isso poderia ser.

Mas, em vez de falar, Priya fechou os olhos e desabou no tapete.

Kai ofegou e se abaixou ao lado dela. Do outro lado, Torin ergueu o pulso e verificou os batimentos.

– Qual é o problema dela? – perguntou Kai, antes de seus olhos encontrarem um pequeno dardo se projetando das costas de Priya.

– O que...

– Ela vai ficar bem.

Kai ficou paralisado.

Ergueu o olhar. Para uma calça preta e uma blusa de seda e...

Cinder. O coração pulou na garganta.

Ela usava o mesmo uniforme que a equipe que trabalhava no casamento. O cabelo estava desgrenhado, como sempre. Não utilizava luvas. Parecia afobada.

Outra garota entrou atrás dela e fechou a porta. Era um pouco mais alta, com pele morena e cabelo azul, embora Kai não conseguisse dar a ela mais do que uma olhada rápida.

Porque Cinder estava ali.

Cinder.

Sem fechar a boca, Kai ficou de pé. Torin também se levantou e contornou Priya, tentando ficar entre eles como um escudo, mas Kai nem percebeu.

Cinder sustentou o olhar dele. Parecia que esperava alguma coisa. Que estava se preparando. Apesar do fato de que a mão ciborgue tinha algum tipo de acessório de metal com aparência perigosa projetado de um dos dedos, ela parecia quase tímida.

O silêncio estava insuportável, mas Kai não pensava em nada para dizer.

Finalmente, Cinder engoliu em seco.

– Me desculpe, mas tive que... – Ela indicou a cerimonialista inconsciente e balançou a mão, como se afastando o pensamento. – Mas ela vai ficar bem, eu juro. Talvez um pouco enjoada quando acordar, mas fora isso... E sua androide... Nainsi, certo? Precisei desabilitá-la. E o processador adicional dela. Mas qualquer mecânico pode recuperar a configuração antiga em uns seis segundos, então... – Ela massageou o pulso com ansiedade. – Ah, e encontramos seu capitão da guarda no corredor e alguns outros guardas, e eu talvez o tenha assustado e ele, hã, está inconsciente. Também. Mas, sério, vão todos ficar bem. Eu juro. – Os lábios dela se contorceram em um sorriso breve e nervoso. – Ah... oi de novo. Aliás.

– Ugh – disse a outra garota, revirando os olhos. – Isso foi sofrível.

Cinder lançou um olhar de irritação para ela, mas a garota deu

um único passo na direção de Kai e fez uma reverência graciosa.

– Vossa Majestade Imperial. É um *grande* prazer vê-lo de novo.

Ele não disse nada.

Cinder não disse nada.

Torin, posicionado parcialmente entre Kai e Cinder, não disse nada.

Finalmente, a garota levantou a cabeça.

– Quando quiser, Cinder.

Cinder deu um pulo.

– Certo. Desculpe.

Ela deu um passo hesitante e parecia prestes a falar de novo, mas Kai finalmente encontrou a voz.

– Você está *louca*?

Cinder fez uma pausa.

– Você... sabe... a rainha Levana está *neste palácio*. Ela vai matar você!

Ela ficou olhando para ele.

– É. Eu sei.

– E é por isso que precisamos parar de perder tempo – murmurou a garota baixinho.

Kai franziu a testa para ela.

– Quem é você?

Ela sorriu.

– Ah, sou Iko! Você talvez não se lembre de mim, mas nos conhecemos na feira naquele dia que você levou o androide, só que eu era desse tamanho – ela levantou a mão até a altura do quadril – e tinha a forma de uma pera enorme, e era bem mais pálida. – Ela piscou os cílios.

Kai voltou a atenção para Cinder.

– Ela está certa – falou Cinder. – Precisamos ir embora agora. E você vai conosco.

– Eu o quê?

– Ele não vai fazer isso – retrucou Torin.

Ele começou a se mover na direção de Cinder, mas seu pé parou no ar e voltou. De repente, passou por cima de Priya e andou para trás até as partes de trás dos joelhos baterem em um divã e ele afundar na almofada.

Kai ficou olhando para ele boquiaberto, começando a achar que era tudo um sonho de ansiedade.

– Me desculpe – disse Cinder, levantando a mão ciborgue. – Mas tenho mais um tranquilizador e, se você tentar interferir, infelizmente vou ter que usar em você.

Torin olhou com raiva para ela, colocando mais ódio no olhar do que Kai já tinha visto.

– Kai, preciso remover seu chip de identificação.

Ele olhou para ela de novo e sentiu pela primeira vez uma pontada de medo. Alguma coisa estalou, e Kai baixou o olhar e a viu ejetando uma faca curta de um dos dedos.

Ela era ciborgue. Ele quase tinha se acostumado com isso.

Mas também era lunar, e apesar de ele saber as duas coisas pelo mesmo período de tempo, nunca a tinha visto antes agir como lunar. Não de forma tão aberta. Só agora.

Cinder deu um passo na direção dele.

Ele recuou um passo.

Ela fez uma pausa, uma dor aparecendo nos olhos.

– Kai?

– Você não devia ter voltado aqui.

Ela lambeu os lábios.

– Sei o que pode parecer, mas estou pedindo que você confie em mim. Não posso deixar que se case com ela.

Ele deu uma gargalhada repentina. O casamento. Quase tinha esquecido, e era ele quem estava com a roupa de noivo.

– Não é decisão sua.

– Mas estou decidindo mesmo assim.

Ela deu outro passo à frente, e, com outro passo para trás, Kai se viu encostado em uma mesinha. Cinder baixou o olhar e arregalou

os olhos.

Kai seguiu o olhar.

O pé dela estava na mesa. O pé de tamanho infantil que caiu na escada do jardim, com a placa amassada e as juntas cheias de terra. Ele tirou do escritório quando a equipe de segurança fez a busca pelo equipamento de Levana.

As orelhas dele ficaram quentes, e ele sentiu como se tivesse sido flagrado guardando uma coisa estranha e muito íntima. Algo que não pertencia a ele.

– Você, hã... – Ele fez um gesto sem ânimo. – Você deixou cair isso.

Cinder afastou a atenção do pé e olhou nos olhos dele, sem palavras. Kai não conseguia adivinhar o que ela estava pensando. Nem *ele* sabia o que significava o fato de tê-lo guardado.

A outra garota, Iko, apoiou o queixo com as mãos.

– Isso é tão melhor do que as novelas.

Cinder baixou o olhar brevemente para se recompor, depois esticou a mão para ele.

– Por favor, Kai. Não temos muito tempo. Preciso do seu pulso.

A voz dela estava delicada e gentil, e por algum motivo isso chamou mais a atenção dele do que qualquer outra coisa. Os lunares eram sempre tão convincentemente gentis, tão maliciosamente delicados.

Ele balançou a cabeça e apertou o pulso vulnerável na lateral do corpo.

– Cinder, veja bem. Não sei o que você está fazendo aqui. Quero acreditar que está bem-intencionada, mas... não sei nada sobre você. Você mentiu para mim sobre tudo.

– Eu nunca menti para você. – Cinder lançou outro olhar para o pé. – Eu talvez não tenha contado *a verdade toda*, mas você pode me culpar?

Ele franziu a testa.

– É claro que posso. Você teve muitas oportunidades para me

contar a verdade.

As palavras pareceram surpreendê-la, e ela apoiou as mãos fechadas nos quadris.

– Certo. E como seria se eu tivesse dito, claro, Vossa Alteza, eu *adoraria* ir ao baile com você, mas primeiro você precisa saber que sou ciborgue. O que aconteceria?

Kai afastou o olhar.

– Você nunca mais teria falado comigo – respondeu ela por ele. – Ficaria morrendo de vergonha.

– E você pretendia esconder para sempre?

– *Para sempre?* – Cinder balançou o braço na direção da janela. – Você é o imperador de um país inteiro. Nunca haveria um *para sempre*.

Ele ficou surpreso com o quanto as palavras doeram. Ela estava certa. Não havia espaço para um absurdo desses entre eles. Um imperador. Uma ciborgue. As palavras dela não deviam ter machucado nada.

– E quanto a ser lunar? – disse ele. – Quando isso seria mencionado?

Cinder bufou, e ele percebeu que ela estava ficando exasperada.

– Não temos tempo para isso.

– Quantas vezes você me manipulou? O quanto foi lavagem cerebral?

O queixo dela caiu, como se ela estivesse perplexa de ele sugerir isso. E então um fogo ardeu atrás dos olhos dela.

– Por quê? Você está com medo de ter tido sentimentos verdadeiros por uma ciborgue inferior?

– Só estou tentando entender o que foi real e *quem* é essa pessoa.

– Ele a indicou dos pés à cabeça. – Um dia, você está consertando tablets na feira, no outro está fugindo de uma prisão de segurança máxima. E agora... desabilitou a segurança do meu palácio, está apontando uma faca para mim e ameaçando apagar meu conselheiro principal se não conseguir o que quer. O que devo

pensar? Nem sei de que lado você está!

Cinder apertou os punhos, mas, quando digeriu as palavras dele, seus olhos se dirigiram para algum ponto acima do ombro dele. Na enorme janela com vista para a Comunidade das Nações Orientais. A expressão dela ficou distante. Calculista.

Ela deu outro passo na direção dele. Kai se encolheu.

– Estou do *meu* lado – disse ela. – E, se você quer o melhor para a Comunidade e para esse planeta inteiro, é melhor também ficar do meu lado. – Ela esticou a mão com a palma para cima. – Agora me dê seu pulso.

Ele fechou os dedos.

– Minha responsabilidade é aqui. Tenho um país para proteger. Não vou fugir disso e, sem a menor sombra de dúvida, não vou fugir com você.

Ele tentou erguer o queixo, mas foi difícil com a expressão de raiva de Cinder fazendo-o se sentir tão importante quanto um grão de sal.

– É mesmo? – perguntou ela. – Você prefere se arriscar com *ela*?

– Pelo menos eu sei quando ela está me manipulando.

– Olha só, eu *nunca* manipulei você. E espero nunca precisar. Mas você não é o único com responsabilidades e com o povo de um país inteiro contando com você. Portanto, lamento, *Vossa Majestade*, mas você vem comigo e vai ter que decidir se confia em mim ou não quando o tempo não estiver tão apertado.

Em seguida, ergueu a mão e disparou nele.

CAPÍTULO

Quinquenta e dois

SEGUNDOS DEPOIS QUE O DARDO BATEU NO PEITO DE KAI, SUAS PÁLPEBRAS SE fecharam e ele caiu em cima de Cinder. O conselheiro deu um gritinho e ficou de pé, mas Iko o interceptou e restringiu o homem enquanto Cinder colocava o corpo inconsciente de Kai no chão.

Por um momento, ela ficou paralisada, a mente girando pelas coisas que tinha acabado de dizer, pelo que tinha acabado de fazer.

– Cinder? Você está bem? – perguntou Iko.

– Estou – murmurou ela, tremendo ao apoiar Kai na mesa e puxar o dardo. – Ele vai me odiar quando acordar, mas estou bem.

Ela não pôde evitar um olhar para a enorme janela com cortinas pesadas de seda. Para o próprio reflexo, olhando de volta para ela. Para a garota com mão de metal e cabelo desgrenhado, usando uniforme de criada.

Ela soltou a respiração devagar para espairecer a mente e puxou a mão de Kai.

– O que você vai fazer com ele?

Cinder fez uma pausa suficiente para olhar para o conselheiro. O rosto dele estava vermelho de fúria.

– Vamos levá-lo para um lugar seguro – disse ela. – Para um lugar onde Levana não vai conseguir chegar a ele.

– E você acha que isso não vai gerar repercussões? Não só para você, mas para todo mundo neste planeta. Você não percebe que estamos no meio de *uma guerra*?

– Não estamos no *meio* de uma guerra, estamos no comecinho. – Ela fixou o olhar nele. – E eu vou acabar com ela.

– Ela *pode* acabar com a guerra – disse Iko. – Temos um plano. E Sua Majestade vai estar seguro conosco.

Estranhamente constrangida pela confiança de Iko, Cinder se

concentrou no pulso de Kai. Ela já tinha extraído tantos chips de identificação nas últimas semanas que já estava quase acostumada, embora a primeira incisão ainda a lembrasse da mão inerte de Peony e dos dedos azuis. Todas as vezes.

Uma gota grossa de sangue surgiu na pele, e Cinder inclinou instintivamente o braço dele para que rolasse pelos dedos sem manchar a camisa branca.

– Ele acredita que você encontrou a princesa perdida, Selene.

Ela fez uma pausa e, depois de um momento, olhou para Iko e para o conselheiro.

– Ele... o quê?

– É verdade? Você a encontrou?

Ela engoliu em seco e voltou a se concentrar no pulso de Kai. Esperou até as mãos pararem de tremer para tirar o pequeno chip.

– É – disse ela, a voz cautelosa ao pegar ataduras limpas no compartimento da panturrilha e enrolar no ferimento. – Ela está conosco.

– Então você também acredita que ela pode fazer diferença.

Ela trincou os dentes, mas se obrigou a relaxar ao prender as ataduras.

– Ela *vai* fazer diferença. As pessoas de Luna vão apoiá-la. Ela vai recuperar o trono. – Depois de embutir novamente a faca, ela reencontrou o olhar de raiva do conselheiro. – Mas, se esse casamento acontecer, não vai importar. Nenhuma revolução em Luna pode anular um casamento e uma coroação. Se vocês derem a ela esse poder, não tem nada que eu ou ninguém possa fazer para tirar dela. E sei que você é inteligente o bastante para ver as repercussões *disso*. – Com um suspiro, Cinder baixou a perna da calça e ficou de pé. – Entendo que você não tem motivo para confiar em mim, mas vou pedir que confie mesmo assim. Prometo que nada vai acontecer a Kai enquanto ele estiver conosco.

Em resposta, só recebeu silêncio e um olhar furioso.

Ela assentiu.

– É justo. Iko?

Iko se abaixou e pegou o cotovelo de Kai. Juntas, elas o levantaram e passaram um braço sobre os ombros de cada uma.

Elas o arrastaram por quatro, cinco passos na direção da porta.

– Ele tem outro chip.

Elas pararam.

O conselheiro, ainda sentado no divã, ainda com expressão de raiva, pareceu irritado consigo mesmo.

– O que você quer dizer?

– Tem um segundo dispositivo de rastreamento atrás da orelha direita dele. Para o caso de alguém algum dia tentar sequestrá-lo.

Cinder deixou que Iko sustentasse o peso de Kai e esticou a mão hesitante para a cabeça pendente. Afastou o cabelo dele e apertou os dedos no espaço entre a coluna e o crânio. Havia uma coisa pequena e dura encostada no osso.

Ela assentiu para o conselheiro.

– Obrigada – disse ela, ejetando a faca de novo.

Ele grunhiu.

– Se alguma coisa acontecer com ele, Linh-mèi, vou caçá-la e matá-la eu mesmo.



UMA GOTA DE SUOR DESCEU PELA COLUNA DE CRESS, MAS AS MÃOS estavam ocupadas demais para limpar. Os dedos voavam sobre as telas, observando listas e códigos, verificando pela terceira vez o que tinha feito.

O sistema de segurança de circuito fechado estava desligado, incluindo todas as câmeras, escâneres, software de identificação e alarmes.

Os dois sistemas de apoio estavam desativados, e ela não encontrou evidências de um terceiro esperando para ser acionado e estragar todo o trabalho assim que ela virasse as costas.

A conexão com os aparelhos de espionagem lunar tinha sido cortada.

Ela tomou cuidado para que todas as trancas digitais da torre norte estivessem desabilitadas, além de qualquer porta entre esse centro de controle de segurança e a ala de pesquisa. Tomou o cuidado especial de quebrar a tecnologia de radar embutida nas esculturas decorativas *qilin* do telhado, para que não detectassem a aproximação da Rampion.

Todos os elevadores estavam paralisados, exceto um único na torre norte, ainda parado no décimo quarto andar, esperando que Cinder e Iko fugissem.

O que estava demorando *uma eternidade*.

Ela afastou os dedos da tela principal e ergueu o olhar. As dezenas de telas ao redor estavam pretas, com apenas duas palavras piscando: ERRO OPERACIONAL.

– Pronto. – Ela se encostou. – Acho que é tudo.

Não havia ninguém por perto para ouvi-la. A parede de vidro que a separava de Lobo e do resto do Subnível D era à prova de som, à prova de balas e provavelmente à prova de um monte de outras coisas que ela nem imaginava. Cress se afastou da mesa.

Lobo estava no pequeno saguão, encostado na parede perto da porta que levava à escadaria. Em algum momento, ele tinha tirado o paletó do smoking e a gravata-borboleta, desabotoado o colarinho e dobrado as mangas. O cabelo não estava mais arrumado, mas espetado em vários ângulos. Ele parecia entediado.

Aos pés dele, espalhados no chão do saguão, havia pelo menos trinta guardas do palácio.

Ele olhou nos olhos de Cress na hora em que a porta que levava à escada se abriu e um guarda atacou com a arma erguida.

Cress gritou, mas Lobo só segurou o braço do guarda, dobrou-o nas costas dele e acertou um golpe preciso na lateral do pescoço.

O guarda desmoronou, e Lobo o colocou cuidadosamente na pilha de colegas.

E então esticou as palmas das mãos para Cress, como se perguntando por que estava demorando tanto.

– Certo – murmurou ela para si mesma, com o coração disparado.

Ela examinou a tela com o relatório da situação do elevador mais uma vez e viu que só um estava se movendo. Descendo do décimo quarto andar na torre norte.

Um sorriso surgiu nos lábios dela, mas foi sufocado pela avalanche de ansiedade. Inclinação sobre o painel de controle, ela ligou o tablet ao console principal e acionou o cronômetro.



O DR. ERLAND OLHOU PARA A PEQUENA TELA NO PAINEL DA MÁQUINA que cuspiu um fluxo de dados, documentando a estabilidade das células-tronco de Thorne, cada passo do procedimento automatizado e os detalhes da reação química que acontecia em nível celular dentro do pequenino frasco plástico encaixado. Demorava uma eternidade, mas eles não estavam com pressa. Ainda não. Atrás dele, Thorne permanecia sentado na mesa do laboratório, batendo com os calcanhares nas laterais.

A tela de dados se iluminou.

SOLUÇÃO COMPLETA. REVISAR OS PARÂMETROS ABAIXO.

Ele deu uma olhada rápida nos tais parâmetros antes de se permitir ficar satisfeito.

Depois de retirar o frasco, ele procurou um conta-gotas na bancada.

– Terminei.

Thorne puxou a venda ao redor do pescoço.

– Mas já?

– Seu sistema imunológico vai ter que fazer o resto. Vamos

precisar umedecer seus olhos quatro vezes por dia durante uma semana, mais ou menos. Sua visão deve começar a voltar depois de seis ou sete dias, mas vai ser gradual. Seu corpo está praticamente gerando um novo nervo óptico, o que não acontece da noite para o dia. Agora... você consegue ser um garoto crescido e pingar as gotas sozinho?

Thorne franziu a testa.

– É sério? Você quer que a gente tenha vindo até aqui e eu fure meu próprio olho?

Suspirando, o doutor mergulhou o conta-gotas no frasco.

– Tudo bem. Incline a cabeça para trás e fique com os olhos bem abertos. Três gotas de cada lado.

Ele esticou a mão, e a solução clara formou uma bolha na ponta do conta-gotas parado sobre os olhos arregalados de Thorne.

Mas, nesse momento, o dr. Erland prestou atenção em um hematoma na parte de dentro do próprio pulso. Ele parou e girou a mão para examinar.

O hematoma tinha se formado ao redor de uma mancha vermelha escura, como sangue acumulado logo abaixo da superfície da pele fina como papel.

Seu estômago deu um nó.

Tremendo de repente, ele se afastou de Thorne e colocou o frasco e o conta-gotas na bancada.

Thorne baixou o queixo.

– O que foi?

– Nada – murmurou o dr. Erland enquanto procurava uma gaveta e tirava uma máscara para o rosto e prendia sobre a boca e o nariz. – Só... estou verificando uma coisa.

Ele pegou um líquido esterilizador e limpou o frasco e o conta-gotas, depois envolveu em tecido. Já estava se sentindo fraco, mas sem dúvida era coisa de sua cabeça.

Mesmo com a doença em mutação, as vítimas ainda sobreviviam entre vinte e quatro e quarenta e oito horas depois de

exibir sintomas. *Pelo menos.*

Mas ele era velho. E passou o dia se exaurindo, com a caminhada nos túneis e a correria pelo palácio. Seu sistema imunológico já devia estar fraco.

Ele olhou para Thorne, que tinha começado a assobiar baixinho.

– Preciso tirar uma amostra de sangue.

Thorne gemeu.

– Por favor, não me diga que alguma coisa deu errado.

– Não. Só estou sendo precavido. Seu braço, por favor.

Thorne não pareceu feliz, mas dobrou a manga da camisa mesmo assim. Era um teste rápido, que o dr. Erland já fizera mil vezes: tirar o sangue e passar pelo módulo diagnóstico para verificar patógenos portadores de letumose. Mesmo assim, ele se viu distraído pelo calor da respiração presa na máscara.

Thorne. E, se ele voltasse com os outros, Cinder.

E sua Lua Crescente.

Ele se segurou na lateral da bancada para impedir que as mãos tremessem. Por que não contou a verdade a ela antes? Ele supusera que teriam tempo. Acreditara que haveria anos depois que Selene fosse coroada e Levana estivesse longe. Anos para contar a ela a verdade. Para abraçá-la. Para dizer o quanto a amava. Para pedir desculpas repetidas vezes por tê-la abandonado.

Ele olhou para a ferida que parecia um hematoma. Era um hematoma só até então. Não estava se espalhando, ao menos não nos braços. Mas seu cérebro analítico, depois de ter visto a mesma ferida nos pulsos de tantas vítimas, já tinha acionado um cronômetro.

Ele ia morrer.

O módulo apitou e o fez pular de susto.

RESULTADO DE LETUMOSE: NEGATIVO

Ele fechou os olhos, aliviado.

– Como está indo tudo aí, doutor?

Ele limpou a garganta.

– Eu... determinei que seria melhor deixar a solução de células-tronco descansar por algumas horas. Você pode pingar as gotas quando estiver de novo na nave. – Ele pegou um stylus e começou a digitar uma mensagem no tablet. – Vou colocar as instruções no tablet. Só por garantia.

– Instruções para quem?

Seu estômago deu um nó enquanto ele escrevia.

– Eu não vou voltar com vocês.

Houve silêncio, pontuado pelas batidas do stylus e pela respiração dele, repentinamente difícil.

– Do que você está falando?

– Estou velho demais. Só vou atrapalhar. Quando os outros chegarem, quero que vocês sigam sem mim.

– Não seja idiota. Nós temos um plano. Vamos segui-lo.

– Não. Vocês vão me deixar para trás.

– Por quê? Para Levana poder botar as mãos em você e torturá-lo para obter informações? Excelente ideia.

– Ela não vai ter tempo para me torturar. Já estou morrendo.

As palavras provocaram alguma coisa dentro dele, e, de repente, os óculos ficaram embaçados. Não havia tempo. Depois de todos aqueles anos, nunca havia tempo suficiente.

– Do que você está falando?

Ele só respondeu quando terminou de digitar no tablet. Depois de colocar o stylus atrás da orelha, ele andou até a porta e espiou pela janelinha que levava ao corredor do laboratório.

Do lado de fora, dezenas de guardas ocupavam o corredor nas duas direções, com as armas erguidas.

– Tudo está mesmo indo como planejado – murmurou.

Uma mão pousou em seu ombro, e ele se afastou tão rápido que quase caiu na bancada.

– Não toque em mim.

– O que está acontecendo? – perguntou Thorne, ficando

impaciente.

O dr. Erland desviou dele e andou até o outro lado da sala.

– Tem uma sala de quarentena adjacente a este laboratório. Vou me colocar em quarentena. Não se preocupe, ninguém vai ousar entrar para me interrogar. – Ele tirou os óculos e limpou as lentes na camisa. – Acabei de diagnosticar a mim mesmo com letumose.

Thorne deu um pulo para longe como se tivesse sido queimado e grudou as costas na parede para que houvesse o máximo de espaço entre eles. Falando palavrões, ele esfregou na calça a mão com que tocou o doutor.

– Não se preocupe. Seu resultado foi negativo. As chances são mínimas de você ter pegado nos últimos dois minutos. – Ele recolocou os óculos. – Sua solução de células-tronco está na bancada à sua esquerda, envolta em tecido. Tem um tablet ao lado. Entregue para Cress, ela pode ajudar. – A voz dele ficou estrangulada, e ele tateou em busca do teclado digital. O código não tinha mudado desde que foi embora.

Quando abriu a porta, as luzes da quarentena se acenderam. A janela que dividia as salas só dava vista para um lado, para que os pacientes não pudessem ver os técnicos enquanto faziam testes.

Ele nunca tinha ido para aquele lado do vidro.

– Carswell Thorne?

Ao olhar para trás, ele viu que Thorne ainda estava grudado na parede, mas o medo tinha sumido da expressão dele e sido substituído por determinação e solidariedade.

– Sim?

– Obrigado. Por cuidar dela no deserto. – Ele franziu a testa. – Embora você ainda não a mereça.

Antes que Thorne pudesse reagir, o dr. Erland entrou na quarentena e se fechou. Seu cativeiro foi imediato, limitado, sufocante e final.

CAPÍTULO

Quinquenta e três

ELA FICOU FELIZ PORQUE LOBO PARECIA TER DECORADO A PLANTA do palácio melhor do que ela, pois com toda essa correria subindo e descendo escadas, dobrando esquinas e percorrendo incontáveis corredores, Cress estava perdida. Já Lobo não demonstrou um momento de hesitação enquanto eles corriam pelos corredores abandonados.

– Sincronia perfeita – murmurou Lobo baixinho quando eles dobraram outra esquina.

Ele segurou o cotovelo de Cress e a puxou antes que ela pudesse colidir com Cinder e Iko e com o homem inconsciente entre elas.

– Ah, olá, estranhos – disse Iko.

Lobo assentiu, primeiro para Cinder e depois para o imperador inconsciente.

– Achei que esse deveria ser o perfume dele. Querem ajuda?

Nem Cinder e nem Iko reclamaram quando ele se abaixou e jogou Kai por cima do ombro.

Se Cress não estivesse em pânico e ofegante e correndo por conta da mais pura adrenalina, ela teria ficado muito mais impressionada.

– Os laboratórios são por aqui – falou Cinder, seguindo na frente. Cress segurou a saia e correu atrás dela. – Alguma surpresa?

– Até agora, não – respondeu Cress. – E você?

Cinder balançou a cabeça enquanto eles corriam pela passarela para a ala de pesquisa.

– Não exatamente. Só um monte... disso.

Um guarda do palácio apareceu na frente deles segurando a arma.

– Parem ag...!

A palavra virou um grito sufocado quando o rosto ficou sem

expressão. As mãos caíram nos lados do corpo e a arma caiu no chão.

Cress levou um susto, mas Cinder a puxou, dando a volta no corpo atordoado sem diminuir o passo.

– Uau! – exclamou Cress por entre ofegos. – Que bom que você andou praticando, hein!

– Eu gostaria de esse ser o motivo de ser tão fácil – disse ela, balançando a cabeça quando contornou outra esquina. – Com Lobo, pelo menos havia resistência. Um pouco de *esforço* envolvido. Mas com os terráqueos... é fácil demais. – Ela engoliu em seco. – Se ela se tornar imperatriz, a Terra não tem a menor chance.

Eles chegaram a um hall de elevadores e Cress digitou um código.

– Pois é – disse ela, dando um sorriso cansado. – Que bom que ela não vai ser imperatriz.

Pareceu haver um suspiro mútuo quando todos entraram no elevador. Os nervos de Cress formigavam como um milhão de eletrodos. As costas do vestido caro estavam encharcadas de suor. Ela estava cansada de toda a correria e das escadas e do pânico, mas pelo menos eles tiveram um breve momento para descansar e respirar e se preparar para o que viria depois. Cress não conseguiu evitar um olhar curioso para o homem caído sobre o ombro de Lobo. *O imperador*.

Todas as vezes que se imaginou conhecendo-o, depois de anos espionando-o e ao pai dele, ela nunca imaginou que o primeiro encontro seria assim.

Lobo enrijeceu quando o elevador começou a ir mais devagar.

– Tem muitos lá fora.

– Nós sabíamos que seria assim – admitiu Cinder. – É melhor Thorne e o doutor estarem prontos.

Cress andou para trás, feliz por deixar Cinder e Lobo entre ela e o que quer que os esperasse no corredor.

Iko se inclinou na direção dela.

– Esse vestido ficou *lindo* em você – disse ela. – Cinder, ela não está linda?

Cinder suspirou quando o elevador parou completamente.

– Iko, depois disso vamos começar a discutir ocasiões apropriadas para puxar conversa.

As portas se abriram, e dezenas de guardas do palácio de vermelho e dourado surgiram na frente deles.

– E não tem um androide entre eles – murmurou Cinder. – Kai e eu vamos ter uma longa conversa sobre segurança no palácio. – Ela andou para o corredor. – *Vocês* – ordenou, sem indicar ninguém em particular pelo que Cress conseguiu perceber – agora são nossa guarda pessoal. Formem uma barreira.

Oito guardas se aproximaram e, em sincronia robótica, formaram um muro entre eles e os outros guardas. Havia confusão nos olhos dos outros.

Cinder levantou a mão com a palma para cima, e um dos guardas colocou uma arma ali, com o cano virado.

Ela mirou na cabeça de Kai com expressão de neutralidade pura e fria.

– Se alguém pensar em nos atrapalhar, seu imperador morre. Agora, saiam.

Com os oito guardas agindo como uma bolha protetora ao redor deles, Cress se viu sendo levada junto com os outros na direção dos laboratórios. Quando chegaram à sexta porta, Cinder bateu, usando a sequência especial que eles combinaram.

A porta foi aberta um segundo depois. Thorne estava vermelho e franzindo as sobrancelhas. E com a bengala em uma das mãos, uma trouxinha de pano na outra e ainda de venda nos olhos.

– O doutor não vem – disse ele.

Um momento de hesitação, e Cinder perguntou:

– O que você quer dizer com ele não vem?

Ele indicou os fundos do laboratório, e todos entraram, deixando as marionetes de Cinder esperando, perplexas, no

corredor. Havia uma janela na parede que mostrava uma sala de quarentena estéril. O doutor estava sentado em uma mesa de laboratório, com a cabeça pendendo e os dedos mexendo no chapéu.

Com um gemido, Cinder andou até a janela e bateu com o punho.

O doutor levantou a cabeça, com o cabelo grisalho desgrenhado espetado em todas as direções.

Ela pegou um microfone na mesa, apertou um botão e gritou:

– Não temos tempo para isso! Saia daí.

O doutor só deu um sorriso triste.

– Cinder – disse Thorne, usando um tom pesado que Cress raramente ouvia. – Ele está com a peste.

O estômago de Cress deu um nó, e Cinder se virou da janela.

O doutor ajeitou o cabelo.

– Todo mundo voltou em segurança? – perguntou ele, sua voz saindo de um alto-falante na parede.

Cinder demorou um momento, mas acabou gaguejando:

– Sim. Todo mundo, menos você.

A mão de alguém pousou na cabeça de Cress. Ela levou um susto e se encolheu, mas Thorne já estava passando o braço pelos ombros dela e apertando.

– Só queria ver se era mesmo você – sussurrou ele.

Ela olhou para o perfil dele. As horas que passaram separados de repente pareceram dias, e Cress percebeu que poderia muito bem ser ele que seria deixado para trás em vez do doutor. Ela mergulhou mais no abraço dele.

– Eu sinto muito – disse o dr. Erland, as palavras quebradas, como se estivesse esperando a hora de dizê-las. Ele parecia mais frágil do que nunca sentado naquela mesa de exames, com o rosto coberto de rugas. – Srta. Linh. Sr. Lobo. – Suspirou. – Crescente.

Os olhos dela se arregalaram. Ninguém a chamava assim desde Sybil. Como ele sabia?

Era um nome comum em Luna. Talvez fosse um palpite de sorte.

– Fiz mal a todos vocês de alguma forma. Fui ao menos parcialmente responsável por alguma tragédia nas vidas de vocês. Sinto muito.

Cress engoliu em seco e sentiu uma pontada de arrependimento na base do estômago. O doutor ainda estava com um hematoma no queixo, no ponto onde ela o acertou.

– Fiz algumas descobertas importantes – disse o doutor. –

Quanto tempo vocês podem esperar?

A mão de Cinder apertou o microfone.

– A chegada estimada de Jacin é em seis minutos.

– Isso vai ter que bastar. – A dor no rosto do homem pareceu aumentar. – Sua Majestade está com vocês?

– Ele está inconsciente – disse Cinder.

Ele ergueu as sobrancelhas de forma quase imperceptível.

– Entendo. Você poderia fazer a gentileza de passar uma mensagem para ele? – Antes que Cinder respondesse, o doutor colocou o chapéu e inspirou fundo. – Essa peste não é uma tragédia aleatória. É uma guerra biológica.

– O quê? – Cinder apoiou as mãos na mesa. – O que você quer dizer?

– A coroa lunar está usando anticorpos encontrados no sangue das pessoas sem dom para fabricar antídoto há pelo menos dezesseis anos, e talvez bem mais do que isso. Mas, dezesseis anos atrás, a letumose nem existia, a não ser que também tenha sido criada em um laboratório lunar. Os lunares queriam enfraquecer a Terra e criar uma dependência do antídoto deles. – Ele bateu no peito, como se procurando alguma coisa no bolso, mas pareceu perceber que não estava lá. – Certo. Anotei minhas descobertas no tablet que está com o sr. Thorne. Por favor, entreguem para Sua Majestade quando ele estiver recuperado. A Terra precisa saber que essa guerra não começou com os ataques recentes. Essa guerra está acontecendo debaixo de nossos narizes há mais de uma

década, e temo que a Terra esteja perdendo.

O silêncio em seguida foi sufocante.

Cinder se inclinou para o microfone.

– Não vamos perder.

– Acredito em você, srta. Linh. – A respiração do doutor tremeu.

– Agora, será... será que Cress pode se aproximar, por favor?

Cress enrijeceu. E se apertou contra Thorne quando todos olharam para ela, e foi só o empurrão delicado dele que fez os pés dela se moverem. E seguiu até a janela que os separava da salinha de quarentena.

Só então, quando ficou de pé na frente do microfone, se deu conta de que a janela só permitia vista em uma direção. Ela via o doutor, mas, do outro lado, ele devia estar olhando para um reflexo de si mesmo.

Cinder limpou a garganta sem afastar o olhar curioso de Cress.

– Ela está aqui.

Um sorriso patético tentou surgir nos lábios do doutor, mas falhou.

– Crescente. Minha Lua Crescente.

– Como você sabe meu nome? – perguntou ela, confusa demais para perceber a aspereza no próprio tom.

Mas o doutor não pareceu se deixar afetar, e seus lábios começaram a tremer.

– Porque eu escolhi seu nome.

Ela tremeu e enfiou as mãos nas dobras da saia.

– Quero que você saiba que quase morri quando perdi você e que pensei em você todos os dias. – Ele baixou o olhar para um ponto perto da base da janela. – Eu sempre quis ser pai. Mesmo quando jovem. Mas fui recrutado para a equipe de cientistas da coroa imediatamente depois de acabar os estudos. Era uma *honra* tão grande, sabe. Minha carreira virou tudo, e não havia tempo para a família. Eu já estava com mais de quarenta quando me casei, e minha mulher era outra cientista que eu conhecia havia anos e

nunca achei que gostava muito dela até ela decidir que gostava de mim. Ela não era muito mais nova do que eu, e os anos se passaram, e eu tinha desistido... até que, um dia, ela ficou grávida.

Um arrepio desceu pela coluna de Cress. Parecia que ela estava ouvindo uma história velha e triste, da qual não fazia parte. Uma história cujo final parecia conhecer, mas a negação criava uma distância entre ela e as palavras do doutor.

– Nós fizemos tudo certo. Decoramos o quartinho. Planejamos uma comemoração. E às vezes, à noite, ela cantava uma cantiga antiga, uma cantiga que eu tinha esquecido, e decidimos chamar você de nossa pequena Lua Crescente. – A voz dele falhou nessa última palavra, e ele se encolheu e coçou o chapéu.

Cress engoliu em seco. A janela, a sala estéril, o homem com um hematoma roxo, tudo isso começou a embaçar na frente dela.

– E aí você nasceu, e era cascuda. – As palavras dele se arrastaram. – E Sybil veio, e eu implorei, implorei para que não levasse você, mas não havia nada... ela não... e achei que você estivesse morta. Achei que você estivesse morta, e o tempo todo você estava... se eu soubesse, Crescente. Se eu soubesse, jamais teria ido embora. Teria encontrado um jeito de salvar você. Sinto muito. Sinto muito por tudo.

Ele escondeu o rosto quando os soluços começaram a sacudir seu corpo.

Cress apertou os lábios e balançou a cabeça, querendo negar tudo, mas como ela podia se ele sabia o nome dela, tinha os olhos dele, e...

Uma lágrima passou por seus cílios e escorreu quente pela bochecha.

Seu pai estava vivo.

Seu pai estava morrendo.

Seu pai estava ali, na sua frente, quase à distância de um braço. Mas ficaria ali para morrer, e ela jamais o veria de novo.

Metal frio tocou seu pulso, e Cress deu um pulo.

– Me desculpe – disse Cinder, afastando a mão. – Mas temos que ir. Dr. Erland...

– Eu sei, s-sim, eu sei. – Ele passou a mão no rosto rapidamente. Quando ergueu a cabeça, as bochechas estavam vermelhas, os olhos, vidrados. Ele parecia tão fraco e frágil quanto um pássaro ferido. – S-Sinto muito por ser assim que... ah, por favor, tome cuidado. Fique em segurança. Minha Lua Crescente. Eu amo você. Amo você de verdade.

Os pulmões dela se contraíram e mais lágrimas pingaram do queixo e marcaram a saia de seda com pontinhos molhados. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. *Eu amo você. Eu também amo você.* Palavras que eram tão fáceis nas fantasias e naquele momento pareciam impossíveis.

Ela acreditava nele, mas não o conhecia. Não sabia se o amava também.

– Cress – falou Cinder, apertando o pulso dela. – Sinto muito, mas temos que ir.

Ela assentiu cegamente.

– Ad... adeus – disse ela, a única palavra que saiu quando foi arrastada da janela.

Do outro lado do vidro, o doutor chorou. Ele não ergueu o olhar, mas levantou a mão trêmula em um aceno de despedida. A ponta dos dedos estava enrugada e azul.

CAPÍTULO

Quinquenta e quatro

ELES ABANDONARAM A ESCOLTA DE GUARDAS NO ELEVADOR QUANDO chegaram ao último andar. Ninguém se importou por ser fácil demais deduzir para onde estavam indo. Com sorte, quando algum acordasse da influência mental de Cinder, eles já estariam longe.

O elevador de emergência da ala de pesquisa ficava sozinho, em uma alcova afastada do resto da ala. Era o obstáculo final, e Cress tomou cuidado para garantir que estaria funcionando direito quando eles chegassem. Ela seguiu na frente para digitar o código, embora se sentisse emocionalmente esgotada. Parecia que seu cérebro estava afundado em lama, e ela levou um momento para se lembrar do código.

O elevador abriu e eles entraram.

Ninguém falou nada, fosse por respeito ao dr. Erland ou por uma esperança tênue por eles estarem tão perto, tão perto...

As portas se abriram no telhado. O crepúsculo começava a encobrir a cidade, refletido nas janelas do palácio e cobrindo a pista de pouso de sombras roxas.

E a Rampion estava ali, com a rampa abaixada na direção deles.

Cress riu; foi uma gargalhada abrupta, delirante, que pareceu ser arrancada da garganta dela.

Iko deu um gritinho vitorioso e correu para a rampa, gritando:

– Conseguimos!

Thorne apertou mais o braço de Cress.

– Ele está aqui?

– Está – sussurrou ela.

Só Lobo foi mais devagar, mostrando os dentes. Kai ainda estava caído sobre o ombro dele.

– Jacin... preparar para decolar ... agora! – gritou Cinder na

direção da nave. – Estamos...

As palavras dela foram interrompidas, e ela diminuiu o passo até parar. Cress ofegou e apertou as mãos no braço de Thorne, segurando-o.

Uma pessoa apareceu no alto da rampa do compartimento de carga. O casaco branco e as mangas compridas a faziam parecer um fantasma assombrando a nave, bloqueando o caminho deles para a liberdade.

Os instintos de Cress gritaram que era para ela correr, se esconder, ir para o mais longe possível da mestra Sybil quanto pudesse.

Mas, quando olhou para trás, viu que a taumaturga não estava sozinha. Seis guardas lunares tinham aparecido atrás deles, bloqueando o caminho para o elevador, que não teria funcionado, de qualquer forma, porque ela o tinha programado para parar quando chegassem ao telhado, para que ninguém pudesse ir atrás. Só funcionaria de novo quando o cronômetro que ela inseriu na programação de segurança chegasse ao zero e o sistema se reiniciasse.

O que significava que eles não tinham para onde correr. Nem para onde se esconder. Encontravam-se a quarenta passos da nave e estavam encurralados.



A ALEGRIA MOMENTÂNEA DE CINDER EVAPOROU QUANDO ELA olhou para a taumaturga. Devia tê-la sentido imediatamente, ela e os guardas, antes mesmo de ter saído do elevador, mas estava distraída demais com a sensação de sucesso. Ficou arrogante, e naquele momento eles se encontravam cercados.

– Que linda reunião – disse Sybil, com as mangas sacudindo no vento do telhado. – Se eu soubesse que vocês todos viriam a mim, não teria desperdiçado tanta energia procurando.

Cinder tentou manter o foco em Sybil enquanto avaliava seus aliados. Lobo estava um pouco à frente e rosnava ao mesmo tempo que colocava Kai no chão. Embora não estivesse demonstrando dor, ela via uma mancha de sangue na camisa de Lobo; os pontos deviam ter se soltado e aberto o ferimento.

Iko se encontrava longe deles, a única que não estava ofegante.

Cress e Thorne permaneciam à esquerda de Cinder. Thorne estava com uma bengala, e, pensou ela, talvez ainda estivesse com a arma. Mas ele e Lobo poderiam virar problema facilmente, armas com as quais a taumaturga brincar, ao contrário de Cress e Iko, que não podiam ser controladas.

– Quantos? – perguntou Thorne.

– A mestra Sybil na nossa frente – falou Cress – e seis guardas lunares atrás.

Depois de uma breve hesitação, Thorne assentiu.

– Eu aceito as chances.

– Que encantador – comentou Sybil, inclinando a cabeça. – Minha pequena protegida foi recebida por ciborgues e andróides e criminosos, a escória da sociedade terráquea. É bem apropriado para uma cascuda inútil.

Com o canto do olho, Cinder reparou em Thorne se colocando como um escudo entre Cress e a taumaturga, mas foi Cress quem ergueu o queixo, com expressão mais confiante do que Cinder já tinha visto.

– Você está falando da cascuda inútil que desconectou a ligação de todo o seu equipamento de observação do palácio?

Sybil estalou a língua.

– A arrogância não cai bem para você, minha querida. Que importância tem se a ligação foi cortada? Em pouco tempo, esse palácio vai se tornar o lar da rainha Levana. – Ela assentiu. – Guardas, não machuquem Sua Majestade nem o agente especial. Matem todo o resto.

Cinder ouviu o baque de botas, a movimentação de uniformes, o

estalo de armas sendo retiradas de coldres.

Ela abriu os pensamentos para eles.

Seis homens lunares. Seis guardas reais que, assim como Jacin, foram treinados para manterem as mentes abertas. Treinados para serem marionetes.

Ela procurou as pulsações elétricas ao redor deles. Ao mesmo tempo, todos os seis guardas se viraram para a beirada do telhado e jogaram as armas com toda a força que tinham. Seis armas voaram para longe e caíram em algum lugar dos telhados abaixo.

Sybil soltou uma gargalhada aguda, a mais livre que Cinder já testemunhou vindo dela.

– Você aprendeu algumas coisinhas desde a última vez que nos vimos, não é? – Sybil começou a descer a rampa. – Não que controlar um punhado de guardas seja um feito impressionante.

Ela desviou o olhar para Lobo.

Cinder abandonou os guardas e se projetou na direção dele, preparando-se para as intensas pontadas de dor na cabeça que aconteciam sempre que assumia o controle de Lobo.

Mas a dor não veio. A mente de Lobo já estava fechada para ela, como se alguém tivesse trancado a energia dele em um cofre.

Ele se virou para Cinder, com o rosto contorcido em uma fome animal.

Cinder falou um palavrão e deu um passinho para trás. Sua mente lembrou todos os duelos dentro do compartimento de carga, e então Lobo se lançou para cima dela.

Cinder se agachou, esticou as mãos para o abdômen dele e usou o impulso para jogá-lo por cima da cabeça. Ele caiu graciosamente de pé e se virou, mirando o punho direito no maxilar dela. Cinder afastou o golpe com o punho de metal, mas a força a desequilibrou e ela caiu no asfalto duro da área de pouso. Colocou as mãos no chão e levantou o calcanhar na direção de Lobo, atingindo-o no lado ferido. Ela se odiou por isso, mas ele gemeu de dor e cambaleou de leve para trás.

Ela ficou de pé. Já estava ofegante. Avisos encheram o display na retina dela.

Lobo lambeu os lábios e se preparou para atacá-la uma segunda vez, revelando o brilho dos dentes afiados.

Sufocando o pânico, Cinder tentou alcançá-lo de novo. Se ao menos rompesse o controle mental de Sybil. Se ao menos tivesse chegado nele primeiro. Ela procurou alguma fagulha do Lobo que sabia estar preso dentro de toda a fúria e sede de sangue. Algum ponto vulnerável na mente dele.

Estava tão distraída com as tentativas de afastar o controle de Sybil que não reparou no chute que acertou a lateral de sua cabeça e jogou-a longe na plataforma.

Ela ficou deitada de lado, tonta, com fagulhas brancas piscando na visão e o braço esquerdo ardendo por ter sido arrastado no chão. O ar não voltava aos pulmões. Cinder não conseguiu levantar a cabeça. Os diagnósticos de programação estavam enlouquecendo, e ela demorou um momento para lembrar como afastar isso para poder se concentrar.

Quando sua visão clareou, ela reparou em formas se movendo contra o céu crepuscular. Pessoas e sombras. Lutando. Brigando. As imagens confusas vinham acompanhadas de grunhidos de dor.

Os guardas atacaram. Thorne arrumou uma faca em algum lugar, Cress estava balançando loucamente a bengala dele e Iko usava os membros de metal e silício da melhor maneira possível para se defender. Mas Thorne estava cego, e Iko não tinha programação para lutar, e, assim que um dos guardas tirou a bengala da mão de Cress, ela caiu de joelhos, paralisada, encolhida atrás dos braços.

Enquanto Cinder olhava, um guarda segurou o pulso de Thorne e o virou até as costas. Ele deu um grito. A faca caiu. Outro guarda deu um soco no estômago dele.

Nesse momento, Cinder ouviu um rosnado. Lobo estava agachado, pronto para atacá-la de novo.

Cinder resistiu à vontade de fechar os olhos e se preparar para o impacto e soltou a respiração devagar pelo nariz. Fez com que os músculos relaxassem também.

Sua mente e seu corpo precisam trabalhar juntos.

Por um momento, foi como ser duas pessoas simultaneamente. Seus olhos estavam abertos, concentrados em Lobo enquanto ele pulava para cima dela, e seu corpo, relaxado, rolou para longe instintivamente antes de ela se levantar de novo.

Ao mesmo tempo, seu dom lunar procurou as pulsações de energia ao redor, direcionou para os seis guardas e os envolveu com tanta força que foi como agarrá-los com enormes punhos de metal.

Houve uma reação de surpresa dos guardas. Um caiu de joelhos. Dois caíram de lado, em convulsão.

Cinder desviou de outro soco, bloqueou outro chute. Seus instintos desejavam usar a faca no dedo, mas ela se recusou.

Lobo não era o inimigo.

Ela deu um soco para cima no queixo dele, seu primeiro golpe sólido, enquanto essas palavras se infiltravam no seu cérebro.

Lobo não é o inimigo.

Uma mancha azul chamou a sua atenção. Iko pulou nas costas de Lobo com um grito de guerra e envolveu a cintura dele com as pernas. Os braços envolveram a cabeça, tentando cegá-lo ou sufocá-lo ou distraí-lo como fosse possível.

Ela conseguiu por dois, três segundos, mas Lobo levantou as mãos, agarrou a cabeça dela e girou com tanta força que a pele rasgou no pescoço. Os fios na parte superior da coluna estalaram e saltaram fagulhas.

Iko escorregou dele e desmoronou no chão. As pernas estavam torcidas em uma posição estranha. As placas externas que protegiam a estrutura do colo estavam amassadas de um lado e deixavam à mostra fios desconectados e uma placa muscular rasgada, já vazando silício grosso e amarelado pelo ombro.

Cinder cambaleou e caiu de joelhos enquanto olhava para a forma retorcida. Seu áudio interno se fixou naquele som horrível e ficou repetindo sem parar o mesmo estalo brutal. O mesmo baque pesado de quando o corpo de Iko bateu no chão.

Seu estômago deu um salto, mas ela o acalmou quando desviou o olhar de Iko e o direcionou não para Lobo, mas para Sybil.

A taumaturga estava de pé na base da rampa. O rosto bonito, franzido de concentração.

Em seus pensamentos distantes, Cinder sentiu que os guardas estavam se levantando do chão. Partindo para cima de seus amigos de novo.

Rosnando, ela os ignorou. Ignorou Lobo.

Sybil era a inimiga.

Lobo se virou para ela. Seus pés bateram no asfalto.

Mas Cinder estava concentrada demais na bioeletricidade emanando de Sybil para se importar. A energia de Sybil era distorcida e arrogante e orgulhosa, e Cinder tinha acabado de penetrar nas rachaduras dos pensamentos dela quando o impacto chegou.

Lobo se chocou contra ela, derrubando-a, mas Cinder quase nem sentiu.

Enquanto Lobo a prendia no chão, Cinder trabalhava para contornar o dom de Sybil. Estava conhecendo intimamente a forma como a energia emanava dos membros e dedos dela. Era tão diferente da forma como a mesma energia latejava e ardia dentro do seu cérebro.

Quando Lobo revelou os caninos afiados, Cinder descobriu onde o dom de Sybil fervia em suas tentativas de controlar Lobo, deixando o resto do cérebro distante e vulnerável.

Quando Lobo baixou os dentes na direção do pescoço desprotegido de Cinder, ela agarrou a mente de Sybil e atacou.

CAPÍTULO

Quinquenta e cinco

CRACK.

Cress ergueu o olhar na hora em que Iko deslizou das costas de Lobo e caiu, quebrada e destruída, no chão duro. Um tremor percorreu o corpo dela. Mesmo de longe, ela via a pele rasgada e os fios soltando fagulhas.

– O que foi isso?

Ela voltou a atenção para Thorne. Ainda estava ajoelhada ao lado dele, tentando ajudá-lo da melhor forma possível. Ele tinha levado um soco forte no estômago que o deixou sem ar, mas pelo menos estava respirando e falando de novo.

– Acho que acabamos de perder Iko – disse ela. – Você consegue ficar de pé?

Thorne gemeu, ainda com a mão no estômago.

– Consigo – respondeu ele, não parecendo nada convencido.

Alguma coisa se mexeu. Ao erguer o olhar, Cress deu um gritinho e enfiou os dedos nos braços de Thorne. Os guardas, que tinham estado paralisados e com expressões vazias até pouco tempo, estavam se mexendo. Um deles gemeu.

Ao lado dela, Thorne se levantou.

– Pronto. Melhor – disse ele, embora ainda estivesse fazendo careta. – Você está vendo minha bengala por aí? Ou minha faca?

Ela viu a bengala atrás de um dos guardas, cujo olhar furioso não estava mais vazio e nem inofensivo.

– Cress?

– Os guardas estão levantando de novo – disse ela.

Thorne fez uma careta.

– Todos os seis?

Ela olhou por cima do ombro.

– E Cinder está no chão, talvez esteja inconsciente. E Lobo ainda está sob o controle de Sybil e eu... eu acho que ele vai...

Ela apertou o braço de Thorne, horrorizada com a visão de Lobo prendendo Cinder no chão. Queria afastar o olhar, mas não conseguia, era como estar presa em um sonho ruim.

– Isso tudo parece horrível – disse Thorne.

Tremendo, ela encostou as costas nele e se perguntou como sua morte viria. Com o crânio esmagado no concreto? Com o pescoço quebrado, como o de Iko?

– Acho que está na hora.

Enquanto os pensamentos de Cress continuavam remoendo as coisas horríveis que poderiam acontecer, ela se sentiu sendo virada de repente e deitada para trás, um braço forte sustentando suas costas. Deu um gritinho e se segurou no ombro de Thorne.

E ele a beijou.

A batalha se tornou um furacão com os dois bem no meio: os braços dele protegendo-a do vento, a saia dela voando ao redor das pernas dele, os lábios dele gentis mas insistentes, como se os dois tivessem todo o tempo do mundo.

Um calor tomou conta dela, e Cress fechou os olhos. Pensou que seus braços queriam envolver o pescoço dele, mas todo o seu corpo vibrava, e ela estava tão tonta que mal conseguia manter os dedos no tecido da saia.

Tinha acabado de derreter quando foi erguida novamente.

O mundo virou de cabeça para baixo. Thorne girou e a puxou contra o peito com um braço enquanto o outro procurava alguma coisa na cintura. Cress ouviu o tiro e gritou, pressionando-se contra ele, antes de perceber que foi Thorne quem atirou.

Um guarda grunhiu.

Outro guarda segurou Thorne pela gola e ele se virou, dando uma cotovelada no maxilar do guarda.

– Cress, me faça um favor. – Ele se virou de forma que ela ficasse de costas para ele; Cress estava começando a se sentir como um

satélite constantemente tirado de órbita, mas não tinha tempo para pensar, pois Thorne apoiou um braço no ombro dela. – Faça com que eu não atire em ninguém de quem nós gostamos.

Ele disparou de novo, e a bala raspou no bíceps de um guarda. Ele nem reagiu ao disparo e partiu para cima deles.

Ofegante, Cress envolveu as mãos de Thorne com as suas e mirou. Ele disparou de novo, dessa vez acertando o guarda no peito, que cambaleou para trás e caiu.

Cress se moveu e direcionou a mão de Thorne para outro guarda. Mais um tiro no peito. Um terceiro tiro acertou o ombro do guarda seguinte. Ela mirou no quarto...

Click. Click.

Thorne falou um palavrão.

– Bem, foi divertido enquanto durou.

O guarda riu. Era alto e todo feito de músculos, seu cabelo ruivo-alaranjado penteado para o alto. Era o único guarda que Cress reconhecia. Ela o tinha visto nas filmagens de segurança junto com o grupo da rainha, o que significava que devia ser o guarda de posição mais alta entre eles.

– Se não se importar – disse ele –, vou matar você agora.

– Você não é um cavaleiro? – perguntou Thorne, empurrando Cress para trás de si e erguendo os punhos.

Um grito soou em meio ao vento.

Não apenas um grito, mas um grito feito de dor e delírio, tortura e agonia.

Cress e Thorne se abaixaram e cobriram os ouvidos, e Cress ficou morrendo de medo de ter sido Cinder. Mas, quando olhou, a mestra Sybil tinha caído no chão, tendo convulsões e enfiando as unhas no couro cabeludo. O grito prosseguiu enquanto ela se debatia e se feria, torcendo a cabeça com tanta força que se chocou no asfalto, depois se encolhendo como um feto, procurando um alívio que não vinha.

Cinder ainda parecia inconsciente, com Lobo acima dela. Mas

nesse momento ele virou a cabeça como um cachorro atordado e se afastou de Cinder com olhos enlouquecidos e cheios de remorso.

Cinder permaneceu no chão como um cadáver.

– Pare! – gritou o guarda ruivo.

Ele segurou Cress, puxou-a para longe de Thorne e envolveu o pescoço dela com a mão. Ela gritou e enfiou as unhas no pulso dele, mas ele não pareceu perceber.

– Mandei parar, senão esmago o pescoço dela!

Embora ele estivesse gritando, mal podia ser ouvido por causa dos gritos de Sybil, e Cinder não o ouviu ou não se importou... ou não conseguiu parar. Cress tentou dar chutes, mas suas pernas eram curtas demais, e a escuridão já tomava conta de sua visão...

Crack.

O pulso do guarda afrouxou e ele caiu inconsciente. Cress cambaleou para longe dele e massageou o pescoço. Ao se virar, viu Thorne segurando a bengala como uma clava.

– Encontrei minha bengala – disse ele, girando-a uma vez e tentando segurar na outra ponta, mas errando. A bengala caiu no chão. Thorne fez uma careta. – Você está bem?

Ela engoliu em seco e tentou ignorar o ardor na garganta.

– S-Sim.

– Que bom. – Thorne pegou a bengala. – Agora, o que em nome das espadas foi aquele grito?

– Não sei. Cinder está fazendo alguma coisa com a mestra Sybil... alguma coisa com o dom dela.

– Bem, está me irritando, e estamos ficando sem tempo. Venha.

Um dos guardas em quem eles tinham atirado esticou a mão para o tornozelo de Cress quando ela passou, mas Cress o chutou e eles continuaram correndo até Cinder. Lobo a estava sacudindo, mas ela não reagia. Atrás deles, os gritos de Sybil viraram um choramingo incontrollável enquanto ela convulsionava no chão.

– Talvez Cinder tenha que ser reiniciada – falou Thorne depois

que Cress descreveu a situação da melhor maneira que conseguiu.
– Isso já aconteceu uma vez. Aqui.

Ele enfiou a mão por baixo da cabeça de Cinder, e Cress ouviu um clique.

Os olhos de Cinder se abriram, e a mão dela envolveu o pulso de Thorne. Com um grito, ele caiu no chão.

Os soluços de Sybil viraram um choramingo.

– Não. Abra. Meu painel de controle – disse ela.

Depois de soltar Thorne, ela fechou a placa da cabeça.

– Então pare de ficar em estado de coma perto de mim! – Ele ficou de pé. – Podemos ir agora, antes que toda a força militar da Comunidade apareça?

Cinder se sentou, piscando.

– Iko...

– Certo. Lobo, você pode pegar a androide, por favor? E o imperador, acho que ele ainda está em algum lugar por aí.

O imperador. Em meio ao caos, Cress se esqueceu dele.

– Sirenes.

Cress olhou para Lobo. Ele estava com a cabeça inclinada para o lado.

– Vindo para cá.

– O que quer dizer que os militares não devem estar muito atrás – disse Cinder. – Devo concluir que não há sinal de Jacin?

Ninguém respondeu. Não havia sinal do piloto desde que a luta começara. Cress lambeu os lábios. Teria ele os traído? Teria contado a Sybil sobre o plano?

– Faz sentido – disse Cinder. – Thorne, você vem comigo no cockpit. Jacin e eu treinamos decolagens... uma vez. Você pode ajudar a ativar minha memória.

Juntos, eles se apressaram para carregar o corpo quebrado de Iko e Kai, ainda inconsciente, para o compartimento de carga.

De repente, ouviram risos. Uma gargalhada aguda e tensa que fez a coluna de Cress congelar.

Sybil estava se esforçando para se levantar. Ficou de pé e deu dois passos cambaleantes, mas caiu sobre um dos joelhos. Ela riu de novo e fechou os punhos no cabelo comprido e desgrenhado.

Cress foi empurrada de lado de repente quando Lobo desceu a rampa e agarrou Sybil pela frente do casaco branco, puxando-a para perto. Os olhos dela se reviraram para dentro da cabeça.

– Onde ela está? – gritou ele. – Ainda está viva?

Mesmo do alto da rampa, Cress viu o ódio ardendo nos olhos dele, superado só pela necessidade de saber. De receber uma sombra de esperança de que Scarlet ainda estava viva. De que ele ainda tinha chance de salvá-la.

Mas a cabeça de Sybil só caiu para o lado.

– Que... que pássaros bonitos! – disse ela, antes de ser tomada de um ataque de risadinhas incoerentes.

Lobo rosnou e mostrou os dentes. Por um momento, o corpo todo dele tremeu, e Cress achou que ele ia arrancar um pedaço do pescoço dela. Mas largou Sybil no chão. Ela caiu com força, choramingou pelo impacto e rolou até ficar de costas. Em seguida, voltou a gargalhar, olhando para o céu. O sol estava se pondo, mas a lua cheia já tinha surgido acima dos contornos da cidade.

Lobo se virou de costas para ela e subiu a rampa. Não olhou nos olhos de Cress ao passar.

Cress ficou olhando, desnorteada, quando Sybil levantou os dois braços para o céu. Gargalhando. Gargalhando.

A rampa começou a subir e a bloquear lentamente a visão de Sybil e dos guardas ensanguentados espalhados pelo telhado. O rugido do motor logo encobriu tanto as risadas loucas quanto as sirenes berrando além dos muros do palácio.

CAPÍTULO

Quinquenta e seis

PARA QUEM A VISSE, LEVANA ERA UMA VISÃO DE SERENIDADE COM o vestido de noiva vermelho etéreo e o véu dourado fino que ia até os pulsos. Ela estava sentada em um divã nos aposentos de hóspede, com a postura perfeita e as mãos cruzadas no colo.

Só que elas não estavam cruzadas, mas apertadas em punhos furiosos.

Cada uma tinha uma aliança de casamento. Uma que ela usou por anos demais, que antes acreditava que pudesse trazer amor e felicidade, mas só trouxe dor.

A outra devia trazer-lhe não o amor de um marido cego e egoísta, mas o amor de um planeta inteiro. Devia estar usando-a naquele momento.

Tudo estava indo tão bem. Ela esteve a momentos de subir no altar. *A momentos.*

Deveria estar casada. Deveria estar recitando as promessas que a tornariam imperatriz.

Quando descobrisse quem era responsável pelo atraso, atormentaria a mente frágil da pessoa até ela virar um idiota patético e babão, com medo da imagem das próprias mãos.

Uma batida interrompeu a fantasia. Levana desviou o olhar para a porta.

– Entre.

Um de seus guardas entrou primeiro, escoltando Konn Torin, o conselheiro irritante e sempre presente do jovem imperador. Ela lançou-lhe um olhar irritado através do véu dourado, embora soubesse que ele não tinha como perceber.

– Vossa Ilustre Majestade – disse ele, com uma reverência profunda. A adição de um novo adjetivo, junto com a reverência

um pouco mais profunda do que o habitual, fez os cabelos da nuca dela se arrepiarem. – Peço desculpas sinceras pelo atraso e pela notícia que preciso dar. Infelizmente, fomos obrigados a adiar a cerimônia de casamento.

– Perdão?

Ele se empertigou, mas manteve o olhar respeitosamente no chão.

– Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito, foi sequestrado. Ele foi levado dos aposentos pessoais para uma nave espacial não rastreável.

Os dedos dela apertaram as alianças de casamento.

– Por quem?

– Linh Cinder, Vossa Majestade. A ciborgue fugitiva do baile. Junto com vários cúmplices, ao que parece.

Linh Cinder.

Cada vez que ouvia aquele nome, ela sentia vontade de cuspir.

– Entendo – disse ela, cansada demais para aliviar a severidade de sua raiva. – Devo acreditar que vocês não tinham medidas de segurança para o caso de haver esse tipo de tentativa de ataque?

– Nossa segurança foi comprometida.

– *Comprometida.*

– Sim, Vossa Majestade.

Ela ficou de pé. O vestido voou como uma brisa ao redor dos quadris. O conselheiro nem se mexeu, embora devesse.

– Você está me dizendo que essa adolescente não só fugiu da sua prisão e da captura por seus militares altamente treinados, mas também invadiu o palácio e os aposentos particulares do próprio imperador, o sequestrou e escapou de novo.

– Precisamente, Vossa Majestade.

– E o que vocês estão fazendo para recuperar meu noivo?

– Reunimos todas as unidades policiais e militares ao nosso disp...

– NÃO É O BASTANTE.

Desta vez, ele se encolheu.

Levana acalmou a respiração.

– A Comunidade falhou muitas vezes em relação a Linh Cinder. A partir de agora, vou usar meus próprios recursos e táticas para encontrá-la. Meus guardas vão precisar ver todas as filmagens de segurança das últimas quarenta e oito horas.

O conselheiro uniu as mãos nas costas.

– Ficamos felizes em dar acesso às filmagens de segurança que temos. No entanto, não temos aproximadamente duas horas de filmagem, que foram comprometidas esta tarde pela falha de segurança.

Ela fez uma expressão de desprezo.

– *Certo*. Me tragam o que vocês têm.

O taumaturgo Aimery Park apareceu na porta.

– Vossa Majestade. Eu gostaria de pedir um momento em particular.

– Com prazer. – Ela acenou para Konn Torin. – Você está dispensado, mas saiba que a incompetência de sua equipe de segurança não será ignorada.

Sem argumentar, o conselheiro fez outra reverência profunda e saiu.

Assim que ele não estava mais na sala, Levana arrancou o véu da cabeça e o jogou no divã.

– O jovem imperador foi sequestrado, e no próprio palácio. Os terráqueos são patéticos. É incrível ainda não estarem extintos.

– Eu não discordo, Vossa Majestade. Acredito que o sr. Konn não a tenha informado do outro desenvolvimento interessante desta noite, certo?

– Que desenvolvimento?

Os olhos de Aimery dançaram.

– Parece que o dr. Sage Darnel está neste palácio, preso em uma sala de quarentena na ala de pesquisa.

– Sage Darnel? – Ela fez uma pausa. – Ousando retornar depois de ajudar na fuga daquela garota maldita?

– Sem dúvida eles estavam trabalhando juntos, embora eu tenha sido levado a acreditar que o dr. Darnel não vá sobreviver por muito tempo. Pelo que eu soube, contraiu uma variação incomum de letumose, que parece agir bem mais rápido do que a comum. E, é claro, ele é lunar.

A pulsação dela saltou. Isso abria algumas possibilidades interessantes.

– Me leve até ele – ordenou, colocando a verdadeira aliança de casamento no dedo de novo. A outra, a que a ligaria ao imperador Kaito, ela deixou para trás.

– Devo avisá-la – disse Aimery quando ela o seguiu para o corredor – que os elevadores de todo o palácio não estão funcionando. Vamos ser obrigados a tomar as escadas.

– Terráqueos – rosnou ela, levantando a barra da saia.

Foi como atravessar um labirinto infinito, mas eles finalmente chegaram à ala de pesquisa. Um grupo de oficiais tinha se reunido fora do laboratório, e Levana sentiu desprezo ao pensar que pretendiam esconder a informação quando Sage Darnel, assim como Linh Cinder, era problema *dela*, para resolver como lhe conviesse.

Quando ela entrou na sala do laboratório, penetrou nas mentes dos homens e mulheres ao redor e transmitiu uma vontade intensa de estarem em *outro lugar*.

A sala ficou vazia em segundos, exceto por ela e Aimery.

Era uma sala imaculada com cheiro de produtos químicos, cheia de luzes fortes e superfícies duras. E, do outro lado de uma janela escura, o dr. Sage Darnel estava deitado na mesa, segurando um boné cinza sobre a barriga.

Com exceção da filmagem de segurança que o mostrava ajudando Linh Cinder a fugir da prisão, Levana não o via desde que ele desapareceu, uma década antes. Houve uma época em que ele foi um dos cientistas mais proeminentes dela, fazendo grandes avanços no desenvolvimento dos soldados lupinos quase

mensalmente.

Mas o tempo não foi gentil com ele. O rosto estava cansado e enrugado. Ele estava ficando careca, e o que sobrou do cabelo estava ressecado e grisalho. E havia a doença. A pele reptiliana estava coberta de manchas que pareciam hematomas e de uma irritação que surgia como bolhas, uma em cima da outra. A ponta dos dedos já ficavam azuis. Não, ele não permaneceria vivo por muito tempo.

Levana foi até a janela. Havia uma luz acesa ao lado de um microfone, indicando que a comunicação estava aberta entre as duas salas.

– Meu querido dr. Darnel, eu não achava que voltaria a ter o prazer.

Ele abriu os olhos, ainda brilhantes e azuis por trás dos óculos. A atenção dele estava grudada no teto, e, apesar de ter ocorrido a Levana que a janela só tinha vista em uma direção, ela ficou irritada por ele não se dar ao trabalho de olhar para ela.

– Vossa Majestade – disse ele em tom ríspido. – Eu achava que ouviria sua voz mais uma vez.

Ao lado dela, Aimery verificou um tablet preso ao cinto e pediu licença com uma reverência.

– Devo dizer que estou satisfeita com essa ironia. Você deixou uma posição honorável em Luna para vir para a Terra e dedicar seus últimos anos a encontrar uma cura para essa doença. Uma doença para a qual já tenho o antídoto. Na verdade... pensando bem, eu talvez tenha algumas amostras comigo no palácio. Gosto de tê-las à mão para o caso de alguma coisa acontecer com meu noivo ou com alguém que seja necessário aos meus objetivos. Eu poderia mandar trazerem o antídoto para você, mas acho que não vou fazer isso.

– Não se preocupe, minha rainha. Eu não aceitaria se você trouxesse, agora que sei tudo o que você fez para obtê-lo.

– Tudo o que fiz? Para curar uma doença que, até hoje, não

afetava meu próprio povo? Acredito que é bastante caridoso de minha parte, você não acha?

Ele se sentou mais ereto devagar. Baixou a cabeça até o peito ao tentar recuperar o fôlego depois do pequeno esforço.

– Eu descobri, minha rainha. Eu realmente acreditava que os cascudos eram mortos quando você os tirava de nós, mas isso não é verdade. *Algum* deles é morto ou é só fachada? Um jeito de colocá-los em reclusão e tirar o sangue sem ninguém ir procurá-los?

Ela piscou.

– Você teve um bebê cascudo, não teve? Me ajude a lembrar, era um garotinho ou uma garotinha? Talvez quando eu voltar para casa eu possa encontrá-lo e contar o quanto o pai dele era pequeno e patético quando morreu bem na minha frente.

– O que eu acho mais interessante – disse o doutor, coçando a orelha e agindo como se não a tivesse ouvido – é que o primeiro caso documentado de letumose ocorreu doze anos atrás. Mas você vem coletando anticorpos há bem mais do que isso. Na verdade, foi sua irmã quem começou os experimentos, se meus cálculos estiverem corretos.

Levana abriu os dedos sobre a bancada.

– Você me fez lembrar por que foi uma perda tão terrível para nossa equipe, doutor.

Ele passou o braço pela testa úmida. A pele parecia transparente sob as luzes intensas.

– Essa doença é toda coisa sua. Você fabricou a morte para fazer a Terra se ajoelhar, para, na hora certa, estar aqui e salvar a população com seu antídoto milagroso. Um antídoto que você tinha guardado o tempo todo.

– Você me dá crédito demais. Foi a equipe que trabalhava para meus pais que criou a doença, e a equipe da minha irmã que aperfeiçoou o antídoto. Eu só implementei a pesquisa ao determinar um meio de trazer a doença para a Terra.

– Expondo lunares a ela e enviando-os para cá, sem terem ideia

do que estavam carregando.

– Enviando para a Terra? De jeito nenhum. Eu só cuidei para que minha equipe de segurança olhasse para o outro lado quando eles... *fugiram*.

A última palavra foi mordaz. Ela não gostava da ideia de que algumas pessoas preferiam fugir do paraíso que ela lhes tinha dado.

– É uma guerra biológica. – O dr. Darnel tossiu com o braço dobrado na frente do rosto, deixando pontos vermelho-escuros. – E a Terra nem faz ideia.

– E vai continuar sem fazer ideia. Porque vou ficar aqui e ver você morrer.

Ele deu uma gargalhada aguda.

– Você acha mesmo que eu levaria esse segredo para o túmulo? Uma pontada de irritação desceu pela coluna dela.

Os olhos do doutor estavam vidrados, mas o sorriso foi enorme quando ele observou a janela.

– É um espelho bem grande esse para onde estou olhando. É impossível me esconder do que sou... do que me tornei. Minha rainha, você não gostaria de morrer nesta sala. Eu desconfio que arrancaria a própria pele se fosse forçada a olhar para si por muito tempo.

Ela apertou bem as mãos e afundou as unhas nas palmas.

– Vossa Majestade.

Expirando, ela se forçou a abrir as mãos. As palmas estavam ardendo.

Aimery tinha voltado com Jerrico, o capitão da guarda, parecendo que tinha participado de uma luta impressionante.

– Finalmente. Onde você e Sybil estavam? Conte tudo.

Jerrico fez uma reverência.

– Minha rainha, a taumaturga e eu, junto com cinco dos meus melhores homens, cercamos Linh Cinder e seus cúmplices na plataforma de pouso de emergência no telhado desta torre.

A esperança aqueceu o peito dela.

– E vocês os capturaram? Eles não fugiram, no fim das contas?

– Não, Vossa Majestade. Nós falhamos em nosso objetivo. Dois dos meus homens estão mortos, os outros três estão seriamente feridos. Eu mesmo estava inconsciente quando a espaçonave fugiu com os traidores e o imperador Kaito a bordo.

A fúria começou a subir pela espinha de novo, desesperada para ser libertada.

– E onde está a taumaturga Mira?

Ele baixou o olhar respeitosamente.

– Morta, Vossa Majestade. Linh Cinder usou o dom para torturar a mente dela; eu ouvi os gritos. Os que estavam conscientes relataram que, depois que a espaçonave partiu, a taumaturga Mira se jogou do telhado. O corpo foi encontrado nos jardins.

Uma risadinha enlouquecida ecoou pela sala. Levana se virou e viu o doutor inclinado sobre os joelhos, batendo com os calcanhares na mesa.

– Ela mereceu, a cobra. Depois de manter meu passarinho dourado trancado na gaiola por tanto tempo.

– Vossa Majestade.

Levana olhou novamente para Jerrico.

– O quê?

– Encontramos um dos cúmplices de Linh Cinder a bordo da nave antes do confronto. O novo piloto dela, ao que parece.

Jerrico indicou o corredor. Passos estalaram, e, um momento depois, dois homens entraram. Outro guarda entrou escoltando...

O sorriso dela surgiu rapidamente.

– Meu querido Senhor Clay.

Apesar de os pulsos estarem presos nas costas, ele se manteve empertigado e parecia mais saudável do que nunca. Estava claro que não tinha sido tratado como prisioneiro na nave de Linh Cinder.

– Minha rainha. – Ele baixou a cabeça.

Ela projetou o dom lunar nele para testar sinais de escárnio ou

rebelião, mas não havia nada disso. Ele estava tão vazio e maleável como sempre.

– Minha compreensão é que você abandonou sua taumaturga em uma batalha essencial para se juntar a Linh Cinder contra a coroa lunar. Sua presença aqui me leva a concluir que também está envolvido no sequestro de meu noivo. Você traiu a mim e meu trono. Como você se declara?

– Inocente, minha rainha.

Ela riu.

– É claro. Como você pode se declarar assim?

Ele sustentou o olhar dela sem remorso.

– Durante a batalha a bordo da nave, a taumaturga Mira foi consumida pelo esforço de controlar um agente especial lunar que se juntou aos rebeldes. Com minha mente aberta, Linh Cinder me obrigou a colaborar com ela e lutar contra minha taumaturga, o que fez com que ela abandonasse a nave e me deixasse a bordo. Ao perceber isso como uma oportunidade de conquistar as graças dos rebeldes, eu passei essas últimas semanas agindo como espião com a intenção de relatar as fraquezas e estratégias quando enfim voltasse para minha rainha, a quem tenho a honra de servir.

Ela deu um sorrisinho de desprezo.

– Sem dúvida sua ansiedade em voltar envolvia um desejo de ver sua amada princesa também.

Pronto... finalmente. Uma leve onda de emoção antes de o lago voltar a ficar parado como vidro.

– Eu vivo para servir todos os membros da família real lunar, minha rainha.

Ela passou os dedos pela saia.

– Como posso acreditar que você permanece leal a mim quando está de pé na minha frente acorrentado depois de ter sido arrastado de dentro da nave do meu próprio inimigo?

– Eu esperava que minhas ações provassem minhas lealdades. Se eu quisesse que Linh Cinder tivesse sucesso nos objetivos dela, não

teria mandado uma mensagem para a taumaturga Mira informando-a onde e quando chegaria com aquela nave.

Levana sustentou o olhar de Jacin antes de se virar para Jerrico.

– Isso é verdade?

– Não tenho como saber. A taumaturga Mira parecia confiante da localização quando fomos interceptar os traidores, mas não disse nada sobre mensagem nenhuma. E pareceu furiosa quando encontramos Jacin no cockpit. Foi por ordem dela que o preendi.

– Com todo o respeito – disse Jacin. – Eu atirei nela em nosso último encontro. E a mensagem foi enviada anonimamente; ela talvez não tenha percebido que fui eu que mandei a dica.

Levana afastou essa declaração com um aceno.

– Vamos investigar mais, sr. Clay. Mas, como você alega ter coletado informações durante semanas, me conte, que coisas úteis descobriu sobre nossos inimigos?

– Descobri que Linh Cinder tem a capacidade de controlar um agente especial lunar – disse ele, recitando a informação com tanta emoção quanto um androide terráqueo. – No entanto, não tem treino e nem foco. Não demonstra talento nenhum para se envolver em batalhas simultaneamente mentais e físicas.

– Especulação interessante – refletiu Levana. – Na sua avaliação, ela teria o foco mental necessário para torturar um inimigo, levando-o à beira da insanidade?

– De jeito nenhum, Vossa Majestade.

– De jeito *nenhum*. Muito bem, então. Ou você é muito mais burro do que eu imagino ou está mentindo, pois foi exatamente isso que Linh Cinder fez hoje, e com minha taumaturga chefe.

Outra pontada de emoção despertou um breve sinal de nervosismo, mas foi encoberto por batidas altas vindas da sala de quarentena.

– É claro que ele está mentindo! – gritou o doutor, com a voz falhando. Ele tinha se levantado da mesa e estava batendo com as palmas das mãos no vidro, deixando manchas de cuspe

ensanguentado. – Ela é capaz de matar sua taumaturga chefe e todos os seus guardas e toda a sua corte. Ela é a princesa Selene, a verdadeira herdeira do trono. Pode matar vocês todos, e vai matar vocês todos. Ela está vindo atrás de você, minha rainha, ela vai *destruir você!*

Levana rosnou.

– Cale a boca! Cale a boca, seu velho! Por que você não morre logo?

Ele estava ocupado demais tentando recuperar o fôlego para ouvi-la. Caiu no chão com as mãos no peito, a respiração ofegante pontuada por ataques de tosse.

Quando ela se virou, Jacin Clay estava olhando ceticamente para a janela. Mas, em poucos momentos, seus olhos começaram a se encherem de compreensão. Seu lábio tremeu, como se ele estivesse pronto para rir de uma piada que só entendia agora. Era uma rara exibição de emoção que só a enfureceu mais.

– Leve-o. Ele vai passar por investigação completa em Luna.

Enquanto Jacin era levado de volta pelo corredor, ela olhou para o taumaturgo Park de novo, suas mãos fechadas ao lado do corpo.

– Você está sendo promovido. Comece a planejar nossa partida imediatamente e alerte nossa equipe de pesquisa sobre essa nova variação da letumose. Além disso, inicie os procedimentos de mobilização de nossos soldados. Linh Cinder é medrosa demais para me enfrentar. As pessoas da Terra vão sofrer pela covardia dela.

– Você entende que, com a perda da programadora da taumaturga Mira, não somos capazes de transportar nossas naves para a Terra sem sermos percebidos?

– E você acha que eu ligo de a Terra vê-las chegando? Espero que dê tempo para que as pessoas implorem perdão antes de as destruímos.

Aimery fez uma reverência.

– Vou cuidar para que seja feito, Vossa Majestade.

Levana olhou para trás e viu que o dr. Sage Darnel estava deitado no chão, o corpo convulsionando entre os ataques de tosse. Ela o viu se contorcer e tremer, o sangue ainda fervendo pelas palavras dele.

Até onde as pessoas de Luna e da Terra sabiam, Selene tinha morrido treze anos antes.

Levana ia cuidar para que tudo continuasse assim.

Ela era a rainha de Luna por direito. Da Terra. Da galáxia inteira. Ninguém tiraria isso dela.

Fervendo de raiva, ela chegou mais perto, perto o bastante para ver as marcas de lágrimas no rosto marcado do doutor.

– Doce Lua Crescente... – sussurrou ele, os lábios quase incapazes de formar as palavras. Ele começou a tremer. – Bem alta no céu... – Ele murmurou algumas notas de uma música, uma cantiga que parecia levemente familiar. – Você canta sua música... tão doce... depois que o sol se põe...

A última palavra pairou sem ser dita quando ele parou de tremer e ficou imóvel, os olhos azuis virados para cima como bolas de gude vazias.

CAPÍTULO

Quinquenta e sete

– SATÉLITE AR817.3... BLOQUEAR RASTREADOR... CONFIGURAR CONTADOR

alternativo... e verificar. Isso deve deixar apenas o satélite AR944.1 ... e... isso... deve... resolver.

Cress fez uma pausa, respirou e afastou devagar os dedos da tela principal do cockpit, onde tinha passado as últimas três horas cuidando para que qualquer satélite no caminho estivesse convenientemente virado para longe quando eles passassem. Enquanto o caminho orbital da Rampion permanecesse o mesmo, eles não seriam detectados.

Ao menos, não por satélites e radares.

Ainda havia o problema dos avistamentos, e, como a Comunidade das Nações Orientais tinha anunciado vinte minutos antes que uma recompensa monetária enorme seria dada para qualquer pessoa que encontrasse a Rampion roubada, todas as naves daqui até Marte estariam de olho.

Eles tinham que estar preparados para fugir se alguém os visse, o que era bem mais difícil uma vez que não tinham mais um piloto treinado a bordo. Pelo menos, não um que enxergasse. Thorne guiou Cinder pelos procedimentos de decolagem, com grande ajuda do novo sistema de autocontrole da Rampion, mas foi uma decolagem sacolejante seguida de uma mudança imediata para órbita neutra. Se eles se deparassem com qualquer coisa que exigisse manobras mais complicadas antes de Thorne recuperar a visão, estariam encrencados.

De acordo com Cinder, estariam encrencados mesmo quando ele *recuperasse* a visão.

Cress massageou o pescoço e tentou fazer os pensamentos pararem de girar. Quando estava no meio de um trabalho, isso

ocupava o cérebro dela até sua visão se saturar de códigos e cálculos, pulando para cada tarefa necessária mais rápido do que ela conseguia completá-las. Isso costumava deixá-la em um estado de euforia esgotada.

Mas, ao menos por enquanto, a Rampion estava segura.

Ela desviou a atenção para uma luz amarela na base da tela que a estava irritando desde que ela começou, mas que não havia tido tempo de resolver. Como esperado, quando ela gerou o comando de ejeção, um pequeno chip D-COMM reluzente pulou da tela.

Era o par do chip que Sybil tinha tirado do satélite dela, destruindo qualquer esperança que Cress e Thorne tinham de fazer contato com os amigos.

Amigos.

Ela apertou os olhos para o chip enquanto o segurava, perguntando-se se era a palavra certa. A sensação era de ter amigos, principalmente depois de sobreviverem juntos à missão. Mas, por outro lado, não tinha nada com que comparar essa amizade.

Mas uma coisa que ela sabia era que não precisava mais ser salva.

Ela olhou ao redor em busca de alguma coisa que pudesse usar para destruir o chip e viu o fantasma de um reflexo na janela do cockpit. Thorne estava na porta atrás dela, com as mãos enfiadas nos bolsos.

Ela levou um susto e se virou para olhar para ele, a saia volumosa levemente enrolada na base da cadeira. Apesar de estar suja e rasgada em algumas partes, ela ainda não tivera tempo de trocar e não tinha certeza de que queria. O vestido a fazia sentir como se ainda estivesse vivendo uma história, e talvez fosse o que a impedisse de entrar em choque por tudo o que aconteceu naquele dia.

– Você me deu um susto!

Thorne deu um sorriso moderadamente constrangido.

– Desculpe?

– Há quanto tempo você está aí?

Ele deu de ombros.

– Eu estava ouvindo você trabalhar. É meio relaxante. E gosto quando você canta.

Ela ficou vermelha. Não tinha percebido que estava cantando.

Thorne tateou para encontrar o caminho e se sentou na cadeira do copiloto, apoiando a bengala no colo e as botas no painel.

– Estamos invisíveis de novo?

– Para os radares, por enquanto. – Ela prendeu o cabelo atrás da orelha. – Posso ver sua bengala?

Ele ergueu uma das sobrancelhas, mas entregou sem fazer perguntas. Cress soltou o chip D-COMM no chão e o esmagou com a ponta da bengala. Um tremor de poder percorreu o corpo dela.

– O que foi isso? – perguntou Thorne.

– O chip D-COMM que vocês usaram para fazer contato comigo antes. Não vamos precisar mais dele.

– Parece que foi séculos atrás. – Thorne passou o dedo pela venda. – Lamento por você não ter conseguido ver muita coisa da Terra quando estávamos lá. E agora estamos presos aqui de novo.

– Estou feliz de estar presa aqui. – Ela girou a bengala distraidamente entre as palmas das mãos. – É uma nave ótima. Bem mais espaçosa do que o satélite. E... com companhia bem melhor.

– Não posso discordar. – Sorrindo, Thorne tirou uma garrafinha do bolso. – Vim aqui perguntar se você pode me ajudar com isso. Essas são as gotinhas místicas que o doutor fez. Temos que colocar três ou quatro gotas em cada olho, duas vezes por dia... ou eram duas gotas, três vezes?... Não lembro. Ele anotou as instruções no tablet.

Thorne soltou o tablet do cinto e entregou a ela.

Cress apoiou a bengala no painel de instrumentos.

– Ele devia estar com medo de você esquecer depois de tanto estresse... – Ela parou de falar quando viu o texto no tablet.

Thorne inclinou a cabeça.

– O que foi?

O tablet tinha aberto em uma tela com instruções para uso das gotas e também um relato detalhado de por que o dr. Erland acreditava que a peste era uma arma fabricada sendo usada como guerra biológica.

Mas, além de tudo isso...

– Tem uma aba com meu nome. – Mas não Cress. *Lua Crescente Darnel*.

– Ah. Era o tablet do doutor.

Cress deslizou os dedos pela tela e abriu a aba antes que sua mente decidisse se queria saber o que tinha ali ou não.

– Uma análise de DNA – disse ela – e... confirmação de paternidade. – Ela ficou de pé e apoiou o tablet no painel de controle. – Vamos pingar suas gotas.

– Cress. – Ele esticou a mão para ela e os dedos seguraram nas dobras da saia. – Você está bem?

– Na verdade, não. – Ela olhou para ele. Thorne tinha puxado a venda para o pescoço, deixando à mostra uma leve marca de bronzeado ao redor dos olhos. Engolindo em seco, Cress afundou na cadeira do piloto de novo. – Eu devia ter dito para ele que o amava. Ele estava morrendo e estava bem ali, e eu sabia que jamais o veria de novo. Mas não consegui dizer. Sou horrível?

– É claro que não. Ele podia ser seu pai biológico, mas você mal o conhecia. Como poderia amá-lo?

– E tem importância? Ele disse que *me* amava. Estava morrendo, agora já se foi, e eu nunca...

– Ei, Cress, pare. – Thorne virou a cadeira para ficar de frente para ela. Encontrou os pulsos dela e deslizou as mãos para entrelaçar os dedos com os dela. – Você não fez nada de errado. Tudo aconteceu tão rápido, e não houve nada que você pudesse fazer.

Ela mordeu o lábio.

– Ele tirou uma amostra de sangue minha naquele primeiro dia,

em Farafrah. – Ela fechou bem os olhos. – Ele sabia o tempo todo... quase uma *semana*. Por que não me contou antes?

– Devia querer esperar a hora certa. Ele não sabia que ia morrer.

– Ele sabia que havia uma chance de todos nós morrermos.

A respiração seguinte tremeu dentro do diafragma dela, e, quando as lágrimas começaram a rolar, ela se sentiu sendo puxada na direção de Thorne. Ele a pegou no colo e passou um braço por baixo das pernas para impedir que a enorme saia se emaranhasse. Chorando, Cress afundou o rosto no peito dele e deixou que as lágrimas viessem. Ela chorou intensamente no começo, a liberação saindo toda dela de uma vez. Mas quase se sentiu culpada quando, minutos depois, as lágrimas começaram a secar. A tristeza não bastava. O sofrimento também. Mas era tudo o que tinha.

Thorne a abraçou até o som de seus batimentos ficar mais alto do que o som do choro. Ele afastou o cabelo dela do rosto, e, apesar de ser egoísmo, Cress ficou feliz por ele não poder vê-la assim, com rosto vermelho e olhos inchados e todos os fluidos nada delicados que deixou na camisa dele.

– Escuta, Cress – murmurou ele com a boca perto do cabelo dela quando a respiração estava quase estável. – Não sou especialista, mas sei que você não fez nada de errado hoje. Você não deve dizer para alguém que o ama a não ser que sinta de verdade.

Ela fungou.

– Mas pensei que você tivesse dito que falou pra várias garotas que as amava.

– E é exatamente por isso que não sou especialista. A questão é que eu não amava nenhuma delas. Não sei se reconheceria o amor verdadeiro nem se estivesse...

Ela passou as costas da mão sobre as bochechas molhadas.

– Se estivesse o quê?

– Nada. – Thorne limpou a garganta e apoiou a cabeça no encosto da cadeira. – Você está bem?

Ela fungou de novo e assentiu.

– Acho que sim. Eu talvez ainda esteja um pouco em estado de choque.

– Acho que todos estamos depois de hoje.

Cress viu o vidro de colírio ao lado do tablet do doutor. Não queria sair dos braços de Thorne, mas também não queria mais pensar no doutor. No segredo que ele guardou. Nas palavras que ela não poderia dizer.

– Devíamos cuidar dos seus olhos.

– Quando você parar de tremer – disse Thorne. – Não gosto de coisas tremendo perto dos meus olhos.

Ela deu uma gargalhada fraca e começou a se levantar do colo dele. Os braços de Thorne a apertaram, mas só por um momento antes de soltá-la. Ela forçou a culpa de volta para dentro de si. Não queria pensar nisso naquele momento.

Depois de ler as instruções do doutor, três gotas em cada olho, quatro vezes por dia, durante uma semana, ela abriu a tampa. Sugou a solução para o conta-gotas e ficou de pé atrás da cadeira de Thorne, o vestido amassado balançando ao redor do corpo.

Thorne apoiou os pés no painel de controle de novo e inclinou a cabeça para trás até o rosto ficar virado para o teto. Ela não via os olhos dele havia dias, mas estavam tão azuis como sempre.

Cress colocou a mão na testa dele para se firmar, e a bochecha dele tremeu.

– Aqui vai – murmurou, apertando o conta-gotas.

Ele se encolheu e piscou instintivamente, empurrando as gotas como lágrimas pelas têmporas. Cress as secou, incapaz de resistir a ajeitar uma mecha de cabelo na testa. Concentrou a atenção nos lábios dele e, envergonhada de repente, afastou os dedos.

– Que tal?

Ele apertou bem os olhos por um momento.

– Parece que estou com água nos olhos. – Ele deu uma risada sarcástica e os abriu de novo. – Talvez a solução seja só água e o doutor tenha pregado uma peça em mim.

– Isso seria horrível! – disse ela, girando a tampa para fechar o vidro. – Ele não faria isso.

– Não, você está certa. Não depois do que passamos para consegui-la. – Ele levantou a cabeça do encosto da cadeira e puxou a bandana amarrada no pescoço. – Mas ele deixou bem claro que não gostava muito de mim.

– Se isso for verdade, foi só porque ele ainda não conhecia você direito.

– Verdade. Eu acabaria deixando-o encantado.

Ela deu um sorriso.

– É claro que sim, além de mostrar para ele suas muitas outras qualidades – falou, corando enquanto configurava um lembrete no tablet para tocar quatro vezes por dia. Mas, quando olhou para Thorne de novo, a expressão dele estava séria. – Capitão?

O pomo de adão dele subiu e desceu. Thorne se sentou mais ereto e esfregou as palmas das mãos uma na outra.

– Preciso contar uma coisa.

– Ah?

A esperança latejou nas veias enquanto ela se sentava na cadeira do piloto de novo. O vestido luxuoso inflou ao redor dela.

O telhado. O beijo.

Será que ele tinha percebido o quanto a amava?

– O que é?

Thorne tirou os pés do painel de controle.

– Lembra quando nós estávamos no deserto... e eu falei que não queria magoar você? Porque você estava errada sobre mim?

Ela entrelaçou os dedos.

– Quando você tentou negar o quanto é realmente um herói?

Ela tentou inserir um tom de provocação na pergunta, mas seus nervos estavam tão à flor da pele que acabou saindo mais como um gritinho assustado.

– Herói. Exatamente. – Thorne passou o dedo entre a venda e o pescoço, afrouxando-a. – A questão é a seguinte. Aquela garota que

defendi quando aqueles idiotas pegaram o tablet dela, sabe?

– Kate Fallow.

– Certo, Kate Fallow. Bem, ela era *excelente* em matemática. E, na época, eu estava indo mal.

A ansiedade espalhada pelo corpo dela virou gelo. Espere... era essa a confissão dele? Alguma coisa a ver com... Kate Fallow?

Ele limpou a garganta uma vez que ela não disse nada.

– Eu perdi a briga e tudo, mas ela me deixou copiar o dever durante um mês mesmo assim. Foi por isso que fiz aquilo. Não por um desejo incomum de ser heroico.

– Mas você disse que estava a fim dela.

– Cress. – Ele deu um sorriso, mas pareceu um sorriso tenso. – Eu estava a fim de *todas* as garotas. Acredite em mim, isso não era uma grande motivação.

Ela apertou as costas na cadeira e puxou os joelhos para o peito.

– Por que está me contando isso agora?

– Não consegui contar antes. Você tinha tanta certeza de que eu era essa outra pessoa, e eu meio que gostei de você me ver de forma diferente do que as outras pessoas viam. Parte de mim ficava achando que talvez você estivesse certa e todo mundo estivesse errado. Que até *eu* me enganei sobre mim mesmo. – Ele deu de ombros. – Mas até isso foi só meu ego falando, não foi? E você merecia saber a verdade.

– E você acha que toda a minha opinião sobre você era baseada em um incidente que aconteceu quando você tinha treze anos?

Ele franziu a testa.

– Achei que eu tinha feito um bom trabalho de esclarecer todos os outros incidentes, mas, se você tem mais, por favor, me permita estragá-los também.

Ela mordeu o lábio.

O telhado. O beijo. Ele manteve a promessa. Deu nela um beijo pelo qual valeu a pena esperar porque ela estava prestes a morrer, os dois estavam prestes a morrer. Ela sabia que foi um risco,

provavelmente um risco burro. E foi a escolha que ele fez em vez de deixar que ela morresse sem vivenciar aquele momento perfeito.

Ela não conseguia pensar em nada mais heroico.

Por que ele não mencionava isso?

Talvez o mais importante, por que ela não conseguia?

– Não – sussurrou ela por fim. – Acho que não consigo pensar em mais nenhum.

Ele assentiu, embora a expressão fosse de decepção.

– Então, considerando todas essas novas informações, você, hã, provavelmente, *não* pensa mais que está apaixonada por mim. Pensa?

Ela se encolheu na cadeira, com a certeza de que, se ele pudesse vê-la, saberia. A verdade estaria evidente em cada ângulo do rosto dela.

Ela o amava mais do que nunca.

E não por ter lido arquivo atrás de arquivo de relatos e resumos e dados e fotos. Não porque ele era o Carswell Thorne intocável dos sonhos que ela se imaginou beijando às margens de um rio iluminado pelas estrelas enquanto fogos de artifício explodiam acima e violinos tocavam ao fundo.

Ele era o Carswell Thorne que deu a ela força no deserto. Que foi atrás dela quando foi sequestrada. Que a beijou quando a esperança foi perdida e a morte era iminente.

Thorne coçou a orelha constrangido.

– Foi o que eu pensei. Achei que era mesmo só a febre falando. O coração dela deu um nó.

– Capitão?

Ele se empertigou.

– O quê?

Ela pegou a camada de chiffon da saia.

– Você acha que foi o destino que nos uniu?

Ele apertou os olhos e, depois de um momento de reflexão,

balançou a cabeça.

– Não. Tenho certeza de que foi Cinder. Por quê?

– Acho que também tenho uma confissão. – Ela apertou a saia ao redor das pernas, com o rosto já quente. – Eu... eu já tinha uma queda por você bem antes de nos conhecermos, só de ver você em imagens. Achava que você e eu estávamos destinados a ficarmos juntos um dia e que teríamos um romance grandioso e épico.

Uma sobranceira subiu.

– Uau. Sem pressão nenhuma.

Ela se mexeu, o corpo vibrando de nervosismo.

– Eu sei. Me desculpe. Mas acho que você talvez esteja certo. Talvez não exista destino. Talvez sejam só as oportunidades que recebemos e o que fazemos com elas. Estou começando a pensar que talvez os romances grandiosos e épicos não acontecem sozinhos. Nós é que temos que fazê-los acontecer.

Thorne mexeu os pés.

– Sabe, se o beijo foi ruim, é só você dizer.

Ela enrijeceu o corpo.

– Não é isso que eu... Espere. *Você* achou que o beijo foi ruim?

– Não – disse ele, com uma gargalhada abrupta e desajeitada. – Achei que foi... hã. – Limpou a garganta. – Mas é claro que havia muita expectativa, muita pressão, e... – Ele se mexeu na cadeira. – A gente ia morrer, sabe.

– Eu sei. – Ela puxou os joelhos contra o peito. – E não, não foi... Eu não achei que foi um beijo ruim.

– Ah, graças às estrelas. – Ele apoiou a cabeça na cadeira de novo. – Porque, se eu tivesse estragado isso para você, eu ia me sentir tão incompetente.

– Não precisa. Correspondeu a todas as expectativas. Acho que eu devia agradecer, né?

O desconforto sumiu das feições dele, e ela continuou corando furiosamente. Thorne esticou a mão para ela, e foi preciso toda a coragem que conquistou naquele dia para colocar a mão na dele.

– Acredite em mim, Cress. O prazer foi todo meu.

CAPÍTULO

Cinquenta e oito

ELA SONHOUE QUE ESTAVA SENDO PERSEGUIDA POR UM ENORME lobo branco, com os dentes à mostra e os olhos brilhando sob a lua cheia. Corria por uma plantação tão enlameada que sugava seus sapatos e sua respiração formava nuvens de vapor. A garganta ardia. As pernas queimavam. Ela estava correndo o mais rápido que conseguia, mas o corpo foi ficando mais pesado a cada passo. As folhas murchas de beterraba estavam podres e ásperas debaixo dela. Ela viu uma casa ao longe, *sua* casa. A fazenda na qual a avó a criou, com as janelas sorrindo calorosas.

A casa era segurança. A casa era seu lar.

Mas ela foi ficando mais longe a cada passo doloroso. O ar ao redor ficou denso com a neblina, e a casa desapareceu, engolida pelas sombras.

Ela tropeçou e caiu de quatro. Rolou para o lado, se debatendo e chutando o chão. A lama grudava nas suas roupas e no cabelo. A frieza do chão penetrava em seus ossos. O lobo chegou mais perto. Os músculos firmes se moviam graciosamente debaixo do pelo. Ele rosnou, a fome brilhando em seus olhos.

Ela bateu o chão, procurando com os dedos uma arma, qualquer coisa. Eles bateram em alguma coisa lisa e dura. Ela agarrou e puxou da lama: um machado, sua lâmina afiada brilhando ao luar.

O lobo pulou com a bocarra aberta.

Scarlet ergueu o machado. Preparou-se. Virou-se.

A lâmina cortou a fera em duas partes, da cabeça ao rabo. Sangue quente caiu no rosto de Scarlet quando as duas metades do lobo caíram de cada lado dela. O estômago dela revirou. Ela ia vomitar.

Ela largou o machado e desmoronou no chão. A lama entrou nas orelhas dela. Acima, a lua ocupava todo o céu.

De repente, as metades do lobo começaram a se mexerem. Elas se levantaram gradualmente, só a pele do animal, partida em duas. Scarlet identificava vagas formas humanas de pé acima dela, cada uma usando metade da pelagem branca como neve.

A névoa sumiu, e Lobo e sua avó estavam à frente dela. Com os braços esticados.

Recebendo-a calorosamente em casa.

Scarlet ofegou. Abriu os olhos de repente.

Foi recebida pela visão de barras de aço, o cheiro natural de samambaias e musgo e o barulho de mil pássaros, alguns presos em gaiolas elaboradas, outros pousados em galhos de árvore ao redor das enormes vigas que sustentavam o teto de vidro.

Um lobo deu um latidinho, parecendo ao mesmo tempo triste e preocupado. Scarlet se apoiou em um cotovelo para ver a jaula do outro lado do caminho. O lobo branco estava sentado ali, olhando para ela. Ele uivou, um som curto e curioso, não os uivos assustadores que Scarlet ouviu nos sonhos. Imaginou que ele estava perguntando se ela estava bem. Talvez ela tivesse gritado ou se debatido durante o pesadelo, e os olhos amarelos e pálidos do lobo piscavam de preocupação.

Scarlet tentou engolir em seco, mas a boca estava ressecada, a saliva, densa demais. Ela devia estar ficando louca para ter conversas silenciosas com lobos.

– Ele gosta de você.

Ofegante, Scarlet se virou de costas.

Uma estranha, uma garota, estava sentada de pernas cruzadas na jaula, tão perto que dava para Scarlet tocar nela. Scarlet tentou se afastar, mas o movimento gerou dor na mão enfaixada. Ela chiou e se deitou de novo no chão.

A mão era o pior; a machadinha tinha cortado o dedinho esquerdo na segunda junta. Ela não desmaiou, embora desejasse ter

desmaiado. Um médico lunar estava esperando para enfaixar o ferimento e o fez com tanta precisão que Scarlet desconfiava ser um procedimento muito comum.

Mas havia também os arranhões no rosto e na barriga dela, do período passado na companhia de mestre Charleson, e dores incontáveis de dormir em pisos duros por ... bem, ela perdera a conta de quantas noites.

A única reação da garota à careta de Scarlet foi um piscar de olhos longo e lento.

Estava claro que essa garota não era mais uma prisioneira... ou “bichinho”, como os lunares extravagantemente vestidos chamavam Scarlet quando passavam pela jaula, rindo e apontando e fazendo comentários em voz alta sobre ser ou não seguro alimentar os animais.

A roupa da garota foi o primeiro indicativo do status dela: um vestido fino e prateado que descia pelos ombros e coxas como flocos de neve poderiam cair em uma colina sonolenta. A pele marrom calorosa era perfeita e saudável, as unhas estavam arrumadas e limpas. Os olhos eram brilhantes, da cor de caramelo derretido, mas com manchas cinza ao redor das pupilas. Além disso tudo, tinha cabelo preto sedoso encaracolado em espirais perfeitas que emolduravam as proeminentes maçãs do rosto e os lábios vermelho-rubi.

Ela era o ser humano mais bonito que Scarlet já tinha visto.

Mas havia uma anomalia. Ou... três. O lado direito do rosto da garota era marcado por três cicatrizes que atravessavam a bochecha do canto do olho até o queixo. Como lágrimas perpétuas. Estranhamente, as falhas na pele não reduziam a beleza dela, mas quase a acentuavam. Quase obrigava a pessoa a olhar mais para ela, sem conseguir afastar os olhos.

Foi com esse pensamento que Scarlet percebeu que era um glamour. O que significava que era outro truque.

A expressão dela mudou de impressionada e vermelha (ela

desprezava o fato de que estava realmente *corando*) a ressentida.

A garota piscou de novo e atraiu a atenção para os cílios longos e impossivelmente grossos.

– Ryu e eu estamos confusos – disse ela. – Foi um sonho muito ruim? Ou muito bom?

Scarlet fez expressão de desprezo. O sonho já tinha começado a sumir, como acontece normalmente com sonhos, mas a pergunta reacendeu a lembrança de Lobo e da avó à frente dela. Vivos e em segurança.

O que era uma piada cruel. A avó estava morta, e, na última vez que viu Lobo, ele estava sob o controle de uma taumaturga.

– Quem é você? E quem é Ryu?

A garota sorriu. Foi um sorriso caloroso e conspirador, e fez Scarlet tremer.

Lunares idiotas e seu glamour idiota.

– Ryu é o lobo, sua boba. Vocês são vizinhos há quatro dias, sabe. Estou surpresa por ele ainda não ter se apresentado. – Ela se inclinou para a frente, baixando a voz a um sussurro como se estivesse prestes a compartilhar um segredo bem guardado. – Quanto a mim, *eu* sou sua nova melhor amiga. Mas não conte para ninguém, porque todos pensam que sou sua mestra agora e você é meu bichinho. Eles não sabem que meus bichinhos são na verdade meus amigos mais queridos. Vamos enganar todo mundo, você e eu.

Scarlet apertou os olhos para observá-la. Reconhecia a voz da garota, a forma como ela dançava pelas frases como se cada palavra tivesse que ser convencida a deixar a língua. Essa foi a garota que falou durante o interrogatório.

A garota esticou a mão para uma mecha de cabelo imundo que tinha caído na bochecha de Scarlet. Ela ficou tensa.

– Seu cabelo parece que está queimando. Tem cheiro de fumaça? – Inclinando-se, a garota levou o cabelo até o nariz e inspirou. – Nem um pouco. Que bom. Eu não iria querer que você

pegasse fogo.

A garota se sentou de repente e puxou para perto uma cesta na qual Scarlet não tinha reparado antes. Parecia uma cesta de piquenique, forrada do mesmo tecido prateado do vestido.

– Achei que hoje poderíamos brincar de médico e paciente. Você vai ser a paciente. – Ela tirou um dispositivo da cesta e apertou na testa de Scarlet. O aparelho apitou, e ela olhou para a pequena tela. – Você está com febre. Agora me mostre as amídalas.

Ela esticou uma tira fina de plástico na direção da boca de Scarlet.

Scarlet a afastou com a mão boa e se obrigou a se sentar.

– Você não é médica.

– Não. É por isso que é brincadeira. Você não está se divertindo?

– Divertindo? Estou sendo torturada mental e fisicamente há dias. Estou morrendo de fome. De sede. Estou sendo mantida numa jaula em um zoológico...

– Jardim.

– ... e estou sentindo dor em lugares que nem sabia que existiam no meu corpo. E agora uma pessoa maluca entra aqui e está tentando agir como se fôssemos boas amigas brincando de faz de conta. Me desculpe, mas *não* estou me divertindo e não vou cair no truquezinho idiota que você está tentando aplicar em mim.

Os grandes olhos da garota estavam vazios, nem surpresos e nem ofendidos pela explosão de Scarlet. Mas ela olhou para o caminho que serpenteava entre as jaulas, tomado de flores e árvores exóticas que sugeriam uma semelhança com uma selva cheia de vida.

Havia um guarda de pé na curva, olhando com desprezo. Scarlet o reconheceu. Era um dos guardas que lhe trazia regularmente pão e água. Foi ele que apalpou o traseiro dela na última vez que foi jogada na jaula. Na hora, ela estava exausta demais para fazer qualquer coisa além de cambalear para longe dele, mas, se tivesse oportunidade, quebraria todos os dedos dele em retaliação.

– Estamos bem – disse a garota, sorrindo alegremente. – Estamos fingindo que cortei o cabelo dela e grudei na minha cabeça porque queria ser uma vela, e ela não gostou disso.

Enquanto ela falava, o olhar de raiva do guarda não se afastou de Scarlet, só se intensificou em um aviso. Depois de um longo momento, ele se afastou.

Quando os passos dele deixaram de ser ouvidos, a garota colocou a cesta no colo e mexeu dentro.

– Você não devia me chamar de maluca. Eles não gostam disso.

Scarlet olhou para ela de novo, o olhar preso à cicatriz na bochecha.

– Mas você é maluca.

– Eu sei. – Ela tirou uma caixinha da cesta. – Quer saber como eu sei?

Scarlet não respondeu.

– Porque as paredes do palácio estão sangrando há anos, mas ninguém mais vê. – Ela deu de ombros, como se fosse uma coisa perfeitamente normal de dizer. – Ninguém acredita em mim, mas, em alguns corredores, o sangue é tanto que não tem lugar seguro onde pisar. Quando preciso passar por esses lugares, deixo uma trilha de pegadas sangrentas pelo resto do dia, e fico com medo de os soldados da rainha seguirem o cheiro e me devorarem enquanto estou dormindo. Tem noites em que não durmo muito bem. – A voz dela baixou a um sussurro assombrado, seus olhos assumindo um brilho frágil. – Mas, se o sangue fosse real, os criados limpariam. Você não acha?

Scarlet tremeu. A garota era *mesmo* maluca.

– Isso é para você – disse ela, incrivelmente alegre de novo. – As recomendações médicas são de tomar uma pílula duas vezes por dia. – Esticou a mão para Scarlet. – Não me deixaram trazer remédios de verdade, é claro, então é só uma bala.

E ela piscou, e Scarlet não sabia se a piscadela era para indicar que a caixa continha balas ou não.

– Eu não vou comer.

A garota inclinou a cabeça.

– Por quê? É presente, para cimentar nossa amizade eterna. – Ela abriu a tampa da caixa e mostrou quatro balas pequenas sobre uma cama de açúcar. Eram redondas como bolas de gude e vermelhas brilhantes. – Balinhas de maçã azeda. Minhas favoritas. Por favor, pegue uma.

– O que você quer de mim?

Ela piscou os cílios.

– Quero que sejamos amigas.

– E todas as suas amizades são baseadas em mentiras? Espere, é claro que são. Você é lunar.

Pela primeira vez, a garota murchou um pouco.

– Só tive dois amigos na vida – disse ela, e olhou depressa para o lobo. Ryu estava deitado com a cabeça apoiada nas patas, observando-as. – Fora os animais, claro. Mas uma de minhas amigas virou cinzas quando éramos bem pequenas. Uma pilha de cinzas em formato de garota. O outro desapareceu... e não sei se vai voltar algum dia. – Um tremor percorreu o corpo dela, tão forte que ela quase deixou a caixa cair. Com arrepios nos braços, ela colocou a caixa no chão entre as duas e puxou distraidamente o vestido. – Mas pedi às estrelas para mandarem um sinal de que ele estava bem, e elas me mandaram uma estrela cadente no céu. No dia seguinte foi o julgamento, como outro qualquer, só que a garota terráquea à minha frente tinha o cabelo como uma estrela cadente. E você o viu.

– Você alguma vez fala coisas que fazem sentido?

A garota apoiou as mãos no chão e se inclinou para a frente até o nariz estar quase tocando no de Scarlet, que se recusou a se afastar, embora tenha prendido a respiração.

– Ele estava bem? Quando você o viu? Sybil disse que ele ainda estava vivo, que talvez fosse ser usado para pilotar aquela nave, mas não disse se foi ferido. Você acha que ele está em segurança?

– Não sei do que você...?

A garota apertou a ponta dos dedos sobre os lábios de Scarlet.

– Jacin Clay – sussurrou ela. – O guarda de Sybil, de cabelo louro e olhos bonitos e com o sol nascente no sorriso. Por favor, me diga que ele está bem.

Scarlet piscou, sem entender. Os dedos da garota ainda permaneciam sobre os lábios dela, mas não importava. Estava perplexa demais para falar. A batalha a bordo da Rampion era mais uma confusão de gritos e tiros em sua memória, e o foco estava na taumaturga naquele momento. Mas ela se lembrava vagamente de outra pessoa lá. Um guarda louro.

Mas sol nascente no sorriso? *Por favor.*

Ela fez expressão de desprezo.

– Eu me lembro de duas pessoas tentando me matar e matar meus amigos.

– Sim, Jacin era uma delas – disse ela, evidentemente nada preocupada com a parte sobre matar na declaração de Scarlet.

– Acho que sim. Tinha um guarda louro.

Uma alegria se espalhou pelo rosto da garota. A expressão tinha o poder de parar corações e iluminar aposentos.

Mas não para Scarlet.

– E como ele estava?

– Ele parecia querer me *matar*. Mas tenho certeza de que meus amigos o mataram primeiro. É isso que costumamos fazer com as pessoas que trabalham para sua rainha.

O sorriso sumiu, a garota se encolheu e passou os braços ao redor da cintura.

– Você não está falando sério.

– Estou. E, pode acreditar, ele mereceu.

A garota estava começando a tremer, como se estivesse prestes a hiperventilar.

Scarlet decidiu sem muita culpa que, se isso acontecesse, não faria nada. Não tentaria ajudar. Não chamaria o guarda.

A estranha não era uma amiga.

Do outro lado do corredor, o lobo tinha ficado de pé sobre as quatro patas e estava cavando na base da jaula. Ele começou a choramingar.

Passados alguns momentos, a garota se controlou. Depois de fechar a tampa da caixa de balas, ela a guardou na cesta e ficou de pé encolhida na pequena jaula.

– Entendo – disse ela. – Isso encerra a visita. Recomendo descanso adequado e... – Ela deu um soluço e se virou, mas fez uma pausa antes de chamar o guarda. Lenta e rigidamente, ela se virou. – Eu não estava mentindo sobre as paredes que sangram. Em breve, temo que o palácio vá ficar encharcado de sangue e todo o lago Artemísia vá ficar tão vermelho que até os terráqueos vão ver.

– Não estou interessada nas suas fantasias. – Ela sentiu uma dor intensa e inesperada subir pelo braço que estava usando para se apoiar e caiu no chão, esperando que as pontadas sumissem. Olhou com raiva para a garota, irritada com o quanto estava fraca e vulnerável. Com raiva do brilho de preocupação no rosto, que parecia tão sincero. Ela disse com raiva: – E também não ligo para sua solidariedade fingida. Para seu glamour. Para seu controle mental. Vocês montaram toda a sua cultura sobre mentiras, e não quero ter nada a ver com isso.

A garota ficou olhando para ela por muito tempo. Scarlet começou a desejar não ter dito nada. Mas manter a boca fechada nunca foi um dos seus grandes talentos.

Finalmente, a garota bateu com os nós dos dedos nas barras. Quando os passos do guarda foram soando no caminho, ela enfiou a mão na cesta e pegou a caixa de novo. Colocou ao lado de Scarlet, de um jeito que o guarda não pudesse ver.

– Não uso meu glamour desde que eu tinha doze anos – sussurrou ela, com um olhar penetrante, como se fosse importante para ela que Scarlet entendesse isso. – Desde que eu tinha idade suficiente para controlar. É por isso que as visões acontecem para

mim. É por isso que estou enlouquecendo.

Atrás dela, as trancas da jaula estalaram.

– Vossa Alteza.

Ela se virou e saiu da jaula, com a cabeça baixa de forma que o cabelo denso escondesse tanto a beleza quanto as cicatrizes.

Vossa Alteza.

Perplexa, Scarlet ficou deitada no chão até sua língua começar parecer giz de tanta sede. Até onde ela sabia, só havia uma princesa lunar. Fora Cinder, claro.

A princesa Winter, a enteada da rainha.

A beleza indescritível. As cicatrizes que, de acordo com os boatos, foram provocadas pela própria rainha.

Quando olhou de novo para a jaula do lobo, Ryu havia se afastado para o fundo da prisão. Ele tinha bem mais espaço para andar do que Scarlet, talvez um quarto de acre de terra e grama, árvores e um tronco caído falso que formava um cantinho aconchegante.

Suspirando, Scarlet olhou para o teto de vidro, através do qual via o céu negro e incontáveis estrelas entre os galhos das árvores. Seu estômago doeu, um lembrete de que sua única pequena refeição foi devorada horas antes, e, ao contrário de Ryu e do cavalo branco que morava em uma jaula um pouco mais ao longe e do pavão albino que às vezes andava livremente entre as jaulas, Scarlet só receberia outra refeição no dia seguinte.

Foi preciso uma longa batalha com a força de vontade enfraquecida, sentindo o peso das balas ao lado. Ela não tinha motivo para confiar naquela garota. *Não confiava* naquela garota. Mas, depois que seu estômago começou a doer de tão vazio e a cabeça a girar de fome, ela cedeu e abriu a tampa da caixa.

Pegou uma das balas. Era lisa como vidro no contato com os dentes. A parte de fora rachou com facilidade e espalhou uma substância quente e viscosa que explodiu doce e azeda na língua dela.

Ela gemeu e apoiou a cabeça no chão duro. Nada, nem mesmo

os famosos tomates da avó dela, tinha gosto tão bom.

Mas, de repente, quando estava passando a língua nas gengivas em busca de pedaços perdidos de bala, um formigamento começou a aquecer a garganta dela. Expandiu-se para o peito e pelo abdômen e todos os membros, até o dedo cortado, deixando uma sensação de consolo.

Quando acabou, Scarlet percebeu que a bala tinha levado a dor embora.

CAPÍTULO

Quinquenta e nove

FOI COMO SER ARRASTADO DEVAGAR DA ESCURIDÃO SERENA, DA forma como se acorda quando se está tendo um sonho lindo e o subconsciente luta para permanecer lá só mais um pouquinho. Mas, com resignação furiosa, Kai acordou, os olhos bem abertos olhando para um teto desconhecido. O estrado da cama superior de um beliche.

Ele esfregou os olhos e pensou que talvez ainda não tivesse acordado. O peito estava latejando, e havia um nó enjoado no estômago. Ele virou a cabeça para o lado e sentiu uma dor no pescoço. Ao levantar a mão, descobriu uma atadura presa perto do couro cabeludo.

Mas sua atenção já estava seguindo em frente, vagando pelo aposento. Havia uma mesinha e um armário utilitário do outro lado, embora o quarto fosse tão pequeno que ele quase conseguisse tocar de onde se encontrava. Uma luz fraca estava acesa ao lado da porta. As paredes eram de metal, e o cobertor meio áspero onde ele estava deitado era de um tom militar de marrom.

Com a pulsação acelerando, ele esticou a mão para a cama de cima para não bater a cabeça quando botou os pés no chão. Os pés pousaram no piso sem tapete com um baque, e ele ficou surpreso de descobrir que estava de sapatos.

Sapatos de festa.

E calça de festa.

E a camisa do casamento e a faixa, amassada e solta.

Grandes estrelas. *O casamento.*

Com a boca seca de repente, Kai pulou da cama e cambaleou para a pequena janela. Apoiou as mãos de cada lado dela. Seu estômago despencou junto com o queixo.

Grandes estrelas mesmo. Ele nunca tinha visto tantas na vida, e

nunca tão brilhantes. Provocou nele uma estranha sensação de tontura, como se devesse estar olhando para o céu noturno, mas a gravidade estava errada. Onde estava o horizonte para se orientar? Um suor frio cobriu sua testa quando ele encostou a bochecha na parede, tentando espiar o mais longe que a janelinha permitia, e então...

A Terra.

Kai se afastou da parede. Quase caiu, mas se apoiou no colchão de cima do beliche. Seu coração acelerou e tremeu.

Os mistérios começaram a clarear no cérebro enevoado. Cinder. Uma faca. As ataduras no pulso e no pescoço, os chips de rastreamento. O chip no pescoço não era para ser secreto? E uma arma, alguma coisa embutida na mão dela. O ardor persistente ao lado do esterno.

Ela tinha *atirado* nele?

Ele passou a mão pelo cabelo, se virou e abriu a porta.

Viu-se em um corredor estreito, mais iluminado do que o quarto. Na extremidade, havia um tipo de cozinha. Ele ouvia vozes vindas da outra direção. Empertigando os ombros, andou nessa direção.

O corredor levava a um enorme aposento de metal, cheio de caixas plásticas. Pela porta, ele viu as luzes e instrumentos de um cockpit, além de outra vista de tirar o fôlego da Terra.

Duas pessoas estavam sentadas no cockpit quando ele se aproximou.

– Onde está Cinder?

Elas se viraram para olhar para ele, e a garota ficou de pé.

– Vossa Majestade!

O homem, com um sorriso enorme se abrindo no rosto, demorou mais para ficar de pé porque pegou antes uma bengala apoiada na parede.

– Bem-vindo a bordo da Rampion, Vossa Majestade. Sou o capitão Carswell Thorne a seu serviço.

Ele fez uma reverência.

Kai fez uma careta.

– É, reconheci você.

– É mesmo? – O sorriso do homem ficou mais largo, e ele cutucou a garota com o cotovelo. – Ele me reconheceu.

– Onde está Cinder?

A garota se balançou nervosamente.

– Acho que está na doca das naves de passeio, Vossa Majestade.

Kai se virou e marchou na direção do compartimento de carga, mas deu um gritinho.

Havia outro homem sentado de pernas cruzadas sobre uma caixa, sem camisa, com uma agulha na mão, um pedaço de linha na boca e uma pilha de ataduras ensanguentadas ao lado. O tronco estava coberto de inúmeros ferimentos e cicatrizes, velhos e novos. Ele tinha uma tatuagem preta no braço esquerdo.

Depois de passar a agulha por um corte no peito, soltou a linha da boca e assentiu.

– Vossa Majestade.

Com o coração na garganta, Kai se viu preso ao chão, esperando que o homem pulasse nele e o torturasse até a morte a qualquer momento. Ele ainda não tinha visto um dos soldados lobos da rainha de perto, mas havia assistido a muitas filmagens. Sabia o quanto eram rápidos e mortais.

No entanto, depois de um momento constrangido e silencioso, o homem voltou a atenção para o ferimento.

– Hum. Vossa Majestade?

Kai levou um susto e olhou de novo para a garota loura.

– Você gostaria que eu o levasse para a doca?

Ele se forçou a abrir as mãos e lembrou a si mesmo que era o governante da Comunidade dos Países Orientais e se comportaria de acordo com sua posição, mesmo entre criminosos e monstros.

– Obrigado – disse ele com a voz falhada. – Eu agradeceria muito.



CINDER MORDEU O LÁBIO INFERIOR ENQUANTO GIRAVA OS FIOS, apertando com um conector.

– Tudo bem, experimente isso.

Iko, deitada de costas, olhou para baixo e depois inclinou a cabeça para a esquerda. Seus olhos se iluminaram e ela tentou a direita, ousando testar o movimento completo. Ela abriu um sorriso.

– Funciona!

Cinder bateu o cabo do alicate no queixo.

– Aquela terceira vértebra ainda está um pouco torta, mas não tem nada que eu possa fazer agora. Vamos ter que esperar até eu encontrar uma peça para trocar. Experimente usar os dedos de novo.

Iko mexeu os dedos das mãos e dos pés. Levantou as pernas até estarem perpendiculares ao chão e continuou até praticamente beijar os joelhos. Com um gritinho de prazer, ela se jogou para a frente e usou o impulso para ficar de pé.

– Funciona! Tudo funciona!

– Iko, pare! – Cinder ficou de pé ao lado dela. – Ainda preciso...

Antes de ela terminar, Iko a puxou para perto e a abraçou e balançou e tremeu de alegria.

Um androide. Tremendo de alegria.

– Você é a melhor mecânica que uma androide poderia desejar.

– Diga isso quando não estiver com um buraco enorme no pescoço – disse Cinder, soltando-se do abraço.

Iko verificou o reflexo na janela da nave de passeio e se encolheu. A cobertura da parte de cima do pescoço até o esterno estava aberta para Cinder poder ter acesso aos mecanismos internos. O processador central, os fios e a mecânica de mobilidade permaneciam completamente à mostra.

– Ah, eca – disse Iko, tentando cobrir o buraco com as mãos. – Odeio quando meus fios aparecem.

– Sei como é. – Cinder pegou um alicate na faixa magnética da parede. – Venha aqui. Vou ver se consigo dobrar parte dessa cobertura externa e botar no lugar. Uma boa parte das suas fibras de pele não tem conserto, então não vai ficar perfeito, mas é o que posso fazer agora. Você talvez tenha que usar blusas de gola alta por um tempo.

Suspirando, Iko ficou de pé ao lado de Cinder.

– Logo quando o capitão Thorne traz esse corpo maravilhoso para mim, os lunares idiotas estragam tudo.

Cinder deu um sorrisinho.

– Pare de falar por um minuto enquanto faço isso.

Iko bateu com impaciência os dedos nos quadris enquanto Cinder dobrava a cobertura externa em algo que se parecia com a forma de uma clavícula.

Atrás dela, a porta zumbiu e se abriu.

– Aqui está ela, Vossa Majestade.

Cinder enrijeceu com o alicate ainda preso na cobertura de Iko. Ouviu passos, e Iko deu um gritinho e empurrou Cinder e a ferramenta para longe.

– Não deixe que ele me veja assim! – gritou ela, mergulhando atrás da nave de passeio.

Cinder engoliu em seco, enfiou o alicate no bolso de trás e se virou lentamente. O olhar de Kai estava pesado ao se dirigir para ela e para a nave, com as pernas de Iko aparecendo embaixo, e para os baús de ferramentas e cabos de força presos às paredes, até voltar a Cinder.

Cress e Thorne ficaram na porta, curiosos.

– Você acordou – gaguejou ela. E então, percebendo que era uma coisa idiota de dizer, tentou ficar mais ereta. – Como está se sentindo?

– *Sequestrado*. Como eu deveria me sentir?

Ela massageou o pulso e ficou tentada a usar um glamour para esconder a mão ciborgue. O que também era idiotice, claro. Além do mais, era o tipo de coisa que Levana faria.

– Eu estava torcendo para que você estivesse se sentindo descansado – disse ela, com um sorriso fraco e hesitante.

Ela não recebeu reação alguma. Nenhum sorriso. Nenhuma risadinha. Nem mesmo um vislumbre de humor.

Ela apertou bem os lábios.

– Precisamos conversar – disse Kai.

Thorne soltou um assobio lento.

– Ninguém gosta de ouvir essas palavras.

Cinder olhou para ele com raiva.

– Thorne, por que você não dá uma aula de controles do cockpit para Iko?

– Excelente ideia – falou Cress, empurrando Thorne pela porta. – Venha, Iko.

Iko ainda estava escondida e abraçando o corpo com vergonha.

– Ele está olhando?

Kai ergueu uma sobrancelha.

– Ele não está olhando – disse Cinder.

Uma hesitação.

– Tem certeza?

Cinder fez um gesto exasperado para Kai.

– *Você não está olhando.*

Ele olhou para o teto.

– Ah, por todas as estrelas.

Ele cruzou os braços e virou-se de costas.

Cinder acenou para Iko.

– Está limpo. Vamos terminar isso... depois.

Com as tranças balançando, Iko correu para se juntar a Cress e Thorne no corredor.

– Estou tão feliz de ver que você está bem, Vossa Majestade! – gritou ela para as costas dele.

Quando a porta se fechou, Iko fez um sinal encorajador de positivo para Cinder.

E eles ficaram sozinhos.

CAPÍTULO

Se sessenta

– **NÃO CONSIGO ACREDITAR QUE VOCÊ ME SEQUESTROU!** – GRITOU Kai, virando-se para olhar para ela antes de Cinder se preparar. – Estamos em uma espaçonave, Cinder. No *espaço*! – Ele apontou para a parede. Não era a parede externa, mas Cinder não viu necessidade de observar isso. – Não posso estar em uma espaçonave. Tenho um país para governar. Tenho pessoas que precisam de mim. Estamos à beira de uma guerra. Você entende isso? *Guerra*. Em que pessoas *morrem*. Não posso ficar aqui em cima, perdendo tempo com você e um bando de desajustados! Você sabe que está abrigando um dos mutantes dela aqui?

– Ah, sei. Aquele é Lobo. Ele é inofensivo. – Ela revirou os olhos. – Bem, não *inofensivo*...

Ele riu, mas foi uma gargalhada aguda e delirante.

– Não consigo... como você... o que você estava pensando?

– Seja bem-vindo – murmurou ela, cruzando os braços com postura desafiadora.

Ele olhou para ela com raiva e sem gratidão.

– Me leve de volta para a Terra.

– Não posso fazer isso.

– Cinder...

Ele bufou. Reconsiderou. Suavizou a expressão... só um pouco.

A mudança afetou imediatamente as defesas de Cinder e gerou um formigar estranho atrás da caixa torácica. Ela apertou os cotovelos com a ponta dos dedos.

– Como uma pessoa que entende por que você fez isso e admira sua capacidade de conseguir fazer, eu estou... *implorando*. Cinder. Por favor. Me leve de volta.

Ela encheu os pulmões.

– Não.

A suavidade sumiu na mesma hora. Kai inclinou a cabeça para trás e enfiou as mãos no cabelo. Ela ficou surpresa com o quanto o gesto era familiar.

– Quando você ficou tão *frustrante*?

Ela passou a ponta da bota no chão.

– Tudo bem! Como seu imperador, eu *ordeno* que você me devolva à Terra. Imediatamente.

Cinder se balançou sobre os calcanhares.

– Kai... Vossa Majestade. Você deve lembrar que sou lunar. E lunares são proibidos de ganhar cidadania na Comunidade dos Países Orientais. Portanto... você não é mais meu imperador.

– Isso não é brincadeira.

Ela ficou surpresa com o quanto as palavras doeram. Como antes, no palácio, a indignação cresceu de forma rápida e ardente.

– Você não faz ideia do quanto estou levando isso a sério.

– Está? Você imagina quais serão as consequências do que você fez?

– Na verdade, sim. Sei que isso é guerra. Sei que mais pessoas vão morrer antes de isso acabar. Mas não tivemos escolha.

– Sua escolha era ficar fora do caminho! Sua escolha era não fazer nada! Isso é meu trabalho, minha responsabilidade. Eu sou o imperador. Deixe que eu cuide disso.

– Deixando você se *casar* com ela? Isso é cuidar?

– É minha decisão.

– É uma decisão burra!

Kai se virou com as mãos enfiadas no cabelo. O produto usado para ajeitar o penteado para o casamento o estava deixando mais bagunçado do que o habitual, e, pelas estrelas, ele estava lindo.

Cinder sufocou o pensamento, irritada consigo mesma.

– Por favor – disse ele, a voz tensa, olhando de novo para ela. – Por favor, me diga que isso não é... um ato infantil de ciúme. Por favor, me diga que isso tudo não é só porque eu convidei você para

o baile, ou por causa daquela vez no elevador, ou...

– Ah, você não pode estar falando sério. Espero que não pense mesmo tão pouco de mim.

– Você *atirou* em mim, Cinder, depois me *sequestrou*. Eu sinceramente não sei o que pensar.

– Bem, acredite ou não, não fizemos isso só por você. Estamos tentando salvar o mundo todo de sua noiva louca por poder. Eu me recuso a deixar Levana se tornar imperatriz. Eu me recuso a dar reinado livre para ela sobre a Comunidade. Mas precisamos de mais tempo.

– Mais tempo para quê? A única coisa que você fez foi deixá-la com mais raiva, de forma que, quando ela retaliar, a ira vai ser muito pior. Isso era parte do seu plano de mestre, ou você está inventando tudo de improviso?

O sangue de Cinder começou a ferver, e ela desejou desesperadamente poder dizer para ele que sim, claro que eles tinham um plano com garantia de funcionar. Com garantia de livrá-los da rainha Levana e da tirania dela para sempre. Mas não havia garantia. Só um fio de esperança e a sabedoria de que perder não era opção.

Ela engoliu em seco.

– Eu tenho um plano para acabar com isso de vez. Mas preciso de sua ajuda.

Kai apertou a parte de cima do nariz.

– Cinder. Eu odeio Levana tanto quanto você. Mas é ela quem puxa as cordinhas aqui. Ela tem um exército... como nunca vi antes. Sabe aqueles nojentos que mataram mil e seiscentas pessoas duas semanas atrás? São risíveis em comparação ao que ela é capaz. Além do mais, ela tem o antídoto da letumose, e precisamos dele desesperadamente, você sabe o quanto. Por isso, apesar de a ideia de me casar com Levana e de coroá-la como imperatriz me dar vontade de arrancar os próprios olhos, não tenho escolha.

– Arrancar seus próprios olhos? – disse ela baixinho. – Ela

poderia levar você a fazer isso, sabe.

A expressão dele escureceu.

– Você também, pelo que eu soube.

Ela afastou o rosto.

– Kai... Vossa Majestade...

Ele balançou os braços.

– Kai está bem. Não ligo.

Cinder apertou os lábios. A sensação era de vitória, mas não merecida.

– Você precisa confiar em mim. Podemos derrotá-la. Sei que podemos.

– Como? Mesmo se... vamos dizer que vocês possam. Vamos dizer que até a matem. Ainda há um grupo todo de taumaturgos prontos para tomar o lugar dela, e, pelo que eu vi, não são muito melhores.

– Vamos escolher a pessoa para substituí-la. Nós... já temos um substituto, na verdade.

Ele deu uma risada debochada.

– Ah. Entendo. Pois você acha que o povo lunar vai simplesmente reverenciar qualquer... pessoa... – Ele parou de falar e seus olhos se arregalaram. E, por um momento, a raiva sumiu. – A não ser que... espere. Você não está falando...?

Ela olhou para o chão.

Ele deu um único passo na direção dela.

– Você a encontrou? A princesa Selene? É isso?

Cinder tirou o alicate do bolso por precisar de algo em que mexer enquanto os nervos vibravam. Ela se lembrou de que a mão de metal ainda estava à mostra, mas Kai não olhou para ela nem uma vez durante a discussão.

– Cinder?

– É – murmurou ela. – É. Nós a encontramos.

Kai apontou para o compartimento de carga.

– É aquela garota loura?

Ela balançou a cabeça, e Kai franziu a testa.

– A garota da França? Qual era o nome dela... Scarlet alguma coisa?

– Não. Não é Scarlet.

Ela apertou o alicate e tentou direcionar toda a energia que sentia para ele.

– Então onde ela está? Está nessa nave? Posso conhecê-la? Ou ainda está em algum lugar na Terra? Está escondida?

Como Cinder não disse nada, Kai franziu a testa.

– Qual é o problema? Ela está bem?

– Tenho que perguntar uma coisa e preciso que você seja sincero.

Ele apertou os olhos, desconfiado na mesma hora, o que a incomodou mais do que gostaria de admitir. Ela afrouxou o aperto no alicate.

– Você acha mesmo que eu fiz lavagem cerebral em você antes? Quando nos conhecemos? E todas aquelas vezes, antes do baile...?

Ele murchou os ombros.

– É sério? Você está mudando de assunto para falar sobre *isso*?

– É importante para mim. – Ela se virou e começou a reunir as ferramentas que usou para consertar Iko. – Eu entendo se achar. Sei como deve ter parecido.

Kai mexeu na faixa cerimonial e, depois de um momento, puxou-a pela cabeça e a amassou nas mãos.

– Não sei. Eu nunca quis acreditar, mas tive que me perguntar. E quando você caiu e eu vi seu glamour... Cinder, você faz ideia do quanto o seu glamour é lindo?

Cinder se encolheu por saber que ele não estava falando como elogio. *Doloroso de olhar* foram as palavras que ele usou na época.

– Não – disse ela, distraíndo-se ao colocar cada ferramenta no lugar na parede magnética. – Não consigo ver.

– Bem, é... foi muito para absorver naquela noite. Mas Levana já tinha me manipulado muitas vezes, então sei como é a sensação. E nunca me senti daquele jeito com você.

Ela guardou a última ferramenta.

– É claro que a imprensa quer pensar que foi isso que aconteceu. Seria conveniente.

– Certo. – Ela olhou por cima do ombro dele. – Uma desculpa conveniente para convidar uma ciborgue para o baile.

Ele piscou.

– Para convidar uma lunar para o baile.

O nó que apertava o estômago dela havia semanas começou a se soltar um pouquinho.

– Não que faça diferença o que eu digo, mas... eu nunca fiz isso. Nunca manipulei você. E nunca vou manipular. – Ela hesitou. Era uma promessa que não sabia se poderia sustentar. Não se ele não concordasse em ajudá-los. – E eu tentei contar a você sobre como ser ciborgue. Mais ou menos. Tenho certeza de que considereei pelo menos duas vezes.

Kai começou a balançar a cabeça, e ela prendeu a respiração.

– Não, você estava certa antes. Se tivesse me contado, eu provavelmente jamais voltaria a falar com você. – Ele olhou para a faixa apertada nos punhos. – Embora eu goste de pensar que agiria diferente agora.

Ele olhou-a nos olhos, e ela reparou com um susto que as orelhas dele estavam rosadas. E os lábios se curvaram no mais leve dos sorrisos.

Era o sorriso que ela estava esperando.

Não durou muito.

– Cinder. Olha. Estou feliz de não estar casado agora, mas isso ainda é um erro enorme. Não posso correr o risco de enfurecer Levana. Seja lá o que estiver planejando, você tem que me deixar de fora.

– Não posso. Preciso de sua ajuda.

Ele suspirou, mas foi um suspiro trêmulo, e ela viu que a determinação dele estava desmoronando.

– Você acha que Selene pode destroná-la?

Mordendo o lábio, ela concordou:

– Acho.

– Então espero que ela pretenda fazer isso logo.

Cinder passou as mãos pelas laterais do corpo e sentiu o nervosismo pressionando a caixa torácica.

– Kai, ela pode não ser exatamente o que você espera. Não quero que você se decepcione. Sei que você se dedicou muito a tentar encontrá-la e...

– Por quê? O que tem de errado com ela?

Ela se encolheu e entrelaçou os dedos. Metal e pele.

– Ah. Ela foi resgatada daquele incêndio, mas o fogo destruiu muito o corpo dela. Ela perdeu alguns membros. E boa parte da pele teve que ser enxertada. E... ela não está... completamente *inteira*.

Ele franziu a testa.

– O que você quer dizer? Ela está em coma?

– Não mais. – Ela se preparou para a reação dele. – Mas ela é uma ciborgue.

Ele arregalou os olhos, mas logo começou a olhar por todo o aposento, como se não conseguisse olhar para Cinder enquanto se acostumava à informação.

– Entendo – disse ele devagar antes de olhar nos olhos dela de novo. – Mas... ela está bem?

A pergunta a pegou de surpresa, e ela não conseguiu sufocar uma gargalhada assustada.

– Ah, sim, ela está ótima. Quero dizer, metade das pessoas no mundo quer matá-la e a outra metade quer acorrentá-la a um trono na lua, que é bem o que ela sempre quis. Portanto, ela está *fantástica*.

Ele ficou olhando como se mais uma vez estivesse questionando a sanidade dela.

– O quê?

Cinder fechou os olhos e tentou sufocar o pânico crescente. Ao

abri-los novamente, mostrou as mãos de forma diplomática. E hesitou.

Ela olhou para o teto.

Respirou fundo.

Olhou nos olhos dele de novo.

– Sou eu, Kai. Eu sou a princesa Selene.

CAPÍTULO

Sessenta e um

O ROSTO DE KAI FOI TOMADO DE CONFUSÃO, COMO SE ELA TIVESSE falado alguma coisa sem sentido. A faixa de casamento escorregou das mãos dele e caiu no chão.

Quando o silêncio começou a ficar constrangedor, Cinder limpou a garganta.

– E, caso você tenha ficado em dúvida, eu estava sendo sarcástica quando falei sobre todas aquelas coisas “incríveis”. Não que, quero dizer... sei que você tem suas coisas com que se preocupar, então não precisa... eu não... estou bem, sério. É que essas semanas foram muito difíceis com toda essa... – ela balançou as mãos intensamente no ar – ... coisa de Peony-baile-Levana-casamento. E agora o dr. Erland está morto e Scarlet se foi e Thorne está cego e Lobo... sei lá. Ele anda tão *parado* ultimamente que estou começando a me preocupar. Mas tenho tudo sob controle. Eu consigo fazer isso. Eu...

– Pare. Por favor, pare de falar.

Ela fechou a boca.

O silêncio se arrastou.

Cinder abriu a boca, mas Kai levantou a mão. Ela a fechou de novo. Mordeu o lábio.

– Você? – disse ele por fim. – *Você* é a princesa Selene?

Ela fez uma careta e massageou o pulso.

– Surpresa?

– Esse tempo todo?

Ela baixou a cabeça, pouco à vontade de repente pela forma como ele a estava olhando.

– Hã, é, tecnicamente. O dr. Erland descobriu primeiro, quando fui levada para o recrutamento ciborgue. Ele fez meu teste de DNA

e... é. Mas decidi só me contar quando eu estava trancada na prisão, o que complicou algumas coisas.

Kai deu uma risada, mas não de um jeito cruel. Depois de inspirar tremulamente, ele apertou as palmas das mãos sobre os olhos. E depois, tão depressa quanto a descrença chegou, veio a compreensão.

– Ah, estrelas. Levana sabe, não é? É por isso que odeia tanto você. É por isso que está determinada a encontrar você.

– É, ela sabe.

– E era você. O tempo todo, era *você*.

– Você está recebendo isso melhor do que eu esperava.

Ele passou as mãos no rosto.

– Não, sabe, quase faz sentido. Mais ou menos. – Ele olhou para ela. – Embora... de alguma forma, eu sempre imaginei a princesa... sei lá. De vestido.

Cinder riu.

– E sempre achei que, quando eu a encontrasse, seria tão fácil. Nós apenas... a apresentaríamos para o mundo e a anunciaríamos como a verdadeira rainha, e Levana rastejaria para algum buraco. Nunca imaginei que Levana já saberia. Que estaria *lutando* contra isso.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Estou começando a achar que você talvez não conheça sua noiva muito bem.

Ele olhou para ela com desprezo.

– Agora chega, Cinder. Chega de segredos. Não sei se consigo sobreviver a mais revelações bombásticas suas, então, se tiver mais alguma coisa para me contar, é melhor falar logo. Agora.

Cinder se balançou nos calcanhares, refletindo.

Ciborgue. Lunar. Princesa.

Nada mais de segredos. Nada mais de mentiras.

Bem, só um.

Ela achava que talvez estivesse um pouquinho apaixonada por

ele.

Mas não havia possibilidade de contar *isso* para ele.

– Eu não consigo chorar – sussurrou ela, encolhendo os ombros.

Kai piscou duas vezes, coçou a orelha e afastou o olhar.

– Eu já sabia disso.

– O quê? Como?

– Sua guardiã talvez tenha dito alguma coisa. E eu... vi seus registros médicos.

– Meus... – Ela arregalou os olhos. – Você viu... você sabe...?

– Você era uma fugitiva, e eu precisava saber mais sobre você, e eu... me desculpe.

Ela apertou bem os olhos. Ele já tinha visto o diagrama dos implantes ciborgues. Cada fio. Cada órgão sintético. Cada painel fabricado. Pensar nisso a deixou enjoada. Ela não imaginava o que outra pessoa pensaria quando visse. O que Kai devia ter pensado.

– Não, tudo bem – disse ela. – Chega de segredos.

Ele deu um passo na direção dela.

– Seus olhos... eles são mesmo...?

– Sintéticos – murmurou ela, pois ele não pôde dizer a palavra.

– E é por isso que você não consegue chorar?

Ela assentiu, incapaz de olhar para Kai, enquanto ele se aproximou e ficou a menos de dois passos dela.

– Não preciso dos dutos lacrimais para lubrificação, e eles estavam atrapalhando... hã. – Ela bateu com um dedo na têmpora. – Tenho um escâner na retina e um display no olho. É como uma pequena tela, então tem muitos fios. Ah, estrelas, não acredito que estou contando isso.

Ela escondeu o rosto nas mãos.

– É brilhante – disse Kai.

Ela quase engasgou com a própria gargalhada.

Kai esticou as mãos para os pulsos dela.

– Posso ver?

Ela gemeu e soube que, se tivesse a capacidade de corar, seu

rosto estaria tão vermelho quanto a faixa matrimonial dele.

Envergonhada e resignada, ela deixou que ele puxasse as mãos dela e lutou para sustentar o olhar. Kai olhou nos olhos dela como se pudesse ver até o painel de controle, mas, depois de um momento, balançou a cabeça.

– Jamais daria para saber.

Tentando não se agitar, Cinder ergueu os olhos até o teto e se odiou um pouco pelo que estava prestes a fazer. Mas que importância tinha? Ele jamais voltaria a pensar que ela era humana.

– Observe a parte de baixo da íris esquerda – sussurrou ela.

Ela ligou o display da retina e abriu um noticiário que estava assistindo antes de eles chegarem a Nova Pequim, com notícias sobre a União Africana. Um âncora estava falando, mas Cinder não se deu ao trabalho de ligar o áudio.

Kai inclinou a cabeça. Demorou um momento, mas seus lábios se abriram.

– Tem um... isso é...?

– Um noticiário.

– É tão pequeno. Só um ponto, na verdade.

– Para mim, aparece maior.

Ela sentiu um arrepio na espinha pela forma como ele a observava, quase com um assombro infantil, e pelo quanto estava perto e ainda segurando os pulsos dela.

Kai pareceu perceber ao mesmo tempo. Sua expressão mudou de repente, e ela soube que não olhava mais para o display na retina, nem mesmo para os olhos sintéticos. Ele estava olhando para *ela*.

O coração dela vibrou.

Kai lambeu os lábios.

– Me desculpe por ter mandado prender você. Mas estou feliz por você estar bem.

– É sério? Você não me odeia por... disparar em você?

Os lábios dele tremeram, e ele olhou para baixo. Segurando a

mão ciborgue com as suas mãos, ergueu-a entre eles e olhou para os dedos de metal.

– Não me lembro de aquele diagrama médico mencionar uma arma. Minha equipe de segurança teria achado isso uma informação útil.

– Gosto de manter um ar de mistério.

– Eu reparei.

Ela viu o polegar dele acompanhar o comprimento de seus dedos e teve dificuldade de respirar e não conseguiu se mexer.

– A mão é nova – sussurrou ela.

– Parece ser um excelente trabalho. – A voz dele também estava mais baixa.

– É coberta com cem por cento de titânio.

Ela não sabia por que disse isso. Mal sabia o que estava dizendo.

Kai inclinou a cabeça e encostou os lábios nos nós dos dedos dela. A cobertura não tinha terminações nervosas, mas o toque despertou uma pontada de eletricidade no braço dela.

– Cinder?

– Humm?

Ele ergueu o olhar.

– Só para deixar claro, você não está usando seus poderes mentais em mim agora, está?

Ela piscou.

– Claro que não.

– Só verificando.

Ele deslizou os braços pela cintura dela e a beijou.

Cinder ficou sem ar e apertou as mãos sobre o peito dele. Kai a puxou para mais perto.

Segundos depois, o cérebro dela começou a registrar todas as novas substâncias químicas que invadiram seu cérebro. NÍVEIS ELEVADOS DE DOPAMINA E ENDORFINAS, QUANTIDADES REDUZIDAS DE CORTISOL, PULSAÇÃO ERRÁTICA, AUMENTO DA PRESSÃO SANGUÍNEA...

Inclinando-se na direção dele, Cinder afastou as mensagens. Suas mãos seguiram com hesitação para os ombros antes de envolver o pescoço.

E então, em meio à onda de sensações, a atenção de Cinder voltou para o display da retina, sozinho na escuridão atrás das pálpebras. No começo, foi só uma percepção leve e irritante. Mas então...

F A R A F R A H .

L U N A R E S .

M A S S A C R E .

Ela abriu os olhos de repente. Afastou-se dele.

Kai levou um susto.

– O q...?

– Me desculpe.

Ela começou a tremer, ainda concentrada no noticiário.

Ficou vendo o noticiário com horror por um momento, e então Kai limpou a garganta. A voz dele ficou pesada.

– Não. Não, me desculpe. Eu não devia...

– Não! – Ela agarrou-o pela camisa antes que ele pudesse se afastar dela. – Não é... É Levana!

A expressão dele ficou fria.

– Ela... ela retaliou. Atacou...

Ela falou um palavrão e afastou as mãos de Kai para cobrir o rosto enquanto digería a notícia. Um grupo de soldados lunares atacou a cidade no oásis menos de duas horas antes e desapareceu no deserto tão depressa quanto apareceu. Eles assassinaram os civis e os soldados da Comunidade enviados para interrogá-los.

Imagens mostraram o local.

Sangue. *Tanto sangue.*

– Cinder... *onde?* Onde ela atacou?

– Na África. Na cidade... – Ela engoliu em seco. – As pessoas que

nos ajudaram.

Alguma coisa estalou na cabeça dela. Gritando, Cinder esticou a mão para a tira magnética de ferramentas, agarrou uma chave-inglesa e jogou na parede mais distante. Ela caiu inofensiva no chão. Pegou uma chave de fenda em seguida, mas Kai tirou-a depressa da mão dela.

– Ela fez alguma exigência? – perguntou ele, absurdamente calmo.

Ela fechou os punhos vazios.

– Não sei. Só sei que estão todos mortos. Por minha causa. Porque *me* ajudaram.

Ela caiu agachada e cobriu a cabeça. O corpo todo estava fervendo de raiva.

De Levana.

Mas mais de si mesma. De suas decisões.

Porque ela sabia que isso ia acontecer. E fez a escolha mesmo assim.

– Cinder.

– É minha culpa.

Ele colocou a mão nas costas dela.

– Você não os matou.

– Daria no mesmo.

– Eles sabiam o risco que corriam quando ajudaram você? O perigo em que se meteram?

Ela afastou a cabeça dele.

– Talvez tenham feito o que fizeram porque acreditavam em você. Porque acharam que valia a pena o risco.

– Isso é para ajudar?

– Cinder...

– Quer saber outro segredo? O maior segredo? – Ela se sentou e largou as pernas como uma boneca quebrada. – Estou *com medo*, Kai. Estou com muito medo. – Ela pensou que falar as palavras em voz alta podia fazer com que se sentisse melhor, mas só a fez se

sentir patética e fraca. Ela passou os braços ao redor da própria cintura. – Estou com medo dela e do exército dela e do que ela é capaz de fazer. E todo mundo espera que eu seja forte e corajosa, mas não sei o que estou fazendo. Não faço ideia de como destroná-la. E, mesmo se eu conseguir, não tenho ideia de como ser rainha. Tem tanta gente contando comigo, pessoas que nem *sabem* que estão contando comigo, e agora elas estão morrendo, só por causa de uma fantasia ridícula de que eu posso ajudá-las, de que *eu posso salvá-las*, mas e se eu não puder?

Uma dor de cabeça começou a latejar nas têmporas dela, um lembrete de que devia estar chorando. Se fosse normal.

Braços a envolveram.

Cinder apertou o rosto na camisa de seda dele. Havia alguma espécie de colônia ou sabonete ali, tão suave que ela não captara o aroma antes.

– Sei exatamente como você se sente – disse Kai.

Ela fechou bem os olhos.

– Não exatamente.

– Acho que bem perto.

Ela balançou a cabeça.

– Não, você não entende. Mais do que qualquer outra coisa, tenho medo de que... quanto mais eu lute contra ela e quanto mais forte eu fique, mais eu esteja me transformando nela.

Kai se sentou sobre os calcanhares e se afastou o bastante para olhar no rosto dela sem soltá-la.

– Você não está virando Levana.

– Tem certeza? Porque eu manipulei seu conselheiro hoje e inúmeros guardas. Manipulei Lobo. Eu... eu matei um policial na França, e teria matado mais gente se precisasse, pessoas de sua força militar, e nem sei se eu me sentiria mal por isso, porque tem sempre um jeito de justificar. É pelo bem de todos, não é? Sacrifícios precisam ser feitos. E tem também os espelhos, uma coisa tão, tão idiota, mas eles... estou começando a entender. Por

que ela os odeia tanto. E então... – Ela tremeu. – Hoje eu torturei a taumaturga dela. Não apenas a manipulei. Eu a *torturei*. E quase *gostei*.

– Cinder, olhe para mim. – Ele aninhou o rosto dela. – Sei que você está com medo, e tem todo o direito de estar. Mas você não está virando a rainha Levana.

– Você não tem como saber disso.

– Mas eu sei.

– Ela é minha tia, você sabe.

Ele ajeitou o cabelo dela.

– É, bem, meu tataravô assinou o Ato de Proteção dos Ciborgues. Mas aqui estamos nós.

Ela mordeu o lábio. *Ali estavam eles.*

– Agora, vamos não falar nunca mais sobre você ser parente dela. Porque eu ainda estou tecnicamente noivo dela, e isso é muito estranho.

Cinder não conseguiu deixar de rir, mesmo de forma exausta, mesmo que para encobrir os gritos interiores, enquanto ele a envolvia nos braços de novo. A dor de cabeça começou a diminuir e foi substituída pela força dos batimentos dele e pela forma como ela se sentiu quase delicada quando Kai a apertou contra si.

Quase frágil.

Quase segura.

Quase como uma princesa.

– Você não vai contar para ninguém, vai? – murmurou ela.

– Não vou.

– E se eu acabar sendo uma princesa terrível?

Ele deu de ombros.

– O povo de Luna não precisa de uma princesa. Precisa de uma revolucionária.

Cinder franziu a testa.

– Uma revolucionária – repetiu ela.

Ela gostou bem mais disso do que de *princesa*.

A porta se abriu.

Cinder e Kai deram um pulo para longe um do outro, e Kai ficou de pé.

Cress, sem fôlego e corando, parou na porta.

– Me desculpem – disse ela. – Mas os noticiários... Levana...

– Eu sei – falou Cinder, obrigando-se a se levantar. – Eu sei sobre Farafrah.

Cress balançou a cabeça, de olhos arregalados.

– Não é só Farafrah. As naves estão cobrindo a Terra, todos os continentes. Milhares de soldados estão invadindo as cidades. Os outros soldados. – Ela tremeu tanto que precisou se segurar na moldura da porta. – Eles são como animais, como predadores.

– O que a Terra está fazendo? – perguntou Kai, e Cinder reconheceu a voz dele de líder. – Estamos nos defendendo?

– Eles estão tentando. Todos os seis países declararam estado de guerra. Evacuações estão sendo comandadas, os militares estão se preparando...

– Todos os seis?

Cress tirou o cabelo da testa.

– Konn Torin assumiu temporariamente o papel de líder da Comunidade... até sua volta.

Um silêncio pesado apertou o peito de Cinder. E então Kai se virou para olhá-la, e ela sentiu a gravidade das emoções sem olhar para ele.

– Acho que está na hora de você me contar o plano – disse ele.

Cinder fechou as mãos com força. A probabilidade do sucesso deles parecia tão pequena que ela quase nem pensou no que viria depois. Esperava que fossem ter tempo, pelo menos um dia ou dois, mas viu que não haveria tal pausa.

A guerra tinha começado.

– Você mesmo disse que o povo de Luna precisa de uma revolucionária. – Ela ergueu o queixo e sustentou o olhar dele. – Então eu vou para Luna e vou iniciar uma revolução.

AGRADECIMENTOS

POR ONDE, AH, POR ONDE COMEÇAR.

A incrível equipe do Macmillan Children's Publishing Group continua a me maravilhar com seu talento, criatividade e entusiasmo. Minhas editoras, Liz Szabla e Jean Feiwei, junto com Lauren Burniac, Rich Deas, Lucy Del Priore, Elizabeth Fithian, Courtney Griffin, Anna Roberto, Allison Verost, Emily Waters-Curley, Ksenia Winnicki e sem dúvida muitos outros que trabalham incansavelmente nos bastidores para trazer esses livros ao mundo: vocês são incríveis. Obrigada.

Minha equipe de agentes (Jill Grinberg, Cheryl Pientka e Katelyn Detweiler) é uma fonte constante de segurança e encorajamento. Sou muito grata por tudo o que vocês fazem.

Tenho sorte de ter leitores beta incríveis que me deram feedbacks maravilhosos sobre esta série desde o primeiro dia. Tamara Felsinger, Jennifer Johnson e Meghan Stone-Burgess, eu não conseguiria sem vocês. E obrigada ao resto das UM Girls, que são tão inteligentes e hilárias e dão tanto apoio, e a Tuxedo Mask, por nos reunir.

Agradeço aos leitores de blog Melissa Anne e Mark Murata, junto com Kasey Andrews, Brittney, Chantalle, Elisabeth, Megan e Miniwriter12 do Goodreads, que me ajudaram a desenvolver as perguntas de discussão de *Scarlet*, uma tarefa que nenhum autor deveria ter que fazer sozinho.

Por fim, mas não menos importante, mil agradecimentos a meu marido, meus pais, minha família e meus amigos, que me ajudaram a planejar festas de lançamento (obrigada, mãe!), inventaram enfeites (obrigada, Leilani!), arrumaram meu cabelo para as turnês de livro (obrigada, Chelsea!), me impediram de enlouquecer nas tais turnês (obrigada, querido!) e que sorriem com sabedoria quando viajo durante uma conversa porque acabei de ter uma ideia

excelente para O Livro. Eu amo vocês.

Título original
Book Three
CRESS: THE LUNAR CHRONICLES

Copyright do texto © 2014 *by* Marissa Meyer

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

LUIZA PROVEDEL

MARIANA MOURA

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

ANDRÉ REIS

Edição Digital: outubro, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56c

Meyer, Marissa

Cress [recurso eletrônico] / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. -

Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

recurso digital (Crônicas lunares; 3)

Tradução de: Cress: the lunar chronicles

ISBN 978-85-1512-616-3 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil brasileira. 3.

Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

15-26214

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Marissa Meyer mora em Tacoma, Washington, com o marido e os dois gatos. É fã de muitas coisas nerds (*Sailor Moon*, *Firefly*, organizar as estantes por cor...) e é apaixonada por contos de fadas desde criança – e não pretende abandonar isso. Ela pode ser ou não um ciborgue. *Cress* é o terceiro volume da série Crônicas Lunares.